

LUÍS CARLOS LUCIANO

TRIUNFO E GLÓRIA DE UM GUERREIRO

1ª Edição
Dourados (MS) 2011

Editor: Luís Carlos Luciano

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

923.5817 Luciano, Luís Carlos.

M321L Triunfo e glória de um guerreiro : a história de um herói de guerra. / Luís Carlos Luciano. 1. ed. Dourados, MS : L.C.Luciano, 2011.

556 p.

Bibliografia.

ISBN 978-85-908270-1-6

1. Marcondes, José Alves – Militar sul-matogrossense – Biografia.
2. Mato Grosso do Sul – História. 3. Mato Grosso do Sul – Militares – História. I. título

TRIUNFO E GLÓRIA DE UM GUERREIRO

A história de um herói de guerra

*Filho do Conde de Maracaju

*14 medalhas de guerra

* Amigo de Presidentes da República
e ilustres personalidades brasileiras

*Presenciou os principais fatos do
velho Mato Grosso, o Rio na década
de 50 e esteve nos bastidores de 64

Luís Carlos Luciano

2011

Dedico esta obra à
dona Gelcy e seus filhos,
à memória dos pioneiros da
região de Vista Alegre (MS) e aos
febianos de 1944–1945.

Agradecimentos

Everaldo Dias Leite, Nelson Todescato, Wolmer Campagnoli, Altair da Costa Dantas, Paulo Cimó, Eloiza Reis de Lima, Alberto Marques Escalante, Carlos Marinho, Luiz Rogério de Sá, Harrison de Figueiredo, Sideril Estevan Gomes, Norberto Galiassi, Félix Sobrinho, Marilda Alves Pinto, Luiz Seije Tada, Maria Lúcia Tolouei, Lourdes Cecília Lopes Luciano, Sidnei Gomes, Nicanor Coelho, Élvio Lopes, Hélio Serejo, Neide Araújo Castilho Leno, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Rosana Cristina Zanellato Santos, Élcio Silva da Cunha, Vitor Comar, Elias Ferreira, Solenyr Araújo, Vera Lúcia Marcondes Ribeiro, Soraia Landefeldt, Hosana de Lourdes, Cícero Faria, Vanessa Donassolo Alves, Agência de Comunicação Municipal (Agcom), Márcia Carreri, Gazeta Popular, Luiz Carlos Ribeiro, Luís Carlos Azambuja, Joel Cavalheiro Martins, Takeo Yamaki, Guilherme Meldau, João Carlos Torraca, Aparecido Frota, Wilson Valentin Biasotto, sargento Davi Nunes Robaldo, coronel Ricardo Saraiva Tomzak e Erondina Alves da Silva.

Aqui não estão mencionados os entrevistados, inseridos nas referências bibliográficas, os quais igualmente merecem gratidão.

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	8 e 9
APRESENTAÇÃO.....	10 a 13
CAPÍTULO 1	
A Fazenda da Mata na Década de 20.....	14 a 24
CAPÍTULO 2	
O Coronel Chico Alves.....	25 a 84
CAPÍTULO 3	
O Jovem Juca Marcondes.....	85 a 102
CAPÍTULO 4	
A Promotoria em Ponta Porã e o 11º RC.....	103 a 117
CAPÍTULO 5	
O Desejo de ir à Guerra e o Noivado.....	118 a 140
CAPÍTULO 6	
Diário de Guerra.....	141 a 325
CAPÍTULO 7	
Pós-Guerra e Elogios.....	326 a 336
CAPÍTULO 8	
O Casamento; A Saída do Exército.....	337 a 350
CAPÍTULO 9	
A Vida Civil e o Retorno ao Exército.....	351 a 367
CAPÍTULO 10	
A Campanha Eleitoral.....	368 a 384
CAPÍTULO 11	
Diário da Gelcy.....	385 a 412
CAPÍTULO 12	
O Companheiro Jânio Quadros.....	413 a 426
CAPÍTULO 13	
A Noite da Lua Cheia.....	427 a 434
CAPÍTULO 14	
Os Filhos.....	435 a 451
CAPÍTULO 15	
As Cobras.....	452 a 458

CAPÍTULO 16	
A Legítima Defesa.....	459 a 467
CAPÍTULO 17	
O Caso “Folha de Dourados”.....	468 a 473
CAPÍTULO 18	
A “Tapê–Cuê”.....	474 a 489
CAPÍTULO 19	
As Cartas de Hélio Serejo.....	490 a 497
CAPÍTULO 20	
A Paixão Pela Aviação.....	498 a 514
CAPÍTULO 21	
Escola de Vida.....	515 a 529
CAPÍTULO 22	
A Fazenda da Mata no Terceiro Milênio.....	530 a 537
POSFÁCIO.....	538 e 539
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	537 a 547
SOBRE O AUTOR.....	548

PREFÁCIO

Este livro resgata em boa parte a história do nosso pai que teve uma passagem inspiradora nesta vida.

Não só ilustre, mas forte sob diferentes aspectos.

A presença da nossa família nesta região se inicia após a Guerra do Paraguai e aqui ela permanece com suas terras, suas marcas de luta, seu legado de moral e seriedade, continuando a contribuir com o desenvolvimento, com a política, com a história e com a cidadania.

Precisamos aqui agradecer a todos que colaboraram com este trabalho fornecendo informações, alimentando o mito da família Terra/Marcondes/Alves/Teixeira, prestando depoimentos ao escritor que se enfronhou na narrativa de nossa família.

Igualmente agradecer à nossa querida mãe, Gelcy, por ter custeado a pesquisa e proporcionado às condições para que o Luís Carlos se aprofundasse com liberdade, curiosidade e a cientificidade necessária nesta jornada verbal.

Esperamos que o leitor e nossos ascendentes possam ter uma melhor ideia desse legado no contexto regional e nacional cujos primeiros feitos começaram a ser conquistados em tempos difíceis e perigosos, quando a coragem era imprescindível, quando o espírito sertanejo norteava a sobrevivência.

Papai morreu aos 93 anos.

Uma longa vida de atividades cujo exemplo serve de mirante para todos nós.

Esta biografia é um merecido culto à sua memória e, mais ainda, uma contribuição aos pesquisadores e à história de Mato Grosso do Sul e do Brasil, pois, ela vai além dos causos familiares. Remete, em uma esfera contextualizada e de ficção, aos tempos de nossos avós e bisavós apresentando uma trajetória de paixão, amor, aventuras e guerra.

Fica aqui uma espécie de sensação do dever cumprido. Lógico que nem tudo pode ser contado por diferentes razões. Muitos dos que poderiam falar já morreram e não deixaram relatos escritos; não desejamos também reascender nenhuma fagulha de discórdia.

Obrigado à mamãe por ter acreditado na proposta, ao Luís Carlos por ter se dedicado com afinco ao trabalho e, enfim, a todos os colaboradores.

Nossa eterna gratidão.

Esta biografia é um denso traço verbal revelador que a muitos vai emocionar, com certeza.

Francisco, Eduardo, José Antônio, Pedro e Marco Antônio, filhos do Cel. José Alves Marcondes.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma encomenda da família Marcondes, fruto de um ano e meio de pesquisas, entrevistas, reflexões e exercício de inteligência.

Foi concluído em 2005 e está sendo lançado virtualmente em 2011.

Empreendi todo o esforço para evitar erros, mas reconheço que possa ter cometido interpretações equivocadas em função da natureza do trabalho. A narrativa é um arco histórico de mais de um século de fatos vividos pelas famílias Alves, Terra, Teixeira e Marcondes no Sul de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Bagé e no exterior.

Há poucas bibliografias regionais do gênero, além das informações serem limitadas, boa parte restrita a arquivos familiares e indisponíveis – indecifráveis em alguns aspectos – e à memória de poucos personagens.

Este livro contém trechos controvertidos.

A veracidade de alguns fatos sustenta-se no vasto arquivo do coronel José Alves Marcondes e nos depoimentos cuja gravação se estendeu por mais de 100 horas.

A leitura deve ser acompanhada conforme o contexto de cada época e o leitor deve estar ciente da trincheira ideológica que o biografado se manteve pela maior parte de sua vida.

Ele era militar, uma pessoa com espírito bélico e assim encarava os fatos à sua volta.

O coronel Marcondes foi testemunha ocular do século do amadurecimento, o das grandes transformações tecnológicas como surgimento da energia elétrica, da telefonia e da internet.

Viu a Marcha para o Oeste e esteve na guerra.

Viveu o tempo da bomba atômica e o ataque terrorista às Torres Gêmeas nos EUA.

Presenciou os fatos políticos e econômicos do velho Mato Grosso e do país.

Ele veio da época dos poderosos coronéis.

Construiu um legado, constituiu uma família de honra e dignidade, respeitou seus ancestrais e imprimiu todo um valor emblemático em torno de sua genealogia. Fez história.

Esperançoso desde a juventude se colocou como soldado da Pátria, renegando e lutando contra o nazismo, o fascismo, a prepotência, o comunismo, o imperialismo e a corrupção.

O professor-doutor Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, da UFGD, ensina que não é o autor que escolhe a obra, mas a obra que escolhe o autor.

Se esse pensamento procede seja no campo imaginário ou espiritual, então fui o escolhido.

Tudo começou como muitas coisas boas na vida, meio por acaso.

A feitura deste livro arrastava-se, sem êxito, por mais de 20 anos.

Passou pelas mãos e mente do escritor Hélio Serejo.

Doente, não pode iniciá-lo.

Depois, pelo jornalista, advogado e historiador Sidnei Gomes, de Dourados, cujo trabalho não deu certo.

Ambos contribuíram, no entanto, com comentários e referências.

Após a morte do coronel, em 2003, a ideia revigorou-se.

O terceiro a ser convidado foi o jornalista Elias Ferreira, de Dourados.

Devido ao acúmulo e outros projetos em voga, não aceitou a oferta, mas indicou-me à família.

A oportunidade, para mim, surgiu como centauro encilhado.

Este livro vai além da narrativa de vida porque traz informações valiosas e curiosas sob a perspectiva da história regional, nacional e da guerra.

Traz perenidade, densidade, poesia, romance, catiras, lirismo, realismo, mistérios e adornos fictícios.

Reflete a alma do coronel.

Reúne técnicas, métodos diferentes, achados e quimeras.

Mas para transformar tudo isso em objeto de leitura foi uma lida intensa, uma sangria interna.

Costumo dizer que esta ampla reportagem também é resultado de um longo debate, saltitante troca de informações e ideias.

Encarei a solidão do ofício e desafiei um arquivo imenso em se tratando de acervo guardado por única pessoa, composto por centenas de documentos, jornais, cartas, livros e relatórios, muitos de caráter sigiloso.

Entrevistei pessoas notáveis que, à sua maneira, traçaram um perfil e ofereceram dados valiosos, contraponto questões tidas como verídicas.

Em meio ao arquivo, uma preciosidade: o diário de guerra escrito pelo coronel quando era tenente oficial de motores do Batalhão de Saúde entre 1944 a 1945 na Itália.

Demorei três meses apenas para transcrevê-lo, com dificuldade para entender a letra, os lugares, os nomes das cidades e detalhes bélicos.

Está sendo aberto ao público pela primeira vez.

A professora-doutora Rosana Cristina Zanelatto Santos, da UFMS, de Campo Grande, foi outra a me abrir às portas do seu rebuscado conhecimento, sempre pronta a ajudar e a colaborar.

Sou muito grato a esses dois professores.

Mas foi o poeta e advogado Altair da Costa Dantas, de Dourados, ao mostrar-lhe jornais das décadas de 30, 40, 50 e 60, que me acendeu a luz principal.

Sugeriu-me, como espírito iluminado, o melhor caminho para traçar esta jornada.

Foi uma sublime inspiração da parte dele.

Sorte a minha de conhecer mestres como esses.

Igualmente sou grato ao Dantas.

O arquivo do coronel é um labirinto.

O tempo correu, paradoxalmente, contra e a favor.

Dependi, em parte, das lembranças dos entrevistados.

A farta documentação obrigou-me a consultar atentamente a história regional e nacional para identificar os detalhes descritos pelo coronel.

Se ele fez coisas erradas, não cabe aqui julgá-las.

O propósito não é esse.

A narrativa caminha ao lado do equilíbrio, da razão, da coerência e, não se pode negar, da conveniência familiar sem omitir aspectos relevantes.

O leitor está convidado a viajar no tempo dos sertões de Vista Alegre, a se emocionar com a paixão deixada em Bagé e a incerteza do campo de batalha, a sentir calafrios em aviões, saber como pensava o homem que esteve ao lado de Rondon, Nicolau Horta Barbosa, Filinto Muller, Vespasiano Martins, Juarez Távora, o general João Francisco de Souza (o “Hiena de Cati”), Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Castelo Branco, Eurico Gaspar Dutra, Plínio Pitaluga, Armando Falcão, entre outros.

Está convidado a refletir sobre o místico e a vida.

Assim como o homem caindo e se erguendo como o centeio tocado pela carícia do vento, distante da terra de Dom Quixote, de Heitor e Aquiles, eis a história do filho do Conde de Maracaju.

Eis o herói brasileiro agraciado com 14 medalhas militares nascido na Fazenda da Mata, uma terra que um dia foi mar.

Que você, caro leitor, tenha uma experiência tranchã.

Luís Carlos Luciano

“É preferível arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfo e glória, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito e nem sofrem muito, porque vivem nesta penumbra cinzenta que não conhece vitória e nem derrota”. Franklin Delano Roosevelt (1882–1945).

1. A FAZENDA DA MATA NA DÉCADA DE 20 ¹

Era verão.

À tardezinha, descansando depois de mais um dia de trabalho sob calor intenso, sentado na confortável cadeira na varanda de sua casa, na Fazenda da Mata, o respeitado coronel Francisco Alves Terra (1878–1952) contemplava a planície e morros cobertos pela vegetação nativa.

O monte mais alto cuja vista era inevitável, indagadora e enigmática, exercia certo magnetismo, certa magia, não sabia exatamente por quê. Talvez pelo fato daquele cenário lembrar a morraria do Estado de Minas Gerais, sua terra natal.

Esse serro, aonde ele subia de vez em quando para fitar mais claramente o horizonte verde, sentir forte o cheiro do mato, era também um refúgio para o coronel refletir sobre a sua vida, conversar com os próprios botões e tentar afugentar, como se humanamente isso fosse possível, os demônios de toda a espécie. Desejava se purificar e pedir perdão a Deus pelos seus erros.

O acesso ao local é um pouco difícil, exige condicionamento físico, é cercado por enormes pedras, arbustos espinhosos são defrontados ao longo da trilha, além de cobras venenosas em meio à quiçaga e orifícios.

Mas, em compensação, dali, ele tinha uma grata e gostosa sensação. Admirava fenômenos como a Lua e as estrelas pelo seu efeito fantasioso

¹Adaptação do autor, mesclando ficção, baseada em rascunho parcialmente destruído pelo tempo e escrito por Francisco Alves Terra, cuja letra em alguns trechos é ilegível, datado de 29 de janeiro de 1938. Esse documento, versando sobre a viagem de Minas Gerais até Mato Grosso, foi encontrado no arquivo do coronel Marcondes.

no início das noites claras, além de o vento bater forte sobre sua face enrijecida pelo trabalho árduo do campo e sapecada pelo Sol.

Aproveitava a altitude para supor um diálogo silencioso com o âmago da sua alma. Serafins e querubins causavam-lhe estranhas vibrações e sensações nesses momentos de introspecção. Não compreendia direito de onde elas vinham; questionava os seus medos e arquitetava sonhos desafiadores para o futuro.

Desejava entender, mais do que qualquer outro simples mortal, questões com dúvida interpretação. Ele batizou primeiramente a fazenda com o nome Mata Alegre e, em meio à mística e à formação religiosa da família, a fé, tinha predileção por esses morros. Tanto que fincou uma cruz no lado Leste do cume, pensando em irradiar energia positiva para a sua fazenda e para a Potreirinho, do amigo Zeca Ferreira da Ponte, extasiando-se com aquele mar verdejante. Depois ele fixou uma segunda, voltada para a Fazenda Pontal, do Tônico da Ponte, irmão do Zeca, com a mesma intenção.

Surpreendia-se, daqui e dali, rindo sozinho dos feitos engraçados do cotidiano e dos traços emblemáticos que o identificavam.

Indagações e inquietações caminhavam a par e passo em seu saudável exercício socrático no mosaico do devaneio.

Com o pensamento de volta ao ambiente da varanda, aproveitava para correr os olhos sobre a Jaraguá, aonde o gado pastava com peculiar mansidão. Aquele cenário bucólico alimentava a paz, a satisfação, alegrava o espírito. O descanso dos justos em meio à natureza.

O tempo passava devagar.

Tinha plano para melhorar a fazenda e, naturalmente, os negócios. Todo o esforço não estava sendo em vão. O trabalho rendia de forma promissora.

Dona Victória se ocupava com o jantar e os filhos brincavam em volta da casa e no quintal sob as árvores, ora correndo, ora se ocupando com alguma outra coisa de criança. Dos seis pimpolhos, o mais novo tinha começado a andar há pouco tempo e a menina, a única da família, era pequenina.

Olhou-os e pensou: como estavam crescendo, ativos, saudáveis...

Dariam continuidade a tudo aquilo, preservaria o pecúlio, aqueles sonhos de sempre progredir com trabalho árduo, firmeza, honradamente. Manteria viva, certamente, a memória da família. Desejava essas coisas, tinha fé em Deus que isso se realizaria.

Por conta dessas aspirações, uma vontade acalentada há anos lhe reacendeu um recanto da memória: chegou o momento dos meninos conhecerem a história da família, pelo menos a parte importante, um início transformador na vida de todos eles. A realidade teria sido outra se, lá atrás, os anjos não o protegessem.

Nunca se esqueceu do episódio.

A vida dele esteve por um fio naquela longa jornada de aventuras, torturas, pesadelos, calafrios, dificuldades e riscos.

Mas Deus quis assim e lhe reservou a grata satisfação de estar ali diante do que lhe pertencia, o que nenhum outro mortal subtrairia, a não ser a misteriosa escuridão da morte ou a oposição reanimadora da luz...

As suas terras já alcançavam limites que não se viam a olho nu...

Seria eternamente grato por isso...

Guardava a história para o momento apropriado, não lhe agradava a ideia dos filhos tomando conhecimento dela pela conversa de estranhos e de parentes contando-a pela metade ou de forma inconveniente. Queria prevalecer a sua verdade, incontestável, apenas isso.

Seria um erro levá-la para o túmulo...

Ilçado pelo Governo e pelo Exército ao posto de autoridade policial e líder político, seguidamente se via diante de perigos. Empenhava-se em fazer valer a justiça dos homens, mas, muitas vezes, prevalecia mesmo era a lei de Mato Grosso, a do revólver 44. Entre o matar e se deixar ser morto, não lhe restava opção...

Os tempos eram rudes...

Em política é preciso prestar muita atenção aos movimentos dos adversários e saber a hora certa de agir, contrapor, surpreender...

Costumava citar os cemitérios onde homens e mulheres apodreciam precocemente por causa de negócios mal feitos, injúrias, dívidas não pagas, conversas desconstruídas, coragens desmedidas, traições, isso para não mencionar os mortos subitamente em emboscadas armadas por pistoleiros ambiciosos cujos pensamentos se prendiam apenas ao dinheiro,

ao terror, ao poder, pessoas inconsequentes, não tementes a Deus, a serviço de homens ainda mais covardes, da pior estirpe...

Almas penadas vagando ao léu, ávidas por novas vítimas...

Nunca se podia, nunca, se ter certeza da segurança naquele sertão de muitas tragédias...

Tinha plena consciência de que ele, um homem de fé, justo segundo seus princípios, bom para com os seus, defensor da ordem e da justiça, mas implacável com malfeitores e inimigos, poderia, mais cedo ou mais tarde, tombar por conta da armação diabólica da mente humana...

– Meus filhos, venham cá! – decidiu, afinal, se abrir.

Os garotos correram.

As ordens tinham de ser atendidas prontamente, senão...

– Vou-lhes contar algo importante, mas prestem atenção! Não quero ver vocês alimentando ressentimentos ou rixa depois de ouvirem parte da história da nossa família. Guardem para si, não espalhem essa conversa, pelo menos enquanto vocês não crescerem, não forem homens formados de verdade e donos do próprio nariz...

– Estamos entendidos?

– Siiimmm... – responderam embora inocentes e na flor da idade, sem saberem o significado de palavras duras para seus tenros ouvidos como rixa e ressentimentos...

Em mente de pré-adolescentes predomina brincadeiras, sonhos e doces aventuras...

Mas aprenderiam o sentido dessas coisas que incomodam muitas pessoas, logo, logo...

Seria inútil, explicou, remover um passado distante, mesmo porque ele próprio nunca conseguiu saber direito, a razão verdadeira da adversidade.

Seria incompatibilidade de gênios? Mesquinhez? – instigava a sua própria consciência.

Talvez não tivesse se preocupado em perguntar ao seu pai as causas das diferenças, ou desejava mesmo que algumas coisas se perdessem no silêncio do esquecimento...

Com certo ar de suspense como se conta estória de assombração, Chico Alves começou a desembainhar um fato dito a ele pelo pai, José

Alves Terra, lembrando as agruras enfrentadas pela família na longa viagem de Minas até aquelas terras pouco exploradas, um território aonde as marcas da sangrenta Guerra do Paraguai (1864–1870)² ainda eram recentes:

– A mudança do distrito de São João de Alfenas, Província de Minas Gerais, foi uma aventura de quase um ano. Quando a gente saiu, eu tinha um ano e seis meses. Foram 1.800 quilômetros em cima de carros de boi. A comitiva era formada pela minha mãe, Francisca Ferreira de Mello Gonçalves, pela minha irmã, Maria Ribeiro de Lima que tinha três anos e sete meses, pelo tio Jerônimo Alves Terra, João Crioulinho, Rita, Anna, Lúcio Domingos, Manoel, Carioca, Clara e Maria, escravas de Joaquim da Ponte. Ao todo, 21 pessoas. No caminho de Santana do Parnaíba³ para Mato Grosso, uma terrível doença me acometeu, tal de hidropisia e, com a ausência do papai que tinha ficado para vir depois, os homens líderes da comitiva não quiseram desviar caminho em busca de atendimento, apesar dos apelos da mamãe que, para piorar as coisas, também não andava nada bem... As circunstâncias da viagem nos deixavam ainda mais debilitados... Continuamos, enfrentando animais selvagens, índios pouco amigáveis, bandoleiros, transpondo rios, córregos, sendo atacados por nuvens de mosquito, abrindo vegetações fechadas, se embarçando por lugares nunca antes aventurados, distantes dos povoamentos. Minha mãe desesperada comigo chorando de dor e febre. Clara, atenciosa, ajudou no que era possível, reforçou as orações... Não havia recursos, não se sabia o que me atormentava. Com o passar dos dias, parei de chorar, apenas gemia. Tinha ficado inchado da cabeça aos pés. Alguns, da comitiva, reclamavam, viam meu problema como um estorvo, eu estava atrasando a viagem porque as paradas se tornavam mais frequentes... Diziam que se eu morresse seria um alívio! Justificavam que não havia o que fazer naquele inóspito sertão de meu Deus... Desviar caminho em busca de médicos era remoto, era preciso avançar e chegar ao destino o quanto antes, senão viriam as águas e a caminhada se tornaria mais penosa. Tal de

² O saldo foi de mais de 300 mil mortos e a perda, por parte do Paraguai, de 150 mil km² de território, segundo o professor Antônio Carlos Guttler. www.energia.com.br/apoio/atualidades/antonio. Acesso em 15 ago. 2005.

³ Cf. LIMA, p.110, (s.d.), levas de mineiros penetravam ao Sul de Mato Grosso por esse caminho.

Zeca, homem ruim, insensível e desrespeitoso, pegou-me pelas pernas frágeis, levantando-me: por que isto não acaba de morrer? A mamãe, desesperada, soluçava e pedia clemência, para não se repetir aquele desaforo, aquele gesto de tremenda desumanidade... Cobrou uma atitude dos parentes, mas nada... Quando passávamos pela Fazenda Árvore Grande, do senhor Manoel Maia, eu quase não respirava mais... Começaram a fazer um pequeno caixão de madeira e quando iam me enterrar, a minha mãe notou que eu ainda respirava fraquinho... Angustuada, dirigiu-se ao dono da fazenda. Ele, homem caridoso, possuía alguns remédios, tinha algum conhecimento prático e impôs a sua autoridade diante dos líderes... Ofereceu o que a sua consciência achava ser bom, deu lenitivo, benzeu meu corpo moribundo e minha alma, recorreu a procedimentos comuns na época como a sangria, fazendo vazar a água que tinha pelo corpo... As cicatrizes carregou até hoje... Milagrosamente, um dia depois, eu já aparentava melhora... Quando chegamos ao lugar chamado Acampamento Pulador, dias depois, eu estava restabelecido, são e salvo. Seguindo o rastro da comitiva, meu pai chegou à fazenda do senhor Maia... O fazendeiro contou-lhe sobre a minha quase morte, questionando os líderes por terem negligenciado socorro antes de a doença avançar tanto... Surpreso e cheio de dúvidas, meu pai não se conteve, chorou de tristeza, se perguntando por que não estava junto naqueles momentos para me cuidar, evitar esse sofrimento?... O senhor Maia, na intenção de consolá-lo com palavras sinceras, deixou-o assustado quando disse não ter esperanças se eu teria sobrevivido diante do balanço das carretas... A ideia da morte angustiou o papai, abalou-o. Na partida, agradeceu o fazendeiro pela atenção dispensada à família em um momento aflitivo, falou dos seus planos em residir por definitivo na fronteira entre o Mato Grosso e o Paraguai, que se sentia eternamente grato, colocou-se à disposição para uma eventualidade e seguiu caminho... Uma sombra de arrependimento começou a incomodar meu pai, um fantasma a rondar seu coração, pesar-lhe a consciência, ficando inconformado por ter saído de um lugar seguro onde tinha o suficiente para viver bem e entrado com a família naquele sertão de incertezas atrás de riqueza, para constituir um patrimônio maior. Chegou ao Pulador em 18 de janeiro de 1881, onde já se encontravam, antes de nós, meus avós, tios,

parentes e outros conhecidos. Meu avô tinha chefiado a primeira leva, alguns anos antes, acompanhado pela família Ferreira da Ponte, os Correias, Olegários e Coqueiros, isso entre 1872 e 1873. Na realidade, antes disso, ele tinha vindo para o reconhecimento das terras pastais e lavradas. Ao se aproximar do acampamento, meu pai disparou tiros para o alto, anunciando a sua chegada. Todos saíram para recebê-lo. Desmontou o cavalo, abraçou forte a mamãe, beijou-a, foi logo perguntando: onde está meu filhinho? Mamãe, emocionada, mostrou-me, ali pertinho, dentro do rancho, olhar surpreso, saudoso... Papai correu em minha direção, abraçou-me, tomou-me pelos braços e levantou-me com alegria. Agradeceu a Deus pela graça... Tratou de abraçar os demais, contar e ouvir as novidades, mas não disse uma palavra sobre a conversa com o senhor Maia. O coração batia forte, mas não era momento para cobranças, temia as reações se fosse tirar satisfações... Mas, sentia-se traído pelos chefes da comitiva. Temia um eventual bate-boca na presença dos pais, Antônio Alves Ribeiro de Lima e Thereza das Dores Terra. Naquele tempo, como hoje, muitas vezes uma palavra posta incorretamente, a teimosia e a valentia eram interpretadas como questões de honra, diferenças sendo resolvidas com violência, destemor e morte. Desfez qualquer ideia absurda naquele instante... Mamãe estava bem, eu estava vivo e minha irmãzinha saudável... O destino, no entanto, reservava para nós um pesadelo ainda maior. No dia seguinte, pela manhã, meu pai chamou minha mãe para chupar cana caiana, ela gostava de cana-de-açúcar, assim, a uns 50 metros do rancho. Sentaram-se em um tronco, ele descascando os gomos e conversando despreocupadamente sobre um assunto, sobre outro, falando dos seus sonhos para o futuro quando, de repente, sentiu um calafrio, soprou um vento repentino: percebeu mamãe quieta, olhou-a... Ela estava se curvando, caindo, estava morrendo!... Deve ter sido ataque fulminante do coração, além das suas forças... Era jovem, saudável como todas as mulheres da sua idade, mas sofria de acessos. Talvez o sofrimento da viagem, passar pelas privações e humilhações pelas quais passou, ver os parentes negando ajuda ao filho, a emoção com a chegada do marido, as incertezas, agravaram seu estado de forma irreversível... Horas depois, ainda em prantos, desesperado, chorando e completamente desnorteado, sem aceitar aquela morte repentina, querendo entender o

motivo de tanto sofrimento, papai chamou meus avós para uma conversa em separado. Disse-lhes: vocês são testemunhas de como eu me encontrava bem em Minas Gerais com a família, na Barra Aberta... Meus avós se silenciaram... Papai pensou melhor sobre o que tinha dito, tentou se acalmar, se conformar e caiu em si... Era obrigado a admitir o inevitável diante dos choques inesperados. Uma vez decidido a se mudar, não teria mais o direito de se queixar e lamuriar. Tirou uma carta do bolso, leu-a com a voz embargada para os meus avós:

Pulador, 10 de fevereiro de 1880.

Meu querido filho José Alves Terra, desejo que esta te encontre no gozo de bastante lida nas roças aí, nós vamos com saúde, mas com nosso coração na mão devido aos perigos que sofremos, então meu filho, se você for filho de nossa atenção, não deixe de vender o que temos aí e vem para nossa companhia. Vai o Jerônimo para vir com você, não deixe de trazer o senhor Joaquim da Ponte e sinhazinha (...).

Ali estava o motivo da sua vinda... Mas se era para sofrer no sertão, então deveria estar preparado para o pior. Era tarde para se arrepender... Desculpou-se com meus avós, disse que sempre desejou estar junto deles... Ninguém tinha culpa pela morte prematura da minha mãe... Um dia ainda seria feliz naquelas espinhosas veredas, pensou. Abraçaram-se, choraram copiosamente, papai pediu bênçãos e retornou para perto do caixão... No final da tarde, depois do enterro no cemitério reservado perto do Pulador, inconsolável, abatido, me pegou pelas mãos, pegou minha irmã e levou-nos para debaixo de uma árvore sombria, um pouco distante da sede. Logo foram se aproximando alguns amigos. Um deles, da segunda leva, disse a meu pai para ser forte, precisava superar aquele momento difícil. Não sei se como forma de consolo ou para aliviar a própria consciência pesada, essa pessoa disse ter discordado da atitude dos homens que comandaram a comitiva, mas também não tinha voz e

força para interferir porque era um simples agregado... Contou com minúcia a dificuldade enfrentada na viagem, o que se passou em detalhes, eu mais morto do que vivo, a angústia da minha mãe... Mas papai, transtornado, não conseguia raciocinar direito. O desabafo daquela pessoa acabou por despertar, nele, a fúria. Além da morte da mamãe ter-lhe triturado o coração, aquele diz-que-diz-que o deixou inquieto, irado. De repente, em um lampejo de insanidade, levantou-se e ameaçou correr para cima daqueles que tinham maltratado a gente, desejando fazer vingança com as próprias mãos ou, no mínimo, surrá-los até o limite de suas forças. Principiou-se uma gritaria... Deixa disso José, disseram, não valia a pena, as consequências poderiam ser piores... Os desdobramentos eram imprevisíveis... Os amigos contiveram-no, mas aquele repentino rebuliço serviu de alerta e meus avós correram para ver o que estava acontecendo. A notícia correu como rastilho de pólvora naquele convívio de poucas pessoas. Aqueles que não sabiam do ocorrido durante a viagem, como meus avós, ficaram sabendo. As relações se estremeceram, a desconfiança se acendeu mesmo se sabendo claramente quem eram as vítimas e os vilões. A família precisava se esforçar para manter a união para sobreviver àqueles tempos bicudos, mas as injustiças, naturalmente, eram intoleráveis. Essa revelação tornou o ambiente tenso. Temendo uma briga ou algo mais grave, meu avô, depois de punir os irresponsáveis com duras palavras, mandou-os se afastarem do acampamento por algum tempo, até que os ânimos se esfriassem... Alguns dias depois, mesmo contra a vontade da maioria, meu pai arrumou as malas, chamou o camarada Carioca para trabalhar com ele, e partimos em outra direção, mais adentro rumo à fronteira com o Paraguai. Quis refazer a vida em outro lugar. Sabia que ali, entre os parentes, não daria certo. Passou a trabalhar na Matinha⁴, preparando a terra para plantação de subsistência e o excedente podia ser vendido ou se fazia o escambo. Chegava à noite e saía antes do dia clarear, homem forte, trabalhador, não tinha preguiça e nem tempo ruim. Carioca ficava no rancho cuidando da gente, cozinhando e se ocupando com pequenos afazeres domésticos, além de ajudar na roça. Um dia, depois do almoço, Carioca saiu para buscar lenha, a uns 600 metros do rancho, e não

⁴ Em histórico sobre Chico Alves, elaborado pelos filhos, consta que José Alves cuidava de um retiro na Fazenda São João, hoje Município de Ponta Porã, cujo proprietário era João Lima.

voltou. De vez em quando ele se enveredava pelo mato atrás de lenha ou caça, mas sempre retornava logo, nunca deixava a gente muito tempo sozinha. Nós ficamos o resto daquele dia por nossa conta e risco. Quando começamos a gritar por ajuda, no início da noite, ouvimos a voz do papai que já estava retornando. Ele se assustou com o nosso desespero. Quis entender a atitude do Carioca. Alguma onça deve tê-lo pego, uma cobra venenosa, presumiu. No dia seguinte, cedinho, chamou João Pires e Miguel, vizinhos da Matinha onde trabalhavam 12 famílias, para ajudá-lo na busca, mas depois de uma manhã inteira à procura de vestígios, nada encontraram. João Modesto, conhecido do papai e já se consideravam de certa forma amigos apesar da pouca convivência, acabou encontrando casualmente Carioca dois ou três dias depois, forçando-o a retornar, comparecer à presença de meu pai para explicar o motivo de uma atitude como aquela, pois, era uma pessoa de total confiança e não poderia simplesmente desaparecer do dia para noite, sem dar satisfações, e ainda mais abandonar as crianças... Carioca já estava a algumas léguas, no Brejo Alegre, perto da Fazenda Cervinho. Carioca reconheceu a gravidade do seu comportamento, e explicou-se a papai. Disse que não teve a intenção de ser ingrato e desleal. Apenas catava lenha e se encontrou com um dos adversários do papai lá do Pulador... Senhor, afirmou, aquele homem me ameaçou de morte se eu não partisse dali mesmo... Era para deixar o senhor sozinho para se virar com os filhos... Papai compreendeu a armadilha, perdoou Carioca pelo desatino. Disse-lhe que estava livre para ficar ou seguir, mas se quisesse permanecer continuaria tendo a mesma consideração... Carioca, envergonhado, desculpou-se, pediu perdão, disse que tinha ficado com medo de morrer e, para sorte nossa, resolveu ficar. Ele era um bom rapaz e cuidava bem da gente, brincava com a gente nos momentos de folga... O senhor João sugeriu pro meu pai arranjar uma ama-seca para cuidar de nós, mas, papai questionou: onde encontrar alguém? Quase não conhecia ninguém naquele lugar que se dispusesse a tal serviço... Senhor João disse-lhe então que em Santa Gertrudes havia uma família de origem paraguaia, em decorrência da guerra se refugiara por aquelas matas e tinha, na casa, moças de idade. Deu-lhe um bilhete para ser entregue a um amigo chamado Theodoro, amigado da senhora da casa. Papai aceitou a ideia, encilhou o burro forte de nome "Mineiro". Era

um sábado. Retornou no domingo à tarde. Eu e Maria estávamos brincando na frente do rancho. Minha irmã avistou antes de mim e alertou: olha o papai com uma mulher na garupa!... Eu, caipira como bicho do mato, olhei de raspão aquela cena e corri para dentro... Encabulado, sai pelos fundos e me escondi atrás de uma moita. Quem era aquela mulher, como ela seria, seria rude com a gente? – me perguntava. Seria difícil alguém substituir mamãe e não queria aceitar a ideia de receber ordens de uma estranha. Dúvidas e medos me cercaram... A paraguaia Madalena, ao contrário disso, era um doce de pessoa. Seguiu-me até os fundos e encontrou-me cocado sob um arbusto. Acalmou-me, passou as mãos em meus cabelos, demonstrando carinho, ternura, amabilidade. Disse algumas palavras em guarani e, lógico, não entendi nada. Naquele dia eu fiquei o tempo todo agarrado às calças do papai, mas aos poucos fui me soltando e me interessando pela nova moradora... Na manhã seguinte, meu pai, cansado das intrigas e das inimizadas, tentando se distanciar ainda mais das pessoas que causavam tantos desgostos, para não ter que tomar uma atitude mais severa e, assim, entristecer meus avós mandou Carioca encilhar os burros e cavalos, arrumar todas as traíás. Fomos para um lugar mais seguro, conhecido como Mata Grande, ocupando uma casa espaçosa e bem fechada que tinha sido deixada por um grupo de religiosos em missão por aquelas bandas, provavelmente jesuítas espanhóis. Acomodamos-nos nessa morada em 25 de maio de 1881. Com Madalena, senhora já com certa idade, aprendi a escrever alguma coisa e falar em guarani, o que me foi e continua sendo muito útil nesta fronteira...

Quando Chico Alves terminou, já tinha entrado noite, a lua tinha levantado o véu e mostrava faceira, a sua alma amarelenta; as estrelas concorriam com o brilho e dona Victória, escorada com os braços na janela, ouviu atentamente parte dessa história.

Ela chamou todos para o jantar.

Ninguém mais falou sobre esse assunto.

O garoto José Alves Marcondes (1910–2003), com pouco mais de dez anos, cujo nome é uma homenagem ao avô, chamado em casa e pelos amigos de Juca, nunca mais se esqueceu daquele final de tarde revelador.

2. O CORONEL CHICO ALVES

O cidadão Francisco Alves Terra foi um dos últimos coronéis paisanos até a metade do século XX no Sul do Estado de Mato Grosso, um dos chefes políticos de grande prestígio na região de Maracaju antes mesmo do surgimento desse Município.

Nascido em 29 de janeiro de 1878 na Fazenda Barra Aberta, distrito de São Joaquim da Serra Negra, Município de São José de Alfenas, Minas Gerais, Chico Alves constituiu família e patrimônio considerável chegando a possuir, nos períodos de maior prosperidade, algo em torno de 40 mil hectares distribuídos em 28 fazendas na região de Maracaju com, pelo menos, 52 retiros.

Cresceu em meio aos índios e paraguaios assimilando suas culturas sem perder suas origens.

“Essa área de terra não foi requerida, foi trabalhando e comprando, foi tudo do suor do trabalho dele”.⁵

Já o amigo da família desde a infância, Ciro Aniz, disse que os pioneiros requeriam terras devolutas, um procedimento comum na época.

Ciro foi juiz de Paz de Vista Alegre e cartorário por 23 anos nesse distrito onde nasceu – esse cartório foi instalado em 1926 – e é filho do comerciante Ramon Aniz, amigo de Chico Alves, dono da “Casa Aniz”.

Embora comentando o assunto de forma sutil, Ciro não confirmou se Chico Alves requereu ou não terras devolutas.

Dentre os que se radicaram na região de Maracaju e Nioaque estavam os Ferreiras, os Pires, os Souzas, os Correias, os Alves, vindos de diversas procedências. Entre os últimos citados, mencionarei Francisco Alves Terra, corajoso sertanista e astuto político dos velhos tempos.⁶

⁵ J. R. SILVA.

⁶ LIMA, (s.d), p. 111.

Chico Alves exerceu, sem remuneração, a chefia de polícia a partir de 1913 sendo nomeado pelo governador Joaquim Augusto da Costa Marques (1911–1915) da Primeira República (1889–1930) e pelo comando do Exército, ocupando o posto até perto de sua morte.

Na adolescência Chico Alves trabalhou em uma fazenda com muitos peões na faixa da fronteira aprendendo a criar gado e a arte da esgrima.

Aprendeu a atirar e, aos poucos, passou a ter boa mira.

“Em pouco tempo se tornou o camarada mais diligente da fazenda, ferindo mesmo com golpe de espada o seu mestre de esgrima”.⁷

Na juventude, aos 17 anos, acompanhou o pai, um tio e uma terceira pessoa em viagem de retorno a São José de Alfenas partindo de um porto no Rio Dourados. Carregavam apenas espingardas, munição, sal e algum dinheiro.

Aos 22 anos, após a morte do pai por afogamento, resolveu viajar de novo a Mato Grosso para se estabelecer por definitivo vindo acompanhado apenas por um peão e trazendo uma tropa. Enfrentaram índios agressivos e Chico Alves enfrentou um forasteiro que lhe quis tomar um dos cavalos, matando-o em confronto.

Isso teria acontecido quando já se encontraria em Mato Grosso. Esse fato consta em histórico guardado nos arquivos da família.

Com tão poucos anos de vida já havia trabalhado em uma estrada de ferro no Areado (MG), e numa fazenda de café em São Paulo, além do estágio que fizera na fazenda de gado. A travessia do inóspito sertão fez com um camarada conduzindo uma tropa e munido de uma grande coragem. Com surpresa dos que aqui ficaram, chega num dia festivo ao convívio dos parentes, pois, além de muitos tinha a irmã Maria Ribeiro (...) Pobre, mas bem dotado de inteligência, não lhe foi difícil começar a vida como peão de seus tios que já tinham a vida bem iniciada. Temperamento alegre, inteligente e trabalhador, o destino lhe sorriu, conduzindo-o pelo caminho do sucesso. Era um autêntico líder e incansável encorajador das lutas que se travavam nestas cobiçadas terras (...) Depois de alguns anos trabalhando como empreiteiro e administrador de fazenda, vai abrir a gleba que

⁷ TERRA, 1975.

tocara a seu pai e que por ser de mata ninguém a queria. Denominou Mata Alegre aquele lugar que mais tarde se tornou em verdadeiro quartel general da região pelas atividades político-administrativas por ele, exercidas.⁸

Naqueles idos o médico mais perto ficava em Conceição, no Paraguai, cuja viagem era feita em carros de boi ou cavalos margeando rios caudalosos sem pontes e demorava dias.

A Fazenda da Mata tinha 1.700 hectares.

Chico Alves abriu-a com a ajuda dos irmãos paraguaios Pedro e Severino Ossuna montando o primeiro rancho.

Iniciaram a derrubada de parte das matas para o plantio de roça e a formação de pastagens. Contratou peões e algumas famílias foram chegando e se tornando agregadas.

Os agregados, no início, podiam desfrutar da terra, da capoeira, dos brejos, do mato, plantar, colher sem precisar pagar renda, sem serem incomodados. Ganhavam para trabalhar na abertura de matas, construção de cercas e aramados.

Algumas dessas famílias permaneceram até a morte na fazenda.

Mas nos momentos de tensão se agrupavam para se defenderem.

Havia uma vasta mata a ser explorada na Serra de Maracaju dividindo o planalto da planície formada por rochas basálticas, savana, campos com gramíneas e manchas de terra roxa com elevada fertilidade.

Essa fazenda fica encravada em um vale por onde passa o Córrego Barreiro e concentra no solo e rochas margeando o manancial um composto cristalino com gosto de sal. O gado e animais silvestres lambiam a terra e as pedras.

Chico Alves tinha feição varonil, era alto, magro e rosto afilado.⁹

Na sua fase adulta usava bigode.

O primeiro casamento em 23 de maio de 1903 foi com a prima Carolina Ferreira de Lima. Um ano depois ela morreu no parto e o bebê, uma menina com o nome da mãe, morreu com dois meses.

⁸ Ibidem.

⁹ FERREIRA e ROSA, 1988, p. 26.

Em 23 de janeiro de 1907 casou-se com Victória Marcondes¹⁰ com quem teve seis filhos: Hortulano, Ladislau, Juca, Domingos, Demétria e Sebastião, todos nascidos na Fazenda da Mata.

Curiosamente apenas Domingos mantém o sobrenome do pai.

Os demais são da mãe.

A esposa passou a se chamar Victória Marcondes Alves.

Idealista, aventureiro, corajoso, austero, criativo, temperamento forte, inteligente, hábil comerciante, defensor intransigente da dignidade, da justiça e respeitado, Chico Alves conviveu com alguns personagens ilustres da história nacional sem ter saído da região.

Foi amigo do General Cândido Mariano da Silva Rondon (1865–1958), o grande conquistador do interior do Brasil e defensor dos índios – Rondon integrou com o progresso civilizador algo em torno de meio milhão de quilômetros quadrados, uma área igual à França e duas vezes maior que a Itália (cf. GUSMÃO, 1942, p. 9) –; compadre do major Nicolau Horta Barbosa (batizou Sebastião), um dos chefes da Missão Rondon junto com capitão Tibúrcio Cavalcanti, capitão Buarque, coronel Jaguari de Matos; manteve estreito relacionamento com o capitão Filinto Muller (1900–1973), famoso chefe de polícia do governo de Getúlio Vargas (1882–1954) e político, ex-senador pela Arena, eleito em 1970 por Mato Grosso, morto em acidente aéreo em Paris.

Chegou a ser detido, com seus comandados, por uma escolta da Coluna Prestes durante a passagem dos revoltosos em 1924 pela Fazenda da Mata.

Criou, em 1923, doando 200 hectares em um processo de reforma agrária o distrito de Vista Alegre cuja área foi escolhida por Rondon.

Participou da comissão de fundação do Município de Maracaju embora tenha sido contra o local escolhido; participou da Revolução de 30 e esteve ao lado de São Paulo e Minas Gerais na Revolução Constitucionalista de 32, sendo designado ao posto de coronel pela 9ª Região Militar; seus filhos, o

¹⁰ Cf. FERREIRA, 1993, p. 165, Victória Marcondes nasceu na região de Água Fria, Santa Gertrudes, em 14 de março de 1885. Ela era filha de Ladislau Marcondes de Oliveira Campos e Maria Joana Zeferina de Souza. Foi Ladislau o fazendeiro que mostrou as terras a Antônio Alves Ribeiro de Lima, o “sertanejo”, e a seu filho adotivo Lúcio Domingos, da Fazenda Pulador, quando vieram pela primeira vez de Minas Gerais. A mãe de Victória teria sido aprisionada junto com seus familiares pelos paraguaios durante a guerra e obrigada a trabalhar na lida com a roça e na cozinha dos soldados, disse Judith Marcondes Machado em 31 jan. 2005, em Dourados, e só teria sido liberada a partir de um decreto do conde d’Eu. Judith também é neta de Maria Joana.

então acadêmico Juca e o Domingos representaram à comissão de Vista Alegre que subscrevesse a ata da instalação do Município de Dourados e posse do primeiro prefeito, o amigo João Vicente Ferreira, em 22 de janeiro de 1936; entre outros episódios marcantes do período.

Havido como um pequeno caudilho, conhecido ao longo da nossa fronteira com o Paraguai, o Cel. Chico Alves foi chefe incontestável, com autoridade altamente respeitada, fato esse que garantia a tranquilidade em toda a região de Maracaju (...) Tinha extraordinário tino policial, mantendo um perfeito serviço de segurança dos fazendeiros e de suas propriedades em toda a região por ele policiada, sem nunca onerar o Estado e nem pedir qualquer ajuda às autoridades públicas (...). Eram havidos por caudilhos por comandarem grupos de homens habituados à luta. A ação deles, entretanto, estava sempre voltada para o bem, jamais para a prática de crimes.¹¹

Chico Alves às vezes contrariava interesses e sua opinião encontrava resistências inclusive entre a família Alves. Por conta do gênio forte era visto com reservas por alguns e temido por outros...

Um senhor aposentado que em 2005 era visto vendendo bilhetes de loteria no centro de Dourados, nascido e criado em Vista Alegre, ao comentar sobre Chico Alves, disse, com olhar desconfiado:

– Falar mal não falo, mas falar bem eu também não falo...

Outras pessoas comentaram que esse senhor era um incorrigível galanteador durante a juventude no pequeno povoado...

Chico Alves formou suas invernadas com capim Jaraguá, planta nativa na Serra de Maracaju e fazia ferramentas inspirando-se em similares.

Era prático, observador, tinha apurado senso empírico.

Possuía um canhão de cardã de automóvel usado para espalhar bandos de papagaios que destruíam as lavouras de milho; fazia ferramentas para o corte de arenito na forma de tijolos para suas

¹¹ FERREIRA e ROSA, 1988, p.16 e 45.

construções; montou um frigorífico rudimentar e forneceu charque para o 11º Regimento de Cavalaria em Ponta Porã.

Instalou volante de automóvel e capota em sua carroça de passeio.

Em relação a esse canhão feito com cardã relatado pelo neto Luís Francisco Teixeira Marcondes, primogênito do coronel Marcondes¹², Ciro Aniz lembrou que a peça era canhão velho amarrado com corda e arame grosso. Chico Alves colocava pólvora e provocava a explosão arremessando um tufo a 50 metros de distância com muita força.

Chegou a explodir o cano ao exagerar certa vez na mistura.

“De certo quando vinham os bichos, ele largava aquilo lá e pááá...”¹³

“Inventou um carro de pau, roda de madeira, puxada a cavalo, ele botava dois cavalos, eu vi (...) Nesse carro cabiam quatro pessoas”¹⁴

Atrelava os cavalos para puxar seu “Ford bigode” quando acabava a gasolina – no tanque cabiam apenas 20 litros.

Na Fazenda da Lagoa, em anexo a Paraíso, duas de suas propriedades próximas de Vista Alegre ele abriu uma imensa lagoa em frente à sede captando água de um brejão distante, aproveitando a declividade. O sulco foi aberto por vários paraguaios e o canal, com quatro a cinco metros de profundidade, chegou a passar debaixo de uma Figueira para se obter o nível. Nessa lagoa foram instaladas rodas d'água e monjolos que eram usadas para movimentar uma fábrica para torrar farinha e fazer rapadura.

Eu fiz muito rego d'água ali pra esgotar na lagoa, no brejo, do outro lado tinha o Antônio Martins, na frente, tinha um pomar que eles chamavam de chácara, tinha uma casa velha, antiga deles, e depois fizemos, fizemos à casa do Paraíso, tinha um pé de Paraíso, o Nestor era guri, era capataz dele (...). Tem um vale lá

¹² O ex-ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, no governo José Sarney (1985-1988), assinou a Portaria nº. 276 (29 mar. 1985), em conformidade com a delegação de competência constante do Decreto nº. 90.893 (4 fev. 1985) e em cumprimento ao Acórdão do Tribunal Federal de Recursos, promovendo o major José Alves Marcondes ao posto de Tenente-Coronel, reformando-o nesse posto com os proventos de Coronel, a contar de 29 de novembro de 1977, nos termos do Artigo 2º da Lei nº. 2.579 (23 ago. 1955), combinado com o Artigo 1º da Lei nº. 288 (8 jun. 1948), Artigo 2º do Decreto-Lei nº. 8.795 (23 jan. 1946) e Artigo 126 da Lei nº. 5.787 (27 jun. 1972). Essa portaria foi publicada no D.O.U. (1º abr. 1985). A ação para indenizá-lo pelos danos sofridos na guerra e o reconhecimento por parte da União pelas perdas financeiras sofridas depois de ter deixado a Promotoria de Ponta Porã, tramitou por 35 anos. Depois dessa nomeação, passou a ser chamado de coronel Marcondes até mesmo entre os oficiais de carreira do Exército.

¹³ C. ANIZ.

¹⁴ Idem.

que eu fiz que tem três metros de fundura, ainda ficou um pedaço, não dei conta de fazer tudo, os outros fugiram tudo e eu fiquei sozinho, aí um dia eu cheguei e falei para ele, não, não tem condições (...) Eu fiz um rancho, plantei feijão, sozinho, fazia, colhia, fazia bagunça, dava tiro nesses negros tudo, e não dava nada porque era do Chico Alves né? Ele montou um maquinário, compreende? Ali ele torrava farinha, fazia rapadura, fazia doce, tudo, tudo de madeira, engrenado como se fosse uma ferragem, aquilo tinha uma roda de água que movia, água caiu ali e girava, quando não queria, trancava ali e pronto.¹⁵

Nessa lagoa não permitia a pesca. Tinham Dourado, Pacus...

“Eu mesmo fui lá nessa lagoa, tinha peixe Dourado, quando se jogava quirela, vinham os lambaris, os Dourados voavam por cima da água”.¹⁶

“Ele dizia: Uái! Quem quer pegar peixe vai ao Rio Santa Maria ou ao Rio Brillhante. Aqui é só para eu olhar (...) os peixes parecem que o conheciam, cada baita tubarana”.¹⁷

(...) de tal maneira era a terra rica naquele tempo que chegou a abater bois gordos que deram oito latas de graxa. Sempre foi um pioneiro do progresso. Já em 1916 tinha em sua fazenda farmácia e escola, onde o ensino era gratuito a todos que quisessem aprender (um Mobral).¹⁸

“Nossa! Ele era muito bravo (...) Ele era muito enérgico, o que ele fazia era muito certo e se não fizesse tinha as consequências (...) fazia o certo que você tinha tudo com ele”.¹⁹

“Ele era muito bravo, mas também era legal na hora dele”.²⁰

¹⁵ A. P. da SILVA.

¹⁶ C. ANIZ.

¹⁷ O. M. de MATTOS.

¹⁸ TERRA, op. cit.

¹⁹ G. G. ARAÚJO.

²⁰ G. de F. FRANCO.

“Ele era bravo, se você saísse fora da linha, aí você estava tratando com urutu cruzeiro, era bravo mesmo. Mas se você estava na linha, a moça para ser educada tinha que ser igual ao coronel Chico Alves, uma beleza, bom, bom... Era ruim para quem era ruim (...) Era um dos maiores capitalistas daquela região, tinha muito capital em terra, gado, dinheiro (...) Lá em Maracaju, naquele recinto ali, falavam em Chico Alves e o Sol parava, era bagual mesmo (...).”²¹

Não gostava de ser contrariado e quando alguém saía da linha e coubesse a ele o castigo impunha a sua braveza. Durante o período em que foi chefe de polícia disciplinou desordeiros impondo trabalho, ordem e obediência. Tinha senso prático nesse sentido.

“Com ele não tinha esse negócio não, quando ele dizia vai a tal lugar buscar tal coisa, o sujeito tinha que ir a pé e voltar a pé podiam ser 1 km, 2km ou 3km. Ele não judiava muito, só fazia trabalhar”.²²

Ele só fez bem, tinha uma força, todo mundo tinha um respeito danado com ele. Mas nunca maltratou ninguém. Ele pegou um sujeito que se alvorçou valente em Vista Alegre, botou em polvorosa a povoação, rapaz moço, ninguém chegava nele, os parentes, delegado, nada (...) Tiro, entrava no boliche a cavalo e pá-pá-pá... No outro dia chamaram Chico Alves e ele veio, chamou o inspetor do quartirão que era cunhado do valente:

– Vai buscar o fulano...

Trouxe-o, ele foi lá ao carro pegou um maneador e disse:

– Amarra esse sujeito no poste...

Hoje esse sujeito é um amigo meu, está com 93 anos, se o Chico Alves não tivesse acabado com a valentia dele talvez tivesse vivido pouco (...) Chico Alves prendeu mais gente que era tida como valentona... Durante o serviço, dizia para eles amarrarem o revólver na cintura, na hora de dormir, amarra a arma aqui... Acabou com muitos valentes. Depois os valentes ficaram amigos dele. Uma vez apareceu um cidadão querendo me conhecer, disse que quando chegou a Mato Grosso achava que era um mundo sem

²¹ O. M. de MATTOS.

²² C. ANIZ.

dono (...) Chico Alves prendeu esse cidadão e ensinou-o a ser homem. Hoje ele é juiz de Paz, José Carlos Pitan (...). Então eu conheci mais gente que ele dominou, ele tinha uns dez ou doze homens, pegava até onça, nunca precisou matar ninguém, ninguém...²³

Construiu uma casa em cima da árvore com vigamento de Ipê entre duas espécies conhecidas como mandiocões na Fazenda Acampamento, outra propriedade dele próxima à Fazenda da Mata.

O assoalho, também de Ipê, era torneado.

Longe de ser um abrigo para brincadeira de crianças e adolescentes por causa da altura elevada ele usava o mirante para localizar eventuais invasores e nuvens de fumaça indicando fogo em suas propriedades. Costumava sim, em momentos festivos, dançar catira nessa torre de vigia.

Ele ficava lá em cima nas horas de descanso (...) Naquele tempo ele tinha uma vitrola à corda, ele tinha uma luz muito forte, papai foi muito dinâmico, muito trabalhador, muito criativo, tudo ele inventava, tudo ele fazia. Essa árvore não existe mais, acabou tudo".²⁴

Essa torre tinha cerca de 20 metros.

Uma vez eu fui lá numa festa de catira. Tinha o Machado, o Cerveira, o Antônio Cipó, subiram e cantaram a moda catira. Tudo aquilo era divertido, tinha uma escada (...) Subiam para cantar e sapatear, o Juca nessa época estava no Rio de Janeiro.²⁵

Bartolo Arguelo contou aos netos de Chico Alves sobre a existência de um cano de ferro na Fazenda da Mata. Era acionado como se fosse uma

²³ J. R. SILVA.

²⁴ D. M. RIBEIRO.

²⁵ C. ANIZ.

bomba. Talvez seja o mesmo canhão mencionado por Ciro. Bartolo dizia que Chico Alves avisava os violeiros dando um tiro para o alto. O barulho se escutava em Vista Alegre, a 15 km.

Era o sinal de que naquele dia ia ter festa de catira.

Todo mundo admirava a ideia dele. Ele tinha umas ideias diferentes dos outros da família. Pessoa espetacular (...) Quem quisesse subir, subia, dali ele enxergava toda a fazenda, as matas, penso que a ideia dele era fiscalizar a área lá de cima.²⁶

“Tinha uma escadinha, tipo escada de pedreiro, comprida (...). Meu avô, João Vicente Ferreira não deixou eu subir, não tinha corrimão”.²⁷

Sobre a Fazenda Acampamento, que era bem ajeitado era, o pessoal cantava noite e dia (...) Os violeiros da época eram Antônio Cipó, Chico Alves, Ramão Barbosa, Cerveira, Antônio Aroeira, hoje não existe mais nenhum. Esses bailes eram na Lagoa, no Acampamento, onde ele, o Chico Alves, cismava (...) Vamos a tal lugar hoje, eles montavam no cavalo e iam.²⁸

Vista Alegre esteve no auge na década de 40. Chegou a ter mais eleitores que Maracaju. Chico Alves acompanhou de perto e exerceu influência nas movimentações políticas do Sul do Estado.

Sobre a presença da Coluna Prestes na Fazenda da Mata há uma frase solta na folha de rosto de um dos livros do acervo particular do coronel

²⁶ M. da G. O. L. MECCHI.

²⁷ R. MIGUEL.

²⁸ C. ANIZ.

Marcondes, “A Coluna Prestes” (SODRÉ, 1980): “20/XII/84. Já testemunhava essa história com 14 anos de idade. Na Mata, assisti meu pai ser preso. Ele conheceu Siqueira Campos, João Alberto, Juarez Távora, etc., em 1924”.

A revista “Manchete” (3 fev. 1996) trouxe reportagem sobre o tema. Durante uma série refazendo os caminhos da Coluna Prestes Luiz Carlos Prestes Filho passou por Dourados e entrevistou o coronel Marcondes.

Marcondes, em seu avião Carioca, levou Luiz Carlos para conhecer o ambiente da Fazenda da Mata e os locais por onde passaram os revoltosos. Disse que nunca podia esquecer a imagem do pai dirigindo o “Ford bigode” em uma estrada próxima à Mata sendo surpreendido pelos cavaleiros saltando em frente do carro em movimento. Marcondes, então com 14 anos, estava dentro do veículo. Para ele a cena foi fantástica...

Chico Alves poderia resistir e prevendo isso os revoltosos invadiram a fazenda e apreenderam-no, mas respeitaram-no e não houve violência.

Papai tinha enganado o governo que acreditava que ele daria combate à revolução. Chegou até a teatralizar um treinamento com 150 homens desarmados. Deixou para solicitar munição e fuzis no último momento. Como sabia que não receberia armas a tempo, não enfrentaria os rebeldes, nem seria um traidor para os governantes²⁹.

Quando adolescente o negro Bartolo (cujo pai era braço direito do coronel Chico Alves e a mãe amamentou os filhos de dona Victória) avistara na parte alta da Fazenda da Mata os homens com lenço vermelho no pescoço aparecendo e se aproximando em grande número atirando para o alto...

Os revoltosos chegaram a dormir em meio à raiz de uma colossal Figueira.

Os cavaleiros rapidamente tomaram conta da situação e Chico Alves se viu obrigado a entregar o revólver, um “nagan” belga³⁰ fabricado em 1901.

²⁹ FILHO, 1996, p. 35.

³⁰ Embora a reportagem faça a citação dessa arma como sendo de origem belga, há um revólver na sala “Cel. José Alves Marcondes”, no Museu da “Colônia dos Dourados”, em Antônio João, cunhado com o nome do Marcondes, identificando-a como sendo uma “Nagant” norte-americana.

O que seria um interrogatório de Chico Alves virou uma conversa amigável.

Siqueira Campos gostou de Chico Alves porque o coronel se manteve neutro. Não atacou a Coluna e nem se indispôs com os seguidores do Presidente Artur Bernardes (1922–1926).

Siqueira devolveu o “nagan” e teria dito, conforme a reportagem:

– Muito obrigado pelos 40 fuzis e cinco mil cartuchos...

Era o carregamento solicitado ao governo por Chico Alves.

O coronel Marcondes presenteou o filho de Luiz Carlos Prestes (1898–1990) com o mesmo “nagan”:

– Assim essa arma continuará nas trilhas da Coluna Prestes!

Na revista tem as fotos de Marcondes em um “Ford bigode” que pertenceu ao ex-deputado federal Weimar Torres (1923–1969), fundador do jornal “O Progresso” em Dourados (MS). É um modelo similar ao que o coronel Chico Alves possuía.

A revista traz foto do Bartolo deitado entre as fendas da raiz de uma frondosa árvore existente na fazenda “Tapê–Cuê”.³¹

Mas dona Victória teve medo dos revoltosos. A menina Demétria agarrou-se às saias da mãe em meio àquele alvoroço. Dona Victória, ao perceber a chegada dos cavaleiros, correu para esconder suas joias enterrando-as debaixo de um abacateiro nos fundos de casa.

A escolta levou todos os cavalos da fazenda.

Cerca de um ano antes da reportagem sair na “Manchete”, o jornal “O Progresso” registrou a passagem de Luiz Carlos Prestes Filho por Dourados e os depoimentos do coronel Marcondes. Há foto de Marcondes com o jornalista e historiador no mesmo “fordinho” (25 abr. 1995, Caderno Cidade, p. 6).

“O Progresso” quando a sede era em Ponta Porã publicou uma entrevista de página com Siqueira Campos (3 abr. 1927).

(...) o que entrou foi uma escolta devido a um incidente porque o Prestes já sabia da vida do papai, da posição dele, então ele era

³¹ Na interpretação do Guarani, “Tapê-Cuê” significa “estrada abandonada”, “estrada velha” ou “foi estrada”, segundo Odilon Ribeiro do Vale, um dos entrevistados nesta pesquisa.

considerado inimigo; por coincidência veio um armamento de Nioaque conduzido por um engenheiro muito amigo do papai que se casou com uma parenta nossa, encarregado de armas, e caiu no meio da tropa dos revolucionários (...) Ele era muito governista, atacou a revolução e aí virou a coisa. Aí foi uma escolta na Mata, prendeu o pessoal, prendeu o papai, mas trataram-no muito bem na fazenda Pulador, ali perto, onde acamparam. E ainda o papai saiu vitorioso diante de um acontecimento que agravaria muito se não fosse a inteligência dele e o espírito de ordem e patriotismo que ele sempre teve. Um parente dele matou um revoltoso que invadiu a fazenda, então vieram esses outros companheiros, trouxeram o soldado morto. O comando, Siqueira Campos e outros falaram ao papai:

– Como é coronel Chico Alves, o senhor disse que não combate os revoltosos e esse acontecimento aí praticado por um parente seu? Papai respondeu:

– Isso prova o que eu já disse sobre a minha atitude de manter a ordem especialmente nesses momentos de rebeliões que acontecem. Atrás da revolução vêm os bandidos, os ladrões e se aproveitam disso, então foi um revoltoso que ele atacou? Ele não sabia...

Aqui não tínhamos notícia porque naquele tempo a comunicação era um cavaleiro ou outro que passava e contava e então ninguém sabia de revoltoso, mas ele preveniu e defendeu a fazenda dele. Eles até elogiaram o papai e respeitaram-no. Soltaram-no e ele voltou para a fazenda.

Mas disseram:

– O seus homens que foram presos, não vamos soltar agora, vamos soltando de distância em distância...³²

Chico Alves teria ouvido a promessa de Juarez Távora (1898–1975), Siqueira Campos, João Alberto e Euclides Figueiredo: se ganhassem a Revolução muito iriam fazer pelo Sul de Mato Grosso...

Talvez fosse a retomada da divisão do grande Estado...

Ao partirem, apesar da aparente relação amistosa, os revoltosos queimaram o “fordinho” do coronel Chico Alves, um carro novinho.

A intenção da escolta foi neutralizar e desmobilizar o coronel.

³² D. M. TERRA.

“Era numa casa velha, grande, de tábua, o assoalho era de madeira e aí dava aquele som (...) Tinham os violeiros, meu tio Cipó, o Antônio Barbosa de Souza cantava, era recortado”.³³

(...) nós íamos à fazenda dele, quando era festa mesmo, uma moagem de cana meu pai fazia para ele, meu pai era Cerveira Gonçalves de Freitas, então nós nos criamos junto com o Chico Alves, desde pequenas, toda vida ele ia à casa do meu pai e nós íamos para casa dele que era da finada Victória, a mulher dele chamava Victória Marcondes, ela era sobrinha do meu avô, Joaquim Ferreira de Souza.³⁴

Agostinho Pereira da Silva, peão de Chico Alves por quatro anos na década de 40, foi desafiado numa dessas festas a cantar catira na Fazenda Acampamento. Estava Ramão da Mata, Antônio Cipó, entre outros...

Chico Alves teria dito já na madrugada:

– O Agostinho não canta nada? Dá a viola para ele! Gente minha tem que fazer de tudo para me acompanhar, senão sabe aonde vai...

– Eu não sou disso senhor Chico, eu não sei não... – teria respondido acanhado...

– Mas você tem que fazer... Dá a viola para ele! – teria ordenado o patrão...

Agostinho pegou a viola e limpou a garganta.

Fazia corpo mole, pois, animava bailes em Vista Alegre e Ponta Porã.

Teria cantado este verso:

Subi na sucupira
E fui parar lá na Cotia
Peguei no rosto da velha
Dançando o que era da filha
Rosto de velha é lixento
Rosto de moça é macio

³³ G. G. ARAÚJO.

³⁴ Idem.

Ai, ai aiiii...

E todos teriam aplaudido...

Salvou-se daquele momento. Temia não ser aceito como violeiro e cantor entre os amigos do patrão. Chico Alves, machucado pela hanseníase, tomava quentão feito especialmente para ele e todos passavam à noite cantando e dançando catira.

“Ele fez a casa da árvore só para dançar catira, eu ajudei a fazê-la. Batia no assoalho e se ouvia de longe, retumbava”, afirmou Agostinho.

Depois ainda cantou outra música caipira:

De volta ao lugar onde estou
 Se Deus quiser aqui eu chamo
 O lugar aonde eu vou
 No lugar aonde eu vou
 Diz que só dá para chegar
 Somente com o teu respeito
 Logo eu tenho que voltar
 Logo que tenho que voltar
 Já que não pode ser
 É atacado da saudade
 O que mais eu vou fazer
 O que mais eu vou fazer
 Já que eu que tenho feito
 Logo volto do caminho
 Somente por teu respeito
 Somente por teu respeito
 Já fui bem sucedido
 Para ver se eu não morro de saudade
 Não ter sentido
 Saudade louca saudade
 Saudade que não tem fim
 Saudade eu tenho de todos
 Não sei se terão de mim...

A partir daquela noite se tornou presença obrigatória nos saraus.

Os churrascos eram singulares. Tirava-se a carne e os miúdos. A carne era temperada e colocada novamente dentro da carcaça do animal, o couro costurado com arame e assava-se.

Quem tinha jeito para isso era o Bartolo. Ele fazia festanças para os pobres no dia de seu aniversário, 24 de agosto, e assava a carne dessa maneira.

O sucesso dessas festas levou Juca a batizar Bartolo de “padroeiro dos pobres”.

Bartolo recebeu título da Câmara de Maracaju reconhecendo-o como “Patrono dos Humildes”. Essa comenda foi aprovada (20 ago. 1984) pelos seus serviços prestados à comunidade e à família, exemplo de cidadão, amigo e pai.

A entrega do título coincidiu com uma das festas de aniversário.

O papai, como mineiro, as festas que ele fazia tinha que ter a catira. Então, eu tenho essa lembrança da infância com ele, eu ficava mais com o papai, convivia mais com ele por isso. Ele gostava de sair, pescar, fazer essas coisas. Ele era assim, gostava das coisas, de reunião de gente, em casa nunca ficava pouca gente. A Semana Santa para ele era um marco bem grande, toda Semana Santa ele saía, ia para onde ficou para o meu irmão, o Lau, a Fazenda Vertente, por onde passa esse Rio Cachoeira, aí ele ia, ficava na beira do rio, fazia aquelas cobertas de capim, coisa e tudo, e para a gente aquilo era diferente, sempre dentro da água, tomando banho, então eu gostava muito. E ele gostava muito de canção.³⁵

A amizade com Rondon deveu-se ao espírito empreendedor de Chico Alves. De acordo com depoimentos e documentos avulsos encontrados nos arquivos do coronel Marcondes, sabendo que a comissão se encontrava em

³⁵ S. A. MARCONDES.

Santa Virgínia, onde a obra da linha telegráfica que ia servir às fronteiras da Bolívia e do Paraguai estava paralisada por falta de verbas, Chico Alves foi até o acampamento e teria oferecido dinheiro, madeiramento e mão-de-obra para a retomada dos trabalhos, tudo gratuitamente, e ainda o seu próprio empenho pessoal em comandar os serviços.

Estavam sendo abertas entre 1923 a 1929, pelo Exército, com o suor de operários e soldados, apenas com enxadas, as trilhas entre Campo Grande e Ponta Porã. Na região de Vista Alegre o Exército teve todo o apoio de Chico Alves.

A estrada antiga foi desviada de Maracaju, até onde se sabe, por implicância de Chico Alves devido à rixa política. Quando chegou a ferrovia, anos mais tarde, na década de 50, os políticos de Maracaju deram o troco e desviaram-na de Vista Alegre apesar desse distrito estar dentro do espigão e o projeto seria mais fácil de ser executado se passasse pela localidade, inclusive com menor custo.

O traçado da ferrovia e a instalação do cartório em Maracaju, desmembrando-o de Nioaque, impediram o desenvolvimento do distrito.

Embora um pouco mais antiga Vista Alegre não passa, em 2005, de uma pequena vila, enquanto Maracaju é uma próspera cidade.

(...) o Major Nicolau Horta Barbosa, chefiando numerosos grupos de trabalhadores, construiu uma estrada de rodagem, ligando Campo Grande a Ponta Porã. Na realidade, a estrada em referência nada mais era do que duas faixas de terras capinadas, que seguia rumo à fronteira, deixando Maracaju à esquerda, uma distância de seis quilômetros, passando por Vista Alegre, o povoado fundado pelo Cel. Francisco Alves Terra.

Na construção da estrada mencionada, Francisco Alves Terra teve uma participação notável, por quanto, apenas com o intuito de cooperar empregando mão de obra dos seus empregados, construiu a título gratuito, grandes trechos da citada rodovia.

Desejo, neste registro histórico, render minhas sinceras homenagens à memória do Cel. Francisco Alves Terra, que em vida foi um verdadeiro paladino do progresso e da ordem.³⁶

³⁶ FERREIRA, 1982, p. 129.

Há uma cantiga cuja autoria é atribuída a Chico Alves retratando o esforço e o trabalho para se abrir essa estrada.

O título é “Uma Moda Boa para Realidade” datada de 1929:

Desde mil novecentos e vinte
Que Chico Alves faz estrada
Por sua exclusível custa
Sem de ninguém ocupar nada
Agora ele resolveu
Fazer a rumo de Campo Grande
Nesta, ele já foi atacado
O que culparão seo João Fernandes

No acampamento do Cipó
Ele foi intimado
Mandando parar a estrada
Por ordem do Delegado
Chico Alves quando leu
Já não concordou
A estrada eu não paro
E providências ele tomou
E ali na mesma hora
Resolveu e mandou
Que reunisse mais gente
E ali ele esperou
Quando o dia amanheceu
Cento e tantos lhe apresentou
Abraçou seus amigos
E a estrada continuou

Do pessoal que ali estava
Quarenta ele armou
E mandou seguir na frente
Fazer o que ele mandou
Sitiar os inimigos
Botam eles em um corredor
O sítio foi tão bem feito
Que nenhuma saída a eles ficou

Setenta que ali ficou
Estes foram para a enxada
Para continuar a trilha
Que dobrou na Água Parada
Às nove horas mais ou menos
A lagoa esteve esgotada
A troca daquela água
Deu um momento de alvorada

A dois quilômetros mais ou menos
Seu Pereira atacou
Fez parar os balizeiros
Até que o Chico Alves chegou
Chico Alves foi chegando
Já a cousa demudou
Com poucas palavras dele
A linha continuou

E ali ele disse
Seu Pereira venha pra cá
Vamos sair de aqui
Deixa esse povo trabalhar
O serviço que estou fazendo
É um benefício para o lugar
É um serviço público
Para todos vós gozar

Seo Pereira resmungando
Mais ainda acompanhou
No matinho da serraria
Foi onde ele parou
Chico Alves foi explicando
Seo Pereira logo chorou
Com certeza naquele momento
Do passado ele se lembrou

Desse homem tivemos dó
De ver sua reclamação
Chico Alves é meu amigo
E é homem de ocasião
Quando meu filho caiu preso
Ele o tirou da prisão

Serviço como este
Não se paga com ingratidão

Na hora de me retirar
Um pedido vou fazer
Eu já falei com meus filhos
Eles não quiseram me atender
Se causo eles te atacar
Não deixes eles perecerem
Que será mais um serviço
Que nunca hei de esquecer

A um quilômetro mais ou menos
O pessoal se acampou
Bem na hora do almoço
João Batista ali chegou
João Batista foi chegando
Seu semblante demudou
Com certeza pela má intenção
Sua consciência lhe acusou

Chico Alves lhe recebeu
E mandou ele se assentar
Quero que vós me diga
Por que veio me atacar
O serviço que estou fazendo
Antes todos deverão ajudar
É um benefício público
Para todos dele gozar

João Batista já engasgado
Passou a responder
Reconheço minha falta
Sei que mereço é morrer
Os favores que te devo
Minha vida devo a você
Quando queria me degolar
És quem foi me defender

Eu mesmo que sou culpado
Porque deixei me dominar
Os conselhos de João Fernandes

É para nós te derrotar
Que assim seremos felizes
Seremos chefe do lugar
Mais para isso é preciso
Seu valor se acabar

Esse dia às duas horas
O pessoal encostou
A rumo de Santa Gertrudes
Onde a reta se acabou
Ali fazendo pouso
Onde as forças incorporaram
Com a nossa chegada ali
Os inimigos se desertaram

Essa noite houve um catira
Como nunca neste lugar
Dançaram em cima da ponte
Que fez a ponte balançar
Alegria daquela gente
Até fez admirar
Dançaram a noite inteira
Dando viva sem parar

Chico Alves no outro dia
Sem o pessoal ele voltou
Veio para a fazenda
Onde a farra continuou
Mais três dias de catira
Três vacas ele matou
Esta foi à última despesa
Causada pelo traídô

A consideração em relação ao Exército era tanta que uma vez um comboio militar estava parado nas imediações de suas fazendas por falta de gasolina, estrada de pouco trânsito de veículos automotores. A maioria usava cavalos, carroças ou carros de boi.

Chico Alves se dirigiu ao grupamento levando a gasolina necessária, combustível recebido naqueles dias transportado em carreta de boi vinda de Campo Grande.

O contentamento foi de tal modo que o comandante mandou descer a banda de música que viajava naquele comboio, talvez para alguma solenidade marcada no quartel do 11º R.C. em Ponta Porã, e mandou tocar algumas peças em sua homenagem naquele campo silencioso³⁷.

Chico Alves engenhou uma espécie de lâmina de madeira puxada por comitivas de bois amarradas com correntes executando serviço semelhante ao da moto-niveladora, porém, mais rústico e qualidade inferior. Facilitava a limpeza da mata em determinados trechos e os exércitos de braços vinham atrás fazendo os arremates.

O trabalho incluía a construção de aterros e pontes.

Astúrio Monteiro de Lima escreveu o artigo “Uma Estrada e uma Ponte – Os que pagam impostos são legítimos colaboradores do Poder Público” publicado na revista “Ouro Verde”, edição nº. 5, p. 47 e 48 (19 dez. 1953)³⁸ confirmando a participação de Chico Alves.

Eis um trecho:

Em 1925, no segundo semestre, a verba destinada a estradas de rodagem da Comissão Rondon havia se esgotado, e um pedido de suplemento foi impugnado pelo Tribunal de Contas.

A estrada que a Comissão construía, ligando Campo Grande a Ponta Porã, achava-se com o seu avançamento em Água Parada, nas imediações de Maracaju. Os engenheiros militares encarregados do serviço, na iminência de lhe cortarem os recursos, dispunham-se a paralisar as obras. Providencialmente ali aparecera um fazendeiro, o cel. Francisco Alves Terra, homem empreendedor e inteligente que logo compreendeu as vantagens

³⁷ TERRA, op. cit.

³⁸ Publicação que circulava provavelmente em Campo Grande. José Antônio Teixeira Marcondes possui apenas uma cópia da capa e das páginas do artigo.

da estrada para o desenvolvimento e valorização daquelas paragens, até então desprovidas de meios de comunicação. E o velho Chico Alves interessado pela continuação da estrada ofereceu-lhes o auxílio de pessoal trabalhador, suprimento de alimentação, madeiras para pontes, transporte a carros de bois, etc. Propunha-se empregar uma invenção sua para a feitura das trilhas que estavam sendo feitas a enxada. Tratava-se de um aparelho puxado a bois que consistia na ligação de duas toras de madeira, relativamente pesadas e iguais, com as faces inferiores lavradas de maneira a poderem deslizar no terreno. As travessas que ligavam as duas toras mantinham-nas em igual distância, correspondendo ao espaçamento das duas trilhas. Nas pontas dianteiras e traseiras das toras, encaixavam-se umas lâminas de aço, muito afiadas, com a largura das trilhas, destinadas aos cortes das pequenas elevações do terreno percorrido por aquele instrumento rústico, indagará – para que as lâminas na parte traseira? – É que o aparelho tinha dificuldade em voltar em círculo, a não ser que fizesse uma circunferência muito ampla. Então, manobrava em marcha ré, bastando desengatar a madeira que lhe servia de cabeçalho – e mudá-la de frente, com a boiada, está claro. A “coisa” tinha assim uma aparência com as Barcas da Cantareira que podem atracar de proa ou de popa... Com esse oportuno auxílio é que a estrada chegou até o Rio Dourados, oitenta quilômetros mais ou menos além de Água Parada. Dali regressou com os seus elementos de trabalho o prestativo auxiliar da Comissão. O sertanejo que assim unia-se ao empenho patriótico do inclito General Cândido Mariano estava dando um belo exemplo de abnegado esforço pelo progresso da zona de Maracaju onde viveu desde mocinho e onde morreu aos setenta e tantos anos de idade (...).

Depois da Guerra do Paraguai a fronteira passou a ser área estratégica para a segurança do País. O governo pouco conhecia a região, não se sabia exatamente os limites. Não havia quase domínio público sobre a área.

Chico Alves certamente enxergava as novas oportunidades com a abertura da estrada: facilitava-se o acesso a Ponta Porã e Campo Grande; a comunicação; haveria maior fluxo de pessoas; aquecimento do comércio; valorização das terras, enfim.

Mas, segundo consta, ele fora o único da região a oferecer tamanho desprendimento à Comissão Rondon.

Tinha espírito visionário.

Embora existam papéis guardados pelo Juca relacionando o fornecimento de materiais como graxa, prego, vacas, feijão, arroz, vigas, pranchas de madeira, charque, milho, farinha, correntes, serras, entre outros itens, com os respectivos valores, Domingos disse que seu pai nada recebeu do governo.

O apoio financeiro seria equivalente ao preço de mil bois.

Esses comprovantes são assinados pelo major Nicolau Horta Barbosa datados de 27 de março de 1927 e 31 de dezembro de 1927 contendo selos validando o documento. Em meio ao acervo há um recibo assinado pelo major confirmando uma dívida com Chico Alves de dois contos de Réis que seriam pagos com juros, com data de 15 de setembro do mesmo ano.

Essa rodovia é a primeira do Sul de Mato Grosso. Quem dividiu isso aí foi o Rondon. Você vinha de Campo Grande para ir a Dourados, Dourados era um lugarejo, passava em Vista Alegre (...) O Rondon foi chamado para combater os revoltosos de 24 com oficiais de engenharia, combateu lá em Guáira e ficou dirigindo aqui o Major Nicolau e então eles entregaram ao meu sogro o trecho de Santa Gertrudes ao Rio Dourado para dirigir o pessoal".³⁹

O museu de Maracaju guarda a corrente usada pela Comissão Rondon para medir as distâncias. Essa peça tinha sido dada de presente a Chico Alves pelo próprio Rondon e àquele, por sua vez, ao filho Sebastião. Essa peça tem 20 metros de comprimento ligados em gomos de ferro e aço na forma de pequenos espetos.

³⁹ J. R. SILVA.

A filosofia de vida de Chico Alves era inspirada no conceito positivista “O Direito é Moral”.

O distrito de Vista Alegre, além de ser sua “menina dos olhos”, surgiu de maneira curiosa, inusitada e talvez até por teimosia.

Ele sonhou em construir uma cidade com escolas grátis para a população pobre, farmácias, comércio e tudo mais.

As suas principais fazendas possuíam escolas, farmácias e capelas.

Antes a área de Vista Alegre era conhecida como Hervânia (alguns autores citam Hervânia).

Conforme FERREIRA e ROSA (1998, p. 143-4-5), os fazendeiros e outras lideranças criaram a Associação Incentivadora de Instrução concebida pelo farmacêutico João Pedro Fernandes para discutir a ideia da fundação do povoado.

João trouxe, de Nioaque, sua farmácia em 1923 devido ao surto de malária na região de Maracaju.

Chico Alves fora convidado para a reunião na Fazenda Sete Voltas. Ele não havia participado de uma primeira na Fazenda Santa Rosa quando se lavrou uma ata cujos originais, até onde se sabe, não existem mais.

A reunião era para começar às 10h no Natal de 1923 antes da festa oferecida pelo pecuarista Nestor Pires Barbosa. Seria o ato de fundação de Maracaju e esperava-se consenso em torno da localização da área de 204 hectares que pertencia a Nestor, na margem direita do córrego Montalvão.

A intenção inicial era se erguer escola, farmácia e casas comerciais.

Por volta do meio-dia Chico Alves não tinha chegado. Depois do churrasco, às 15h, o convidado especial não chegara. À noite, iniciou-se o baile com a polca paraguaia animando os jovens nas danças. Às 22h o fazendeiro Gilberto Teixeira Alves tomou a iniciativa de reunir o grupo para tratar do assunto da fundação e resolveram aceitar a oferta de Nestor Pires deliberando sobre a questão.

Chico Alves apareceu na manhã do dia seguinte quando o baile se encerrava.

(...) quando os últimos acordes da sanfona de Negro Renovato encerraram as danças, um automóvel Ford surgiu na volta da estrada... Era Francisco Alves Terra que chegava dirigindo o seu próprio carro e na porteira da entrada do pátio, por intermédio de um peão da fazenda, ele tomou pleno conhecimento do resultado da reunião. Ficou bastante agastado por não ter sido aguardada a sua presença para a deliberação da escolha do local apropriado à fundação do Patrimônio e manifestou o seu desagrado, dizendo enfaticamente:

– Bem, os senhores já escolheram o lugar para o patrimônio, não me foi possível chegar na hora combinada... Tive dificuldades com o meu carro e, somente hoje pude comparecer. Mas não faz mal! Era minha intenção oferecer também uma boa área para a localização do povoado... Entretanto, como tudo já está resolvido, vou, eu próprio, fundar também um povoado!

Estava lançada, a partir daquele instante, a fundação de Vista Alegre.⁴⁰

Um dos integrantes do grupo que em 1923 deliberou pela fundação do povoado, Francisco Bernardes Ferreira, ex-prefeito de Maracaju (1946–1950), ex-juiz de Paz, ex-vereador e ex-Promotor Público, ligado ao PSD e depois à Arena, natural de Uberaba (MG), em palestra ministrada no Rotary Club de Maracaju sobre a fundação do Município (s.d.) relembrou que a decisão deveria ser comunicada aos representantes da Autoridade Pública, ou seja, ao coronel Francisco Alves Terra.

Chico Alves, segundo ele, foi “homem de grande prestígio e influência políticos que poderia concorrer muito para o bom êxito do objetivo que era desejado por todas as pessoas ali presentes”.

Esse relato consta no livro “Rascunho de uma Experiência” (FERREIRA, 1982, p. 123) cujo autor é o filho de Francisco Bernardes.

De acordo com Bernardes três dias depois da primeira reunião apareceu em Santa Rosa o coronel Chico Alves desejando tomar conhecimento dos fatos. Nesse encontro fora convidado por João Pedro Fernandes para participar do encontro na Fazenda Sete Voltas.

⁴⁰ FERREIRA e ROSA, op. cit, p. 144.

O Cel. Francisco Alves Terra, disse então, que era de pleno acordo e em princípio achou muito interessante a ideia da fundação de um povoado na região serrana, apenas não concordou com o local escolhido, pois, segundo ele, naquele lugar não existia matas suficientes, de onde pudessem ser retiradas madeiras para a construção das casas.

Disse ainda que também ele, Francisco Alves Terra, faria a doação de terra de sua fazenda *Mata*, para a constituição do patrimônio, pois, referida fazenda era muito rica em matas, onde podiam ser encontradas todas as espécies de madeira de lei.

João Pedro Fernandes disse então, que tudo aquilo poderia ser resolvido, por ocasião da reunião a ser realizada na Fazenda Sete Voltas (...).⁴¹

Bernardes relatou que todos aguardaram por Chico Alves que só foi chegar às 8h do dia seguinte à festa. Tomaram a decisão achando que ele não viria mais. O primeiro nome escolhido para o povoado foi “Josinápolis” em homenagem à esposa de Nestor Pires Barbosa.

Mais tarde as autoridades trocaram-no por Maracaju.

Já o pesquisador e historiador Demóstenes Martins afirma nesse mesmo livro (FERREIRA, 1982, p. 228) que tinha sido fixada uma cota de cada associado, de 100\$000, para a compra das terras para a Associação. No final da reunião apareceu Chico Alves comprometendo-se a conseguir com o general Alfredo Reveilleau 300 hectares de terras da Fazenda Montalvão.

De acordo com a mesma fonte Nestor recebeu 800\$000, contribuição dos associados, como primeira parcela do pagamento.

Entrementes, não se verificando a aquisição dos 300 hectares de terras a que se comprometera adquirir Francisco Alves Terra na reunião de 25 de Dezembro de 1923, foram comprados 215 hectares do general Alfredo Reveilleau, anexos aos anteriormente comprados de Nestor Pires Barbosa, na Fazenda Montalvão.⁴²

⁴¹ FERREIRA, 1982, p. 124.

⁴² Ibidem, p. 229.

Entre fins de 1923 e início de 1924, Chico Alves cumpriu sua palavra e fundou Vista Alegre reservando 200 hectares da Fazenda Ramalhete com lotes sendo doados e outros vendidos a preços irrisórios para os colonos. A medição foi feita pelo engenheiro Ernani Simões Corrêa.

As doações, de fato, ocorreram de forma alternada, começando com a fundação e indo até a década de 40. Depois de viúvo providenciou-se o inventário e ele se desfez do resto de terras que lhe pertencia naquela localidade.

Dona Victória morreu em 5 de julho de 1940 de colapso cardíaco em Agudos (SP) quando viajava em direção a São Paulo para tratamento de saúde. O médico da família era Fernando Correia da Costa, ex-governador do Estado (1951–1956) durante a Terceira República (1945–1964).

“Dona Victória era uma mulher muito boa, todo mundo gostava dela, ela era uma mulher humanitária, dava as coisas”, lembrou Agostinho.

Chico Alves passou ali em Vista Alegre a sediar suas atividades de chefe político. Médicos amigos seus estiveram no povoamento atendendo gratuitamente a população como Camilo Hermelindo da Silva, Joaquim Teixeira, Francisco Izidro Varela; farmacêuticos como Arnulpho Fioravanti, Garcete e Arnaldo Fiederich; professores, inclusive um deles de Niterói (RJ), Washington Nicolau, pago por Chico Alves, além de outros profissionais.

Empenhou-se em transformar o lugar em próspera cidade.

O papai tinha uma indicação de terra muito melhor porque ele achava que Maracaju tava num lugar pedregoso, terreno de declive, não era um local ideal, não tinha recursos naturais como brejo, mata, ele tinha uma outra indicação de terra melhor, mas como era dele, ele poderia ceder uma outra em outro lugar, mas que também tivesse melhor, porque ele entendeu logo do início, progresso, sociedade, ele não via interesse político.⁴³

O pioneiro Ivanor Ferreira de Souza se recorda que a estrada de ferro ia passar em Vista Alegre, mas o “chefe” de Maracaju tirou a Noroeste do

⁴³ D. M. TERRA.

distrito e aí fracassou a localidade. Não tinha outro meio de crescer porque não tinha agricultura, não havia mais quase matas, eram apenas os 200 hectares separados por Chico Alves.

De acordo com reportagem publicada no Jornal “O Progresso” (1998, 15 jan., Caderno dos Municípios, p. 4), Chico Alves doou parte de uma área em Vista Alegre para Amélia Adão, a “Mãe Amélia”. Essa escrava fez promessa para São Sebastião ao se recuperar de uma moléstia grave que quase a deixou parálítica: realizaria uma festa de seis dias, em janeiro, para a comunidade pobre da redondeza.

Nesse terreno, em 1928, dona Victória ergueu a primeira capela em homenagem ao santo. Essa festa se tornou tradição no povoado realizada na segunda quinzena de janeiro.

O Dia de São Sebastião é 20 de janeiro, data da procissão.

São Sebastião também é considerado patrono dos agricultores de Vista Alegre que hoje em dia patrocinam a festa cuja programação chega a se estender por quatro dias ou mais.

Em 2005 realizou-se a 77^a edição.

O festeiro de 2005 foi Eduardo Otávio Teixeira Marcondes.

“Mãe Amélia”, natural de Três Corações (MG), teria chegado à fazenda de Antônio Alves Ribeiro de Lima em 1902 ou fins do século XIX onde ele ergueu para ela um rancho às margens do Córrego Brejo Alegre. O primeiro culto a São Sebastião aconteceu nesse rancho assim como a primeira festa.

O retrato da “Mãe Amélia” pode ser visto na sede Fazenda “Caa-Porã”⁴⁴, a 3 km de Vista Alegre, de Pedro Ricardo Teixeira Marcondes.

⁴⁴ Na língua Guarani significa “erva bonita”.

Sobre a fortuna de Chico Alves:

Contavam os mais antigos que o Chico Alves era um homem que você não podia falar nada (...) Tinha que ter uma língua bem curtinha. Ele teria achado dois bordados, tinha uma negra velha chorando na beira do córrego com um tacho cheio de libras. Tudo mundo conta, todo esse mundo... Acharam um pote de dinheiro, em dois enterros, a Margarida, tal de Margaridinha, achou um tacho e deu para ele.⁴⁵

Segundo LIMA (s.d.p. 82) tornaram-se lendárias as notícias de enterros do Marechal Francisco Solano Lopes (1826–1870) e da companheira dele, madame Elisa Alicia Lynch, nos dois lados da fronteira, logo após a Guerra do Paraguai:

Até algum tempo atrás escavações absurdas eram realizadas à procura de tesouros.

Além da lida com a roça e com os rebanhos Chico Alves aproveitava a erva-mate, nativa na região, e sabia produzir uma erva de boa qualidade. Comercializava carretas de erva-mate, com bons lucros, para diferentes localidades superando longas distâncias e dificuldades de transporte.

No decorrer dos anos aumentou o rebanho e adquiriu outras áreas.

Trocava cargas de milho, arroz e feijão por novilhas, bois, vacas, bezerros e cavalos. Pouco se plantava e a maioria dos fazendeiros apenas criava gado, uma atividade mais segura e menos arriscada, ao contrário dele que gostava de ter de tudo um pouco e aproveitava as matas e áreas de várzea.

Para comprar o sal viajava-se até o patrimônio paraguaio “Estrela”.

Ponta Porã ainda era um lugarejo sem recursos.

Com suor, dedicação e habilidade nos negócios Chico Alves se transformou em lenda se despontando entre os parentes e outros fazendeiros da época.

⁴⁵ A. P. da SILVA.

.....

Em texto versando sobre fatos e pessoas da década de 1940 a 1960 em Vista Alegre, elaborado em homenagem à festa de São Sebastião, de autoria do comandante da Marinha, Milton Alves Ramires, dedicado ao amigo Juca e ao benfeitor Chico Alves (20 jan. 1972), na Fazenda “Tapê-Cuê”, o lugarejo é lembrado com saudades, alegria e poesia.

Esse oficial da Marinha que teria perto de 60 anos em 2005 reside no Rio de Janeiro, segundo Ciro Aniz.

Milton lembrou que o padroeiro sempre protegeu aquela comunidade com a coragem de guerreiro. Citou a rua comprida, as duas valas laterais que nos dias de chuva trazia a enxurrada no sentido do cemitério-ponte e que aquilo era motivo de brincadeira para os guris.

Quando o Sol aparecia surgia à poeira fina levantada pelos caminhões que de Ponta Porã a Campo Grande ali paravam e os motoristas buscavam almoço ou janta, o hotel ficava cheio. Os guris rondavam os caminhões, era novidade, principalmente quando aparecia um modelo diferente.

“A Preferida”, estabelecimento comercial cujo prédio ainda existe em 2005 no distrito era do avô de Milton, o senhor Alexandre.

Recordou-se do barracão do “seu” Elesbão que servia de depósito de erva, de feijão, de abóbora, de milho, escritório e quarto para o proprietário que vivia em esquisita solidão.

O tio Henrique, dono do hotel, nas horas vagas ervateiro e fazendeiro. Citou o Jorge Alemão e sua oficina, o “seu” Ramon e sua “Casa Aniz”. O velho turco Miguel, “eterno sonhador”, vendedor de bilhetes de loteria da “Fasanello” que vinham pelo correio. Esse turco lia todos os jornais e naquele tempo fazia pequena guerra árabe-israelense. Era o tradutor das cartas que da Síria chegavam até o lugarejo. Morreu, segundo o Milton, “sonhando, procurando as suas pedras preciosas que jurava um dia encontrar”.

Em relação ao coronel Chico Alves menciona que ele saía às vezes do seu sossego em estranhas carruagens por ele mesmo inventadas para visitar o melhor amigo: dom Alexandre.

Não se esqueceu das risadas do João Preto sempre com uma faca larga na cintura, bem afiada, mania de açougueiro; do passo miúdo e trançado do Antônio Cipó; do cachimbo torto da vovó Licha; do churrasco do Abrão, no Sete de Setembro, reconhecendo a Pátria que o acolheu; a vitrola, chorona, da dona Leonora, “onde o quilômetro 11 não dava vez aos outros discos”.

Falou sobre a professora dona Mauzer, do colégio antigo, filha do Jorge Alemão, uma moça bonita e o colégio que às vezes servia de salão para bailes de São João; dos bailes do Petito e sua sanfona que nunca parava, ainda mais depois do primeiro trago e da rancheira. A festa rolava noite adentro com cheiro de brilhantina e muita animação.

O velho Arquidame, contador de histórias do Rio São Francisco, de Minas Gerais, onde tinha sido marinheiro de gaiola, tinha cabeça branca e não envelhecia; do Nhonhô Padeco, irmão do Abílio e de dona Adélia, representante dos Barbosas; do “seu” Ramão Ortiz de dona Gregória; do “seu” Artidório.

Recordou-se do Miguelzinho Braga, magro, bigode ralo, negro bom que gostava de cuidar de cavalos, bom jóquei de cancha reta; do Gutenberg, misto de boêmio, aventureiro, farmacêutico e político.

Aos domingos a terra ganhava ainda mais alegria, cavalos amarrados, camionetas como do “seu” Leonel e do João Nogueira, dos seus filhos Astolfo e Amâncio, do Pompílio, do doutor Paulo Simões...

“Era o dia dos violões, dos tragos e da cerveja gelada”.

A cerveja era deixada no ponto de ser tomada na geladeira Eletrolux do Henrique. Tinha jogo de bilhar que nunca parava, mesmo sob o lampião do Petromax. O Didato era o mestre, filho de João Duecke, jogava com uma mão.

Eu lembro que existiam quatro sírios; tinha o Alexandre, o Henrique Said tinha um hotel e esse que era muito meu amigo, o

senhor Ramon Aniz tinha uma casa de comércio; a diversão do povo era a corrida de cavalo, morei lá em 35, 37 ou 38...⁴⁶

A “casuarina”, do Abrão, árvore muito alta e que se avistava de longe anunciando a chegada à Vista Alegre “como se fosse um farol”. Nos dias de ventania, uivava triste como animal perdido no campo. Era um jequitibá.

Vista Alegre chegou a ter projeção de cinema nos áureos tempos cuja máquina era acionada a manivela.

Naquela época Chico Alves tinha um poder muito grande em Vista Alegre, depois teve uma contrariedade entre separação de lugar, convidaram ele, ele demorou um pouco e o povo de Maracaju criou Maracaju, Nestor Pires Barbosa doou 200 hectares (...) Mas graças a Deus a nossa cidade, Vista Alegre, está muito bem organizado (...) Lá tem a igreja que nós deixamos trancada, a de Francisca Amélia. (...) Ele, Chico Alves, mandava lá, ele deu as terras e conseguiu mandar naquele povo, ele organizava, quando precisava de gente, ele reunia o povo de Vista Alegre e até um campo de aviação ele fez, juntou 200 homens, fizeram na enxada, não tinha trator, tudo no braço (...) O povo vinha trabalhar e ele não pagava nada, ele era o coronel, mandava. Esse campo de aviação, no dia em que vieram inaugurar, teve gente até que correu (...) O primeiro avião desceu por volta de 1930 e pouco, era um teco-teco aqui de Campo Grande, o avião encheu o pessoal de terra (...) A gente comprava mercadoria do Rio Grande do Sul, pala, arreio, ferragem, pelego, demorava três meses para chegar. Hoje você compra à tarde e em três dias está aqui. Tinha cerveja empalhada no saco com 60 garrafas.⁴⁷

O livro de FERREIRA (1982, p. 185) possui “A Página Dedicada a Hervânia”.

O autor relembra os imensos pés de erva para mate plantados por pioneiros, produtora da apreciada amarelinha; os bailes do Boqueirão; as crioulas bonitas na casa do negro velho, o Bastião; do toque certo e

⁴⁶ O. R. do VALE.

⁴⁷ C. ANIZ.

afinado da sanfona do Petito; dos bailecos iluminados à candeia; do Miguel Braga; da negra velha Joaninha; do bolicho e pensão do Henrique Said que servia gostosa refeição; a casa comercial do Ramão Aniz vendendo puitã de pura lã.

Aquilo, para ele, era terra de fortuna, terra dos melhores cavaleiros; cita os tratadores de parceiros Aurélio e seu irmão Marcelo; também terra dos padecos; berço do jovem oficial Juca, “nosso major”; menciona a Fazenda Guatapá do José Ribeiro, cunhado do Juca; o Mangueirão do Domingos; a Fazenda Vertente, do Ladislau e a figura do Hortulano, dono do Bajudo, onde havia imenso perobal.

“São anos de saudades que a ti dedico, Vista Alegre, também terra de Azarias Alves, parente caçador, juntamente com seu fundador coronel Chico Alves, em companhia de sua mulher, a grande VITÓRIA”.

Há uma passagem ilustrando bem o perfil destemido do coronel Chico Alves.

Segundo FERREIRA e ROSA (1988, p. 111-2-3-4-5-6-7), além dos índios serem ameaça constante e agirem sempre de forma traiçoeira e perigosa contra os fazendeiros⁴⁸, em 20 de janeiro de 1917, dois paraguaios assassinaram Osório Garcia de Lima, proprietário da Fazenda Cervinho, saqueando a sede.

Durante o ataque também foi morto o cunhado do fazendeiro Osório Ferreira de Lima e ferido gravemente de faca o pedreiro José de Almeida Carriço, este de origem portuguesa. Essa tragédia abalou a família Alves de Lima.

Os índios perturbaram muito. Eles sempre procuravam atacar as fazendas. Mas o meu bisavô, Antônio Alves Ribeiro de Lima, era

⁴⁸ Os autores não citam a etnia desses índios e contrariam o registro feito por Demóstenes Martins (FERREIRA, 1982, p. 226).

traquejado nessa parte de exploração, ele fez um mirante para espantar o ataque dos índios, ele fez uma tocha de fogo, quando via que os índios vinham atacar, ele subia lá e acendia aquela tocha de fogo e ali eles se retiravam...⁴⁹

Osório Garcia de Lima era homem rico, tinha vendido gado e guardava o dinheiro em casa como faziam os fazendeiros naquela época. Tinha sido avisado sobre os vestígios de estranhos escondidos na mata. Ele não deu importância, achando que se tratava de algum caçador.

Na tarde chuvosa daquele dia os dois estranhos apareceram pedindo pouso e comida. O mais velho se identificou como sendo Justo Leão e tinha uma cicatriz na face. O outro, semblante fechado, carrancudo.

Os visitantes foram convidados para o jantar e, depois, durante o momento em que Osório conversava com eles na varanda foi atacado. Ele levou vários tiros e, o cunhado, uma bala certa na cabeça. Nisso o pedreiro apareceu na varanda e foi agredido a facadas, mas mesmo ferido conseguiu fugir e buscar ajuda no Brejo Alegre onde acontecia uma festa, próximo da fazenda, provavelmente a de São Sebastião, onde se encontravam todos os empregados e familiares.

Na sede a esposa de Osório, Maria Osória de Lima, em adiantado estado de gravidez e com os cinco filhos menores foi coagida. Ela foi obrigada a entregar dinheiro, joias e pratarias.

Os assassinos e ladrões fugiram à noite pela mata adentro.

Naquela mesma noite Chico Alves formou uma escolta reunindo Cândido Corrêa da Silva, Ananias Ferreira de Lima, Gilberto Teixeira Alves e os peões Brasilino Vianna de Oliveira, Quitério Louveira, Antônio Monteiro e o português Manuel Cabral.

Nenhum detalhe, por menor que fosse, escapou à argúcia de Chico Alves e dos seus homens, na caçada humana iniciada na Fazenda Cervinho e que se prolongou até a cidade paraguaia de

⁴⁹ M. da G. O. L. MECCHI.

Pedro Juan Caballero, aonde, finalmente, os criminosos foram localizados.⁵⁰

Os marginais foram presos por policiais paraguaios, mas se recusaram a entregá-los a Chico Alves. Seriam levados para Assunção para serem processados e condenados porque tinham nacionalidade paraguaia.

Chico Alves e Gilberto Teixeira Alves teriam sido detidos e ameaçados de morte na delegacia diante da insistência.

Os demais integrantes da escolta teriam permanecidos afastados em local estratégico. Ficaram sabendo da detenção.

Assumiram a liderança os fazendeiros Ananias e Cândido.

No dia seguinte sob guarda da polícia paraguaia os marginais saíram a cavalo para serem levados para Assunção pela picada “Chiriguelo”.

A escolta teria se adiantado e montou emboscada.

Os guardas e os criminosos cavalgavam calmamente, conversando animadamente quando teriam sido surpreendidos.

Rendidos, os policiais nada puderam fazer.

Os assassinos teriam sido trazidos de volta à Fazenda Cervinho.

Os autores do livro narram que o delegado paraguaio, na tarde daquele mesmo dia, sem ainda ter tomado conhecimento da rendição de seus guardas e prisioneiros, soltou Chico Alves e Gilberto.

Mas relatos escritos anos mais tarde pelo Juca, em 1986, afirmam que Chico Alves foi preso por ter invadido a fronteira e teria ficado enclausurado por um mês e condenado a fuzilamento.

Mas como ele falava o guarani e tinha influência e amigos na fronteira, um ex-patrão de José Alves Terra, João Lima e o filho Abel Lima ajudaram-no a fugir.

O brasileiro João Lima era tido como poderoso fazendeiro e caudilho dentro do Paraguai.

Há a versão segundo a qual Chico Alves teria ficado preso por meses e tido como morto pela família. Teria retornado cabeludo e barbudo...

O advogado Ayrthon Barbosa Ferreira revelou que a história contada no livro “Maracaju e Sua Gente” fora alterada. Chico Alves é quem teria

⁵⁰ ROSA e FERREIRA, op. cit, p. 114.

prendido os paraguaios assassinos. Mas quando estaria conduzindo-os teria sido detido por policiais paraguaios.

Mas Ayrthon não explicou o que se sucedeu com os assassinos.

Chico Alves teria subornado os policiais para ser libertado e mesmo assim ainda teria tido ajuda de Abel Lima com armas, balas e cavalo para fugir à noite, segundo Ayrthon.

O Chico Alves queria pegar esses paraguaios achando que foi alguém que mandou matar o fazendeiro (...) Não foi um grupo de fazendeiros que foi até o Paraguai, foi o Chico Alves e mais dois.⁵¹

A chacina tinha sido encomendada, segundo Juca, porque havia gente interessada na herança de Manoel Modesto, ex-dono da Fazenda Ramalhete, sede da administração da gleba de meio milhão de hectares reservada pelo Império a João da Silva Machado, o célebre Barão de Antonina, influente político e senador do Império.

Esse barão era gaúcho, mas residia em sua fazenda na Faxina do Itapeva, na Comarca de Curitiba, então pertencendo à Província de São Paulo. Ele teria arquitetado um plano para se apossar das terras do Sul de Mato Grosso ao saber que o Parlamento elaborava a Lei das Terras promulgada em 18 de setembro de 1850 cuja intenção era assegurar os direitos de todos que tinham posse efetiva de qualquer área no País.⁵²

O coronel Marcondes na abertura do livro tomo do “Santuário da Imaculada Conceição” (1º nov. 1991) construída na Fazenda da Mata conta que o seu bisavô, Antônio Alves Ribeiro de Lima, depois de fazer o reconhecimento das terras e dos escombros da Guerra do Paraguai fora a São Paulo adquirir uma grande área denominada Cachoeira Sete Voltas e Passa Cinco, ex-terras do Barão, registrando-a em Nioaque.

⁵¹ A. B. FERREIRA.

⁵² Cf. ROSA, 1962, p. 42.

A primeira área ocupada foi a da Fazenda Pulador onde foi morto João Cavaleiro⁵³, administrador das terras que pertenciam ao Barão que também já tinha morrido naquela época, em 1875.⁵⁴

A herança ficou para a filha do Barão e o genro, o comendador Felisberto Nepomuceno Prates, mas as terras já tinham sido vendidas ao doutor Ernesto Mariano da Silva Ramos e esposa Maria Amália Rudge da Silva Ramos.

Antônio procurou o doutor Ernesto para fazer a transação cuja escritura de compra e venda foi lavrada em 30 de outubro de 1876, folhas 62 e verso do Livro nº. 04 pelo 2º Tabelião de São Paulo, capital. Foram 33.351 hectares ao custo de quatro contos de Réis para serem pagos em seis anos, além de juros.⁵⁵

O bisavô do Marcondes é citado na ata como “capitão Antônio”.

Sobre a penetração dos ALVES na serra de Maracaju, outra versão é dada por Francisco Bernardes Ferreira, em seu livro “Maracaju e sua Gente em parceria com o Dr. Albino Pereira da Rosa (*fls. 101 a 109*) onde narra que a chegada de Antônio Alves Ribeiro de Lima verificou-se no ano de 1872, na Fazenda Santa Rosa, de propriedade do capitão João Caetano Teixeira Muzzi. Foi esse militar, segundo obra citada, que indicou a Antônio Alves, terras da Fazenda Passa Cinco como sendo ótimas para a criação de gado e ainda agricultáveis. Antônio Alves foi ver os campos recomendados em companhia do filho adotivo Lúcio Domingos (...) E após viajar umas quatro léguas, atravessaram um vau no córrego Cachoeira, nas proximidades de um riacho pararam para descansar, quando Antônio disse a Lúcio Domingos que aquele era o local certo para se morar e incontinentemente levantaram um rancho e ali permaneceram por seis anos, regressando após a Santa Rita do Sapucaí. (...) Antônio Alves era casado com dona THEREZA DAS DORES TERRA, filha de Ananias Fulgêncio Rodrigues Terra e Hipólita Justiniana de Jesus (...) Thereza e Antônio, esses dois bravos e destemidos bandeirantes, valentes e rudes, a quem o Município de Maracaju deve muito pelo desbravamento,

⁵³ Cf. FERREIRA, op. cit. p. 125, a referida pessoa é identificada como sendo o francês Jean Cavaliere, mais conhecido simplesmente por Cavaleiro.

⁵⁴ Cf. ROSA, op. cit. p. 143.

⁵⁵ Cf. FERREIRA, op. cit. p.125-6.

colonização e povoamento, vencidos pelas árduas lutas do sertão, vieram a falecer ela no ano de 1908 e ele em 1909, ambos na Fazenda Pulador, onde foram sepultados (...).⁵⁶

Embora haja versões desencontradas consta que o administrador não teria aceitado o recibo de compra e venda apresentado por Antônio alegando que só aceitaria documento assinado pelo Barão. Na discussão os dois teriam puxado a arma e Antônio teria sido mais rápido. Há também a versão segundo a qual João teria montado uma tocaia para tomar o documento do sertanejo, mas teria sido descoberto e morto.

Antônio Alves Ribeiro de Lima veio ao Mato Grosso atraído pelas notícias de que as terras eram roxas e vermelhas misturadas com areias azuis, fofas e cheias de húmus, massapé inesgotável, com ótimas pastagens naturais próprias para a criação e recriação de gado vacum e cavalos. Havia ainda extensas matas virgens, serrados, apropriados para a agricultura e caça de animais selvagens.⁵⁷

“Chegando aqui deu uma peste nos cavalos, meu bisavô perdeu todos os animais, aí começou tudo de novo”.⁵⁸

Ele teria vindo, segundo outra fonte, recomendado a procurar Ladislau Marcondes de Oliveira Campos que lhe mostrou diversas áreas, mas Antônio gostou da Fazenda Passa Cinco pertencente ao Barão.⁵⁹

Antônio Alves Ribeiro de Lima foi um dos fundadores de São João de Alfenas, distrito formado no século XIX, na Província de Minas Gerais.

Os pioneiros tiveram que “limpar” a região dominada por quateiros.⁶⁰

Os assassinos de Osório Garcia de Lima teriam sido punidos de acordo com o costume. Teriam sido escarpelados.

Nunca mais teriam sido registrados casos assim na região.

“Todos esses anos os marginais que apareciam aqui sumiam, tanto que São Paulo pegava ladrão e jogava para cá e sabia que sumia tudo”.⁶¹

⁵⁶ FERREIRA, 1993, p. 126-7.

⁵⁷ Ibidem, p. 124.

⁵⁸ M. da G. O. L. MECCHI.

⁵⁹ Cf. FERREIRA, op. cit. p. 124.

⁶⁰ Denominação dada aos bandoleiros de origem paraguaia que saqueavam as fazendas dos sertanejos, posseiros e cometiam crimes de homicídio.

⁶¹ M. da G. O. L. MECCHI.

Em meados de 1925 Chico Alves e sua comitiva acompanhados pelo argentino Saturnino Pires passaram pelo povoado de Dourados com a intenção de caçar e pescar na fazenda de Horácio Marques de Mattos. Essas caçadas eram frequentes e eles ficavam dias enfiados no mato.

Chico Alves gostava dessas aventuras.

Capturava, entre outros animais, cachorros do mato e quatis.

Nos anos 40 ele criava 12 cachorros caçadores, mas dois deles, segundo Agostinho, eram prediletos: “Gaivota” e “Leão”.

Esses cães eram bem alimentados à base de milho e carne para resistirem às caçadas e às longas jornadas pelas matas.

Horácio tinha uma profunda gratidão pelo coronel.

Pelos anos 30 ou 40 ele havia levado três carretas de boi carregadas com erva-mate e couro para serem comercializadas em Aquidauana. Na volta, os bois cansados, as carretas com suprimentos atolaram até o eixo por causa da chuvarada em uma terra amarela.

Lidou, sem êxito, para desatolar.

Resolveu ir até Chico Alves, a fazenda não estava longe, em busca de ajuda. Chegando à casa do amigo o coronel ordenou ao capataz, pai do Bartolo:

– Vai lá e pega cinco juntas de bois descansados e traz as carretas deste guasca aqui...

O coronel disse a Horácio visivelmente abatido com a longa viagem:

– Você vai ficar aqui uma semana só comendo, bebendo e descansando. Você está muito fraco, doente...

Mandou chamar o farmacêutico José Elias, da própria fazenda:

– Olha Zé Elias, trata este guasca como se fosse meu irmão...

Depois de uma semana Horácio achou que já estava bom para ir embora...

O farmacêutico reprimiu-o:

– Não, o senhor não vai embora ainda. Quem manda aqui é o Chico Alves... Os seus bois ainda estão tropeçando de fome aí no Jaraguá...

Quase todos os fazendeiros daquela imensa área descendem de gente como esta que se desgastou no melhor tempo da vida:

desbravando sertões; enfrentando toda sorte de dificuldades, lutando contra as endemias; abandonados pelos governos que não lhes davam escolas, estradas, garantia de qualquer espécie, justiça – para não falarmos em ferramentas e transporte ou, pelo menos, facilidades para aquisição do sal e do arame. (...) A carência de garantias e a careca do sal. Isto representava desgosto e acabrunhamento para todo fazendeiro.⁶⁴

.....

O Juca nasceu em 16 de setembro de 1910.

Ele gostava da vida bucólica ora caçando, ora pescando, ora cavalgando. Aprendeu com pouca idade a lidar e a comercializar gado.

Passou a infância com os irmãos na Fazenda da Mata brincando com eles e os filhos dos agregados, meninos pobres, em absoluto reinado de inocência.

Eram tempos de alegria e fraternidade sempre vigiados pelos pais naquele ambiente de pureza.

Mas, como um garoto buliçoso, era dado a fazer suas peraltices.

Sempre teve fixação por cobras, admiração por armas e sonhava com aviação, uma novidade na época.

Desejava estudar para ser alguém importante na vida e seguir carreira militar. Admirava os oficiais com suas fardas e missões destemidas. Desde pequeno demonstrava espírito de liderança e sabia impor sua opinião.

Ele não gostava de ser chamado Juca porque existia, em Vista Alegre, a esposa de um senhor cujo nome dela era Juca.

Certo dia de manhã, ele chegou em casa e nós conversando, um contava uma história, outro contava outra. Aí eu falei Juca, e ele se antecipou e me disse que tinha uma coisa para contar:

– Ô Ciró, não me chama de Juca, você em vez de me ajudar, eu sou o coronel José Alves Marcondes, Juca é a mulher do fulano...

⁶⁴ LIMA, op. cit., p. 70.

Aí eu não esqueci nunca mais...⁶⁵

Ambicionava possuir suas próprias coisas.

Ajudava seu pai em tudo que era preciso na lida com a fazenda. Chico Alves exigia dinamismo dos filhos.

Sempre quis ser um orgulho para os pais, dedicado e proeminente.

“Sei que dos filhos ele foi o mais danado, a minha mãe não podia com ele... Era arteiro, de mexer com os outros, de bater, brigar com os irmãos (...) Era uma pessoa muito ativa”.⁶⁶

Iniciou os estudos na própria escolinha da Fazenda da Mata. Nesse local, por ordem de Chico Alves, todos cantavam o Hino Nacional antes da aula. Ali estudavam parentes e filhos de funcionários e o ensino era gratuito. O coronel pagava o salário dos professores.

Depois Juca passou para a escola da Fazenda Ramalhete onde concluiu a fase primária.

Que eu me lembre, na infância, achava muito gostoso... Agora, a gente só brincava com os filhos dos empregados. Por isso que eu falo que convívio com o irmão Juca não teve, ele tinha 10 anos a mais, foi mais com as pessoas estranhas. Então aquilo lá para a gente, a Mata significa algo diferente, como se tivesse dado a origem a todos nós. E aí a gente viveu naquele sonho (...) Aquele lugar é muito bonito e na época era muito interessante, quando eu era maior subia naquele morro, descia, rolava pedra, era uma coisa diferente porque na época a gente não tinha brinquedo comprado (...) Era assim à vida, a infância que a gente teve lá. Naquele morro subi muitas vezes para brincar... Muito. Rolar pedra lá de cima e ficar olhando o estrago para baixo, o barulho né, puuummm... Puuummm... Puuummm... Aquilo para a gente era uma farra.⁶⁷

⁶⁵ C. ANIZ.

⁶⁶ D. M. RIBEIRO.

⁶⁷ S. A. MARCONDES.

Chico Alves aceitou a sugestão do marechal Cândido Rondon e do major Nicolau Horta Barbosa para levar Juca e Lau para o Rio de Janeiro. No início eles ficaram na casa, em Petrópolis, do major, até serem matriculados no Ginásio Anglo-Brasileiro, em 1926, onde concluíram a fase ginásial.

Quando saíram com destino ao Rio, o primeiro trecho, de Vista Alegre a Dourados, de 120 km em estrada de terra, foi vencido em um dia.

Em Dourados Juca e Lau hospedaram-se na casa de Antônio de Carvalho, o “Carvalhinho”, ou “Nhonho”, recém-casado na época, ex-prefeito de Dourados (1948-1951).

“Carvalhinho” e os Capilés eram amigos de infância.

Brincavam na Fazenda da Mata.

Em 1928 Juca retornou do Rio transferido para o Ginásio Municipal de Campo Grande, do professor João Piau, onde concluiu o curso seriado secundário de Bacharel em Ciências e Letras em 1932. Esse estabelecimento veio a ser Ginásio Municipal Dom Bosco dos padres salesianos.

Em 1929 Juca incorporou-se como praça no 18º Batalhão de Cavalaria em Campo Grande.

Uma viagem de Campo Grande à Vista Alegre em “Fordes bigodes” podia durar uma semana em dias de chuva.

Um grande empreendedor (...) Mas a principal característica de Chico Alves foi à humanidade, a parte humana, a parte que muitos talvez desconheçam, era um homem que tinha uma ligação muito forte com as pessoas, principalmente com as mais humildes, construiu uma pequena cidade que levou o nome de Vista Alegre, antigamente Ervânia como era chamada. Essa cidade foi construída porque ele desejou deixar para cada um de seus subordinados, seus empregados, um chão, um lote, uma casa, e ali com recursos próprios ele construiu essa cidade. Por questões outras a estrada de ferro que se imaginava pudesse passar por essa região acabou sendo desviado no sentido de Maracaju (...) Vista Alegre permaneceu estagnada, hoje está se tornando mais um pólo agrícola, com silos e aumentando a produção, o asfalto que está por fim chegando por aqui, a luz, a telefonia, está

Chico Alves, seus filhos e alguns parentes aderiram ao movimento. Juca estava, pela segunda vez, no Rio, onde frequentava a Escola Curso Anexo para o Realengo. Retornou para Mato Grosso.

O coronel Chico Alves tinha trincheira definida. Recebeu armamentos do Exército e formou um batalhão com 400 homens.

Juca encarregou-se da formação do contingente de paisanos para ser incorporado às Forças Revolucionárias de Bela Vista nomeado ao posto de tenente pela 9ª Circunscrição Militar.

O general Klinger teria apreciado muito a decisão firme de Chico Alves de se juntar aos revoltosos.

O tenente Juca Marcondes colaborou firmemente com o governador Vespasiano Martins como delegado regional na fronteira.⁷¹

Durante aqueles dias de tensão, acompanhado pelo Domingos, Juca apresentou-se ao general Klinger no quartel em Campo Grande:

- Comandante! Quais são suas ordens?

- O momento é de ação, muita ação! Estou indo para São Paulo, de onde vamos comandar a revolução...

Dizem, aliás, que a revolução começou em Campo Grande, quando o comandante da Circunscrição Militar, general Bertoldo Klinger, se solidarizou oficialmente com o comandante da 2ª Região, de São Paulo, exonerado por Getúlio em face dos acontecimentos político-revolucionários naquele Estado. De julho a setembro de 1932, o país viveu uma verdadeira guerra civil, quando o Sul de Mato Grosso deu total apoio a São Paulo, para lá seguindo as forças federais do general Klinger e corpos de voluntários (...).⁷²

Em Bela Vista foi organizado o 1º Batalhão Provisório incorporado ao 10º RC para deter o desembarque das tropas gaúchas com o nome

⁷¹ Jornal "O PROGRESSO", 20 dez. 1985.

⁷² CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 1991, p. 127.

Regimento Bento Gonçalves, comandada pelo coronel paisano Quincas Nogueira que era, por ironia do destino, amigo de Chico Alves.

Nas imediações de Porto Murtinho Juca teria participado de confrontos violentos com mortes e destruição das tropas revolucionárias.

O Estado de Maracaju durou apenas 82 dias.

Juca, ao lado do pai, já tinha se envolvido na Revolução de 1930 considerada uma das maiores do Brasil.⁷³

Chico Alves, governista, encontrava-se em Campo Grande para conseguir armamento e formar um Batalhão de Combatentes Cívicos, o necessário para se ter seis exércitos legalistas em apoio ao Presidente Washington Luís (1926–1930).

Com o fracasso do movimento acabou ficando preso por 24h.

“Na revolução de 30, o Exército, o 11º, mandou caminhão cheio de fuzis e munição para papai armar o pessoal aqui no caso de invasão”.⁷⁴

Juca também alistou-se no Paraguai para participar da Guerra do Chaco (1932–1935)⁷⁵, entre o Paraguai e a Bolívia, mas não chegou a ir para o “front”. Recebeu, anos mais tarde, o título de “Coronel Honorário”.

Na década de 50 Juca empenhava-se pela implantação do Partido Democrata Cristão (PDC) no Mato Grosso.

O senador Vespasiano Martins enviou-lhe uma carta:

Rio, 17 de maio de 1954.

Meu caro amigo Marcondes.

Saudações cordiais.

Quando você me comunicou que tínhamos chegado à encruzilhada na qual teríamos que fazer nossas despedidas, percebi que uma nova bandeira estava desfraldada por você. E recordei os longos anos em que tive o amigo e companheiro ao meu lado nas lutas

⁷³ Cf. AZEVEDO, CEGALLA, PENNA, SANGUIORGI e SILVA, 1971, p. 441, Washington Luiz não concluiu o quadriênio; houve grande agitação com a escolha de seu sucessor e sobreveio a Revolução. Seu sucessor, Júlio Prestes de Albuquerque, fora eleito, era opositor de Getúlio Vargas, e os partidários deste entendiam que tinha havido fraude no pleito. Irrompeu um grande movimento armado nos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba. E, antes que os revolucionários, vindos do Sul, chegassem a São Paulo, oficiais gerais do Exército e da Armada depuseram no Rio o presidente Washington Luís 22 dias antes de terminar o seu mandato.

⁷⁴ S. A. MARCONDES.

⁷⁵ Esse conflito resultou em mais de 30 mil mortos, segundo o professor Antônio Carlos Guttler. www.energia.com.br/apoio/atuais/antonio. Acesso em 15 ago. 2005.

cívicas e políticas, desde a revolução de 32, quando abandonando os estudos, veio se colocar ao lado do movimento revolucionário em prol da constitucionalização do País, cujo movimento, em meu Estado, fui o Chefe Civil.

A luta, naquela época, foi dura e nos trouxe revezes, tivemos que espiar nossas *culpas* de querermos para o Brasil um regime democrático digno e respeitado. (...).

Terminada a Revolução de 32 muitos líderes utilizaram a rota por Mato Grosso rumo ao Paraguai fugindo da perseguição. O coronel Chico Alves foi aconselhado pelo coronel Quincas Nogueira a se ausentar com os filhos por algum tempo se oferecendo a levá-los para uma fazenda de sua propriedade na região de Cantanário (PR).

Mas Chico Alves não foi. Apenas o Juca.

Esse episódio prejudicou Vista Alegre porque médicos e professores se evadiram.

Em 1930 as principais lideranças políticas de Maracaju ficaram ao lado de Getúlio Vargas e faturaram prestígio. Vista Alegre tinha ficado contra e por isso pagou o preço, pois, logo depois Maracaju emancipou-se e virou Município.

A posição política de Vista Alegre só fez aumentar o desprestígio junto aos “ditadores” de Cuiabá.

Se não fosse a resistência de algumas famílias, a fé em torno do padroeiro e o fato de o distrito abrigar a Missão Rondon a localidade poderia até ter desaparecido do mapa em função da retaliação política e do descaso.

Na Revolução de 32 já tinha esses trilheiros, então chegou a Vista Alegre um pelotão de homens, os revoltosos lá. Queriam comer uma vaca ou duas. O que tinha naquele tempo era carne. Então tinha umas vacas de tal de João Leite, era um sírio. Tinha oito ou dez vacas mansas. O Chico Alves disse, não, eu vou fazer isso. Pegou o mosquetão. Ele atirava muito bem. Atirou. Pá! Pode carnear!

– Mas o senhor vai matar essas vacas leiteiras? – perguntaram.

– Para carne, qualquer uma serve...

Comeram todas as vacas e aí chegou o João Leite:

– E as minhas vacas coronel?

– Depois eu te dou outras...

Até hoje. Naquele tempo era assim. Tempo bom, não volta mais... Conheci bem Chico Alves, andava a cavalo com o mosquetão enfiado no arreio. Era magro, alto, meio doente só. Inteligente coisa louca viu, isso ele era.⁷⁶

Por causa do confronto entre Paraguai e Bolívia a fuga se deu com o grupo embrenhando-se pelos sertões do Rio Paraná descendo por Porto Felicidade, em Amambai, em barças da Frota Empresa Mate Laranjeira até a Velha Guaíra, Sete Quedas.

No percurso que durou vários dias navegando pelo Rio Paraná, em meio à exuberância da natureza agreste, estiveram juntos Feliciano Vieira, Benedetti, o tenente de cavalaria Manoel Martins, entre outros.

Juca aproveitou a viagem para ler o livro de Alexandre Dumas (1802–1870), “Os Irmãos Corsos”.

Teria comentado sobre a bela natureza daquela região e previsto:

– Isto aqui vai ser um mundo novo!

A construção da usina hidrelétrica binacional de Itaipu transformou realmente o cenário daquela região e na época ele não tinha a menor ideia desse mega-projeto⁷⁷.

A Revolução acabou sem nenhuma perseguição.

Getúlio foi um grande estadista e sabia que não era uma baderna a Revolução, mas a reação de uma elite secular que perdeu o poder para a tomada de Vargas de uma estrutura que precisava mudar. Reconciliou com a maioria deles e aproveitou os bons no seu governo que transformou o país rural em um país urbano e industrial.⁷⁸

⁷⁶ C. ANIZ.

⁷⁷ MARCONDES, 1973.

⁷⁸ D. M. TERRA.

Porfírio Ferreira de Brito, bisavô de Leôncio de Souza Brito Filho, o Léo Brito, era outro grande amigo de Chico Alves.

Passavam semanas juntos hora na fazenda de um, hora na do outro pescando e caçando catetos, queixadas e onças.

Chico Alves era um atirador notável.

Contou-me o seu amigo coronel Branco, da família Ferreira, que assistiu uma vez numa caçada, ele matar uma anta correndo, na travessia de uma picada e quando esta caíra levantou um coelho que também ele matou com o segundo tiro que deu, tudo com muita rapidez.⁷⁹

Quando Juca tinha seus 12 anos em uma das visitas à Fazenda São Bento Chico Alves apareceu em seu reluzente Ford modelo T atravessando grotas, picadas, pontes e bica de aroeira.

O banco traseiro do Ford era o sofá-cama do menino e quando se aproximaram da fazenda ele acordou com os costumeiros tiros para o alto anunciando a chegada.

Chico Alves andava dentro do carro com uma arma 45, modelo de desnucar, um calibre 38 e um revólver 32, a arma do crime.

Naquele dia ele esqueceu o revólver 32 dentro do carro.

Juca pegou-o e deu o primeiro tiro de sua vida estilhando o para-brisa de cristal do *fordinho*.

Seu pai, mais pelo susto do acidente com o filho do que com o para-brisa quebrado, aproveitou para lhe dar umas lambadas de guaxa. O menino foi salvo pela tia Áurea que determinada enfrentou o pai tirando-o pelo braço justificando seu gesto com uma frase que bem representava aquele período: lugar de menino e de mulher é na cozinha. Já na cozinha encontrou outras mulheres como Isaura Brito, mãe de Wilson Porfírio dos Santos,

⁷⁹ TERRA, op. cit. 1975.

Helena Brito Bacchi de Araújo, Haideé Brito, mãe de Luís Carlos Bacchi de Araújo e Fernando César de Bacchi de Araújo e dona Clara Brito. Ali conquistou a amizade de dona Clara que junto com as moças de no máximo 20 anos lavava as louças do almoço já pensando nos quitutes do jantar.

Essa história quem me contou foi o próprio coronel Marcondes numa viagem que fizemos de Dourados a Maracaju em seu avião. Ele com 90 anos, todo pilchado de gaúcho, lenço no pescoço, bombacha, bota, chapéu e mais faceiro que égua de dois potrilhos, queria pilotar. O pitoresco desse trajeto foi que chegando ao aeroporto de Maracaju eu o apresentei ao pessoal como Olívio Dutra, na época, governador do Rio Grande do Sul. Do aeroporto ao Parque da Eu, ele olhou firme nos meus olhos e rindo, disse:

– Olívio Dutra é a puta que te pariu!⁸⁰

O território da Fazenda São Bento deu origem aos 120 mil hectares que Porfírio possuía, parte delas formando o Município de Sidrolândia, a 60 km de Maracaju. Sidrônio Antunes de Andrade – genro de Porfírio – foi quem loteou parte da fazenda formando a cidade.

Chico Alves morreu em 22 de junho de 1952, aos 74 anos, vítima de tétano. Um de seus primos, personagem na história de Dourados, é o médico mineiro Camilo Hermelindo da Silva.

Eu não digo se ele tinha dinheiro, mas de terras ele deixou todos os filhos bem. Naquela época ele foi dando, vendendo para todo mundo, aquelas chácaras em Vista Alegre eram todas dele, eu não digo que ele tinha 40 mil hectares, mas tinha muito (...) Ali quando começa da Fazenda Santa Lúcia, aquilo lá tudo era dele, até Vista Alegre.⁸¹

Pouco antes da morte pediu para ser enterrado no morro da Fazenda da Mata.

⁸⁰ L. de S. FILHO.

⁸¹ C. ANIZ.

Não queria ficar sob a terra, não admitia que alguém pisasse sobre seu túmulo. Desejava permanecer na fazenda porque ali tinha sido o início de muitas coisas boas em sua vida.

Coincidência ou não Michel Nostradamus (1503–1566) teve o corpo emparedado porque não queria que ninguém pisasse no túmulo dele.⁸² Em uma de suas biografias veiculadas na Internet consta que esse profeta foi sepultado em pé para que não pisoteassem seus ossos.⁸³

Chico Alves quis ser enterrado onde ele tinha instalado duas cruzes, onde se refugiava para pensar.⁸⁴

Um dia, na varanda da casa da Fazenda da Mata, conversando com Sebastião, casado com Juracy Corrêa, Chico Alves disse ao filho:

– Você está vendo aquela pedra lá em cima?

– Estou...

– Quando eu morrer você põe eu lá em cima?

– O senhor querendo, a gente põe... Mas o senhor não se incomoda da gente laçar uma corda e ir puxando porque não tem jeito...

– Não, não me importo, mas no dia vocês vão achar um jeito melhor...

A conversa ficou nesse pé.

Quando o velho morreu os filhos ficaram na obrigação de cumprir a palavra. Chico Alves havia dito que seria fácil enterrá-lo no cerro. O morro possui uma pedra em formato de uma mesa e resolveram, ali, construir a sepultura.

O coronel pediu para Juracy arrumar uma testemunha para ele ter a certeza de que os filhos cumpririam a palavra:

– Eu vou tentar, eu prometo...

Nestor, filho de criação do coronel, também estava na fazenda e Juracy disse-lhe:

– Nestor, você é a prova, a testemunha que eu prometi. Ah!... Agora eu entendi! O senhor mandou aqui no Sul durante 30 anos e agora quer ficar lá em cima de certo continuar a mandar lá do alto... – brincou a nora.

Chico Alves ouviu e disse:

– Então agora eu morro tranquilo...

⁸² Essa informação consta no filme “Rios Vermelhos 2 – Anjos do Apocalipse”, de Oliver Dahan, versão em DVD, da Europa Filmes.

⁸³ Disponível em <http://pt.wikipédia.org/wiki/nostradamus>. Acesso em 18. jul. 2005.

⁸⁴ Vide capítulo 1, p. 2.

A morte do coronel mobilizou uma multidão com gente vindo de toda a região.

O velório aconteceu no distrito, mas depois o corpo foi levado para a Fazenda da Mata, a 30 km, com o cortejo acompanhado por caminhões, carros, cavalos e carroças.

Para se levar o material de construção da sepultura como tijolos, balde de areia, água, cimento e o caixão até o morro perfilaram-se como no sistema árabe dois “paredões” com cerca de 100 pessoas de cada lado...

Na sede mataram gado para alimentar o povo.

Lenhadores da estrada Noroeste foram chamados para ajudar.

Durante os últimos anos de vida Chico Alves teve sérios problemas com a hanseníase. Na época existiam poucos recursos para o tratamento dessa doença na região de Maracaju. Havia muito preconceito em relação às pessoas que sofriam dessa moléstia⁸⁵.

O tétano evoluiu depois que Chico Alves teria pisado sobre um pedaço de madeira em brasa. A ferida não teria cicatrizado e o quadro acabou se agravando, levando-o à morte. Há outra versão de que ele costumava esquentar as botas à beira do fogo em dias frios e calçava-as aquecidas. Isso teria causado feridas nos pés.

Teve gente que não acabava mais. Era tanta gente que formou uma fileira, então o caixão saiu lá de baixo e foi passando de mão em mão, lá já tinham amarradas umas piolas, tinham umas escadas para subir, então foi a coisa mais fácil que ninguém esperava. Depois que resolveu foi assim como uma roda girando. E aí ele ficou lá em cima. Parece que o espírito dele, si é que tem porque eu não acredito, tava orientando a maneira de o caixão subir.⁸⁶

Chico Alves costumava dizer de forma assombrosa:

⁸⁵ Cf. o dermatologista Pedro Lúcio Zanúncio, o primeiro medicamento efetivo contra a hanseníase surgiu em 1941, chamado “Sulfonas”. Essa informação foi dada em 15 fev 2005. Esse médico possui consultório em Dourados e atende a rede pública nessa especialidade.

⁸⁶ S. A. MARCONDES.

– Se vocês tiverem dificuldades para levar o caixão até o morro podem abri-lo que eu mesmo ensino como deve ser feito...

O túmulo é pouco visitado, se resumindo mais aos Finados, em função exatamente do lugar de difícil acesso, pois, é exaustivo escalar o morro até a sepultura.

O coronel Marcondes costumava lançar, de seu avião, coroa de flores sobre a sepultura e chegou até a passar um susto danado por causa dessa manobra arriscada.

Sobre o enterro do Chico Alves, eu me lembro muito pouco. Eu não estava lá. Foi trabalhoso. Aquele morro lá em cima, aquelas pedras. Disse que ele falou:

– Eu não quero ficar embaixo de ninguém, quero ficar em cima!⁸⁷

Odilon Ribeiro do Vale, arrendatário da Fazenda da Mata por cinco anos quando ela pertencia a Sebastião, disse que o túmulo de Chico Alves foi violado uma vez não se sabe por quem e por qual motivo.

Sua cunhada, Judith Marcondes Machado, confirmou isso.

O dia em que foi o velório do Chico Alves, eu fui junto. Nós carregávamos dois tijolos... Gente era igual formiga, o povo carregando tijolo lá para cima. Ele foi velado em Vista Alegre e depois trouxeram o corpo para a fazenda, mas tinha que fazer a carneira dele lá em cima... Tinha uma parte que até amarraram um cipó assim para a gente se segurar para a gente subir... Cada um levava tijolo, um pouco de areia. Nós fomos num caminhão lotado, tinha umas 50 pessoas de Vista Alegre, mas todo mundo de Vista Alegre foi, negro, branco, bugre, paraguaio.⁸⁸

⁸⁷ C. ANIZ.

⁸⁸ G. G. ARAÚJO.

O jornal “Diário do Povo”⁸⁹ (5 nov. 1993) divulgou a tradição da família Marcondes em visitar o túmulo de Chico Alves no Dia de Finados data quando se celebrava missa na igreja da Mata.

Em 1993, de acordo com a notícia, reuniram-se 300 pessoas de Dourados, Maracaju e Vista Alegre. A maioria assistiu a missa do lado de fora porque a igreja comporta apenas 50 pessoas sentadas.

Algumas delas subiram no morro para acender velas em intenção da alma de Chico Alves.

“Chico Alves resolvia problemas com facilidade. Não teve escola, de Direito ele entendia muito e Engenharia também. Era muito inteligente. Era um homem útil na região”.⁹⁰

Uma pessoa, sob a condição de não ser identificada, contou que Chico Alves, na velhice, ao fazer um negócio desfavorável, depois de se arrepender, se fazia de surdo e mudo.

Quando lhe cobravam tal coisa respondia:

– O que é que foi? – colocando as mãos em forma de concha nos ouvidos...

Como era temido e respeitado ninguém o desafiava...

Parte da desavença no aspecto político com a família Alves, dividida nas eleições, devia-se ao temperamento forte de Chico Alves.

Na campanha política do Ladislau para prefeito (...) Foi duas vezes candidato e perdeu as duas em Maracaju. A primeira foi roubada e a segunda também. Eu conheci tal de Sebastião, parente do Lau até, porque eles eram contra os filhos do Chico Alves. A família Alves eram assim, eles podem querer negar hoje, mas era assim por causa do Chico Alves ser autoritário. A primeira vez perdeu por sete votos, a segunda por uns 50, mas o Tatão que ganhou do Lau riu de mim e disse:

– Oh! Odilon, nós nunca ganhamos eleição de vocês, todas foram roubadas...

A eleição tem que roubar porque ganhar era duro. Tatão é o Sebastião Alves Corrêa, isso foi entre 40 e 50 e poucos. A

⁸⁹ Cf. LUCIANO, 2003, p. 112, o jornal “Diário do Povo” passou a se chamar “Diário MS” a partir de 13 de dezembro de 2000.

⁹⁰ J. R. SILVA.

segunda foi contra Aristides, com 60 votos por aí de diferença, a eleição com Domingos foi com Carlinhos Azambuja. Na eleição do Domingos nós trabalhamos muito, foi à urna de Vista Alegre que elegeu ele, Vista Alegre era UDN quase todo mundo, contra o PSB, Ladislau e Domingos eram da UDN.⁹¹

Domingos Marcondes Terra foi prefeito entre 1955 a 1959 pela UDN-PSP.

Odilon Ribeiro do Vale recorda-se que a diferença parece ter sido de seis ou sete votos na eleição do Domingos.

Ayrthon Barbosa Ferreira disse que foi apenas um.

Ciro Aniz acha que foram sete votos.

Maracaju sempre foi comandada pelo PSD, mandava, era dono de Maracaju, a única derrota que teve foi comigo. Cuiabá ficou alarmada quando chegou notícia lá de que em Maracaju o PSD havia perdido. Disseram isso não é possível. O outro candidato era Carlos Azambuja.⁹²

“Depois que ele, o Chico Alves, falava assim: esta mesa é de barro, você não falasse que não era não, não falava... Bento, você faz isso para mim, você não podia dizer não porque ele era mandachuva”.⁹³

Eu fui companheiro na campanha política do Ladislau. Até hoje eu não sei, tinha o companheiro dele, o Antônio Alves Corrêa, olha, era dura à política, viu... O Domingos ganhou depois por sete votos, Vista Alegre fez a diferença. É até engraçado, Domingos estava perdendo com 300 e poucos votos e lá eram quase 400 eleitores, mais ou menos. Aí o papai perguntou para o senhor Neném que era o prefeito:

– Escuta aqui, como está aí?

⁹¹ O. R. do VALE.

⁹² D. M. TERRA.

⁹³ G. G. ARAÚJO.

– Estamos ganhando por 300 e tantos votos...

O papai ainda falou:

– Pode aguardar, Domingos tira o pelego de vocês aqui em Vista Alegre...

Coisa braba viu, aqui era duro de ganhar.⁹⁴

Juca e Lau receberam a notícia da morte de Chico Alves no Rio de Janeiro.

Durante o sepultamento Juca leu uma mensagem de despedida escrita por ele representando os filhos.

Enalteceu as virtudes do pai e seu legado, chamou a atenção sobre o papel da terceira geração de 17 netos naquele ano:

“E na terceira geração, o impulsionar do progresso será a vossa eterna memória, o culto à vossa personalidade”.

Eis um trecho:

Pode estar tranquilo, junto à nossa pranteada mãe e vossa diletta esposa que também nos deixou no coração o dom da bondade, a solidariedade e o estímulo para vencer as vicissitudes. Porque foi ela, o espírito puro da tolerância. Amou e teve fé, por isso a reverenciamos nas alturas. Oh morte! Não te maldizemos porque tu consagras os heróis e hoje leva um deles. E agora o povo deste rincão vem de corpo presente, trazer-vos a sua despedida, com o coração chicoteado pela saudade, recordando a vossa vida pública onde lutastes por todos, por vossos amigos, parentes e vizinhos, enfrentastes vendavais, trovoadas, lamas, frio e a escuridão que vinha da noite e da incompreensão de muitos... Adotaremos o vosso lema: vencer, ter fé, ser útil para a coletividade e a Pátria.

O Paraguai, depois da guerra da Tríplice Aliança, ficou na miséria e seus homens, os poucos que restaram, buscavam emprego no Brasil. Até por volta de 1935 a mão de obra na Serra de Maracaju era em sua maioria

⁹⁴ C. ANIZ.

formada por paraguaios, mas havia certa restrição porque muitos se envolviam em brigas.

Isso preocupava os fazendeiros além da presença dos quateiros.

Na Fazenda São Marcos Chico Alves foi chamado para uma reunião. O doutor Machado, pai de Paulo Machado, da Fazenda Engenho, em Maracaju, iniciou um movimento para expulsar os paraguaios.

Depois que todos deram suas opiniões Chico Alves que tinha um tom de voz forte, dominante, perguntou:

– Doutor Machado, aquela cerca da cabeceira tal à cabeceira tal tem duas léguas, de tal lugar a tal lugar tem tanto, quem fez aquela cerca?

– Foram os paraguaios... – respondeu.

É um serviço pesado com aroeira.

Continuou:

– Quer dizer então que vamos expulsar esses homens. Quem nós vamos ter para empregar para fazer esse serviço pesado? Nós vamos fazer?

Aí o doutor Machado respondeu:

– Se Chico Alves fosse burro ninguém montava nele – e todos riram.

O meu bisavô conseguiu uma enorme área de terra, uns progrediram mais como o Chico Alves, ele era uma pessoa que em toda a atividade dele, era bom nos negócios, tinha visão, era inteligente.⁹⁵

Embora as datas não sejam precisas o coronel Chico Alves morou do início de 1900 até 1948 na Fazenda da Mata; de 1948 ao final de 1950 em Vista Alegre e, finalmente, até sua morte, na Fazenda da Lagoa (Paraíso).

Ele montou a Fazenda “Caí-Corá”⁹⁶ onde chegou a residir por certo período. Quando abriu essa área ela era chamada de “Mangueirão” e pertenceu ao filho primogênito, o Hortulano.

Para atravessar as áreas de Chico Alves, a cavalo, através de picadas e vaus demorava-se no nascer do Sol ao crepúsculo vespertino...

⁹⁵ M. da G. O. L. MECCHI.

⁹⁶ “Caí-Corá”, língua Guarani, significa “mangueira de macaco”, segundo Odilon Ribeiro do Vale. Chico Alves batizou essa fazenda com esse nome porque assim que foram feitas as cercas, os macacos ficavam correndo sobre os fios de arame.

Chamavam-no também de “Conde de Maracaju”.

Francisco Alves Terra é nome de uma Praça no Rio de Janeiro entre as Ruas Capitu, Fritz Feigl e Avenida Sylvio Figueiredo na XVI Região Administrativa Jacarepaguá cujo decreto, nº. 3404 (9 fev. 1982) foi assinado pelo ex-prefeito Júlio Coutinho. Essa é a praça mais importante de Jacarepaguá.

É nome de uma vila em Dourados, no Grande Itália, onde o coronel Marcondes possuía uma chácara com sete hectares adquirida por volta de 1980.

Nessa vila o coronel Marcondes doou um terreno para a construção de creche e um outro para a implantação da Fundação Cardiogeriatrica que leva o nome dele e do doutor Haroldo Pereira da Silva (Funpema).

Nessa entidade, atendendo idosos pobres com problemas no coração, os médicos prestam assistência gratuita. Foi inaugurada em 2 de abril de 2004 em uma solenidade prestigiada pela sociedade e políticos. Está localizada na Rua Independência, 730.

A casa onde funciona a fundação foi recuperada a partir de doações da sociedade.

O coronel Marcondes criou uma vila em Ponta Porã com o nome de sua mãe, Victória Marcondes Alves.

Francisco Alves Terra é o nome da principal avenida que corta Vista Alegre, hoje pavimentada.

Juca puxou o temperamento rígido do pai.

3. O JOVEM JUCA MARCONDES

O “calor” da Revolução de 1932 fortaleceu o diálogo de Juca com pessoas influentes no cenário nacional e algumas se tornaram amigas.

Foi volumosa a troca de correspondências. Juca escreveu e recebeu muitas cartas e guardou a maior parte.

Em 30 de janeiro de 1933 Hitler ascendeu ao Poder na Alemanha.

Essa data marca, tanto quanto o pode fazer uma simples data, o fim do período “após-guerra”, na história européia. Durante os catorze anos que se lhe seguiram, os estadistas tiveram seu pensamento subordinado à guerra passada, às suas lições e aos problemas que ela deixou por solucionar. De 1933 em diante, eles se viram forçados a subordinar cada vez mais seu pensamento à próxima guerra, e não à que passara.⁹⁷

Ao mudar-se novamente para o Rio de Janeiro no início dos anos 30 Juca morou numa pensão na Rua Buarque de Macedo, 25. Teve como companheiro de quarto um estudante de Birigui (SP), Vitório Maroni, que se formou médico na Escola Nacional, na Praia Vermelha. Eles conviveram juntos até por volta de 1936.

Dos tempos do velho Largo do Machado e Lamas outros colegas eram Camilo, Borba, Lemos, irmãos de Biasi, Miss Paraná e Callet.

Joaquim Nogueira, em papel personalizado, escreveu para o Juca de Guaíra, Paraná (2 jan. 1933):

Meu grande e mais estimado amigo. Meus abraços extensivos a todos da família. Muito grato fico por todos os seus cartões e seus dizeres de cordial amizade.

⁹⁷ INNIS, 1º Ano, 1949. p. 19.

É portador da presente o nosso amigo capitão Benedetti⁹⁸ que hora deixa a nossa fazenda em perfeita ordem e segue ao Rio em cumprimento de um convite de amigos do mesmo, levando como é natural a nossa gratidão (...).

Muito às pressas escrevo, por isso deixo tantas coisas a tratar no momento.

Outro amigo, com assinatura indecifrável, mas conhecedor da vida política em Vista Alegre, enviou notícias de Porto Suares, Bolívia, retribuindo carta do Juca (3 fev. 1933). Comentava sobre o magnífico passeio, referindo-se possivelmente à fuga pelo Rio Paraná; reportou-se sobre o anfitrião, coronel Quincas, e falava da boa vontade das autoridades bolivianas ao recepcioná-lo.

Respondeu estar satisfeito com a nomeação “dos amigos Paulo-Laucídio porque talvez desta forma V. Alegre ficará livre de um verdadeiro crápula que é o tal de lázaro (com L minúsculo)”.

Seriam Paulo Coelho Machado e Laucídio Coelho, ilustres personagens da histórica política, cultural e econômica de Mato Grosso do Sul?

Uma segunda correspondência de Joaquim Nogueira (2 jun. 1933) comentava, entre questões domésticas: “Benedetti e Julinho estão bem, estão na minha fazenda”. Pediu ao Juca, em Vista Alegre, para enviar um recado ao coronel Chico Alves para não se preocupar com conversa fiada: “quando eu estiver ahi, arrumaremos tudo pelo melhor”.

Nogueira escreveu outras duas cartas, do Hotel Caxias, Largo do Machado.

Em 22 de março de 1933 mencionou o coronel Newton Cavalcanti, novo comandante da Circunscrição: “é nosso amigo (...) nossas relações aqui foram feitas por intermédio do governador Dr. Getúlio e do Ministro da Guerra”.

No trecho final agradeceu o cavalheirismo do coronel Chico Alves “em ter acolhido a letra em poder do Autonomista”.⁹⁹

⁹⁸ Cf. Souza, p. 40, provável referência a Feliciano Vieira Benedetti, cujo nome aparece na Ata de Instalação do Município de Dourados e posse do primeiro prefeito. Foi delegado de Polícia no período entre 1950 e 1960, atuando em Cuiabá, Bela Vista e Dourados e teria participado da Revolução de 32 ao lado do coronel Chico Alves. Tinha ligações com o Exército e teria feito parte da Coluna Prestes.

⁹⁹ Cf. METELO, esse era o apelido de Leonardo Corrêa da Silva, introdutor do gado Nelore em Mato Grosso.

A carta de 29 de março de 1933 cita fatos políticos no Mato Grosso:

Nada mais tínhamos a fazer que apoiar fortemente o Dr. Leônidas que assim apoiamos a quem merece e satisfazíamos em todo à vontade do Governo Federal. Tenho tido demorado conferências em todos os ministérios, prolongada audiência com o chefe de governo com quem antes de seguir tratarei novamente, podendo desde já lhes assegurar que devemos alistar o maior número possível. Peço transmitir com (...) brevidade esse pedido ao meu estimado amigo, vosso pai, pedindo-lhe desde já todo o empenho possível (...) Peço que se ele já não o fez, deve fazer, oferecendo-se ao Dr. Leônidas com todo seu prestígio.

Então com 24 anos incompletos Juca matriculou-se na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio, uma das instituições mais conceituadas naquele período. Concluiu o curso em 1938.

Em 1936 fundou o Centro de Amizade Cultural, Brasil-EE.UU.

Ainda em 1936 iniciou o Curso de Preparação para Oficiais da Reserva (CPOR) e em 1938 foi declarado Aspirante à Oficial da Arma de Cavalaria.

Foi o orador da turma.

Remeteu suas aspirações à espada que os formandos estavam recebendo e ao juramento para defender a integridade nacional e obedecer fielmente os superiores. Inspirava-se em dois vultos inabaláveis pelo heroísmo e fé patriótica: coronel Carlos de Moraes Camisão (1821-1867)¹⁰⁰ e o tenente Antônio João Ribeiro (1820-1864).

Em seu discurso de formatura afirmou que as grandes conquistas foram obtidas pelos povos que melhor souberam organizar seus Exércitos e que a arte militar aperfeiçoou-se na Grécia e em Roma. Citou as batalhas entre os Gregos e Persas, a passagem das Termópilas em que Leônidas, o espartano intimado por Xerxes a depor as armas, teria dito:

- Vem buscá-las!

Falou da admiração por Felipe da Macedônia (356-336 a.C.); Alexandre, o Grande; Aníbal (1851-1927); César (100-44 a.C.) e Carlos

¹⁰⁰ Faleceu em 29 de maio, à margem esquerda do Rio Miranda, vitimado pela cólera. O Visconde de Taunay (1843-1879), imortalizou-o no seu livro "A Retirada de Laguna".

Magno e, em tempos mais próximos, Napoleão Bonaparte (1769–1821), para ele, este, “o maior gênio da guerra de todos os tempos”.

Entre os grandes guerreiros da América mencionou Bolívar (1783–1830, general e estadista venezuelano), San Martín e Caxias (1803–1880) – ele acreditava inclusive que Caxias seria um parente distante por ter o Alves no nome. Caxias se chamava Luís Alves de Lima.

Destacou a camaradagem e a solidariedade irmanada durante os três anos distinguindo, em especial, o sargento Castela “pela lhaneza de trato dispensado a todos”. Os formandos se cotizaram para comprar uma lembrança a esse oficial, um par de botões ao custo de 120 mil Réis.

“O papel do Exército na política brasileira tem sido através da nossa história uma força de reconstrução e propulsão do progresso nacional”.

Chico Alves tinha orgulho em ver o filho ascendendo no meio militar e conquistando um diploma de curso superior em Direito. O mesmo sentimento Chico Alves manifestava em relação ao Ladislau que concluiu o CPOR naquele mesmo ano e estudou Medicina.

Para conciliar o CPOR e a faculdade, Juca e Lau se desdobravam horas seguidas nos estudos. Juca tinha que frequentar as aulas à noite.

Hortulano, Demétria e Sebastião estudaram até o nível secundário em bons colégios. Não continuaram porque não quiseram.

.....-

Enquanto isso no “Mangueirão” o travesso Bartolo aprontava as suas com o pacato Hortulano.

Bartolo era terrível nas traquinagens e o jeito patusco rendeu-lhe dois tiros.

Hortulano dormia na rede sesteando na varanda da casa após o almoço. A braguilha aberta expunha a genitália.

Ele tinha um sono pesado.

Bartolo armou uma brincadeira de mau gosto. Laçou com uma linha de nylon o pênis do Hortulano e amarrou a outra ponta na fechadura da porta.

A esposa do Hortulano, a tia Jerônima, viu aquela linha amarrada na porta e perguntou curiosamente:

– O que significa essa linha? – e fechou a porta...

Assustou-se com o berro estridente do marido se levantando com as mãos entre as pernas...

Há a versão segundo a qual Hortulano só foi dar conta da laçada quando se levantou da rede e, ainda meio dormindo, sentiu a fisgada...

Hortulano assuntou, assuntou, até ficar sabendo quem tinha sido o autor...

Não demorou muito a chegar ao Bartolo...

Deu-lhe um tiro na perna. Apesar de bom de mira por pouco a bala não causa um ferimento mais sério...

Mas o negro arisco não aprendia...

Os dois tomavam banho num riacho. Era inverno e a água gelada...

Bartolo pegou uma vasilha com água gelada jogando-a nas costas do Hortulano e tentou sair correndo dando gargalhada...

Hortulano rapidamente sacou a arma da guaiaca e deu mais um tiro acertando de raspão o negro...

Isso o Bartolo contava e era muito engraçado, mas não com o papai, com o Hortulano, o irmão mais velho. As brincadeiras deles eram demais (...) O Bartolo era fogo. Eles eram novos (...) Bartolo contava isso e ria. Teve outra que o Bartolo botou um ossinho debaixo do arreio do cavalo, depois que Hortulano foi subir no cavalo, um cavalo velho, o cavalo pulou e meu tio caiu no chão... Mas ele veio a contar isso depois de velho, ninguém ficou sabendo, até então, quem tinha posto aquele ossinho...

Então era uma atrás da outra e com o papai, o papai era muito amigo do Bartolo, carne e osso os dois. Eles estavam caçando na mata, se não me engano o papai estava com um winchester, uma flobé, não sei se era 22, uma caça de veado, o que era (...) E o cavalo do papai era feroso, o Bartolo tava na frente e os cachorros levantaram o bicho e vinha o bicho na direção do papai... E o papai era agitado, já engatilhou e correu e o Bartolo estava na frente, o cavalo empinou, aí ele foi puxar a rédea e disparou acidentalmente. Bartolo sentiu o tranco:

– O que foi? O que foi – perguntou papai.

Aí o Bartolo botou a mão nas costas e o sangue escorrendo... O Bartolo conta que começou a esquentar, sentir aquela coisa quente, no começo sentiu o impacto e o Bartolo morreu com quase 90 anos e a bala estava dentro do corpo dele. Aí ele disse que o papai se desesperou, dizendo, morreu o meu amigo, meu irmão... Foi àquela luta, conseguiu pegar o Bartolo, aquele bicho era forte demais, o Bartolo viveu junto, ajudando o papai até a morte.¹⁰¹

O padre Wilbert Maciel da Silva, o “frei Beto”, contou que Bartolo era alegre, símbolo da bondade, apesar das presepadas na mocidade.

Ele (o Bartolo) fazia todo ano a festa do aniversário dele (...) Era um salão grande, mas era festa para duas mil e tantas pessoas, aquela pobreza toda ia à festa dele, tinha comida e churrasco para todo mundo, era um cara que gostava do povo pobre lá de Vista Alegre, patrono dos humildes. Ele era um homem popular, a festa dele era conhecida por toda parte aqui na região, a festa do Bartolo.¹⁰²

Em outra oportunidade, período do carnaval, provavelmente no ano de 1935, Juca estava passeando em Vista Alegre e apareceu um curandeiro. O homem foi benzer um velho doente, quase nas últimas, disse que ia curá-lo. Juca ficou sabendo.

Apareceu na casa do velho e começou a olhar pela fresta o que o benzedor estava fazendo.

O benzedor fazia uma sessão macabra usando tripa de galinha e ritos místicos.

Juca entendeu aquilo como uma enganação.

Disse aos rapazes que estavam com ele:

– Mete o pé na porta! Arrebenta...

¹⁰¹ M. P. T. MARCONDES.

¹⁰² W. M. da SILVA.

O coronel Chico Alves entendia que estavam tentando desprestigiá-lo. Na mesma carta comunicava ao filho sobre o início dos serviços abrindo o campo de aviação de Vista Alegre.

“O candidato da nossa simpatia é o Filinto”.

Em carta anterior da Fazenda Acampamento Chico Alves se dizia “fora e desistido de política”.

Reforçou ao filho: “você sabe que eu só acompanho e obedeço ordem militar”.

Lamentava a “baixa politicagem aqui, não se nota patriotismo e sim perseguir os que se esforçam para o progresso e benefício do lugar, lutam só pelo interesse pessoal”.

Revoltado criticou opositores: “com a exploração vem à politicagem”.

O caldeirão político fervia em Cuiabá naquela época com uma surpresa atrás da outra. Chico Alves e os filhos estiveram empenhados de corpo e alma na campanha dos Muller naquele período de forte discrepância e intensas conversações.

Há vários recortes de jornais guardados nos arquivos do coronel Marcondes sobre o assunto, alguns exemplares de periódicos do Rio e outros recortados sem a preocupação de manter a identificação.

O delegado de Vista Alegre João Gonzaga também corretor de gado e proprietário da Casa Brasileira enviou, de Vista Alegre, para o Juca, no Rio, uma carta (30 ago. 1934).

Mencionava a chegada de Chico Alves da Fazenda Acampamento.

O velho estava: “forte e rijo como um tronco de Ipê” assim como a dona Victória, Domingos, enfim, todos da família.

As caçadas continuavam animadas; as primas Antonina e América pediam para o Juca comprar no Rio um livro sobre as regras de bola ao cesto e voleibol para que elas pudessem promover um torneio em Vista Alegre...

Sobre a política: “o nosso eleitorado atingiu a 400 e poucos (...) Tanto eu como velho Chico estamos espreitando, por enquanto, e esperamos suas instruções”.

Em 1º de setembro de 1934 Gonzaga informava: “a seu pedido organizarmos tudo, fizemos umas listas e estamos colhendo assinaturas de eleitores apoiando a candidatura do capitão Filinto Muller”.

O coronel Chico Alves tinha sido o primeiro a assinar.

“Estamos satisfeitos com a sua atitude, escreva-me dando melhores instruções, o Partido Liberal está fracassado, é pena que reste, ou alguns de sua família, ainda estão sendo ludibriados”.

Esperava conseguir mais 85 eleitores.

O médico, cirurgião e parteiro Isidro Francisco Varela, de Vista Alegre, em papel personalizado, enviou carta (4 set. 1934) dizendo estar saudosos das boas palestras com o amigo, das caçadas e pescarias, otimista com os rumos políticos.

“O doutor Vespasiano, depois da (...) aliança com o capitão Filinto, estou seguro de que haveremos de conseguir o que queremos em benefício do nosso povo”.

Fazia questão de o coronel Chico Alves continuar sempre à frente das decisões em Vista Alegre, “pois, Filinto e Vespasiano não de aceitar com satisfação seus valiosos serviços”.

O médico Arthur Jorge, de Campo Grande, em papel personalizado:

Amistosas saudações.

Acuso em meu poder a sua carta de 9 do corrente, acompanhando a manifestação de solidariedade do eleitorado de Vista Alegre à candidatura do cap. Filinto Muller que farei publicar no primeiro número do *O Progressista* a sahir.

Seu pai telegraphou-me de Maracaju dizendo do entusiasmo em todo o Município pelo nosso candidato e da vitória que alcançamos ali no pleito.

Aqui as eleições correram sem incidentes e pensamos que obtivemos grande maioria. A apuração em Cuyabá está sendo favorável a nós, pois, em sete secções apuradas, já contamos uma maioria de 346 votos de legenda. Hontem foi demitido o Laurentino Chaves e nomeado Secretário Geral o Dr. Olegário de Barros.

O comerciante Dionísio do Nascimento, de Maracaju, às voltas com a reabertura da Casa Nascimento escreveu (22 out. 1934) para o Juca. Entendia que o amigo tinha tomado melhor rumo possível “porque lutar

pela candidatura do capitão Filinto Muller é enobrecer-se, desejar o bem estar da família mato-grossense, e o engrandecimento deste grande Estado”.

Para Dionísio:

Melhor candidato não se podia apresentar para futura presidência de Mato Grosso, dada à simpatia que cerca essa alma moça, tendo-se também em conta os elevados dotes de inteligência, de energia, e de valor de que o mesmo é possuidor. De maneira que, como pau-rodado que sou, de coração sou Filintista e estarei solidário aos meus amigos do peito. Aqui contamos com a maioria de votos, isto devemos ao vosso pai (...) Fazendo com isto a vitória Evolucionista. Como amigo e companheiro, estarei sempre ao lado do Francisco para defendê-lo de qualquer mau intenção que se oponha a fazê-lo.

Filinto havia sido lançado candidato ao governo, mas indicou seu irmão Felon que já ocupava a função de interventor nomeado por Getúlio. Ambos eram homens de prestígio em Mato Grosso. Entre as idas e vindas, as nuances da política do período, os opositores derrotaram Felon e deixaram Filinto desprestigiado. Foram traídos por alguns aliados, perderam força e poder.

Na última hora houve a tentativa de lançar Felon ao Senado no lugar de Mário Corrêa, com o consentimento de Getúlio, mas Felon rejeitou a proposta.

O jornal “A Batalha” (24 ago. 1935), do Rio, informava: o Supremo Tribunal concordou com o adiamento da convocação da Constituinte para 7 de setembro. Era para se ganhar tempo, tentar se reverter o quadro.

Os deputados aliados de Mário Corrêa ficaram, por segurança, asilados no Quartel do 16º Batalhão de Cavalaria, em Cuiabá.

Felon como interventor recebia elogios, mas a oposição não queria mantê-lo no poder.

Para Filinto a mudança repentina significava uma grande derrota no seu Estado de origem. Uma das observações feitas por Juca em um recorte

de jornal sobre Filinto: “Entrevista ao Globo de 3 de 9 de 935, não voltou muito satisfeito...”.

O Partido Evolucionista havia ganhado, na eleição anterior, do ex-interventor Leônidas de Matos fazendo 14 dos 24 deputados. O Partido Liberal fez 10 e dois deles haviam manifestado, inicialmente, apoio a Fenelon. Quer dizer, a eleição estaria tranquila tanto para Filinto como para Fenelon.

Mas os adversários usaram bem o argumento de uma possível oligarquia Muller em Mato Grosso e foram, aos poucos, ganhando o apoio de alguns deputados que se rebelaram e essa pequena diferença pesou no colégio eleitoral.

A chamada “mocidade mato-grossense” se alvoroçava contra a traição e publicou uma fervorosa nota de repúdio no “Correio da Noite”. Entre os signatários, Juca Marcondes, Ladislau Alves Marcondes, Rachid Saldanha Derzi...

Deu em “O Globo” (9 set. 1935): “Já está eleito e empossado o Sr. Mário Corrêa”. Obteve 15 votos contra 9 de Fenelon.

Para o Senado foram eleitos Vespasiano Martins e João Villasboas derrotando a chapa formada por Abel Moreira e Leônidas Mattos.

A “mocidade mato-grossense” residente na Capital Federal enviou telegrama de solidariedade a Filinto Muller que foi depois publicado no “Jornal do Brasil”. Entre os signatários, Juca, Ladislau e Rachid...

Não tinha o negócio de propaganda, cédula, nada, os que anotavam estavam lá, tinha uma mesa e estava ali com um caderno, seu nome, fulano de tal, vota em quem, fulano.¹⁰³

O governo de Mário Corrêa foi bastante tumultuado, instável sob o aspecto político e administrativo e logo em 1937 Getúlio Vargas deu o golpe colocando à frente do Governo de Mato Grosso um outro irmão de Filinto Muller, o Interventor Júlio Strubing Muller (1937–1945).

¹⁰³ S. A. MARCONDES.

A criação do Município de Dourados, a 70 km de Maracaju e 220 km de Campo Grande, teve a participação do Juca e do Domingos.

João Vicente Ferreira, sertanista e primo de Chico Alves, teria feito um convite lacônico ao Juca em dezembro de 1935:

– Você está convidado para chefiar uma comissão de Vista Alegre e representar a minha posse na Prefeitura de Dourados...

Juca chefiou a comissão do Distrito de Paz de Vista Alegre, ao lado do irmão Domingos, do doutor Varela, do Antônio Cândido e do delegado João Gonzaga. Foi um dos signatários da Ata da Instalação do Município e posse do primeiro prefeito, João Vicente Ferreira (1935–1937). A reunião aconteceu em uma sala designada para a sede da Prefeitura conforme cita a ata.

Mas Domingos disse que o encontro aconteceu em uma chácara de João Vicente Ferreira nas proximidades do povoado.

João Vicente era um fazendeiro respeitado.

Entre os presentes o coronel Álvaro Brandão representando o Diretório Evolucionista de Ponta Porã (prefeito de Dourados na gestão seguinte, 1937–1943) e o coronel Manoel Ferreira de Lima, prefeito de Maracaju.

Dourados foi criado pelo governador Mário Corrêa pelo decreto nº. 30 (20 dez. 1935); João Vicente foi nomeado pelo ato nº. 734 (24 dez.1935) e a referida ata foi assinada em 22 de janeiro de 1936¹⁰⁴.

(...) eu era músico, toquei na festa, em 1935 eu já tinha 19 anos. Foi a festa do Município, fizeram um baile num salão que tinha aqui pra baixo. Eu tocava violão com tal de Joaquim Quincas de Castro.¹⁰⁵

¹⁰⁴ SOUZA, 2003. p. 66-7-8.

¹⁰⁵ A. R. MARTINS.

O carnaval de 1937 parece ter sido bastante animado em Ponta Porã.

Juca recebeu correspondência (8 fev. 1937) de Chananeco Pereira de Souza, filho do general João Francisco Pereira de Souza, homem próximo de Getúlio Vargas desde as Revoluções no Rio Grande do Sul nos fins do século XIX, autor uma série de arengas publicada no “Diário Popular”, de São Paulo, Capital, nas décadas de 30 e 40.

Esse general, segundo consta, é autor do “Livro da Revolução Redentora” (s.d; s.e), trabalho merecedor de simpático comentário do professor João Arruda na coluna desse mesmo jornal (7 jun. 1931).

Em panfleto no qual Juca homenageia esse general publicado décadas depois consta que João Francisco foi chefe da Revolução Federalista de 1893 contra o terrível caudilho maragato Gumerindo Saraiva, morto em combate por João Francisco; foi chefe de várias revoluções ideológicas que ensanguentaram o País como a de 1924 deflagrada em São Paulo dando, posteriormente, apoio ao levante das guarnições militares no Rio Grande do Sul sob o comando do capitão Luiz Carlos Prestes em 1925; em 1930 foi um dos vitoriosos na revolução que levou ao poder Getúlio Vargas que o distinguiu com a patente de General do Exército; em 1932 participou da Revolução Constitucionalista e aí encerrou suas atividades militares.

Esse general ofereceu ao então tenente Marcondes a sua espada para ser desembainhada durante a Segunda Guerra Mundial honrando o pupilo para representá-lo naquele teatro de guerra. Essa espada se encontra no Museu do Expedicionário em Campo Grande sob custódia da 9ª RM do Comando Militar do Oeste.

No arquivo do coronel Marcondes existe um alfarrábio desse mesmo general com o título “Ditador Condecorado e Fuzilado (*Fiat Justitia Et Pereat Mundus*)”¹⁰⁶ falando com erudição sobre revoluções, magnetismo getulista, domínio da psicologia do abstrato, filosofia sobre a liberdade de governos e povos, datado de 1945, São Paulo, além de um filme, colorido, 16 mm, mostrando Marcondes, João Francisco, a esposa deste, Amália, e outras

¹⁰⁶ “Faça-se justiça, embora o Mundo acabe”.

peessoas. Não se sabe se o conteúdo do alfarrábio foi o mesmo publicado pelo jornal ou se é um trabalho a parte.

“Esse oficial de cavalaria era revolucionário no Rio Grande do Sul e lutou em revoluções ao lado de Flores da Cunha e Pinheiro Machado, era amigo do Marcondes (...) também era conhecido como *Hiena de Cati*”.¹⁰⁷

No livro “A cabeça de Gumercindo Saraiva”¹⁰⁸ o coronel Marcondes escreveu a seguinte frase na folha de rosto: “Gumercindo Saraiva. Foi o maior caudilho da América do Sul, foi morto por outro caudilho, o General João Francisco conhecido por *Hiena de Cati*. Como admirador de ambos, subscrevo (...) Curitiba (PR)”.

O santanense João Francisco Pereira de Souza, apelidado de a *Hiena de Cati* por Rui Barbosa, em função da fama de degolador, foi o proprietário mais ilustre da Estância Rincão do Maneco. Amigo de Júlio de Castilhos, João Francisco foi republicado de primeira hora e que na Revolução Federalista de 1893 esteve contra os que tentavam restaurar o Império.¹⁰⁹

Eis a carta de Chananeco:

Aproveito o caminhão do nosso amigo Elias para escrever-te. Deixarei de escrever umas quantas cousas porque o meu cérebro de homem de ação se ofuscou na noite carnavalesca de hontem. O carnaval aqui tem estado animadíssimo e todas as moças, com mais insistência para as paraguaias, tem-me dito que:

– *Si Yuca estuviera su figura galante e insinuante nos alegraria, mas todavia los corazones.*

A velha Seridonia também tem se lembrado muito de ti. Enfim, até nós mesmos, eu e Rachid, temos achado falta em ti. Ainda não parti por falta de verba. Soube aqui que se demora muito tempo para se receber o dinheiro pelo Banco do Brasil, devido ao aviso ser enviado primeiramente para Campo Grande. O nosso distinto

¹⁰⁷ A. B. FERREIRA.

¹⁰⁸ BONES, Elmar, RUAS, Tabajara. **A Cabeça de Gumercindo Saraiva**. Rio de Janeiro (RJ). Editora Record. 1997.

¹⁰⁹ Disponível em: http://www.con.br/181anos_online/cad020.htm. Acesso em 27 out. 2004.

amigo Sr. Chahin, nobremente ofereceu-me dinheiro para a viagem.

Já telegrapei ao velho perguntando se já mo enviou e quanto afim do Sr. Chahin emprestar-me essa importância. Logo que venha resposta partirei para ahi. O nosso anphytrião ficará alguns dias sem essa importância até que venha o aviso do banco. Talvez isso seja hoje, talvez amanhã, a não ser que o carnaval esteja atrapalhando o serviço telegráfico. Se partires para Campo Grande antes de eu chegar faz o obséquo de telegraphar-me de Maracaju.

Sem mais, muito saudoso, despeço-me, devido ao caminhão sahir já.

Um abraço do amigo.

Segunda carta com a mesma data, papel personalizado, do único advogado de Ponta Porã na época, político hábil daqueles velhos tempos, Aral Moreira, diretor da “Folha do Povo”:

Prezado collega Marcondes

Muita saúde

De posse do seu estimado favor de 5 de fevereiro do corrente, passo a (...) prazerosamente.

Boletins: Hoje recebi o seu prefeito, e, hoje mesmo (...) para remessa, espero que lhe cheguem ao seu inteiro contento.

Eleições: Felicito a todos os nossos correligionários pela vitória, sem par, alcançada nesse futuro Município (...).

No canto esquerdo, uma frase, escrita de baixo para cima: “Chananeco gozando a vida, disse-me que já escreveu”.

O coronel Chico Alves comunicou (27 dez. 1936) ao comandante do Destacamento de Aviação, em Campo Grande, a conclusão dos reparos no campo de aviação de Vista Alegre atendendo solicitação verbal do próprio comandante.

Aproveitou para pedir veneno para acabar com os formigueiros.

(...) para estudar no Rio era uma verdadeira maratona, aí chegava ao Rio era aquela luta e tal, mas tive o apoio do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon que foi o meu padrinho de término do curso militar no Rio, daí ele que me entregou a minha espada, daí então havia certo destaque da minha pessoa por ele lá, jornal deu O Globo, A Noite, naquele tempo tinha A Noite. ¹¹⁰

Durante a escolha do paraninfo para a turma de Direito de 38 Juca fez um discurso em defesa do nome do professor Arnaldo Medeiros sem deixar de reconhecer os méritos de outros mestres ilustres como Roberto Lyra, um dos mais conceituados na área de Direito Penal tido pelos advogados como “papa” no assunto; e Leônidas de Rezende, outra “fera” em questões jurídicas.

Arnaldo de Medeiros, fluminense, formado aos 18 anos, foi distinguido com o Prêmio “Pentium” de acordo com Juca.

Esse professor ingressou em 31 de agosto de 1934 no Magistério sendo nomeado Docente Livre da Faculdade por concurso e, no mesmo ano, recebeu o grau de Doutor em Direito.

Em 1925, durante uma conferência, esse professor preconizou a organização de uma federação dos advogados brasileiros cuja proposta foi aprovada por uma comissão. Naquele mesmo ano juntamente com talentoso jurista Levi Carneiro consolidou-se a criação da casa paterna do jurista.

As boas relações entre o acadêmico e o professor já haviam se firmado há algum tempo.

Nos arquivos do coronel Marcondes existem dois telegramas de autoria desse professor. Um é de outubro de 1938: “Profundamente reconhecido estimaria contar sua presença nossa casa amanhã. Abraços”.

Outro, carimbado em três de dezembro de 1938: “Convido almoçar conosco dia 8, treze horas. Fineza responder. Saudações”.

Neste Juca fez uma observação a caneta: “No mesmo dia houve uma recepção em casa do doutor Valladão. E depois fui a Niterói assistir a solenidade de formatura do capitão Filinto Muller”.

¹¹⁰ J. ALVES MARCONDES.

O doutor Valladão em questão é o advogado Haroldo Valladão, na época professor catedrático de Direito Internacional e Privado na Universidade do Brasil.

O Marcondes realmente gostava de falar muito nesse professor (...) Leônidas Rezende era professor de Política da Escola Nacional de Direito; Roberto Lyra chegou a ser meu professor (...) Esses professores antigos defendiam cátedras, era difícil, defendiam tese, tiveram mais de 50 anos de cátedra.¹¹¹

Juca chegou, naquela época, a ser redator do jornal “O Getulista”.

De acordo com autorização “A Quem Possa Interessar” em papel timbrado (13 dez. 1938) assinada pelo diretor-proprietário Pedro Pinto de Souza, Juca não só era redator, mas tinha poderes para resolver qualquer assunto referente ao jornal como fosse o próprio diretor em todo o país tais como assinar recibos, fazer entrevistas e representar o jornal em festas oficiais ou não.

Esse periódico era do Rio, situado na Rua Senador Dantas, 53-2º.

Em 23 de março de 1939 o bacharel Dolor Ferreira de Andrade, 1º secretário da subsecção da Ordem dos Advogados do Brasil, subsecção de Campo Grande, assinou a inscrição do bacharel José Alves Marcondes na OAB.

¹¹¹ A. B. FERREIRA.

4. A PROMOTORIA EM PONTA PORÃ E O 11º RCI

De acordo com o Boletim de Serviço da Polícia Civil do Distrito Federal (17 jan. 1938) em 14 de dezembro de 1938 Marcondes foi exonerado, a pedido, do cargo de investigador extranumerário, sendo louvado pela cooperação “eficiente e proveitosa que emprestou a esta repartição, onde sempre se houve com zelo, dedicado e lealdade”.

O acadêmico-aspirante Juca foi nomeado pelo Interventor Federal Júlio Strubing Muller para o cargo de Promotor Público titular em Ponta Porã, naqueles idos uma localidade com apenas quatro ruas e chácaras em volta.

Em carta (15 mar. 1939) o Interventor salientou: “estou certo da eficiente colaboração que a sua inteligência e o seu critério prestarão à administração da justiça em nossa terra”.

Essa nomeação se deu em função do prestígio do coronel Chico Alves e do próprio Juca Marcondes. Não houve concurso.

“O interventor pediu lá a Getúlio para me nomear (...) Tudo ao arpejo da lei porque não existia uma legislação”.¹¹²

Como Promotor foi um servidor duro, não alisava ninguém.

Como Promotor de Justiça ele tinha uma atuação muito rigorosa, desses homens com temperamento muito forte, temperamento igual ao meu, forte, nervoso, ele não admitia intransigência com a lei, teve uma atuação forte na parte de ordem na fronteira, era uma desordem danada. Fez vigia à lei. Quando existia muita corrida de cavalo, ele saía com o caminhão do Exército e chegava para pegar a turma de submissos, levava tudo para o 11º (...) Sempre agiu em observância à lei tanto para ele como para os parentes.¹¹³

¹¹² J. ALVES MARCONDES.

¹¹³ A. B. FERREIRA.

Participou de um julgamento bastante polêmico e tenso cujo réu era um rico e influente fazendeiro de Amambai, da tradicional família Rodrigues, acusado de crime de homicídio contra outro fazendeiro.

Diante da repercussão do caso e da possibilidade de uma reação dos familiares e amigos no sentido de resgatar o fazendeiro e evitar que ele fosse levado a júri o promotor Juca Marcondes requisitou a força do Exército para manter a segurança.

(...) fez um júri pesado porque tinha uma gente grossa interessada na defesa do réu, ele pediu ao comandante do 11º uma escolta para garantir os jurados. Essa se postou diante do Fórum e o júri correu normalmente, dando vitória à Justiça e à sociedade que passou a confiar mais no Poder do Estado (...).¹¹⁴

Dourados estava sob a jurisdição da Comarca de Ponta Porã. Uma vez o promotor foi advertido pelo Procurador de Justiça de Cuiabá que não poderia deixar à sede e perder tempo com a Justiça de Dourados.

Marcondes respondeu: “O senhor não conhece isto aqui, este pedaço do Brasil será a Canaã brasileira”.¹¹⁵

A fama das terras férteis da região de Dourados já corria Brasil afora.

O major Reis pedira, certa vez, para o Juca acompanhá-lo num serviço de reconhecimento em Dourados. O oficial era do serviço geográfico do Exército. Ambos ficaram hospedados numa pensão, um casarão de tábuas. De repente apareceu um popular exibindo um mamão parecendo abóbora de tão grande.

O major Reis, admirado, comentou:

– Se minha sogra morresse por aqui não a enterraria por aqui, por certo. Com a fertilidade desta terra nasceria um pé de sogra... – e riram com a brejeirice.

Juca Marcondes se destacava pela facilidade de interlocução, pelo domínio verbal, pelas argumentações consistentes, claras e elegantes em cartas informais, oficiais e durante seus discursos.

¹¹⁴ D. M. TERRA.

¹¹⁵ Jornal O Progresso, 20 dez. 1985.

Em missiva (26 jan. 1939) enviada ao capitão Faria Lemos, diretor Geral dos Correios e Telégrafos, ele fez um apelo em nome de Vista Alegre “infiltrada no ritmo da civilização moderna” para a construção de um ramal telegráfico entre Maracaju e o distrito, distância de 42 quilômetros. O mesmo pedido já havia sido feito em 1937 e subscrito por 200 pessoas ao diretor regional de Corumbá, Leonel Gomes de Barros, Chefe dos Serviços Econômicos, mas esse respondeu ser incompetente para o caso, porém, favorável à solicitação.

A solicitação foi então encaminhada ao Ministro da Viação e Obras Públicas, Marques dos Reis, contendo 300 assinaturas.

“A região é descampada, planície sem obstáculo por acidente natural”, argumentou.

Mas, lamentavelmente, a política partidária emperrava as coisas e os técnicos responsáveis para decidir a questão, contrários a Vista Alegre, apresentaram um orçamento exorbitante inviabilizando o pedido.

Juca voltou a escrever ao capitão Faria Lemos:

Confesso que já estava eu andando pelo caminho da descrença, de tudo, quando em 37, no dia 10 de novembro assisti, ao raiar de uma nova aurora, sob os auspícios de um movimento reconstrutor e propulsor do progresso, chegado pelo eminente presidente Getúlio Vargas, fato que restabeleceu a mim também, que hoje, de corpo e alma estou integrado para formar ala junto aos que lutam pela grandeza da Pátria. O que vos peço em nome daquela população laboriosa, e de ônus insignificante, para o Governo, pois, que lá estaremos para auxiliar em tudo por tudo a fim de reduzir o mais possível às despesas. E os benefícios que vos prestar ao povo, e a administração do Estado, cobrirão em pouco tempo tais despesas. E as despesas a que já nos submetemos de início, ao memorial do Ministro já referido, correrão às nossas expensas.

Enviou nova correspondência (20 maio 1939) ao capitão informando sobre a sua nomeação no Ministério Público colocando-se à disposição.

O jornal “Correio da Manhã” (13 mar. 1939), do Rio, publicou o aviso do ministro segundo o qual o período de estágio deveria ser reduzido para dois meses conforme ofício de 16 de fevereiro isso para aspirantes a oficial da reserva e seus vencimentos, embora até então não existisse remuneração para esses voluntários, seriam equivalentes a 60% em relação aos dos oficiais da ativa.

Durante os dois meses, de 1º de julho a 6 de setembro, Marcondes atuou, em seu primeiro estágio, no Esquadrão de Metralhadoras. Em 29 de setembro o capitão comandante Carlos de Miranda Corrêa Junior mandou anotar na ficha militar:

A passagem do Aspirante Marcondes pelo 11º RCI veio demonstrar o interesse que esse brasileiro tem pela sua preparação militar, como Oficial da Reserva do nosso Exército. O Aspirante Marcondes, Promotor desta Comarca, sentindo a necessidade de recordar e aperfeiçoar os seus conhecimentos militares, não vacilou em solicitar seu estagio neste Corpo mesmo sem remuneração e sem prejuízo de suas funções civis. Este Comando lamenta a sua retirada dos trabalhos do Regimento, mas, está certo que o Aspirante Marcondes não se esquecerá dos seus companheiros de caserna, voltando dentro em breve já como 2º Tenente a trabalhar no 11º RCI. Louvo o Aspirante Marcondes pelo modo correto com que agiu neste Corpo, e pelo interesse que tomou pela instrução.

O major Mário Fernandes de Almeida, comandante do Regimento, elogiou-o pela brilhante mensagem proferida pela Rádio Difusora do Brasil em alusão ao Dia do Soldado e à personalidade de Duque de Caxias cujo espaço foi cedido pelo proprietário da emissora, João Vayres: “Este Comando já esperava do Aspirante Marcondes, se desincumbisse com êxito da missão que lhe foi dada por vir observando a sua dedicação ao Exército, empregando-se com inteligência e entusiasmo”.

Esse fato foi divulgado na capa da “Folha do Povo” (10 set. 1939) ocupando $\frac{3}{4}$ da página do tabloide com o registro das comemorações do Exército e a publicação, na íntegra, da mensagem.

Enquanto o quartel se envolvia nos preparativos para o desfile de Sete de Setembro de 1939 no dia 1º daquele mês noticiava-se, pelo rádio, o início da Segunda Guerra Mundial (1939–1945). Hitler tinha ordenado à invasão da Polônia.

Passados cinco ou seis meses Juca escreveu uma carta para um locutor que fazia a comunicação em português na BBC de Londres. O radialista leu a correspondência dias depois transmitida para todo o Brasil. O promotor-aspirante dizia que a gente jovem do Brasil não aceitava o regime de Hitler e nem de Mussolini, nenhum regime de fascismo, nem regime de força.

Apresentou-se como voluntário para participar ao lado da Inglaterra e da Europa na guerra contra o nazi-fascista.

“Estamos aliados pelas democracias tanto na América como na Europa”, afirmou.

Um dos amigos de farda do Juca, o douradense Odílio Marques de Mattos, o “seu Lili”, filho de Horário Marques de Mattos, lembrou que Lau, recém formado em Medicina montou consultório em Ponta Porã e estagiou no 11º RCI ao lado do irmão.

Lau era tido como um homem brincalhão, extrovertido e bom.

Odílio procurou-o para uma consulta.

Estava com furúnculos na perna, aquilo inflamava, inchava e doía.

Antes tinha procurado outro médico, um parente, o doutor Astúrio Marques, oficial do Exército. Mas as injeções prescritas não surtiram efeito.

Daí então foi ao doutor Lau no consultório perto da Padaria Central.

O doutor brincou com Odílio:

– Aaaahhh! Hoje você vai mostrar a poupança para uma peça fina!

Era a sua auxiliar, uma moça bonita...

– O que é que tem? Se eu fosse enfermeiro e fosse aplicar injeção nela, ela ia ter que mostrar também...

Tomou três injeções doloridas, mas sarou.

O doutor Astúrio encontrou-o depois, casualmente, viu-o melhor e deduziu que o medicamento surtira efeito...

Odílio respondeu ao pé da letra:

– Olha capitão Astúrio foi o doutor Marcondes quem me curou...

Juca e Odílio, depois da caserna em Ponta Porã, se encontraram muitas vezes ora em Dourados ora em Maracaju...

Para Odílio Juca era um oficial bom e correto.

“Ele era bom demais para quem era bom (...)”.

Certa ocasião Odílio brigou com o cabo Pedro Rodrigues, de Amambai.

O bate-boca começou de maneira fútil.

“Ele me deu um tapa e nós nos atracamos”, contou Odílio.

“Dei um murro na cara dele que aquilo desceu o melado de sangue, foi nariz e boca lá pra testa... Aí cai no chão, quebrei a mão, mas a gente não sente a dor na hora”.

Os dois foram para a cadeia sob a escolta do sargento Carlos Jeti. Nisso chega o oficial Juca Marcondes querendo saber a ocorrência.

Perguntou ao soldado Odílio:

– Ué! O que aconteceu contigo, vai falando e não chora que eu sei que tu és macho...

– Não, eu não vou chorar... Esse cabinho do rabo aí, eu contrariei ele e ele me deu um tapa no rosto e eu me agarrei no soco...

Juca ordenou:

– Sargento, não tem que levar isso para frente. Leve-os para a enfermaria para fazer os curativos que eu vou esperar aqui. Depois eu vou levá-los... Não precisa escolta, homens iguais a esses aí não podem andar escoltados...

Juca aconselhou os dois dizendo-lhes que não poderiam brigar, eram irmãos de farda, amanhã poderiam estar em uma guerra, um tinha que ser pelo outro...

– Mas senhor Marcondes ele me bateu...

– Pois é, mas você bateu nele também... Estão pagos não é mesmo cabo?

– Estou conformado, não quero inimizade com o soldado Odílio...

– Então apertem as mãos...

O soldado disse:

– Só se for com a esquerda...

Os dois tornaram-se amigos e quando se lembravam da briga davam boas gargalhadas...

Odílio estava sem dinheiro e deu uma “cantada” no amigo oficial...

Foi chegando à sala do Juca:

– Dá licença senhor tenente?

– Não me ofende bater continência para mim. Bate continência quando tiver algum superior por perto, caso contrário, você é irmão de farda... O que precisa, vai falando...

– Olha, preciso de 50 mil Réis...

O oficial enfiou a mão no bolso e deu o dinheiro...

– Eu lhe pago no próximo mês...

– Não, isto aí é dado... O dia em que você lavar o meu cavalo já fica pago...

Juca tratava os subordinados com simplicidade, sinceridade, mas era severo quando preciso.

Era um impulsivo galanteador.

“Quando ele via uma mulher bonita, dizia: uái, e aquele peixão lá...”¹¹⁶

As melhores festas eram promovidas pelo Exército.

Organizaram um jogo de bola com os paraguaios. A primeira partida aconteceu no território vizinho.

Um tenente paraguaio, na abertura do evento, subiu no palanque e disse, em sua língua, em tom provocador que em Antônio João 25 covardes brasileiros haviam matado 550 valentes paraguaios...

Um soldado brasileiro reagiu:

– Você está mentindo paraguaio!...

Aí o aspirante Juca pediu silêncio, para ninguém dizer nada, não insultar os paraguaios...

O mesmo oficial continuou com palavras insolentes.

O coronel brasileiro não tomou nenhuma providência.

Juca não se conteve, embraveceu, subiu e num gesto inesperado pegou o tenente paraguaio pelo colarinho e fê-lo calar a boca...

Mas o desentendimento não passou disso.

¹¹⁶ O. M. de MATTOS.

Depois foi marcado um jogo em solo brasileiro.

Juca recomendou aos soldados brasileiros:

– Olha! Vocês tratem esses paraguaios como nossos irmãos para eles verem que aqui nós temos educação...

No rancho os visitantes foram servidos primeiro...

Juca fazia questão de respeitar e tratar bem os paraguaios.

Em dezembro de 1940 uma delegação de estudantes da Escola de Comércio de Concepción esteve em Ponta Porã para um evento “litero-musical-desportivo”.

Durante a recepção falando como promotor em meio a citações épicas e gregas filosofou: “o esporte aperfeiçoa a matéria e a matéria o espírito (...) o Brasil é a continuação de vossa Pátria”.

Esse evento foi registrado no Jornal “Folha do Povo” (8 dez. 1940).

Durante uma noite de carnaval na fronteira os foliões filhos de fazendeiros, capatazes, gaúchos com roupas típicas, armados e bêbados, fizeram uma algazarra no clube e arredores deixando os moradores em pânico por causa dos tiros dados a esmo.

As casas eram de madeira. Balas perdidas poderiam ferir inocentes.

O aspirante Juca era o testa-de-ferro dos soldados. O coronel sabia da sua destemida coragem e chamou-o para conter os ânimos na cidade.

Ele disse ao superior:

– Eu vou, mas eu trouxe a escolta aqui para ela ouvir as ordens que o senhor vai dar. Se eu agir e o senhor dizer depois que não deu a ordem, aí vai ser nós dois que vamos conversar...

A escolta era formada por 32 homens do 2º Escalão.

Odílio ficou sabendo da operação. Seria chamado e tentou se esquivar. Foi se deitar e cobriu a cabeça fingindo sono profundo.

A noite era fria.

De repente sentiu um chute na cama.

– Levanta seu peidorreiro!... Você nem parece douradense!... – era o Juca chamando-o para a escolta.

– O que foi senhor tenente? – quando queria agradar tratava-o como tenente...

– Senhor tenente nada, levanta rapaz, vai lá ao pelotão, pega equipamento e vem se apresentar...

Diante da tropa o aspirante advertiu:

– O que não sustentar, não for homem, fala que não vai comigo porque vamos agir assim...

E passou a detalhar a operação...

– Os que são homens mesmo dêem um passo à frente!

Todos deram.

– Muito bem, viva! Vocês têm minha amizade pessoalmente e na farda!

Era excelente oportunidade para se testar o preparo, a disciplina e a coragem dos soldados.

Chegando ao salão a falta de controle era absoluta...

Odílio e o soldado Madaleno Ortega ficaram na porta e os foliões foram perfilados, os que estavam dentro e fora do salão.

Os soldados detiveram vários jovens. Apreenderam 32 revólveres.

Os jovens foram colocados na carroceria do caminhão e levados para o quartel.

A mesma averiguação foi feita na noite seguinte, mas o carnaval estava mais tranquilo porque os mais arteiros estavam detidos...

No quartel, na manhã seguinte à primeira operação, chegaram os pais influentes querendo soltar seus filhos...

Um deles quis forçar a situação, mostrar prestígio:

– Por ordem de quem eles foram presos?

– Por ordem do tenente Marcondes – respondeu o soldado de plantão.

Esse mesmo fazendeiro disse que queria falar com esse tal tenente.

O guarda avisou-o:

– Não adianta.

O advogado Aral Moreira também esteve no quartel querendo falar com o amigo Juca para aliviar a situação de um cliente...

Odílio atendeu-o:

– Doutor, eu vou lhe dar um conselho. O senhor é amigo da nossa família como nós somos amigos do aspirante, além de ser amigo ele é superior a nós na farda. Nós cumprimos ordens, não adianta o senhor querer falar com ele...

Naquilo passava o Juca pelo pátio e já ordenou:

– Manda esse cara voltar!...

O “cara”, no caso, era o Aral.

- Não lhe falei... O senhor bem que podia passar sem essa... - comentou Odílio.

A detenção foi por uma semana.

Juca quebrou a marretadas os revólveres apreendidos; algumas armas caras importadas da Alemanha. Valiam entre um conto e quinhentos a dois contos de Réis.

Em outra oportunidade ele organizou uma escolta e se dirigiu a um ponto na Cabeceira do Apa onde ocorriam corridas de cavalo e as pessoas se embriagavam e davam tiros à toa...

A escolta fechou a cancha e tomou as armas de todos entre os quais primos e tios do Juca...

Ele levou-as para o 11º RCI e deu o mesmo destino: quebrou-as.

“A munição, que valia ouro, vinha de Vila *Concepcion*, no Paraguai, de ano em ano, quando muito e, assim, uma salva de dois tiros para o ar tinha imenso significado emocional, de marcante e festivo regozijo”.¹¹⁷

Juca conheceu Agostinho Pereira da Silva como soldado do 11º RCI. Admirava a habilidade do Agostinho na doma com burros. Por isso sugeriu ao pai para contratá-lo na lida com a fazenda.

Quando estava indo para a guerra ainda disse ao pai:

- O Agostinho vai ficar aí, ele não vai para a guerra. Qualquer coisa eu me responsabilizo...

Em meio às funções na Promotoria Pública e o estágio no quartel Juca Marcondes ainda encontrava tempo para tratar dos próprios negócios e auxiliar o pai.

Começava a formar os seus primeiros bens.

Na época era comum a venda de gado magro para São Paulo, Capital. As comitivas com no mínimo 1000 cabeças, quantidade necessária para se compensar o negócio, demoravam cerca de oito meses para chegar às fazendas paulistas onde os animais eram engordados antes do abate.

A construção da estrada de ferro em Ponta Porã que, depois, passaria por Maracaju, só começou em 1938. O primeiro trecho de 50 km entre Indubrasil e Maracaju foi inaugurado em 19 de abril de 1944.¹¹⁸

¹¹⁷ LIMA, (s.d.), op. cit., p.71.

¹¹⁸ Cf. TORRES, 2002, p. 13.

O segundo trecho entre Maracaju e distrito de Itahum, em Dourados, foi inaugurado em 18 de maio de 1949 e apenas em 19 de abril de 1953 começou a ser usado o traçado entre Itahum e Ponta Porã.

Quando era transportado em vagões o gado saía do Sul de Mato Grosso e chegava aos frigoríficos paulistas ou paulistanos com duas ou até três arrobas a menos porque ficava sem se alimentar e estressado com a viagem longa.

Em 1941, no período de apenas um mês, entre agosto e setembro, já no posto de 2º Tenente da 2ª Classe da Reserva de 1ª Linha cuja carta patente foi assinada pelo Presidente Getúlio Vargas (19 jul. 1940) para servir na 9ª Região Militar, Juca fez o segundo estágio no 11º RCI realizando exercícios de instruções no Retiro de Dourados. Ele havia solicitado esse estágio no primeiro semestre e em junho recebeu comunicado para comparecer, no dia 23 daquele mês, para a inspeção de saúde.

Ainda em 1941, no dia 1º de março, recebeu uma correspondência do Chefe de Polícia do Distrito Federal, Filinto Muller:

Prezado amigo Marcondes,
Causou-me grande satisfação o recebimento de sua atenciosa carta, datada de 17 de janeiro último, portadora de tão alvissareiras notícias. Elas vieram avivar em mim as saudades que tenho do nosso querido Mato Grosso, o qual muito desejo rever. Dou-lhe efusivos parabéns pela feliz iniciativa que teve em excursionar pelo Estado, demonstrando interesse não somente pela região onde milita. Fazendo votos para que o amigo prossiga na sua labuta feliz, abraça-o o amigo.

Outra carta de Filinto Muller (6 set. 1941) referente à visita do Presidente Vargas à Ponta Porã:

Prezado amigo Marcondes,

Acuso com grande satisfação o recebimento da sua missiva datada de 17 do mês pp., na qual me fala da chegada do nosso Presidente nessa cidade, e também dos festejos a ele dedicados.

Devo felicitá-lo, como também ao povo de Ponta Porã, por esse auspicioso acontecimento que vem demonstrar o interesse do Chefe da Nação pelo nosso Estado.

Relativamente ao assunto em que pede a minha opinião sobre a sua exoneração da Promotoria de Ponta Porã devo aconselhá-lo a permanecer no referido cargo e requerer em novembro, ao Julio, uma licença para ausentar-se daí.

Sem mais, desejando-lhe felicidade, envia um cordial abraço o colega.

O 2º tenente Juca Marcondes estava empolgado com a aviação.

Tinha desejo pela pilotagem, sonhava em ter o próprio avião e voar ao sabor dos ventos...

Ao mesmo tempo continuava atento aos desdobramentos da guerra.

Correspondência do Interventor Júlio Estrubing Muller (16 out. 1941) de Cuiabá:

Ilmo. amigo Dr. Marcondes

Acuso o recebimento de sua carta datada de 10 do corrente.

Agradecendo as informações que se dignou ministrar-me na sua aludida missiva, formulo os melhores votos pelo completo restabelecimento da sua saúde.

Felicitando-o sinceramente pela fundação do Aero clube de Ponta Porã, cabe-me, a propósito, confirmar o meu assentimento ao pedido do amigo, respeito ao provisório funcionamento do Aero clube no salão de festas do Grupo Escolar Mendes Gonçalves, conforme o meu telegrama datado de 14 do corrente, o qual já lhe deve haver chegado às mãos.

Com os cordiais votos de felicidade, os testemunhos de apreço e consideração.

Em dezembro do mesmo ano Juca quis participar da “Marcha para Oeste” sendo apresentado por Filinto, através de carta, ao coronel Costa Neto.

A Marcha para o Oeste foi, talvez, um dos mais ambiciosos projetos colonizadores desenvolvidos por um governo no Século XX. Foi este avanço que possibilitou ao Brasil não somente o conhecimento, mas a ocupação de sua região central. As consequências desta iniciativa progressista refletem-se, ainda hoje, no modo de vida e em diversos problemas enfrentados pela população local. (...). No início da década de 1940, no auge da II Guerra Mundial, questões geopolíticas – principalmente a necessidade de conquista de espaço vital – adquiria proporções intercontinentais. Alguns diplomatas e representantes de governos europeus começaram a cogitar a hipótese de transferir os excedentes populacionais para ocupar territórios brasileiros. Diante desta situação, o presidente Getúlio Vargas organizou um plano com intuito de preencher as “lacunas do Brasil Central”, incentivando o progresso e a ocupação do Centro-Oeste.¹¹⁹

De acordo com resumo de autoria do Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, da UFGD, com o título “Vias de Comunicação e Articulações Econômicas do Antigo Sul de Mato Grosso–Séculos XIX e XX: Notas para Discussão” (maio 2004), no caso da fronteira boliviana, foram nacionalizadas alguns gigantescos latifúndios até então pertencentes a companhias estrangeiras (...). Entre as quais, foi revista à situação da Companhia Mate Laranja que mantinha fortes vínculos com a economia Argentina.

A proposta “estadonovista” levou o governo federal a criar o Território de Ponta Porã (1944–1946) em 1943 e, em fins desse ano, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) contribuindo para ocupar os espaços vazios.

O tenente-promotor Juca Marcondes tentou montar, em Ponta Porã, o jornal “A Voz do Oeste”, mas não conseguiu.

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.brasiloeste.com.br/projeto/marchaoeste.html>. Acesso 27 out. 2004.

O que existe nos arquivos é uma correspondência (2 mar. 1942) do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) dirigido por Lourival Fontes desautorizando o funcionamento do jornal:

Sr. Diretor

Comunico-vos que esta Diretoria Geral do DIP tendo em apreço recomendação do Conselho Nacional de Imprensa e usando de suas atribuições legais, resolveu não conceder registro ao jornal “A Voz do Oeste”, que seria editado nessa cidade sob vossa direção e responsabilidade.

Ficais, assim, notificado de que o aludido jornal não poderia funcionar.

Saudações.

Durante as férias em Vista Alegre Juca se ajuntava aos seresteiros para tocar violão e cantar na casa de amigos.

Ivanor Ferreira de Souza, um adolescente naqueles tempos, filho de fazendeiro aliado à família de Chico Alves, sempre acompanhava o grupo seresteiro.

Predominavam as polcas paraguaias.

A gente não esquece daquelas caçadas, daquelas laçadas de gado em Vista Alegre quando quase não existiam casas, eles faziam laçados de gado, eles fizeram muita arte lá, o Juca e o Bartolo. O Juca obedecia ao Bartolo, eles foram criados juntos, como irmãos, combinavam bem, combinavam demais. Uma vez eles fizeram uma com tal de Cândido Adão, no carnaval.

– Você vai com fantasia... – disseram para o Adão.

Mas judiaram dele, quebraram o violão e puseram-no no pescoço do Candinho, falavam que tudo isso era carnaval. Amanhecera carregando o Candinho.¹²⁰

¹²⁰ C. ANIZ.

5. O DESEJO DE IR À GUERRA E O NOIVADO

Em janeiro de 1942 o 2º tenente Juca Marcondes desligou-se da Promotoria de Ponta Porã.

Quis ser voluntário da Segunda Guerra.

Viajou para o Rio de Janeiro onde tentou, sem êxito, se alistar como legionário na Embaixada Inglesa.

Ele entrou na fila enquanto milhares de jovens fugiam para o interior...

Naquele período a guerra já se arrastava por três anos na Europa. Acreditava-se que ela tinha chegado à América com a afrontosa e infame agressão terrorista à base norte-americana de "Pear Harbour" (7 dez. 1941), em Honolulu, no Havaí, matando 2.300 norte-americanos.

Naquela ação os japoneses perderam 29 aviões, mas, ao comando do almirante Yamamoto Osoroku, afundaram três porta-aviões, arrasaram outros cinco, danificaram dez e destruíram 140 aviões.

Os Estados Unidos declararam guerra ao Japão no dia seguinte.

Esse episódio mudou o rumo da história da Segunda Guerra.

Frustrado por não ter sido admitido na Embaixada Inglesa o tenente Marcondes pediu sua incorporação ao Exército Brasileiro.

Decreto convocando-o saiu em 22 de janeiro de 1942 designado para servir em Recife, no 7º RCD, Ala Moto-Mecanizada, 7ª Região Militar cujo núcleo formador estava sendo organizado no Rio de Janeiro.

Esse decreto foi assinado pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra.

Antes disso, no afã de servir a Pátria, tinha procurado um graduado do Exército, o general Mendes de Moraes, para se incorporar e esse o advertiu:

- Quem disse para o senhor que o Brasil vai entrar na guerra?

- Não é entrar, senhor, é prevenção de guerra, todo mundo acha que nós não podemos... Mas eu queria estar na ponta aí para ser utilizado...

- Então está bem, o senhor procura um outro general... - e deu o nome do fulano...

Esse general era muito famoso.

Juca procurou-o e foi logo levando uma chamada:

- O senhor não sabe de nada, sai lá da sua unidade e vem procurar guerra...

– General, eu não estou procurando guerra, é que, possivelmente, se houver...

– Bom, então o senhor vai falar com o general Graziliano, chefe do pessoal...

Juca afastou-se da Promotoria de Ponta Porã, mas não havia perdido a vaga de titular porque um Decreto Federal garantiu a inamovibilidade e inadmissibilidade de qualquer cargo público aos convocados para a guerra.

Viajou durante dez dias do Rio a Recife (PE), com ordem ministerial, no vapor “Almirante Alexandrino”, uma das embarcações integrantes da frota que, segundo seu relato décadas depois, escapou por milagre aos torpedeamentos dos submarinos do Eixo.

Eles chegaram ao destino em 23 de fevereiro.

Até junho permaneceu na função de subalterno do Pelotão Extra da Ala, um esquadrão de carro-reconhecimento, aquartelado na Casa Forte.

Em agosto daquele ano foram torpedeados cinco navios mercantes brasileiros de cabotagem: “Baependí”, “Aníbal Benévolo”, “Itagiba”, “Arará” e “Araraquara” cujos ataques sucessivos foram atribuídos a submarinos do Eixo.

Essas embarcações respeitavam as ordens de não passar das 300 milhas e viajavam obedecendo às instruções baixadas pelo Estado Maior da Marinha, ou seja, navegar bem próximo da costa e, à noite, com as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservando acesos apenas o que os marítimos chamavam de “faróis de navegação”.

Estavam dentro dos limites do “Mar Continental” fixados na Declaração XV do Panamá em 1939.

Morreram 652 pessoas entre civis, militares, mulheres e crianças, além de enorme prejuízo em mercadorias.

Antes disso já haviam sido afundados 13 navios em zonas distantes¹²¹.

O coronel Marcondes declarou à revista “Atual” (maio 1995, nº. 3), de Dourados, cuja publicação não existe mais, em reportagem assinada pela jornalista Dalva Gonçalves, que sofreu um desses ataques a bordo do navio

¹²¹ Cf. AGRESSÃO, 1943, p. 17-18.

“Carioca” em 1942. Ele também contou essa passagem aos filhos e netos. Ficou a dúvida se era o “Almirante Alexandrino” ou esse segundo.

Durante a festa de 90 anos contou que durante esse ataque morreram duas pessoas e a tripulação ficou à noite inteira à deriva sob o risco do navio afundar completamente até chegar o socorro de uma escolta norte-americana.

Não há como negar que a Alemanha praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança, e da América, e a repelir na medida das nossas forças.¹²²

A Ala a qual pertencia tinha, entre outras atribuições, o trabalho de patrulhar as costas de Recife à Natal (RN) e de Recife ao Estado de Alagoas. À noite os aviões localizavam submarinos inimigos emergindo e flutuando.

Lógico que foram os norte-americanos que torpedearam, não se tem a menor dúvida. De tanto insistir, ele, o coronel Marcondes começava a acreditar no que eu estava falando. Veja bem. Para os nazistas descerem até a costa do Nordeste, eles tinham que atravessar todo o Atlântico Norte, esse Atlântico era vigiado dia e noite por torpedeiros americanos, submarinos e navios de guerra normais. Então eu pergunto: qual seria a razão de Hitler vir provocar o Brasil aqui, afundar os navios? Quando você vê uma ação, você tem que olhar o resultado dela, qual foi à consequência, a consequência imediata desses afundamentos foi o Brasil ter entrado na guerra normal, só quem se aproveitou disso foram os americanos que fizeram na Barreira do Inferno uma base de abastecimento de navios, com alimentos, etc. e tal, para a África porque era o local mais próximo. Então se os alemães vêm para cá, afundam um navio, levanta o submarino para mostrar a suástica no litoral para todo mundo saber quem é que afundou e vai embora, quer dizer, é muita idiotice. Então, Hitler, Hiroito e Mussolini eram

¹²² AGRESSÃO, 1943, p. 35.

ditadores, Getúlio Vargas era ditador no Brasil também. Então eu pergunto: Hitler ia combater alguém que estava na mesma linha dele? Não estava muito mais para os americanos virem aqui para desestabilizar o governo ditatorial de Getúlio Vargas?¹²³

Havia minas por toda a costa e os aviadores avisavam as forças marítimas e terrestres caso localizassem os inimigos.

Numa das patrulhas um submarino foi avistado e perseguido. O avião soltou uma bomba antes de o submarino submergir, atingindo o casco.

Avariado, não pode funcionar, entrou em pane e flutuou.

Aprisionada a tripulação, o tenente Marcondes era o oficial de serviço e recebeu os prisioneiros. O comandante da embarcação entregou a tropa:

– Aqui estão senhor, os alemães...

Um dos prisioneiros saudou Marcondes:

– Áiii Hitler!... – quase raspando a face do tenente, assustando-o...

Um soldado colocou a escada para os prisioneiros subirem na carroceria, mas os alemães, atléticos, olharam com indiferença. Apoiados pela palma da mão na carroceria agilmente pularam dentro do caminhão...

Nenhum deles precisou da escada.

14 prisioneiros entre sargento, cabo e técnicos do submarino.

(...) entrou o Brasil em grande atividade militar para a segurança e a defesa de suas costas, quando, ao mesmo tempo, cedia aos Estados Unidos o uso, durante a conflagração, de suas bases militares – BELÉM, PARÁ, etc.

Tradicionalmente favorável aos Aliados, vinha à opinião pública se inflamando diante dos ataques praticados por submarinos alemães e italianos contra os nossos navios mercantes, e nessas manifestações patrióticas inspirou-se o Presidente VARGAS para declarar guerra à Alemanha e à Itália, em data de 22 de agosto de 1942, com a desaprovação, talvez, de alguns auxiliares diretos do Governo (...). O Exército não possuía nem conhecia o material de guerra moderno, as suas organizações táticas eram arcaicas, os seus serviços, deficientes. Ressentia-se o seu moral, e se

¹²³ B. CANTELLI.

ressentiu durante toda a guerra, da falta de imprescindível preparação psicológica.¹²⁴

O tenente Marcondes também agiu como “araponga”.

Em memorando encaminhado ao major Comandante da Ala-Mecanizada, Leu da Costa, denunciou atividades da Quinta-Coluna em Recife com ligações com toda a rede de espionagem do Brasil informando a localização de algumas dessas pessoas nas proximidades do quartel.

Ele já tinha levado esse assunto ao comandante.

Em São Paulo e no Rio desarticularam-se uma rede de informações do mesmo grupo clandestino sendo presos inclusive brasileiros infiltrados.

Disse ao comandante que quando se encontrava fora do quartel observava tudo que poderia interessar.

Parte da Colônia Alemã estava localizada nas proximidades do quartel, na zona de Casa Forte, endereço de dois espiões célebres cujos nomes ele não sabia ao certo, mas pensava terem ligação com a Firma Herm Stoltz com escritório, em Recife, à Rua 17 de Agosto, 428 e outro à Rua Capitão Lima, 222, Casa Forte.

O tenente concluiu o Curso Especializado de Moto-Mecanização para Oficiais da Reserva Convocados em 15 de dezembro de 1942.

No dia 12 fevereiro de 1943 recebeu da Diretoria de Aeronáutica Civil a carta de piloto de aeronave de recreio ou desporto em Recife.

Um dia antes saiu sua transferência para o 3º Regimento Moto-Mecanizado em Bagé (RS).

Em 2 de abril daquele mesmo ano foi publicado Decreto Presidencial promovendo-o ao posto de 1º Tenente da Reserva de 2ª Classe, Arma de Cavalaria.

Em Recife Juca conheceu um oficial que se tornou seu grande amigo de farda, o tenente Plínio Pitaluga, da Escola Militar.

Mas as relações entre os dois, no início, não foram amistosas.

Juca era subordinado a Pitaluga.

A concorrência sempre foi dura no meio militar.

Pitaluga era um oficial de carreira e não um convocado-voluntário.

¹²⁴ INNIS, VI e ÚLTIMO ANO, 1949, p. 279.

Mas, às vezes, é na diferença que surgem grandes amizades.

O tenente Marcondes foi escalado para participar de ensaios de guerra com munição real.

Pitaluga comandava o grupo preparado, em Recife, para atuar nas linhas de frente e entre os escolhidos estava o Marcondes.

Uma vez Pitaluga chamou a atenção dele na frente da tropa.

Marcondes sentiu-se ofendido, não gostou, mas ficou quieto mesmo porque devia obediência ao superior. Entendia que não havia razão para a repreensão.

A oportunidade para desforra surgiu num fim de semana no aeroclube.

Marcondes convidou Pitaluga para um voo, mas ele não quis...

Ao passarem por algumas jovens Marcondes em alto e bom som teria dito em tom desafiador:

– O senhor está com vergonha? Está com medo?...

Diante dos olhares das moças Pitaluga teria concordado...

Pitaluga subiu no banco da frente do avião de apenas dois lugares, apertou o cinto, Juca iniciou a decolagem, ganhou certa altura e começou a fazer manobras radicais e rasantes perto dos navios do porto...

Pitaluga teria enjoado e vomitado...

Teria entrado em pânico... Não tinha preparo para aquelas manobras alucinantes, tinha medo daquelas maluquices...

– Para, para com isso seu paraguaião!... Eu sou seu superior, desce o avião, eu vou te botar na cadeia!... – teria dito...

– Mas quem está no comando aqui em cima sou eu... Então vamos fazer um trato aqui em cima... Você me promete que vai me respeitar de hoje em diante... Nunca mais me chama a atenção diante da tropa... Se quiser dizer alguma coisa chama-me ao lado, em uma sala com apenas nós dois... – teria afirmado o Marcondes...

A partir daquele dia os dois se tornaram amigos.

Pitaluga chegou a receber aulas de aviação do Marcondes.

O Pitaluga era muito amigo do papai, mas quando papai serviu em Recife, antes de ir para a guerra, ele disse que o Pitaluga pegava

Ele saudou os futuros pilotos como “lachês”, homens corajosos da aeronáutica, agradecendo em nome dos colegas os voos solos do tenente Fausto Martins.

O transporte do regimento rendeu-lhe generosos elogios do comandante da unidade, o tenente-coronel Francisco Becker Reifschneider:

Louvo com a mais viva satisfação o 1º Tenente José Alves Marcondes por ter sido incansável desde os preparativos de viagem do Núcleo do 3ª RMM na Capital Federal, dando sobejas demonstrações de abnegação, espírito de sacrifício e amor ao trabalho, excepcional dedicação à novel unidade, trabalhando sob um sol causticante em dias de festejos carnavalescos, chegando mesmo a empregar esforços braçais, auxiliando e incentivando os poucos praças que deveriam embarcar considerável massa de material pesado, e ainda empregando notável iniciativa e desembaraço durante os longos dias de viagem, de tal modo que lograram chegar a esta cidade as cinco composições com o Núcleo R.M.M. em perfeita ordem, e o material em perfeito estado de conservação.

Recebeu outros elogios do mesmo comandante pela capacidade, inteligência e devotamento na instrução e disciplina imposta à sua unidade elementar “para obter em tão curto espaço de tempo um tão elevado rendimento de instrução técnica”.

Em terceiro elogio destacou o ardor do Marcondes, desprendimento, dedicação e método com que se empenhou para a realização da uniformidade impecável dos homens e homogeneidades do Regimento na parada do Dia da Pátria.

E também:

Pelos esforços despendidos na preparação de seus soldados onde além de evidenciar grande capacidade de trabalho, salientou sobejamente sua inteligência moça e ilustração muito bem conduzida, conseguindo que uma de suas seções apresentasse a melhor média geral entre seis examinadas.

Além disso:

Pela grande soma de esforços despendidos para a brilhante apresentação desta unidade no desfile em homenagem à S. Excia. O Sr. Presidente da República, onde evidenciou suas reais iniciativas e grande capacidade de ação.

Durante o segundo semestre foi designado para Relator do Conselho Permanente de Justiça da unidade e logo assumiu as funções de Secretário do Regimento, além de proceder a sindicâncias depois de já ter passado como Oficial de Informação.

Tornou-se colaborador na estruturação do Regimento.

Conquistou 1º lugar em prova hípica.

Em 30 de maio de 1943 Marcondes enviou carta ao coronel Dias Costa preocupado com o instrutor de pilotagem Amadeu Talloqui da turma de monitores formada no ano anterior pelo Aeroclube do Brasil.

Essa entidade tinha designado Amadeu a servir na unidade de Bagé.

Era o único instrutor de um grupo de 50 alunos, mas a desconfiança avivou-se porque ele não comungava com os eventos. Mantinha contatos com italianos e se comunicava no idioma do Eixo, “o que me levou a observá-lo com cuidado, visto sua descendência direta dos súbditos do Eixo de onde saem os perigosos e falsos nacionais”.

Esse instrutor, em Recife, integrou a ex-espionagem italiana no Brasil. Marcondes entendia que ele era um embusteiro no ambiente oficial e exatamente na aviação, o sustentáculo das Forças Armadas.

O presidente do aeroclube acabou demitindo-o por razões disciplinares, administrativas e por falta grave. Tinha se mostrado desatencioso em relação ao coronel Reifschneider e quase causara acidente quando esse retornava de um voo panorâmico. Amadeu fez uma decolagem inclinada quando o avião do coronel ainda estava no meio da pista.

Trocaram olhares, palavras gentis, apreços, interessaram-se um pelo outro e passaram a namorar na casa dela sob os rígidos costumes da época.

Namoravam sob o batente da enorme porta de madeira da residência sempre ao olhar zeloso da mãe. Podiam permanecer juntos até às 23h.

Pouco importava, para eles, o sereno, a temperatura amena e fria...

– Você vai levantar cedo... Vai embora... – dizia Gelcy, embora o namorado não tivesse pressa.

Mas logo Marcondes conquistou a simpatia da família.

O casarão da família de Gelcy tem dois séculos e continua conservado, é uma das antigas construções do centro da cidade erguido pelos avós do “doutor Lili”, hoje nome de uma das principais ruas de Bagé. A irmã de Gelcy reside no casarão que tem hall amplo com cobertura de vidro, ambiente para encontros e reuniões.

Gelcy é primogênita.

O tenente Marcondes, assim que conheceu os irmãos da noiva, Luís Carlos, Vitoriano e Fausto, levou-os para voar pela primeira vez para que, além do fascínio, pudessem respirar ar puro e atenuar os efeitos da Coqueluche que os incomodava.

Esse passeio repetiu-se para o deleite dos garotos.

Marcondes não era homem que despertava suspiros do público feminino pela beleza. Mas era, aos olhos da namorada, simpático, inteligente, tinha boas referências, era ativo, tinha fala atraente e elegante, boa oratória, cultura clássica, afinidade com a política, escrevia em jornais e era entendido em questões de guerra e assuntos jurídicos.

Ele costumava levar Gelcy, a prima Ilce e as amigas, Conceição e Iara, para passear no jipe do Exército.

Iam à fazenda Boa Vista, dos avós de Gelcy, a alguns quilômetros de Bagé, próxima à Vila de São Sebastião e Dom Pedrito.

A fazenda tinha casa boa para os padrões da época, jardins e pomar. Uma das atividades era a criação de ovelhas para tosquia.

O curral chamava a atenção por ter sido feito de pedra sobre pedra pela mão de obra escrava.

Nessa propriedade Gelcy passava os finais de semana com a família cavalgando e tomando banho no riacho.

Exibindo arrojo e destemor Juca passou certa vez com o avião em meio às torres da Igreja Matriz da cidade deixando as pessoas atônitas...

O ronco forte dos motores atraiu os moradores para a rua.

Naquele tempo Marcondes tinha um macaco prego de estimação que o acompanhava em quase todos os lugares.

Chamava-o de “Chico”.

Levava-o ao quartel, nas andanças com o jipe, colocava-lhe medalha no pescoço, tiravam fotos juntos e durante um voo panorâmico, ao atingir o ar rarefeito, o macaco desmaiou. Juca diminuiu a altitude para reanimar o bichinho que, respirando melhor, voltou a si.

Quando o animal morreu Marcondes guardou o crânio.

Esse macaquinho foi pivô de discussão entre Marcondes e o chefe do trem na primeira viagem de Bagé ao Rio em fevereiro de 1944. Passando por Santa Maria o ferroviário abordou-o dizendo que o “Chico” teria que ser despachado e faltava a guia de sanidade.

Depois das argumentações Juca continuou com o “Chico” no colo, apesar de ter ficado nervoso a ponto de esquecer o capote na estação.

Ao longo de sua vida criou vários “Chicos”.

Sobre o macaco *Chico*? Putz! (...) Viveu com ele muito tempo, eles andavam juntos. Não sei se morreu lá em casa. Ele pegou o crânio do macaco, estou falando como criança, ele pegou um tipo de um pneu com 10 centímetros de circunferência, dali saía uma cabeça com uma medalha porque o macaquinho ganhou uma medalha, não sei se foi em Pernambuco. Isso foi na época da guerra, o papai sempre teve macacos assim, ele adorava isso aí, os macacos velhos, ele tinha na fazenda, mas o *Chico* foi da época da guerra.¹²⁶

Em fevereiro de 1944 quando começou a organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) o tenente embarcou para o Rio a serviço.

¹²⁶ E. O. T. MARCONDES.

No dia 19 estava em Bagé onde foi informado da transferência dele para o Batalhão de Saúde da 1ª Divisão Expedicionária na função de Oficial Moto-Mecanizado.

No dia 24 de março foi desligado do Regimento de Bagé e ficou no aguardo da ordem oficial de embarque para o Rio dada em 2 de maio, um dia depois do noivado com Gelcy durante almoço na residência do “doutor Lili” restrita a pouca gente, familiares e amigos quando Marcondes fez a entrega das alianças.

Na manhã do dia 1º de maio ambos tiraram retratos.

O contrato de casamento mereceu uma nota no jornal de Bagé.

Em seguida viajou pela terceira vez ao Rio.

Chegou à Capital Federal dia 5 de maio.

No dia 10 apresentou-se ao comando do Rio.

Dia 12 deslocaram-se para Marques de Valença (RJ), no BSE.

Dia 17 de maio retornaram com o Batalhão de Marques de Valença para o Rio, na Rua Francisco Xavier, base do quartel inicial do marechal Mascarenhas de Moraes (1883-1968) com quem Marcondes já havia servido em Recife. O marechal comandava a 7ª Região Militar.

No início quando se empenhava para ser inserido na FEB, como ele era um oficial de cavalaria, não havia muito interesse em convocá-lo...

Sentiu isso quando procurou o marechal Mascarenhas de Moraes:

- Mas marechal, eu fiz curso de moto-mecanização...

- Então você vai servir com o coronel Confúcio de Antunes Prado Azevedo, chefe da manutenção geral da FEB...

Sempre pronto para qualquer missão, o tenente Marcondes acaba agora de ser incluído entre os que pertencem a FEB, confirmando destarte sua nítida compreensão da finalidade do esforço que vimos fazendo. Por todos estes motivos e com satisfação que agradeço ao 1º tenente R-2, convocado, José Alves Marcondes, seus reais serviços prestados ao 3º RMM e o elogio fazendo votos de felicidades nas novas funções que vai desempenhar.¹²⁷

¹²⁷ REIFSCHNEIDER, op. cit., 1943.

Na edição de 30 de abril de 1944 do jornal “Correio do Sul” Juca escreveu um artigo “Ao deixar Bagé” manifestando gratidão pela acolhida da comunidade hospitaleira e boa: “vivi os dias mais felizes de minha vida, num ambiente sadio de trabalho e culto nacionalista”.

Afirmou que vivia o grande ideal de servir a Pátria da maneira mais completa possível e tinha testemunhado, no Nordeste, “a mais bárbara e torpe agressão que uns povos livres, soberanos e hospitaleiros já sofreram por um inimigo gratuito e desumano que agora vai prestar contas com a nossa bandeira”.

Destacou o patriotismo do coronel Reifschneider.

O jornal noticiou a partida do tenente e a visita dele à redação junto com Eurico Nunes Pires já com o glorioso distintivo da FEB na farda que lhe tinha sido enviado pelo tenente Pitaluga. A nota destacava as amizades conquistadas, os admiradores e o seu jeito “gentleman”.

No Rio Marcondes foi designado a constituir a comissão encarregada de receber e examinar as viaturas fornecidas ao BSE.

Em junho teve a incumbência de averiguar os candidatos à graduação de cabos para trabalharem como mecânicos. O batalhão ficou sediado inicialmente nos terrenos do antigo Jardim Zoológico, na Rua Visconde de Santa Izabel, 272, e depois no Centro de Instrução Especializada (CIE), em Deodoro.

O “Hiena de Cati” escreveu-lhe:

As notícias das constantes vitórias dos nossos são bem animadoras e, sem embargo, parece que, todavia, haverá lugar para a nossa gente e as nossas armas irem ao velho mundo participar dos sacrifícios e das glórias tão justamente desejadas. Que assim seja, são os meus votos e, que com justo motivo – todos os brasileiros deverão – tenhamos o direito de bradar: – VIVA A DEMOCRACIA! VIVA A SANTA RELIGIÃO CRISTÃ!

O coronel Reifschneider felicitou-o pela disposição de ir à guerra: “continuou na minha convicção de que tudo deve fazer, sacrificar pelo nosso Brasil”.

Afirmou em correspondência (9 abr. 1944), de Bagé: “certo que lá na FEB o Marcondes sempre saberá como sempre soube ser o brasileiro, e o muito digno oficial do Exército deste tão querido Brasil”.

.....-

Naquele período Gelcy e Marcondes viveram angustiados com a separação, a saudade, a intensidade de um amor platônico e as idas e vindas de Marcondes entre Bagé e o Rio. Ficaram algumas semanas sem se verem, mas trocavam palavras de carinho em telegramas, cartas e telefonemas quase que diários.

Gelcy estudava, dava aulas e se sentiu aflita durante certos dias com a falta de notícias do amado.

A segunda carta antes do noivado é de 28 de fevereiro de 1944. Marcondes dizia que a sensação era de que ele não tinha desembarcado no Rio, mas sim em Bagé.

No dia em que ele chegou à Capital chegou uma carta.

“A tua carta foi para mim um grande lenitivo, com o perfume e as confissões que nela foram apresentadas (...) Salve o amor, que é o que há de verdade na vida”.

Disse que, na casa do Lau, todos tinham perguntado pela noiva.

O calor, no Rio, era forte. Juca pediu para Gelcy mandar a medida combinada para confeccionar o anel.

No dia 2 de março o apaixonado Juca Marcondes levantou-se às 5h30 para escrever. Queria traduzir, naquelas linhas, o seu suplício.

Não tinha dormido à noite de tanto pensar em Gelcy.

“O meu consolo é que faltam poucos dias para eu rasgar a distância que nos separa”.

O pessoal do coronel Bina Machado e do general Nilton de Almeida, diante do estado perturbador do Juca, brincaram com seus sentimentos, mas sem maldade.

Os militares deram-lhe trotes e fizeram gracejos.

O tenente encarou a brincadeira com bom humor.

Juca esteve no Ministério da Agricultura requisitando uma fita dirigida por ele sobre Bagé. Ele havia levado no avião um cinegrafista do DIP para filmar a vista panorâmica da cidade.

O general Milton convidou Gelcy para passar o verão no Rio.

O tenente Marcondes comentou, em cartas, que na Capital Federal era o expedicionário que estava com a moral elevada.

Esteve com o interventor de Ponta Porã: “vou saber o que há de novo”.

Em carta de 7 de março, no mesmo estilo romântico, Juca se mostrou preocupado com as provas de Gelcy na escola.

Disse-lhe para não tomar Perventin e emagrecer com mais regimes. “Não quero encontrar Olívia Palito aí não. Quem está emagrecendo sou eu devido a grande atividade acrescido do exercício de praia, natação”.

Mas confessava não ser bem esse o motivo, mas sim: “a falta que você me faz”.

A vida, no Rio, era sempre muito agitada e cara. Os filmes em cartaz eram: “Comédia Humana”, “Em Cada Coração um Pecado”, entre outros.

No teatro a peça “No Bico da Cegonha”.

Muita praia devido ao calor.

“Tenho nadado muito e cada vez que me afasto me lembro das suas recomendações”.

Fizeram um trato: quando um recebesse deveria telegrafar confirmando o recebimento.

“Parece não ter fim à vontade de se escrever...” – confessou o noivo.

Marcondes morava com Rodolfo Andrade Pinho em Copacabana, mas a casa habitual era a do Lau.

Rodolfo foi presidente da Câmara de Vereadores de Campo Grande em 1968.

Em carta de 21 de março, Marcondes informava que os estudantes não tinham gostado do novo plano de ensino e uma comissão tinha ido a Petrópolis conversar com Getúlio.

Quanto aos expedicionários, aquele era um dia de desfile e todos estavam bem treinados.

Em correspondência de 6 de maio, do Rio, cinco dias após o noivado, Marcondes chamava Gelcy de “minha noivinha”, confidenciando que na

proporção em que o avião se distanciava de Bagé, “eu sentia que naquele lugar, naquele instante, tinha ficado a minha vida”.

Dizia que entrou em uma espécie de estado catalítico, sem sentir nada o que se passou na viagem.

“Tanto fazia aquele avião subir a dez mil metros, como descer e espatifar-se no chão, era a mesma coisa”.

Gelcy escreveu:

Também sinto esta apatia invadir minha alma à medida que suas notícias se tornam escassas. E hoje é um dia que não consegui me livrar dela, pois, esperava receber carta e infelizmente não a recebi e isso me preocupa bastante. Chego a pensar ser perigoso dar a época de tua ida por cartas ou telegramas e arrependo-me de ter te pedido. Mas, como esta vai livre de censura e ainda sob a responsabilidade da senhora de um bravo aviador brasileiro, não preciso ter medo. As saudades cada vez se agravam mais.

A boa impressão deixada por Marcondes junto à família Teixeira foi manifestada pela tia de Gelcy, a Elcy:

Tua sympathia e bondade, a tua affeição pela nossa querida Gelcy, fizeram-te tão nosso que todos estão vivamente impressionados contigo!

Papai ficou imensamente teu amigo, fala sempre em ti e nas suas palavras transparece a grande amizade que te dedica! Tens parte no seu coração e no de todos os seus filhos.

Tivemos pesar de não te acompanhar quando desfilaste, o aviso da Maria chegou tarde, foi uma pena! A Nossa Senhora, sob cuja proteção está a Gelcy, há de proteger-te também, voltarás orgulhoso e realizarás os teus sonhos de amor, embora não descendas do vovô Camillo poderás ser o seu substituto, ele teve a mesma actuação que vais ter e também deixou a noiva, voltou cheio de glórias e construiu o lar que ambicionava!

Em outra carta Gelcy confessava: as saudades não a deixavam mais estudar.

Num domingo, ao retornar da missa matinal, ela recebeu telegrama que a deixou tão feliz que comparou o fato a um milagre diante das intermináveis orações que tinha feito.

Preocupada com a saúde do Marcondes, principalmente a dor nas costas, ela pedia para ele não se esquecer dos remédios.

Pedia para que o noivo telegrafasse diariamente, pois, assim, ficaria mais descansada.

Na carta do dia 23 de agosto Marcondes informava que estava recolhido ao quartel.

A noiva dedicava-se aos estudos e ao papel de professora. Os livros, pelo menos, “amenizam um pouco a nossa separação. Só aquele significativo telefonema foi capaz de me fazer viver verdadeiramente um dia em Bagé depois da tua ida”.

Ao receber o primeiro telefonema depois da partida no Centro Telefônico da cidade para onde se dirigiu na tentativa de ouvir melhor a voz do noivo, ela ficou tão emocionada que quase não conseguia conversar, duvidando se aquilo era real ou sonho.

“Minutos maravilhosos aqueles”, relatou.

Pedi para Marcondes ligar outras vezes, mas depois achou imprudente da sua parte porque as ligações ficavam caras. “Sei que é uma grande alegria poder falar contigo, mas saberei me contentar recebendo telegramas e cartas diariamente”.

Em missiva anterior o noivo falou da possibilidade de retornar a Bagé. “Será maravilhoso. Confiante, pedirei a Deus para que possamos realizar esta grande felicidade”.

Gelcy contava, na carta seguinte, sobre a experiência como professora e, inegavelmente, torcia para Marcondes não ir à guerra. Tinha convidado Maneco e Elcy para serem seus padrinhos de casamento, além da dona Jerônima, Lau e a Lúcia. “Concordas comigo?”, perguntou.

“Já esqueceste da campanha contra o pessimismo que tínhamos feito? Sim, sejamos sempre otimistas e confiantes em Deus, e o nosso êxito logo o alcançaremos”.

Já que a ida à guerra era inevitável, ela sugeriu para Marcondes imaginar que estaria indo à Europa para um passeio, conhecer novas terras, novos costumes “e assim voltará com uma grande reportagem para me contar, não é mesmo?”.

As cartas são floridas de provas de amor do início ao fim.

“Pedes para que eu não te esqueça nunca, mas julgas que serei capaz de te esquecer? Querido, és para mim tudo em minha vida e nunca te esquecerei”.

Pedia ao noivo para não procurar perigo: “conheço o teu temperamento dinâmico e por isso faço este pedido”.

Demétria e Domingos escreveram à Gelcy comovendo-a. “Já tenho tanta amizade por todos de sua família”.

As cartas felicitavam-na pelo noivado.

“A Demétria trata-me de irmã e fiquei boba com isto. Diz que quisera que Bagé fosse mais próxima a fim de nos conhecermos pessoalmente”.

Como Marcondes não podia se ausentar do Rio Gelcy voou até ele acompanhada pela mãe, a dona Maria Vieira Teixeira, em julho de 1944. Elas ficaram hospedadas no Hotel Avenida.

Visitaram Petrópolis, Quitandinha, o Corcovado, o Museu Histórico da Guerra, Jardim Botânico, Pão de Açúcar, Niterói, os cassinos, entre outros pontos turísticos...

Elas retornaram na segunda-feira seguinte, dia 24.

“Não calculas o quanto tenho falado a respeito dos passeios maravilhosos que me levaste no Rio”, escreveu Gelcy.

Informava já ter conseguido uma lista grande de moças que queriam ser madrinhas dos combatentes, jovens que escreveriam para os soldados e oficiais para estimulá-los nas frentes de batalhas e nos dias difíceis nos campos gelados da Itália.

Em 12 de setembro, poucos dias antes do embarque para a Itália, Marcondes contou uma surpresa: “estou fumando cachimbo!”.

Com a expectativa da partida, o fumo passara a ser uma necessidade. Um coronel lhe deu pacotes de fumo para serem distribuídos entre conhecidos porque não teria tempo de consumi-los antes de vencer a validade.

“Assim, após as refeições, tiro minhas fumaçadas”.

Ambos trocaram dezenas de cartas em oito meses e Marcondes fez questão de numerá-las e guardá-las com carinho para relê-las e deixá-las para a posteridade.

Em 5 de julho de 1944 Aral Moreira disse por carta: “Quer dizer que uma gaúcha quebrou o seu topete de renitente guaicuru?”.

Felicitava o amigo pelo noivado.

Dizia que continuava, em Ponta Porã, com a luta incessante contra o banditismo e o caudilhismo.

“Não sei como ainda não me mataram (...) Aqui apresenta ligeiras melhoras, mas o futuro promete, como em todo o Brasil”.

O 1º Batalhão de Saúde embarcou para a Itália no navio norte-americano “USS General M.C. Mann AP-112”, sob o comando do General Oswaldo Cordeiro de Faria, fazendo parte do 2º Escalão¹²⁸.

Seguiu de trem da EFCB da Vila Militar ao cais do porto saindo às 12h30 do dia 22 de setembro de 1944 integrado ao 5º Exército e ao IV Corpo.

Esse batalhão comandado pelo médico e tenente-coronel Bonifácio Antônio Borba era formado, em maio daquele ano, por 23 médicos, todos jovens com patente de capitão para baixo.

Marcondes enviou, às vésperas do embarque, pela mala aérea, uma encantadora surpresa à noiva, uma carta sonora em disco compacto de vinil gravado no Rio com este teor:

Minha querida noiva Gelcy,

Ouça-me:

Antes de partir, no cumprimento de meu supremo dever de brasileiro quis escrever esta missiva sonora, afim de que tu mesma ouvisses de minha própria voz estas palavras de despedida.

Sei bem que tu com a abnegação patriótica da mulher brasileira compreenderéis a dignidade de minha atitude, atendendo ao chamamento da Pátria e adiando para o futuro, o nosso sonho de amor e felicidade conjugal, porém com segurança de sua realização.

¹²⁸ Cf. INNIS, 1949, op. cit., p. 286, o efetivo era formado por 5.075 homens, incluindo 368 oficiais.

Jamais duvidei do teu espírito de sacrifício e do teu entusiasmo patriótico. Compreendo perfeitamente que, indo lutar contra o impiedoso inimigo, estou defendendo um mundo mais digno e mais feliz para todos nós. Pois não se concebe viver cercado de maledicências, ódios e assassínios, institutos nazi-fascista que estão ruindo para o bem da humanidade.

Tenho certeza que, servindo a Pátria, preparo para nós dois, um lar alicerçado na paz e na solidariedade humana. Conheço os teus sentimentos mais puros, e estou convicto que eles hão de me inspirar nesta jornada, que o próprio destino quis eu percorresse. Avalio a tua admirável fibra de mulher brasileira e por isso sinto-me animado diante das vicissitudes deste momento histórico da Pátria. Sei que nunca desanimarás como tenho a firme convicção de que não desanimarei.

Devemos, nós dois, enfrentar, com serenidade e elevação, o imperativo do dever. A Pátria exige este tributo do nosso amor, e é o que a completa. Deves ter confiança em minhas palavras. Para onde for, nas trincheiras, nos campos de batalha ante a exigência de qualquer sacrifício, meu pensamento estará sempre contigo, como uma encarnação da própria Pátria. Tenho a certeza de que, nestes momentos as preces, as tuas devoções serão voltadas a este sincero soldado do Brasil.

E si, por ventura, algum dia, sentires o temor da dúvida e da hesitação, ouve estas palavras de quem luta por ti e pelo Brasil.

Gelcy confia na vitória, ela nunca abandona os que lutam pelo dever, pela razão, pelo direito e pela liberdade.

Quero que guardes estas palavras de despedida. É o meu último presente antes de partir, é um presente que une a esperança da vitória à saudade de ti, dos dois amargos que devo enfrentar. Deve valer muito para nós dois, que acreditamos com o mesmo entusiasmo, na Pátria e no Amor.

Até breve. Beija-te.

Sinceramente

Marcondes

Juca deve ter se inspirado no tio-avô de Gelcy.

O brigadeiro Camilo Mércio Pereira escreveu um soneto de despedida à noiva, em janeiro de 1835, antes de partir para os campos de batalha. Essa data consta em um álbum de retratos de Marcondes na Itália.

A guerra vivida por Camilo foi a Revolução Farroupilha (1835-1845).

Eis o soneto:

Já determina mavorte
A tua ausência eu chorar
Defender a liberdade
Para os louros te ofertar

O monstro da tirania
Arvora seu estandarte
Tenta numa e noutra parte
Contra nós a ordem ímpia

A Pátria pede energia
Exigindo valor forte
E manda-nos dar a morte
A esse monstro cruento

Que marchamos no momento
Já determina mavorte

Emocionada com o inusitado presente, Gelcy, católica, orava todos os dias para o seu amado voltar vivo, sem ferimentos e glorioso.

O amor dos dois, em aviões do Correio Aéreo dos EUA, cruzou o Atlântico através de cartas, telegramas e pensamentos apaixonados.

Chico Alves não se opôs ao desejo do filho de ir para o “front”:

– Quer lutar por seu ideal, que vá! – comentou ao Sebastião sobre a decisão do Juca.

Para fugir ao embarque, uns simularam doenças contagiosas, ludibriando os médicos, e outros, como desertores, deram no pé. Desertores, aos quais faltou moral, vergonha, dignidade e amor à Pátria, houve muitos.¹²⁹

¹²⁹ DEQUECH, 1994, p. 41.

“Se todos nós fossemos convocados iríamos de bom grado, o papai não fez oposição”.¹³⁰

Fui ao Rio para estar com ele naquela partida para os campos da Europa onde se iniciava a maior guerra que o mundo já vira em toda a sua longa história. Foi escalado no Hospital Militar. Estive com ele no campo onde se preparava e organizava o necessário e imediato para o embarque daquela força militar. Conversei e observei a serenidade como aquele contingente da força jovem encarava aquele momento para da incerta e desconhecida aventura ao encontrar com os poderes destrutivos mais violentos para a destruição humana criada pelo homem. Mas a disposição de cada um era eufórica, transmitindo um desprendimento inocente à vida, realizando aquela tarefa inicial como um dever comum do dia-a-dia na súplica liberdade do destino. Foram, mas muitos não voltaram. Uma parte da história nacional passou.¹³¹

¹³⁰ S. A. MARCONDES.

¹³¹ D. M. TERRA.

6. DIÁRIO DE GUERRA¹³²

1944

SETEMBRO

SÁBADO – 16: Esboçam-se preparativos para a já esperada partida para os campos de batalha de além-mar. Por ser o dia do meu aniversário julguei ser o maior presente que recebi nesse dia, a ordem para impedimento no quartel e, em consequência, a entrada em ordem de marcha. Ainda fui almoçar com meu irmão e parentes que me esperavam para felicitar-me. Às 18h, depois de fazer a volta ao Jardim Botânico da Gávea, com o tenente Toledo que embarcou no jipe, fui até o Parque da Gávea e de lá dando volta pela Praia de Ipanema, fui até a casa do coronel Borba que já me esperava para irmos para o quartel. No Batalhão, a turma delirava com a notícia, às vezes contrastando com a emotividade de alguns cujo pensamento vagueava muito adiante.

DOMINGO – 17: Tudo se resumiu em preparativos. Revista médica no pessoal, fiscalização de documentos e outras providências.

SEGUNDA – 18: O reajustamento foi se ultimando, a tropa já estava com os requisitos para embarque. Substituições de homens foram feitas, distribuição dos camarotes e cartões das rações para oficiais e para praças. À tarde, foi dada a primeira ordem: deveria se deslocar às 14h de terça-feira, a 3ª Companhia. Isto chocou o pessoal da 1ª Companhia de Tratamento bem como o Destacamento de Comando que, pela ordem e pelo histórico da vida da unidade, deveriam embarcar no 1º Escalão. A estas, ordem para embarcarem quarta-feira, dia 20. Nesta altura dos acontecimentos, como natural, surgiram os trotes e chistes do pessoal da

¹³² Escrito pelo coronel Marcondes e transcrito, na íntegra, de dois cadernos capa dura. A intervenção do autor se limitou a eventuais correções gramaticais (preservando a grafia da época), observância em relação ao nome de cidades, lugares mencionados, nomes de militares, além de citações e referências. Em alguns trechos a letra é ilegível.

3ª Companhia dizendo que o 1º Grupamento ia para o “Recreio dos Bandeirantes” ou então embarcariam no “Mocangue”. Muitas piadas saíram.

TERÇA – 19: Tudo dentro do ritmo normal. Preparativos intensos dos que disseram embarcar às 14h daquela tarde. Os outros, um pouco despeitados e receosos de não irem ainda desta vez, inclusive eu. Acompanhá-vamos o entusiasmo dos outros. Deu-se a partida, afinal, do 3º Grupamento. Tarde triste e longa bem como à noite para os que ficaram. Mas a mala “A”, o terror da Guerra para os Expedicionários, tomou-nos o tempo e passamos à tarde e à noite às voltas com ela.

QUARTA – 20: Alvorada às 5h. Rapidamente todos se levantaram e prepararam-se para o rancho. Às 7h, dávamos partida para a plataforma de embarque. Às 8h30, um longo comboio deixava a Vila Militar, o resto do Batalhão de Saúde do Exército (BSE) e parte de outras unidades chefiadas pelo major Mota. Às 10h, estivemos na frente do navio ancorado em frente o armazém 10. Ancorados entre os armazéns 10 e 11 estavam dois enormes transportes americanos. O pessoal que tinha vindo no dia anterior embarcou no navio. Às 11h, estivemos a bordo. Aí encontramos muita gente. Contando os que já se achavam a bordo desta segunda-feira, 18, como precursores. (...) Troquei o meu cartão do número do camarote por um branco que dava direito ao rancho. Passei o resto e galguei a escada do navio com a mala “A”¹³³ na cabeça. Um marinheiro americano levou-a até o 203. Aí já se achava diversos oficiais, inclusive o velho amigo tenente Pitaluga. No camarote, havia uma linda vitrola de colegas e eu com meus discos de polca paraguaia que foram ouvidos. Ao almoço não tive direito porque os que embarcaram pela manhã não receberiam ração. Tomei um bom banho e subi para o salão dos oficiais onde redigi para Gelcy a primeira carta a bordo. Às 16h, foi o nosso rancho. Gostei da comida. Durante o dia, notam-se os alto-falantes distribuindo serviços e avisos para o pessoal a bordo, ora em português para os brasileiros e ora em inglês para os americanos. Após o jantar, fomos para o convés respirar. O

¹³³ Cf. DEQUECH, 1994, p. 41, o saco “A” continha uniformes, cuecas, meias, agulhas, botões, pentes, enfim, tudo que fosse de primeira necessidade. Havia também o saco “B” destinado a guardar objetos e peças de uso não imediato.

Presidente da República aí logo apareceu com o seu sorriso amável. Depois de passar em revista à oficialidade, dirigiu-se ao gabinete do comandante do navio de onde pronunciou uma pequena locução despedindo-se do corpo expedicionário. À noite, depois de transitar por várias dependências do navio, recolhi-me ao camarote, de onde sai à meia-noite por desconfiar que o navio estivesse zarpando do porto. Mas não era nada. Voltei e continuei a dormir até a alvorada do dia seguinte.

QUINTA – 21: Pela manhã, nada de novo. O navio continua ancorado. Às 9h, foi o rancho que me tocou. A comida foi bem americana, mas comi bem e gostei. Voltei para o camarote e ouvi um programa de polca na vitrola. Às 14h, houve um exercício a bordo. Este exercício constou de alarme para preparação de abandono do navio. Após 15 minutos foi dada a ordem de abandono do navio. Cada passageiro saía e colocava-se no convés em frente ao seu bote que tem número e o número consta no cartão de ração. Após o exercício de alarme, fiquei no camarote jogando (...) com Pitaluga e saboreando meu chimarrão, o primeiro tomado a bordo. Às 17h, o jantar. Após o jantar, fiz o “quilo” no convés em palestra com alguns amigos. Fiquei conhecendo o professor Monteiro, com quem conversei muito. Gostei de suas ideias sociológicas e políticas, não falando na parte científica, na qual ele é mestre. Às 21h30, me recolhi. Às 5h do dia seguinte, despertei com o anúncio dos colegas do camarote que o navio estava deixando o porto.

SEXTA – 22: Às 5h30, já acordado, ouvi um aviso pelo microfone: para que todos colocassem os salva-vidas. Percebi que estávamos vivendo o momento histórico da nossa viagem. Era o instante de deixar a Pátria para glorificar a sua existência em outras terras distantes. Vesti-me, coloquei o salva-vidas e subi para o convés do “deck” onde se fita a sala de estar. Quase toda a oficialidade procurava ver a cidade maravilhosa que ficava, algo lhes prendia a alma e fazia pular seus corações. Foi um momento de reflexão. Em cada rosto estava estampada uma mensagem de despedida. Mas o navio se afastou um pouco e foi logo envolvido por uma densa serração que foi uma cortina para os olhos de despedida. A serração foi se tornando tão densa que o navio teve que parar e apitar constantemente,

talvez para evitar abalroamento. HORA HISTÓRICA: Às 12h30, largamos definitivamente. Às 12h40, transpúnhamos a barra. Ainda o Rio envolto em nevoeiros, deixa-se ver a silhueta de seus morros. O gigante adormecido formado pela “pedra da Gávea”, Corcovado, etc., estava perfeitamente visível. Tanto que um dos chefes da tropa chamou-nos a atenção. Esta contemplação durou quase uma hora. Toda a tropa postada no convés queria, num derradeiro momento, despedir-se do Brasil e do Rio. Alguns, como eu, viam nas praias os arranha-céus, onde ficaram suas residências, famílias, esposas e filhos. A velocidade foi aumentada e dentro em instantes estávamos em mar alto. Foi anunciado um exercício a bordo às 14h50. Consistiu em aguardar ordem em seus compartimentos e, depois, aos seus postos de salvamentos. Durante o dia correu tudo muito bem. O mar estava manso e a tropa não se sentiu mal. No meu compartimento, camarote 203, a boa vitrola fazia tocar os discos de polcas paraguaias constantemente. À noite, quando o chimarrão constituía o motivo da nossa permanência no camarote, o general Cordeiro de Farias apareceu para uma visita. Manteve-se uma meia hora conversando conosco. Estivera, antes, no camarote o Major Saldanha. Dormimos. Passei bem à noite.

SÁBADO – 23: Prossegue a viagem. O pessoal começa a enjoar. Pela manhã tomei um chimarrão na cabine do coronel Borba. Às 9h o “breakfast”, almoço. Às 14h30, exercício de abandono de navio. Soa a campainha. Todos aguardam ordem em seus compartimentos, ordem para seguirem para os postos de abandono. No caso, o meu é o número 8. Às 16h, uma reunião do Controle do Serviço Especial para a organização de várias atividades recreativas a bordo. Teatro, jornal e esporte. O pessoal a cargo do tenente Pitaluga. Notou-se durante o dia o acréscimo de mais dois cruzadores americanos no comboio. Passaram a ser cinco, com o Bahia. Uma escolta poderosa. À tarde, o navio jogando muito, não me permitiu jantar direito. Recolhi-me cedo mesmo.

DOMINGO – 24: Pela manhã subi para o último convés para tomar um chimarrão com os majores Mota e Saldanha. Após o rancho, ouvi a missa do capelão americano, ouvindo o canto que tantas vezes se ouve no cinema (...) azul dos oceanos vendo-se os destróieres em número de cinco

com o nosso (Cruzador Bahia) tinha-se a afirmação plena da precaução (...) Passei a viver instantes novos na vida. Falei, após, com o capitão Reis, para ver se, por intermédio dele, se conseguiria trocar algum dinheiro em Dólar. Prometeu-me que sim. Os aviões da marinha americana de quando em vez davam sinal de suas presenças com ruídos fortes. Cientifiquei-me bem da segurança do nosso comboio. Estamos sendo acompanhados por dois destróieres e três cruzadores, todos americanos. O cruzador brasileiro saiu do comboio no segundo dia. Às 13h30, como sempre, o alarme a bordo. Era o exercício de todos os dias. Pela tarde sobrevoou o nosso comboio uma aeronave muito linda, toda amarela (...). Às 16h, o meu rancho. Comi muito bem. Após o rancho, consegui a irradiação a bordo do futebol no Rio. A sala de estar se encheu de torcedores. À noite, o cinema de todos os dias na sala de estar. Foi advertida a turma para adiantar em mais uma hora seus relógios a partir da meia-noite. Com esta, já estava 2h que aumentávamos.

SEGUNDA - 25: Tudo normal. A alvorada que parece mais uma “galinha cacarejando quando abandona o ninho”, foi tocada às 6h. Levantei-me, banhei-me, preparei o chimarrão e subi para o terceiro convés onde já me esperavam os companheiros major Mota e coronel Borba. O tempo estava meio chuvoso. Refeição. Um dirigível chama a atenção da tropa. Sobrevoa durante instantes o comboio. Uma coisa a notar, o navio transporte companheiro sempre viajou à nossa direita. Às 10h30, o microfone chama a atenção e o pessoal para ver minas boiando a boreste do navio. Eu as vi, creio que eram três. Neste instante, 1/4 para 12h, o dirigível-patrolha está evoluindo nas imediações aonde vai passando o comboio. Às 13h30, como de costume, soaram as campainhas de alarme. Às 14h30, começaram os exercícios da tropa do comboio. Apareceu um avião rebocando uma biruta que cruzava constantemente pelo comboio. O primeiro a abrir fogo foi um cruzador que vinha na retaguarda. Depois o outro navio transporte e outros cruzadores. Era um trovão. O nosso, quando chegou a atirar, era 16h, eu já tinha descido para jantar. Foi um inferno de fogo. Quase todas as armas que não eram em número elevado alinharam ao mesmo tempo, tive impressão de uma grande chuva de pedra num barracão de zinco. O avião, tão bem armado que com suas armas eriçadas, parece um ouriço. O

último que atirou foi o nosso e aí acabou o exercício. À tardinha, o general Cordeiro convocou uma reunião geral com os oficiais para fazer a eles certas recomendações como medida de segurança a bordo. À noite, começando às 19h, fui ao cinema. Depois, repouso. As luzes apagaram-se às 21h. Passei bem à noite.

TERÇA – 26: Pela manhã, meu banho de água salgada porque doce é só para beber e lavar o rosto, o chimarrão com o coronel Borba e outros companheiros e, às 9h, o rancho. Fiz troca de dinheiro brasileiro por Dólar. Consegui quatro Dólares. Começou no navio a história do clube. É que o indivíduo que nunca atravessou o Equador pede para um que já tenha sido batizado para assinar uma nota de um Dólar e paga ao assinante um Dólar. Eu fiz o Pitaluga assinar a minha. Prossegue sem novidade a viagem, somente com a temperatura elevada, talvez por causa da aproximação do Equador. 13h30, alarme, o de sempre. 14h30, convocação dos oficiais pelo general Cordeiro (tratava-se da repreensão de três oficiais que transgrediram dispositivos disciplinares. Estes já estavam destinados à prisão nos seus camarotes por três dias pelo comandante do navio que é o chefe absoluto de toda a tropa). Entretanto, o general conseguiu que só uma repreensão valeria pela prisão. À tarde, fui procurado pelo capitão chefe do compartimento de praças 204, capitão Antônio Barros Moreira que me comunicou estar em uma escala de serviço desse compartimento, começando minha hora, de zero às 2h em substituição ao tenente Godofredo. Dei o primeiro serviço em alteração, daí em diante, de oito em oito horas tinha que tirar o meu quarto da hora regulamentada.

QUARTA – 27: Pela manhã, sem novidade. Apenas o comandante do navio, em comemoração à Travessia do Equador que se deu às 14h, mandou distribuir cigarros aos praças e ofereceu um prêmio em Dólar a quem primeiro visse a linha do Equador. Avisou que o calor ia ser forte nos três dias de travessia do Equador. Avisava que a ninguém era permitido enjoar uma vez atravessada a linha do Equador. Às 14h, o comandante do navio pediu o comparecimento de todos os oficiais a bordo na sala de estar (antes foi distribuído um pacote de cigarro a cada oficial como presente na transposição do Equador). Às 14h10, todos os oficiais estavam presentes

na sala de estar. Surgiu o “cordão” (...) na frente representado pelo capitão-tenente brasileiro Mário Reis e, depois, doutor Cysnério, da Junta Médica, e outros. Foi uma grande solenidade. O padre rezou aos calouros do Equador e com vivas e palmas acabou-se a festa. À tardinha, (...) a artilharia funcionou com seu repertório de músicas cariocas para quase toda a oficialidade de bordo, inclusive os americanos. O general Cordeiro de Farias acompanhou de perto o show. À noite, em nosso camarote, ouvindo polcas paraguaias, discutimos problemas de riqueza mineralógica do Brasil, tendo ali junto o professor de mineralogia, major Saldanha da Gama. O calor dessa zona tropical é de matar. O mar apresentava-se calmo pela falta de ventos. O boletim de bordo advertiu que o comboio correria perigo de um ataque aéreo ou de submarino. Mas correu tudo bem. Foi esta a zona marítima causadora da descoberta do Brasil.

QUINTA – 28: Alvorada às 6h. Nada de novo, calor e nada mais. Reproduzo aqui a conversa que tive ontem com o capitão da marinha brasileira. Sobre a nossa viagem, me disse ele que o cruzador Bahia nos acompanharia até a altura da Bahia, mesmo porque ele está destinado à patrulha da costa que vai do Recife até o Rio. Disse-me que a marinha brasileira atua em três rotas: de Trindade a Recife, outra de Recife ao Rio e outra do Rio ao Sul. No dia em que saímos do Rio, só havia o cruzador Bahia disponível lá, que o outro comboio tinha sido feito pela Esquadra Brasileira até ao Equador (linha). Por último, me explicou o porquê do ziguezague do navio. Disse ele que era para escapar de qualquer ataque de submarino, que havia 40 movimentos e que, a cada momento, se usa um. À tarde, com um calor insuportável, só houve de extraordinário o costumeiro alarme, exercício de salvamento. Tivemos uma prolongada roda de chimarrão e música. À noite, o escurecimento e o cinema que exibiu um pessoal na parada de Sete de Setembro. Este espetáculo trouxe-nos saudades. A todo o momento, uma viva aclamação surgia com o entusiasmo que provocou a plateia, as diferentes armas desfilando.

SEXTA – 29: Continua o calor insuportável. O mar é uma lagoa, diz-se que esta é a região das célebres calmarias da Costa da África. Já se ouve os comentários no navio que, daqui adiante, a temperatura começa a descer. É

que a passagem Gibraltar se dará domingo à noite para a segunda pela manhã. Às 11h, quando tudo marchava normalmente, o navio deu uma guinada de quase 45 graus e o destróier que estava à retaguarda virou 90 graus e, imediatamente, soltou uma bomba de profundidade. Neste instante, o “general–alarme” anunciava a notícia. Era a presença de um submarino que o rádio acusou. Com essa notícia, todos ficaram ativos e com os olhos fitos no destróier que ficou dando caça à “cascavel do Atlântico”. Depois tudo se acalmou e o destróier perdeu-se de vista. Logo depois de nos alcançar, mais nada soubemos. À noite, o “general–alarme” deu início ao exercício de salvamento que durou quase uma hora. Toda a tropa devidamente preparada esteve ao seu posto de abandono do navio. O calor continua intenso ainda, somente tínhamos o receio de ser atacados na noite, segundo informações do comandante do navio. O meu serviço no compartimento 204. Com o calor, me fez lembrar de pão em forno.

SÁBADO – 30: Continua rotineira a viagem. Somente alguns comentários de que estamos atravessando a zona mais perigosa do Atlântico. O comandante recomenda precaução, cantil cheio, salva–vida a mão, etc. Saiu o 2, número da esquadra “A cobra fumou!”. Tive meio abalado com um laxante que tomei, tanto que não comi nada pela manhã. No almoço já estava bem e descontei. Às 14h, o senhor general pediu a presença de todos os oficiais na sala de estar. Com todos presentes, foi anunciado que era para se fazer à entrega dos diplomas comemorativos a passagem do Equador, tradição dos homens do mar. Recebi o meu, um diploma com forma clássica. Figuras alegóricas de Netuno e vários outros seres que habitam os mares. Segue-se uma longa legenda historiando o acontecimento. Após, recolhi-me no camarote para o chimarrão de costume. Aí começou a assinatura dos colegas de camarote na cédula do “Snorter Short” e também no diploma “Os Lobos do Mar”. Acabo de ler o boletim diário de bordo. A notícia mais sensacional é a do ataque feito à Argentina pelo presidente Roosevelt. À noite, na hora do “show do cabaret” já bastante acreditado a bordo, houve um programa que provocou uma ligeira reação por parte dos maiores. É que o doutor Cysnério (amador), havia ocupado o microfone para contar umas anedotas que não foram aceitas pela grande maioria devido ao seu cunho baixo. Impressões

colhidas são de que o cassino seria fechado. Fomos para cama. Eu, às 2h, entrei no meu serviço de sempre.

OUTUBRO

DOMINGO – 1º: Embora a rotina de bordo, a gente se lembra de vários programas que tínhamos feitos se estivéssemos em terra. Houve várias missas em diferentes lugares do navio, pois, viaja cinco capelães militares, inclusive um americano a bordo, havendo um protestante. Passei uma manhã um pouco triste pensando nos que ficaram. A notícia ventilada a bordo é de que vamos transpor Gibraltar na terça-feira. Almoço às 12h, almocei bem. No camarote, esperei o exercício de alarme e depois todos reunidos fizemos as assinaturas dos diplomas de Netuno. Com relação à ocorrência com notícias de que em consequência do acontecimento do “show do cabaret”, foi chamado pelo general Cordeiro o autor do programa, doutor Cysnério, que deu origem ao incidente de ontem e outra notícia de que estava fechado o “cabaret”. Embora isso que ficou dito, houve a parte musical. O tenente Prado apareceu com um show do Regimento Sampaio e exibiu-o durante uma hora. O programa variado fazia a gente recordar da terra natal. Do show, seguiu-se para o cinema.

SEGUNDA – 2: Logo após a alvorada, uma notícia de que, digo, uma ordem do general para todos os brasileiros recolherem o dinheiro – Dólar e Mil Réis – pois, de acordo com a legislação americana, a moeda ou dinheiro para circular em país diferente deve sofrer um câmbio especial, e era que o próprio Dólar era especial. Estive em entendimento com o coronel Ademar para que eu fosse substituído no serviço. Ele tomou conhecimento do assunto, pois, era de direito meu e até agora não ficou ainda resolvido. Adiantou-se nesta meia-noite passada mais uma hora, já lá vamos com três horas de diferença do nosso horário no Brasil. Falei com o major Raphael Souza Aguiar. As tantas da tarde, os “liberadores” patrulhavam as regiões da nossa rota. Foi notada a presença de pássaros como canários, rolinha, naturalmente africanos, que vinham nos visitar. À noite, depois do escurecimento do navio, todos os oficiais presentes na sala de estar foi

anunciado pelo major Saldanha que seria prestada ao coronel Caiado, comandante do Sampaio, uma significativa homenagem. Oradores fizeram-se ouvir sobre a efemeridade e dentre eles alguns de profundo cunho sentimental. Comoveu-me muito a surpresa dos americanos. O comandante do navio determinou a toda a tripulação que se associasse às homenagens. Ofereceram um bolo ao coronel Caiado, contendo duas velas que significavam Brasil e Estados Unidos. Foi tocante esta homenagem para todos nós. Além disso, cantaram “happy day”. Depois, seguiu-se o cinema. Houve também uma recomendação para que adiantássemos mais uma hora o horário dos relógios, perfazendo assim o total de quatro horas, exatamente a diferença da Europa do Brasil. Houve uma grande solenidade às três horas da tarde. O general Cordeiro passou em revista ao graduado da tropa americana. Eles com uniforme de passeio se apresentavam de maneira impressionante (...).

TERÇA – 3: Às primeiras horas da manhã, após a mesma pregação de sempre, alvorada!... A tropa deve se preparar, etc. Momentos depois, outra pregação: “está terminado o escurecimento do navio, todos devem subir ao convés para respirar o ar puro da manhã”. Além dessa notícia, foi anunciado que estávamos viajando junto às terras africanas, pois, o convés do navio ficou cheio de poeira da terra avermelhada que é a cor da areia do deserto ocidental africano. Há expectativa para a chegada de Gibraltar. Como a passagem só se daria à noite, realizava-se a solenidade de despedida do comboio às 13h. Houve ordem para que a oficialidade e tropa viessem para os conveses descobertos. Estávamos a postos quando o cruzador “Memphis” se aproximava com toda a tripulação em forma. Há o hasteamento da Bandeira Brasileira no dito cruzador. A tropa brasileira faz continência e canta “Deus salve a América”. Ouve-se toda a guarnição do cruzador dando “urras” ao Brasil. O general Cordeiro pronunciou vibrante discurso, agradecendo ao comandante do navio, a esquadra do comboio pelo seu desvelo, atenção e carinho com a tropa brasileira. Cercado de toda uma segurança jamais imaginada, o comandante do navio respondeu com termos de exaltação à nossa gente e ao Brasil. Terminada esta parte cantamos o Hino Nacional. Foi um espetáculo que nunca pensei viver em minha vida. Continuam os indícios de terra. Pássaros a bordo, como ao

meu lado pousou uma rolinha. Às 15h15, foi anunciada terra à vista, de fato, silhueta muito apagada podia se divulgar. O rádio anunciou que vai ser permitido à tropa sair ao convés depois do escurecimento do navio para ver a passagem de Gibraltar que está marcada para 20h. O fato é que não tarda o grande momento histórico para mim pelo fato de passar por um dos mais célebres acidentes geográficos do mundo. Uniformizei-me e cortei cabelo como se preparando para uma solenidade. Às 19h30, foram vistos os faróis que ficam do lado da África. Posteriormente, a cidade de Tanger, no Marrocos francês, e depois Celta, no Marrocos Espanhol. O canal tem 11km de largura. Do lado da Europa avista-se bem a iluminação da cidade Algesiras. Após uma hora, mais ou menos, passamos de frente da fortaleza de Gibraltar, o famoso penhasco onde está o controle do estreito pelos ingleses.

QUARTA – 4: Amanhecemos em pleno Mediterrâneo. Aparentava mais calmo do que o Atlântico, nada de novo na viagem a não ser a escolta que está sendo feita pelos dois cruzadores da esquadra do próprio Mediterrâneo. Houve já as primeiras horas para a preparação para o desembarque que se dará sexta-feira. A ração “k”¹³⁴ será recebida amanhã. À hora normal do exercício, este se verificou acrescentando seis exercícios, de fogo no navio, mas a tropa não saiu de seu compartimento. Tudo foi rotineiro. À tarde os oficiais foram convidados a assinarem um livro, aliás, dois que seriam oferecidos ao comandante do navio. Não houve cinema à noite, somente o chamado tocou. À tarde, tiramos uma fotografia com o coronel Mury.

QUINTA – 5: Preparativos para o desembarque. Às 14h55, recebi as rações “k” para o Destacamento do Comando, três caixinhas, uma “breakfast”, almoço e jantar. Andei o dia inteiro no navio para completar as assinaturas das pessoas mais eminentes da Divisão e dos oficiais meus amigos. Como se tratava já da aproximação da zona efetiva de guerra, houve ordem geral para que não se abandonasse o salva-vidas. Além do exercício de alarme da manhã para mudança do horário de trabalho, houve outro à tarde. À

¹³⁴ Ibidem, p. 44, alimentação americana (“breakfast”, “dinner” e “supper”) acondicionada em três caixinhas de papelão impermeabilizado do tamanho de embalagens de sabonete.

noite, a recomendação era para que se dormisse vestido e com os recursos a mão. Até a zero hora passei arrumando a mala, indo depois repousar, tendo passado muito bem à noite.

SEXTA – 6: Após a alvorada, o microfone chamou a atenção que era preciso subir ao convés a fim de ver as costas italianas. Estávamos já próximos a Nápolis. Às 6h, subi ao convés e avistei, à direita, a ponta do Cabo Sorrento que começa a formar no Golfo de Salerno onde fica a cidade do mesmo nome, situada a algumas milhas do Sul de Nápolis. Do outro lado, a ilha famosa de Capri, um dos recantos célebres para o turismo em Nápolis. Esta ilha ergue-se pomposa e solene subindo às alturas. É toda ela em penhasco e sua conformação é de origem vulcânica pelas grutas e pontas que se observa. Há muitas coisas, parecendo algumas serem residências fidalgas. Prosseguindo a entrada para o porto, descortinou-se o famoso Vesúvio que pela sua configuração foi logo identificado. Via-se a abertura da cratera. Surpreendeu-me não ser muito alto, pois, o achei pouco menor do que o Pão de Açúcar. Logo, as vistas foram-se esbarrando com a cidade que tem o formato de semicírculo desde o (...) ao castelo que fica em frente faz lembrar Recife com seus diques, etc., e à esquerda o porto da cidade da Bahia, vendo-se bem a cidade baixa e a alta. Mas o que mais me chamou a atenção foi à existência de navios no porto. Navios de toda a natureza, desde ao navio-hospital, às barcaças de desembarque. Quando fomos nos aproximando do cais, é que se observam os estragos dos bombardeios, navios afundados de todo o jeito. Navios de guerra de carga e até um submarino ainda com a escotilha de fora, outros navios embarcados. Uns tombados, outros afundados até o meio, era apavorante o espetáculo. Fazendo uso de um binóculo, observei com mais detalhes a situação da cidade. Via-se o desmoronamento causado pelos bombardeios. Quase todos os prédios da zona portuária foram atingidos. O porto da cidade é de antiguidade, é fisionomia de cidade milenar. Toda a cidade apresentava uma tonalidade cor de rosa. Às 9h, o navio encostava-se ao cais. Aguardávamos ordem para o desembarque, o que não se realizou em virtude de uma determinação superior. É que deveríamos aguardar embarcados outros transportes marítimos para nos levar a Livorno, mais 500 km para cima. Isto é porque parte da Divisão da FEB já se achava aí

nessa cidade. Assim houve ordem de não desembarcar ninguém. Passamos o dia no mesmo ambiente de viagem. A miséria estava estampada no rosto dos italianos que trabalham como estivadores no cais. Dois também dos que se aproximaram eram pequenos barcos para pedirem coisas de comer ao pessoal do navio. As notícias que se obtinham da cidade era de miséria e prostituição!... O navio foi visitado pelos generais Boanerges, Washington e outros. Estiveram a bordo alguns médicos e enfermeiras. Dos médicos me lembro do doutor (...) Luís, das enfermeiras, da Lúcia, a quem dei oito cartas para botar no correio para mim. Assim, contemplando o espetáculo novo que surgia, vendo a cidade e o movimento do porto, passamos o dia. À noite, a mesma de sempre no navio.

SÁBADO – 7: Rotina de bordo. De vez em quando uma visita de oficiais que chegavam da zona de frente, dando notícias do nosso pessoal. Todas notícias muito boas. Pelo senhor general Cordeiro foi estabelecido um programa de visitas e um intercâmbio de um navio para o outro. Quando a notícia chegou ao meu conhecimento, soube que muitos dos oficiais iam à cidade, em vez de ao navio. Dei o meu nome para 15h. A esta altura, às 15h, consegui botar os pés em terra. Lá me encontrei com o Lúcio e o capitão-médico Bandeira. Também fui à cidade. Ao penetrar na principal rua, fiquei surpreso com o que vi. Na Rua Via Roma, uma verdadeira babel. Homens de todas as raças e tipos. Uniformes tão variados que era um verdadeiro carnaval. Os civis a oferecer cousas para vender e mulheres. O que mais me alarmou foi à presença de meninos como agenciadores de mulheres que sempre eram de suas famílias. As casas comerciais estavam com suas vitrinas vazias e algumas cousas que tinham à vista era por um preço exorbitante, em Lira de circulação aliada. Frases inglesas por toda à parte. Vi nas vitrinas muitas coisas de antiguidade, joias em pérolas e corais. Saindo dessa rua principal, as outras ruas eram estreitas e imundas. De quando em vez, aparecia um italiano falando que tinha parente em São Paulo e já oferecia qualquer coisa, visando dinheiro, cigarro e café. Todo o movimento gira em torno da miséria. Conversando com um italiano, chefe dos estivadores que estavam descarregando o navio, disse-me ele que estavam sofrendo desde setembro do ano 43, que os “tedescos” alemães haviam saqueado a cidade, que o sofrimento com os bombardeios foram

horríveis. Mais de 20 mil napolitanos morreram, desde “bambinos” (crianças) aos mais velhos. A cidade é servida por zona agrícola, daí não ser maior a miséria. Via-se muita uva e maçã à venda. O movimento de viaturas é enorme em toda a cidade. Somente viaturas militares, alguns carros particulares circulam. Não há doenças epidêmicas na cidade. Recolhi-me ao navio à hora marcada. Chegando, soube que o senhor general havia suspendido a vista aos outros navios companheiros porque tinha pegado uns oficiais na cidade. De fato, quando às 18h, o microfone anunciou que o senhor general havia suspendido a permissão para a ida a bordo do navio companheiro porque tinha encontrado com o capitão Caio, tenente Vair, na cidade, e pedia aos seus comandantes que os punisse. À noite, sem alteração. Notícia que só segunda teríamos as barças, nosso transporte para Livorno.

DOMINGO – 8: O aspecto na vida a bordo é o mesmo, em nada alterou. De quando em vez, abandono o camarote para ir ao convés a fim de contemplar os vários panoramas de Nápoles. O tempo sempre chuvoso, desde que chegamos. Nada aconteceu de importante neste dia insípido. Às 18h, o senhor general Cordeiro convocou uma reunião dos oficiais na sala de estar para tratar do desembarque que se daria a partir das 10h do dia seguinte. Ficaram organizados os grupos para serem embarcados em barças. O meu ficou sendo o número 20, com o coronel Borba. Até certa hora da noite havia um grande movimento entre os oficiais na preparação das listas nominais dos homens que figuravam nos grupos.

SEGUNDA – 9: Tudo correu normalmente. Pela manhã, sempre o meu primeiro objetivo era contemplar o Vesúvio, tantas vezes assassino, inclusive do nosso grande patrício democrata Silva Jardim. Arrumei as malas dando o último retoque. Às 12h, o senhor general avisou pelo microfone que somente a partir das 13h30 é que se daria o desembarque. O meu lema na vida de bordo foi sempre levar a vida em brincadeira nas horas de folga. Com o amigo Solon eu usava a linguagem do gaúcho camponês (e que nos diverte) em rememorar os episódios da vida de estância. A turma do camarote 203 sente ter que se espalhar, pois, foi a mais unida e a mais agitada durante os 20 dias que coabitamos o navio

“Gal. Mann”. Nas primeiras horas desta manhã, começou a concentração de 19 barcaças que deveriam transportar a tropa expedicionária para Livorno. Estas barcaças de longe davam um tipo de subnavio, sendo mais compridas do que largas. No centro há uma escotilha, sendo um compartimento, o inferior do comandante e o superior, de observação. No tombadilho ficaram os soldados, refeitórios e camarotes para os oficiais. E no “deck” os compartimentos para os praças. Conforme o escalonamento feito para o nosso navio, atingiu 28 grupos. O meu era o número 20 comandado pelo Cel. Borba e o capitão Chere. Às 20h, tivemos (os oficiais) ordem de descermos as malas e colocá-las onde estavam se atracando as barcaças. Estas encostavam por turmas. Somente às 22h, a 516, que era a minha, encostou. Momentos após, embarcamos. De antemão fiquei sabendo que esta embarcação ficaria ali até o dia seguinte. Preparei minha cama que deu para um bom repouso.

TERÇA – 10: Às 8h, notícia de que o barco ia se desatracar. Levantei-me e subi para o convés, contudo, se via Nápoles e o Vesúvio. Por volta das 9h, estávamos deixando a baía e navegando com a Ilha de Capri à esquerda, passando perto de umas regiões bonitas, cheias de castelos e habitações tipos feudais. Um espetáculo dantesco ou imperecível na imaginação foi de se poder contemplar 60 embarcações em grupo. Ao aproximar em comboio da Ilha de Íschia, tomou coluna por três numa profundidade de uns três quilômetros. Passamos entre Íschia e o continente, nestas alturas o Sol brilhava e o mar de tom esverdeado fazia lembrar o falado carnaval de Veneza, mesmo porque se tem a impressão de que os barcos andam sempre enfeitados com um código de comunicação feito por bandeiras. Há momentos que o mastro está coberto por bandeirolas e era este o espetáculo que a gente contemplava, às vezes se esquecendo que isso tudo é uma tremenda guerra. De 11h em diante, já em mar alto e (...) a tragédia dominava. Um inferno passou a absorver as nossas atitudes e imaginações. A barcaça (o pequeno navio) jogava como uma montanha russa, dando verdadeiros corcovos e aquilo não tinha fim, era como a nau dos suplícios!... Cerca de 90% abria a boca e urrava botando a ração “K” para fora, aliás, adequada para isso, principalmente para brasileiros que não têm o hábito de comer conservas ou alimentos sintéticos. É verdade

que as rações são todas bonitinhas e variadas, caixinhas, cigarros, chicletes, etc. Mas qual nada, não havia estômago que trocasse tudo isso pelo balanço louco do mar. Oferecia-se aquilo ao mar como uma dádiva e mais inclemente ele se torna ainda. Eu, como um marujo diplomado, aguentei. Ao anoitecer, podiam-se contar os que andavam, a não ser um e outro a caminho da privada no convés ou alguma vasilha de lixo para ali deixar bÍlis porque nada mais havia para vomitar. Era ainda tarde quando me deitei e dormi um bom sono, acordando às 2h. Da turma de oficiais, ainda estavam aguentando eu e o Pacheco. O coronel Borba lamentava, chamava contra aquela insensatez dos chefes. Dei uma volta pelo navio e num corredor entre a sala de estar e o W.C., encontrei-me com um “cantante” que vinha em alta velocidade para o reservado, mas não podendo atingir este, na minha frente, abriu os feitos, aí sim (...) minha boca começou a se encher de saliva de gosto salobro. Vi que estava a chegar a minha vez, então corri e fui para a cama. AÍ, durante alguns minutos fazendo simpatias, consegui me dominar e ainda desta vez não vomitei. Os “uáh... uáh” não cessaram por toda parte no interior do navio. Consegui-me conciliar em outro sono e me acordando quando o “naviozinho” parecia ter virado um submarino, pois, a água vinha dentro da sala de estar. Era um barulho que parecia de torpedos arrebetando no centro da embarcação. Passei acordado longo tempo pensando como poderia ser a defesa caso o navio viesse a emborcar com as lambadas aos vagalhões. Cansado de esperar, ouvindo às vezes parar até o motor do barco porque, segundo soube, com a escuridão da noite e a ressaca, o comboio perdeu o controle de formatura e se misturou todo. Razão pela qual às vezes era obrigado a parar para reajustar a ordem na marcha. Assim passei esta noite tenebrosa e inesquecível.

QUARTA – 11: Começa uma manhã com um dia lindÍssimo. O aspecto do pessoal era horrível. A única refeição apetecida tinha sido a da manhã do dia anterior, e depois ninguém mais comeu, pois, se o fizesse tinha que botá-la fora. Como dizia, a manhã estava linda, mas o mar sempre agitado. Consegui chupar duas laranjas que trazia, pois, também (embora não enjoasse) tinha perdido o apetite. Mantive-me até por volta das 10h com as laranjas guardadas no estômago para jogá-las fora quando chegasse a

minha vez. Vomitei-as rapidamente e continuei bem, creio que fator desse acontecimento foi fazer uma leitura prolongada. Volta de 10h para 11h, começamos a passar pela Ilha de Elba. O histórico: presídio de Napoleão Bonaparte, onde se fez um dos capítulos célebres da sua vida guerreira com a fuga e os 100 dias de guerra para cair vencido e passar seus últimos dias em Santa Helena. Logo que passamos esta ilha, já se pode avistar Livorno que os americanos chamam de “Fegorn”. Às 13h, nos aproximamos. Aos poucos, descortinou-se o porto e cidade. Aproximamo-nos mais a ponto de se ver a olho nu o estrago dos bombardeios aliados e, em Nápoles, estavam repletos, no porto, navios afundados, semiafundados, diques desmoronados, paredes demolidas, enfim, quase todos os prédios da zona portuária tinham sido atingidos. Na torre de observação do 516, a convite do capitão Good, um jovem americano e gentil me convidou para, com o seu possante binóculo, apreciar aquelas paisagens feitas com capricho pela guerra! Esta cidade, uma das boas da Itália, tinha aspecto muito lindo. Está numa zona plana e caminha para uma encosta, de grandes elevações, onde começa o Pó. É necessário lembrar que no dia anterior passamos por Arno, também importante, apesar de saber que neste porto a arma aliada não deixou pedra sobre pedra, nada pude observar devido ter passado à distância. Parados nas proximidades, ficamos umas duas horas para entrarmos. Assim foi que lá pelas 16h, estávamos entrando por uma garganta entre os diques até se aproximar de uma zona na enseada onde tinha sido depósito de petróleo e que estava tudo virado ao avesso. Ali paramos muito tempo à espera de ordem para encostar. Nesta altura a tropa já estava desembarcando. Finalmente, a nossa foi a oitava que encostou. Isto era já 17h. Como ficasse tarde e chovia um pouco, foi suspenso o desembarque, houve ordem de irmos às comidas de caixinhas, latinhas, etc., o que o pessoal aceitou, desta vez com bom apetite, pois, o barco não jogava mais, estava ancorado. Após palestrar com os dois oficiais que comandavam o navio, ficamos sabendo também que na noite anterior os alemães haviam visitado o porto como costumavam fazer de quando em quando. Olhando para o céu quando numa estiada da chuva, vi que o espaço estava cheio de balões de barragem usados contra aviões. Apesar de tudo, passei uma boa noite à espera das 7h do dia seguinte para o desembarque.

QUINTA – 12: Em Livorno, após o café, às 7h30, começou o desembarque. Saí aos trambolhões com a mala “A”, bernal, um saco, com muita comida, rações K-5, etc., e a cama rola. Banquei a saúva transportando um peso maior do que eu para terra, onde uma fila de caminhões nos aguardava. (Voltando à noite anterior, falando com os oficiais americanos sobre terra natal e outros sonhos que por lá a gente tem, mostrei-lhes o retrato de minha noiva que eles chamam de “*muy francés*”; ele, o capitão Good, nos mostrou o retrato de sua esposa, uma linda americana do sul). Volto ao desembarque que eram 9h e toda a tropa já se achava dentro de caminhões alinhados numa estrada que parecia formigueiro de viaturas militares. Seguimos em direção ao acampamento. Durante este percurso, vi coisas de arrepiar. Há uma série de canais por onde o comboio foi passando, as pontes eram (...) dentro da água, as casas das margens da estrada eram ruínas, o povo apresentava-se de um modo miserável, moças, crianças, velhos de mãos estendidas pedindo cigarro e o que comer. Logo pegamos uma outra estrada (...) protegida de alamedas de pinheiro. Corremos paralelos a uma estrada de ferro que de metro em metro tinha os trilhos arrebitados. Depois de uma hora de viagem, passando por zona agrícola onde se via muitos silos talvez para o inverno. Pouco depois, passamos por uma base aérea que embora servindo aos companheiros, era uma miscelânea de carcaças de aviões e hangares em ruínas. De tudo eu vi, o cérebro não tem capacidade para reproduzir, só mesmo fantasiando. Assim fomos penetrando por regiões belíssimas, com bosques, residências aristocratas, etc. Mas em cada lugar, em cada árvore, estava o rastro das balas! Às 10h, atravessamos o Rio Arno, deixando Pisa à esquerda. Fui o primeiro dos oficiais que vinham no caminhão a avistar a famosa torre inclinada, uma das maravilhas do Mundo. Deixamos para a esquerda e seguimos mais adiante, onde fomos encontrar no meio de um bosque formoso, o nosso acampamento já pronto. Numa clareira enorme onde o Rei¹³⁵ tinha o privilégio de esperar suas caças, centenas de brasileiros estavam alinhados. Os companheiros que estavam na peleja há meses

¹³⁵ Ibidem, p. 45, alusão ao Rei Vitor Emanueli. A Quinta Real de San Rossore, situada nos arredores de Pisa, é o antigo parque de caça do rei, onde foi montado o acampamento porque o local dispunha de água, chuveiros e latrinas.

surgiam vindos da frente que dista a 60 ou 70 quilômetros. Cada um, ao aparecer, dava um espetáculo de abraços e perguntando pelo Brasil, suas famílias, etc. O primeiro que vi, aliás, no porto de Livorno, foi o major Serra Campos que contou das nossas proezas (da parte que já estava em luta) e de quanto os brasileiros estavam citados perante os exércitos aliados. Muitos deles ostentavam o distintivo do 5º Exército. No acampamento, horas depois, tomei um carro e fui visitar a Cia. de Manutenção já veterana na guerra. Encontrei o capitão Almir, dei-lhe meu abraço. Notícias da família e com ele sai de jeep para dar uma voltinha. Até ao anoitecer apareceram quase todos os oficiais médicos do Batalhão de Saúde, já veteranos na guerra. Houve um momento que senti uma forte emoção: foi à chegada ao acampamento do Sargento Messias, um negro velho que era muito querido pela tropa. Ele, envergando o uniforme no “front”, era bem a lembrança do velho tipo brasileiro, sincero e amoroso com seus chefes e colegas, um instante memorável! Até ao anoitecer ainda estava chegando gente do “front”. Anoiteceu. Volta de 20h, um trovão longo se fez ouvir em direção a Livorno, sai da barraca e olhei para o céu, vendo, naquela direção, iluminado de balas em barragem antiaérea. Eram os alemães que estavam em visita àquele porto. Nunca ouvi tamanho barulho e nem vi espetáculo igual. Fez-me recordar a Feira de Amostra com os seus programas de fogos de artifício. Alguns minutos depois o céu novamente com milhares de pontinhos luminosos e, segundos após, os estrondos. E isto se repetiu seis vezes. Era o inferno da guerra! Menciono em capítulo especial o encontro que tive com o coronel Rubens Canabarro, pois, foi como se estivesse vendo Gelcy, Amélia e demais membros da família. Dei-lhe algumas notícias e ficou para conversarmos oportunamente, pois, ele estava preocupado em atender uns aviadores que tinham vindo conosco de navio. E assim encerrou-se mais esse dia de guerra plena.

SEXTA - 13: A primeira manhã em acampamento de guerra. O acampamento de forma retangular cercado por uma floresta frondosa de pinheiros, parque de caçada do Rei, era uma maravilha! Os clarins das 6h faziam-nos retumbantes os seus acordes nesta mata de tantas tradições. Era a alvorada. Levantei-me e logo fui ao rancho. Tomei meu bom café com leite, pão e manteiga e fui receber ordens do meu comandante. Avisou-me

que às 9h haveria uma reunião para os comandantes da unidade 54 e oficiais de manutenção. A reunião era determinada por oficiais do Estado Maior. Iniciada a dita reunião, falou o major Marques Porto, encarregado da organização junto aos americanos do Serviço de Saúde. Deu ele a orientação do “modus vivendi” da tropa. Após falou o coronel Marques Torres, chefe do Serviço da Companhia do Exército Expedicionário. Falou também o major Serra Campos sobre várias medidas a serem tomadas. Este oficial é do Estado Maior da Divisão e oficial de ligação entre o nosso Exército e o americano. Em seguida falou o capitão Peçanha sobre o material motorizado e bélico, como comandante da Cia. de Manutenção. Tomei as notas que me interessavam. Às 11h, terminou a reunião e fui convocado juntamente com os outros oficiais de manutenção para outra reunião com o capitão Peçanha a fim de conhecer os detalhes do recebimento de viaturas e o modo de fazer a manutenção. O tenente Confúcio entrou também com seus esclarecimentos. Esses oficiais, todos, eram veteranos na guerra. Terminada a reunião, às 12h, comprei uma cerveja na cantina dirigida pela Intendência e fui pegar o meu almoço. Um almoço admirável: salsicha, milho verde em conserva regado à cerveja e boa sobremesa. Apesar de serem de conserva, as comidas são boas, principalmente os doces. Após o almoço, o comandante do Batalhão deu mais uma reunião aos oficiais para transmitir ordens e conhecer a organização de todos os serviços. O resto da tarde foi para as visitas que chegavam do “front”, como o Nunes, o Chesneau e o Edgar. Além disso, entrei em contato com alguns elementos que trabalham comigo. Durante o jantar foi servido saboroso guisado com feijão, espinafre, boa salada de fruta em conserva, pão e manteiga, chá, leite, etc. Não se concebia uma guerra assim, onde se come tão bem. As notícias da guerra são boas. Enumero a falta de notícias do Canabarro. Noite, sem novidade, passo a escrever para Lau e Gelcy. A noite foi fria e durante ela ouvi o bombardeio na frente onde opera a Divisão Inglesa.

SABADO – 14: Manhã, rotina no acampamento. Houve uma notícia de que o Ministro da Guerra nos visitaria, mas nada se positivou. Após recebi a visita do Rubens Canabarro. Reunidos na barraca, eu, ele e meus companheiros. Muito falamos da guerra, aliás, o Rubens mostrou-se muito entendido de

todos os acontecimentos. Aqui aproveito para enumerar os companheiros de barraca: capitão Murilo, tenente Chisostomo, doutor-tenente Iturbides e doutor-tenente Toledo. Após o jantar, num caminhão do Batalhão de Saúde que veio da frente, fui a Pisa. Demorei-me lá uma hora. Esta cidade fica, do acampamento, três quilômetros. Logo que se entra na cidade, vem à torre famosa, uma igreja, a Catedral e o “cemitério antigo”. Todos são monumentos de arte e tradição. A cidade é um ovo e grande parte está em ruína. À noite, no acampamento instalado na barraca, escrevi ao Lau e Gelcy.

DOMINGO – 15: Após o “breakfast”, recebi a visita do tenente Confúcio que veio me avisar que já havia parte do material para receber. Levei os motoristas da 1ª Cia. para serem examinados na Cia. de Manutenção e receber os carros que eram apenas cinco jeeps. Entrei em entendimento com o capitão Peçanha sobre o modo de agir com o material do Batalhão. Às 11h, estava tudo pronto. Senti uma grande emoção quando o tenente Confúcio e, depois, o capitão Almir, me comunicaram que na sexta-feira, 13, havia ouvido pela Rádio Nacional uma mensagem de meu mano Ladislau, dando as notícias, dizendo que tudo ia bem, que tinham escrito e que esperavam cartas. Instante de reflexões e de saudades que passaram do estado latente para o agudo. Após, coloquei na caixa do correio as duas cartas outras que escrevi no dia anterior. Depois do almoço, fiz a distribuição do material às Companhias com as respectivas relações da carga. Antes do jantar, reabasteci o jeep que ficou para mim e o S-4. Foi servido o jantar e depois se seguiu uma palestra com os companheiros veteranos que vieram do acampamento da frente nos visitar. Vi também o coronel Thales que, muito alegre, me cumprimentou. Agora, às 21h, estou na barraca escrevendo este diário e mais uma carta para a Gelcy.

SEGUNDA – 16: Após o rancho, durante toda manhã, estive na Cia. de Manutenção recebendo viaturas. Voltei ao acampamento para o almoço e aí soube que o Ministro da Guerra¹³⁶ se achava em visita ao mesmo. Em seguida, fui procurá-lo para falar do coronel Bina que, muito disposto, me

¹³⁶ O Ministro da Guerra era Eurico Gaspar Dutra.

abraçou. Cumprimentei o ministro que me saudou contente dizendo que muito íamos fazer pelo Brasil e que ele deveria regressar breve por estar findando um mês que estava fora (do Brasil). Ao coronel Bina entreguei duas cartas, uma para Gelcy e outra para o Lau, bem como o diploma do “Gal. Mann”. As cartas eram verdadeiros relatórios de mais ou menos o que vai se passando por estas plagas. Após o que, voltei para o trabalho dos recebimentos, tendo recebido nove viaturas e entregue-as aos seus respectivos destinos. À noite, fui visitar o capitão Almir e Confúcio, com este último estive até às 23h porque quis ouvir o programa de mensagens pela Rádio Nacional que começa aqui às 22h. Ouvi perto de 30 mensagens de famílias de expedicionários, inclusive para vários conhecidos meus. Logo que cheguei à barraca entrei em repouso por estar cansado e meio resfriado, para o que me mediquei.

TERÇA – 17: Pela manhã, passei ajustando o serviço de manutenção e distribuindo instruções aos oficiais das viaturas das Companhias e aos motoristas. Esta manhã foi chuvosa. Após o almoço, fui até Pisa levando o padre Brick e o Wishart. Visitei a torre tendo ido até o seu terraço de onde contemplei a quase milenar cidade. Panorama belíssimo se descortinou para todo o lado, sendo que para o Norte e Oeste a vista se olhava logo com as cordilheiras que dão formação aos Alpes. Vê-se a cidade de Lucca que é pequena, mas muito linda. Do cume dessa maravilha, fiz uma prece para obter quatro graças aos supremos criadores: vencer nessa luta, circundar os campos da Europa, regressar à minha Pátria para contrair matrimônio com a Gelcy como esposa, lutar pela minha felicidade e dos meus patrícios. Desci da torre, fiz uns passeios pela cidade e regresssei indo ao QG da Divisão a fim de ter um entendimento com o major Assunção, chefe do MB, sobre o serviço da minha atribuição. Voltei ao acampamento para o jantar, após o que, fui à Cia. de Manutenção para me entender como é o serviço de pintura para pintar as insígnias no meu capacete. Visitei Confúcio e o capitão Peçanha que estavam jantando em companhia de duas moças italianas. Regressei ao acampamento e fizemos com o major Sady, da Engenharia, uma audição musical dedicada ao major-médico americano, nosso assistente que nos retribuiu com um bom uísque quando estávamos tocando. Major Sady, exímio no acordeom, eu e

o tenente Solon com violão. Chegou uma desagradável notícia. Era de que um sargento 3, do 11º Regimento de Infantaria (RI), tinha sido morto, colhido por um caminhão na entrada de Pisa. Foi o primeiro a tombar nas terras da Europa da nossa turma de 10 mil e tantos homens. Terminada a musiqueta, o coronel Borba me comunicou que eu ia com ele ao embarque do General Ministro da Guerra, em Livorno. Com essa notícia, passei a escrever ao Lau e a Gelcy, dando-lhes as últimas notícias. Eram já 22h.

QUARTA – 18 (DIA HISTÓRICO): Ao toque da alvorada, levantei-me e vesti-me com o uniforme de inverno para, com o coronel, ir ao embarque do Ministro da Guerra. Saímos às 8h, e tomamos a estrada Pisa até a que vai para Livorno. Por esta, após alguns quilômetros, fomos ter a Base Aérea. Era grande o número de carros conduzindo os oficiais superiores da Divisão de Infantaria do Exército (DIE) para o local. Volta de 8h45, chega o senhor ministro e seus companheiros de viagem, coronel Bina Machado (...) e o general adido militar americano no Brasil. Logo me avistei com o coronel Bina, dando-lhe uma carta para o Lau que levava uns postais de Pisa. A carta para a Gelcy ficou no meu bolso sem que eu percebesse que não havia entregado. Feita a despedida do Ministro pelos generais Mascarenhas de Moraes, Oswaldo Cordeiro de Faria, Zenóbio da Costa e Olímpio Falconiere da Cunha, houve muitas fotografias e filmagens nas quais penso ter saído. Após esta reunião na Base Aérea, dirigimo-nos para Livorno para fazer uma visita ao Rubens Canabarro. Como não sabia o seu endereço, na cidade procurei uma repartição americana que foi encontrada pela bandeira hasteada. Arranhando inglês daqui e dali, consegui chegar a uma sala onde trabalha o major Peterson, da aviação. Com ele me entendi e fiquei sabendo onde trabalhava o Rubens. Esse major colocou um chofer americano à disposição e consegui, rodando uns vinte minutos por toda a praia, lugar lindíssimo onde está situada a burguesia da cidade em casas fidalgas, o QG da Força Aérea Americana onde trabalha o Rubens como adido. Após as formalidades de deixar o nome na portaria, encher ficha etc., fomos acompanhados, eu e o coronel Borba, por um americano contínuo que nos levou subindo pelas ricas escadas de mármore do palacete ao salão de serviço do Rubens que não estava. Perdemos todo o tempo! Voltamos e, pela mesma avenida, já quase no porto, fomos

encontrar o Departamento de Intendência num movimento incrível. Pois esse Depósito estava recebendo e distribuindo o material da Força Expedicionária. Aí, a convite do major Costa Leite e outros oficiais conhecidos, almoçamos um prato bem a brasileira. Almoçamos e saímos em direção ao “7º Estacion Hospital – 33 – Hospital”. Esse hospital está situado à margem esquerda da estrada para Pisa, a uns seis quilômetros. Aí chegando, encontramos-nos logo com duas enfermeiras brasileiras que serviam nesse hospital. Jacira e Heloísa ficaram contentíssimas com a nossa visita. Visitamos uma enfermaria onde tinha brasileiros, americanos, ingleses e mais outros de origens diferentes. Disse-nos Jacira que, brasileiros, havia perto de 200, dos quais dois tuberculosos sem risco e 70 blenorragicos. Com estes últimos, elas estavam alarmadas, pois, a elas duas tinha sido confiada essa turma porque os americanos têm uma verdadeira repugnância pelo mal. As enfermeiras ficaram muito constrangidas com o desprezo dos americanos e o mal estar que causou esse acontecimento a eles. Afinal, o Dr. Marques Porto, chefe do Serviço de Saúde da DIE que se entendeu com os americanos a respeito do assunto. As próprias enfermeiras frisaram que somente os blenorragicos, brasileiros ou não, eram tratados assim com repugnância e eram até castigados com faxina, etc. Quanto aos outros doentes brasileiros, eram tratados com todo carinho. Terminada a visita, a enfermeira Heloísa veio conosco para o acampamento onde passou o resto da tarde. À noite, fomos, eu e o coronel, levá-la. Nada mais fiz.

QUINTA – 19: Pela manhã estive na Cia. de Manutenção a serviço do Batalhão. Após o rancho, o coronel me convidou para irmos à frente. Seguimos em direção a Luccas, passando por Pisa. Embora de passagem, conheci Luccas que é uma velha e lendária cidade, de ruas estreitas e sem nenhum urbanismo. O povo de aspecto melhor, havendo na zona fora do centro uns bairros bem modernos. Seguindo em frente, após alguns quilômetros, fomos ter a Cia. de Evacuação que está instalada num antigo prédio a 20 quilômetros adiante de Luccas. Após a visita, seguimos para a linha de frente onde fomos encontrar o posto avançado da Cia. de Tratamento. Antes, estivemos no QG do general Zenóbio que fica a uns 12 quilômetros da linha de fogo. A estrada quase toda reconstruída porque os

alemães, ao se retirarem, destroem tudo. Grande percurso foi feito à margem do Rio Serchio onde fica a lendária Ponte de Madalena, ou ponte do diabo. Esta ponte foi construída no ano 1.100 e foi poupada pelos alemães por ser monumento histórico. Ela é uma meia lua e estreita, tendo grandes reforços nas bases. Quando nos aproximamos do último fato a que me referi, ouvimos o estouro das granadas alemãs que tentavam destruir uma ponte por onde tínhamos que passar para atingirmos a encosta da montanha, onde estavam os nossos bravos soldados da artilharia e infantaria. Os alemães estavam atrás dessa elevação batendo o ângulo morto de minuto em minuto, a artilharia nossa e a deles fumavam. Todos estávamos de capacete de aço. Com esses tiros, tivemos que dar volta. O panorama é uma maravilha, todo ele nesse vale lendário. Em todos os recantos, estão as destruições e as cavernas nas rochas onde os “tedesquis” se alojavam com suas armas. Veem-se em toda essa região, as culturas de uva, pêra, maçãs, oliveiras, salsa chorão. No regresso, atravessamos a ponte de Ala Madalena e passamos para o outro lado do rio, onde estava o Posto de Evacuação chefiado pelo tenente Zali. À margem desse rio, corria a estrada de ferro elétrica muito bem organizada e cheia de túneis enormes que vão ter a estrada de Bolonha. A cidade em vista (...) e Castelnuovo para a nossa tropa. Desse último Posto de Evacuação, onde está Zali, regressamos a Luccas passando em direção ao acampamento. Os comboios são enormes (nem em todas as estradas) de americanos e ingleses. Mais à tardinha, nas proximidades da cidade, o povo invade as estradas de bicicletas, principalmente mulheres. No acampamento, nada de novo. Somente anunciada a visita do general Clark¹³⁷ para o dia seguinte. Voltando à parte da manhã, quando me achava na Cia. de Manutenção, fui visitado pelo Rubens que queria saber de alguma notícia e do que eu precisava. Tudo estava correndo bem.

SEXTA – 20: Pela manhã, no acampamento, em preparação para a visita do general Mark Clarck. Após o rancho, todo mundo, no moderno uniforme, de bota natal, formou-se ao longo da alameda que margeia o nosso acampamento. Às 13h, sobre os sons dos hinos americano e brasileiro, aparece o célebre general com seu Estado Maior e os generais brasileiros

¹³⁷ Referência ao general norte-americano Mark W. Clark, comandante do 5º Exército.

com o Estado Maior da DIE. Todos apareceram em revista à garbosa tropa. Tive boa impressão do general, garoto aparentando pouca idade, muito alto e magro, tendo por referencia um vasto nariz (...), tipo judaico. Grande número de repórteres, inclusive brasileiros, acompanhou a revista fotografando e filmando. Creio ter saído em alguns. Terminada a revista, o general regressou imediatamente ao seu QG. Circulou no acampamento o boato que tínhamos sido incorporados ao 5º Exército. Logo, volta de 14h30, fomos ao “7º Estacion Hospital - 33”, eu e o coronel que ficamos de voltar a fim de trazer uma enfermeira, Jacira. Logo regressamos, volta das 16h, estávamos no acampamento. Não saí para parte alguma e nem fiz nada devido a um resfriado fortíssimo. Do jantar, ao deitar-me, escrevi estas páginas e agora vou ver como aguentar com o frio que está fazendo.

SÁBADO - 21: Mais um dia de expectativa e de reflexões! Amanheci saudoso de tudo e de todos de minha terra. Talvez porque tenha sonhado com Gelcy, objeto de minhas preocupações sentimentais, e que sonho! Ela se achava rente. Mas, os afazeres fizeram que logo que eu retomasse o ritmo de minhas atividades na guerra e encarando estoicismo e abnegação tudo o que estou passando e o que tenho que passar. Passei a manhã na Cia. de Manutenção onde levei uma turma de motoristas para exame. Fiz com o capitão Almir uma grande incursão pelo Parque Imperial. Numa extensão enorme viajamos, sobre coberta de árvores, o bosque maravilhoso. Depois fomos ter a uma planície onde a vista quase se perdia fazendo lembrar as coxilhas do Rio Grande e as chapadas de Mato Grosso. As dependências do Rei nessa área estavam todas arrasadas. Passamos por uma área que, segundo consta, era onde havia os melhores cavalos de Sua Majestade e que os alemães levaram. Fomos ter no balneário que fica no estuário ao Arno onde fica a praia de banho e uma dependência de esportes náuticos. Tudo era ruína. Por toda a parte via-se trincheira e casamatas que os alemães construíram para se opor ao avanço impetuoso das forças da liberdade. Nesse parque há vários faisões e outros animais como camelo etc. Terminada essa visita, estive no QG onde falei com o coronel Nery sobre objeto de serviço. Após o que, regressei ao acampamento para pegar o rancho. Na parte da tarde fui a Pisa pela segunda vez. Visitei a Catedral que tem o nome de Santa Maria Maior. Essa

igreja é majestosa por fora e régia artística, rica na ornamentação interna. Tem a forma de “T” vendo-se nas duas alas uma dupla coluna de mármore. A parede decorada com pinturas as mais lindas possíveis, sobre vários aspectos da história da religião católica. O teto, todo pintado a ouro, com molduras magníficas. Veem-se três ou quatro altares magníficos com imagens esculpidas pelos maiores escultores do Mundo. A entrada principal está numa porta em bronze com os quadros da vida de Cristo em alto relevo. Tudo isso é de uma perfeição que quem os contempla tem a impressão de estar vivendo o presente. Essa Catedral foi construída no ano de 1.083. Em frente fica o Batistério. Tem a forma cilíndrica terminando em cúpula, no centro, há um púlpito aonde se faz os batizados. É célebre na ressonância, um assovio que se dá fica ressonando por alguns segundos. Do lado, fica o campo santo (cemitério) que foi constituído no ano de 1.278, tendo várias catacumbas de papas e cardeais. Esse campo santo é célebre nas pinturas que existem em todas as paredes. Essa relíquia foi poupada pelos alemães. Foi destruído o teto (...). Subi pela segunda vez na Torre de Pisa onde deixei ao lado esquerdo da escada, no último terraço circular, o meu nome gravado no mármore. Essa torre foi construída no ano de 1.174. Segui, passando pela cidade indo até a margem do Rio Arno que atravessa a cidade. Ao longo do rio, uma e outra margem, a cidade é um monte de ruínas. As pontes que ligam as duas margens do rio só têm as duas bases. Nada mais fiz, regressando ao acampamento. À noite, choveu e fiquei na barraca escrevendo.

DOMINGO – 22: Às 8h, saí do acampamento para assistir em Pisa uma missa na Catedral da Santa Maria Maior, mandada rezar especialmente para os soldados da FEB. Às 9h30, entrei no recinto da Catedral onde se encontravam vários oficiais, praças e alguns civis italianos. E por falar nestes, notei que as mulheres e moças se cobriam com véus ou lenços para assistirem solenidades religiosas. Dentro daquele templo que é um bom pedaço da história da civilização cristã me recolhi com preces silenciosas para recordar os meus entes queridos e fazer os três pedidos usuais nos meios católicos. Pedi para que Deus protegesse a mim, minha noiva e os meus; que meus sonhos conjugais se realizassem logo após terminar a guerra e para que o lar idealizado fosse um culto de felicidade e irradiasse

o bem e a utilidade aos meus semelhantes. Perto de 10h, com a presença do general Mascarenhas, vários oficiais do Estado Maior, perto de mil soldados que ocupou pouco mais da metade do grande templo, foi iniciada a solenidade, a missa histórica de nossa gente nas terras da velha Europa. A missa foi rezada por um capelão brasileiro com vários outros padres e um coro profissional, especialmente contratado. Jamais vi coisa tão bonita! Várias filmagens e fotografias. Gravaram aquele instante de grande espiritualidade. A missa foi dividida em três partes: a missa propriamente dita, a oração sacra e o Hino Nacional. O discurso eloquente e cheio de citações foi digno da solenidade. Disse o ilustre prelado: nunca, tantos brasileiros reunidos num templo que é um dos mais célebres da Religião Católica, se reuniram em terras do além-mar para comungarem, unidos por um só princípio, um só sentimento, a fim de lutarem pela preservação de tudo que a civilização conquistou através de séculos e séculos de lutas e sacrifícios, e que esse princípio, síntese de tudo, era liberdade! Que aquele instante, aquele lugar, era a invocação encarnada de tudo. Disse que as colunas que ostentavam a grande casa de Deus tinham, algumas delas, unido à terra santa palestina. O púlpito tinha sido a tribuna para a pregação messiânica de tantos papas e sacerdotes célebres na formação dos alicerces dos fundamentos da Igreja, que a pintura era a tradução do gênio criador inspirado nas causas divinas e que foram feitas pelos maiores do Mundo, Michelangelo, Rafael, etc. E, finalmente, aquele conjunto de tudo recordava as bênçãos pregadas aos exércitos romanos que regressavam das lutas no Oriente Médio e em diversos pontos da Europa imprimindo rumo de uma nova civilização cristã. Terminada a missa, foi tocado o Hino Nacional no grande órgão e cantado pelo coro e todo o Exército. Foi de uma magnitude sem par porque a Pátria Brasileira tinha entrado totalmente naquele recinto. Às 11h, iniciaram-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Aparecida cujo andor foi carregado até a porta de saída pelo general Mascarenhas e seus oficiais do Estado Maior. Deram-se à volta em torno à Igreja, todos numa elevação de esperanças e fé pela padroeira do Brasil. Os italianos se ajoelhavam na rua ante a presença da grande santa. Terminada a missa, levei os meus auxiliares da Manutenção para um passeio pela cidade e depois nos rumamos para Lucca, outra boa cidade que dista 30 km da primeira. Lá passei à tarde

toda vendo o que havia de curioso. Almocei, tomei bom vinho e encontrei um italiano velho bastante vivido em São Paulo, falando regularmente o português. Colhi muitas informações preciosas. Bem tarde, segui para o acampamento da 2ª Cia. do Batalhão de Saúde do Exército em operações na linha de frente, onde jantei. Voltei a Lucca onde assisti, num teatro da cidade, um show americano muito interessante. O Exército americano mantinha em todas as cidades ocupadas, dirigidas pelo Serviço Especial, esses centros de diversões (...). Divertem bastante o soldado porque versam sobre as coisas da terra natal. Os melhores artistas são sacramentalmente apresentados. Fui informado de que esses (mulheres e homens) ganham bem e são considerados mobilizados para a guerra. Terminado, segui ao acampamento, aqui chegando às 22h.

SEGUNDA – 23: Foi adiada, sem dia, uma visita que estava já marcada pelo coronel Borba à cidade de Florença (Firenzi) em virtude de ordem de serviço. Dirigi-me a Cia. de Manutenção para receber viaturas e lá passei toda manhã tomando providências. Consegui com o capitão Peçanha e Almir para que os meus auxiliares da manutenção ficassem em estágio nas oficinas da Cia. Começaram no mesmo instante. À tarde, estive no acampamento do general Mascarenhas onde falei com o major Faria Campos, o comandante Mury Braga e major Assunção sobre o funcionamento da manutenção. Às 17h, retirei, devidamente recebidas e em condições, 13 ambulâncias que foram distribuídas às 1ª e 3ª Companhias, entregues aos tenentes de viaturas Galdine e Valentim. À noite, voltei à Cia. de Manutenção para ouvir rádio e as transmissões, as mensagens pela Rádio Nacional. Houve muitas mensagens, mas nenhuma para o meu pessoal. Voltei às 22h30 para o acampamento sob chuva torrencial.

TERÇA – 24: Às 8h30, fui a uma reunião com o comandante, convocado pelo general Cordeiro a fim de recomendar assuntos de manutenção. Fui tratar sobre a passagem de dois homens mecanizados da Cia. de Tratamento para meus auxiliares. Esses foram levados para o estágio na Cia. de Manutenção. Para aí me dirigi também onde passei toda manhã. Tinha escrito uma carta para Gelcy que foi posta no correio. À tarde, estive

novamente no QG com o capitão Murilo (...). Após, me entendi com o sargento americano sobre o fornecimento de material, combustível e lubrificante para as viaturas. Voltando ao quartel, foi mostrada a mim, pelo coronel, uma nota do QG do DIE sobre uma infração que me foi acometida com multa de 600 Liras sobre o uso indevido de viaturas. Provei logo que tinha sido alvo de calúnia e o coronel providenciou a reconsideração da denúncia infundada. Nada mais houve de importante senão a distribuição à noite do Zé Carioca, o primeiro número editado do jornal da FEB no “front”. Foi só.

QUARTA - 25: Pela manhã, tratei da manutenção das 500 milhas das viaturas do Batalhão. Após este trabalho, fui ao QG em companhia do capitão Edmundo levando um ofício do coronel Borba para desfazer a punição com multa que me fora imputada pela polícia de tráfego sob a alegação de que eu estava dirigindo viatura sem permissão (quando não era verdade). Enfim, o capitão Edmundo falou em nome do general Cordeiro sobre o mesmo caso de que tratava o ofício referido, com o coronel comandante da dita polícia. Este nos passou ao major Campos, chefe do tráfego, para que ele solucionasse o assunto. Ficou entendido, afinal, para que eu procurasse investigar a fim de descobrir a origem da delação, pois, nenhum documento havia a respeito na repartição competente. Às 11h, fui procurado pelo coronel Rubens que me convidou para irmos à Base Aérea em companhia de dois oficiais pertencentes à Esquadrilha de Caça. O fim dessa visita ao campo era para demarcar o local onde deveria acampar o pessoal da esquadrilha que está atualmente em Tarquínia. Apesar da chuva que caía copiosamente, em uma hora fomos e voltamos. Após o rancho, dirigi-me à Cia. de Manutenção onde permaneci até às 17h tratando de consertos de viaturas e recebendo três caminhões GMC que foram entregues à Cia. de Tratamento. À noite, não me contive e fui à Cia. de Manutenção ouvir rádio. Boas e otimistas foram às notícias tanto da guerra como do Brasil. Muitas notícias foram dadas sobre o Ministro da Guerra que tinha regressado do “front” italiano. Depois, vieram mensagens dos combatentes que eu e o Iturbides muito filamos, mas que nada veio para nós. A chuva caía sem arrefecer, todas as estradas lama só,

apesar de que grande parte das estradas da Itália é cimentada. Às 11h, estávamos na barraca para dormir.

QUINTA – 26: Foi um dia de grande atividade funcional para mim, ao lado de meus valorosos auxiliares, sargento Pompeu, cabo Batista, soldados Paulo Eugênio, Nestor e Olívio. O trabalho consiste em levarmos para a Cia. de Manutenção, servindo-se de suas ferramentas, todos os carros que tinham para consertar e fazer manutenção das mil milhas. Com a chuva que torrencialmente caía, dificultou muito o serviço, mas não se estacionou. Às últimas horas da tarde recebi mais quatro GMC para o Destacamento de Comando. Arrumamos as capotas e trouxemo-los para o acampamento, tudo debaixo de chuva. Após regressar, recebemos ordem do comandante para estar na Cia. de Manutenção no dia seguinte, às 9h, para assistir uma reunião. À noite, na barraca, houve a roda de chimarrão com Pitaluga e os companheiros da mesma e nada mais.

SEXTA – 27: Pela manhã, estive na reunião que se realizou na Cia. de Manutenção e foi presidida pelo coronel Mury Braga. Falou o capitão Peçanha a todos os oficiais de manutenção e S-4 sobre a parte referente ao material. Mapas diários e quinzenais e como os fazia. Depois, falou o tenente Confúcio sobre a questão de suprimento e como eram feitos os pedidos. Terminada a reunião, vim para o acampamento almoçar e voltei para continuar recebendo material da manutenção, onde fiquei até tarde. Foi feita a manutenção de quase todas as viaturas. O resto foi círculo vicioso. À noite, anunciaram que havia uma carta para mim. Corri como um louco para ver essa preciosa prenda. Afinal, localizei um indivíduo que era portador de tal missiva, porém, tudo foi decepção, a carta era a de um italiano que esteve em São Paulo e mora em Lucca. Nada mais houve.

SÁBADO – 28: Estive no mesmo “laissez-faire” de sempre. Manutenção, peças, jeep quebrado para conserto, câmaras de ar de GMC e jeeps para remendar, etc. Tudo foi feito. À tarde, tive ideia de ir a Vecchiano, mas não tive tempo. Mesmo porque essa visita foi proposta por mim ao coronel para reconhecimento da estrada que leva a essa cidade, em virtude da ordem que tive para deslocar com um comboio (aliás, o primeiro comboio

que comando na guerra) composto de 18 viaturas. Isso é para iniciar a mudança do Batalhão para essa cidade. Nada mais houve, senão, às 20h30, um bombardeio em Livorno, igual ao que vi na primeira noite da minha chegada ao acampamento. À noite, outros desses bombardeios. Estive passeando com o Camargo nas alamedas do Palácio do Rei, apreciando o lindo luar que permitia ver as ruínas de todas as dependências do tal palácio. Com essa noite silenciosa ao luar, o meu pensamento voltou para o Brasil, e externei ao amigo companheiro os meus sonhos de casamento assim que regressasse e depois para ida aos Estados Unidos como viagem nupcial. O coronel convocou mais uma reunião para tratar do deslocamento do comboio acima manuscrito para partir às 9h. Nada mais houve senão a parola da barraca.

DOMINGO – 29: A alvorada foi mais cedo, devido aos preparativos para a saída do comboio que levaria a Vecchiano o primeiro escalão do Batalhão que começava a se deslocar para aquela localidade. Quando às 9h, menos 15min, perante um oficial do Estado Maior, major Fragoso, me apresentei para partir chefiando o referido comboio. Às 9h em ponto, passei pelo PI com 16 viaturas, 12 ambulâncias, 4 GMC e mais 2 jeep. Seguindo via Pisa, às 9h15 passei pelo PA Americano e tomei a “rout” que vai para Vecchiano. Foi à primeira vez que viajei por essa estrada. Os meus olhos se encheram das paisagens e maravilhas das alamedas e estradas existentes. Mas ao lado das maravilhas, estão às misérias, as ruínas ocasionadas pelo horror da guerra. Aqui, acolá, civis que deixando os campos vêm se aproximando da cidade. Veem-se moças, velhos, crianças a pé e de bicicleta conduzindo suas trouxas. Depois de uns 30 metros atingi a ponte do Vecchio (provisória porque a antiga está em montões de ferro). Passando Vecchio, cortei a margem direita e fui ter a Vecchiano. Uma cidade pequena, mas muito antiga. A tropa ficou alojada em diferentes prédios, a 1ª Cia. ficou alojada na Factória (uma espécie de fomento agrícola). A 3ª ficou num cinema e a Cia. de Tratamento numa casa novíssima que ainda não havia sido habitada. Assim feita à distribuição, rumei para o acampamento aonde cheguei às 14h. Tudo correu às mil maravilhas. Por motivo dessa mudança, despediu-se de nós o major americano que ficara conosco desde o dia em que chegamos ao acampamento. Ao se despedir, ele me deu o seu

endereço nos Estados Unidos que é o seguinte: major Freenian/Stephens. Med. Corpu. H9 163 RO Med. BN SEP AP. 464 U.S. ARMS IN U.S.A. NSWPORT ARKANSAS. Esse homem ficou como criatura digna de minha admiração. À tarde, visitei ainda (...) seguindo a via Canali, a família Caligliani (Ida). Com esses camponeses conversei muito. Percebia que havia muita miséria e receio de sofrerem muito ainda falta dos recursos para o trabalho do campo. Por outro lado, o receio das lutas de classe que é considerado como inevitável assim que haja a desocupação. Contaram o que sofreram com os alemães. As barbaridades, as destruições, etc., que durante 47 dias sofreram ante um ataque sem trégua das forças aliadas com suas fortificações à margem do Arno. De fato, o triste dessa luta está desde os galhos de árvores até as raízes. No acampamento, tomei providências para o resto das mudanças no dia seguinte. Muita chuva.

SEGUNDA – 30: Às 9h, desloquei-me comandando um comboio de 27 viaturas (...) o resto do Batalhão que tinha começado a se deslocar no dia anterior. Tudo correu bem. Às 10h, cheguei a Vecchiano, onde também foi instalado o Batalhão. Após, a distribuição de viaturas e material às subunidades que as aguardavam em vias diferentes da restrita Vecchiano. Nessa cidade, apesar da destruição não ter chegado com veemência aos outros lugares, há, contudo, muito vestígio de bala. Regressei ao primeiro acampamento onde me encontrei com o comandante que ainda se achava no local e recebi ordens para ir à Cia. de Manutenção receber reboques de viaturas, o que, para isso, tinha que esperar caminhões que o comandante teria que enviar de Vecchiano. Almocei no esquadrão e me dirigi ao campo de aviação para visitar os oficiais e deixar com o capitão Belloc o meu endereço para ser dado ao Rubens. Fui à Manutenção, onde esperei até às 16h15 os caminhões que o comandante ficou de enviar-me. Como não chegaram, resolvi regressar ao acampamento aonde cheguei às 17h. Após o jantar, visitei uma família plebéia italiana a fim de consultar sua opinião sobre os sacrifícios da guerra. Moças, velhas e crianças, todos falavam pelo mesmo diagnóstico. Lamentavam as perdas de seus entes queridos que morreram ou que se achavam com os “tedesquis”. Temiam ainda mais para o futuro, os sofrimentos da forma que algumas vezes já vinham sofrendo. Dirigi-me para o meu rico sobrado de um médico veterinário que além do

temor, também fazia com espontaneidade a acolhida de seus hóspedes, eu e o capitão Murilo, padre Brito, Toledo e Iturbides. Instalamos-nos numa rica peça da casa, tipo apartamento, aliás, todo o primeiro andar fica à nossa disposição. Na sala de visita, além dos belos quadros, comuns nos (...) italianos, dois pianos completavam o mobiliário. Foi a primeira noite que passei com comodidade.

TERÇA - 31: Trabalhei toda manhã na instalação do meu serviço. Fiz inspeção das viaturas da Cia. de Tratamento e assim fiquei até ao almoço. No segundo expediente, organizei um comboio de sete caminhões GMC para ir à Manutenção, em Pisa, receber sete reboques. Antes, porém, atendemos homens da Cia. de Manutenção que sofreram acidente em consequência de uma colisão de seu jeep com um caminhão americano. Após receber no posto de combustível recompletamento de todas as viaturas, recebi os reboques e demandei-me do acantonamento, chegando sem novidade. À noite, estive aprendendo italiano em casa de uma família e, depois, berço.

NOVEMBRO

QUARTA - 1º: De acordo com o programa estabelecido pelo comandante, às 8h30, fui à reunião de oficiais no seu Posto de Comando (PC) e depois à missa. A missa foi rezada pelo nosso capelão para o Batalhão. Foi muito solene e significativa em face do grande Dia de Todos os Santos. Terminada a missa, fui à 1ª Cia. onde, com o tenente Pacheco, desfiz uma certa curiosidade gerada entre mim e os oficiais daquela Cia. em virtude de uma parte que eu redigi contra o tenente Galdini, comandante da seção de ambulância. Em vez de entregar ao protocolo a tal pasta, entreguei-a ao próprio denunciado, tenente Galdini, para na minha frente destruí-la. Isso se fez e com um abraço solidificamos a nossa velha amizade. O almoço aguardado não era o de nossa cozinha, e sim uma macarronada servida pelo dono da casa que ocupamos. O capitão Murilo concorreu com os ingredientes e o velho com o labore. Às 12h, tocando piano, eu, Toledo e Euzo. Chegou o comandante, um coronel americano com um tenente e

todos os oficiais do Destacamento de Comando. Regado a vinho, fizemos uma refeição a rigor. Figos, maçãs e pêras foram servidos como sobremesa, foi um sucesso, tudo regamente preparado. Foi à primeira vez que comi com gulodice e principalmente pela ação do mate que tomei como aperitivo. Dissolvida a bela reunião, passei a escrever uma carta para Gelcy e Lau. Mostrei, com orgulho, o retrato da Gelcy aos donos da casa e visitas. Todos a acharam bela, que conforto para mim a unanimidade do espírito de justiça dessa gente. À tarde, fui a Pisa, ao QG do general Mascarenhas e depois à Manutenção. Soube que as operações na frente tinham sido em parte, desfavoráveis a nós. A 7ª Cia. do 6º RI esteve isolada por dois dias. Uma tropa alemã tinha chegado à frente como reforço nazista. Essa tropa é especializada em assaltos e tem a denominação de SS. No revés que sofremos, ficou desaparecido o 1º tenente Pinto Duarte que, ao saltar do teto de uma casa invadida pelos alemães, teve fratura exposta na coxa e não pode ser socorrido. Nessa operação estavam faltando, segundo informações, mais ou menos 30 homens. Acredita-se que tenham sido presos uns e mortos outros. Noutro local, morreu o aspirante Mesquita. Morreu também, do 11º RI, na zona de estacionamento, por uma mina, um 2º tenente convocado de Goiás. Essas foram notícias fúnebres do 1º de novembro. À noite, depois de rodar na cidade de Pisa, fui com Iturbides visitar o “hospital 38”, onde uma parte é administrada por nossos médicos. Estive com o Waldomiro que pertenceu ao Batalhão e que serve lá sob as ordens do doutor-major. Com uma chuva torrencial, regressamos ao acampamento em Vecchiano.

QUINTA - 2: Pela manhã, reunião de oficiais. Depois, tomei algumas providências sobre o serviço de manutenção. À tarde, fui a Pisa, onde na Cia. de Manutenção recebi mais três ambulâncias. Estive no QG do general Mascarenhas a fim de ver correspondência, o que não havia. Regressei ao acampamento sem novidade. De passagem na Intendência, cheguei ao acampamento dos médicos para falar com os que tinham sido transferidos para o Batalhão. Aí me encontrei com o Ponce e Lira e os trouxe ao acampamento. À noite, após o jantar, combinamos eu, Toledo, Iturbides e o capitão Murilo, para darmos uma fugida, ir a Lucca em busca de diversões. Quando silenciou o movimento, volta de 20h, saímos no Dodge

3/4. Demos várias perdidas e de quando em vez atacávamos um paisano que rasgava a escuridão da noite na solitária estrada. (...) Afinal, chegamos a Lucca. Penetramos pelos restritos portões de entrada e fomos ter à Praça Governador onde paramos o carro. Mal havíamos parado e já uns brasileiros passavam conversando na escuridão (...) Reconhecemos os nossos companheiros de unidade: Wishart, Zali (...). Daí, todos juntos, fomos a tal diversão que mais parecia uma zona interdita pela Polícia PM Americana com os respectivos avisos em português e inglês proibindo a entrada de brasileiros ditos militares. Como nada resultou, resolvemos tomar a direção de Pisa. Zali, com o seu carro na frente, e eu, atrás. Nas proximidades de Pisa, encontramos a estrada inundada com forte torrente d'água passando pelo já leito. Na proporção que fomos se aproximando a água foi aumentando a ponto de o carro pipocar, quase que o nível da água dava no motor. Fiquei assustado com essa surpresa, pois, era impressionante o que se via. Fui penetrando pela cidade que já se tinha os andares todos cobertos da água barrenta de Arno. Comboios enormes de carros já estavam parados pelas ruas (...). Fomos tocando, tocando, até que nas proximidades da torre, uma torrente d'água passava em velocidade e eu não tinha outro recurso senão tocar. Felizmente, atravessei e consegui atingir a estrada 1 que dava a Vecchiano. Segui livre de todo aquele perigo que podia ter complicado a nossa fuga. Felizmente, chegamos bem já à alta hora noite. Logo depois, berço.

QUINTA - 3: Pela manhã, estive nas companhias dando algumas instruções sobre materiais e entregue as ambulâncias recebidas ontem, duas da 1ª Cia. e uma da 3ª Cia. Após o almoço, escrevi mais cartas para Gelcy e coloquei no envelope diversos postais para diversos. Tomei o carro e rumei em direção ao acampamento de Pisa. Ao chegar à cidade de Pisa, fui detido pela violência da enchente que tinha já imobilizado vários carros quase submersos. Um grande número de viaturas esperava para se deslocar, mas isso demorou (...). Então, resolvi regressar ao acampamento. Para esperar o jantar, fui prostrar em casa de uma família conhecida que havia arranjado um acordeão para eu ouvir e tocar. Ouvei pelo próprio dono uma linda música, depois, dedilhando também. Chegou à hora do rancho, suspendi a visita e me dirigi ao acantonamento. Após o jantar, convidei o Toledo e

fomos à casa do homem do instrumento para ouvi-lo, lá ficando um bom pedaço após a música e prosa. Todo o pessoal é camponês e desdenha o fascismo, diz que é regime para aristocracia. Terminada a visita, fui ter no quartel com uma reunião do comandante para o chefe do Serviço de Saúde do DIE, coronel Gilberto, que ainda às 22h prosseguia a fim de estudar as possibilidades de um deslocamento urgente da unidade. Depois de ouvir e informar o que me convinha, retirei-me e me recolhi para fechar mais esta página. Vou dormir.

SEXTA – 4: A vida correu sem mais coisa a mencionar. As chuvas paralisaram tudo. Nenhum acontecimento importante se registrou.

SÁBADO – 5: Estive durante toda a manhã sem nenhum de meus homens para trabalhar porque esses foram a uma viagem conduzindo quatro caminhões para a linha de frente a fim de mudarem o acampamento do general Falconiere. À tarde, sai com destino à área do acampamento. Entretanto, ao passar por Pisa, quase não continuei devido a grande enchente que perdurava ainda. Contudo, fui e estive também na Manutenção onde combinei com o capitão Peçanha para receber o restante das viaturas segunda-feira. Fiquei sabendo que o grande parque onde está o acampamento chama-se “Tenuta de San Rossore”. Regressei para o Batalhão já de noite.

DOMINGO – 6: Pela manhã escrevi cartas, mandando-as juntamente com os cartões postais para Ribeiro, Gelcy, Dr. Lili, Dona Delaide, Thompson Flores¹³⁸ e creio que só. Após escrever, dei um passeio a pé com o Toledo. Sentia-me nesse dia como se estivesse numa prisão. Por mais que o povo quisesse se aproximar, não há e nem pode haver comunhão de sentimento. A gente sempre está só: a não ser na hora de trabalho e reunião com os colegas. Após o almoço, fui com o capitão Maliceski e tenente Iturbides e Toledo à cidade de Pisa. Logo ao chegarmos, houve um espetáculo interessante com um escocês. Esse homem com sua saia pequena, boina,

¹³⁸ Advogado, amigo do Marcondes dos tempos de Bagé. Quando o tenente despediu-se porque tinha sido incluído na FEB, Thompson publicou um artigo no jornal “Correio do Sul”, de Bagé (30 abr.1944), com o título “Até breve, amigo...”. Marcondes retribuiu o gesto escrevendo-lhe uma carta da Itália em novembro de 1944 que foi reproduzida no mesmo jornal com o título “Com um amigo na FEB”.

uma pele de bicho com cabeça embalsamada na frente, prendendo-se à altura do umbigo e tendo uns balangandãs pendurados também na frente. Esse homem era alvo de todas as curiosidades, dos italianos, dos americanos, etc. Como Iturbides queria tirar uma fotografia dele, eu resolvi chamá-lo. Falando no meu mal inglês, nos entendemos logo. O homem era capitão das tropas inglesas do 4º Exército. Apresentamo-nos e convidei-o a tirar uma fotografia, o que ele com gentileza aquiesceu. Fomos para o lado da Catedral e começamos a bater chapas. Dentro de um minuto, mais de oito máquinas estavam com suas objetivas voltadas para nós, eu ao lado dele. Até a enfermeira fotografou-nos. Aí compreendi que todos desejavam isso, mas não tinham coragem de se aproximarem do homem raro. Terminada a sessão das fotografias, despedi-me dele e, junto com os companheiros, fomos voltar pela cidade que já estava livre da enchente, mas todas as ruas cobertas de lama, aumentando o sofrimento do povo. Todos andavam embarrados e, quando não, um automóvel passava e embarrava as pessoas. Lá o povo todo vive morrendo de fome e a enchente o prendeu dois dias em casa sem poder rebuscar o que comer. Enjoados de ver miséria e lama, voltamos para Vecchiano. À noite, estive com os mesmos companheiros em casa de um professor da universidade de Florença.

TERÇA - 7: Pela manhã, me dirigi à Cia. de Manutenção levando um caminhão GMC para botar guindaste e receber o $\frac{3}{4}$ tonelada. Almocei na Cia. com o capitão Peçanha que estava de aniversário. Recebi todos os carros e adiantei bem o serviço do carro que estávamos colocando guindaste. Após o almoço, o capitão Murilo S-4, do Batalhão, me convidou para irmos ao QG. Fomos e procuramos cartas no correio. De fato, havia chegado mala e havia muita correspondência para o Batalhão. Os presentes todos ficaram com ansiedade. Todos os que estavam no grupo tinham sido contemplados, só faltava eu e só havia um pacotinho a ser visto. Eis que surge uma para mim, uma carta da Gelcy. Senti-me eufórico e com grande emoção, abri-a. Que alegria, que conforto e que saudade!... Parecia que eu a estava vendo. Foi um grande dia para mim... Terminado o meu serviço na Manutenção, regressei ao acampamento, sem novidade. À noite, já havia lido a carta bíblica cinco vezes, fui de novo à casa do velho professor e

levei o retrato da Gelcy para mostrá-lo para sua família. Nada mais houve. Deitei-me e dormi feliz após que tinha recebido notícia a primeira vez.

QUARTA - 8: Pela manhã, fui com o major para "Staging Area", o acampamento do tenente Reale, a fim de, por intermédio dele, em entendimento com o Serviço Médico do Batalhão (SMB) e capitão Peçanha, acertarmos o efetivo do material do Batalhão em viaturas porque recebemos pela dotação brasileira e ele queria que fosse pela americana. Depois de muito andarmos, fomos ao QG do general Cordeiro de Farias. Enquanto o major falava com o coronel Ribas, eu conversei com o general. Disse-me que logo se mudaria e era para o "front" diretamente. Falamos sobre carta e ele disse-me que ainda não havia recebido nenhuma. Saímos e fomos à Manutenção onde o major falou com o capitão Peçanha e se acertaram. Nestas alturas, eu já estava cansado de falar inglês com o major. Felizmente, ele se despediu e voltou a Vecchiano e eu fiquei na Manutenção. À tarde, fui com Confúcio a Livorno, onde fica o correio regulado da FEB e passei um telegrama para Gelcy. Regressei à Manutenção, onde já me esperavam o cabo Batista e Olívio com o caminhão guindaste pronto. Às 17h, regressei ao Batalhão trazendo algum material mais. Soube então que três padioleiros estavam feridos na frente de combate. Nada mais houve. O pedaço da noite chuvosa foi para escrever essas linhas.

QUARTA - 8: Hoje, lidei a manhã toda administrando alguns afazeres urgentes que derivavam das ordens superiores para um breve deslocamento. Depois de entendimento com as companhias sobre a marcação das cruzes vermelhas nas viaturas, distribuí um material que havia recebido ontem para os tenentes chefes dos serviços de ambulância. Na parte da tarde, escrevi uma carta para Gelcy, a qual eu mesmo levei ao correio na "Staging Area" e coloquei no correio. Dirigi-me inicialmente ao QG do general Mascarenhas que estava em grande apertamentos para se deslocar para frente. Recebi do serviço especial os números do Zé Carioca e fui à barraca do correio onde estava um grande movimento de distribuição de cartas. Recebi um saco com centenas delas, destinadas ao Batalhão. Após tomar estas correspondências, fui ao acampamento da FEB,

último Escalão, onde depusitei as cartas que tinha trazido do correio. Encontrei aí o capitão Murilo que, sabendo das correspondências que eu levava, opinou para vermos se havia alguma para nós. Comecei a folhar os maços e que felicidade! Fui contemplado com três, uma do Dr. Lili, de 17 de setembro, e outra da Gelcy, de 18 de setembro e uma do Lau, de 4 de outubro. Todas, para mim, foram sobejamente confortadoras. Que alegria dominou o coração! Li-as no mesmo instante. O que eu tinha que fazer, ainda, deixei para o dia seguinte. Peguei uma carga do Batalhão e volvi ao acampamento. Os Zé Cariocas também trouxeram uma notícia que muito me alegrou, foi a da reeleição de Roosevelt. À noite, tive em casa do Joseph Nochi, uma família modesta, mas muito distinta. Tem um filho casado, uma filha e uma moça solteira chamada Liliana que é costureira. Aí estive tocando viola com saxofone do rapaz que se chama Nochi. Após o que, 9h, recolhi-me e escrevi essa página do diário. O dia foi chuvoso e triste, mas fiquei alegre com os acontecimentos da tarde.

QUINTA – 9: Ao “breakfast”, falei com o coronel sobre uma ida a “Tenuta de San Rossore”, acampamento onde está a Cia. de Manutenção para aí receber material e providenciar certos trabalhos. Na Manutenção, passei o dia, depois de falar com o coronel Mury e um outro major sobre as viaturas que devia receber ainda. Ficou acertado que recebesse apenas uma ambulância. Na Manutenção, entendi-me com o capitão comandante Peçanha e depois com o Confúcio e Almir. Almocei com eles. À tarde, passei lidando. Recebi material, despachei carros do batalhão que foram a concerto, etc. Após o almoço, fui ouvir um programa organizado pelos alemães, dirigido a FEB. Às 13h, começou com música de cidade maravilhosa, depois noticiosa sobre a guerra e, finalmente, crítica ao Brasil. A princípio, deu notícias de caráter alarmante e depois, um diálogo no Café Nice, com fundo jocoso. Um bando de tolices foi vomitado pelos idiotas e insensatos nazistas. Cumpre notar que o português era bem falado e até com gíria. Indignado com tamanha estupidez e pobreza de espírito, não terminei ouvindo o tal programa. Iniciei os trabalhos e permaneci até às 16h30, de onde sai para Vecchiano conduzindo a ambulância completamente revisada depois de ter mandado outra que fora a concerto, cheia de material subsalente. Durante o tempo em que aí fiquei, falei com

o capitão Lubec que é oficial de manutenção do 11°. Esse estava também recebendo material. Num intervalo, me contou de um desastre provocado por mina há dois dias atrás. O tenente Moura ficou ferido, morreram um cabo e um soldado e dois outros também feridos. Esse desastre se deu nos fundos do acampamento, no instante que a turma fazia instrução. De regresso ao acantonamento do Batalhão, cheguei na hora do jantar. As notícias da frente não estavam boas. Dois choferes meus que regressaram de uma missão me contaram que onde está o 1° Exército do Batalhão, lugar para onde vamos por estes dias, está sendo intensamente batido pelo comboio alemão. Passo agora, 20h menos 15min, a escrever cartas para Lau, Gelcy e Dr. Lili.

SEXTA – 10: Pela manhã, passei trabalhando no acantonamento. Após o almoço, me dirigi a Pisa, a fim de, na Manutenção, recebermos requisições de peças e mais uma viatura que o comandante e o major americano disseram que eles teriam de pagar ao Batalhão. Ao chegar ao local, me entendi logo com o capitão Peçanha e o major Assunção que foi o chefe do SMB no 1° Escalão, mas que ainda responde pelo expediente da entrega de material. Do entendimento, resultou que nada mais havia a receber de viatura. Recebi então alguns subsalentes. Saindo daí, fui ao campo de aviação da esquadrilha de observação comandada pelo capitão Belloc. Aí, em boa palestra com a turma, resolvemos fazer uns tiros ao alvo com revólveres. Fiz os primeiros e consegui bom resultado, o capitão Belloc também atirou e não foram piores. Os outros, inclusive um americano que é sargento, meio de fogo, fez verdadeiras maluquices com uma pistola automática. Tive notícias do Rubens pelo capitão Belo e também a infausta notícia da morte de dois pilotos do grupo de caça em Tarquínia. Um morreu de acidente e o outro em combate. Terminada a visita, retornei ao acampamento para o jantar. Após o jantar, fui convidado pelo comandante para ir a Livorno, no “Estacion Hospital 33”. Rodamos em meio às filas enormes (comboios) que correm de Livorno para todos os pontos. Caminhões monstros passam tão rentes ao jeep que a gente esfria. Tem-se a impressão de uma era antediluviana (...). Rodamos 45 minutos sob noite estrelada e fria, era entrecortada de riscos que se levantavam de todos os pontos onde ficam os enormes depósitos nos arredores de Livorno. São os

faróis antiaéreos. Chegamos ao “Hospital 33”, onde permanecemos até 22h30 em visita aos doentes e palestra com os majores Sady, chefe da seção brasileira no hospital e Generoso Ponce, subchefe. Juntos, passamos bom pedaço com boa parola no correio. Após 22h30, regressei, enfrentando um frio de rachar. Às 23h, estava em casa.

SÁBADO – 11: Passei a manhã sem alteração. Com os meus auxiliares da Manutenção, dei por terminada a pintura da cruz vermelha das viaturas. Fiz a orientação perante os tenentes de seções de ambulâncias das companhias e sargentos das viaturas sobre o emprego do líquido anticongelante. Às 15h, fui à Manutenção, passando pela área do antigo acampamento onde hoje já existem poucas unidades que estão se deslocando para frente. Procurei carta e não encontrei. Na Manutenção, fiquei até a hora do jantar, falando com o Almir. Regressando ao acampamento, jantei e dei um passeio pelas ruas de Vecchiano, apesar do frio intenso. Mais tarde soube que, na frente, com a gente nossa tinha se dado um grande desastre de viatura, onde morreu um sargento, outro ficou gravemente ferido e o motorista, levemente. Às 8h, chega o coronel que regressava da zona da frente, onde fora estudar o local para o nosso acampamento. Terminado o contato com o coronel, fui chamado pelo Toledo para ouvirmos rádio na casa de um italianinho onde já se achava o Iturbides. Ao encontrar a casa, ouvi, na Rádio Nacional, um belo programa musical.

DOMINGO – 12: Pela manhã fui à direção a Pisa e área de estacionamento onde se acha a Cia. de Manutenção. Aí chegando, fiz, na seção de pinturas, o nome de Mato Grosso e Gelcy Maria no meu carro $\frac{3}{4}$ Dodge em homenagem, respectivamente, ao meu Estado e minha noiva. O capitão Almir estava de saída para o local perto do “front” onde tinha se dado há três dias o desastre com uma viatura $\frac{3}{4}$ do Batalhão de Saúde, 1º Escalão, do qual foram vítimas o sargento Pinto que teve morte instantânea, um outro sargento teve ferimentos graves, assim como o motorista. A missão do capitão Almir era a de manutenção, isto é, retirar o carro sinistrado. Fui por ele convidado a ir neste lugar, o que aceitei devido ser do Batalhão e por ser uma região, para mim, desconhecida. Despachei o meu carro para

Vecchiano e segui com o capitão que levava um carro de dez toneladas, com guindaste, para a operação, e o tenente Oscar com um 3/4 para deixar no Estado Maior do general Mascarenhas, em Pistóia. Às 11h40 saímos da Cia. e seguimos a rota que foi tendo por referência Pisa até as proximidades de Lucca, onde se toma uma auto-estrada até Pistóia. Em Pistóia, estivemos no QG do general Mascarenhas onde foi entregue o Dodge que foi levado pelo tenente Oscar. Depois seguimos galgando uma serra que é os Alpes. O tráfego em toda essa extensão era intenso, viaturas de todos os tipos transportando material para frente. Via-se de todos os exércitos em operações na frente italiana, brasileira, americana e inglesa. Subimos na estrada de 1ª ordem, a altitude de 800 metros para atingirmos o local. O frio era insuportável, era como se estivéssemos em uma geladeira. Também a neve estava aparecendo nas rochas e nos filetes de água já endurecidos. Às 16h chegamos ao local do acidente. Vendo a situação da viatura que despencou quase 100 metros ribanceira abaixo, não se podia acreditar que dos três tripulantes, só um tivesse morte instantânea. Aí permanecemos até chegar “Wrekel”, o carro de dez toneladas especial para esses serviços. Começamos a labuta. O dirigente desse monstro de aço sobre rodas era o Portugal, um motorista que brincava com esse carro como se fosse um jeep correndo em alta velocidade e passando à frente de muitas viaturas pequenas. Iniciamos às 16h o trabalho que foi penoso e demorado. Eu apenas tinha comido umas bolachas e um pedaço de queijo da “ração K”. A fome me torturava e o frio me matava. Afinal, com bota guindaste, tira e bota cabo, arrasta um pouco para arrumar de novo, anoiteceu e pela noite fomos até às 21h. Eu confesso que há essas horas, eu era quase gelo, não fosse o calor do carro onde me aconchegava, eu teria congelado e, depois, pela falta de alimento. Sei que às 9h o veículo estava no leito da estrada e nós iniciamos o regresso. Isso eram três quilômetros antes de Porretta onde a cobra estava fumando, aliás, vi, bem de longe, o fogo dos comboios atirando e o fogo antiaéreo dos alemães. A estrada de Porretta é gozada. Ela sobe e desce quase que justamente a metade. Então, iniciamos pela subida, já o carro derrapando na neve e eu tremia de frio porque meu agasalho não era para enfrentar aquela temperatura. Tocamos pelo mesmo caminho da ida até Lucca, de onde tocamos o caminho de Filetole e Vecchiano. Todos estavam

gelados e com mais razão eu que vinha atrás no jeep. Às 24h, chegando a Filetole onde já urgia uma parada para qualquer providência contra o frio que já me havia feito perder a sensibilidade das pernas, mão e rosto. Felizmente, nesse lugar, o capitão Almir e o tenente Oscar tinham umas amizades com famílias residentes aí. Passamos na primeira, estavam dormindo, fomos à outra e eis que aí havia um baile organizado pelos oficiais da Manutenção do 11º RI e tenente Lima. Fomos bem recebidos como, aliás, é de costume dos italianos. Serviram-nos água para lavarmos o rosto, bebemos uma cerveja e entramos para o fandango que apesar da familiaridade era uma “gafieira”. O tenente Confúcio (...) Solon e outros davam aspecto do ambiente brasileiro em manobras com as italianas. Eu fiquei um pouco isolado e ainda tremia de frio. Ficamos até uma hora da manhã quando acabou a festa. Tocamos para Vecchiano aonde, à 1h30, chegamos e me despedi para ficar na sede do Destacamento onde é meu “château”. Assim foi o primeiro dia de guerra com sofrimento.

SEGUNDA – 13: Pela manhã, atividades e ida à Manutenção onde almocei e meus homens que comigo foram. Recebi à tarde dois trailers para a água e regressei chegando às 14h. A chuva caía copiosamente e o frio a acompanhava. À noite, fui com Iturbides e Toledo em casa de um italiano que é proprietário de um rádio de pilhas para ouvirmos mensagens. Às 19h30, depois de tanto insistirmos, conseguimos localizar a Nacional com suas mensagens e o boletim do Exército. Nas mensagens, falou para o capitão Álvaro o tenente Bartholo, do Batalhão. No boletim do Exército, anunciou o novo decreto do aumento do quadro e reforma do C.V.V.M., além da notícia do 3º sargento Ferreira Aguiar que tinha sido promovido, por ato de bravura na frente, para 2º tenente.

TERÇA – 14: Nada de novo, apenas em serviço comum e depois com o Padre Brito, Iturbides e Toledo, fomos a Pisa de onde tocamos para as termas de San Giuliano, estrada de Lucca, para tomarmos um banho sulfuroso. Tomamos um bom banho, em temperatura de 40 graus. É uma estação lindíssima e luxuosa da Itália e com celebridade pelos banhos sulfurosos. Após o bom banho, regressamos loucos de fome, chegando ao acantonamento justamente à hora do rancho. À tarde, fui à Manutenção

onde recebi mais um reboque de água que, apesar de recebido, não o trouxe devido necessitar de um comboio. Regressei para o rancho e de chegada vi o jeep do coronel em pandarecos. Procurei saber e me contaram que um soldado do DC tomou um porre e entrou no carro movimentando-o até um caminhão que estava na frente contra o qual se arrebentou. Acresce notar que o indivíduo nunca viu a direção de um carro, foi mesmo a embriaguez. Jantei e permaneci em casa botando este diário em dia.

QUARTA – 15: Após o rancho, devidamente uniformizado para a solenidade que o batalhão levou avante como culto à grande data cívica de 15 de novembro. Todo o Batalhão formado na Praça Garibaldi, em frente ao cinema, onde está alojada a 3ª Companhia. O uniforme foi de inverno, calça de lã, camisa e “fild jacket” com capacete de fibra. Às 9h, deu-se início à solenidade, com hasteamento da Bandeira e depois a apresentação da Bandeira Nacional e do Batalhão. Em frente a esses pavilhões, falaram o coronel Borba e Padre Brito sobre a magna data. Terminada a solenidade, fui a treinamento de comboio com o pessoal da 1ª Companhia. O itinerário foi o do “via vejo”, seguindo uma auto-estrada, fui ter na bela (outrora) Viareggio onde era uma das praias célebres da aristocracia. E de fato, ao entrar pelas belas avenidas, veem-se grandes hotéis e casas de banhos nas praias, restaurantes e todos os recursos de uma civilização moderna. Observei que tudo é feito a rigor. Os alemães pretenderam resistir por muito tempo nessa cidade porque a barragem contra tanques, as casamatas de cimento que se viam na longa praia são bem a razão da minha conclusão. Uma grande extensão se percorre desde que se toma à auto-estrada ao passar o Vecchio, toda de bosque, uma maravilha (...). Fiquei sabendo que se tratava da propriedade do Duque Salviatte. A cidade fica entre o mar e um belo lago. Ao meio-dia, regressei, depois de tanto voltar e me perder nas ruas com seis viaturas. Essa cidade está ocupada por negros americanos e ingleses. Há também uma grande organização da Cruz Vermelha. No acantonamento, até às 14h, terminei uma carta para Gelcy e me dirigi à Manutenção, em Pisa, a fim de receber material. Recebi alguma coisa e entreguei o jeep do comandante que tinha sido arrebentado no dia anterior pelo soldado Noronha, do Destacamento de Comando, após um porre. O referido indivíduo nunca havia sentido na direção de um

veículo, mas como o vinho o encorajou, ele escalou o jeep do coronel que estava em frente à Casa das Ordens. Saiu derrapando pela rua até chocar-se com um caminhão que estava parado na frente. Assim passei à tarde chegando ao acantonamento até a hora do rancho onde tinha sido preparado um saboroso nhoque pelo doutor Toledo. Parte humorística. A guerra aqui é assim: um tenente metido se dedica o dia inteiro ao sabor de um nhoque e fala e discute sobre o bom manjar. À noite, houve no nosso “château” uma discussão sobre o nhoque. Eu apartei observando: que guerra boa, em vez de se falar num combate ou num acontecimento da frente, fala-se em nhoque. À noite, fomos os três do “château” assistir a irradiação das mensagens em casa de um italiano, tendo falhado tudo. Regressamos e, agora, às 21h, estamos esperando o doutor Iturbides e padre Brito aprontarem um chá para a gente dormir. Foi só hoje.

QUINTA - 16: Manhã de inverno muito linda. Cessaram, por momento, as chuvas inverniais. Após o “breakfast”, subimos, eu, Iturbides, Toledo e um sargento, demandamo-nos em direção a Livorno, no “Mato Grosso”. A escala foi feita passando pela Cia. de Manutenção com o S. Paulo e Minas, GMC, para receber equipamentos de manutenção para as Companhias. Aí deixamos os caminhões carregando e fomos para Livorno, direto à Intendência. Demos muitas voltas para acertarmos o local em meio de uma coluna de viaturas que tomava de moto-contínuo toda a estrada. Na Intendência, às 12h, aceitamos o convite para o almoço feito pelo coronel Guilhermino. Depois do almoço, fomos ao correio passar telegramas. Durante o almoço, falei com o tenente Camargo, um intendente da aeronáutica, e perguntei-lhe pelo Rubens Canabarro. Respondeu-me que momento antes tinha estado com ele e que estava bem, tinha ido ao encontro do coronel Wanderley que devia chegar de Roma. No correio, recebi um Globo Expedicionário, de 26 de outubro, trazendo uma mensagem do Lau. Passei quatro telegramas, para o Lau, para o velho, para Gelcy e Lima Mendes. Regressamos passando pela Intendência a fim de ver se conseguíamos algo na cantina, o que não foi possível devido à má vontade e desorganização da nossa Intendência que faz mistério de uma entidade que vive exclusivamente para nós e por nós. Todos saímos desiludidos e decididos a não mais procurar essa entidade e sim a

americana que sempre nos serviu com presteza, atenção e por menores preços. Voltamos então. Em Pisa, fiz a aquisição de 30 cartões para o Natal no valor de 150 Liras. Ao entrarmos na estrada do acantonamento, encontramos um GMC do capitão Nelson Rocha, do Serviço de Saúde, e um carro de um capitão americano caídos na valeta da estrada perto de Nodica. Trabalhamos um pouco para tirá-los e como não fosse possível, vim a Vecchiano e levei o meu caminhão guindaste, mas quando cheguei ao lugar, já tinham sido retirados pela Manutenção. Voltei para o jantar. À noite, fomos os três ouvir rádio. Não pudemos pegar mensagem nenhuma, viemos para casa e esperamos o chá costumeiro para o qual estava escalado o Toledo. Tomamos e todos para o repouso, embaixo de coberta com todo o frio.

SEXTA – 17: Manhã linda e fria. A neve já se mostrava como um lençol branco cobrindo as lendárias elevações Apeninas. Fiz a distribuição dos equipamentos para as companhias. Tomei providências de caráter funcional e fui para o almoço tendo saboreado uma saborosa feijoada com “beer”. Após o almoço, enderecei e ofereci inúmeros cartões de Natal, a Gelcy, dona Maria, Dr. Lili e ao Villamil. Às 14h, segui em direção a Pisa e à Manutenção. Logo ao passar Nodica, no ato de cruzar um caminhão, o Mato Grosso escorregou pelo barranco e foi à valeta. Eu e Toledo, únicos tripulantes, olhamos e um sorriso deu-nos a decisão. Tínhamos que tirar o carro. Rapidamente, dei um giro de horizonte com um olhar panorâmico e os meus olhos se esbarraram nos Alpes. Já cobertos de neve, segui a pé rapidamente e fui a Nodica onde está a Cia. de Tratamento de onde despachei numa ambulância para trazer o “São Paulo”, caminhão GMC com guindaste. Em 15 minutos, chegou o carro e noutros 15 ele estava no leito da estrada pronto para seguirmos. Às 15h, chegamos à área, indo diretamente à agência do correio para saber se tinha carta e entregar os cartões para seguirem. Depois, fomos à procura do acampamento das transmissões. Primeiramente, falamos com o tenente Serpa que tinha chegado de Roma onde fora fazer um curso sobre mina. Contou-nos ele que tinha visto novas enfermeiras que tinham vindo do Brasil, mas que eram feias como briga de foice. Fomos às transmissões onde o tenente Jardim e o Suply já estavam. O objetivo era conseguirmos uma pilha para o

rádio, mas não nos arranhou a não ser duas para a lanterna. Contudo, alimentamos a esperança de esgotar mais um pouco as pilhas do italianinho, tendo ouvido o seu rádio em estado de deformação e tomando o saboroso vinho que sua mãe sempre nos oferecia. Das transmissões, tocamos para a Manutenção aonde já chegamos muito tarde, nada conseguindo porque o pessoal já estava parando com o serviço. Contudo, encontramos uma surpresa agradável, uma churrascaria em espeto, num fogo crepitante. Procurei saber que carne era a que assavam (porque de gado “niente”) e os pracinhas, contudo, nos contaram que era de dois veados (reais) que tinham caçado no Parque da “Tenuta de San Rossore”, do Rei. Brindaram-me com um espeto já assado da carne. Tomamos os nossos caminhos e viemos saboreá-la no nosso rancho. À noite, fomos ao rádio do italianinho que com as pilhas quase descarregadas deu-nos um pedaço das mensagens, sendo uma das primeiras para mim. Era do Adhemar Correa Barbosa. Que tudo estava bem (...). Vim para casa e fiquei alerta à espera do coronel que tinha ido ao “front”. E como desconfiava que ele pudesse trazer alguma carta, de vez que sabíamos de uma mala para nós na frente, saí em direção à Casa das Ordens, assim que percebi ruído da sua presença. Chegando aí, já estavam distribuindo as esperadas cartas. Logo peguei a minha, era de Gelcy, a número dois, logo depois outra era de Celina Nunes Martins, de Livramento, que me escrevera de Santa Maria por aí passando. A de Gelcy orgulhou-me e tranquilizou-me a alma. Tudo ia bem e a sua dedicação mais forte. A da madrinha, embora desconhecida, uma decidida e solícita enviando até presentes, mas que não chegaram, bem como os da Gelcy. Todos do “château” receberam. Padre Brito, Chisostomo, capitão Murilo, Iturbides e Toledo. Com este último fiz uma brincadeira. Fi-lo levantar-se, vestir-se, tomar uns documentos e atender o chamado do coronel. Quando ele ia enfrentar o frio, chamei-o e dei-lhe uma carta de sua senhora. Apesar do trote, sorriu com a recompensa. Foi a primeira carta que recebeu no “front”. A notícia que o coronel trouxe foi a de um deslocamento nosso, em breve, para frente, o que muitos nos agradaram. Assim terminou esse dia feliz para mim.

SÁBADO – 18: Com o euforismo dos acontecimentos de ontem, recebimento das cartas, mensagens, etc., amanheceu para mim um dia

belíssimo, cheio de esperança e fé de um futuro próximo estar regressando ao seio de nossos entes queridos. Comecei a faina cedo enquanto o comandante (...) e o comandante das Companhias seguiram para frente em busca de local para acampamento, a fim de testar o Batalhão em combate. Atendidos e administrados os serviços do Batalhão na parte técnica de manutenção, dirigi-me a San Giuliano, a dez milhas de Vecchiano, passando por Pisa. Os companheiros foram Padre Brito, Iturbides, Luso e outro médico. Fomos ao banho sulfuroso nas termas do nome acima citado. Essa estação balneária, conforme informou um paisano, é das melhores da Itália e é destinada aos males do fígado e da pele. De fato, há um grande hotel que hoje está transformado em hospital de isolamento de tuberculose. Fiquei sabendo que o coeficiente desse mal na Itália é de um por mil. Depois de esperar os que estavam na frente, ingleses, americanos e brasileiros, de vez que há somente quatro colunas, tomamos nosso bom banho à temperatura de 38 graus, mais ou menos. Na fonte a água sobe a 40 graus. Depois do banho, regressamos para o almoço. No segundo expediente sai para Livorno com os nossos dois mecânicos para passar uns telegramas para Gelcy, Celina (ou madrinha, de Livramento) e Adhemar, agradecendo suas mensagens e cartões. Antes efetuei algumas compras na cantina da Intendência. Aí encontrei os pilotos da FEB e, por intermédio de um que é intendente, o Camargo, soube que eram do grupo de caça que hora está em Tarquínia. Perguntei-lhe pelo Rubens e me disse que estava em Tarquínia, o tinha visto no dia anterior e lhe dado meu recado. Após fazer minhas compras, procurei falar com o coronel Guilhermino para obter a concessão sobre um blusão de couro. Esse me atendeu gentilmente, mas não resolveu, disse que havia uma dotação para as unidades, entretanto, eu podia falar com o tenente Amaral ver se era possível conseguir uma. Ao descer uma escada, sou interceptado por um sargento que me chamou pelo nome. Respondi-lhe: “o que deseja?”. Disse ele: “o senhor não me conhece?” Disse eu: “não me recordo, como é seu nome?”. “Mascena (...)”, de Ponta Porã... O senhor foi meu comandante quando estagiou no 11º como aspirante”. Aí me recordei de tudo, do seu velho pai, “seu Mascena” que trabalha na Pinto Costa. Lembrei-lhe dos favores que fiz ao seu pai, etc. Contei-lhe a história da blusa. Como ele é um dos funcionários principais do Suply e da cantina, me disse que eu podia voltar segunda-

feira que estava arranjada a blusa. Assim terminei minha missão em Livorno, tendo regressado. Jantei e não sai. Logo às 19h, chega o Toledo do “front” trazendo boas notícias. Agora estou escrevendo este diário e passarei a escrever para Gelcy, Lau e Celina.

DOMINGO – 19: Pela manhã, levado pela força do hábito que apesar da guerra e terras estranhas que pisamos não se modificou, houve a missa num templo da Praça Garibaldi onde fiz as minhas preces silenciosas com o coração voltado para o meu lar e os meus entes queridos. Após o almoço, às 13h, houve o hasteamento da Bandeira na mesma praça e a palavra do comandante alusiva à data. Terminada a solenidade, eu, Iturbides, Toledo e o capitão Maliceski fomos a Lucca. Aí passamos à tarde em demanda a ambiente que pudesse nos divertir. Pegamos um cicerone, tal Pedro Menocahi que havia residido em S. Paulo, falando o português regularmente. Esse estava em sua casa onde nos recebeu e palestrou animadamente. Minutos depois, nos retiramos acompanhados dele mesmo que ia como artista, trabalhar no teatro. Continuamos as investigações, subíamos escadas, descíamos, cortávamos a cidade por todos os becos e nada que nos deleitasse. Para estimular, às vezes encontrávamos uma estalagem e tomávamos um vinho. Assim decorreu à tarde e o resto de importante foi a casa onde Dante Alighieri tinha a sua amante Beatriz e a célebre Torre de Guise que tem o nome do herói que com sua esposa venceu os inimigos que cercavam a cidade. Às 18h30, rumamo-nos para o acantonamento onde nada mais se verificou senão irmos para a cama.

SEGUNDA – 20: Nesta manhã, a primeira coisa feita foi escrever uma carta para Celina Nunes Martins. Às 10h, sai com destino a Livorno. Cheguei à hora do almoço na Intendência, sendo convidado pelo coronel Guilhermino para o almoço. Depois, fui ao correio para depositar uma carta para a Gelcy a qual entreguei ao coronel Villeroê. Com ele palestrei muito e fiquei sabendo que se tratava de um velho gaúcho de Santana. Falamos no general João Francisco, etc. Prometi-lhe mandar um chimarrão. Terminada a palestra, retornei à Intendência para ver uma blusa de couro, a qual não me serviu, e fazer outras compras. Pelo tenente Camargo soube notícias do Rubens que tinha ido a Pistóia. Regressei às 15h, indo à Manutenção, onde

providenciei alguns pedidos e me entendi com o capitão Peçanha sobre o recebimento de mais uma viatura. Regressei para o jantar. À noite, estive ouvindo mensagens e depois esperei chegar à mala do correio que tinham ido buscá-la na frente. Não veio nada para mim e por isso me recolhi.

TERÇA - 21: Pela manhã, estive na Manutenção e regressei ao acampamento para o almoço. À tarde, voltei novamente à Manutenção onde deveria receber um reboque pipa e um Dodge de 14 toneladas. O primeiro com a atenção do Almir recebi. O segundo não foi possível, pois, o capitão Peçanha se esqueceu de que me havia prometido e que, aliás, tínhamos direito. Por isso houve entre ele e mim um pequeno desentendimento que não teve consequência. Mas tive a impressão que a sua administração está tomando na Cia. de Manutenção um caráter de “favoritismo”. Afinal, regressei com o carro pipa, deixando o de 14 toneladas a critério dele. Quando na ida, passei por Pisa, visitando duas livrarias, uma católica e outra popular. Na primeira, efetuei várias compras como, por exemplo, “Rerum Novarum”, uma apresentação de Florença e a (...) de Henrico Ferri e ainda uns cartões postais. Na outra é que comprei os dois primeiros objetos, na primeira, só os livros “Rerum Novarum”. A livraria popular é a livraria de Pisa Lungarno. Fiz estas compras com a intenção de remetê-las para o Brasil.

QUARTA - 22: Pela manhã, foi o grande reboliço do deslocamento para frente de batalha onde engajaríamos. Carregou o material do Destacamento de Comando e bagagem do pessoal. Vecchiano era uma vila movimentada. As amizades feitas pelo pessoal estavam ressaltadas no número de pessoas próximas ao nosso acantonamento. Dentre essas estavam as afidalgadas de soldados que até casamento pretenderam se não fossem os dispositivos regulamentares. Os galãs eram o cabo Batista, Fernando e soldado Célio, todos do Destacamento de Comando. Padre Brito desempenhava papel estimulante para eles concretizarem seus noivados por meio de termo escrito na Igreja (...). Às 10h, foi dada a partida do último elemento, ficando um material de Manutenção, Almoxarifado, Tesouraria e alguma coisa mais. Ficaram para a última etapa os capitães Maliceski, Murilo, tenente Chisostomo e uns sargentos.

Tocamos. Eu chefiava o comboio composto de meu carro e três caminhões GMC. Viemos bem até Porretta, onde se estabeleceu a confusão, pois, ninguém sabia a estrada. O oficial encarregado era o S-3 tenente Toledo, mas esse não tinha participado do reconhecimento da região e a carta que trazia era de 1 x 100 mil. Não dava uma boa orientação. Recorremos ao tenente Gilberto que pertencendo à 2ª Cia. se encontrava em Porretta aguardando-nos para substituí-lo a fim de entrar em descanso (o 1º Escalão). Falamos-lhe sobre o nosso destino que era Poggio e que o comandante nos havia determinado que fossemos pela estrada que começa passando a ponte ao entrar em Porretta. O tenente Gilberto criticou a tal ordem, dizendo que o nosso caminho devia ser o de Taviano. Discutimos um pouco e resolvendo seguir o caminho que o comandante havia determinado. Esse passa por Castel di Casio. O Gilberto, na qualidade de veterano, nos propôs servir de guia e tocamos. Foi uma tragédia. Logo depois de sairmos, um caminhão nosso ficou atrasado e muito custamos a recuperá-lo. Afinal, incorporou-se novamente e seguimos por uma estrada carroçável que mais parecia uma serpentina riscando as elevações que se tornavam íngremes e perigosas na medida em que subíamos. Numa das voltas, separado pela rocha e um precipício, eu, Iturbides e Toledo, vimos à morte pelos olhos. Apresentou-se na curva, a três metros, um monstro de aço de 28 toneladas que vinha rachando. Tive a impressão de que aquela massa de ferro ia nos esmagar porque não havia desvio. Parei o carro, Iturbides queria saltar, eu mesmo pensei nisso. Mas, para onde, para o precipício? O motorista do tanque americano estacionou no lugar. Dei para trás e encostei o carro mais que pude na beira do precipício. Ele avançou, subindo (...) passou roçando no carro. Logo atrás, dois outros, esperaram na mesma situação e passaram finalmente. Nos caminhões GMC, com gente e carga, houve pânico. Passageiros da cabine saltaram e os outros se alarmaram, mas felizmente nada houve. Tocamos. Muitas curvas de tão fechadas e estreitas alargavam os GMC que puxavam ainda reboques (...). Avançamos até Castel di Casio onde havia um elemento da artilharia em posição e uma seção de triagem comandada pelo tenente Rezende. Aí agrupamos as viaturas que já se distanciaram uma da outra e seguimos beirando um vale onde se encontra uma represa chamada "Silvana". Disseram-nos que nessa zona só podia se passar com "black-out". Era o

nosso pavor, pois, mal se passava de dia, como ir em “black-out”? Se escurecer e o tal de Poggio, onde seria o Posto de Comando? Parávamos para esperar um GMC que vinha sempre atrasado e que era do motorista Salim. Seguimos, perguntamos da estrada e progredimos. Já nessa região a lama completava o estado intransitável da estrada. O Toledo estava nervoso porque tinha medo por causa dos caminhões, tínhamos que parar em todo entroncamento. Felizmente foi permitido acender a luz e assim a viagem foi com mais segurança até que às 19h30 chegamos. Todos estavam abalados com a viagem. O tal de Poggio, numa meia encosta da montanha, tinha aspecto de um cemitério. Aí já se encontravam elementos da 2ª Cia. que tinham sido substituídos pela 3ª e 1ª que engajaram nesse dia. Todo mundo chegou bravo. Não havia comida para nós. O barro prendia nos pés. Numa casa grande, resolvemos estacionar. Nela, tinha a família composta de uma senhora com o filho e uma sobrinha, e uma outra família era de “esfollate” foragidos. Os três mosqueteiros, sempre juntos, se instalaram num quarto no andar superior, com o teto, isto é, o forro arreventado por granada. O quarto tinha luz e, ao lado, uma instalação sanitária. A Casa de Ordem ficou no corredor da entrada. Murilo e Maliceski num quarto e padre Brito em outro. Depois de muitos comentários sobre a viagem, arrumamos nossas camas rolos e dormimos ao som do canhoneiro que não cessou toda à noite. Lembro-me da despedida nossa e do doutor, dono da casa onde ficamos acantonados. Esse me beijou as faces e quase chorando também se despediu dos outros. A sua velhinha e sua nora também ficaram bastante entristecidas.

QUARTA – 23: Pela manhã, tempo feio, choviscando e frio. Fizemos à instalação completa de tudo, descarregamos os caminhões e preparei-me para a volta a Vecchiano, a fim de trazer o que havia de restante. Após o almoço que saiu muito tarde, segui viagem com meu carro e os caminhões da Manutenção. Eram 14h e pouco quando dei a partida indo pelo caminho que dista apenas uns dois quilômetros da entrada de Pistóia. Ao tomar a estrada de Pistóia, notei que o caminhão do Nestor estava atrasado. Garoava e a serração obrigava a acender a luz a fim de não esbarrar em outras viaturas na circulação. Ao alcançar-me novamente, procurei saber o motivo do atraso. Tratava-se de um problema na caixa de câmbio que

desligava os diferenciais. Passando em exame no carro, descobro dois homens do Destacamento de Comando que viajavam clandestinos no caminhão ocultados pelo toldo. Estávamos, mais ou menos, a metade da subida da serra. Fiquei sabendo que tais indivíduos não haviam falado com ninguém, embarcaram mesmo a revelia do motorista. Chamei-lhes a atenção e os fi-los descerem para voltarem por outra condução que passava de volta por onde estávamos acampados. O caminhão deu apenas para subir a serra. Daí em diante rodou no lançante sem mais ligar o redutor, até entrar em Pistóia. Aí tentei uma reparação, mas nada consegui. Resolvi rebocá-lo com o caminhão do Ovídio. O sargento Mamoré passou para a direção de meu carro. Logo depois de Pistóia, anoiteceu. Passamos Montecatini já era de noite. Dei ordens aos caminhões que seguissem direto para Pisa e fossem à Manutenção onde deveria ficar o caminhão avariado. Eu e um caminhão tocamos direção a Vecchiano. Em Lucca, rede de tantas estradas me perdi. Perguntei a um italiano, esse me ensinou errado. Voltei e fiquei ali num vai-e-vem que durou mais de 46 minutos. Até que acertei a derradeira estrada que me conduzia ao destino aonde cheguei às 8h. Logo estive com o capitão Maliceski e combinamos tudo para o dia seguinte. Fui me hospedar em casa do doutor Esbraia onde estava ainda o capitão Murilo e o tenente Chisostomo. O doutor Esbraia me recebeu como um velho amigo. Jantei a minha comida com alguma sua que restava, tomei um vinho bom e fui me deitar em cama por ele oferecida. Passei uma boa noite.

QUINTA - 24: Levantei-me muito cedo, determinei aos choferes que carregassem os caminhões e tocassem que eu ia com dois motoristas providenciar o conserto do que estava avariado na Manutenção. Assim fiz, às 8h, tomei café na sessão da Cia. de Intendência ainda na área, e cheguei à Manutenção para que começássemos a funcionar o trabalho. Falei com o Almir da urgência do conserto do caminhão e ofereci meus dois motoristas para trabalhar no mesmo. Imediatamente ele mandou atacar o serviço que consistiu na mudança da caixa de redutor por uma nova. Às 14h, tudo pronto. Recebi o restante das ferramentas, mais alguns pedidos, uma ambulância que estava em reparação, reabasteci e sai tendo almoçado com os oficiais da Cia. Passei por Pisa onde comprei uns distintivos do 5°

Exército em alabastro, duas torres de Pisa para mandar para Gelcy e Lau. Cheguei a Vecchiano encontrando o caminhão e a ambulância já carregados. Despedi-me do doutor Esbraia. Ganhei dele uma garrafa de vinho, e sai às 16h. Logo depois de Filetole, dei uma perda e o caminhão passou à minha frente. Esperei muito na encruzilhada da perda, sabendo depois que ele tinha passado à frente. Em Lucca, cheguei já de noite. A estrada que pega a auto-estrada para Pistóia estava fechada. Procurei me informar com um guarda italiano e mais uma vez me orientou mal. Entrei pela cidade adentro até encontrar um jeep de um oficial brasileiro que, interrogado por mim se conhecia a estrada de Porretta, me respondeu que o acompanhasse que ele estava viajando para o mesmo destino. Toquei e, às 19h, cheguei a Poggio onde encontrei o pessoal alarmado com um ataque tremendo que foi desencadeado na manhã desse dia pelas nossas tropas e que resultou em muitas baixas. 35 feridos e alguns mortos. Dos nossos homens, um padioleiro estava ferido. Ao entrar em contato com os companheiros mosqueteiros, esses estavam revoltados comigo pelo fato de eu ter deixado os dois homens na estrada. Aborreci-me com tal atitude desses amigos que foram intempestivos em fazer os julgamentos. Alegaram que os homens foram parar em Pistóia, onde passaram uma noite horrível e regressaram às 16h de hoje, alarmados com o que lhes acontecera. Expliquei-lhes que eu os deixei muito mais perto do acampamento do que daquela cidade e ainda os aconselhei a voltarem. Se não o fizeram é porque quiseram continuar o passeio. Iturbides não ligou muito, agora Toledo estava furioso, ficou sentido comigo. Depois desse aborrecimento e a notícia desagradável da linha de frente, quis dormir porque estava cansadíssimo.

SEXTA – 25: Pela manhã, tive novo entendimento com o Toledo sobre o assunto dos homens que parecia não o satisfazer, pois, feriu a praxe militar ao ouvir um soldado sobre um fato que punha oficial em xeque. Entendemos-nos novamente. E tudo acabou. Procurei nos arredores um local para instalar a Manutenção. Encontrei adiante da 3ª Companhia um prédio em ruínas. Aí fiz a faxina e juntei os caminhões carregados, descarregamos, acomodamos tudo embaixo de chuva que desde que engajamos não teve solução de continuidade. À noite, ouvimos rádio e fui

dormir. Neste dia registrou-se a morte do primeiro padioleiro da 1ª Companhia, morto em combate, além de mais três feridos da 2ª Companhia em data anterior. Foi muito sentido esse acontecimento. Nada mais passou digno de registro.

SÁBADO – 26: Passei o dia debaixo de chuva, arrumando barraca e abrindo as caixas que continham o material da Manutenção. Houve muita dificuldade em todos os elementos da unidade para instalação. O Almojarifado ainda permanecia dentro do caminhão que pertence ao Destacamento de Comando. No entanto, havia necessidade de tal caminhão e por isso tive de ceder um meu com o respectivo mecânico que era indispensável ao serviço. Com estas ponderações que fiz ante as dificuldades para resolver o xis da questão, os dirigentes e responsáveis pela unidade começaram a se desesperarem. O capitão Murilo S-4 gritava em tons napolitanos, de mãos aos bolsos de seu grosso capote americano, mandando descarregar à chuva a carga do Almojarifado. O tenente Salio atrasado com o aprovisionamento do rancho porque tinha que fazer uns 30 km em busca de víveres e por já estar anoitecendo e também pensar nas estradas em montanha russa que teria que percorrer, se desesperou a ponto de crise nervosa. De uma feita, quando todos falavam ao mesmo tempo, o Salio investe contra o sargento Abelardo dando grito de indignação. Quando aquele se aproximou do Abelardo, o velho sargento Messias disse em tom grave: “Vê lá o que está fazendo, porque essa insubordinação?” Eu achei graça de tudo, foi para mim uma diversão. À tarde, sem se poder trabalhar, passei na Manutenção. À noite, fiz uma palestra com a família que mora vizinha de quarto. A nossa sala de estar era a cozinha, bem aquecida por um fogão de ferro.

DOMINGO – 27: Chuva e frio. Continuei os trabalhos, muitos problemas resolvi. As notícias da frente não foram boas, pois, até nos postos e localizações das companhias e do Batalhão de Saúde caíram granadas. Por volta de 10h, me dirigi a Porretta para receber um caminhão GMC da Cia. de Tratamento e entregar uns mapas no QG Avançado. Ao chegar, encontrei o Galdine, Pacheco, Álvaro, Nunes e outros oficiais alarmados porque a 20 metros de distância tinham estourado três granadas alemãs. A

última caiu antes um pouco de eu passar e no lugar onde passei atingiu um autotransporte que o inutilizou. Tratei do caso com o capitão Álvaro na presença do coronel Borba, coronel Gilberto e outros oficiais. Almocei no rancho da 1ª Cia. e fui ao QG que fica no “Albergo Terme”, onde está o balneário sulfúrico, aí, falei com o major Enock, o Paulo Guedes e outros oficiais. Encontrei-me também, quando me dirigia ao QG, com o general Cordeiro e o capitão Edmundo que, como sempre, gentil e amável, conversamos algo sobre a guerra e as possibilidades nossas em face da chuva. Às 14h, regressei trazendo o caminhão e padre Brito que veio rezar nesse núcleo do Batalhão, em Poggio, a missa de domingo. Às 16h, a missa se realizou embaixo de um toldo, com o pessoal na chuva, incluindo representantes do belo sexo da localidade. Após veio o jantar e nada mais fiz senão me recolher (...).

SEGUNDA – 27: As primeiras notícias das frentes foram boas. A rádio italiana anunciou a queda da colônia, cinco pontos rompidos na Linha Siegfried e outras progressões na frente oriental. Contente, fui para o trabalho onde fiquei até o almoço. Notei que as atividades foram completamente paralisadas. O canhoneiro desapareceu, nem um só avião voou e todo o dia foi de calma na frente. O segundo expediente com quanto caísse chuva (...) trabalhei todo ele. Na hora do chimarrão, fiz as preces a Deus para amenizar as saudades e realizar os meus sonhos com Gelcy. À noite, ouvi as mensagens irradiadas pela Rádio Nacional e as irradiações diretas do cemitério São João Batista onde o Presidente da República, vários ministros, estiveram prestando homenagens aos mortos da Revolução Comunista de 37. Falou o ministro Macedo Soares, Magalhães como representante da Marinha e outro da Aeronáutica. Depois disso, recolhi-me para escrever cartas.

TERÇA – 28: Pela manhã, me preparei para uma longa jornada. Carreguei o Mato Grosso com rações, a cama rolo e dois motoristas e parti com destino a San Rossone, Pisa. Às 11h30, cheguei a Pistóia, onde almocei na Intendência. Segui viagem e, às 14h, cheguei a Livorno onde passei dois telegramas, um para Gelcy e outro para o Lau. Pelo tenente Camargo, do Depósito da Aeronáutica, soube que o Rubens Canabarro tinha partido

para os Estados Unidos como oficial de ligação. Vinha para Florença e daí seguia direto. De Livorno, segui direto para a Cia. de Manutenção onde recebi um jeep do coronel que estava em reparação e mais material, motor de carga, bateria, etc. Jantei e sai, seguindo viagem por Vecchiano aonde cheguei às 19h30. Aí me demorei um pouco, seguindo para Lucca. Em Lucca rodei muito à procura de um local que me divertisse, mas não encontrei. O luar estava belo. Volta de 21h30, segui para Pistóia. Como sempre, foi uma perda em regra. A cidade tem um muro que a cerca. Por cima dessa grossa muralha corre uma boa estrada. Tomei a estrada da muralha e rodei até que percebi estar chegando ao mesmo local. Afinal, acertei o ponto e peguei a auto-estrada para chegar a Pistóia, às 23h. Recolhi meu carro no pátio da Intendência e abri a cama rolo para a noitada que foi bem dormida. Do lado, dentro do mesmo carro, dormiram meus motoristas Ovídio e Paulo. O jeep à vista para evitar os furtos muito comuns no 5º Exército.

QUARTA – 29: Manhã fria invés de Sol. Levantei-me e filei mais uma vez o café, “breakfast” na Cia. de Intendência. Segui para Montecatini a fim de fazer compras na cantina americana que estava fechada, segundo me informou um oficial americano. Dei volta para Pistóia a fim de procurar a cantina brasileira que depois de tanto dar volta em ruas estreitas, fiquei sabendo onde era, mas que não estava funcionando. Resolvi vir almoçar no Batalhão, subi a serra com frio de cortar e cheguei às 12h para o almoço, ainda alcançando algo. Após o almoço, tive um forte atrito com o capitão Murilo S-4 que bastante me chocou. Sem motivo algum, quando nos entendíamos sobre serviço esse oficial teve uma crise nervosa e ofendeu-me pesadamente com palavras de baixo calão. Perdi o controle, mas felizmente o tenente Bandeira, Chesneau e Herbert estavam presentes e evitaram consequências desagradáveis. Fui depois para o local onde estava instalada a Manutenção e lá passei a tarde trabalhando. À noite, em casa, ouvi as mensagens da Força Expedicionária. Casualmente, tinha uma para mim, era do Lau. Tudo está bem. Agora estou escrevendo estas linhas, a despeito do frio. A notícia da frente é de que só feridos, até 18h, tinham sido recolhido 40 pelas companhias do Batalhão de Saúde, não se sabendo o número de mortos.

QUINTA - 30: Pela manhã, a notícia chegada das companhias de Evacuações foi conturbada. 140 feridos haviam sido recolhidos, dentre eles, dois capitães, o Armandino e outro. Mortos, notícia de 15. Depois de orientar o serviço na oficina, me dirigi a Porretta acompanhado de um mecânico e o aparelhamento técnico para uma inspeção geral nas viaturas da 1ª companhia. A chuva e frio dificultavam tudo. Antes do almoço, depois de me entender com o tenente Jardim sobre aparelhos elétricos, fui às termas de Porretta tomar um banho sulfuroso. Encontrei vários oficiais lá, devido ser o QG da frente. O movimento era maior porque se encontrava presente o general Mark Clark em conferência com os nossos generais. Via-se na antessala um grande número de correspondentes da guerra. A nossa orquestra, organizada pelo Serviço Especial, estava executando belas músicas. Após o almoço, me encontrei com o tenente Solon que andava a serviço. Contou-me a situação do esquadrão na frente e de como foi à morte do tenente Amaro. Em uma patrulha, ele atingiu uma posição bem avançada, aí instalou uma metralhadora, quando se levantou para observar, levou uma rajada no peito e tombou sem vida. Os soldados tiveram que abandonar o corpo devido à intensidade do fogo dos alemães. Despedi-me do Solon e fui atender as viaturas que me ocuparam toda à tarde. Volta de 16h, depois de deixar escrito num relatório ao tenente Pacheco sobre o que fiz e o que encontrei no material de sua companhia, encontrei-me com o coronel que me convidou para irmos à frente. Fomos por uma estrada que só em guerra permite passar automóvel. Galgamos uma grande elevação e ficamos a dois quilômetros da linha alemã que levava fogo e respondia. Esse lugar era o Montecatine, os postos de comando do 11º e o posto de socorro dos Regimentos. Era uma balbúrdia esse lugar, cheio de homens cansados, embarrados e preocupados. Feridos chegavam constantemente. Numa dessas ocasiões, chegou uma equipe de padioleiros dizendo ter abandonado oito feridos porque os alemães atiravam em quem se aproximasse. Eu fiquei indignado com a selvageria dessa gente tão repugnante. Depois de tratar dos assuntos que o levaram àquele lugar onde a guerra mostrava os seus horrores, o coronel Borba nos convidou a dar volta. Eu e Toledo regressamos para o posto de comando do Batalhão aonde chegamos às 19h. À noite, ouvimos rádio e nada mais.

DEZEMBRO

SEXTA – 1º: Pela manhã, soube que os alemães contra atacaram e as companhias recolheram mais cinco feridos. Estive na Manutenção até ao almoço, após segui para Pistóia a fim de ir à Cia. de Manutenção. Aí chegando, encontrei tudo instalado, pois, essa unidade foi à última que se deslocou de Pisa. Deixei um caminhão para conserto, recebi peças e outro material e dei volta, chegando às 18h30. Estive no QG Recuado procurando correspondências na seção de correio. Quando voltava, na serra, dei com um jeep que estava emborcado, tendo rolado do lado de cima da curva da estrada, mais ou menos dez metros. Procurei saber de quem era, era do 9º Batalhão de Engenharia (BE). Os passageiros todos ficaram feridos e já tinham sido recolhidos para o hospital de Porretta, não soube mais nada. No PC, nada de novo. Estou cansado e vou dormir.

SÁBADO – 2: Belo dia de Sol, conquanto frio. A geada branqueava a terra úmida formando nas poças de água placas de gelo. Após determinar alguns serviços, saí com destino a Castel di Casio. Nas alturas da serra, contemplei com verdadeira emoção: o ataque aéreo pelos “Thunderbolt” que desciam em formações constantes nas organizações alemães, no Morro de Castello. Após essa contemplação, cheguei à Castel di Casio onde está à seção de triagem da 3ª Cia. Falei com o Resende Valentini e passei em revisão o material que está servindo esse contingente. Depois, desci a serra e fui para Porretta onde almocei na 1ª Cia. O movimento de feridos era nenhum, a não ser de acidente e briga. Pois, vi entrar na Cia. de Tratamento um soldado brasileiro com a cara arrebatada por um americano que estava embriagado. Este estava preso na polícia. Entendi-me com o Pacheco, e com o capitão Álvaro sobre serviço. Vi o general Mascarenhas e o chefe do Serviço de Saúde americano e brasileiro, o coronel Gilberto, passando inspeção nas unidades do Batalhão de Saúde. Às 14h30, regressei ao PC onde tomei um chimarrão e vi alguma coisa do serviço. À noite, estive numa casa onde vários praças do Batalhão faziam uma musicada. Depois, na casa do coronel, conheci duas enfermeiras que

estavam em companhia de Jacira. Era Carmem e outra. Nada mais houve a não ser a rotina entre oficiais. Reunidos juntos, tomando vinho, etc.

DOMINGO – 3: O tempo mostrou-se chuvoso e frio. O bombardeio pavoroso que se ouvia durante toda à noite, o maior que já se viu desde que estamos na guerra, trouxe ao PC as primeiras notícias que chegaram por telefone e pessoalmente. Todas tinham um caráter alarmante. Houve uma forte contra-ofensiva alemã e uma das companhias do 1º RI abandonou as posições recuando-se desordenadamente até Porretta. Ao chegar notícia em Porretta onde está o QG Avançado e órgãos de saúde que também se alarmaram, circulou boato de que era possível um deslocamento em virtude da progressão alemã que não se verificou possivelmente devido à forte barragem feita pela artilharia. Eu tinha que sair, ir a Porretta, Montecatini e talvez a Lucca se fosse possível. Saí às 10h30 e toquei. Em Porretta, passei e fui direto a Lucca onde providenciei algumas transações comerciais. Venda de um par de sapatos e uma botina velha por 500 Liras, uma capa brasileira por duas mil, etc. Comprei uma garrafa de conhaque e encomendei uma pistola “Walter” e uma máquina fotográfica. Almocei na casa do cunhado do Pedro Menochi, na R. S. Giorgio, 63. Logo após, volta de 14h30, regressei, passando por uma estrada que dava a Montecatini. Aí, no “Stone Americano”, comprei uma capa de três mil e poucas Liras e mais uns agasalhos de lã. Voltei a Porretta e estive na cantina brasileira, onde efetuei alguma compra de comestíveis e cigarros. Toquei para o QG onde apanhei alguns telegramas, sendo um para mim, do Adhemar e outro para os oficiais. A cerração era intensa, fechou completamente a visibilidade. Contudo, toquei, dando a direção ao Nestor. Até ao alto da colina que são 900 metros, tivemos que tatear com cuidado porque um pequeno desvio estaria nos jogando num precipício. Enfim, com a graça de Deus, chegamos, eram 19h. Nada mais fiz senão repousar.

SEGUNDA – 4: Amanheceu com chuva, mas com ventania incrível, permanecendo a umidade. Fui à seção de Manutenção, administrei os serviços para o dia (...). Podia ser 10h ou 11h, estive em Pistóia, indo primeiro à cantina para comprar um “combate boot” para o coronel, o que

não havia mais. Na Manutenção, aí encontrei o capitão Edmundo, ajudante de ordens do general Cordeiro e o Lubec, chefe da manutenção do 11º. Todos na mesma atividade, buscando material e aparelhos para suas oficinas. Almoçamos todos com o capitão Peçanha. Nos assuntos da mesa, surgiu a questão do ataque e alarme havido na noite de sábado para domingo. O capitão Lubec quis fantasiar os acontecimentos mascarando a história, mas o capitão Edmundo achou os erros entre nós e invocou um fracasso havido com uma fração da Divisão Negro-Americana que os brasileiros gloriaram muito. Disse ele: “agora não mais podemos tocar no assunto dos americanos, nós fizemos pior e não é a primeira vez e sim a segunda. O que houve foi um pânico vergonhoso”, e relatou o fato que guardo para uma página especial. Terminado o almoço, recebi um caminhão GMC que estava no conserto e mais material para a oficina. O problema era transportar o caminhão, pois, eu não tinha chofer. Deliberei colocar o Libnitz no 3/4 e eu no GMC. Nem ele jamais havia guiado carro em viagem longa e eu tampouco um GMC. Ele, interpelado se dava conta do recado, disse que sim. Entrei no caminhão, me adaptei e segui na frente e ele atrás. Fomos até ao centro da cidade de onde tomamos uma direção que nos conduziu a um caminho errado até uma vila que nos prendeu. Com algum trabalho, entramos num pátio da casa de um italiano, consegui virar as viaturas. Toquei até acertar o caminho para Porretta. Ao tomarmos a estrada que demanda a serra, a cerração se fechou tanto que foi uma tragédia, precisava olhar para o lado, no chão, para se ver a estrada. Fez-me lembrar D. Quixote e Sancho Pança naquela aventura memorável. Como a boa estrela nunca me abandonava, fui feliz. Chegamos bem. Tomei uns aperitivos no quarto do coronel a convite da Jacira e fui jantar. Após o jantar, fui com o coronel até Valdibura onde estão várias enfermeiras brasileiras servindo no “Fild Hospital”. Fomos levar Jacira. Ao chegarmos, fomos convidados para entrar. Entramos, mais duas enfermeiras me foram apresentadas. Palestramos um pouco e regressamos ao PC e, aqui no meu quarto, estou agora escrevendo esta página com frio, ouvindo o barulho do vento que grita semelhante ao minuano. O bombardeio continua no “front”.

TERÇA – 5: Tempo mau. Todo o expediente na oficina. Preparei uma banheira e tomei um banho quente. Comuniquei a todos os comandantes

de companhias que estávamos para sermos visitados pelo Comando Médico Brasileiro (CMB) e um inspetor do 5º Exército. Minha oficina, pela nona vez, confeccionou peça que faltava a uma ambulância. Depois do almoço, fui a Porretta, onde visitei a 1ª Cia. e a de Tratamento. Na primeira, consertei um jeep que entreguei ao tenente Galdine. Na Cia. de Tratamento, providenciei o conserto de um caminhão GMC que o cabo Waldomiro escangalhou... O caminhão foi comigo a Porretta (...). Sai para Porreta às 13h30. No “Fild Hospital” apanhei uma enfermeira, levei-a até a cidade, deixando-a em frente à cantina com o capitão Murilo. Na Cia. de Manutenção, fiz todos os pedidos e tomei todas as providências. Regressei à noite, chegando às 19h. À noite, dormi cedo.

QUARTA – 6: Como sempre, manhã fria e chuvosa. Todo o expediente da manhã passei ocupado com a Manutenção. Às 10h, fiz uma reunião dos motoristas da 2ª Cia. e 3ª para orientá-los sobre uma inspeção preste a se realizar. Depois, traduzi as instruções em inglês para funcionar o motor de carregar bateria. Ainda recebi o sargento da Manutenção que diariamente recorre a essa unidade para fins de suprimento. Após o almoço, novamente, tive afazeres até às 14h, saindo depois para Porretta. O primeiro lugar que fui foi às transmissões para arranjar uma antena para o rádio que temos no PC, embora seja particular (do Oscar). Consegui a tal antena e mais ácido sulfúrico e pilhas para lanterna. Visitei em seguida a Cia. de Tratamento onde fui conseguir gesso para embalagem de uns presentes para mandar para Gelcy. Estive em seguida em visita ao major Souza Aguiar, chefe de polícia, com quem conversei muito sobre a nossa atuação e incidente ocorrido com o 11º e o 1º. Acusamos os chefes do Brasil como responsáveis. Após essa visita, regressei ao PC onde jantei. Eram 18h, me achava um pouco desanimado devido um resfriado, chuva e frio. Quase não jantei, pois, me sentia bem abalado. Às 18h30, não sei por que, senti uma forte reação, uma força me impeliu a colocar a antena no pátio e ouvir as mensagens. Saí na chuva e no escuro, fui à Manutenção, apanhei o fio, convidei o Oscar, subimos em cima da casa e conseguimos em uma hora estar tudo pronto. Foi a conta de ligar o rádio e a Rádio Nacional foi entrando e com sucesso devido à antena boa. Cinco minutos depois, ouço uma mensagem de meus manos que davam boas notícias e

diziam ter recebido um telegrama de Gelcy que também foi lido. Ao telegrama dela, seguia-se um de Amélia. O de Gelcy dizia que tudo estava bem, estava saudosa, etc., que tinha mandado muita coisa para mim e para os soldados. O de dona Amélia pedia para eu falar ao Rubens que ela e Cleber iam bem, que sentia muita falta dele no dia 12 de novembro, que tinha escrito e escrevia sempre. Foi um pressentimento, foi uma grande vidência, a força que me tirou do estado de desânimo para esse feito maravilhoso. O dia me sorriu em tudo. Também o Iturbides me trouxe um telegrama da Gelcy com data de 30. Com o conforto que senti, fiquei disposto e me esqueci da gripe, passando a ouvir rádio até às 23h, hora que me recolhi para escrever estas memórias. Lá nas trincheiras, de quando em quando o canhão rugia. Agora sono.

QUINTA – 7: Chuva e frio. Passei todo o dia no PC trabalhando na Manutenção. Na parte da tarde, mobilizei o pessoal para fazer embalagem dos presentes para mandar para Gelcy. Fiz três caixinhas de madeira pintada com tinta branca, parafusada e subscrita com tinta vermelha. Numa foi uma torrinha de Pisa que foi encapada numa camada de gesso. Noutra, uns distintivos do 5º Exército em alabastro, um porta-retrato, duas pulseiras e um broche, além de um distintivo do 5º Exército. Na última, foi outro distintivo do 5º Exército e um cinzeiro de mármore e alabastro tendo na face o distintivo do 5º Exército. Foi uma caixa de papelão contendo um chapéu (tipo russo), uma lata soldada com uma escultura da torre de Pisa em alto relevo e uma lata dessas de remendo contendo uma torre de Pisa para o Lau. Todas essas encomendas foram embrulhadas com um papel impermeável e recobertas com ataduras gessadas. Acompanhou cada um desses invólucros um cartão interno, pedindo para qualquer brasileiro que por ventura abrisse um desses presentes, a fim de que fizesse tudo para que chegassem ao destino. Essa ocupação me tomou também uma grande parte da noite, trabalhei até às 22h. Terminado tudo, com os endereços datilografados e colocados num embrulho externo, vim para o quarto para dormir.

SEXTA – 8: Amanheceu chovendo granizo e muito frio. Contudo, me preparei para uma longa viagem, levando uma série de coisas de comer e

outros objetos para fazer negócio por quadros, pinturas, etc. Sai de baixo de chuva e tomei direção a Pistóia, por onde passei via Montecatini-Lucca. Aí, em casa de um senhor, tal Carlos, a R. S. Giorgio, 63, fiz o negócio dos quadros. Comprei três, uma paisagem grande, uma vista e um outro típico com vista de um viajante a cavalo e gado. Como era 12h30, almocei. Às 15h, segui destino a Livorno para deixar as encomendas no correio coletor com o coronel Villeroê. Fui muito bem. Aí chegando, conheci um menino de Bagé que se identificou em vista das encomendas dirigidas à pessoa daquela cidade. Contou-me que era sobrinho de dona Rita Vasconcelos. Entreguei-lhe todas as encomendas constantes de seis volumes endereçados, três para Gelcy, um para a dona Maria, um para o doutor Lili e um para o Lau. Passei quatro telegramas, um para o Lau, um para a Gelcy, um para a Carmem e outro para o coronel Bina. Depois, fui à Intendência onde jantei. Iniciei o regresso às 19h, sempre com chuva. No trecho entre Lucca e Pistóia, um trecho da auto-estrada estava coberto de água e com nível bem alto. Apenas deu para passar. Subimos a serra e tudo correu bem até que, afinal, chegamos às 22h no acampamento. Logo que cheguei soube que tinha vindo para mim uma homenagem pela Rádio Nacional falada pelo Adhemar. O que me impressionou na viagem que fiz a Livorno foi um comboio de 150 caminhões de todos os tipos que tomava uma profundidade de uns 18 km. Era uma avenida como das maiores que existem no Brasil. A noite era muito escura e os faróis a fizeram mais linda ainda. Muito cansado, me deitei.

SÁBADO – 9: Amanheceu chovendo granizo e, depois, se transformou em neve. Foi uma miséria. Todas as elevações ficaram brancas. Andei arrumando uma ruína de casa para abrigar melhor o material da Manutenção. Depois do almoço, me senti mal devido estar fortemente resfriado e tive que me deitar. Mesmo assim, mandei recolher uma ambulância que estava avariada em Porretta e montei uma estufa no nosso quarto. À noite, a preocupação maior foi esperar carta que, afinal, chegou às 21h. Veio quantidade e no final da distribuição fiquei decepcionado porque só tinha uma do general João Francisco. Recolhi-me e tratei de escrever esta página que termino às 23h25 para dormir.

DOMINGO – 10: Amanheceu um dia de Sol que fazia espelhar a neve em todos os recantos das elevações Apeninas, onde nos achamos, somando os sacrifícios da guerra a esse frio cruciante. Após o “breakfast”, me dirigi a Porretta em assento de serviço. Aí falei com o pessoal do Batalhão de Saúde que estava alarmado com o bombardeio que sofreu a cidade. Entendi-me com o capitão Álvaro sobre uns motores elétricos para levá-los a Pistóia e entregá-los à Manutenção para conserto. Antes do rancho, me dirigi ao quartel onde encontrei o tenente Solon, um gaúcho de fibra que serve no ER. Contou-me esse amigo das peripécias que sofre a tropa devido ao mau tempo. Mas que tudo estava lindo e guapo. O “índio” Pitaluga estava de crina solta na frente. Palestramos sobre um boletim que os alemães atiraram nas trincheiras, nos quais eles aconselhavam os brasileiros a se desvanecerem da luta que consideram inglória e sem objetivo para nós. Por último, eles insinuam a passagem dos brasileiros para as suas fileiras, prometendo-nos bom trato e conforto. Rimo-nos muito da ignorância e pobreza de espírito desse povo imbecil que embora vencido se preocupe com propagandas falsas. Falou-me também com admiração dos “partigianis italianos”, uma legião de heróis esquecidos e que muito colaboram com as forças aliadas. Esses heróis, sem comando, lutam incessantemente com denodo e abnegação. As armas que usam são uma verdadeira miscelânea, encontrando-se armas alemãs, inglesas, italianas e americanas. Esse pessoal não tem abastecimento, nem recursos algum. Dormem no tempo, não possuem uma manta e nem outro conforto a não ser a roupa. Passam à “ração K” que os americanos lhes pagam. Sempre nas missões perigosas são eles que despontam. Em resumo, o tenente Solon admira-se da Itália fracassar com gente tão valente assim. Terminou aí a minha palestra e sai indo almoçar na Cia. de Tratamento. Logo após, sai levando os motores elétricos para Pesteia. No caminho, cheguei ao Serviço Médico do Batalhão (SMB) onde falei com o coronel Maury e o major Assunção, demandando depois a Pesteia. A estrada estava coberta de gelo, as montanhas brancas de neve, o frio fazia-me doer os pés, mãos e orelhas. Mas vareei a serra e cheguei a Pesteia indo direto à Manutenção onde entreguei os motores e tomei outras providências. (...) Após regressar, chegando ao anoitecer. Tinha esperança de ter vindo alguma carta para mim, mas não veio ainda desta vez. Fiquei muito triste e

fui reler as cartas de Gelcy. O “front” está se manifestando ativo. Os alemães bombardeiam constantemente. Até um caminhão (...) nosso foi atacado por um avião que felizmente não o atingiu. Em Porretta, novas bombas caíram e continuam caindo. Agora são 22h e vou dormir, sempre pensando porque Gelcy não me escreveu.

SEGUNDA – 11: O dia está novamente chuvoso e com ventos. A neve continua a existir nas montanhas e há geada e gelo em toda a parte. O dia correu sem causa de maior importância. Dediquei-me a instalação de duas estufas: minha e a do coronel, atendendo outros serviços também passei o dia. À noite, estivemos reunidos na casa do coronel, capitão Maliceski, Iturbides, Toledo e a enfermeira Jacira. Nessa reunião, tomamos bons tragos de uísque. Após ouvirmos as mensagens aos expedicionários e, finalmente, estou escrevendo agora uma carta para Gelcy, bem como este diário. Amanhã, espera-se um ataque das nossas tropas, estamos todos apreensivos.

TERÇA – 12: Manhã de expectativa. As nossas tropas passaram ao ataque com o objetivo de conquistar Morro do Castello e Belvedere. O dia amanheceu sem chuva, mas sem Sol e um pouco frio. Dirigi-me a Porretta aonde cheguei às 9h. Na Cia. de Tratamento havia dado entrada os primeiros combatentes feridos. Um com a orelha arrancada por estilhaço de granada e outro com histeria de inibição. As notícias eram de que a tropa estava progredindo debaixo de um fogo intenso do inimigo. A emoção me invadiu a alma quando soube que o coronel Caiado, comandante do 1º RI Sampaio, dissera que “ou o 1º RI desapareceria ou o objetivo seu seria conquistado”. Isso por si só dá a ideia do sacrifício que o punhado de brasileiros heroicos estavam destinados a fazer como de fato o fizeram. Em meio daquela expectativa, entre muitos oficiais do Corpo de Saúde, encontrei-me com o major João Braga, chefe da 2ª seção ERD, grande amigo meu desde Recife e a quem devo minha participação nas Forças Expedicionárias. Com ele, conversei bastante. Numa folga que tive, fui aí a um fotógrafo próximo e tirei umas fotografias para mandar a Gelcy. Uma das quais tirei com o tenente Jardim. Após esse acontecimento, me dirigi a Pistóia, para na Manutenção, receber uns motores elétricos a fim de

darem corrente para a Cia. de Tratamento, acionando os seus aparelhos científicos. Em Pistóia, almocei, providenciei os motores, recebi mais material de manutenção e regressei chegando com o crepúsculo. Dei os motores, um ao Tratamento e outros à 1ª Cia. do Pacheco. As notícias da frente não eram boas, os objetivos não tinham sido atingidos e 50 feridos haviam sido evacuados. O bombardeio de preparação durou seguramente quatro horas, das 18h às 22h. Era um trovão contínuo e nem assim os alemães se enfraqueceram. Porém, não é mistério essa resistência se eles estão em elevação superior e com uma fortificação notável de casamatas, etc. O tenente Toledo estava um pouco preocupado com um posto de socorro Regimental chefiado pelo Jahir Garcia e que estava em lugar desconhecido. Afinal, a hora “H”, a última notícia é que tudo foi malogrado, a tropa teve que voltar à posição de partida. Eu, às 18h, regressei ao PC em companhia do capitão Maliceski. Sentia-me atacado de forte gripe e por isso me deitei logo.

QUARTA – 13: Hoje, como sempre, o dia foi chuvoso e frio. Atacado de forte resfriado me limitei ao expediente interno. Durante o dia, tive em atividade funcional. Tomei meu chimarrão à tarde em companhia de Zaly. Demos uma palestra de reminiscências sobre o Brasil e das nossas atividades de moços. À noite, redigi 23 telegramas de felicitações de Natal e preparei correspondência para Gelcy. A notícia do resultado da batalha que permanece tudo na mesma foi a de 79 feridos, entre oficiais e praças, e 19 mortos, incluindo um oficial. 138 desaparecidos. Triste registro faz aqui dessas preciosas vidas para um País com tão pouca população como o Brasil. É só por hoje.

QUINTA – 14: Manhã de Sol. Aspectos dos panoramas muito lindos devido à neve que caiu à noite, cobrindo as montanhas como se fosse pó de cal. Após me levantar, sofri pequeno acidente com um fogareiro, queimando ligeiramente as mãos quando me preparava para um banho. Preparava-me para ir a Pistóia quando chegou o major Sady querendo tomar um chimarrão, o que não foi possível. Depois de administrar os serviços ao pessoal, saí levando os sargentos Drô e Pompeu, meus auxiliares. Ao sair, chegou o sargento Pradela, da Cia. de Manutenção que diariamente faz o

rodízio das manutenções das unidades na frente. Esse me deu uma fatídica notícia. Foi um desastre com o tenente Paulo, aliás, o segundo em oito dias, sendo que o primeiro não houve causa muito grave, mas no segundo morreu um soldado, seu auxiliar. Outros foram encontrados com o GMC. Parti para Pistóia às 11h, indo chegar na Cia. de Manutenção às 12h20 devido ter atolado o carro que imediatamente foi retirado por um veículo americano. Na Manutenção, almocei e fiz o que tinha de fazer, indo depois ao QG Recuado onde passei 23 telegramas, uma carta e dois cartões para Gelcy (...). Tratei de outros assuntos na cidade. Na cantina, fiz algumas compras e entendimentos com duas famílias italianas, regressando às 17h. Fui até ao “Fild Hospital”, em Valdibura, e regressei ao posto de comando. Às 19h30, com o início já, tentei ouvir as mensagens aos expedicionários, o que não consegui devido ter cortado a luz. Jantei às 20h em companhia de dona Olga, Oscar e Lela, donos da casa onde nos achamos. Após seguiu-se uma animada palestra sobre a guerra, campanha da África, etc. Às 22h, estou escrevendo. Conversando com o Iturbides S-1 soube que o número de mortos registrados na DIE, em batalha e acidentes, atinge a 170. Recebi um telegrama da enfermeira Valadares pedindo-me para trazê-la do hospital até aqui amanhã. Foi só.

SEXTA - 15: Tempo sem chuva, porém, frio. Estive em Porretta até às 10h30 onde tratei de serviço com as companhias do Batalhão de Saúde. Depois, dirigi-me ao “Fild Hospital” para apanhar a Valadares para vir almoçar no posto de comando conosco. A ponte estava sofrendo um conserto e tive de esperar quase duas horas, chegando ao hospital às 12h30. O pessoal aí almoçava inclusive a convidada. Como fui convidado para almoçar lá e devido à insistência das enfermeiras e do Breno Mascarenhas, resolvi almoçar. Logo depois, a enfermeira Valadares se preparou e veio comigo. Ao chegar ao PC, um cabo da MB estava à minha espera para um entendimento sobre o material no tocante do Batalhão. A enfermeira tomou conta da casa, arrumou nosso quarto, tomou chimarrão, etc. Apesar da visita, estive à tarde toda na oficina, estive ativo sobre questões de serviço. Jantamos, fizemos uma sessão de música e, às 20h, levei, eu e o coronel Borba, a enfermeira para o hospital.

SÁBADO – 16: Manhã sem chuva, mas fria e úmida. Preparei-me para ir à Florença a fim de fazer um passeio com a devida ordem do coronel. Fiz tudo que tinha de fazer pela manhã, almocei e saí. Passei em Pistóia, botei uns cartões postais com insígnias do 5º Exército (...) e mandei a todos os meus e amigos de Pistóia. Fui para Florença volta de 14h. Às 15h, cheguei, fui direto ao Hotel Nacional onde hoje está instalado o hotel brasileiro organizado pelo Serviço Especial da DIE sob a esclarecida orientação do major Saldanha da Gama. Fui cercado de atenções desse bravo militar, professor e “gentleman”. Como não havia um quarto, cômodo para mim, fui ao Hotel Anglo-Americano ocupado pelos americanos levando do major Saldanha uma ordem para aí me hospedarem. Fui, gentilmente, acolhido. Imediatamente, me colocaram às mãos o cartão indicando o quarto e outro indicando a garagem para guardar o carro, bem como o cômodo para o material que era do Nestor. O aspecto da cidade não diferencia do aspecto comum das cidades italianas. Conquanto grande e de comércio intenso, as ruas são acanhados, sinuosas e estreitas. Só de distância em distância vê-se uma obra de arte das igrejas, a Catedral, palácios, etc. Nas igrejas estão as histórias da Renascença nas pinturas, estátuas e arquitetura. O movimento da cidade é intensíssimo pelas tropas aliadas, destacando-se a predominância de ingleses. O comércio gira em torno de novidades e raridades para nós forasteiros. As joias florentinas, os bustos dos criadores da Renascença, as miniaturas das construções históricas em bronze, os famosos camafeus em marfim. As filigranas com camafeu (...) bem como os trabalhos de joias com fragmentos de mosaicos. Esses objetos aparecem em quase todas as vitrinas. É verdade que parte de metais é falsificado e o preço é exagerado. A preocupação do povo é tirar o dinheiro dos aliados. Nessa tarde, nada fiz senão umas compras de curiosidades. Uma estátua da Catedral de Duomo, um busto de Dante, uma Torre de Pisa em estanho e o Palácio Vecchio, além de uns cruzeiros de alabastro com as insígnias do 5º Exército. Foi só. Procurei um escultor para fazer o meu retrato e de Gelcy em estatueta mármore e não encontrei. Eles não fazem trabalho pequeno. É só em Pisa que trabalham em pequenas miniaturas de alabastro. Jantei no hotel brasileiro com o médico que está à disposição do Serviço Especial, doutor Lourival e o tenente Sufi, um paulista convocado do 1º Escalão. Após o jantar, mantive uma longa palestra com o major

Saldanha sobre a nossa situação e a do Brasil. Orientei-me bem com ele. Também está como seu auxiliar o capitão Lasoque, sendo ambos revolucionários de 32. O major Saldanha contou-me toda a sua vida, desde 32. É um grande brasileiro e um papel importante lhe será confiado no futuro para os destinos do Brasil. Com a camaradagem do tenente-doutor Lourival que, aliás, é do Batalhão de Saúde também convocado, resolvi não voltar ao Hotel Anglo-Americano e dormir no quarto desse amigo, numa cama de campanha forrada com a manta, cama rolo, que levo sempre comigo. Era só.

DOMINGO – 17: Em Florença, tempo chuvoso. Não muito frio. A minha preocupação foi a de visitar as causas eruditas e tradicionais que evidenciavam a Renascença. Então, eu e Lourival e o tenente Sufi saímos num carro e fomos à Igreja de Santa Croce. Esse monumento encerra em seu bojo toda a história do Renascimento. Aí estão os túmulos Dante¹³⁹, Rossini, Galileu, Machiavelli, Michelangelo, anunciação de Donatello e tantas outras cousas. Visitei demoradamente todas essas obras de culto e tradição. Aí repousam os grandes vultos, com suas fisionomias esculpidas em mármore de Carrara em tamanho normal. O guia foi um rapaz nascido em São Paulo que vive em Florença e, depois, um padre franciscano cuja congregação pertence à Igreja de Santa Croce. Terminada a visita, fui à Galeria de Arte Florentina, onde encomendei uma miniatura do meu retrato com Gelcy estampado em lâmina de marfim, pintada com um pincel de um só fio e que trabalha tocando a lamina em vertical. Voltamos para o hotel, onde almocei. Após o almoço, (antes das 11h, ao meio-dia, assisti a missa cantada por um coro formidável na Igreja de Santa Anunciada. Essa igreja está situada num ponto central da cidade. Essa igreja também foi construída no ano 1.400 como a de Santa Croce e considerada a mais rica da cidade. Nas paredes, em nichos embutidos, estão às relíquias preciosas em joias de toda a natureza e procedência. É também considerada a santa mais milagrosa da cidade, onde se reúne a fina flor da sociedade florentina). Como ia dizendo acima, após o almoço, em companhia do Lourival e Carlito, um estudante de Direito combatente, fomos ao Palácio

¹³⁹ Cf. REBELO, (s.d.), p.18, Dante morreu em Ravena, aos 56 anos, onde se encontram seus restos mortais; Cf. NESTI, 1996, p. 63, o que existe nesse local é o cenotáfio em recordação de Dante.

Pitti. Esse edifício, de estilo antigo, é hoje Palácio do Rei. É uma verdadeira muralha a parede externa. Explicou-nos o guia que esse palácio foi iniciado por tal de Luca que não pode concluí-lo e, então, vendeu-o a Toledo, uma espanhola que passou para a família Medici. Desde então constitui esse palácio o solar da família Medici. É um verdadeiro arcabouço de arte e preciosidades. Há uma pequena igreja do cardeal Leopoldo de Medici no museu que vale o palácio, é toda ela de (...) com as imagens de (...) e mosaico, representando as cousas do culto católico. Nessa pequena igreja portátil há um vidro onde se encontra a “Toillet”. Aí há um espelho célebre que parece estar sempre molhado, mas que é ilusão. O porta-joias que pertence à família Medici é uma coisa indescritível. As salas com as pinturas dos maiores artistas da época estonteiam o visitante. No museu, estão guardados os quadros de Michelangelo, La Madona, etc. A câmara da Rainha, do Rei, é toda forrada de damasco. A tapeçaria é assombrosa no seu valor. Assim fiz essa visita, me encantando muito com uma estátua em bronze (...) Isso é considerada uma das preciosidades do museu. Terminada a visita foi quase noite, voltei ao hotel, jantei e regressei, saindo às 19h. Às 20h30 cheguei a Pistóia onde me demorei em trazer novas encomendas do Oscar (...). Às 23h, cheguei ao PC, imediatamente entrei em repouso. Deixo aqui registrados os nomes de sete paulistas formados e estudantes de Direito que trabalham com o major Saldanha (...). São eles: José Bernardes, Naldo Caparica, Rui Pereira de Queiroz, Antônio Leme da Fonseca, Celso Braga, Francisco Menezes e Antonio Carlos Silveira Correa. Para encerrar, acrescento aqui que vi com curiosidade em Florença, no Rio Arno, a ponte que a lenda diz que Dante encontrava-se com Beatriz. Aqui se encerram estas impressões. Nesta noite, ao chegar a casa, encontrei duas cartinhas de Gelcy: a terceira e a quarta, bem como uma do Adhemar e outra de Ronan. Depois de lê-las e recebê-las, adormeci saudoso de tudo e de todos.

SEGUNDA – 18: Pela manhã tratei de serviço. Após o almoço dirigi-me a Pistóia em companhia de Iturbides. Estivemos no QG, na Manutenção, e na cidade fazendo algumas compras. Comprei cartões em quantidade para mandar a Gelcy e a amigos. Depois estivemos na casa de Yone, uma “esfollate” de Riola. Essa família também proprietária em Pistóia ficou com

suas duas casas em ruínas. Depois dessa visita, fomos à casa de outra família onde compro, às vezes, um “vinhozinho”. Terminados os afazeres em Pistóia, regressamos chegando ao PC às 19h. Tentamos ouvir as mensagens e não conseguimos devido faltar corrente. Em face disso, me dediquei ao expediente de correspondências.

TERÇA – 19: Tempo chuvoso, frio, lama por toda parte. Destinei-me ao serviço na oficina. Precisava ir a Pistóia, mas não fui, mandei o meu carro com Batista e Nestor para irem a Manutenção buscar peças e 14 malas com presentes que se achavam no correio. À tarde, passei um pouco acabrunhado com uma forte gripe. Esteve em visita ao PC à enfermeira Valadares que jantou conosco. Durante toda à tarde não sai do aposento devido estar resfriado. Chegou o meu carro de Pistóia às 16h. Eu assisti a abertura das malas, recebendo três embrulhos, todos doces, enviados por Gelcy. À noite, passei escrevendo correspondências. Não houve luz e por isso não se ouvia rádio. Foi só.

QUARTA – 20: Continua a miséria do tempo. Destinei-me ao trabalho e organização da oficina e bem assim o de preparar as embalagens de diversos presentes em estátuas para a Gelcy. Fiz um lavatório para mim, utilizando o capacete como bacia, e um coador de café para dona Olga e Lela. À noite, sem luz, tentei fazer funcionar um motor eletrogênico que me custou duas horas de trabalho a fio, mas funcionou. Ainda pude ouvir a Nacional do Brasil. Nada de mais importante houve.

QUINTA – 21: Pela manhã, cuidei de instalar o motor gerador de luz em virtude de nos acharmos há três dias sem iluminação. Às 11h, estive tudo pronto e o motor funcionando. Visitando o coronel, esse me contou da selvageria dos alemães que depois de rapinarem três feridos brasileiros em suas linhas, desobedecendo a Convenção de Genebra e o espírito de humanidade, abandonaram esses homens que só depois de vários dias chegaram às nossas mãos, com gangrena, etc. O coronel fez um ofício denunciando tal fato ao Chefe de Saúde e sugere que se deposite em Genebra um veemente protesto ao governo alemão e noticiar-se também às principais agências de correspondências para elas mostrarem ao Mundo

a selvageria dos alemães. Gostei imensamente de tal procedimento. Após o almoço fiz uma visita às subunidades do Batalhão. Antes estive (...) falando com o coronel Machado Lopes sobre serviço. Depois estive nos grupos de aviação observando, mas não encontrei ninguém. Fui a Castel di Casio onde visitei a triagem da 3ª Cia. comandada pelo tenente Rezende. Desci em Porretta, me entendi com os comandantes da 1ª Cia. e da Cia. de Tratamento. Li aí o Globo, de 28 de novembro, que publicava trechos de uma carta minha a Lau. Regressei ao PC, chegando às 17h30, ainda fui lidar com o motor elétrico para ver se conseguia ouvir as mensagens, o que não consegui direito. Não havia luz. Recebi, às 20h, duas cartas de Gelcy, números cinco e seis e mais uma do Ronan e um cartão da Paula. O resto da noite, até a hora de me deitar, estive escrevendo. Estas cartas noticiavam a morte do doutor Aguiar, em Bagé, assassinado a mando do doutor Goffre.

SEXTA – 22: Dia de frio e tempo feio. Cuidei dos trabalhos da oficina e sai para Porretta e depois, Pistóia. Em Porretta, almocei, procurei o Jardim para pegar uma fotografia e fui ao alfaiate encomendar uma “passa-montanha” de lã, recoberto com camurça que trouxe do Brasil. Feito isso, me dirigi a Pistóia, levando como “artista” o cabo Paulo Eugênio. Estive na Manutenção e, depois, no QG Recuado onde me encontrei com o major Puccini, o major Paiva Chaves e diversos outros oficiais. Após uma boa palestra, me retirei regressando logo após. À noite foi num trajeto da serra, tive as mãos congeladas, foi preciso massagem.

SÁBADO – 23: Pela manhã fui a Porretta aonde almocei na Cia. de Tratamento. Fui ao alfaiate e recebi a encomenda da “passa-montanha” que estava pronta. Aí fui ao fotógrafo apanhar umas fotografias que comprei com vistas magníficas para enviar para Gelcy. Estive ligeiramente no QG, me dirigi às 13h30 para Pistóia, indo na casa de Branela levar-lhe umas encomendas e, depois, no QG. Aí falei com o doutor Marques Porto para dar-lhe um recado do coronel Borba e entregar-lhe uns presentes que este lhe enviara. Depois fui ter com o major Puccini, tendo-o encontrado numa aula de inglês juntamente com os outros oficiais que vieram à frente como observadores norte-americanos. Convidei-o a dar um passeio pela

cidade, o que aceitou. Saímos no meu carro, e fomos à casa de uma família onde tomamos bom vinho e, depois, regressamos. Mandeí o motorista levar uns remédios ao sargento Rilberto, a mando da Manutenção, como presente de Natal. Regressamos então volta de 16h30 já debaixo de neve que caía aos flocos. Ao atingir o alto da colina, lugar onde tem um acampamento da engenharia americana avistamos uma iluminação (...) com vários matizes. Ao aproximar-me vi que se tratava da árvore de Natal, uma grande árvore arranjada pelos americanos que, embora em guerra e um lugar que não se podia nem deixar o nariz descoberto devido ao frio, fazem com sacramento o culto de sua grande festa nos Estados Unidos, o Natal. Ao chegar a casa encontrei duas cartas, uma de Adhemar e outra de Celina Martins. Li-as e tive satisfação com as boas notícias. Ao anoitecer intensificou a neve que passa a cair copiosamente. Jantei e fui fazer funcionar o motor de luz porque a corrente que vem de fora não é suficiente para fazer captação da irradiação do Brasil. Quando saí já fui atolando-me na neve que tinha coberto o chão com uns dez centímetros. O Iturbides e Toledo, encantados com a tal da neve que víamos a primeira vez, apanharam bola e brincavam de atirar um ao outro. Foi um sucesso, à noite ficou clara, via-se toda a superfície, os gelos e a silhueta da montanha. Passamos a ouvir as mensagens donde logo no início fui contemplado com duas. Uma do Lau e outra de dona Maria Izolina. Todas dando boas notícias e me felicitando pela passagem do ano e festa de Natal. Terminadas as mensagens, fui preparar os presentes para Gelcy que constava de uma torre de Pisa em bronze estanhado, um busto de Dante, de bronze, uma miniatura, de bronze, do Palácio Vecchio, uma estátua de Mercúrio, em bronze também, outra em bronze com pedestal de mármore da Catedral Del Duomo e uma caixa contendo quatro quadros a óleo, incluindo três fotografias em tamanho grande sobre vistas na primavera, inverno e infância. Tudo em duas caixas, incluindo uma para o Lau com um cruzeiro de alabastro e mármore com as insígnias do 5º Exército. Toda essa preparação durou até 1h30 da manhã. Embalei uma também para o Nestor que me ajudou a fazer os trabalhos. Para isso tive de andar uns 200 metros atolando-me em neve ao relento da noite com a temperatura de seis graus abaixo de zero. O que me alarmou foi ver o quarto dos rapazes que trabalham na Manutenção (mal coberto) cheio de neve. Já havia mais

de um centímetro por cima das cobertas. Uns tinham um toldo por cima, outros tomaram neve direto na cama. O que não me explica é que essa neve passasse na cobertura da casa onde chuva não passa. Como disse, terminei os trabalhos às 1h30 da manhã e me deitei.

DOMINGO – 24: Dia inédito na minha vida. Deparei-me, ao abrir a janela, com a árvore de Natal, tal qual como ela é representada nas tradições das festas que todo o Mundo festeja, com pinheiros com os galhos envergados de tanta neve. Quase meio metro de neve. A avidez da cousa mão branca que já vi, encantava o panorama do Vale dos Apeninos outrora barrento e triste. Era um dia sublime e de expectativas desoladoras. Era o inverno que chegava para completar a nossa provação. Mais um inimigo imprevisível surgiu impetuoso. Como eu já estava com licença do coronel para ir a Livorno–Pisa (área onde se achava acampado o Departamento chegado no dia 7, tratei de providenciar a viagem). Era um barulho de automóvel atolado na neve. Outros derrapando nas estradas, etc., e os comentários eram um só: neve. Não tardou aparecerem os primeiros italianos residentes nas montanhas utilizando seus meios de transportes para a neve: esqui, esquiadores. Quando cheguei às oficinas da Manutenção encontrei o pessoal alarmado, tinha monte de 20 centímetros de neve em cima dos carros. Não puderam dormir. O meu carro estava enterrado na neve. O capô do motor todo coberto. Retiramos a neve, botamos corrente e voltei ao quarto para ultimar os preparativos. Fechei 15 envelopes, sendo um com uma carta para Gelcy, número 30, e vários outros com cartões para ela e para outras pessoas de minha família. Depois de tudo pronto, saímos. Eram 11h. Saímos devagar e fomos rasgando a neve. De quando em vez um caminhão parado botando corrente, para muitos, a derrapagem. Não tardou que um caminhão americano derrapasse e quase tocou a carroceria do meu, rasgando a capota. Um bom bloco de neve no meu carro entre o para-brisa e o meio do capô. Fomos tocando com muita prudência até atingirmos Pistóia onde não havia mais neve, só frio. Passei direto e tomei a estrada de Lucca. Ao passar pelo entroncamento de Montecatini apanhei um segundo tenente aviador do Esquadrão de Reconhecimento que ia a Pisa visitar um irmão seu que é do grupo de caça. Às 14h, chegamos a Pisa, indo para o Hotel Netuno onde está acantonado o pessoal do grupo

de caça da FAB comandada pelo coronel Nero Moura. Aproveitei para fazer uma visita com o distinto e bravo oficial amigo meu do Brasil. Após ter contato com vários tenentes que logo de início me deram à notícia que no dia anterior tinham perdido um companheiro por ter sido atingido o seu avião e ele obrigado a saltar de paraquedas, indo cair no Vale do Pó, linha inimiga alemã. Era o tenente Mota, meu conhecido do Brasil, companheiro de residência no Edifício Andraus, o tempo que morei com o Rodolfo. Logo depois, passei para o quarto do coronel Nero que, a me ver, saltou dando-me um abraço apertado de amigo. Logo me cercou de perguntas sobre o Brasil e da minha situação. Do mesmo modo, eu. Falamos no Rubens e me disse ele que o Rubens certamente ia para o Brasil porque, nos Estados Unidos, ia assumir o comando de um grupo de bombardeio que estava em organização. E como nada estava previsto, achava que essa unidade da FAB ia para o Brasil. A seguir me contou que o coronel Miranda Corrêa tinha dormido lá com ele e que o tinha posto a par de toda a situação da FEB na frente de batalha. Falamos sobre a guerra e ele teve a mesma opinião que sempre tive também, tudo girou sobre a última ofensiva alemã. A ofensiva alemã era o último esforço para abreviar a guerra, com a pretensão de uma paz honrosa. Após essa palestra tão cordial, saí para Livorno aonde cheguei às 16h, indo direto ao correio. Não encontrei o coronel Villeroê. Entreguei os caixotes de encomendas para a Gelcy e Lau, as 14 cartas e cartões e passei um CTN para o Lau, um telegrama para a Gelcy e um para Celina Nunes Martins, madrinha que mora em Livramento. Terminado esse expediente, toquei para a Intendência e forcei o coronel Bernardino a me convidar para jantar. Convidou-me e aceitei. Havia cinco enfermeiras e vários oficiais, além dos do estabelecimento. Jantamos muito intimamente e me levantei primeiro, pedindo-lhe licença para me retirar. Já eram 19h e eu queria tocar, apesar do frio. Fiz a todos os presentes às felicitações do Natal e Ano Novo e toquei com o Nestor, meu motorista. Às 20h, estive na área em Pisa, aonde já não encontrei quase ninguém a não ser um resto de praças que deveria seguir na manhã seguinte para Altopascio, lugar do novo acampamento do Depósito. Em vista disso, segui para Vecchiano, aonde cheguei às 21h. Em primeiro lugar fui a uma casa onde estavam alguns dos meus auxiliares, o Batista e Noronha, passando o Natal em casa de família amiga. Ficaram satisfeitos com a minha visita. Vi como estavam,

dei minhas ordens, etc., e me retirei, indo para a casa do doutor Esbraia, antiga residência nossa da ocasião que aí ficamos acantonados. O velho, sua senhora e uma filha ficaram encantados com a minha presença. Dei-lhes umas conservas, etc., e fui servido com um prato especial cujo alimento tomei com muito apetite. Fiquei sabendo que aí se hospedavam o capitão Murilo e tenente Chisostomo, ambos do Batalhão também passando Natal em Vecchiano. Após uma boa palestra, fui para a cama rolo, num quarto preparado para nós, onde passei boa noite de sono.

SEGUNDA – 25: Pela manhã sai em direção a Pisa, às 9h. O dia estava uma maravilha! Em Pisa efetuei várias compras de ornamentações em alabastro, inclusive um jogo de xadrez, dois jogos de escora livros, um para o Toledo e outro para Iturbides. Tocamos depois para Altopascio que fica na estrada para Pistóia. Em Altopascio soube eu que o Depósito estava a oito quilômetros adiante. Resolvi chegar até lá para visitar os neófitos da guerra. Interessante é que eles olham a gente com curiosidade. Ao chegar ao local, o acampamento que estava ainda em organização em lugar bonito, num bosque de eucalipto, o primeiro conhecido que avistei foi o capitão Davi Saque, companheiro de Bagé. Matamos as saudades e toquei para frente, estando com o tenente Marcelo e capitão Dionísio, todos amigos, além de vários oficiais outros que conheci. O tenente Castro Pinto encontrei-o no caminho para Livorno. Saí do acampamento volta das 13h levando encomendas para os coronéis Marques Porto, Gilberto e capitão Peçanha. No QG, apanhei uma cesta para o Batalhão, na Manutenção umas peças e toquei pela serra afora. Foi o dia que vi desastre. Dois caminhões arreventados por colisão antes de chegar a Pistóia, um carro americano arreventado logo que comecei a subir a serra. Mais adiante, um jeep que derrapou na neve. Parece-me que com o carro houve acidente pessoal, pois, havia muito sangue na estrada. Lentamente subi e desci a serra chegando às 12h em Poggio. No meu PC até fiz o relatório da viagem aos companheiros de guerra, ao coronel Borba e aceitei um convite do Oscar para jantar com a família. Às 20h, jantamos e ouvimos mensagens. Depois, noutro jantar, mais tarde, de Iturbides e Toledo com outra família que mora na mesma casa, fizeram um discurso pelo chefe, “seu” Conti, e que eu respondi falando em italiano. Foi gozado. O tal Conti é tido como meio

(...), mas é muito culto e é de um verbo sublime, fala muito bem. Atacou Mussolini e falou sobre as tradições da Itália que era um povo pacifista, etc. E eu, da minha parte, expus-lhe que a presença do Brasil na guerra era para revidar insultos, etc. Terminada essa solenidade, recolhi-me para escrever estas memórias que já estavam três dias atrasadas. São 2h e pouco e vou dormir. Recebi a carta número seis da Gelcy.

TERÇA – 26: Dia bonito. Sol dos Apeninos imprimindo com o manto branco da neve, um horizonte, um panorama belíssimo. A gente não sabe o que admirar, para cada lado que se volta, a vista fica extasiada. Escorregadia é a neve, mas a gente vai até se acostumar. O próprio frio é suportável, não havendo vento. Prosseguindo a jornada, fiz a administração dos serviços e me preparei para ir com Itubirdes e Toledo almoçar em Castel di Casio, na triagem da 3ª Companhia. Os oficiais daquela seção ofereceram um almoço ao comandante da Cia. por motivo de sua promoção a capitão. Volta de 12h saímos no meu carro. A viagem foi lenta porque íamos admirando os panoramas da serra, envolvida pela neve. O telhado das casas, as árvores, tudo com grande depósito de neve. Afinal, chegamos. A seção está instalada em uma boa casa e todo o pessoal habita seus quartos com estufas, etc. Perto de 13h foi-nos servido o almoço que era genuinamente italiano, pois, o dono da casa, “seu” Romeu, foi quem o preparou. Bons vinhos apareceram à ágape, vinho espumante branco e vinho tinto. Após tomarmos os aperitivos e “mangiare” houve um chimarrão que tomamos à mesa. Os componentes dessa reunião eram: o capitão homenageado, tenente Iturbides, Toledo, Valentini e Bessa. Com as músicas brasileiras reproduzidas pela vitrola do Bessa, dançaram-se alguns sambas com umas pequenas da casa e amigas. Às 14h30 nos despedimos e tocamos para Porretta aonde chegamos às 15h15. Separei-me do bloco na Cia. de Tratamento para falar com o pessoal das transmissões, depois entregar umas encomendas no QG. Voltando à Cia. de Tratamento levei ao pessoal uma notícia que estava se espalhando. Era de que os alemães haviam pedido paz. Batemos papo um pouco, ganhei uns goles de uísque do capitão Álvaro. Às 16h20, saímos já ouvindo as granadas estourarem em vários pontos fora da cidade. Era a visita de todos os dias dos alemães. Padre Brito aderiu à caravana pedindo-me para passarmos em Valdibura

onde fica o hospital de campo número 37, aí no hospital palestrei com as enfermeiras Carmem Beliano, Juraci, Altamira e Jacira, bem como com o tenente Breno. Saímos já com o escuro e, às 18h, chegamos ao PC, em Poggio. À noite, ouvi rádio, um programa de terça-feira irradiado para as Forças Expedicionárias. Recolhi-me ao quarto para escrever uma carta, a número 30 para Gelcy, a fim de ser posta em Roma pelo capitão Maliceski que estava de malas prontas para sair na manhã seguinte em companhia do padre Brito e capitão Murilo, os primeiros oficiais do 2º Escalão do Batalhão que visitavam Roma. Nada mais fiz senão ir para a cama, para depois me levantar em seguida a fim de dar um banho nos pés com água quente (...). Dormi bem.

QUARTA – 27: Belo dia. O Sol aos poucos ia visitando com seu calor brando as superfícies depressivas da região. Depois do “breakfast” arranjei um par de esquis que foi um sucesso. Tendo por mestre o Oscar comecei o meu novo esporte que dá uma sensação formidável. Todo mundo se sentia entusiasmado com minha atividade esportiva. Logo apareceram os tenentes Iturbides, Toledo, Chesneau e Herbert. Com máquinas tiramos fotografias e todos estrearam com bons tombos ao esquiar (...). O negócio é formidável. Mas se a gente facilita, não para em pé. Terminada a aula fui para a oficina reorganizá-la com boa limpeza. Fiz o pessoal fazer a mudança para lugar novo no alojamento, adaptado, que não cai neve. Mandei um caminhão buscar gasolina e tomei outras providências administrativas. Na oficina chamei a atenção, repreendendo depois, do chofer do tenente Sílvio que teve uma discussão boba com os meus auxiliares sobre o 2º Escalão. As notícias da frente não eram lá satisfatórias, muitas bombas estavam caindo em Porretta, felizmente, sem atingir nenhum dos nossos a não ser alguns civis. Por outro lado, uma notícia de que uma patrulha alemã foi até três quilômetros de Porretta. Após essas notícias pus o motor elétrico em funcionamento, atolando-me até os joelhos na neve, para a recompensa de ouvir as mensagens. Observei que houve muita dramaticidade nos estúdios da Rádio Nacional porque quem abriu o programa foi o doutor Castro Araújo a seu filho soldado expedicionário aqui. Proferiu uma frase e caiu em um pranto que teve de suspender a mensagem. Assim foi com quase todos que falaram.

Após ouvimos as notícias da guerra que foram bem satisfatórias. Nada mais digno de menção.

QUINTA – 28: Continua o tempo bom. Dormi até às 8h, atendi vários serviços na oficina e depois de ter almoçado, me dirigi a Pistóia para ir à Manutenção entender-me com o capitão Peçanha e depois ir ao QG passar um telegrama para o coronel Reifschneider em regozijo à sua promoção. Na Manutenção, encontrei o pessoal banqueteadando. Os oficiais dessa unidade prestavam uma homenagem aos oficiais que vieram com o Depósito e constam do coronel Paiva Chaves, major Adalberto Pereira, Major Puccini e outros. Participei de uma parte da reunião tomando um drinque e me levantei dirigindo-me ao QG onde passei o telegrama para o coronel Reifschneider. Aí apareceu o major Saldanha com uns praças, seus auxiliares, e me pediu condução para Porretta, a que eu cedi. Assim, volta de 16h30, saímos parando na colina para botar as correntes a fim de atravessarmos a zona nevada. Afinal, volta de 17h30, em meio de densa serração, chegamos a Porretta já com “black-out” desde a ponte do Vitorina devido aos bombardeios alemães que se intensificam. Dirigimo-nos ao QG, onde jantei em companhia do major Saldanha. Aí estive com o major Souzinha, coronel Gilberto, tenente Jardim, tenente-doutor Almir, mantendo uma rápida palestra com os mesmos. Volta de 18h30 andei via com o “black-out” que foi canja devido ao luar na neve que pouco falta para dar a impressão de uma luz solar. Assim cheguei a Poggio depois de mais uma jornada em meio das centenas que já fiz. No PC, em contato com os companheiros, soube logo que havia uma ordem de alerta para qualquer eventualidade. As notícias do “front” eram de pouca importância. Foi esta a página do dia, ou resenha. Houve ainda uma parte social do Batalhão. É que organizamos um programa de recepção ao major Saldanha, convidado por mim a fim de almoçar conosco.

SEXTA – 29: O dia não foi muito católico, não houve Sol e o frio foi maior. A primeira atividade foi na oficina despachando um carro guindaste para atender uma ambulância da 1ª Cia. em Porretta e, em seguida, também me dirigi àquela localidade para, no QG, apanhar o major Saldanha que deveria almoçar comigo. Apanhei no fotógrafo umas duplicações dos retratos

meus, e fui ter com o ilustre major que se demorou tanto até que o general fez-lhe um convite para almoçar com ele, o que o impediu de vir comigo. Pedi-me então para à tarde ir novamente buscá-lo para jantar, no que concordei. Ao PC, para almoçar, encontrei o pessoal esperando. Dona Olga, dona da casa, e sua futura nora mobilizaram os recursos e conseguiram um prato delicioso, “pasta asciutta” que somado aos recursos de nossa cozinha se transformou em um bom almoço para o convidado que, infelizmente, não pode vir. Enfim, almoçamos todos em família. Após o almoço tomei umas notas sobre o material rodante do Batalhão e me dirigi ao SMB para me entender com o coronel Mury em nome do S-4 que se acha em Roma, em licença. Depois da reunião onde ficaram assentadas algumas normas de serviço, novamente em Porretta (...). Eram quase 16h quando saímos para passar antes em Granaglione (estrada) onde fica o Depósito da Intendência para apanhar correspondência para o Batalhão. Como me diziam sempre que o Depósito era em Granaglione (e não na estrada) passei a localidade e dirigi-me por uma serra afora subindo toda vida, em meio da neve até que, ao passar por um jeep, fiquei sabendo que o Depósito já tinha ficado muito para trás. A estrada era tão estreita que difícil é fazer uma volta de carro. Enfim, numa bifurcação consegui a despeito do carro ter deslizado até a beira de um precipício, um abismo tremendo, mas consegui. Voltando assim, encontrei o tal Depósito onde cumprimentei o coronel Biosca pela sua promoção e o capitão Daniel pelo seu aniversário, ambos trabalham nesse Depósito. Tomei aí dois sacos de encomendas para o Batalhão e seguimos para Poggio (PC) aonde chegamos às 18h30. Não havia mais jantar e já havia jantado outro convidado do coronel, o coronel Gilberto que também tinha vindo para assistir em nosso rádio as mensagens de sua filhinha. O Toledo se virou na cozinha e conseguimos um “beef” com ovos para os três, eu, o major Saldanha e o capitão Boitê, também do Serviço Especial. Jantados, preparei-lhes um bom chimarrão que foi servido durante as mensagens que eram irradiadas. O coronel Gilberto, muito emocionado, ouviu a de sua filhinha. Terminadas as mensagens houve um brinde com o champanhe cuja garrafa me foi oferecida pelo major Saldanha. Passei a palavra ao Toledo que discursou brilhantemente, aludindo o valor da visita que nos faziam os dois ilustres oficiais do Serviço Especial e do coronel Gilberto. Terminada a parte solene

houve a visita ao nosso “château”. Depois retornamos à cozinha para, em volta da lareira, palestrarmos sobre a guerra. O major Saldanha deu para os presentes uma cópia da mensagem que fizera em nome do general Mascarenhas pela FEB às famílias expedicionárias do Brasil que foi irradiada por intermédio dos Estados Unidos. Essa mensagem toca o coração de quem a ouve, é um hino de glória e de amor que a Pátria recebeu de seus filhos longínquos. É um capítulo bélico do porque desse sacrifício tremendo que aqui estamos fazendo. Seguindo a palestra comentou-se a atitude dos alemães. Depois a estatística de baixados por ferimentos e outros motivos que ascendiam a 1.400 e tantos. Com 179 mortos, triste estatística! Mas é a guerra, é o nosso tributo pela grandiosidade do Brasil. Hoje, vivi um dia de constante pensamento em Gelcy e pelo seu retrato foi apresentada ao major Saldanha e ao capitão Boitê que também é casado no Rio Grande com uma moça de família de Santana. Às 21h se despediram os convidados. Agora, 22h40, vou encerrar outra página para repouso sagrado de quem precisa de energia e muita.

SÁBADO – 30: Manhã fria e de tempo encoberto. A minha preocupação foi me preparar para uma viagem a Florença. Assim, depois de pronto, tendo o serviço todo administrado na oficina, saí em direção a Porretta aonde almocei no QG em companhia do Major Saldanha, Capitão Boitê e outros oficiais. Após o almoço aproveitando a neve que caía copiosamente fomos tirar várias fotografias na neve. Eu, major Saldanha, capitão Boitê e outros cujo nome não me recordo. Tiramos muitas fotografias nas dependências do Hotel Porretta Terme. Terminadas essas sessões saímos eu e o capitão Boitê para Florença. Subimos a serra em meio de muita neve. Foi um dia de temperatura baixa. Ao descermos a serra o nosso carro foi detido por uma Guarda Americana que nos mandou tirar as correntes. Chegamos a Pistóia às 15h e fomos direto ao QG onde tomei um conhaque com o capitão Boitê. O capitão, em face dos múltiplos afazeres em Pistóia, devido uma mudança súbita no QG para outro local (a fim de ceder o prédio para se instalar um hospital americano), resolveu não continuar a viagem. Liberou-me e continuei a viagem só com meu motorista Nestor. Às 16h cheguei a Florença. Fui à casa de Lina para ela me auxiliar com umas compras. Mas o comércio logo fechou e nada pude fazer. No hotel brasileiro tratei logo de

me desincumbir da missão que me foi confiada. Entreguei ao capitão Lesoque a carta do major Saldanha e dei-lhe outros recados. À noite, depois do jantar, em companhia de Lourival e dois tenentes fomos ao “cabaret” americano que estava repleto de oficiais americanos e ingleses. Passamos instantes apreciando a dança do “swing”, “conga” etc., a estilo de guerra muito gozado, sobretudo porque os italianos acompanhavam bem. Volta de 23h regressamos ao hotel para dormir.

DOMINGO – 31: Último dia do ano, dia muito lindo. Saímos eu e Lourival e fomos à missa na Igreja de São Lourenço, na praça do mesmo nome. Essa igreja é uma das mais antigas da Itália. Foi construída no ano 300. Depois de um incêndio foi reconstruída no ano de 400. Vê-se a obra arquitetônica de Brunelleschi, as pinturas de Michelangelo, etc., ligada a ela está a Capela dos Medici com os sarcófagos dos membros da família. Aí elevei as minhas preces a Deus para me dar força e vida para completar as minhas realizações sonhadas ao lado de minha amada Gelcy. Depois fomos a Santa Maria Novella, também histórica igreja construída no século II, com cousas de estilo grego. É maravilhosa, aí assistimos um pedaço da missa. Daí em companhia de Loureiro, um rapaz paulista do Serviço Especial, fomos a Praça Michelangelo onde está a célebre estátua de Davi. Depois subimos o morro Monte Alle Croce que tem uma célebre história. Aí há uma igreja de estilo babilônico com decorações egípcias e gregas. As pinturas afresco, onde se pode bem apreciar o caos da religião. Veem-se as imagens de santos ao lado de figuras mitológicas dando a impressão de uma religião não bem definida. Feita essa visita regressei ao hotel onde almocei. Depois do almoço visitei a redação do “Cruzeiro do Sul” que estava em plena atividade com os rapazes do Serviço Especial para darem à tiragem do primeiro número no dia 3 do Ano Novo. Depois dessa visita, recebi do capitão Lesoque umas encomendas do major Saldanha e do coronel Borba e regressei passando por Pistóia, chegando a Porretta às 17h30, onde as entreguei ao major Saldanha. Aí tive oportunidade de cumprimentar o general Mascarenhas. Regressei em seguida para Poggio aonde cheguei às 18h. No PC estavam em visita às enfermeiras Altamira e Jacira que tomavam parte num banquete que o coronel ofereceu aos chefes do Serviço de Saúde da FEB. Jantei em companhia da família da casa e

momentos depois estive na cama. Não senti a passagem do ano. Nessa hora estava já dormindo.

1945

JANEIRO

SALVE SEGUNDA – 1º: Ao acordar meu primeiro pensamento foi em Gelcy. Renovei todos os meus sonhos ao lado dessa inesquecível criatura. Levantei-me, felicitei os companheiros e fui à oficina para dar meus cumprimentos aos meus auxiliares. O almoço foi oferecido pela Dona Olga e seu filho Oscar. Foi admirável. Participaram o coronel, o capitão Maliceski e os “Três Mosqueteiros”. Ao champanhe, falei eu, elevando as nossas taças à confraternização dos povos e a felicidade de cada um juntamente com suas famílias. À tarde, andei pela oficina, preparei combustível para o motor elétrico para ouvir as mensagens. Essas mensagens foram captadas às 18h30, apesar de haver aviso de que começaria às 17h30. Houve uma para mim de Léa Silva. Dos meus, nenhuma. O jantar foi com o comandante preparado pela Geovana e a Luiza, teve muito bom. Uma bela “pasta asciutta” e um “coniglio”. Nada mais senão conversa e esperança de que a guerra terminará num futuro próximo. Chegando de Roma, ontem à noite, o capitão Maliceski, padre Brito e capitão Murilo.

TERÇA – 2: À noite que passou foi de grande atividade no “front”. O canhoneiro foi contínuo. A manhã foi bela, um dia de Sol tornou a vida mais alegre no meio da neve. A minha atividade foi puramente funcional. Passei o dia na oficina. Pus em funcionamento uma bomba para lavagem de viatura com muito resultado. A adaptação foi feita no meu carro e por isso foi o primeiro a sofrer a faxina. Em meio da neve eu lavei o carro. Tão frio era que a água gelava a superfície do veículo. Mandeí, à tarde, um carro com talha, com Nestor e Libnitz, retirar da estrada um carro acidentado da Companhia de Tratamento. Como às 18h os mesmos não houvessem regressado, fui até ao local, onde já os encontrei com o serviço pronto. Graças à ajuda eficiente dada pelo capitão Floriano Moller, comandante da 1ª Cia. de GB, e bem como do tenente Danilo Teles Martins

que tudo fez na sua seção de Manutenção. Foi uma ótima oportunidade para eu conhecer esse brilhante oficial. Regressei ao PC aonde cheguei às 20h. Nada mais fiz senão umas partes sobre serviço. A notícia dolorosa de hoje foi a de ter sido gravemente ferido o tenente Mário Márcio, famoso atleta filho de Campo Grande, Mato Grosso. Foi ferido em plena atividade no “front”. Agora passo a escrever uma carta para Gelcy.

QUARTA – 3: Dia bonito de Sol. Muita atividade, para mim, nesse dia. Após organizar o serviço na oficina fui a Pavana falar com o coronel Mury sobre a situação do material e o recolhimento do caminhão da Companhia de Tratamento acidentado na estrada de Pracchia. Fiz-lhe uma parte e o major Assunção deu-me um memorando para o capitão Peçanha providenciar a remoção da dita viatura. Fui mais adiante, próximo a Porretta onde está instalada a Cia. de Tratamento e tive um entendimento com o capitão Álvaro sobre um motor elétrico estragado e demais serviços de manutenção. Regressei ao PC, almocei e fiz seguir um caminhão para ir onde estava outro acidentado e retirar certos acessórios. Em seguida, em companhia de Toledo, segui para Pistóia. Em Pistóia, fomos ao QG onde falamos com o capitão-médico Paiva Chaves e capitão Boitê, bem como com o correspondente de guerra Brandão. No correio apanhamos inúmeros telegramas aonde havia um para mim, da Carmem. Antes, no PC, havia recebido duas cartas, uma de Carmem e outra de Dolores, dando-me boas notícias. Seguimos após para a Manutenção, onde me despachei com o capitão Peçanha e Almir. Ficou assentado para eu receber mais um transporte 3/4 e recebi algum material para a manutenção. Após esses despachos, andamos pela cidade fazendo compras e regressamos ao PC, aonde chegamos às 18h30. Ouvimos as mensagens da Rádio Nacional depois do jantar que eu e Toledo mesmo preparamos, seguindo-se após uma boa palestra. Enquanto isto o capitão Murilo estava em coma no nosso quarto, intoxicado com um conhaque que lhe ofereceu Iturbides. Da frente, muitas atividades de patrulhas e um bom número de brasileiros feridos. As posições permaneceram as mesmas. Nem uma notícia de sensação. Vou recolher-me para o descanso com muita preocupação com a falta de notícia de Gelcy que desde Natal não recebo.

QUINTA – 4: Dia lindo de Sol. Lá não muito longe, cobertos pelo manto branco da neve, sob um frio de congelar, estão os bravos defensores do nosso pavilhão alviverde defendendo a integridade da Pátria e os solenes compromissos por ela assumidos com as nações aliadas. De quando em vez, os canhões da democracia fazem chegar até as linhas nazistas o sinal da reação contra abusos da força (...). Aqui, no PC, vários oficiais, cada um atento em seu mister, fazem com que tudo chegue a tempo e hora para os abnegados patrícios que se acham nos “fox-bull” enfrentando peito a peito os audaciosos guerreiros de Hitler. Providenciei os serviços na oficina, almocei e fui socorrer o capitão Murilo e Maliceski que ficaram a pé com o jeep enguiçado. Logo estava de volta e me preparei para vir a Pistóia, indo antes à Cia. de Tratamento para pegar um motor gerador e levar ao conserto, na Manutenção. Fiquei no hospital para apanhar a enfermeira Altamira e mandei o Batista e Nestor chegarem até a Cia. Pouco depois, regressaram com uma dolorosa notícia: que havia caído uma granada em Porretta, próximo à Cia. de Tratamento, matando seis soldados e ferindo dois homens da dita companhia e que um perderia o pé. Fiquei abalado com a notícia indo para Pistóia. No Banco do Brasil, deixei a enfermeira e descobri aí, no Chefe do Serviço, um parente de Guaratinguetá, um Marcondes. Fui à Manutenção, recebi um carro 3/4 já usado em substituição a um acidentado e fiz seguir de volta para trazer a enfermeira com o Batista. Tratei outros assuntos de serviço. Estive no QG e saí às 17h de Pistóia e às 19h estava no PC onde, logo comentando sobre o desastre de Porretta, soube que tinha sido ferido também o meu grande amigo, tenente Jardim, mas que não era grave. Ouvimos as mensagens, etc. E fui contemplado com uma carta da Gelcy (...) e uma de Adhemar. O resto desta noite foi por conta dessas três correspondências. Respondi uma, a de Gelcy, por ter me preocupado mais devido ao assunto da madrinha que ela focalizou com certo sarcasmo. Foi só.

SEXTA – 5: Um dia de muita neve. O dia todo nevou. O horizonte ficou envolvido em uma densa cortina branca que tolhia completamente a visibilidade. Levantei-me cedo e passei na oficina atendendo serviço e desempenhando uma incumbência de preparar um chapéu para estufa para a Companhia de Tratamento a mando do coronel. Distribui viatura, etc.

Andei muito nos arredores da oficina com a neve à altura da canela. Depois do almoço, trabalhei desencalhando um carro que atolou e deu o que fazer para retirá-lo. Tiramos uma fotografia. A neve caía tão copiosamente que um pouco que a gente descuidasse, formava uma pirâmide no capacete. Nessa tarde, me dediquei às correspondências. Para o Lau, Adhemar e Gelcy, aos últimos enviei três fotografias a cada. À noite, ouvi mensagens e notícias da guerra. Nada houve que merecesse maior atenção. Foi só.

SÁBADO - 6: Neve e mais neve. Segui para Pistóia, indo almoçar na Companhia de Manutenção. Encontrei o aviador Taborda, do Esquadrão de Observação. Esse me falou que seu mano é do grupo de caça e se eu desejasse qualquer coisa, era para providenciar. Como minha maior aspiração era arranjar um portador para levar uns objetos para Gelcy e Lau, combinei com ele para, no dia seguinte, ir até lá onde eles se achavam, em Pisa. Fiz os meus trabalhos na Companhia e fui ao hospital 16 ver o tenente Jardim que lá se achava ferido. Encontrei-o dormindo. Disse-me a enfermeira brasileira que atende essa barraca que tem o número 8 e ela me disse que o ferimento do estilhaço havia-lhe penetrado e fazia compressão da medula, mas que o estado geral era bom. Fiquei muito comovido e do fundo da alma me surgiu uma revolta de presenciar uma guerra tão bruta como esta. Dali sai indignado. Visitei uma família amiga da cidade, voltei à Manutenção, recebi um material e voltei novamente a ver o Jardim que continuava a dormir. Deixei-lhe um bilhete sobre as minhas visitas e o consolo da minha solidariedade. Fui depois ao correio onde nada havia, nem para mim e nem para o Batalhão, a não ser dois telegramas para o Chesneau. Retornei ao PC, saindo às 17h de Pistóia. Peguei uma tempestade de neve incrível, mas cheguei bem ao PC. Aí chegando, jantei, ouvi as mensagens e fui ter ao coronel numa casa ao lado. Palestrei muito e fiz-lhe ciente de certa onda (...) contra os americanos por alguns oficiais, bem como o pessimismo por parte dos mesmos. O coronel concordou com minha observação e disse-me que as providências já estavam tomadas pelo alto comando, e que isso não passaria de tédio do pessoal da retaguarda. Ao terminar a palestra, pedi-lhe para eu ir a Pisa levar umas encomendas para serem levadas ao Brasil por um aviador amigo. Despedi-me e vim para o quarto, onde tive fazendo o expediente e embalagem das

encomendas para irem para o Brasil. Escrevi ao Lau, a Gelcy e ao Rodolpo e fiz duma embalagem uma caixa e um embrulho. Após o que, fui dormir.

DOMINGO – 7: Logo pela manhã segui para Pisa levando três homens da Manutenção para passearem. Às 12h, estive em Pisa, indo diretamente ao Albergue Netuno onde se acham hospedados os oficiais da FAB e americanos. Aí encontrei o pessoal no almoço. Falei logo com o coronel Nero Moura de quem recebi um abraço e me colocou em uma mesa para o almoço. Almocei e passei para a sala de espera onde mantive uma longa palestra com o coronel Nero. Falamos muitos sobre a FEB e a FAB. Disse-me que achava certa dificuldade de suportarmos com resignação (...) porque a propaganda de guerra, que o mal era de origem. Toda a propaganda no Brasil girou em torno de uma excursão turística na Europa. E assim foi. Falamos sobre a questão de correspondências para o Brasil. Disse-me ele que semanalmente sai de Natal três aviões americanos com espaço para mil libras de peso. E que se nada chega, nem em ordem, é porque o serviço está desorganizado no Brasil. Conversamos ainda sobre a situação da FAB cuja organização ele se mostra orgulhoso, principalmente pelo desprendimento e coragem dos aviadores que fazem mais do que o normal. Aí terminou a palestra, me despedi e fui ter com o Taborda que vai para o Brasil. Pedi-lhe para levar cartas para o Rodolpo, Lau e Gelcy, bem como fotografias para os dois últimos. Após um apelo, Jorge Taborda concordou em me fazer essas gentilezas. Mas ficou um embrulho que era para o Lau e contava de porta livros, do cone das armas do 5º Exército em mármore. Quando já não esperava que fosse, vou saindo do hotel e me encontro com o tenente Maia, filho de Bagé e meu amigo de Recife. Chegava ele de Roma onde tinha ido, em descanso. Entrei para seu quarto onde me foram apresentados mais dois colegas, o Rui e o Garoto, formavam assim uma trinca infernal. Espíritos joviais, bastantes otimistas e entusiasmados pela luta. Só falavam em metralhar alemães, cada um ostentava o escudo da guerra que é uma avestruz e as palavras “Senta a Pua”, ou “Meta a Pua”. Conheci também o padre Paschoal, de Santa Maria, que é capelão da FEB e veio no 3º contingente Depósito. Fiz-me portador de várias encomendas para outros expedicionários, das encomendas que mandei pelo Jorge Taborda. Constava uma caixinha com porta retrato, um

guarda-pó, um jogo de xadrez, tudo em alabastro e um rosário bento pelo Papa, um cartão postal da Basílica de São Pedro também bento e dois distintivos de lapela da cobra fumando. Após muitas palestras com o Maia, digno filho de Bagé, eu me despedi e tratei do regresso, passando antes em uma casa de escultura para comprar uma torre de Pisa iluminada e um cinzeiro para Jacira que faz anos no dia 9 do corrente. Às 19h30, com um frio de rachar, cortando neve, cheguei ao PC, encontrando em minha cama um telegrama de Gelcy pedindo notícias. Estava cansado e me deitei cedo.

SEGUNDA – 8: Manhã feia, com neve granulada. Segui logo para a Companhia de Tratamento, onde fui ter com o capitão Álvaro sobre serviço e entregar, ao padre Brito um embrulho que o padre Paschoal Leberato lhe trouxera do Brasil. Feito isso, voltei para o almoço. Logo depois, pretendíamos eu e Iturbides, irmos a Porretta, mas a região era desolada por uma verdadeira tempestade de neve que se despegava dos galhos das árvores e das montanhas. Tentei colocar um para-brisa para a neve e como foi difícil à adaptação, o para-brisa é aquecido à eletricidade, ficou tarde e achamos conveniente transferir a viagem. Movimentos no Batalhão. Andaram por aqui vindos de Porretta os tenentes Pacheco, Sylvio e Berthier que andavam em busca de alojamento para as 2^{as} companhias que estavam alojadas em Porretta cuja notícia era o forte bombardeio alemão. Essas companhias talvez fiquem em (...) na estrada Pistóia-Porretta. À noite, ouvi as mensagens, sem nada para mim. O noticiário de guerra foi bom. O 8^o Exército prendeu 600 alemães da SS. Além dessa, outras notícias boas de ordem geral. Os três mosqueteiros sempre na orgia. No nosso quarto circula sempre um bom conhaque, ou outro líquido qualquer. As visitas são constantes, ora é um, ora outro oficial do Batalhão e às vezes é o major Sady e alguns outros de unidades diferentes. E assim marchamos com a guerra. De além-mar recebi notícias de Gelcy, um telegrama de agradecimentos pela felicitação de Ano Novo. Escrevi e redigi uma carta e um telegrama CTN para Gelcy. Nada mais.

TERÇA – 9: Manhã bonita de Sol. A ideia que eu tinha de viajar cedo para Pistóia foi sustada devido ter que ficar para o almoço que o coronel me convidou, no qual tomaram parte às enfermeiras Jacira (...) e Juraci, com a

presença do coronel Gilberto Peixoto, capitão americano do “32 Field Hospital”; major Alípio Corrêa Neto, professor da Faculdade de Medicina em São Paulo e tenente Monteiro, todos do hospital. Antes do almoço, tiramos umas fotografias na neve. Terminado o almoço, em companhia de Toledo, seguimos para Pistóia. Fui ao hospital visitar o tenente Jardim que estava muito abatido. Ouvimos os médicos doutores Lyra e Pio, esses afirmaram que quanto à vida do paciente, estava garantida, mas o prognóstico era reservado em virtude de se tratar de nervos, etc. Muito contristado deixei num leito de guerra, em pleno cumprimento do dever, atingido por um estilhaço de granada, o meu amigo Jardim. Fui à Manutenção onde, de início, troquei o primeiro pneu furado do meu carro com 4 mil milhas. Entreguei um grande pedido de ferramenta para oficina, recebi material de limpeza e umas lâmpadas. Assim me despachei, sai indo ao QG para pegar o Toledo e botar umas correspondências para Gelcy que não foi possível porque estava fechado para o jantar. Em seguida, passando ligeiramente por uma casa de família, onde a senhora Yvone estava doente, o tenente Toledo lhe receitara uns medicamentos. Seguimos rumo a Poggio. O frio apertava. Desta vez, nem Pistóia escapou da neve, tudo estava branco. Chegamos ao PC, recebi o convite do coronel para ir tomar um drinque com ele. Após o drinque, telefonei ao coronel Gilberto dando notícias do tenente Jardim. Nada mais houve de importância. Da guerra, tudo calmo, houve pouca alteração. Foi só.

QUARTA – 10: Pela manhã, manhã de Sol, tive preocupado com a ida a Pistóia. Mas antes tinha de ir à Companhia de Tratamento ver o caso de um caminhão GMC que foi acidentado e teve de ser recolhido à Manutenção. Fui hoje nomeado correspondente de guerra junto ao Serviço Especial (SE). Estive nas Companhias de Tratamento onde tratei de assuntos funcionais já com a gestão do capitão Laureado. Eu contava com toda a oficialidade, permaneci alguns instantes fazendo até a minuta de uma procuração para ser enviada para o pai dele. Daí, até que chegasse o almoço, dei um pulo em Porretta e fui ter com o major Saldanha. Comuniquei-lhe que havia sido nomeado para correspondente de guerra junto ao SE, ele ficou muito contente. Estive ligeiramente com o capitão Pará e cumprimentei o general Mascarenhas. Instantes depois eu regressei à Companhia de Tratamento

onde almocei. Após o almoço, fui a Pavana onde se acha o SMB (...). Particpei de uma reunião de oficiais de motores, presidida pelo coronel Mury Braga. À hora marcada, estiveram todos presentes, inclusive o capitão Peçanha que teve a palavra dada pelo coronel Mury. O assunto foi sobre escrituração, sobre registro de viaturas e manutenção, incluindo a escrituração do movimento. Todo o tempo foi interessante porque nos intervalos havia os comentários das novidades passadas em cada unidade, pois, ali estavam presentes representantes de todas. Cada um contava as façanhas passadas em sua unidade. Ora sobre um bombardeio, ora sobre ocorrências da frente, etc. Assim foi até às 17h30 quando o coronel deu por encerrados os trabalhos. O resultado é que cada oficial saiu carregado de fichas e modelos de mapas para imprimir um novo rumo na administração do material. Da Pátria, nada de novo, somente ouvidas as mensagens. Do “front”, a notícia de um golpe de mão que deu na cabeça dos alemães. Foi só, e aqui encerro mais esta página, escrita com frio e saudade.

QUINTA – 11: Muito cedo, saí para Pistóia, fazendo em primeiro lugar um expediente de correspondência. Passei um telegrama para a Gelcy, remeti-lhe uma carta e jornal. Os rapazes que foram comigo, tomaram café no QG tal foi à hora muito cedo que saímos. O frio era de cortar e ao romper da aurora atravessando a montanha que oferecia aspecto belo que compensava o frio. Feito o expediente no QG, tendo aí no correio recebido mais um telegrama urgente de Gelcy, pedindo notícias, fui à Manutenção onde passei quase que o dia, onde almocei. Fiz o expediente administrativo e tive o prazer de me avistar com o capitão Flávio Franco Ferreira que estava de regresso ao Brasil por motivo de doença. Soube que o Pitaluga havia assumido o comando do Esquadrão “R”. Dei umas voltas pela cidade e regressei ao acampamento. Do “front”, nada de novo.

SEXTA – 12: Pela manhã, passei na oficina, organizando-a, tirando a neve que envolvia a barraca e os carros. Após o almoço, fui até Castel di Casio onde está o Comando da Engenharia para me avistar com o capitão Lúcio sobre o caso dos geradores elétricos pertencentes ao Batalhão distribuídos à Companhia de Tratamento e que estavam avariados. Esses motores

estavam na Companhia de Manutenção, mas não podiam ser reparados devido à falta de recursos daquela unidade. Os mesmos já tinham sido retirados por mim, e estavam no meu carro. No entendimento com o capitão Lúcio, ficou assentado que eu deixasse os motores com ele para serem conduzidos para Florença, onde deviam ser entregues à Manutenção especializada americana. Então os descarreguei aí. No instante em que fazia esse serviço, deu-se uma muito boa. O soldado americano que estava próximo ao meu carro, no momento que eu passava em direção ao mesmo, me salva de um tombo quando levei forte escorregão na neve. Ao passar, ouvi os risos dos circunstantes: olhei rapidamente para trás e vi que o cavalheiro americano estava no chão, tinha também se escorregado na neve e não houve quem o amparasse. Feita a entrega dos motores, despedi-me do capitão Lúcio que muito solícito ofereceu-me seus préstimos. Dei volta para o PC, onde existia outro motor consertado e levei-o à Companhia de Tratamento, perto de Porretta, e aí fiz entrega ao capitão Laureado. Feito isso, regressei. À noite, ouvi rádio e escrevi até um pedaço da noite, mandando cartas para Lau e Gelcy bem como todos os números de “O Cruzeiro do Sul” para amigos. Da frente, nada de novo. Mande retratos para Gelcy, tirados em Pisa e Vecchiano.

SÁBADO – 13: Acordei muito cedo para fazer uma viagem a Pistóia. Não amanheci bem disposto por ter passado uma noite horrível, sem dormir quase. No entanto, nada sentia. Ao sair, eram 6h50, e ainda estava escuro, quase não consegui abrir a porta devido ao peso da neve. Foi a maior chuva de neve de todos os tempos. Todos os sulcos dos caminhos estavam cobertos e de nível ultrapassado ainda. Eu calculo que a neve subia uns 50 centímetros e continuava a cair. Tudo estava envolto em uma densa cortina branca, até a respiração era difícil. Enfim, preparei-me e saí conduzindo dois passageiros, uma moça e um rapaz tuberculoso que me pediu passagem para Pistóia que, apesar da proibição, eu os conduzi por se tratar de um doente. A viagem foi uma cousa horrível, tínhamos que abrir caminho pelo ar e pela terra. Mas conseguimos atingir Pistóia. Os meus auxiliares tomaram café no QG, onde fui primeiro para depois por umas cartas e passar um telegrama para Gelcy. Enquanto eu estava no correio, tive a oportunidade de conhecer o famoso Chico da BBC. Ao vê-lo pela

primeira vez, pensei estar defrontando com um correspondente inglês devido a sua farda do Exército daquela Nação. Ele, por sua vez, ao ver-me com a capa Ideal, perguntou-me se eu era do Rio Grande. Em seguida, perguntei-lhe o porquê daquela pergunta e ele me respondeu que era porto-alegrense. E assim passou a me contar sua história. Estava em 1940 em Porto Alegre, de onde saiu para oferecer seus serviços à Inglaterra como democrata consciente e filho de inglês, ainda que todo esse tempo trabalhasse na BBC como correspondente. E que, depois da chegada das tropas brasileiras no setor da luta, ele se incorporou a FEB como correspondente e agente de ligação entre a BBC e o Corpo Expedicionário. A seguir, perguntei-lhe da possibilidade de eu falar para o Brasil por intermédio da BBC, a exemplo de alguns que fizeram o mesmo. Respondeu-me que era possível e, principalmente, na qualidade de correspondente do Serviço Especial junto ao Batalhão. Deu-me o seu nome que é Francis Hallawell. O texto deveria ter 400 palavras, no máximo. E assim que ele fosse a Roma, traria um aparelho de gravação para que eu pudesse me dirigir diretamente à minha noiva. Terminado esse feliz encontro eu saí para a Manutenção onde tomei o “breakfast”, para tratar depois dos meus serviços. Veio o almoço e aí almocei também, com os oficiais. À tarde, regressei e nenhuma novidade houve mais. No “front”, notícia que os alemães estavam se retirando. À noite, ouvimos rádio e assim terminada a audição, me deitei, estando um pouco abatido e triste.

DOMINGO - 14: Dia feio e triste. Pela manhã, estive na oficina providenciando as cortinas laterais do meu carro que rusticamente ficaram prontas. Tratei também de estreitar um chuveiro que Nestor conseguiu. A convite do coronel estiveram hoje para almoçar na nossa cozinha os majores Monteiro, Alípio Correa, coronéis Gilberto, Paiva Chaves, major Franco Ferreira, capitão Breno e outros. Além de várias enfermeiras e médicos americanos. À tarde, resolvi fazer uma visita a Pitaluga em Granaglione. Passei na Companhia de Tratamento, falei com o pessoal da oficina e segui viagem indo até as proximidades onde se acha o esquadrão para voltar porque a neve não me permitiu passar. Outro fenômeno foi confundir tudo, devido à cortina de fumaça de proteção. Assim, regressei

ao Batalhão, sem fazer a visita ao meu amigo Pitaluga. À noite, nada de novo, apenas escrever.

SEGUNDA – 15: Inicia-se hoje com um lindo dia de Sol como um bom agouro para as minhas atividades. Em primeiro lugar, desempenhei a parte administrativa de minhas funções providenciando o mapa geral a ser entregue ao SMB. A Companhia de Tratamento atrasou a confecção desse mapa porque não mandou as relações a tempo. Mas uma solicitação por telefone resolveu e tudo saiu como era previsto. Após esse serviço, deixei o PC e me dirigi a Pistóia para fazer o meu contato que faço quase diariamente com a Companhia de Manutenção. Aí cheguei na hora do almoço e almocei. Pouco depois, me despedi do capitão Peçanha e capitão (...) que estavam partindo para Roma em descanso: o capitão Almir ficou nas funções de comandante. Deixei aí os soldados Nestor e Noronha, despachando-se com os funcionários sobre os pedidos e escrituração. Enquanto eu fui ao QG, me encontrei com o Marcondes que um dia atrás tinha ido se despedir de mim por motivo de sua transferência para o Hospital de Convalescente, em Montecatine. Junto estava o tenente (...), ex-ajudante de ordens do general Souza Ferreira que veio para a guerra também no 2º Escalão, digo Depósito. Estive no correio onde passei um telegrama para Gelcy e depusitei uma carta para Olavo Macedo. Procurei o capitão Flávio Franco Ferreira para me entender sobre sua ida para o Brasil a fim de ser enviado, por seu intermédio, umas encomendas. Não o encontrei. Dirigi-me à Intendência para verificar se havia aí um material de limpar neve e de expediente para mim. Disse-me o tenente Jansen que somente o S-4 podia procurar aquele material. Regressei à Manutenção, passando antes pelo QG, novamente, e coincidiu que naquele instante chegava uma mala de Livorno. Nessa mala postal vieram dois pacotes de cartas para o Batalhão de Saúde, os quais vistoriei ansioso para encontrar o lenitivo maior de meu coração, uma notícia de Gelcy. Não fui feliz, apenas encontrei um cartão da Lúcia. Felicitações para o Natal. Reagi ante a decepção e continuei na luta de toda hora/dia e às vezes, à noite. Voltei à Manutenção e já encontrei o carro de ½ tonelada recuperado, recebido pelo Nestor e já com o material carregado e rumamos de regresso ao PC aonde cheguei às 17h. Ao chegar, a primeira cousa que me veio às mãos foi o

retrato de Gelcy por outra carta, o nosso que tiramos no dia de nosso noivado e que foi transformado numa miniatura de beleza artística rara. Contemplei-o, adorei-o e mostrei-o a todo mundo que dava suas opiniões, considerando-o a uma obra prima. Foi o meu maior sucesso do dia. Esse retrato, ao vê-lo, tive logo a ideia de levá-lo para ser bento pelo Papa. Às 19h30, houve notícias e mensagens, sem nada de novo. Recolhi-me para o descanso. Da frente, só a grande ofensiva Russa que surpreendia todo mundo, parecia ser o anúncio do fim da guerra.

TERÇA - 16: Dia feio e muito frio. O Sol fugiu da neve. Estive detido durante o dia. Primeiro porque aguardei pela manhã uma exibição de um show organizado pelo Serviço Especial para o pessoal do "front". Cuidei de alguns serviços na oficina, enquanto chegava às 10h precisamente um caminhão cheio de gente, transportava um belíssimo conjunto musical que momentos depois foi posto em ação. Um palco instalado sobre a carroceria de um caminhão, feito de pranchas retiradas de uma casa em Porretta em ruínas pelas bombas nazistas, serviu para as melhores demonstrações. Foi um sucesso. O microfone ficou instalado no mesmo palco. O alto-falante numa árvore. O programa foi ouvido e visto com verdadeira (...) e entusiasmo. Os sambas, os embolados, "skatich" e os números acrobáticos foram o mesmo que transportar o punhado de brasileiros que o assistia ao nosso Brasil. Dois capitães-médicos americanos acompanhavam com viva atenção toda a execução do programa. O capitão Boitê foi o empresário do show volante, nas linhas de frente. Momento depois chegou o major Saldanha que foi cumprimentado por todos. O seu sorriso e espírito lano e fino no trato mais completaram a nossa alegria nesta manhã de um dia frio na neve. Destaco aqui além do faz de muitas figuras, os artistas que se revelaram no rude teatro da guerra. O primeiro, de fato, já tem seu nome consagrado nos cassinos do Rio, é o sargento Adio Novaes (Joe). Os outros são: o advogado sargento Bezerra, o soldado Malagueta e mais outros que não me recordo os nomes. Almoço. Todos os do show e os capitães americanos tomaram parte do banquete em cima do joelho em marmitas. Depois do almoço um pequeno passeio digestivo pela neve. Para finalizar tão grande acontecimento, um chimarrão no nosso quarto foi oferecido ao capitão Boitê e major Saldanha. O primeiro assunto foi à apreciação do

meu retrato e de Gelcy, exposto em cima da mesa. Depois a guerra, os ensinamentos que ela nos trouxe e o que temos que executar no Brasil. O major Saldanha leu um artigo que foi escrito no intervalo do chimarrão e que se referia as cartas de membros de sua família e amigos, um primor de sua inteligência e ideal. O capitão Boitê falou-me diversas vezes que o seu objetivo assim que voltássemos ao Brasil era tomar o champanhe do meu casamento. Assim, finalizou este dia risonho e de alegria efêmera. Enquanto isto tudo acontecia, a caminho do “front”, passava, em nossa frente, à artilharia pesada longa calibre 155 dos americanos para estrear dentro de poucas horas. E assim são as cousas. À noite, as notícias de rádio estavam cheias da ofensiva Russa cuja ofensiva já parece clarear os horizontes da vitória. Assim seja. Nada mais, agora uma cartinha para a Gelcy.

QUARTA – 17: Dia de aspecto feio e, sobretudo, frio. Logo pela manhã me dirigi a Castel di Casio passando por Suviana onde está o PC da Engenharia para falar com o capitão Lúcio que não estava. Segui pela Castel di Casio, aí tratei de assunto de manutenção junto à 3ª Companhia. Falei com o sargento de viaturas e dei-lhe ordens. Falei com o aspirante Bessa a quem confiei à representação do Serviço Especial junto a mim. Terminados meus afazeres, aí segui para Porretta, aonde me entendi com a Manutenção da 1ª Companhia. Almocei com o tenente Sylvio, comandante da mesma, num ambiente familiar e ainda musicado. (Neste dia estive em Porretta, sendo recebido pelo general Mascarenhas, o célebre Príncipe Umberto de Savóia). Assim que terminei o almoço, fui à 4ª Companhia de Tratamento. Vi um prisioneiro alemão, num cativo, que tinha sido ferido e estava sendo atendido pela Companhia de Tratamento. Interrogado pelo padre Brito, disse que a guerra estava perdida e todo alemão sabia disso e se mantinham na luta unicamente pelo terror. No “suply” da Companhia, consegui uns remédios e uma padiola. O remédio para os meus auxiliares e a padiola para o sargento Gilberto, da Companhia de Manutenção. Andei daí para Pistóia. Na Manutenção, tratei de alguns assuntos e regressei passando pelo QG a procura de cartas que não havia. Cheguei ao PC às 18h. Imediatamente, recebi inúmeras cartas que tinham chegado por intermédio da Intendência. Carta do coronel Reifschneider, da Ayde, dona

Francisquinha de N. Carioca, um cartão da Jeroniminha, duas cartas de Gelcy e mais um envelope com duas fotografias e recortes de jornal do “Correio do Sul” que publicou o discurso de formatura de Gelcy e minha carta para o Thompson. Foi, para mim, tanta notícia que sofri uma grande emoção a ponto de me perturbar bastante (...). Enfim, estou na guerra e não posso ter vontades. A esperança do fim da guerra aumentou com a queda de Varsóvia e toda a ofensiva Russa.

QUINTA - 18: Amanheci um pouco adoentado. Meio nervoso, a vesícula me incomodando, etc. Mas o dia ajudou-me porque esteve maravilhoso. Dei logo de manhã uma folga ao Olívio e Nestor para, indo à Manutenção em Pistóia, chegarem até o Depósito em Altopascio para visitarem uns amigos seus. Passei a manhã na Manutenção administrando e providenciando algum trabalho. Na hora do almoço, recebi um telegrama do coronel Amaury para me apresentar às 16h. No MB, em Pavana, enquanto fazia hora, trabalhei na limpeza do motor da luz, deixando-o afiado. Neste ínterim, apreciei, em frente ao meu parque, o serviço maravilhoso dos americanos na rotina de um carro de transporte de dez toneladas que tinha derrapado no gelo e tombado. Um outro carro de dez toneladas, e um trator de limpar gelo trabalhou até retirar o monstro. Logo que terminou, toquei para o MB onde me apresentei ao coronel Amaury. Com ele estive meia hora para receber ordens de serviço. Saí e me dirigi a uma vila na entrada de Granaglione onde se encontra em reserva o Esquadrão de Reconhecimento comandado pelo capitão Pitaluga. Era o primeiro encontro nosso depois de seu batismo de fogo e a promoção. Lá fui encontrar aquele amigo com a mesma energia e mesmo entusiasmo patriótico e o mesmo soldado já como comandante do Esquadrão que sub-comandava desde sua organização e que, por afastamento por doença do capitão Flávio Francisco Ferreira, teve que o substituir. A minha visita durou duas horas, tempo esse que serviu para eu conhecer todo o material, sua organização e situação, além de nossos assuntos íntimos. Falei também com todos os oficiais que se encontravam presentes. Terminada a visita, regressei ao PC para jantar com os companheiros, capitão Maliceski, Toledo, Iturbides e Murilo, todos para “mangiare un coniglio” que havia custado 250 Libras. Depois de ouvirmos as mensagens, às 20h, foi o

jantar. Dormi depois aos comunicados e tive impressão de que a guerra estava se acabando. Vitória seria por toda à parte. Agora, sentindo o vento se esbravejar na janela e jogar a fumaça da estufa para dentro de casa, às 23h, vou escrever para Gelcy e Lau. Uma ânsia se apoderou de mim como de quase todos para que acabe a guerra. Isso é por ela estar no fim. É uma intuição (...).

SEXTA – 19: Manhã tempestiva. Chuva de granizo muito frígido e neve que se levantava do espesso manto. Não tive dúvidas, tinha que ir a Pistóia e fui. Antes, tentei preparar uns presentes para mandar a Gelcy, sendo, isto é, uma torre de Pisa. Precisava de uma caixinha e não consegui. Entretanto, um quadrinho a óleo (litografia) estilo barroco do ano 1.600, este, eu coloquei na pasta mesmo sem embalagem. Toquei em meio daquela borrasca que dantes nunca tinha visto e, às 12h30, estive no QG de Pistóia. Logo ao entrar, vou ao correio para depositar correspondências e dou com o capitão Franco Ferreira que estava saindo para Nápoles a fim de seguir para o Brasil. Perguntei-lhe se me levava um pequeno embrulho, ele respondeu que sim. Estava na hora do quadrinho que rapidamente foi embrulhado e metido num envelope grande, com endereço para Lau e destinado a Gelcy. Assim que ficou pronto, muito nervoso se despediu o capitão Franco que regressava da guerra sem a vitória, mas sim vencido pela doença. Terminado o expediente no QG, fui para a Manutenção, aonde arranjei um almoço retardado. No intervalo do almoço, soube pelo subtenente e praças que o sargento Ludovico havia se indignado contra mim por eu ter ido ao seu quarto buscar um retrato que ele deveria trazer de Florença como obséquo para mim. Fiz isso em confiança, por conhecer o “xis” de menino em minha terra natal, o considerava como um parente. Vivi com a história e ainda mais sabendo que até parte havia dado de mim ao capitão. Uma forte repulsa ante o caráter baixo e espírito de indignidade que o moveu, aquela ação tão repugnante. Falei com o capitão Almir e esse me disse que de nada sabia (...). Como o capitão Peçanha não estava, deixei tudo como estava, providenciei o meu serviço e regressei, passando ainda no QG onde encontrei várias correspondências (ou um grande pacote). Retirei-as e dirigi-me ao PC, entre 17h, cheguei. No separar cartas, fui altamente contemplado, pois, havia um envelope com um dos

mais belos retratos do mundo: o da formatura da Gelcy, outros tantos instantâneos, cartões postais de João Vieira, meninos, etc. Uma carta maravilhosa de Gelcy escrita no dia de Natal, uma carta do coronel Reifschneider, outra do capitão Vinelli, uma do Ribeiro, uns cartões do Chananeco, etc. Foi um dia de vitória e de fortes emoções. Vivi o resto da noite para esse extenso noticiário. O retrato de Gelcy foi mostrado a todos da casa que o achavam maravilhoso. Da guerra, um frenesi de bem estar e ansiedade com as grandes avançadas do Exército Russo.

SÁBADO – 20: Logo pela manhã que surgiu com Sol e beleza, dei minha aliança e anel ao tenente Gilberto para levá-los a Roma a fim de serem bentos pelo Papa. Mandei também mil Libras para pedir a benção papal para a família de Gelcy, bem como um telegrama a ela para ser passado de Roma. Na Manutenção, foi iniciada a escrituração do serviço. Volta de 10h30, fui a Pavana para falar com o coronel Braga e como não o encontrasse, segui para uma vila da estrada de Granaglione onde está em reserva o Esquadrão de Reconhecimento. Aí, em contato com o Pitaluga e oficiais dessa unidade, almocei. Regressei depois do almoço, passei na Intendência, cumprimentei o coronel Biosca, passei em Pavana e procurei o coronel Braga que, na chefia da 2ª Seção, me recebeu como o velho amigo de sempre. Falei com ele sobre a intenção que tinha de continuar no Batalhão e não mais ser transferido para o Esquadrão de Reconhecimento como eu mesmo havia pleiteado. A vaza principal que aleguei foi o longo período de afastamento de contato com o material (...). Regressei a Poggio, indo continuar as atividades na oficina. Bem à tarde, fui a Bade para ver uns quadros, umas paisagens. Encontrei nessa vila (Paeze), uma bela casa parcialmente enterrada na neve, um velho de óculos, um pouco magro, mas muito amável. Tratava-se de um “esfollate” de Bolonha, aonde era professor do museu. Contou-nos rapidamente sua história e passou-nos a mostrar os seus trabalhos como paisagista em tela. Um primor, tudo que vi. Entretanto, de meu agrado não havia nada, mas um vizinho era possuidor de vários quadros seus e que me serviam, então lhe fiz uma encomenda. O motivo era a paisagem do vale do “Reninho”, região onde estamos operando. Quis isso como lembrança dos dias de luta que estamos vivendo. Regressei ao PC, ouvi rádio, e agora estou escrevendo

este, de vez em quando interrompido pelo Toledo e Iturbides. Noite caindo muita neve e ventando fortemente. Nas frentes, a Rússia fazendo grandes progressos, as outras poucas atividades.

DOMINGO – 21: Pela manhã um dia magnífico, porém, tudo muito triste, parado. Acendi o fogo na estufa, preparei um chimarrão e escrevi uma longa carta a Gelcy. Li e reli as suas últimas correspondências. Que saudade! Depois, em palestra com Toledo e Iturbides, passamos o resto da primeira etapa do dia. Veio o almoço. Almoçamos e assistimos a partida do coronel Borba para Florença onde foi a descanso. Depois do almoço, fui a Pistóia para entender-me com a Manutenção. Aí peguei uns objetos e regressei passando no QG para ver se tinha correspondência e, felizmente, havia. Tomei-as e fui à procura do Chico da BBC e encontrei dois correspondentes de guerra americanos junto a nós. Um é o representante da revista “Em Guarda”, outro, da “Associated Press”. Conversei muito com estes dois jovens representantes do pensamento moderno. Após essa palestra, regressei ao PC, chegando ainda dia. Na distribuição das cartas que trouxe, coube-me uma de Mário Rossel, um envelope com cartões de Gelcy, outro com uns cartões de felicitações do novo ano da Carmem Vilamil e uma provedora e maravilhosa carta de Gelcy. Li-a e tornei a lê-la várias vezes. Estava em uma verdadeira reflexão eufórica quando o motor da luz enguiçou. Lutei muito e não consegui fazê-lo funcionar. Da guerra somente um boato de que os alemães estão se retirando da frente, e incendiando Bolonha. Na FEB, um boato que dentro de seis meses haverá o retorno ao Brasil para os que quiserem já estando incluído o 1º Escalão. Nada mais.

SEGUNDA – 22: Manhã de Sol. Tudo era vida nessa natureza morta pelo inverno. Os meus primeiros afazeres foram terminar um vasto expediente de correspondências, depois, a administração na oficina até a hora do almoço. Depois desse, saí com Iturbides com destino a Pavana, onde está a 2ª Seção, a fim de intercedermos com os chefes dessa repartição sobre nossa ida a Roma. Infelizmente o coronel Braga não estava e eu deixei-lhe um bilhete falando no assunto. Mas um outro oficial, um major auxiliar, adiantou-nos que não iríamos mais, o critério já havia sido modificado a

respeito da ida para Roma, etc. Despedi-me do Iturbides que tomou uma ambulância que passava para a Companhia de Tratamento, e eu dei a volta, seguindo à estrada de Pistóia. A primeira coisa que fiz foi ir ao QG depositar as cartas no correio onde depusitei também uns artigos do “Cruzeiro do Sul” para diversos. Fui à Manutenção para providenciar outro assunto. Aí me demorei o resto da tarde a espera de um gerador elétrico que estava encoberto desde a manhã, tendo sido entregue aí pelo Toledo. Também levei um rádio do Batalhão que veio do Rio, mas com defeito e deixei em mãos de um soldado técnico no assunto. Levei também o aparelho de limpar velas para tomar umas explicações. Feito tudo isso, recebi o motor que já estava pronto. Dei volta, passando novamente no QG para ver se tinha chegado alguma correspondência, e nada. Regressei, chegando ao PC volta de 17h30. Logo que cheguei, a minha recepção foi calorosa pelos companheiros porque eu tinha trazido o motor elétrico que é a nossa distração pela luz e ouvimos os programas: primeiro a Rádio Nacional em mensagens; segundo, um programa russo, em português, que noticiou acontecimentos importantes da guerra, inclusive o da entrada das tropas russas na Silesia e Prússia. Foi um contentamento geral. Tinha-se a impressão de que estávamos vendo o fim da guerra. Nada mais houve porque o motor da luz voltou a encrascar. Recolhi-me ao descanso.

TERÇA – 23: Manhã fria, sem Sol e um pouco nevoenta. A primeira coisa que fiz foi tomar duas providências para corrigir o defeito do motor. Encarreguei o sargento Mamoré e um rapaz da casa do Oscar. Outra coisa foi um sorteio, entre os meus auxiliares da Manutenção, para escolher um a fim de fazer um descanso em Roma. O cabo Paulo Eugênio foi o contemplado, mas, infelizmente tornaram sem efeito. Fui a Bade me entender com um professor-pintor sobre uns quadros que encomendei, um sobre uma paisagem onde opera o DIE e outro sobre uma vista do rio para o que lhe dei um cartão postal e mais um sobre um panorama das coxilhas de Bagé onde se vê um rodeio de gado “polled augus” e o gaúcho típico cercando o cavalo. Além disso, ficamos combinados sobre um negócio de joias. Regressei para o almoço, saí novamente, indo a Suviana para falar com o capitão Lúcio S-4 sobre uns motores que lhe foram entregues para conserto e um material pedido. Nada estava pronto. Depois

do serviço, continuamos uma longa palestra sobre Bagé e Dom Pedrito. Contou-me o Lúcio que passou dois anos na última cidade, quando construiu o ramal da estação férrea que vai a Santana, que foi ele, Lúcio, que fincou a primeira estaca no rio Santa Maria para a construção da grande ponte. Falou-me também no Godoy e no prefeito Florisbaldo Jardim, dizendo-se muito seus amigos e que, casualmente, são meus também. Aí nos despedimos. Estive na sala de trabalho do major Sady que tem as paredes cobertas de mapas da região aonde combatemos, vendo-se tudo assinalado, a localização de nossas tropas, as estradas que servem à vasta rede de comunicações. Andei mais a frente, onde está a residência dos oficiais do Esquadrão de Observações para cumprimentar o major Belloc por motivo de sua promoção por merecimento. Ele não estava, tinha ido a Pisa. Mas, mantive animada conversa com o Taborda e outros oficiais observadores da Artilharia que servem junto ao esquadrão. Continuei a viagem passando por Castel di Casio, onde falei ligeiramente com o sargento das viaturas da 3ª Companhia. Segui para Porreta e aí tomei um pedido que fiz à Engenharia por intermédio do Lúcio. Visitei, ainda em Porreta, major Souza Aguiar, com quem muito conversei. Contei-lhe de um boletim em alemão que foi encontrado nas imediações do PC do Batalhão esta manhã que concitava aos alemães a abandonarem o “front” na Itália em vista dos russos estarem combatendo em terreno alemão. O major desconhecia a existência desse boletim e pediu-me para consegui-lo. Prontifiquei-me e então me foi posto à disposição um soldado da Polícia para ir comigo e levar o importante documento. E isso foi feito. Continuei até Pavana para entregar uma carta para o doutor Almir. Aí, encontrei jantando o coronel Gilberto, o coronel Braga e outros. Mantive uma palestrinha com todos e despedi-me, regressando ao Batalhão, onde encontrei tudo no escuro devido à falta do motor que estava em pane. Nada mais fiz senão escrever este diário com velas.

QUARTA – 24: Aniversário do Batalhão: manhã fria e sem Sol. Às 5h30, saiu meu carro para Pistóia, com o Nestor e Noronha. Os mesmos foram a serviço junto à Manutenção trazer a minha pasta que eu havia esquecido e também levar o gerador elétrico para reparo. Às 10h, dei início a uma reunião com a presença dos tenentes Galdini, Valentim, Guzo e Herbert,

todos comandantes de Seção de Ambulância, com os seus respectivos sargentos de viatura. A reunião foi para assentarmos os planos de trabalho de Manutenção. Às 13h, o Destacamento de Combatentes do Batalhão, com seus oficiais, a 1ª Companhia e elementos de outras em Il Poggio, acantonados, formados no pátio coberto de neve, assistiram a solenidade comemorativa do primeiro ano que completou o Batalhão. Falou o capitão Maliceski, lendo o boletim alusivo e depois cantamos o Hino Nacional. Não tardou muito, o meu carro dava entrada no PC trazendo o motor elétrico já pronto e o expediente feito pelos rapazes que trabalharam bem. Volta de 14h, dei uma chegada até Bade, rumo à outra localidade “paeze” que fica a quatro quilômetros daqui e passei em visita hora e meia. Retornei e não mais saí. Apenas recebi umas visitas. O movimento no quarto foi grande, pois, havia muitos oficiais conversando. À noite, não conseguimos ouvir a Rádio Nacional. Mas ouvimos os comunicados de guerra que nos deixaram assombrados. A ofensiva russa já dentro da Alemanha e com uma aurora de paz já a despontar. Nada mais houve. Viva a derrocada nazista!

QUINTA – 25: Tempo irregular. Estive até às 10h30 preparando alguma coisa de reportagem e administrando serviço, tendo saído para Pistóia. Em Pistóia, estive primeiro no QG, onde nada fiz. Segui para a Manutenção, onde falei com o capitão Peçanha sobre uma falseta feita a mim pelo sargento Ludovico e depois almocei aí. Nessa viagem, eu a fiz com os tenentes Galdini e Valentim que levaram motoristas a serem examinados. O capitão se recusou a examiná-los e eu os examinei. Todos passaram. Eram quatro. Após essa providência, providenciei outro expediente de Manutenção e segui imediatamente para Montecatini, em companhia do tenente Valentim e Guzo. Aí, nada pudemos fazer porque a cantina americana estava fechada. É a nossa intenção fazer umas compras. Contudo, comprei alguns cartões e porta retrato para o retrato de formatura da Gelcy. Regressamos e, de novo, em Pistóia, cada um tomou o seu rumo de regresso. Na Manutenção, novamente recebi o que havia para mim de requisições e regressei a Poggio. À noite, ouvi as mensagens da Rádio Nacional e continha uma para mim, era de Adhemar, dando notícias do pessoal e avisando-me que tinha recebido as encomendas que mandei

pelo tenente Taborda e que as de Gelcy já tinham seguido para Bagé. Ainda fui a uma visita a Bade, de onde regressei às 23h para dormir.

SEXTA – 26: O tempo amanheceu feio, com muita chuva, ocasionando o degelo da neve. Assim foi todo o dia, tendo derretido já grande parte da neve. Entretanto, frio mesmo, muito pouco. Tomei um belo banho em chuveiro organizado na Manutenção. Às 10h, houve uma missa na Capela de Poggio, rezada pelo padre Brito em Ação de Graças pelas Bodas de Ouro do pai do coronel Borba. Foi uma solenidade muito singela, mas significativa. Após o almoço, fui com o Toledo ver uma doente em Bade. Enquanto isso, a chuva caía copiosamente. Abracei também o sargento Pompeu e soldado Olívio, ambos da Manutenção, por estarem de aniversário. À noite, ouvimos as mensagens da Rádio Nacional e os comunicados da frente russa que anunciavam muitas notícias. O coronel reuniu hoje, volta das 18h30, a oficialidade do PC para transmitir novas ordens recebidas do general comandante da DIE sobre disciplina, uniforme e controle do pessoal, referente à conduta, etc. Nada mais.

SÁBADO – 27: Madruguei e saí para Pistóia. O despontar da aurora na serra coberta pela neve foi uma maravilha. Nem bem amanheceu o dia, estava eu no QG em Pistóia, onde tomei café juntamente com os primeiros oficiais que se levantavam. Após o café, fui ao correio e depusitei cartas e cartões para Gelcy e telegrafei, bem como um para Adhemar. Feito isso, vou ao quarto do capitão Boitê que acabava de se levantar. Deu-me ele umas fotografias que havíamos tirado juntos em Porretta num dia que nevava muito. Fui com ele para o refeitório e muito conversamos sobre o assunto do Serviço Especial, da repercussão do mesmo, a situação do major Saldanha, etc. Falamos depois sobre as famílias, ele na sua e eu na minha noiva. Disse-me que era seu desejo assistir o meu casamento, com espadas cruzadas. Após o que, deu-me uns livros da distribuição (...). Despedimo-nos e fui à Manutenção aonde tratei de assuntos funcionais. Da Manutenção fui para Montecatini para fazer umas compras no Pelotão do Exército (PE). Comprei uns objetos para mim e dois presentes para o Olívio e o sargento Pompeu, ambos da Manutenção, por motivo de haverem feito ontem aniversários. Regressei a Pistóia para almoçar na

Companhia de Intendência. Depois, segui direto para Poggio, PC do Batalhão, aonde cheguei às 14h. No meu quarto, houve uma reunião chefiada pelo coronel Borba com a presença de todos os comandantes de unidades. Essa reunião veio em consequência de uma que o general Mascarenhas fez aos comandantes de corpos para recomendar a esses uma série de medidas disciplinares da tropa e administração também, em face do relacionamento em que tudo estava marchando. Fui a Bade, onde comprei um par de brincos, uma pulseira de ouro e pérola, bem como quatro botões de camisa, para gala, também de ouro. Tudo me custou barato. À noite, voltei a Bade para fazer uma visita de onde regressei às 24h. Nada mais houve para mencionar.

DOMINGO – 28: Pela manhã, às 6h, o despertador tocou para acordar o Toledo e Iturbides. O primeiro, para viajar a Roma, e o segundo, para ir com o primeiro até Montecatini, onde Toledo deveria tomar o trem. Eu continuei na cama até 9h. Levantei-me e tomei o “breakfast”, fui à oficina, tomei o carro e me dirigi a Porretta, passando por Castel di Casio. Próximo a Porretta, estive olhando o local onde caiu o avião ontem, dos americanos que saltaram de paraquedas. Eram em número de cinco. Soube que com o negócio desse avião que provocou ajuntamento de gente, os alemães bombardearam novamente Porretta, há 15 dias não bombardeavam. Estive no QG a procura do major Saldanha, não o encontrando porque estava para Florença. Após, procurei o capitão Pará, indo encontrá-lo no carro do general. Dei-lhe as fotografias que o capitão Boitê havia-me entregue para dar a ele e segui para a Companhia de Tratamento, onde almocei. Em Porretta, estive no (...) aonde requisitei três lanternas “Flexlight”. Da Companhia de Tratamento, não suportando o frio, regressei ao PC onde passei à tarde numa nostalgia insuportável. O que me distraiu um pouco foi estar na oficina vendo alguns trabalhos e preparando a embalagem para mandar presentes para Gelcy. À noite, em casa, e muito triste. Quebrei um pouco a tristeza quando ouvi os comunicados de guerra, exaltando os sucessos russos. Mais nada houve, senão escrever e recordar de Gelcy.

SEGUNDA – 29: Manhã de Sol (bonito). Saí às 10h30 para Pistóia. De passagem no QG Recuado, procurei no correio nossas correspondências.

Havia um telegrama de Gelcy para mim dando boas notícias. Fui à Manutenção onde almocei. Recebi um caminhão GMC em substituição a um da Companhia de Tratamento que tinha sido avariado e recolhido. Segui novamente, voltei ao QG para encontrar-me com o capitão Boitê, não o encontrando. Dei umas voltas pela cidade, especulando o comércio a fim de ver se encontrava alguma coisa para Gelcy e não encontrei nada. Fui ao “Hospital 16” para fazer uma visita ao meu amigo tenente Jardim, encontrando-o perfeitamente bem. Muito animado, falava num show que os americanos fizeram-lhe com a apresentação de umas coisas infernais junto à sua cama. Na Manutenção, de novo, me encontro com o coronel Mury que manifestou o desejo de fazer uma inspeção à minha unidade. Então combinamos para o dia seguinte, o que não se verificara em vista de um telegrama para o meu PC dizendo-me que não podia ser a sua visita ao Batalhão de Saúde. Retornei sem novidade. À noite, ouvi rádio e os comentários da guerra eram favoráveis ao fim da mesma. Grande otimismo por todos os lados. Nada mais houve.

TERÇA – 30: Manhã de Sol. Amanheci resolvido a ir a Pisa para mandar fazer uma estatueta minha e de Gelcy e um busto de mármore. Às 9h30, saí rodando em direção a Pisa. Ao aproximar-me do quilômetro doze, na estrada de Pistóia, encontrei um grande movimento. Era um GMC americano que tinha se precipitado no abismo. Parei para assistir o trabalho de retirada do veículo que estava a uns 150 metros abaixo. Enquanto se processava o trabalho, chegou o major Belloc que foi abraçado por mim por motivo de sua promoção. Aí estivemos conversando, pondo-o a par de toda a tropa da aviação em operações na Europa. Despedi-me e segui viagem. Em Pistóia, passei pelo QG, onde almocei. Falei aí com o capitão Boitê que estava preparando um show para o Hospital dos Convalescentes, em Montecatini. Toquei para Pisa, aonde cheguei às 14h30, indo diretamente ao Hotel Netuno, onde se achava os aviadores do grupo de caça. O primeiro oficial que vi foi o Rui, estava diferente e preocupado. Perguntei-lhe o que havia e onde estava o Maia. Respondeu-me: “O Assis não voltou ontem da patrulha da madrugada”. Foi atingida perto de Milão por um 88 “tedesque” e saltou de paraquedas. Creio que caiu numa zona de “partigiani”. Passou depois a me mostrar carta com as

regiões atacadas por eles e os seus feitos, mas não esquecia do Maia, era a sua única preocupação. Eu também me senti chocado com a notícia. Dizia-me concomitantemente o Rui: “O Maia era um amigo, um companheiro e um líder completo, 100%”. Conversávamos quando chegaram os tenentes Pessoa e Garoto. Tinham vindo de uma subunidade onde haviam sido condecorados vários pilotos brasileiros. Deu-me o Rui o nome dos heróis do esquadrão “Green Flight” do qual fazia parte o velho Maia, de Bagé. São eles: capitão Lagares, tenente Assis Maia, Perdigão, ele, o Rui, Moura, Coelho, Paulo e Tormin. Verdadeiros bravos por tantos feitos. O Maia cumpria, no dia em que ficou, a sua 42ª missão. Foi valente até para saltar de paraquedas. De 11 mil pés, só deixou que esse se abrisse a 200 metros de altura. Terminada a conversa, me despedi e saí (...). Procurei um escultor, o famoso Arturo Belfiori e mandei-lhe fazer as estatuetas minha e de Gelcy, conforme o retrato que foi tirado no dia de nosso contrato de casamento.

QUARTA – 31: Logo pela manhã, fazendo muito frio quando aguardava um exercício contra gases, tive a notícia de que eu poderia ir a Roma no dia seguinte. Fiz o exercício que consistiu em permanecer numa barraca com evacuações de fezes com a respectiva máscara ajustada. Fiz isso, fui para a oficina providenciar o conserto do gerador elétrico que estava enguiçado. Após o almoço, fui com o subtenente Salio até Bade, para me entender com o professor-pintor. De Bade, voltei e saí para Porretta, a fim de cortar o cabelo na Companhia de Tratamento. Jantei aí no “suply”. À noite, já estava em Poggio. Ouvi rádio, tudo boas notícias do avanço russo. Depois não fiz outra coisa senão preparar para sair na manhã seguinte para Roma, indo dormir à 1h.

FEVEREIRO

QUINTA – 1º: Às 5h30 me levantei e me preparei para a viagem. Às 7h30, em companhia de Iturbides e mais cinco homens (praças da 1ª Companhia), saímos para Montecatini. Em Pistóia, às 8h, demos uma passada pelo QG. Enquanto Iturbides fazia seu expediente de

correspondência, eu me encontrei com o Chico da BBC com quem combinei uma mensagem para Gelcy. Disse-me o Chico que precisava de ordem superior da DIE para eu falar e não foi difícil conseguir isso porque me encontrei com o major Souzinha e esse me autorizou. Tocamos então. Às 9h, estávamos em Montecatini, onde, na estação hidro termal, permanecemos duas horas a espera do restante dos brasileiros de outras unidades que deveriam ir também. Às 11h35, fomos para um hotel no centro onde almoçamos. O chefe do pessoal passou a ser o capitão Mário, da Artilharia. Os outros componentes eram: o tenente Machado, do 9º BE, o tenente Sadé e o tenente Ary. Às 14h30, demos saída da estação num trem com vagões de passageiros, mas um pouco velho. Foi uma viagem morosa, parando muito. À meia-noite, o trem parou em Grosseto onde enfermeiras americanas nos distribuíram um lanche. Tocamos à noite inteira, sentados. Às 6h30, o trem começou a entrar nos subúrbios de Roma. Às 7h30, estava encostado na estação. Um comboio de caminhões nos esperava.

SEXTA - 2: Em Roma, na praça da estação, em um GMC, rumei em companhia de muitos outros brasileiros, oficiais e praças para "Rest Camp", onde outrora era o famoso foro (Estadium) Mussolínico. Assim atravessamos a cidade de Norte a Sul, passando pelo centro que é a Praça Barberini e correndo toda a via Flaminia. A certa altura, veem-se os arcos das antigas muralhas que fechavam Roma. Passando pela Praça Del Popolo vê-se um marco que foi ali colocado pelo Imperador Constantino e ainda está gravado com hieróglifos egípcios, etc. No "Rest Camp", um microfone instalado em um caminhão oficial americano, deu as boas-vindas ao pessoal que vinha do "front" para descansar e leu o regulamento que deveria ser observado pelos homens. Terminadas essas recomendações, o pessoal foi distribuído em diversas dependências do "Estadium". Aí tem bons restaurantes, cinemas e teatros. "Shows mobiles" americanos visitam esses centros de descanso que são em números elevados. Eu me encantei com a grande organização que Mussolini idealizou e realizou. Por toda parte, em meio das pistas de desportos, piscinas, etc., estão estátuas colossais de mármore branco, representando os tipos atletas e os esportes executados. Anfiteatros, grandes banheiros, duchas, sala de dançar, tudo é encontrado em diversos pavilhões. O nosso alojamento era um salão

grande com cousas de campanha. Ao apresentar na portaria um cartãozinho eles davam um edredom e dois cobertores. No alojamento, encontrei o Toledo que já estava em preparativos para o regresso. Deu-me explicação de como se fazia as principais visitas e embarcou de volta ao “front”. (...) Tomamos o ônibus que os italianos chamam de “autobus” e fomos ter a Praça Barberini. Saímos pela cidade, tendo percorrido grande parte da mesma. Às 18h30, deixei o tenente Machado e me dirigi só ao Hotel de La Vie, na Rua Cistina, para jantar com o Chico da BBC. Antes, nesta tarde, no Banco do Brasil, na Rua “Humberto Crosso”, encontrei os velhos amigos do Rio: Crosse e Carlos Alberto. Passei um telegrama CTN para Gelcy, dizendo que eu estava em Roma para satisfazer os seus desejos. Como dizia atrás, no Hotel de La Vie, encontrei Chico que me esperava para jantarmos, mas havia mais dois brasileiros correspondentes de guerra, um era o Joel, dos Diários Associados, e o outro, o Esquef (gaúcho de Cachoeira), do Globo. Passei horas agradáveis ao lado desses bons amigos e antenas do “front” para o Mundo. Terminados os aperitivos e jantar, saímos pelas ruas escuras da velha Roma a procura de um centro de diversão. Não tínhamos andado 100 metros e uma voz de mulher em português nos interceptou: “que é isso? Tantos a falar português? Brasileiros?” “Sim!”, disse Chico. “É você major, que faz aqui?”. “Ah! É o Chico, o outro, como vai? Quem é?”. Eu respondi: “tenente Marcondes...” Afinal, fiquei sabendo que a tal major era a Silvia Bitencourt (divorciada do seu esposo Bitencourt, dono do Correio da Manhã) e que aqui se encontra como correspondente de guerra junto a FEB. Ela é uma escritora consagrada e já muito conhecida em todo o Brasil. Despedimo-nos e tocamos para diante, até encontrarmos o cabaré Apolo que é o maior centro de alegria dos aliados em Roma. É um cosmopolitismo formidável, todo quanto é Exército aliado está ali representado em seus oficiais. Bom show, bailados e danças apreciamos. Às 22h30, fecha esse centro de diversões como todos os outros da cidade. Assim, saímos satisfeitos e agora já em companhia do tenente Machado que aí se encontrava, fomos todos para um ponto de ônibus na Praça Barberini. Despedimo-nos do Chico que foi muito gentil e tocamos para o nosso acampamento onde estavam hospedados.

SÁBADO – 3: Às 8h30, saí do acampamento só, para, às 9h, me encontrar com o Chico da BBC. Levei três discos de polcas paraguaias que trouxe do Brasil e presenteí-os à BBC que logo nos seus estúdios foram tocados. Eram “Noches Del Paraguai”, “Cerro Corá”, “China Querida” e outras polcas galopas. Infelizmente, um disco estava quebrado. A BBC aceitou com muita satisfação esses presentes. Passamos a fazer a minha palestra que deve ser irradiada pelo Brasil. Antes, eu e Chico escrevemos minha palestra que se referia à minha carta escrita à BBC em 1940 e depois sobre a organização da FEB e sua atuação nos campos de batalha. Depois de escrito o comentário, o Chico botou a introdução sua que versou sobre o nosso encontro neste setor da luta e também sobre a minha já tradicional carta à BBC. Terminado o trabalho, o Chico pediu-me para fazer uma versão da mesma palestra em espanhol, o que não hesitei fazer, embora sabendo pouco o espanhol. Saímos para o almoço no seu hotel. Regressamos de novo à BBC e fizemos a versão da palestra para o espanhol e que ficou regular. Bem de tarde, saímos em companhia da major e fomos ao Banco do Brasil onde os deixei para acompanhar outra pessoa. Não mais os vi neste dia. À noite, jantei no “Rest Camp” e depois fui ao Apolo com o capitão Mário Machado e demais companhias. O ambiente sempre o mesmo: oficiais ingleses, novos irlandeses, canadenses, americanos, poloneses, etc., sempre cercando a gente de gentilezas. Aí ficamos até acabar a reunião donde tomamos destino.

DOMINGO – 4: Pela manhã fui a vários passeios: Templo da Justiça à margem esquerda do Tibre, Castelo de Santo Ângelo, etc. Tomei um “carro trolis” para essa jornada, a 500 Liras por hora. Visitei o Vaticano na parte externa e o salão interno. À tarde, depois de ter feito a cesta no “Rest Camp”, regressei à cidade onde me encontrei com o capitão Edmundo que estava no Hotel Excelsior juntamente com o coronel Nelson de Melo e muitos outros oficiais. Havia aí dois médicos do Serviço de Saúde, os capitães Nelson e Paulo Chaves. Jantei com eles no hotel e combinamos a visita ao Vaticano no dia seguinte. Saí do hotel e fui dormir, pois, já estava cansado.

SEGUNDA – 5: Pela manhã, procurei o Nelson e o Paulo Chaves para irmos ao Vaticano recebermos a benção do Papa e visitar aquele grande e

histórico templo onde gravita toda a civilização cristã. Primeiro, pedi-lhes que me levassem à área para eu pegar os meus objetos que eram retratos meus, de Gelcy e de toda a família Teixeira. Feito isso, rumamos em direção ao Vaticano. Na ala de entrada paramos o jeep para fazermos compras de curiosidades e objetos religiosos. Comprei vários rosários, crucifixos e duas estátuas das imagens de São José e Sagrado Coração de Maria, além de estampas de Sua Santidade. Aí subimos as escadarias que dão acesso ao templo da vida cristã. Na maior Igreja do Mundo, onde estão estátuas de muitos papas, tendo a imagem em tamanho natural de São Pedro que os peregrinos beijam-lhe ao pé esquerdo. Esse já foi reconstituído e continua gasto. Quadros maravilhosos de Michelangelo, Raphaelo e tantos outros grandes artistas da Renascença aí sincronizam com milhares de cousas outras. 28 mil matizes completam as decorações do famoso templo, degraus a metros de altura, etc. Essa visita fi-la acompanhado pelo coronel Nelson de Melo que tinha um cicerone italiano. Às 11h e tanto, nos dirigimos à sala de audiência papal. Aí, em frente, esperei até 12h50. No recinto próximo ao trono, encontrava-se uma guarda que é formada de homens suíços vestindo um uniforme todo (...) amarelo, vermelho e verde feito de faixas que são separadas. Enquanto esperávamos a presença do Papa¹⁴⁰ eu conversei com o sargento comandante da guarda. Conversamos em inglês, mas não aguentei. Perguntou-me ele se eu falava alemão. Também não podia ser. Perguntou se falava em francês, eu disse que entendia. Aí começou então a me explicar sobre um casal militar em gala, a dama toda de “toilette” branca como se fosse um casamento. Disse-me que era um casal que, recentemente casado, tinha ido para receber a benção papal. Era um regime usado. Afinal, a sala de audiência estava repleta de militares de toda à parte do mundo aliado. Até indianos e filipinos estavam presentes. Às 12h50, apareceu Sua Santidade que se dirige à sua cadeira, mas se conservou em pé. Iniciou logo a benção. Falou em inglês, depois em benção especial se dirigiu aos brasileiros em português. As primeiras palavras foram pronunciadas em espanhol e depois em português. Disse que com grande prazer dava benções especiais aos brasileiros, que voltava

¹⁴⁰ O Papa deste período foi Pio XII (1938-1958).

seu pensamento a todas as famílias dos que aí se achavam etc., que abençoava todas as relíquias de que nós éramos portadores. Terminada a benção, desceu os estrados e foi do lado esquerdo onde tinham várias enfermeiras americanas. A primeira a que ele se dirigiu foi uma de aparência muito bela, essa caiu de joelhos aos seus pés e beijou-lhe a mão. Ele a abençoou e continuou abençoando a todos. Foi um espetáculo grandioso. Depois de muitos minutos, num lugar só, pois, era uma avalanche de mãos que se estendiam para tocar a sua, e ele com o mesmo carinho, a mesma fé, dava uma palavra de esperança e conforto que amenizou plenamente aquela alma ciosa de um apoio divino. Minutos depois ele se aproximou de mim e abençoou especialmente os retratos que eu tinha nas mãos. Ele atendeu e colocou as mãos sobre o retrato, fazendo o sinal da cruz. Eram os retratos do meu noivado, da formatura de Gelcy e de toda a família tirada no Natal. Pedi-lhe também para que abençoasse os rosários e imagens que trazia comigo. E como ele se demorou muito em minha frente dando benção, houve tempo para benzer todas as minhas relíquias. Terminada a solenidade, saí contente e com a alma plena de satisfação, foi um grande dia para mim. Saí e me encontrei com os companheiros, inclusive um padre que disse que era a primeira vez que o Santo Padre abençoava em português. Como eu desejava completar minha visita ao Vaticano, liberei os amigos Paulo Chaves e Nelson e fiquei só. Pouco depois, encontrei-me com o padre Waldemar que vinha de uma aula e queria ir para a Colônia Brasileira, sua residência. Havia um jeep esperando um capitão que estava também visitando o Vaticano. Falei com o chofer e esse nos levou até a Colônia Brasileira que fica na via Aurélia. A convite do padre Waldemar, aí almocei. Ao transpor a primeira porta da grande residência, fui cumprimentado por um menino que falou em português. No refeitório, tive a impressão de estar no Brasil e o clero, os presentes, em número de oito ou dez, eram todos brasileiros e de vários Estados. Falamos muito de todo o Brasil. Contaram-me dos momentos angustiosos que viveram com a guerra, inclusive a ocupação dos alemães. Aí, em mesas grandes em forma de esquadro, nos sentamos e um bom almoço à brasileira nos foi servido. Logo após saímos, eu e o padre Waldemar, para completar a visita ao Vaticano. No grande templo, de novo, recebi as explicações de tudo. Subimos ao primeiro plano onde tiramos

fotografias, depois fomos à cúpula, onde toda a sua história me foi contada. Após fomos à esfera que culmina nas alturas da Basílica e que vista do chão, parece uma bola de um (...) e, no entanto, contém 25 homens dentro daquela esfera toda de bronze. Depois de tudo visitado e explicado, saímos e, em frente ao Vaticano, nos despedimos. Foi num carro puxado a cavalo (...) para a estação da BBC onde me esperava o Chico para fazer a gravação de minhas palestras em português e espanhol. Lá o encontrei na mesma atividade, ladeado de outros correspondentes de guerra ingleses sempre altivos e fechados, dando-me o “good evening”. O Chico já não perdeu tempo. Fomos logo para a sala de gravação e em menos de meia hora estávamos ouvindo os discos. Saímos juntos e nos despedimos embaixo. Eu fui para a área onde encontrei o capitão já pronto para viagem. Dei alguma arrumação na mala e fui assistir um show maravilhoso que me fez lembrar o cassino da Urca pela fina apresentação dos artistas, todos americanos. Terminado o teatro, fomos para o alojamento e nos acomodamos.

TERÇA – 6: Pela manhã, saí com o tenente Machado e demos umas voltas pela cidade, fazendo algumas compras e regressamos à área para almoçarmos, e partirmos. Às 12h, saímos para a estação onde saímos às 13h. Na nossa cabine estava o mesmo companheiro americano tocando o seu bandolim e, nos intervalos, mostrava-nos os retratos de sua família. Era um bom rapaz. Tocamos toda à tarde atravessando regiões semelhantes à de Mato Grosso e Rio Grande. Atingimos Civitavecchia que foi totalmente destruída nas operações de grandes envergaduras quando os aliados entraram na Itália. Vi duas bases de aviões inimigos que tinham sido destruídas com vários aviões pesados no solo. Depois veio Tarquinia, também com os mesmos estragos. A estrada corre sempre beirando o mar, desde que saí de Roma. É muito pitoresca e agradável a viagem. Afinal, anoiteceu e desci para tomar um café em Grosseto. Depois, somente em Montecatine, aonde chegamos às 7h da manhã. Em Montecatini, a tropa formada foi para o centro, onde tomou o “breakfast”, daí nos dispersamos todos. Eu fiquei sem condução porque o Batalhão se confundiu no dia da minha volta, achava que eu regressaria no dia 8.

QUARTA – 7: Como já disse, cheguei às 7h em Montecatini. Logo depois, tomei um jeep do 6º RI que havia levado o tenente Castelo Branco para ir a Roma e regressei ao Batalhão onde encontrei tudo na mesma. Somente a neve quase toda derretida. Na minha Manutenção, tudo estava em ordem. Do pessoal, faltava o cabo Batista que tinha ido à Florença em descanso. Durante este resto do dia passei em descanso. À tarde, dei uma volta a Bade. À noite, me deitei cedo.

QUINTA – 8: – Saiu o Iturbides para Roma: dia bonito e com temperatura agradável. Passei o dia em atividade funcional no PC. À tarde, estive em Bade para ver uns quadros que mandei fazer por um pintor, professor Baruffi. Já estavam prontos, mas não estavam secos. Nada mais houve de importante. Do “front”, somente canhoneiros intensos. À noite, quando ia ouvir as mensagens, o motor deu pane. Levei-o para a oficina e trabalhei com os meus auxiliares até às 19h, hora em que ficou funcionando. Ouvi das 21h até às 23h bons noticiários de guerra. O assunto principal era a conferência de Roosevelt, Stalin e Churchill, no Mar Negro. O coronel Mury passou uma inspeção na minha Manutenção, achando tudo em ordem.

SEXTA – 9: Tempo chuvoso e querendo esfriar. Durante o dia, estive em ligações de serviço com as Companhias. Nada houve de importante durante o dia. À noite, veio ao PC o coronel Gilberto e o capitão Lobo para ouvirem mensagens. Nós as ouvimos bem devido ao rádio estar dando muita estática. Notícias da guerra. Todas as frentes avançando, a Alemanha cada vez mais asfiziada. Agora vou escrever a Gelcy.

SÁBADO – 10: Fiz uma madrugada para alcançar, em Pistóia, o mensageiro para Livorno que levava as malas para o Brasil. Comigo, com a respectiva premiação, levei o comandante Costa Regini que me pediu uma passagem para aquela cidade. Em Pistóia, sob um dia que despontava belo e esperançoso, fui ter, em primeiro lugar, no QG, onde depusitei as cartas e passei um telegrama para Gelcy. Aí tomei café. Encontrei-me com o major Souza, com quem conversei um pouco sobre a guerra e o Brasil, bem como a situação de nossas correspondências que não estão chegando há quase dois meses. Esse ilustre oficial do Estado Maior é de grande cultura e

vem escrevendo interessantes artigos no “Cruzeiro do Sul” com o título “A Guerra nas Quatro Frentes”. Após a palestra, me despedi e fui procurar em seu quarto o Chico da BBC que com uma toalha ao ombro já estava trabalhando, percebi que mal teve tempo de lavar o rosto ou então havia dormido muito. Como de costume, com seu trato bom e cavalheiresco, me recebeu e cercou-me de gentilezas. Logo me falou que a minha crônica tinha sido aprovada pela censura e que ele já havia dado ordens dela ser passada para Londres a fim de ser transmitida para o Brasil. Seguiu-se após uma palestra variada já com a presença de outros correspondentes americanos como o Alan Fischer, o da Revista “Em Guarda” e da U.P. Após uns minutos de amável palestra, combinei com o Chico uma ida a Pisa na manhã do dia seguinte. E assim me despedi e saí com destino ao “front”, passando antes pela cidade. Na zona do “front”, em vez de ir direto ao PC, passei antes no “suply” da Companhia de Tratamento, onde levei um recado do capitão Nelson para o tenente Ary, do Tratamento, também de assuntos meus. Após saí para a Intendência no caminho de Granaglione, onde visitei o capitão Daniel e Castelo Branco. O coronel Biosca, não o vi. O capitão Daniel com sua gentileza presenteou-me com algumas conservas para a gente melhorar o paladar no rancho do acampamento. Voltei ao PC onde jantei e ouvi rádio sem poder, entretanto, ouvir as mensagens que, no momento, há mais de um mês é a última fonte de notícias do Brasil porque correspondências não chegam. A preocupação em face desse fato chega a provocar repulsa e indignação. As notícias das frentes são boas. O nosso com poucas alterações. Ainda à noite, recebi um telegrama do coronel Mury para que, às 8h30 do dia seguinte, eu o procurasse no SMB. Nada mais.

DOMINGO – 11: Manhã não muito católica. Um pouco frio e sem Sol. Às 8h30, me dirigi a Pavana, onde está o coronel Mury. Aí permaneci uma hora à espera do dito coronel que tinha ido ao QG em Porreta. Após a sua volta, recebi mais instruções sobre a escrituração de Manutenção, etc., voltei à minha unidade, onde almocei e sai para Pistóia. Em Pistóia, fui direto à Manutenção onde deixei o cabo Batista e o Olívio para receberem dois caminhões: o que foi trocado pelo Serviço de Saúde com a 3ª Companhia e um da Companhia de Tratamento que tinha sido recolhido

por avaria e substituído por um novo. Feito o expediente, fui ao QG onde encontrei o mesmo ambiente de insatisfação em face de nada haver de correspondência. Logo fui procurar o meu amigo Chico, com a sua disposição, estava pronto para sairmos para Pisa. Volta de 13h, saímos, tendo chegado uma hora e pouco depois. Em Pisa, chegamos ao Hotel Netuno onde se encontram os aviadores do Grupo de Caça. Logo encontramos os primeiros aviadores que nos contavam as suas atividades. O Chico, antigo repórter neste meio, já conhecia quase todo o pessoal. Soube com tristeza que ainda não haviam tido nenhuma notícia do Assis Maia, bem como soube de novas notícias desagradáveis do Danilo e capitão Joel que foram atingidos em combate e caíram. O Chico fez uma reportagem com um grupo de aspirantes de reserva que contou como tinham sido feitas às últimas missões. Só falavam em “flak” cuja tradução não sei. O fato é que apesar das grandes perdas, já em número de 11 em um grupo tão pequeno de oficiais, o pessoal se mantém entusiasmado e sempre com disposição para a luta a ponto de pedirem bis para uma missão que se iniciou após o regresso de outra por terem podido localizar já de volta (sem bomba) uma concentração alemã. Isso foi feito sem terem almoçado, o que prova a boa disposição combativa de nossos aviadores. Terminada nossa visita, convidei o Chico para ir a um escultor que estava fazendo um busto meu e da Gelcy. Lá encontramos somente à senhora do artista. A ela, entreguei alguma coisa por conta do trabalho. Fiquei de voltar no dia 15 para ver a prova do trabalho (o modelo). Depois fomos à casa de um pintor retratista para encomendar mais um trabalho, a fotografia de Gelcy e minha também. Não o encontrei. Sem mais nada a fazer, regressamos a Pistóia, onde deixei o Chico e segui para o acampamento aonde cheguei às 20h. Nada mais fiz senão descansar em vista de estar um tanto resfriado.

SEGUNDA – 12: Dia de Sol, sem frio, porém, muito ventoso. Passei toda a manhã atendendo a administração da oficina. Após o almoço, fui até Bade levar o Toledo para ver uma criança doente. Enquanto ele fazia a visita de médico, eu me dirigi à casa do professor Baruffi que estava fazendo uns quadros para mim. Uma vista de Botafogo, tirada de um cartão postal e uma outra vista, paisagem do nosso “front”. Ambos os trabalhos já se

achavam prontos. Após uns minutos, chega Toledo que, por mim, foi apresentado ao casal e aí mantivemos uma longa palestra. O velho é um célebre artista de Bologna e que aí vive como “esfollate”. Tomamos um chá com o casal e nos despedimos. Fiquei de voltar à noite e receber os quadros. Assim fiz. Viemos ao Acantonamento, o Toledo guiando o carro. Ouvi rádio, todos os comunicados de guerra menos às mensagens do Brasil porque o rádio não pode localizar a faixa da Rádio Nacional. Ouvindo os comunicados que não davam grandes feitos, saí para Bade a fim de pegar os quadros na casa do professor. Assim fiz e ainda mais uma visita a uma família conhecida na mesma vila. Nada mais houve, regressei e procurei descansar para encetar a jornada do dia seguinte.

TERÇA – 13: Manhã sem beleza, mas sem frio. Passei-a em atividades no Acantonamento. Após o almoço, me dirigi a Pistóia, levando dois motoristas da 1ª Companhia para serem examinados. Aí chegando, fui primeiro ao correio, onde encontrei o telegrama de Gelcy dizendo que havia recebido minhas cartas e telegramas. Fui à sala dos correspondentes e aí falei com o Chico da BBC que tinha combinado de me esperar para irmos juntos para o “front” a fim de passar um dia no PC. Mas isso não pode ser e ele me propôs para ir buscá-lo sexta-feira. Após uma boa palestra, nos despedimos e regressei ao Acantonamento. Nada mais houve de importante.

QUARTA – 14: Toda manhã em atividades na oficina. À tarde, segui, levando a Pistóia, novamente, os dois homens para serem examinados a fim de se habilitarem a motorista. Passei no QG e nada havia para nós. Regressei, chegando ainda com o dia. À noite, ouvi as mensagens da Rádio Nacional e depois os comunicados de guerra que eram ótimos. Recebi duas cartas, uma de Gelcy e outra do Gonzaga, de Maracaju. Ambas traziam ótimas notícias. Respondi-as em seguida. Trabalhei no expediente de correspondência até 2h. Mandeí carta para Gelcy, Lúcia, Gonzaga e inúmeros cartões para a Gelcy e o pessoal de casa.

QUINTA – 15: Dia lindo, já primaveril mesmo. Pela manhã estive em reunião com os sargentos de viaturas das Companhias para elucidação de

assuntos referentes à Manutenção, escrituração, etc. À tarde, fui até Porreta para me entender com o major Souza Aguiar sobre a questão de assinaturas de despachos de viaturas. Com o ilustre chefe de polícia, mantive uma animada palestra. Saí e estive na Manutenção do 11º para tomar emprestado do subtenente um catálogo de ferramentas do 2º Escalão. Na volta, passei no SMB para falar com o coronel Mury, não o encontrando. Apesar disso, mantive uma boa palestra com o capitão Aguiar e o major Assunção. Seguindo em frente, passei em Pavana e fui até a 4ª Seção para falar com o major Dutra ainda sobre os despachos e a quem de direito para assiná-los. Ele me disse que ia ter no dia de amanhã uma entrevista com o major Souza Aguiar para definitivamente resolver esse assunto. Após o que, ao sair, falei ligeiramente com o coronel Gilberto que chegava de Pistóia. À noite, no acantonamento, ouvi as mensagens da Rádio Nacional onde ouvi uma mensagem para mim, não podendo ouvir o nome de quem a passou. Após, ouvi as notícias da guerra que muito me animaram pelo êxito das tropas aliadas em toda à frente, principalmente a russa. Quando acabava de ouvir as mensagens, chegou o Iburbides do seu descanso em Roma e com ele seguiu-se a palestra até o recolher.

SEXTA – 16: Dia bonito e meio primaveril. Volta de 9h, saí em direção a Pistóia e com ideia de ir a Montecatini e Pisa. Em Pistóia, procurei o Chico da BBC no QG Recuado. Isto foi para combinarmos a sua vinda para passarmos junto um dia no Batalhão. Infelizmente o encontrei preparando-se para ir a Roma a fim de atender seus trabalhos. Adiamos “sine die”. Do QG, fui à Intendência, onde almocei. Aí conheci um médico de Passo Fundo. Chama-se Carlos Antiuce. Após o almoço, segui para Montecatini a fim de apanhar água mineral e fazer umas compras no Magazin Americano. Em Montecatini corri às ruas a fim de tomar uma informação quando vi um velho de aparência respeitável dobrar uma esquina. Dei ordem ao motorista para se aproximar daquele ancião. Ao me aproximar, falei-lhe em italiano. Ele percebeu que eu era um estrangeiro e perguntou-me: “É brasileiro?”. Disse que sim. Ele se aproximou rapidamente e me abraçou dizendo que era sul-americano, uruguaio. O velho beijou-me as faces e numa emoção positiva, convidou-me a ir a sua casa. Ao chegarmos, me foi apresentada a sua senhora que é italiana, filha de Lucca. Passei então saber

da vida desse casal. São donos de uma firma em Buenos Aires, na Cajé Maipú, 25. Essa firma tem um laboratório de produtos veterinários. Mostrou-me o diploma fixado na parede. Contaram-me que sempre viveram na Argentina e que todos os anos passavam uma temporada na Itália, Europa, etc. E, em Montecatini, haviam comprado à residência onde vivem. Aliás, uma casa grã-fina e bem ornamentada com quadros maravilhosos. Mostraram-me algumas cousas artísticas e curiosas. Em meio dessa, uma caixinha coberta de madre-pérola que com corda faz abrir uma portinhola por onde surge um passarinho e canta. Disse-me a velha que esse objeto havia custado 5000 (...) antes da guerra e que vendiam pelo mesmo preço para fazer face à necessidade que estavam passando. Não tive dúvida, comprei a tal caixinha. No intervalo da conversa, a velha italiana não fugiu à regra! Pediu-me algumas (...) chocolate, etc... Vi então que apesar da fartura que possuíam em Buenos Aires, o velho casal estava também dependendo das “escatoletas”. Disse-me o velho que vivia um momento feliz quando encontrava um sul-americano e, principalmente, um brasileiro, que já havia travado relações com o general Falconiere que funciona com o seu PC em uma casa próxima. Tomei-lhe, ao sair, o endereço e nome: Dom Domingos Huos, Lto, Cajé Maipú, 25, Buenos Aires. Ao me despedir, a velha me fez presente um pequeno quadro de (...) Bonaparte e uma coleção de moedas de vários países. Fiquei de voltar assim que pudesse. Despedimo-nos e toquei para Pisa, indo direto ao escultor que está fazendo os bustos meus e de Gelcy. Encontrei os modelos prontos. Estavam bem caracterizados. Algum senão que havia foi corrigido com a minha presença e explicações. Aí se encontravam dois sargentos da FAB que também tinham mandado fazer seus trabalhos. Um deles é o sargento Estrella, uma boa e inteligente criatura. Muito conversamos sobre a guerra e a FAB que dia após dia aumenta seus feitos heroicos na guerra. Assentado, com o artista, despedi-me e fui ter a um pintor retratista para me fazer um quadro a óleo da Gelcy e meu. Não o encontrei em casa e sim o seu pai. Com este combinei para eu voltar no domingo, volta de 15h30. Empreendi a viagem de regresso passando pelo correio, em Pistóia, e apanhando uma mala de correspondências. Havia para mim dois cartões: uma da Celina Martins, do dia 19 de dezembro, e outra do Rodolfo, de fins de janeiro. Todas boas

notícias. O Rodolfo me falava na declaração de aspirante do Thelmo e que o coronel Reifschneider estava no Rio para assisti-la, que as encomendas da Gelcy enviadas pelo Taborda estavam em seu poder e o portador seria o coronel. Assim correu o dia, com muito sucesso. No PC, nada de novo, somente um americano acidentado foi socorrido pelos médicos do Batalhão. Um tanque bateu-lhe na perna, arrancando-lhe a rótula. Nada mais houve. Fui ainda a Bade, onde voltei muito tarde da visita.

SÁBADO - 17: Dia maravilhoso, de Sol e boa temperatura. Pela manhã despachei o meu carro com o sargento Pompeu para ir a Pistóia fazer o expediente com a Manutenção. Eu fiquei na oficina, atendendo os serviços e intensificando-os em face da ordem de manter todo o material em condições de fazer face à ofensiva que está por ser iniciada. Pela parte da tarde passei a escrever carta, botando as correspondências em dia. Escrevi ao Domingos, ao Lau, ao Ribeiro e a Celina Martins. Este dia foi, para mim, triste e de muitas saudades. Em nenhum só momento afastei o pensamento de minha terra e de meus entes queridos. Pensei muito na Gelcy, nos dissabores que passa com a minha ausência, nas preocupações que tem comigo e tudo que afeta aquele angélico coração por minha causa. Mas, para superar toda a tristeza, procuro sublimá-la fazendo a aquisição de presentes bons para ela, mandando os melhores artistas reproduzirem retratos seus no mármore, na pintura, na miniatura, etc. Eis como resgatar a ela toda a sua dedicação e afeto por mim. À noite, ouvi rádio, não conseguindo ouvir mensagens do Brasil. As notícias da guerra eram boas. Os russos completaram o cerco (...). Em toda à frente, a ofensiva aliada ganha terreno. Terminada a audição, deitei-me com muito sono.

DOMINGO - 18: Manhã fria e sem Sol. Tanques e canhões rebocados por enormes tratores passam rente a nossa casa onde está o PC do Batalhão em direção ao "front". É a preparação para a grande ofensiva. Eu aproveito a manhã meio inativa para escrever alguma coisa. Rancho. Almocei e saí com destino a Pisa para tratar com um pintor sobre uns quadros a óleo, retrato de Gelcy e meu. Às tantas, passei por Pistóia, indo ao correio no QG onde encontrei alguns telegramas. Segui em frente e, às 16h, estive em Pisa, indo à casa do referido pintor. Aí já me esperava a nobre família

italiana (...). Conheci um bom artista que ainda é muito moço. Mantivemos entre o casal de velhos, seus pais e ele, uma longa palestra. Após o que, apresentei-lhes os retratos, o da formatura e Gelcy e um meu tirado em Roma. Pedia-me os detalhes dos traços e características e acertamos tudo. Esse pintor já está encantado com o Brasil. Toma o endereço de todos os brasileiros que aí conhece, para assim que terminar a guerra emigrar-se para o Brasil (...) Despedimo-nos alegremente e regressei. Às 19h, passei de novo no correio em Pistóia e nada havia. Segui para o acantonamento, aonde cheguei às 20h. Jantei e ouvi rádio. Eram notícias sensacionais e me recolhi.

SEGUNDA - 19: Pela manhã, me levantei, sentindo o tempo modificado. Muito frio e chuvoso. Fui para a oficina e fiz o expediente funcional. Preparei um banho no chuveiro improvisado na própria oficina. Com a preparação do banho, encarvoei um pouco a calça que limpei com gasolina. Como o frio maltrata a gente, mesmo com o banho quente, fiz três fogos com gasolina em latas para amenizar o frio. Quando me aproximando do banho, a calça que ainda estava úmida de gasolina prende fogo e me dá um bom susto, queimando-a. Mas, felizmente, nada houve, consegui extingui-lo facilmente. É assim a vida por aqui.

TERÇA - 20: Manhã linda, com Sol radiante e frio que deu para aparecer uma pequena geada. Permaneci no posto em virtude do ataque que havia se desencadeado do Belvedere pelas tropas americanas. Durante horas observei nas alturas ocupadas pelos alemães, o ataque da aviação e da artilharia que martelaram todo o dia. Ondas sucessivas de aviões desciam em pesada nas regiões da defesa alemã. Após o almoço, tive a auspiciosa notícia de que os americanos tinham ocupado o Monte Belvedere, baluarte da defesa para a Bolonha. Volta de 13h, chega o Nestor, procedente de Pistóia, para onde fora de madrugada levando um expediente de correspondências minhas para Gelcy, a fim de fazer a mala para Livorno. Ao apresentar-se, me entregou um telegrama de Gelcy dando boas notícias e dizendo que havia recebido as minhas encomendas. Volta de 15h, fui a Bade para levar ao professor Baruffi os meus quadros por ele feitos para botar o seu nome. Regressei e permaneci na oficina atendendo os

trabalhos. Hoje se deslocou pela manhã a 2ª Companhia e 1ª para entrar em ação em face da ofensiva dos americanos e dos brasileiros que se desencadeou às 16h no Morro do Castelo. Volta de 18h, chegam o coronel Borba, o capitão Maliceski e tenente Toledo que andaram até a zona de frente correndo os hospitais de sangue e postos avançados de socorro. Todos muito animados com o êxito da ofensiva. A notícia de que não gostamos foi a do boletim da DIE que estabelece o rodízio de oficiais que completaram seis meses de guerra para serem substituídos por oficiais vindos do Brasil. Nenhum oficial ou quase todos da DIE que sofrem o mais rigoroso inverno nos Alpes (até agora nunca visto, no dizer dos próprios italianos) e por serem os pioneiros que abriram caminho e criaram ambiente na guerra, tanto com o povo como na zona de operações. Acham todos que o Brasil pode mandar um Exército bem maior, sem tirar os que aqui estão. E é justo porque só com a vitória devem voltar àqueles que partiram para a guerra, levados pelo desagravo de sua Pátria. Noticioso de todas as frentes. Foi comovente o que ouvi da Rússia porque falou nos funerais do general russo Ivan Chernyakhovsky¹⁴¹, comandante da 3ª frente russa que avança na Prússia Oriental, libertando povos escravizados e caminhando para a liberdade do Mundo. Estreamos em nosso quarto o rádio GE que foi fornecido pelo Serviço Especial. Agora ouço música e escrevo para depois dormir. Foi o dia de hoje.

QUARTA – 21: Hoje, sob um Sol radiante, surgiu para nós um dia de glória que se incorporou aos muitos que já temos. Desde as primeiras horas da manhã, toda a atuação nossa e mesmo dos próprios italianos que estavam (se postavam sob as elevações) voltadas para o nosso “front”. Eram as tropas brasileiras que avançavam sobre o Morro do Castelo, sob uma preparação violenta de artilharia e aviação. De fato, era um espetáculo impressionante. O tal morro parecia um vulcão pela fumaça das explosões de bombas que evoluíam formando densa cortina. Eram os heroicos brasileiros que acertavam sem vacilar o desafio ariano para a luta que se aproximava do bastião da defesa Apenina dos baluartes guerreiros. Eu

¹⁴¹ Cf. Innes, 1949, op. cit., p. 88, a carreira desse jovem e brilhante general terminou prematuramente em consequência de um ferimento fatal recebido em fevereiro daquele ano. Foi substituído no comando pelo marechal Alexandre M. Vasilevski.

permaneci inquieto todo o dia. Fui a Bade apanhar uns quadros feitos pelo professor Baruffi, voltei, etc., e sempre pensando e ouvindo o canhoneiro que parecia trovoada em dia de tempestade. Almocei e tornei a ir a Bade com o capitão Maliceski. Em seguida, regressamos e seguimos para a Companhia de Tratamento e, desta vez, com a companhia do Toledo também. A primeira coisa que vimos foi uma ambulância nossa descarregando feridos, onde um estava em estado de choque e outros com ferimentos leves. Dentre eles, um cabo do nosso Batalhão, João de Oliveira, da 1ª Companhia, padioleiro. Foi ferido no momento que tentava socorrer um ferido. Desse local em diante fomos para a Companhia de Triagem, na ponte de Cilla. Lá estavam os tenentes Berthier, Wishart e Antonino. O movimento de feridos estava felizmente reduzido. Como o canhoneiro e o ataque aéreo mantiveram-se intensos, procuramos uma elevação, a mais próxima dos objetivos e ficamos até ao cair da tarde apreciando a grande ofensiva. Os nossos “Thunderbolt” ficavam constantemente sobre as trincheiras e a pouca altura abriam fogo que bem se podia observar. A artilharia (...) em Porreta e a (...) em Castel di Casio, atiravam sem cessar. E assim foi vivido mais esse dia de “front”. À noite, já no acantonamento, ouvindo rádio, ouvimos em quase todos os comunicados a tomada do Belvedere. Porém, antes, já nos haviam telegrafado dos postos mais avançados dando a grandiosa notícia. Bem mais tarde chega o coronel Borba, da Companhia de Tratamento, e conta com detalhes à queda do morro que se deu às 17h. Foram vingados assim os heroicos brasileiros que tombaram para sempre e feridos nos dias trágicos de 29 de novembro e 12 de dezembro. Vitória radiante das armas do Brasil é o que assinala o dia de hoje.

QUINTA – 22: Continuam os dias lindos, apesar das pequenas geadas que se formam. Hoje assinala para nós o terceiro mês na localidade onde estamos ainda e passamos o rigoroso inverno. Volta de 9h, saí em companhia do subtenente Salio e mais praças do Destacamento de Comando, e me dirigi a Pisa. Em Vecchiano, almocei e deixei todo o pessoal para fazer suas visitas. Após o almoço, toquei para Pisa, indo de vez à casa do escultor que já estava com meu trabalho bastante adiantado. Depois fui ao Hotel Netuno onde estão os aviadores brasileiros. Visitei o

coronel Nero, um velho amigo. Prestei-lhe meus sentimentos de solidariedade pelo desastre com seu mano que foi atingido pelo inimigo, caindo em suas linhas, bem como mais dez pilotos também vitimados. Passamos a conversar sobre o Brasil, a nossa participação na guerra e as previsões para o término da mesma. Essa palestra durou meia hora. Despedi-me e, ao sair à porta, me encontrei com o valoroso tenente Rui que me contou às misérias que ele e seus companheiros vinham fazendo aos alemães. Contou-me do ataque que fizeram a Belvedere e Castelo. Falamos no Maia e ele se mostrava esperançado de vê-lo em dias futuros, chegando vestido de “partigiani” e contanto as lorotas de gaúcho bagual. Disse-me: o precedente está aberto, três americanos já chegaram aqui, um deles caiu em outubro e os outros dois mais recentes. A organização do “Intelligent Service” é notável! Disse: em todos os lugares há sempre um representante dessa poderosa instituição que favorece a captura de nossos companheiros. Contou-me que o americano descreveu-lhe cousas que, em matéria de aventuras, estarrece a gente. Terminada a nossa palestra e eu me bati em retorno aos Apeninos, onde, depois de passar no correio, em Pistóia, cheguei às 19h10, encontrando tudo sem novidade. A convite do soldado Penteado, fui jantar numa vila próxima chamada Moscaquia. Não ouvi mensagens, mas os companheiros me disseram que nada houve de importância. Ouvi os comunicados de guerra que deram boas notícias tanto dessa frente e de toda a Europa como a do Pacífico que já asfixia os japoneses. Seis para sete mil aviões percorrem todo o solo da Alemanha fazendo paralisar todo o tráfego ferroviário e fluvial. Os comentários todos demonstram estar próximo o fim da guerra. Após haver dormido, fui acordado pelo Toledo para ouvir o noticiário da BBC, às 23h45, que com nosso rádio instalado no quarto ficou cômodo. Sei que até às 2h da manhã ficamos acordados. Foi só.

SEXTA – 23: Continua firme o tempo. Passei a manhã na oficina organizando serviço e acompanhando com a vista o que ia pelo “front”. Preparei as correspondências para a mala de sábado. Após o almoço, me dirigi a Pistóia para me entender com a Manutenção. Passei pelo QG em busca de correspondências e nada havia. Apenas expectativa com a chegada do navio trazendo o resto do Depósito e, aonde viria com certeza

muita correspondência e encomenda. Na Manutenção, recebi um material que já se achava separado para mim e dei volta, passando pela cantina onde estive com vários oficiais médicos do “Hospital 16” (de Pistóia) e com o Promotor da Justiça da DIE, doutor Murtinho da Costa. Falamos sobre a condenação à morte de dois soldados da FEB cujo recurso ex-ofício tinha seguido para o Supremo Tribunal Militar para referendar ou confirmar a sentença. Após falamos sobre a carreira da Magistratura Militar que, segundo me afirmou o digno Promotor, era muito mal remunerada. Percebia, com honras de capitão em tempo normal, os vencimentos de 2º Tenente. Afastei de mim a ideia de seguir essa carreira. Despedi-me e regressei ao “front”. À noite, no PC, soube que o resultado em perdas de homens da nossa ofensiva que se havia iniciada no dia 20 se elevava a 40 mortos e 120 feridos. Mas as vitórias se sucediam com a queda do Morro do Castelo e o avanço sobre Bella Vista e La Serra. Com o rádio em nossa mesa de trabalho, ficamos em contato com todas as agências de informações aliadas, conseguindo ouvir as notícias de nossos gloriosos feitos pela BBC, RCA e outras estações, inclusive a Rádio Nacional.

SÁBADO – 24: Logo depois do café, me dirigi a Pisa, onde almocei em companhia dos aviadores brasileiros no Hotel Netuno. Após cumprimentar o coronel Nero e manter com os tenentes uma boa palestra sobre as nossas operações no “front” da qual eles não estavam bem informados, vim a conhecer o tenente Camdiola, aviador, filho de Bagé e que eu conheci ligeiramente quando ele foi a socorro a um aspirante da FAB que havia descido no campo de instrução do 3º Regimento de Cavalaria Mecanizado (RMM), na Rural. Além disso, recordei dos conhecimentos e amizades que fiz em Bagé com pessoas de sua família. Passando a conversa a uma espécie de interrogatório, inquiri o digno tenente sobre a situação política e econômica do Brasil e qual o conceito que tínhamos aqui. De tudo ele me informou, mostrando-se bem a par dos acontecimentos. Disse-me que o escândalo da desonestidade dos funcionários do governo subiu ao auge, que as eleições já estavam assentadas e que o candidato das classes armadas para contrapor a candidatura provável do atual Presidente era a do Brigadeiro Eduardo Gomes que a aceitou sob condições. Quanto a FEB e FAB, a opinião política continuava sem notícias. Muito mascarado de tudo

que ia se passando por aqui. Contente com esse novo contato e informações, despedi-me. Antes de deixar a cidade, passei pela casa de uns artistas a fim de saber de uns trabalhos encomendados e regressei. Já noite em Pistóia, passei pelo correio sabendo que havia chegado mala e que um sargento do Batalhão havia apanhado as cartas novas. Vim aflito para recolher a minha. Eram todas de Gelcy, traziam os números 27, 30 e 31. Todas davam boas notícias. Achei-as um pouco resumidas no assunto, mas sempre cheias de fé e esperança num destino magnífico. Lidas e relidas essas cartas que me deixaram com saudades, passei a ouvir o rádio cuja audição foi até quase 2h da manhã. Ouvi, na BBC, a irradiação da reportagem feita pelo Chico, em Nápoles, relatando a chegada do pessoal do Depósito, ou seja, o 4º Escalão que desembarcava na Europa. Foi uma reportagem formidável. Nada escapou do ambiente que reinava entre esses novos cinco milhares de homens que vieram para junto de nós desagrar a soberania nacional. À Hora do Brasil como que quebrando o teatro de esconder a verdade ao povo brasileiro, deu uma notícia detalhada de toda a ofensiva que se iniciou no dia 20 do corrente, o desenrolar das operações para a conquista do Morro do Castelo foi dada com todo o detalhe, somente não constaram os números de feridos e mortos. Após essas comoventes notícias, passamos cheios de orgulho e entusiasmo com Toledo e Iturbides a comentar os fatos. E assim foi até a hora de acomodarmos.

DOMINGO – 25: Acordei ouvindo o bombardeio que jamais deixou de cessar desde o dia 20. Passei a recordar o sonho que tive quase toda noite com Gelcy cujo trecho principal foi o encontro, por duas vezes, numa bela cidade que não pude identificar. Creio, entretanto, que foi uma reminiscência de nossa estadia no Rio e a antecipação do próximo encontro. O dia me foi triste devido à saudade que me amargurou mais ainda com a chegada das cartas e o sonho. Recebi também com essas cartas um cartão do Padre Aquino Rocha. Logo depois do café, tomei o carro e me dirigi a Porretta para tomar um banho nas termas. Aí permaneci esperando a minha vez quase três horas cujo intervalo palestrei com vários oficiais que ali se achavam também para o banho. Após o banho, me encontrei com o major Enock e o coronel Thales que me convidaram para o

almoço, o que eu aceitei. Durante o almoço, palestrei com os repórteres Joel e Esquef. Também conheci um oficial americano que, falando um bom italiano, pudemos nos entender bem sobre a guerra. Disse-me ele que era seu pensamento que ela só finalizaria em julho, o que não gostei muito. Após fui à Companhia de Tratamento, fui à seção do “suply” para pedir uns objetos. Aí descobri um pintor que trabalha admiravelmente em aquarela. Fiquei de voltar terça-feira para pedir-lhe uns trabalhos. À tarde, passei em casa, bastante abatido. Com o boletim do dia, o total de mortos em combate, nesta última ofensiva, ascendia a 41 e 130 feridos, mais ou menos. À noite, ouvi os comunicados anunciando a intensificação de ofensivas em todas as frentes. A Rússia deu a notícia que os alemães se retornavam do Norte da Itália. A BBC falou para o Brasil que depois de uma luta sangrenta, corpo a corpo, os brasileiros haviam se apoderado das posições de Bella Vista e La Serra. Ainda à noite fiz uma visita em Bade. Nada mais de importante.

SEGUNDA – 26: Manhã um pouco fria e céu (...). A primeira conversa que mantive foi com o coronel Borba que me contou do sucesso do baile em Pavana, do qual ele foi um dos organizadores. Contou-me que o general Mascarenhas estava radiante porque o general Crittenberger¹⁴² havia vindo pessoalmente cumprimentá-lo pelo brilhante feito das nossas armas. No intervalo de 9h e 12h, fiz chegar em dia as minhas correspondências para o Brasil. À tarde, me dirigi a Pistóia, depositando as correspondências no correio e avistando-me com vários amigos como o Chico da BBC que ficou, a partir de quarta-feira, vir passar uns dias comigo. Falei também com o filmógrafo da FEB para comparecer, aceitando o convite. Nada mais ficou senão regressar. À noite, ouvi as mensagens que nada trouxeram, depois comunicados de guerra que eram como sempre as boas notícias. Fiquei sabendo no QG, em Pistóia, que o general Ferreira tinha chegado.

TERÇA – 27: Pela manhã, preparei-me para receber a visita do general Souza Ferreira¹⁴³ que deveria visitar a Companhia de Tratamento e a frente. Antes de sair para a Cia. de Tratamento, fui informado por telegrama de

¹⁴² Willis Crittenberger, comandante do 4º Corpo de Exército Norte-Americano.

¹⁴³ Diretor de Saúde do Exército Brasileiro.

que havia um caminhão GMC da 1ª Companhia avariado em Porretta, em consequência de um abalroamento que sofreu – quando estacionado na rua em frente à dita Companhia. Mandei imediatamente sair o meu carro com a talha para rebocar para a oficina o tal caminhão. Segui para a Companhia de Tratamento devia estar às 10h para a visita do general Souza Ferreira. Na 1ª Companhia de Tratamento estive até o meio-dia e o general não apareceu. Nesse ínterim, apareceu o caminhão com a talha, dirigido pelo soldado Olívio que me declarou estar o caminhão muito avariado e não poder rebocá-lo por isso, que o conserto só poderia ser feito pela Companhia de Manutenção. Como todos os oficiais que estavam na Companhia de Tratamento tinham se dispersado para o almoço em virtude do general Souza Ferreira não aparecer e ser meio-dia, também regressei ao PC, onde almocei. Logo após, fui de novo à Companhia de Tratamento e o general já lá havia estado. Toquei para Porretta e fui ao QG onde me encontrei com o doutor-tenente (...) que estava à espera do general que ali estava almoçando com a sua caravana. Após esses minutos, encontrei-me com o capitão Pará com quem acertei uns negócios sobre fotografias. Depois fui à 1ª Companhia ver o caminhão que de fato estava muito avariado e, em consequência, fui ao coronel Mury, do SMB e comuniquei-lhe a ocorrência. Concordou ele que se pedisse recurso à Companhia de Manutenção e casualmente, por um sargento da Companhia de Manutenção que por ali passava no momento, foi feito o pedido ao capitão Peçanha. Saindo do SMB, fui ao “suply” da Companhia de Tratamento de onde, com um praça e um sargento, fui à casa de um pintor que trabalha com aquarela e encomendei a reprodução de um retrato de Gelcy e meu. Voltei para o Batalhão, onde jantei. À noite, ouvi rádio e depois fui a Bade fazer uma visita. Recebi um telegrama do Lau pedindo notícias. Nada mais houve.

QUARTA – 28: Último dia do mês de fevereiro. Logo depois do café, saí para Pistóia. Fui ao QG ver correspondências e nada havia. Fui à Manutenção, onde recebi um material e voltei para o QG onde almocei em companhia dos repórteres, correspondentes de guerra. Combinei com o Chico que depois de minha ida a Montecatini, passaria aí para pegá-lo. Falei também com o major Souzinha. Assim que almocei, saí para

Montecatini levando um médico do Pelotão de Sepultamento que me deu a estatística de 242 mortos na FEB. Esse médico é amigo do general Falconiere e ia para ficar no seu QG, em Montecatini. Em Montecatini, encontrei-me com vários oficiais que estavam partindo de regresso ao Brasil, o coronel Rangel, o major Barbosa Pinto e mais dois oficiais que não conheço, todos do 6º RI, 1º Escalão, que regressavam em virtude de rodízio. Escrevi ao Lau um bilhete por intermédio do major Barbosa Pinto. Após, passei a conversar com o general Falconiere, lembrando-lhe que eu o havia conhecido em Ponta Porã no ano de 1941, em casa do doutor Fausto. Foi muito atencioso comigo e palestrou vários minutos, me indagando uma série de coisas. Despedi-me e regressei. Passando por Pistóia, peguei o Chico e o trouxe para o Batalhão. Às 17h, estava com o Chico da BBC no PC do Batalhão onde o apresentei a todos os oficiais. O nosso jantar foi em Moscaquia, em casa de uns italianos onde se hospeda um soldado nosso (do rancho). Comemos ovelha e frango assados, regados a bom vinho. Regressamos para a nossa casa onde mantivemos animada conversa até a hora da BBC que dá o seu noticiário para o Brasil, às 11h45. Ouvindo o noticiário, fomos para a cama. O Chico ficou em Moscaquia, o Chesneau tinha uma cama de sobra em sua casa, um pouco acima da nossa. Nada mais houve de importância.

MARÇO

QUINTA – 1º: Manhã com variação para frio. Levantei-me e, depois de tomar o “breakfast”, me dirigi a Porretta com o objetivo de buscar para um trabalho de filmagem o cinegrafista Cisnéa, da DIE. Esse artista não foi encontrado. Enquanto esperava ter um entendimento com o major Saldanha, fui procurado pelo Hungarete que trabalha de arquivista no QG. Todo emocionado me perguntou se eu já sabia o que tinha se passado em Bagé. Eu disse que não. Passou-me então a narrar a história. Disse-me ele: “mataram o meu pai...”. Soube de uma notícia não oficial e solicitou ao coronel Brainer, para pedir uma notícia exata ao coronel Buia, e infelizmente, foi confirmada. Daí disse: “consegui um jornal de Porto Alegre que transcreve este artigo...”. Tomei-lhe e passei a ler já com

lágrima nos olhos, solidário com aquela jovem alma que na guerra teve grande desilusão de não encontrar o seu progenitor para entregar os louros da vitória e por motivo tão injusto. Perguntei-lhe por mais algum detalhe e ele deu-me o fato: estava ligado à morte do doutor Aguiar, cujo crime seu pai era a testemunha mais forte. Trata-se evidentemente de mais um crime de responsabilidade do mesmo ou de membros de sua família. No fim da história, hipotequei-lhe a minha inteira solidariedade aqui e quando voltasse. Fiquei completamente revoltado. Aconselhei-o, por último, que procurasse voltar para o Brasil, o que ele me respondeu que já havia falado ao coronel Brainer e que o coronel tinha prometido dar um jeito. Encontro-me com o major Saldanha e falo-lhe sobre um rádio (do Batalhão de Saúde) que não funcionava e que eu propunha ao Serviço Especial a sua substituição por outro melhor, no que ele concordou. Recebi então um rádio tipo militar, com caixa de aço e da marca GE. Um rádio formidável. Quando por ali estava, em frente ao QG, encontro-me com vários conhecidos como o Paulo Pinto Guedes que me deu notícias do Mário Mendes, etc., com o capitão Souza Júnior (Jujuba), com o tenente Ademar Caruso, ambos de Mato Grosso. Estes dois oficiais vieram no 1º Escalão e já estão ansiosos para voltarem de acordo com o rodízio estabelecido em aviso ministerial. Conversei muito com estes bravos companheiros de infância e grandes amigos. “Jujuba” prometeu-me um fuzil-carabina tipo americano. Após, regressei ao Batalhão onde me esperavam os companheiros de guerra junto com o nosso ilustre hóspede, o Chico da BBC, para o almoço. Após o almoço, convidei o Chico para uma visita à seção de Manutenção. Todos os oficiais, inclusive o subcomandante, acompanhavam-no. Fiz a apresentação do pessoal e passei-lhe a exibir a organização do serviço. O Chico mostrou-se curioso e fez, ao sargento Pompeu, várias perguntas. Quanto aos elogios, ele já os havia feito, antes, por ocasião da apresentação do pessoal numa eloquente oração. Terminada a visita, reunimo-nos todos e fizemos duas fotografias. Saímos para Suviana, onde passamos uma duas horas, eu e o Chico, em companhia dos oficiais do 9º BE. A princípio, foi com o capitão Lúcio e outro capitão. Fomos, depois, para a sala do comandante que é o coronel Machado Lopes que nos recebeu com muita distinção. Fez uma completa explanação de todo o Serviço de Engenharia desde a limpeza dos campos

de minas, dos serviços mais importantes para todas as nossas ofensivas. O major Sady, na sala do S-2, trabalhava com seus auxiliares; vimos também fotografias aéreas das regiões ocupadas pelos alemães em todo o Norte da Itália, com campos minados, etc. Assim, com essa importante visita, regressamos ao Batalhão para o jantar. Após isso, botamos o formidável rádio em ação e passamos a ouvir as irradiações de todas as emissoras. Primeiro ouvimos mensagens aos expedicionários e, depois, notícias de guerra, até o noticioso da BBC. E aqui estávamos com o Chico ouvindo o noticiário da BBC para o Brasil. O ilustre repórter de guerra está neste instante re-gravando trechos das irradiações como prova documental de como essa poderosa estação é ouvida aqui. Um telegrama da frente nos interrompe um pouco com uma notícia que felizmente não teve consequências piores. É que caiu uma bomba na casa onde está instalada a 1ª Companhia.

SEXTA – 2: Manhã de Sol. Volta de 10h30, saímos, eu e Chico da BBC, em direção a Pistóia aonde chegamos às 10h40. Aí almoçamos. Depois, Chico desceu para Porretta e eu fui a Montecatini. Voltando de Montecatini, apanhei mais correspondências que haviam chegado onde havia uma carta para mim. Depositei também umas correspondências para Gelcy e Lau. Na Manutenção, recebi algum material. Regressei a Porretta, onde me esperava o Chico e voltamos para Poggio. No caminho, mostrei-lhe a cartinha de Gelcy que dava umas impressões quanto à BBC e disse que me imaginava ao lado do “speaker” quando essa estação transmitia a reportagem da Itália. Que coincidência! Felizmente estou ao lado de quem ela se refere e nesta hora a minha voz já foi ouvida pela BBC. Chegando a Poggio, recebi duas cartas de Gelcy e mais dois envelopes com postais e fotografias. Todas de 10 de janeiro. Mais oito de Lau, Adhemar, tia Elcy, Tatão, Augusto C. Moraes e Celina Nunes. Antes de ler essas cartas, juntamente com Chico, instalamos o formidável alto-falante da BBC a fim de proporcionarmos aos soldados, no momento de se servirem do rancho, um programa de músicas brasileiras para o qual o ilustre repórter da BBC estava munido de bons discos brasileiros. Instalado o alto-falante, deixei o Chico atendendo e me fechei no quarto para ler as inúmeras cartas. Gastei mais de hora deleitando-me com o vasto noticiário trazido pelo conjunto

de tanta correspondência que datavam desde o mês de dezembro de 1944 a fevereiro de 1945. Gelcy narra com perfeição todos os acontecimentos que serviram de texto a essas cartas. Foi para mim um momento de excursão e contato por aquela belíssima região ao lado da mais adorável criatura da minha vida. As outras cartas dão-me boas notícias. À noite, fomos a uma reunião organizada pelos praças do Destacamento de Comando. Levamos o motor e com a generosidade do Chico, o alto-falante da BBC com o programa de discos brasileiros foi um sucesso. À 1h30 da noite vim para casa a fim de repousar. Notícias da frente, ótimas. Tanto as brasileiras como as americanas. Continuam avançando e fazendo prisioneiros.

SÁBADO – 3: Às 8h, me dirigi a Pavana a fim de conduzir um motorista para dirigir o jeep do coronel Gilberto que estava em franca atividade acompanhando o desenrolar das operações que se estavam desenvolvendo no “front”. De Pavana, segui para Porretta onde, nas termas, tomei um banho sulfuroso. Após o banho, regressei ao acampamento onde almocei. Já não encontrei mais o meu hóspede que tinha ido para o “front” a fim de fazer sua reportagem sobre o grande ataque que estava fazendo a Divisão de Montanha americana. À tarde, fui à Companhia de Tratamento onde cortei cabelo e visitei o doutor Ary. Após, subi até a casa de um pintor que vive situado na estrada de Granaglione para ver uma encomenda de dois retratos aquarela que mandei fazer. Não estavam prontos. Tornei a ir a Porretta, onde encontrei o Chico que tinha regressado do “front”. Com ele estavam todos os repórteres que servem na FEB e que são: Egídio Squéf, o Brandão, Joel da Silveira, o Alan Fischer, o Frank Norall e (...). Os últimos são americanos. Combinei com o Brandão para visitar o Batalhão de Saúde e ele aceitou. Já saímos eu e Chico sob “black-out” até a Ponte de Venturina. Chegamos a Poggio onde jantei e, depois de ouvir as notícias da guerra que eram boas, fomos a um baile organizado pelos sargentos do PC do Batalhão. Recebi mais uma carta do Adhemar.

DOMINGO – 4: Manhã de Sol, bela como que tanto mais apreciada porque me encontro saturado de alegria com a grande ofensiva das cartas que recebi no dia anterior. Logo depois do café, levei o Chico a Porretta para

saber das novidades do “front”. Nada de maior importância, os ataques prosseguiam normalmente, sem perdas altas para nós e muitos prisioneiros alemães. Após conversarmos um pouco, saí para me entender com o coronel Mury, chefe do SMB que não o encontrei. Voltei novamente, indo ter à Companhia de Tratamento apenas encontrando-me com o Ary, encarregado do “suply” do Batalhão. Esse se prontificou a ir comigo a Porretta, onde estivemos alguns minutos. Procurei o Chico no QG e esse já estava à minha espera para virmos almoçar. Encontrei o Ciséa, cinegrafista da DIE que se dispôs a vir também para fazer o seu trabalho prometido a mim, filmando a Manutenção. Assim viemos. Almoçamos e logo após demos início ao trabalho de filmagem. Primeiro filmamos uma cena onde se agrupavam todos os oficiais do Estado Maior do Batalhão. O coronel presente falando aos seus comandados, etc. Terminada essa parte, fomos à Manutenção onde, formados, eu e todos os meus auxiliares, fizemos a primeira cena. Depois, seguiu-se todo trabalho, cada um no seu mister de atividades. Uma cena importante foi feita com a visita do Chico que foi apresentado ao pessoal. A última parte se encerrou com a filmagem de uma roda de chimarrão na encosta da colina donde se alinham vários pés de pinheiros. Com um fogo aceso, todos aglomerados em torno do mesmo. Corria o chimarrão de verdade. Da roda faziam parte o Chico, o Iturbides, o Toledo, o Chesneau e uma enfermeira. A cena foi filmada pelo Ciséa que, invejado, passou para o bloco e deu a máquina ao Toledo que passou a ter pose de cinegrafista nos filmando. Esse foi o último programa do dia. Agora, volta de 16h, mando levar o Ciséa a Porretta. À noite, depois do jantar, ouvimos as notícias da guerra que eram ótimas, bem como o nosso boletim que acusava grandes feitos da nossa tropa. Somente nós, brasileiros, fizemos 62 prisioneiros. Todo o 5º Exército efetuou 650 prisioneiros. Como o ataque da nossa artilharia recrudescera a certa hora da noite, fomos tentados a assisti-lo e a convite do Chico, tomamos o carro e fomos para o alto de uma montanha. Nesta noite foi recolhida uma ambulância da 3ª Cia. que se achava quebrada (...) e ficamos assistindo o martelar da artilharia. Voltamos para casa, onde cada um fazia sua escrituração. Notícias de casa. Recebi a cartinha número 36 de Gelcy. Nada mais.

SEGUNDA – 5: Manhã um pouco fria. A primeira coisa que fiz foi mandar levar o Chico a Porretta. Levantei-me um pouco tarde. Tomei o “breakfast” e fui para a oficina providenciar a reparação de uma ambulância que havia sido acidentada na estrada de Pistóia–Porretta, na altura da colina. O motorista fugiu do seu posto e foi dar um passeio e, na volta, chocou a ambulância contra um monte de pedra. Essa ambulância foi recolhida na noite anterior com sérias avarias que foram classificadas como conserto para o 4º Escalão, ou seja, à Companhia 109 Americana. Mas resolvi fazer o conserto na minha Manutenção devido à necessidade desse veículo agora com a ofensiva que está se desenvolvendo. Tomadas às providências, resolvi ir a Pistóia para conseguir o material necessário. Em Pistóia, fui primeiro ao QG ver correspondências e depois à Manutenção para providenciar o material necessário à oficina. Não consegui as peças para a ambulância, mas essas ficaram prometidas para o dia seguinte. Regressei à frente, aonde vim encontrar os repórteres de guerra, Brandão e Squef que tinham vindo com o Chico pegar seus objetos para irem para Porretta. Deram-me notícias das operações na frente de onde tinham vindo. Havia caído Castel Villiano (monte), Monte de la Castellaccio pelos americanos, Castelnuovo e Soprasasso pelas tropas brasileiras. Houve 42 feridos e alguns mortos. Foram feitos 46 prisioneiros. À noite, ouvimos os comunicados gerais que foram bons. Como o motor deu pane, fui para o leito.

TERÇA – 6: (Recebi hoje dois presentes de Gelcy, um capuz e uma manta). Manhã bonita de Sol primaveril. Após visitar a Manutenção, preparei-me para ir a Pistóia e Pisa. Às 11h40, cheguei ao QG Recuado onde almocei em companhia dos oficiais. Numa mesa ao lado, estavam os repórteres de guerra (inclusive o amigo Chico) com quem conversei durante o almoço. Assim que nos levantamos, passei a palestrar com o Chico que me contou alguma coisa de suas reportagens. Disse-me que havia feito uma sobre como vivíamos eu e meus companheiros no PC. Contou-me a história do aparecimento do Danilo Marques Moura, irmão do coronel Nero, que havia caído nas proximidades do Passo de Brener e tinha sido considerado morto. Após 20 dias, esse bravo oficial furou todas as grandes distâncias andando às vezes 30 km por dia em meio de alemães, italianos, etc., e

despistando todo mundo. Foi uma história empolgante. Não tive dúvida, mais se consolida a ideia da minha ida a Pisa para abraçar os dois irmãos pelo auspicioso acontecimento. Imediatamente parti para Pisa. Procurei no Hotel Netuno o herói, não o encontrando, tanto ele como seu mano coronel Nero estavam para Livorno. Soube pelo capitão Pessoa que Nilo voltaria para o Brasil. Com Pessoa e dois capitães conversei um pedaço de tempo. Daí, após me despedir, fui à casa do escultor que está fazendo um trabalho meu e da Gelcy. Os trabalhos não estavam prontos, mas ficou prometido para o dia 17 do corrente. Depois, fui para casa de outro artista, um pintor retratista que está fazendo dois retratos a óleo (meu e de Gelcy), ambos quase prontos, faltando apenas os retoques. Ficou também para o dia 17. Regressei a Pistóia, onde recebi um telegrama do Lau e outros. Fui à Manutenção e consegui todas as peças que me faltavam para a reparação da já referida ambulância. Aí jantei. Logo após, regressei ao Batalhão onde encontrei tudo no mesmo. Notícias da frente são de consolidação de prisões das outras frentes. Grandes notícias. Os comunicados anunciavam a queda da Colônia pelo 1º Exército. Agora estou no posto de escuta escrevendo.

QUARTA – 7: Continua o bom tempo, um pouco frio apenas. Desde as primeiras horas da manhã, estive na oficina acompanhando os trabalhos. Quase toda a atividade esteve voltada para uma ambulância que sofreu avarias que para efeito de reparação deveria ser mandada para o 4º Escalão. Contudo, resolvi fazer eu mesmo as devidas reparações. Deliberei também tentar o conserto do alto-falante do Chico da BBC que deixou de funcionar num baile em que o mesmo foi instalado. Trouxemos da casa do comando o motor gerador de correntes e fizemos os testes. Depois de tantas experiências, deixei-o com o Olívio que, com paciência e curiosidade, descobriu o defeito. Era uma resistência estragada. Após o almoço, me dirigi a Pistóia onde levei as correspondências que deveriam seguir para o Brasil. Em Pistóia, estive pouco e nada de novo se registrou. Voltei em seguida. Alcancei ainda o jantar com a turma. Digo assim porque de qualquer forma o meu jantar sempre fica guardado a cargo da Giovana. Agora existe a outra mesa dos “nobres” que fazemos muita questão de reunir toda a “nobreza” presente por se tornar a mais alegre. A “nobreza” é constituída do capitão Maliceski (o milionário), o tenente Iturbides (o

Conde de Il Poggio), o Toledo (o Príncipe Azurro), o tenente Chesneau (Barão de Moscaquia) e eu (o Marquês de Bade). Abrem à cantina (de verdade) e a Giovana é a governanta da família imperial (esse local é chamado também o “colégio da nobreza”). Não há lugar no mundo onde se diga tanta besteira (...) é um bom passatempo da guerra. Após o jantar, fui a Bade fazer uma visita. Depois de alguns minutos, me aparece o cabo Batista para levar ao meu conhecimento que do “front” haviam telefonado pedindo recursos para uma ambulância que estava acidentada entre Riola e Marano. Regressei imediatamente, telefonei para o Galdini, em Porreta, e me certifiquei da ocorrência. Como urgia providência, essas foram tomadas. Reuni a minha equipe, mandei livrar o carro guindaste que alçava uma ambulância que se achava em conserto, mandei os mecânicos tomarem seus capacetes de aço e tocamos. Em Porreta, chamei o tenente Galdini e o sargento Amado, sargento de viatura da 1ª Companhia e tocamos pelo “black-out” afora até o local. As balas de artilharia crispavam sibilando por cima. Examinando a viatura, vi que não eram tão graves os danos. A equipe entrou a funcionar e dentro de poucos minutos a viatura esteve em condições de ir rodando para Porretta. Foi uma bela etapa da eficiência da Manutenção. (...) Estava eu novamente junto com os meus companheiros ouvindo uma reportagem da BBC para o Brasil. Notícias do Brasil. Nada de novo. Recebi apenas um pacote de noite, recebi um telegrama do Lau.

QUINTA – 8: Tudo corre bem. Pela manhã me dirigi à Companhia de Tratamento e depois fui ao SMB para me entender com o coronel Mury que não se achava aí. Retornei e tentei a estrada de Pracchia, indo até o BT que está estacionado em “Molino del Paloni”. Encontrei-me com dois tenentes que foram companheiros de viagem no camarote 203. Muito recordamos da nossa longa viagem e que já se vai distante pelos tempos. Com um deles tratei sobre assunto de conserto de rádio que em nada me pode servir, apesar da boa vontade. Assim regressei para vir almoçar ainda no Batalhão. Após o almoço, estive um pouco em repouso devido não estar passando bem. Regulando 15h, sai para Porretta em busca de recursos destinados à reparação de carros na oficina. Falei com o capitão Peçanha e lembrei-lhe que estava há dois meses sem compressores e que antes já

havam sido solicitados à Manutenção. Falei também com o capitão Confúcio e pedi-lhe que fosse comigo à 10ª Companhia Americana de Reparações para conseguir as peças para as viaturas que tenho, imobilizadas, na minha Manutenção. Nada conseguimos. Estive, após, na sala dos correspondentes de guerra no QG onde palestrei com todos eles. Com o Chico da BBC combinei de encontrarmo-nos sábado pela manhã. Despedi-me e regressei ao “front” onde ainda passou a ser a mesma de todos os dias. Da guerra, boas notícias da frente ocidental. Do Brasil recebi mais um pacote de mate cujo remetente não foi identificado. Nada mais houve.

SEXTA – 9: Continua tudo sem alteração. Estive no SMB onde recebi quatro carabinas e munição. Estive na Companhia de Tratamento para apanhar umas placas para marcação de números e letras. Depois fui até a casa de um pintor que está fazendo o meu retrato e de Gelcy a aquarela. Estavam quase prontos. Regressei ao PC, onde almocei. À tarde, fui a Suviana a fim de me entender com o capitão Lúcio sobre serviço. Na volta, passei em Bade onde convidei o professor Baruffi para ver comigo uma paisagem onde fica Pavana, para ele fazer dessa paisagem um quadro a óleo para o coronel Mury. Regressei ao PC, e passei o resto da tarde atendendo o serviço e fazendo um relatório para ilustrar um IPM sobre o desastre de uma ambulância. O movimento na Manutenção foi grande. À noite, tivemos como companhia para ouvir mensagem o coronel Gilberto Peixoto e o tenente aspirante Décio Amaral. Depois das mensagens, ouvimos os comunicados de guerra que estiveram bons. Da nossa frente, depois dos alucinantes combates, tudo se estabilizou. Os feridos têm sido poucos e quase sempre por minas. O Toledo andou pela frente e nada trouxe de novidade. O resto da noite foi para preparar as correspondências a fim de serem levadas na madrugada do dia seguinte. Foi só. Isto é, preparei o expediente de correspondências até 1h.

SÁBADO – 10: Às 5h45, estive de pé a fim de seguir para Pistóia, onde devia alcançar a mala do correio. Às 7h30, em Pistóia, onde, no correio, depusitei as correspondências destinadas a Gelcy, Lau etc. Aí tomei o “breakfast” tendo também me entendido com Chico sobre a ida à Florença.

Fui à Manutenção para tratar de assuntos sobre as minhas atribuições e também para conseguir uma peça que me faltava para liberar uma ambulância que estava sofrendo uma reparação de 4º Escalão em minha oficina. Depois de falar com o capitão Peçanha, Confúcio e Almir, eu resolvi me apegar com o sargento americano que é interesse diário entre o nosso serviço e o americano. Esse me prometeu conseguir ou na 109 ou no Depósito, em Florença. Assim fiquei tranquilo e confiante. Dei volta, passei pelo QG, onde me esperava o Chico pronto já para a nossa ida à Florença. Às 10h e pouco saímos, às 11h20 chegamos ao hotel para oficiais dirigido pelo Serviço Especial. Encontrei o tenente Prado (...) que agora está servindo nessa entidade. Após o almoço no hotel regado a vinho, somente eu e Chico à mesa, passamos para a sala de estar onde encontramos o major Saldanha e capitão Lasoque e um capitão-tenente da Marinha que veio com o 4º Escalão, chamado Arquimedes. Após curta palestra, eu e Chico saímos para darmos umas voltas pela cidade. Depois, fomos à redação do “Cruzeiro do Sul” onde permanecemos longo tempo em cordial e amistosa palestra com os rapazes que dirigem o jornal. Comprei no PE Americano um álbum e uma recordação de Florença tendo o escudo da “cobra fumando”. O Chico comprou um escudo da “cobra fumando” e me fez presente para eu dar à minha noiva. Estivemos por último no “Clube Brasileiro”, onde Chico apanhou uns discos seus e daí já saímos de regresso a Pistóia. Aí chegamos às 17h. Mande o carro com o chofer à Manutenção onde pegou o material que eu havia solicitado e no QG, enquanto esperávamos com a bagagem do Chico. Em seguida, o carro regressou e partimos para Poggio, onde está o PC do Batalhão, encontrando o pessoal acabando de jantar. Contudo, ainda se providenciou o nosso jantar que deu para matar a fome. Passamos depois a ouvir rádio. Os comunicados de guerra sempre bons. Depois começou a farra. O “Conde Regini” foi o nosso instrumento. Houve danças oferecidas a ele executadas pelo Chico que também entrou para a brincadeira, achincalhando a “nobreza italiana”. Depois, fizemos uma sessão espírita e o “conde” quase ficou louco. Rimo-nos muito, passamos bons momentos de despreocupação. Do Brasil, recebi uma cartinha e um telegrama de Gelcy que me deram boas notícias. Às 23h, apagou-se a luz e fomos dormir.

DOMINGO – 11: Manhã bonita e triste. Apesar de tudo, não me sentia com coragem de me levantar. Apoderou-se de minha alma uma saudade aguda e de meu cérebro uma reflexão que buscava toda a reminiscência de minha vida. Senti a natureza em toda a sua plenitude, os meus sentidos sentiam-na diferentes e pediam-me a natureza de minha terra. Na ânsia de sair desta nostalgia, fui para a oficina onde, acompanhando o trabalho que executavam os meus bravos auxiliares numa ambulância, pude vencer a primeira etapa do dia. Por muitas vezes li a cartinha e telegrama de Gelcy que mais me faziam sofrer ainda. O almoço foi especial. A Giovana nos preparou uma “talhatela” e sentamo-nos a mesa às 13h. Era toda a “nobreza” em plenário, com o nosso hóspede Chico. Foi um almoço alegre, ri muito dos diálogos do capitão Malicesky com o “Conde Costa Regini” sobre sambuca (...) e heráldica. O “ilustre milionário” reduzia tudo à insignificância colocando tudo abaixo da crítica. O “conde”, muito desapontado com o menosprezo de sua heráldica enquanto dobrávamos às gargalhadas. Após o almoço, estive na oficina onde o único trabalho que havia que era da ambulância destinada ao 4º Escalão, estava pronto. Despreocupado por me achar em dia sem serviço, resolvi fazer um repouso. Às 17h, fui despertado pelo telefonista que trazia três embrulhos de encomendas. Era uma caixa com doces, cigarros e balas, uma caixa de bombons mandada pela Gelcy e um saco de mate que não pude identificar o remetente. E com isso foi-se o dia. À noite, jantamos sempre no mesmo ambiente e fomos ouvir os noticiários cujas notícias eram de boas progressões dos aliados em todas as frentes. Além dos terríveis bombardeios aéreos em todos os centros industriais da Alemanha. Após esses comunicados, preparamo-nos para irmos a Moscaquia, situada a uns 500 metros do nosso PC, onde sargentos e praças do Batalhão organizaram uma festa. Com o beneplácito do Chico e eu levando o motor da luz, levamos o alto-falante da BBC e toda a coleção de discos de músicas brasileiras. O salão fica logo após a capelinha e é um velho pardieiro que foi preparado. Com a nossa presença na festa, levando naquele buraco das cercanias dos Apeninos os acordes dos sambas, marchas (...), os pracinhas se espalharam com entusiasmo e alegria. Até frevo foi dançado em número especial executado pelos sargentos Drô e

Abelardo. Além de mim e do Chico da BBC, encontravam-se muitos outros oficiais como o tenente Iturbides, Chesneau, Edgar, (...) Bandeira, Herbert, Soichet, etc. Tudo decorreu num ambiente (...) entusiástico até 1h45, hora que eu mais Chico nos retiramos trazendo a música. Ainda em casa, às 2h20, ouvimos a BBC para o Brasil e o Chico gravou a palestra “Reportagem da Itália para o Brasil”. Às 3h, fomos dormir. Assim se encerrou esse dia que me pareceu, a princípio, insuportável.

SEGUNDA – 12: Continua o tempo firme e já agradável em temperatura. A única novidade é o Chico da BBC em nossa Companhia. O dia correu sem anormalidade. A única coisa que houve foi na oficina, tive de repreender o meu sargento Pompeu porque o mesmo sempre assistia o serviço de luvas e mãos no bolso. Quando eu lhe dava uma ordem, imediatamente essa era por ele transmitida a um dos auxiliares da oficina, vezes este estando empenhado em serviço importante. Quanto ao meu serviço, fui arrumar uma mala e, depois, pintar o caminhão que transporta o estoque de material. À tarde, volta de 17h, convidei o Iturbides para irmos a Venturina onde se encontra um pintor aquarelista ao qual eu encomendei dois retratos, meu e de Gelcy. Chegando aí fomos recebidos no quarto de dormir da família que vive quase em promiscuidade. O artista, com seu tipo clássico que é também noivo de uma das duas moças filhas do casal, não saiu do quarto, ora trabalha, ora (...). Apresentou-me o trabalho pronto. O de Gelcy estava bom, o meu com algum defeito. Perguntei-lhe o preço e esse me foi dado com surpresa: seis mil Liras. Acontece que no dia em que deixei feita a encomenda, perguntei-lhe pelo preço e ele me disse, em italiano, que no final isso seria visto, mas que tudo ficaria bem. O soldado me disse que a base era de mil Liras cada, pelos serviços que ele já havia feito a outros. Ponderei-lhe pelo elevado preço do trabalho, ele começou a justificar. Eu não aceitei e exhibi-lhe a miniatura que eu havia mandado fazer em Florença por sete mil Liras. Resultado: tomei as fotografias originais e me despedi, dizendo-lhe que mais tarde acertávamos. Lá ficou ele com os postais em aquarela. Ao chegarmos ao acantonamento já aí estava a ordem de deslocamento para Lizzano in Belvedere. Várias providências haviam sido tomadas. À noite, depois de ouvirmos rádio, prosseguimos na arrumação de malas. Quando ouvíamos

rádio, as mensagens faladas pela Rádio Nacional, ouvimos com indignação as observações que dona Izolina fez a uma senhora de um capitão porque esta escrevia muito ao seu marido que para as cartas chegarem ao destino com prazo curto, era preciso que se escreva duas a três cartas por mês, etc. Estávamos ouvindo, eu, capitão Maliceski, Murilo, tenente Toledo e o Chico da BBC. Foi um protesto (...) que causa revoltante. Seguimos arrumando as malas, a Giovana e Laiza sempre assistindo com solicitude e já bastante apreensivas porque um período de dificuldades de vida estava assinalado com nossa mudança. Assim, fomos até que a luz se apagou. Da guerra, o noticiário era bom. Nada mais houve.

TERÇA – 13: Dia belíssimo. Grande atividade, embrulhos, malas e caixotes por toda à parte. Viaturas que se movimentavam de um lado para outro. Éramos nós (o PC do Batalhão) que depois de três meses e oito dias dávamos mais um passo a frente, em prosseguimento ao roteiro da Santa Cruzada para o extermínio do mal nazista. Nesta localidade onde sentimos os mais rudes golpes com as notícias (...) da perda de tantos companheiros, onde sentimos a adversidade dos elementos e do inimigo, onde a nossa estreia em mais de meio metro de neve, com um frio às vezes de 10 a 12 graus abaixo de zero, tudo colocou-nos em evidência perante os colegas de armas, perante a população (...) como homens capazes e tão superiores aos que se julgam mais superiores. Aí, emoções de todas as naturezas foram sentidas, uma página de glória ficou escrita para o Mundo e para o Brasil. Afinal, já com o Sol da Primavera, cheios de fé, mais dispostos ainda, largamos em direção ao inimigo que lá vai fugindo com as sucessivas derrotas. Às 10h30, larguei o meu comboio composto de cinco viaturas com a Manutenção. Na frente, segui eu com meu carro levando o Chico e o tenente Chesneau. Passamos por Porretta-Cilla e viemos depois de uma hora e pouco chegar ao tal Lizzano in Belvedere. Um belo prédio que outrora foi um hospital de convalescentes e depois colônia de férias dá aspecto de um moderno hotel. Com um grande “hall” no centro dividem o estabelecimento em duas alas, três andares e um térreo. Fica a uns 600 metros distante para o Sul da Vila de Lizzano. Ficamos regiamente instalados. Nada falta nesse edifício. Para Leste, um vale enorme dá uma vista estupenda, para o Norte está o famoso Morro do

Castelo, a Oeste e Sudeste, montanhas. Todos os movimentos das operações de guerra são vistos e ouvidos daqui. Todos os serviços da Divisão estão em Lizzano. O QG do General Mascarenhas fica numa casinha tipo futurista. Uma grande Igreja de cúpula ornamentada apresenta a cidadezinha. Veio à hora do almoço. Almoçamos e metemos as mãos à obra de instalação. Foi toda à tarde nessa atividade. Terminada a minha arrumação, tomei confortavelmente meu banho e fui para o refeitório dos oficiais que desta vez é o de uma caserna de verdade. Oficiais do Destacamento de Comando e da 1ª Companhia também se alojam aqui, todos fazem refeição juntos. É um momento alegre. Depois do jantar, saí com Toledo e fomos conhecer Lizzano. Encontramos em seus postos o coronel Gilberto, o coronel Mury e muitos oficiais amigos. Fomos até a 2ª Companhia que já há dias está montada ali. Palestramos um pouco e regressamos para ouvirmos rádio. Ouvimos boas notícias da guerra, principalmente a tomada de (...) pelos russos. Após, eu, Toledo e Iturbides num quarto que é um verdadeiro apartamento, conversamos até à hora de dormir. Os tiros ecoam constantemente lá no “front”. Agora, meia-noite, eu escrevo este diário. O Chico seguiu para o QG Recuado que está se instalando em Pavana. Disse-me que volta, vai ficar conosco. Foi só.

QUARTA – 14: Manhã linda. O Sol, arestas paragens, aparece mais cedo. A janela do meu quarto dá vista para o Casteluccio e Querciola. No meio dessas duas vilas está o vale que se perde de vista no horizonte e caminha juntamente nessa direção do nascente porque o Sol sai cedo. Levantei-me e fui para o café. Estava assim, começado o novo dia em Lizzano in Belvedere. Após orientar o serviço na oficina e dar umas ordens para serem executadas pelas manutenções das companhias, saí para um reconhecimento à procura de um lugar que permitisse lavagem de viaturas. Segui por uma estradinha que ruma para a direção Sul e fui sair na usina que fornece luz a diversas vilas da região, inclusive Porretta. Falando com o diretor da usina que é pequena e acionada por duas turbinas, produzindo 250 megawatts, esse me informou que havia aquela usina escapada por um milagre porque os alemães não perdoaram nenhuma outra. Soube aí que seguindo a mesma estrada estava o 9º BE. Então segui para lá a fim de falar com o capitão Lúcio que não estava. A engenharia está em um lugar

curioso, muito alto e bem numa bacia da montanha. Aí me parece que era uma colônia de férias. Hoje está cheia de refugiados de Bolonha. Dei volta, chegando ao Batalhão na hora do almoço. À tarde, fiz umas tabuletas para indicar o Batalhão e coloquei-as na estrada. Depois fui até Pavana onde já se achava quase todo o QG Recuado que está se mudando de Pistóia. Soube no correio que havia chegado mala, mas que só amanhã seria distribuída. Estive com o major Souza e vários correspondentes de guerra, menos com o Chico que não foi encontrado. Regressei logo após, jantei logo que cheguei e fui fazer uma visita a um médico “esfollate” de Veneza que habita o prédio que estamos. Agora, 20h30, estou escrevendo. De casa, recebi um telegrama da Gelcy anunciando ter ouvido a minha palestra pela BBC. Foi este o primeiro dia da nova posição no “front”. Da guerra, poucas novidades.

QUINTA - 15: Já muito cedo, quase com um Sol tropical, saí do acantonamento levando um soldado da cozinha, Penteado, para fazer em Pistóia, na Intendência, um curso de aperfeiçoamento. Levei cartas e telegramas para depositar no correio que já se acha em Pavana. Às 8h, estive em Pavana onde encontrei vasta correspondência para o Batalhão. Como ia para Pistóia, deixei-as e segui. Em Pistóia, depois de deixar o referido soldado na Intendência, fui à Manutenção, onde tratei de meus assuntos e almocei. Depois de almoçar, fiz umas compras na cantina e regressei passando em Bade onde fiz uma visita. Depois, em Pavana novamente, onde estive com os correspondentes Bagley, Chico e Brandão. Combinei com este para, segunda-feira, trazê-lo para ficar uns dias conosco e escrever alguma coisa sobre o Batalhão. Procurei as cartas e essas já tinham saído para Le Piève. Cheguei ao acantonamento às 17h30, em Lizzano in Belvedere. Logo que cheguei, perguntei pelas cartas e essas não haviam chegado. Providenciei que fossem buscá-las. E com o “black-out” saiu o jeep que, às 20h30, regressou trazendo a mala. Na separação das cartas, a primeira que recebi foi de Dolores e, finalmente, mais cinco de Gelcy, até o número 42, com uma do Rodolfo. Não fiz outra coisa senão, exultante, lê-las e relê-las.

SEXTA – 16: Um dia belo, querendo chover pela tarde. O meu primeiro pensamento foi de que hoje faz seis meses que entramos de prontidão no Brasil para partirmos para o “front”. Depois, continuei na oficina administrando serviços. Dois jeeps na manutenção de seis mil milhas faltando material. Fiz sair o meu carro com Nestor e Pompeu para Pistóia a fim de obtê-lo na Manutenção. À tarde, fiz várias partes sobre serviço, depois passei a responder as cartas de Gelcy e de outras pessoas. Às 23h, ainda escrevia cartas. Agora estou continuando este diário enquanto ouço a BBC dando boas notícias das frentes russas e dos aliados. Ótimo desenrolar dos acontecimentos. Agora estou pensando na ida a Pistóia e Pisa para receber um caminhão e uns objetos encomendados. Nada mais houve de novo.

SÁBADO – 17: Já muito cedo estive de pé e segui direção a Pisa. O motivo de me apressar para cedo estar em movimento, foi o de passar em Pavana onde está agora o QG Recuado e colocar correspondências na agência do correio que expedia mala neste dia. Toquei para Pistóia, indo diretamente à Manutenção, encontrando-a pronta para se deslocar no dia seguinte. Recebi um caminhão recuperado pela 109 que pertence à 1ª Companhia. Deixei o motorista Olívio com o referido veículo para trazê-lo e eu continuei para Pisa passando por Lucca. Em Lucca, ao meio-dia, fui diretamente para a casa de Carlos, casado com dona Tina, que é irmão do Pedro, meu velho morador de São Paulo. Aí encontrei o casal que ficou satisfeitíssimo com a minha chegada. A dona Tina preparou-nos o almoço adicionando alguma conserva que eu levei. Almoçamos e continuamos numa animada palestra até 15h. Nessas horas, me despedi e toquei para Pisa. Em Pisa, fui direto ao escultor que estava fazendo os bustos meu e de Gelcy. Encontrei ai o major Marcílio Gibson Jaques, do Grupo de Caça, que me deu notícia do pessoal, dizendo-me que vários aviadores estavam regressando assim como sargentos provenientes do rodízio. Recebi o meu trabalho que ficou excelente. Segui para a casa do pintor que também tinha pronto o meu retrato e de Gelcy a óleo. Ficaram bons, ótimos. Regressei vindo sem perder tempo para chegar à zona do “front” antes do “black-out”. Volta de 19h cheguei ao meu acantonamento onde nada havia de novo. Encontrei cinco cartas para mim, sendo uma de (...) outra do

Adhemar e três de Gelcy, uma cópia de uma mensagem dirigida ao General Mascarenhas, além de um envelope com postais de Gelcy. As cartas de Gelcy eram as 29, 32 e 38. Foi um dia de culto e conquistas, inclusive um elogio em boletim. Da guerra, tudo bem.

DOMINGO – 18: Pela manhã, entreguei o caminhão da 1ª Companhia que havia recebido ontem e fui à Igreja, à missa, uma nova e bonita Igreja a de Lizzano in Belvedere. Nova e tem um estilo gótico. Depois, vim para casa com o coronel Enock para tomarmos um amargo. Ele visitou primeiro, a minha Manutenção. Neste instante, entreguei um jeep da 1ª Companhia que tinha sido recuperado pelo 2º Exército. No meu quarto, tomamos o chimarrão e palestramos até meio-dia. Falamos sobre o major Aparício e sobre o expedicionário. Daí ele saiu para o almoço e eu também para almoçar em Poggio onde já se achavam Toledo, Iturbides, Chesneau e capitão Maliceski. Passamos horas de alegria e descanso. Depois, eu fui passear. Às 16h, regressei nada mais de novidade havendo. À noite, estive jogando baralho e passeando com uma família de italianos “esfollates” que habita o mesmo prédio que nós ocupamos. Da guerra, tudo vai bem, tanto na frente oriental como na ocidental. Além dos gigantescos bombardeios. Agora escrevo este. São 22h.

SEGUNDA – 19: Manhã primaveril. Desde as primeiras horas fui para a oficina onde providenciei uma cousa e outra. O meu pessoal trabalhou aferrado na manutenção de dois jeeps. Recebi da Companhia de Tratamento o motor da luz para a manutenção do 2º Escalão. Tive que chamar a atenção do motorista do rancho e da Companhia de Tratamento, o Herne, por falta de cuidado com as suas viaturas. Almoço, depois de terminá-lo, tivemos uma longa palestra sobre política no Brasil. Falou-se nos candidatos à Presidência da República. Ninguém acolheu a candidatura do general Dutra. Houve quem lembrasse do nome do Prestes. O coronel Borba, no entusiasmo da conversa, confessou que foi integralista. Mas isso porque o capitão Pacheco insinuou muito. Enfim, fizemos uma revista aos homens do passado e do presente. Continuei o meu trabalho à tarde. Com o Toledo, colocamos uma antena no alto da casa para ver se pegamos a Rádio Nacional que aqui não quer aparecer. Jantar. Logo após, visitei uma

família italiana de Bologna que me contou as misérias de guerra, a brutalidade do alemão, etc., e falou depois sobre o cavalheirismo do brasileiro e o quanto eles se sentiam felizes com a ocupação por nós deste pedaço da Itália. Nessas horas já ouvi o noticiário da guerra que foi bom, melhoram as ofensivas nas duas frentes. Com exceção da nossa que está parada. Agora, passo a preparar as correspondências para Gelcy. Já nas fraldas da montanha o combate está forte. O dia foi de muita saudade para mim.

TERÇA – 20: Tendo aprontado o expediente de correspondências na noite anterior, saí muito cedo sob um céu primaveril para alcançar a mala do correio que sai cedo da agência, hoje em Pavana, na estrada de Porretta a Pistóia. Assim sendo, muito cedo cheguei à localidade, onde, com tempo, depusitei as cartas e passei um telegrama a Gelcy. O primeiro conhecido oficial que vi foi o capitão Salamini, chefe dos correios avançados. Fomos para o refeitório para tomarmos o “breakfast”. Aí chegaram os repórteres de guerra: o Chico, o Norall, o Bagley e o Squef. Na mesma mesa, nos sentamos. Não tardou que a conversa se derivasse para a política do Brasil e as eleições. Todos os repórteres se mostraram indignados com a política getuliana mandando o Benedito Valadares lançar a candidatura do general Dutra que causou espécie de toda a FEB. Disse-me o Egidio que apenas cinco jornais no Rio estavam com a situação: o “Brasil Portugal”, “A Noite”, “A Manhã”, “O Radical”, todos financiados. Enfim, todos os correspondentes (menos o Brandão que se manteve calado) manifestaram suas atitudes contra o situacionismo da política brasileira. Terminou a palestra para levantarmos da mesa. Fora estive só, conversando com o Chico que me disse estar de viagem para Roma, a fim de trazer um aparelho de gravação para completar o programa que está fazendo sobre o Batalhão de Saúde. Manifestou-se desgostoso com o coronel Borba que negou licença para Toledo ir a Roma fazer o programa e negado de uma maneira áspera. Disse-me que decididamente faria o programa sem que o referido oficial tomasse parte. Terminada a conversa, me despedi e rumei direção a Poggio e Bade, levando comigo o cabo que trabalha no correio. Depois, rumei de regresso a Lizzano onde almocei e mantive-me toda à tarde a testa da oficina. Antes de chegar ao quartel, passei na Manutenção para fazer meu

expediente. À tarde, fui ao cinema, na vila, onde foi feita uma sessão especial. O cinema local começou às 15h, terminando às 17h. Conquanto fosse uma fita infantil, deu para rir um pouco. Depois, procurei uma família do senhor Pietro que é parente do professor Baruffi, a fim de entregar-lhe uma carta deste. A referida família me recebeu muito cordialmente e me convidou para almoçar um “talhatelo”. Aceitei e marcamos para depois de amanhã. Nada mais houve neste dia. À noite, fui a Bade, regressando à 1h.

QUARTA – 21: Passei o dia todo sem sair e com pouca atividade, pois, tomei um remédio que me exigiu imobilidade. Embora à tarde pudesse sair e fui até o SMB tratar de assunto referente ao material do Batalhão de Saúde que realizou uma importante solenidade no Alto Comando da FEB com a presença do comandante americano do 4º Corpo, onde o general Mascarenhas condecorou vários soldados e graduados que se destacaram nos últimos combates. De novo em casa, onde permaneci todo o resto da tarde. À noite, ouvi rádio e pela BBC ouvi a notícia da solenidade em Lizzano, dada pelo Chico. Os comunicados de guerra foram excelentes. Nada mais a registrar, isto é, preparei o meu expediente de correspondência e mandei o Nestor levar para o correio já de noite. Foi só.

QUINTA – 22: O tempo bom, primavera. Logo de manhã fui ao QG do general Mascarenhas, falando com o capitão Pará sobre a mensagem de Gelcy ao general. Marcamos às 16h para tratarmos do assunto. Fui ao material bélico e falei com o coronel Mury sobre assunto de serviço e também tivemos uma amável palestra. Depois, fui estar com o capitão Pará na casa onde funciona o expediente do general Mascarenhas. Aí me encontrei com o tenente Paulo, o capitão Pitaluga e o major Saldanha. Falei com o Pará sobre a mensagem que a Gelcy tinha enviado ao general sobre a remessa de agasalhos e assistência com geral aos soldados expedicionários, esse me respondia que o próprio general já havia agradecido tal mensagem e que o material tinha sido entregue. Falei com o major Saldanha que se prontificou a publicar no “Correio do Sul” a mensagem. Terminados esses entendimentos, rumei para casa do senhor Pietro que me esperava para o almoço. Após o almoço com a família italiana, vim para o quartel onde tomei providências para ir à Manutenção

levar um motor elétrico da Companhia de Tratamento e buscar material para a oficina. Regressando, encontrei na minha mesa duas cartinhas de Gelcy, a 44 e 43, ambas dando boas notícias. Também veio uma do Lau e outra do Hortulano. Preparei-me para o jantar. Após esse, fui à Engenharia que está em Panachio a fim de ter com o major Saldanha. Aí lhe mostrei a carta de Gelcy que havia recebido, a qual falava na campanha das madrinhas, etc. Foram mais elementos para ele fazer o comentário da mensagem a ser publicada. Já num pedaço da noite regressei. Ao chegar ao quartel, fui procurado pelo capitão Maliceski para botar em funcionamento o alto-falante da BBC que o Chico deixou comigo, a fim de ouvir mensagens faladas de sua senhora e parentes. Depois, passei a ouvir os discos de música brasileira até chegar à hora da BBC para o Brasil. Ouvimos boas notícias. Após continuei a escrever esta. Nada mais. Agora chega o Toledo (...).

SEXTA – 23: Sob um Sol tropical, iniciou-se o dia. Já preparado com minha equipe de manutenção, saí logo após o “breakfast” para a Companhia de Tratamento a fim de iniciar a inspeção do material rodante de toda a unidade. (...) Volta de 9h, estive na companhia e entrei em entendimento com o capitão Praxedes, comandante, a quem me apresentei e pedi licença para realizar o trabalho. Logo após, procurei o tenente Edgar, oficial encarregado dos motores. Esse ainda dormia, mas logo se levantou e metemos mãos à obra. Todas as viaturas foram sendo inspecionadas de acordo com as fichas regulamentares. Próximo das 12h, deixei o serviço já quase no fim e vim ao estacionamento para o almoço. Às 13h30, regressei novamente e terminei o serviço. A conclusão foi que o estado do material é bom. Volta de 16h, regressei passando por Porretta, onde (...) recebi um jogo de pilhas para rádio. Consegui também uns postais da cidade para mandá-los a Gelcy. Segui de regresso ao PC, passando pela 3ª Companhia onde avisei o pessoal que no dia seguinte seria aquela subunidade a ser inspecionada. No mesmo eixo da estrada fica a Companhia de Manutenção, onde estive também. Em Lizzano, jantei e segui para a 3ª Companhia a convite do coronel Gilberto para ouvir mensagens, levando o nosso rádio porque a indução provocada pela grande altitude das montanhas não permite ouvir as mensagens do Brasil. Aí ouvimos muito bem, inclusive o

comunicado de guerra. Regressei e preparei minhas correspondências para Gelcy até 1h da manhã.

SÁBADO – 24: Às 6h30, estive de pé e saí imediatamente para Pavana a fim de pegar a mala do correio para Livorno. Alcancei-a com tempo. Recebi aí um telegrama de Gelcy dando boas notícias. Encontrei-me com o Taborda e também com o major Belloc que passava em direção a Pisa. Fiquei de levar o chimarrão para tomarmos juntos no seu acampamento e darmos um voo de teco-teco. Como o Taborda não tinha condição, eu o levei até o seu acantonamento que fica próximo da minha estrada, junto a Porretta. Depois, segui para o local da 3ª Companhia, onde a minha equipe da manutenção já se achava fazendo inspeção das viaturas. Trabalhamos até a hora do almoço, deixando o serviço quase terminado. Nisto, faltaram oito viaturas que estavam empregadas no “front”. Viemos ao PC, almoçamos e regressamos para continuar o serviço que terminou às 15h. Vim depois ter à Companhia de Manutenção que fica tudo no mesmo eixo e fiz ainda um expediente de pedido e recebimento. Quando vinha para o PC, assisti um desastre de jeep que se despencou por uma ladeira abaixo, machucando-se um dos passageiros dos dois que viajavam. Tratava-se de dois soldados. Os feridos foram socorridos por nós. O Toledo também vinha comigo e aconselhou-me a levar o ferido ao posto de socorro do Batalhão (...). Levei-os e entreguei-os ao médico do posto, capitão Epaminondas. Felizmente, os ferimentos foram apenas escoriações. Após a entrega dos feridos, regressei ao Batalhão. Jantei e convidei o Iturbides para irmos até Poggio. Depois fui até Bade fazer uma visita. Regressamos às 24h.

DOMINGO – 25: De manhã, preparamo-nos, eu, Toledo, Iturbides e Chesneau para almoçarmos em Poggio. Preparamos as provisões e eu, Toledo e Chesneau tocamos na frente, saindo às 9h30 do acantonamento. O carro saiu avariado, falhando, fazendo umas quantas paradas pelo caminho até que consegui chegar à Companhia de Manutenção onde foi reparado. Ao meio-dia, chegamos. Aí já se encontrava o Iturbides. Às 13h, almoçamos a clássica “pasta-asciutta” magistralmente preparada por Giovana. Logo depois, enterrei-me na cama para uma cesta. Às 16h, em companhia do “conde”, deixei os companheiros e fui até Bade, visitar o

professor Baruffi. Voltei em seguida, peguei Toledo e seguimos em retorno, passando por Pavana onde apanhamos algumas correspondências para o Batalhão. Falei aí com o Joel (correspondente de guerra) e Brandão sobre as notícias da guerra e o colosso da grande ofensiva do general Montgomery¹⁴⁴, já com três dias e muito sucesso. Seguindo viagem, resolvemos passar por Gaggio Montano e seguimos direção a Casa Marconi, onde por três meses funcionou um PS do Batalhão. Em seguida fomos a Abetaia conquistada pelos brasileiros. Ao falarmos com um sargento do Grupo de Artilharia do coronel Levi Cardoso, aquele disse que não fazia muito uma “eficácia” havia matado um soldado junto a uma peça. Viramos para traz e tomamos uma estrada que corre paralela às linhas do “front” passando novamente por Gaggio Montano onde está o QG do general Cordeiro de Farias e passamos em (...) Querciola, etc., e fomos sair no Norte de Lizzano. À noite, permanecemos todos no quarto. Fizemos um chocolate, tomamos, conversamos muito, etc. Logo que chegamos, tomamos um bom chimarrão. Agora estou escrevendo estas memórias e já são 22h30.

SEGUNDA – 26: Com um tempo chuvoso, em estilo primavera, amanheceu mais este dia de “front”. Logo após o “breakfast” me dirigi à 2ª Companhia que está acantonada dentro da Vila de Lizzano, a 300 metros da nossa sede, para passar uma revista no material e continuar a inspeção que já vinha sendo feita desde sexta-feira na Companhia de Tratamento e 3ª Companhia. Devido à chuva e ao aperto onde se encontra o material, resolvi com o tenente Gilberto, atual comandante da companhia, que o material, isso é, viatura por viatura, comparecesse à minha oficina onde seriam inspecionadas. Assim foi que até ao meio-dia, várias tinham passado pelas vistas da equipe de manutenção. Depois do almoço, deixei o serviço a cargo do sargento Pompeu e fui até a Manutenção recolher o caminhão que servia o rancho, por apresentar o motor em mau funcionamento. Da Manutenção segui até Pavana, QG Recuado, onde no correio encontrei remessa de correspondência para o Batalhão. Peguei a correspondência e dei volta, passando ainda no Depósito do Serviço

¹⁴⁴ Marechal de Campo Sir Bernard Montgmoery.

Especial para dar um abraço no amigo capitão Boitê que me deu uma bandeirinha brasileira. De volta, estacionei em Porretta para visitar uma família amiga onde se hospedava o tenente Sylvio Carrera. Depois, segui direto para Lizzano, chegando ao PC do Batalhão na hora do jantar. Após esse, vim para a casa dar ordens, ver o resultado da distribuição das correspondências. Fui contemplado com duas cartinhas, a número 45 de Gelcy e uma do Domingos que foi escrita em São Paulo. Foi um presente de alto valor espiritual para mim. Iturbides e Toledo também receberam. Passamos a viver a hora sagrada (...). Nada faz quebrar o silêncio que reina nesse instante quando um verdadeiro contato sentimental se estabelece com a leitura das cartas que são lidas e relidas. Terminado esse cerimonial, elegemos o Toledo que se apresentou voluntariamente para fazer o correio do “tzar”, antes chamado também patrulha da madrugada que institui quando estávamos acantonados em Il Poggio, em pleno inverno, e que só eu o enfrentava em homenagem e honra a Gelcy para abreviar-lhe a chegada das correspondências e completar o noticiário até a data da expedição das cartas. Esse correio se ligava com Pistóia. Passamos então a preparar o expediente. Respondi a carta de Gelcy, número 54, respondi a de Domingos, escrevi ao Lau, ao Olavo Macedo e preparei cartões e jornais ainda para Gelcy. Enquanto uns escreviam, outros faziam chocolate, pois, sempre fazemos um pouco no quarto, tendo durado até à 1h, hora que ouvimos o último comunicado de guerra da BBC que nos deixou exaltados com as estrondosas vitórias no ocidente e oriente pelas forças aliadas. Foi este o dia que passou.

TERÇA – 27: O dia amanheceu fechado sob uma torrencial chuva que pedia à primavera para a renovação da natureza vegetal. Estive na oficina fazendo conferência do material e ferramentas, distribuindo alguma coisa às companhias. Nesta manhã três elementos que trabalham comigo ganharam como prêmio meu repouso em Florença. Os contemplados foram: Olívio Noronha e Libnitz. Saíram em viagem depois do almoço. Todo o material da 1ª Companhia se alinhava desde as primeiras horas da manhã para a inspeção que à hora torrencial nos permitiu que se realizasse. Após o almoço, fui para a Manutenção para ver se já estava pronto o motor eletrogênico da Companhia de Tratamento e levar outro

para concerto. Regressei em seguida e fiz a modificação do rádio de corrente da luz para pilhas. Deu bom resultado. À noite, às 19h, eu, capitão Maliceski, Iturbides, Toledo e Chesneau, fomos ao cinema de Lizzano. Levava uma fita de Carmem Miranda (...). Numa certa altura, Carmem aparece com o “Bando da Lua” cantando “O que a Baiana tem”. Foi um momento de grande emoção para mim! E principalmente porque neste instante encontrei semelhança do pequeno cinema com o de Bagé. Vi Gelcy, ao meu lado, e uma reflexão se misturava com a realidade de um “front” na Europa, onde num cinema cheio de soldados sentia-se o toar dos canhões a três quilômetros do “front” inimigo, cujo céu riscam as balas da nossa artilharia um pouco à retaguarda! Voltando do cinema sob uma chuvinha mansa que caía, viemos direto ao rádio, no quarto, para ouvirmos as sensacionais notícias das grandes ofensivas dos generais Montgomery e Eisenhower¹⁴⁵ sincronizadas com as russas em franca penetração no território do Reich. Notícias sensacionais enquanto que chega também a notícia da declaração de guerra pela Argentina à Alemanha e ao Japão pelas imposições estabelecidas na Conferência de Chapultepec¹⁴⁶, México. Ficou hoje escrito nas páginas da história da Argentina um capítulo negro ante o qual não há argumento para justificar. Primeiro traiu um compromisso firmado (Conferência do Rio¹⁴⁷) e depois como uma Nação sem vontade soberana, foi obrigada a capitular declarando guerra aos seus correligionários. Enquanto escrevo esta página, Iturbides faz o chocolate, Maliceski ouve as notícias e as comenta; capitão Murilo mostra as curiosidades artísticas compradas em Florença de onde chegou hoje à noite depois de cinco dias e Toledo dorme porque fez o correio do “tzar”. Agora são 22h e só eu estou de pé, o rádio transmite belas músicas. Foram os acontecimentos do dia.

QUARTA – 28: O tempo continua chuvoso. A primeira coisa que fiz foi atender a um chamado do coronel Amaury para tratar de assunto do

¹⁴⁵ General Dwight D. Eisenhower, supremo comandante dos Exércitos aliados.

¹⁴⁶ Conferência Interamericana realizada no Castelo de Chapultepec, no México, para tratar de questões de guerra e paz.

¹⁴⁷ Cf. INNIS, 1949, op. cit., p. 279, na 3ª Conferência dos Chanceleres Americanos, no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1942, o Governo do Brasil anunciou o rompimento de suas relações com a Alemanha, Japão e Itália, logo após o ataque de Pearl Harbour, em 7 de dezembro de 1941.

material. Para lá nos dirigimos: eu, o capitão Murilo e o sargento Pompeu levando o papelório. Feito o expediente, regressei e logo fui para o almoço. Terminado esse, vim para o meu quarto encontrando as cartinhas 46 e 47 de Gelcy e mais um envelope contendo várias fotografias. As cartas chegaram com 18 dias. Trouxeram excelentes notícias. As fotografias belíssimas. Deleitado com esse presente, saí para a Manutenção a fim de ver o motor elétrico da Companhia de Tratamento e dar entrada a um $\frac{3}{4}$ da 3ª Companhia que fora acidentado. Depois, fui à 3ª Companhia e providenciei o recolhimento do carro acidentado. Andando para o “Fild Hospital” fui ter com o doutor Alípio Correia, major comandante e professor da faculdade de São Paulo. O assunto foi sobre vesícula. Receitou-me uma tubagem e outros medicamentos. Fui depois ao correio e de lá ao Serviço Especial para receber do capitão Boitê uns objetos (...) Mostrei-lhe os retratos de Gelcy bem como ao capitão Almir, Peçanha Salamini. Acharam-nas admiráveis. Regressei ao Batalhão para o jantar. Jantei e, por ordem do coronel, fui examinar um jeep da 2ª Companhia que fora avariado pelo tenente Zali, o qual o coronel desejava punir por ter passado dois dias fora do seu posto na frente. À noite, estive no quarto ouvindo comunicado e escrevendo cartas para serem levadas pelo correio do “tzar” que pelo sorteio coube ao Iturbides. Enquanto escrevia e ouvia a palestra animada do coronel que tomava gim com vários oficiais, recebi a notícia do acidente de uma ambulância. Imediatamente fiz sair equipe de socorro que tomou as providências. A referida ambulância era da 1ª Companhia que tinha ido a Pistóia conduzida pelo motorista Paixão que fugira e embriagara-se naquela cidade. Além do motorista, havia um sargento e outro companheiro. Continuei a escrever e é 1h, hora em que estava ouvindo o comunicado da BBC dando as notícias sensacionais das grandes ofensivas. Foram os acontecimentos do dia.

QUINTA – 29: Amanheceu um belo dia. A primeira coisa que se verificou foi reportagem fotográfica feita pelo repórter de guerra da DIE de nome Horácio. Grande número de soldados e oficiais foi fotografado. Uma fotografia feita somente de oficiais onde se encontrava o coronel Gilberto. Logo após, comecei a minha inspeção ao material da 1ª Companhia. Às 15h30 terminei, encontrando o material em bom estado apesar de alguma

falta de técnica dos motoristas. Terminada essa etapa, preparei minha ida a Pistóia, o que, para tal, havia pedido licença ao coronel e ao capitão Maliceski. Preparei a bagagem e o “despafoh slip” e esperei o jantar. Às 18h, saí indo dormir em Bade. Aí cheguei volta de 20h, pois, antes passei na Manutenção a fim de saber do assunto de desastre que se verificou na noite anterior com uma ambulância furtada pelo motorista Paixão e conduzida a Pistóia onde fora a passeio e na volta, estando embriagado, jogou-a contra um jeep e fraturou as pernas do motorista deste.

SEXTA – 30: Às 6h30, sai para Pistóia aonde cheguei às 8h. Fui diretamente ao “16 Hospital” para me entender com os médicos brasileiros a fim de fazer uma tubagem duodenal para fazer exame de bÍlis conforme o desejo do major AlÍpio. AÍ chegando, procurei logo o major Ary que incumbiu o capitão Bandeira de providenciar. Após entendimentos daqui e dali, chegou-se a uma conclusão de que não podia ser feita a tubagem naquele hospital. Tomei apenas uma dose de soro glicosado e dei por finda a minha missão. Resolvi vir almoçar em Lucca, em casa do Dom Carlos, chegando às 11h30. Encontrei senhora Tina na cozinha preparando o almoço. Aliei as minhas provisões à cozinha e saiu um bom almoço. Depois me foi oferecida uma cama para a cesta. Dormi um bom sono e, às 17h, me levantei para fazer umas compras na cidade. Comprei músicas para a Gelcy, cartões, etc., e até violãozinho para mim. Às 18h, dei volta. De passagem por Pistóia, passei pela Intendência e consegui com o cozinheiro umas cousas para um lanche que seria feito em Bade. Às 21h, ali cheguei, indo à casa de ImÍdio. Disse-lhe logo que estava com fome. Logo me foi preparado o lanche que fiz juntamente com o Nestor. Após tocarmos violão, passei a preparar as músicas e cartões a Gelcy. Terminado, fui para o quarto que me arranjaram. Dormi bem. Do “front” se ouvia um intenso bombardeamento durante toda à noite. Notícias da guerra, nenhuma, somente sentindo a euforia de todos com a aproximação do fim da guerra. Foi o dia.

SÁBADO – 31: Levantei-me cedo e toquei para Pavana. O dia estava belo. Às 8h, cheguei a Pavana e fui direto para o refeitório do QG Recuado. Tomei o “breakfast” e fui à agência do correio, onde escrevi uma pequena

cartinha para Gelcy, um telegrama e mandei-lhe os cartões e as músicas também. A mala estava à minha espera e por isso a carta foi curta. Assim feito, segui em direção ao “front”. De passagem pela Manutenção, recebi os compressores das companhias, um tubo de acetileno e andei. Às 10h, cheguei ao acantonamento, em Lizzano. Nada havia de novo, a não ser duas cartinhas de Gelcy para mim, as de número 48 e 49. Ambas davam notícias boas e eram cartas com 18 dias de tempo. Lida as cartas, pedi ao Toledo que me aplicasse uma injeção, a tal glicose. Fiquei um pouco em repouso até o almoço. No almoço, apareceu para nos fazer companhia o tenente Fraga que eu conheci (e fiz amizade) quando visitava uma exposição de pintura no Palace Hotel, no Rio. Conversamos muito. À tarde, permaneci no quartel e o afazer foi organizar um pequeno álbum enquanto tomava um chimarrão. À noite, boas notícias já davam à sensação do fim da guerra. Mas o 5º Exército americano foi empregado na frente ocidental. Nada mais.

ABRIL

DOMINGO – 1º: Entramos hoje no mês da paz que se iniciou com o grande dia da ressurreição, Páscoa. Ao me acordar tive o pensamento transportado para junto de Gelcy, a fim de cultuando o nosso amor, passar com ela este grande dia do Cristianismo. Levantei-me e escrevi-lhe uma página da carta que continuarei a escrever depois. Preparei-me para ir à missa. Às 10h, eu e Toledo estivemos diante do grande templo, repleto de civis e militares. Fora tocava a Banda Expedicionária executando músicas populares. Às 11h, iniciou-se a grande missa. Foi, para mim, um dos maiores dias de culto que tenho feito além-mar. O coro era composto de elementos de nossa banda que executava e cantava belíssimas músicas sacras. Notei cousas curiosas das nossas virtudes sociais em meio de um povo que há tempos antes pregavam o racismo e distinguia raças inferiores na comunidade humana. O regente era um negro. O sacristão que ajudou a missa rezada pelo padre major Araújo era um americano com condecorações no peito. Via-se, assistindo a missa, além dos brasileiros, ingleses, americanos, canadenses e muitos civis italianos. O sermão foi maravilhoso. Disse o

padre que o evangelho era da ressurreição (o estrondo dos canhões de nossa artilharia que estava a poucos metros da igreja, troavam constantemente) e a própria natureza ressurgia debaixo de um inverno pavoroso com uma primavera que a estava transformando em verdes matas floridas. Assim, em breve ressurgia a vida feliz e tranquila de todos os brasileiros que aqui se acham, num momento próximo, voltando às suas casas. Terminou essa grande solenidade e eu me retirei para juntar-me com Toledo e a Iturbides que já me esperavam fora. Fomos direto à cantina onde fizemos compras para o nosso almoço em Poggio. Viemos para o quartel e partimos em seguida Poggio A caravana compunha-se de mim, capitão Maliceski, Iturbides, Toledo e Chesneau. Às 13h, chegamos a Poggio. A Giovana tinha o almoço pronto que foi em seguida para a mesa. Completamos o almoço com bom vinho, cervejas, etc. O prato principal era uma ovelha. Estava excelente. Rimo-nos muito e comemos também bastante. Levantamo-nos da mesa e passamos a uma sessão de música com o auxílio de meu violão. Cumprimentamos a dona Olga pela Páscoa e fomos dar um passeio pela montanha tendo o senhor “conde Costa Regini” e a família ao nosso lado. Passamos assim o resto da tarde em pleno contato com a natureza. Estivemos até uma localidade que se chama “Camperinho”. Aí tinham dois oficiais acompanhados. Segundo informações, os dois oficiais tinham alugado uma casa ali. Parece-me tratar-se dos capitães Salamini e Caú. Às 18h, regressamos contentes do bom dia que passamos. Agora, estou escrevendo este e ouvindo de quando em vez as notícias da guerra que são boas. A cada momento se deslumbra o fim do poderio germânico e descortina a paz. Foi a resenha do dia.

SEGUNDA – 2: Mais um dia em que as esperanças para o fim da guerra se redobram. O dia esteve belo. Tomei as providências sobre serviço, ordenando o recolhimento dos para-brisas descongeladores e redes de camuflagem às devidas unidades. Volta de 10h, saí em companhia do tenente Ary levando o Nestor que baixara à Companhia de Tratamento para efeito e um tratamento a base de penicilina. Também fui até o major Alípio no “32 Fild Hospital” para consultar sobre vesícula. Receitou-me penicilina, soro glicosado e urotropina, além de tubagem duodenal. Almocei aí em sua companhia, do doutor Breno e outros médicos. À tarde, regressei, trazendo

comigo para um passeio o capitão Breno Mascarenhas. No quartel, enquanto os oficiais dançavam com umas moças “esfollates” de Bolonha e da cidade de Lizzano, eu escrevia cartas para a Gelcy. À noite, o pessoal foi para o cinema. O nosso horário foi aumentando em uma hora, horário de verão. Os comunicados de guerra foram excelentes. Tudo indica o fim da “wermach”. Um comentário feito pela BBC, por Antoni Pedro, nos emocionou bastante. Foi a resenha do dia.

TERÇA - 3: Levantei-me sob a preocupação de fazer o correio do “tzar”. Assim fiz, às 7h, (dentro do novo horário) cruzei as sinuosas estradas de Lizzano para Pavana. Aí na agência do correio depus as cartas, sendo para Gelcy e contendo postais e um “star and strips” que inseria um artigo sobre a FEB. Depois tomei o “breakfast”. Mantive após uma conversa de alguns minutos com o major Puccini, capitão Murtinho da Justiça Militar e outros oficiais. Fui depois à procura do Chico da BBC que tinha vindo de Roma. Não o encontrei, tinha ido à chamada com os demais correspondentes de Roma, um outro correspondente inglês, seu auxiliar, técnico do carro de gravação que o Chico conseguiu. Este inglês é um “gentleman” e chama-se Douglas. Depois fui para o “Fild 32 Hospital” a fim de tomar um soro glicosado para completar o tratamento de vesícula receitado pelo doutor Alípio. O Breno me atendeu e providenciou o tratamento que foi feito sob a orientação da Jacira. Fiquei na enfermaria dos feridos. Havia dois soldados brasileiros feridos com estilhaços e um italiano também. Cada um tinha uma agulha espetada no braço tomando sangue integral que descia de garrafas suspensas em uma corda estendida. A minha também, de soro glicosado, ali foi suspensa e deitado esperei duas horas até que todo o líquido, quase um litro, fosse introduzido no meu sangue. Durante o tempo que esperei, apareceu a enfermeira-chefe americana, chamada “chif nurse” e outra enfermeira. O Breno também apareceu para pedir-me opinião sobre um trabalho referente à anestesia que está fazendo. Às 11h30, fui despachado, tendo regressado ao acampamento. Resolvi passar pela 3ª Companhia que fica no caminho (Crociale) e aí almocei com o Valentini. Depois segui para o PC onde passei à tarde deitado. Levantei-me para o jantar, mas antes dei as ordens na Manutenção porque tinha que vir para a Companhia de Tratamento fazer

penicilina e tubagem duodenal. Terminado o jantar, preparei as minhas cousas para permanecer na referida companhia durante cinco dias. Antes de sair, fiquei sabendo que o capitão Confúcio havia feito uma inspeção na escrituração da Manutenção e encontrou tudo bem. Às 19h, saí para chegar à de Tratamento às 20h. Apresentei-me ao capitão Praxedes e me entendi com todos. Às 21h, tomei a primeira injeção de penicilina que passou a ser de três em três horas. Da guerra, boas notícias de todos os “fronts”, além de um apelo do Papa aos alemães para que se rendessem. Foram os acontecimentos do dia.

QUARTA – 4: Amanheci hospitalizado sob a ação intensiva da penicilina. Comecei às 21h da noite anterior, tomando uma dose de três em três horas. Assim tomei às 24h, às 3h, às 6h e continuarei durante cinco dias. Levantei-me, passando em seguida para o quarto do capitão Praxedes, aonde iniciei uma tubagem que começou às 9h e terminou às 13h. Correu tudo bem. À tarde, passei deitado devido ficar um pouco abatido. Volta de 16h, fui visitado pelo capitão Maliceski e Toledo. Mais tarde, soube que tinha chegado uma mala do correio e fiz seguir, para lá (Lizzano), o Nestor para trazer correspondências minhas e da companhia. Volta de 20h, chegam três cartas para mim, uma de Gelcy, a número 50 e mais um envelope contendo um recorte de jornal que publica o discurso de Getúlio aos formalistas. Boas notícias numa cartinha muito substancial. Enquanto eu a lia, incluindo uma de Celina Nunes, padre Brito lia as suas. Passamos logo após a respondê-las. Respondi somente a de Gelcy. Da guerra nada soube. Foi a resenha do dia. Dei mil Liras para Jacira trazer de Roma umas encomendas.

QUINTA – 5: Continuo o tratamento de três em três horas de penicilina. Pela manhã, logo depois das 9h, fui a Pavana levar para o correio uma carta para Gelcy. De volta, passei no “Fild” para fazer dextrose. A enfermeira Carminha foi quem me aplicou. Terminei às 11h30. Conversei rapidamente com o doutor Monteiro que veio substituir o major Alípio que seguiu para Roma com o coronel Borba, também com o Breno, Santos e Monteirinho. Às 12h, já estava na Companhia de Tratamento aonde almocei. Após o almoço, fiz sair um carro para servir o doutor Santos, no “Fild”. Às 15h, sai

indo ao PC de Lizzano, onde estive até às 17h. Regressei e vim jantar no de Tratamento. Em Lizzano, nada de novo, apenas reuni o meu pessoal da Manutenção e falei-lhes do modo como deveriam proceder na minha ausência. Às 17h, saí de volta para, 18h, estar novamente na Companhia de Tratamento. À noite, fui a uma casa vizinha ouvir rádio. As notícias eram ótimas. Tudo indicava que a guerra tinha entrado na sua fase final. Volta de 23h, chegou de Florença o capitão Praxedes, comandante da companhia. Nada mais se assinalou de importante.

SEXTA – 6: Amanheceu um belo dia. A natureza continua fazendo florescer e brotar toda a vegetação do Vale do Reninho. Após o “breakfast”, estive no quarto aonde dormem Bartholo, Euzo e Mauro. Lá me barbeei e estive conversando até a hora do almoço. Almocei e me recolhi no quarto, onde passei algumas horas. Saí com intenção de ir ao PC, mas me desfiz dessa ideia e fui procurar um recanto ao Sol na margem do rio que fica uns metros abaixo. Quando subia, me encontrei com o Chico da BBC que vinha de Lizzano onde fora com seu carro de gravação dirigido pelo mister Douglas a fim de terminar o programa do Batalhão de Saúde. A sua visita foi rápida, pois, foi só para me deixar o seu abraço amigo porque ia para Florença e, possivelmente, seria transferido para outra frente. À noite, ouvi os comunicados de guerra que eram ótimos como todos os dias estão sendo, depois me ative a preparar as correspondências para Gelcy, trabalhando até à 1h. Foi mais um dia de guerra.

SÁBADO – 7: Amanheceu chuvoso. Às 9h, me dirigi a Pavana onde deixei as correspondências para seguir na mala que estava se fechando. Depois fui ao “Fild” onde tomei o soro glicosado com vitamina. Às 11h30, me retirei, vindo para a companhia, onde permaneci até às 15h, indo com o padre Brito para Lizzano, onde estive até às 17h. Nada de novo. Regressei e às 18h estive na companhia. Após o jantar, fui até ao vale do rio onde experimentei uma pistola alemã P-38 que pertence ao cabo Waldomiro. Volta de 22h, fui ouvir a BBC que deu boas notícias sobre as operações de guerra. Nada mais para a resenha do dia.

DOMINGO – 8: Apesar de domingo, continuei em casa, na mesma atividade dos dias anteriores. Encontrei aí entre a bagagem do padre Brito a benção Papal de toda a família do “doutor Lili” que veio pelo Pacheco e estava extraviada. Somente às 15h saí para Lizzano, onde estive até às 15h30. Regressei para o jantar e fui a Bade onde pernoitei. O meu tratamento ficou terminado. Durante os dias que passei na Companhia de Tratamento destacaram-se para minha amizade os soldados Porfírio que serve o capitão Praxedes e Pereira. Ambos foram atenciosos e dedicados para comigo. Os sargentos Lau e o Cautão, este estudante de Medicina em São Paulo, também ficaram na minha admiração. Foi tudo no decorrer do dia. Há uma parte humorística e macabra que aqui vou mencionar. Às primeiras horas da manhã, entra um soldado e chama o capitão. O capitão o atende e ele diz: “aqui está o homem do Pelotão de Sepultamento que não quer levar o defunto italiano...”. O capitão que não sabia da história exclama: “que defunto é esse homem?” O outro responde: “O soldado é um que foi atendido pela companhia e morreu aqui...”. O capitão pergunta ao tal do Pelotão de Sepultamento porque ele não levava o morto e ele responde: “seu capitão, nós estamos pelo regulamento do americano e não é da nossa atribuição conduzir civil morto”. Além dessa conversa, puxou tanta lei, tanta conversa diferente, etc. O capitão, após um silêncio, perguntou: “que vou fazer com este morto, meu Deus! Vou já telefonar ao chefe do SS, coronel Gilberto...”. Com essa solução, o rapaz do pelotão resolveu o assunto. Fim.

SEGUNDA – 9: Às 8h30, saí de Bade, vindo à Companhia de Tratamento. Aí encontrei em deslocamento o pelotão da dita companhia para Gaggio Montano em consequência do grande deslocamento que está se verificando para a direção de Bolonha. Peguei o que era meu e meti os peitos para Lizzano. No caminho, encontrei elementos da 1ª Companhia que estava a caminho de Abetaia. No QG, encontrei o pessoal também encaixotando a bagagem para deslocar-se amanhã para Crociale. Comecei tomar minhas providências e dentro de poucas horas estive com todo o meu material carregado. Depois do jantar, estive na Companhia de Tratamento para pegar um objeto que lá esqueci e fui até ao “Fild” para levar umas encomendas do major Alípio. O meu companheiro foi Chesneau.

Regressamos ao anoitecer. Agora, à noite, estou ouvindo as notícias da guerra e escrevendo esta resenha do dia.

TERÇA – 10: Amanhecemos sob a ação da artilharia tedesca, coisa que nunca previa se dar com o PC do Batalhão. E se não fosse retardarmos um dia o nosso deslocamento, não teríamos sentido tal bombardeio. A verdade é que há alta madrugada começamos a ouvir os estampidos que a princípio faziam crer que eram da nossa artilharia que estava situada nas proximidades. Com a continuação dos tiros, percebi que se tratava de explosões de granadas. Já voltam do amanhecer, quando mais intensificado foi o bombardeio, os “esfollates” refugiados que se achavam habitando os quartos dos três andares deram o alarme e em pânico desceram às escadas do prédio a procura de refúgio no andar térreo. Apesar de meu quarto ter uma janela que dava para o “front”, resisti até a última hora e só me levantei já dia claro. Observei onde caíam as granadas e pude ver bem onde duas explodiram: a pouco mais de 100 metros. Os estilhaços às vezes caíam sem força dentro da casa. Volta de 7h, cessou o bombardeio e então ultimamos os preparativos para o deslocamento. Às 9h, saí na frente e vim até Crociale para escolher o local para os meus homens. Às 17h30, voltei para almoçar, tendo assim que terminar o almoço dado ordem de marcha às viaturas. Em Crociale, foi uma tarde afanosa. Bem ao lado da estrada, com um movimento incrível, com mais ou menos umas 250 viaturas de todos os tipos a transitarem, me instalei. Poeira não se fala. Armei barracas, descarreguei o material, instalei o motor da luz e tudo funcionou na mesma tarde. Tive o pensamento voltado para o correio, onde de manhã havia estado para passar um telegrama a Gelcy e ao Lau, esperei chegar o carro de Livorno e nada veio. À noite, apesar de muito cansado, ainda ouvi rádio, tendo dado boas notícias. O movimento de toda esta frente é para uma grande ofensiva.

QUARTA – 11: Lindo dia amanheceu na nova posição. Passei o dia envolvido com as atividades na oficina. A primeira coisa que fiz pela manhã foi cumprimentar o coronel Borba que havia chegado à noite anterior de Roma. À tarde, tive aborrecimento na Manutenção devido à deslealdade de um dos cabos, o Batista. À noite, depois do jantar, mais

aborrecimentos. Um sargento e vários praças tomaram um caminhão do almoxarifado, nomearam qualquer chofer e foram passear (...). Agora, noite, já ouvi o primeiro comunicado que é bom. Fala muito no 5° e 8° Exércitos com suas ofensivas por terra, ar e mar. Massa já foi ocupada. O 5° Exército está na eminência da ofensiva final para Bolonha. E aqui ficam os acontecimentos do dia.

QUINTA - 12: Às primeiras horas do dia de hoje que amanheceu querendo chover, fui à estação do correio que fica próxima para botar as cartas e passar telegramas feitos na noite anterior. Ainda estava fechada a repartição. Voltei para o PC, tomei "breakfast" e, novamente, retornei, desta vez depositando aí as correspondências. Regressei em seguida e fui à Manutenção que fica a um quilômetro de distância à frente. Recebi um material que estava sendo pedido com urgência pelas companhias. Volta de 10h, estive no quarto para tomar glicose na veia. Os tenentes Chesneau e Iturbides trataram disso. Após a injeção, almocei e depois fiquei em repouso até quase a hora do jantar. No jantar, estavam presentes o coronel, o Pacheco e a enfermeira Jacira. Logo após o jantar, soube que o cabo Batista (incompatibilizado com os companheiros), foi transportado para a Companhia de Tratamento em troca do cabo Waldomiro que serve nessa unidade. Agora, estamos ouvindo mensagens depois de ouvidos os comunicados de guerra que deram notícias palpitantes dos progressos aliados em todos os "fronts", bem como na Itália onde o 5° Exército ocupou Carrara. Acresce que quando ouvia esses comunicados, entrou o tenente Iturbides trazendo-me um telegrama de Gelcy dando boas notícias. Do nosso Alto Comando, chegaram-nos-nos hoje dois importantes boletins que davam notícias das operações que se desenrolarão amanhã para liquidar definitivamente o inimigo na Itália. É uma concitação histórica que guardarei como recordação. Vi hoje, pela primeira vez, o boletim (em forma de jornal) da LBA que não diz outra coisa senão propaganda da família "Caaque". Nada mais, o céu está limpo e a noite calma. Ouvi da BBC uma entrevista do repórter da mesma com o diretor da Koap. Disse que o primeiro bombardeio (...) foi em 42 e a fábrica fechou com o bombardeio de 11 de maio. Disse que em 43 fabricou oito mil para o Exército, armas para navios, tanques, aviões, etc. Disse que trabalham 160 mil operários e

5 mil estrangeiros que eram privados e voluntários, etc. Muitas perguntas foram feitas.

SEXTA-FEIRA – 13: Zero hora. Página especial. Morte do Presidente Franklin Delano Roosevelt. Conforme correu o dia anterior descrito na página retro, já me achava dormindo quando Toledo me acorda e me dá a notícia da morte do Presidente Roosevelt, irradiado pela Rádio Nacional à 0h15. Foi para mim um grande choque. Senti como se algo de muito íntimo de minha alma havia se perdido. Disse logo aos tenentes Toledo e Iturbides que um homem providencial, um apóstolo da paz da liberdade e do bem estar humano havia desaparecido. Um homem que sofreu oito anos no fundo de um leito as mais cruciantes dores para redimi-las, sentindo também o sofrimento humano e colocando-se inteiramente ao serviço da causa da humanidade. Agora, mais que nunca era preciso à ação de sua inteligência e de seu grande coração para o estabelecimento da paz que ele tanto sonhara. E mais precisariam dele os povos transviados pelo fascismo. Nasceu Roosevelt em 1882. Em 1914, depois de formado em Direito, foi subsecretário da Marinha. Em 1920, o Partido Republicano foi derrotado e ele era candidato à vice-presidente. Sofreu nesse ano uma paralisia que o jogou no leito vários meses. Em 1934, eleito Presidente dos EEUU até o dia de hoje.

Na página seguinte, aparece colado no diário a seguinte mensagem:

“Front” – 12 – IV – 945 – Crociale.

QUARTEL GENERAL DO 5º EXÉRCITO
A TODOS OS OFICIAIS E PRAÇAS DO 5º EXÉRCITO

Durante cerca de dois anos, vós lutastes na Itália sob as piores condições de tempo e de terreno, contra um inimigo fanático. Vencestes os melhores exércitos inimigos e atravessastes suas mais fortes defesas. Libertastes a maior parte da Itália, do calcanhar do tirano. Mantivestes à vossa frente, forças inimigas que eram de grande necessidade para enfrentar nossos camaradas de outras frentes. Vossa campanha constitui um monumento ao treinamento, espírito combativo, arrojo, agressividade, determinação, vontade de sofrer as privações dos soldados aliados e ao comando dos oficiais de todos os postos.

Hoje, estamos às vésperas de nossa última grande batalha. A Leste e a Oeste, nossos camaradas estão levando o inimigo pela frente. Resta-nos destruir esta última grande força inimiga e completar a Vitória. Destruindo-a devemos:

- a) Evitar que inimigo retire forças para outras frentes;
- b) Impedir o inimigo de continuar a luta em qualquer outro lugar;
- c) Completar a libertação da Itália e evitar maiores males e destruição para esta infeliz nação;
- d) Negar ao inimigo, os recursos de que necessita para prolongar esta luta de destruição;
- e) Dar o golpe que em conexão com os ataques nas outras frentes, trará o colapso da resistência inimiga.

Na Itália, estamos em melhores condições do que nunca. Enfrentamos um inimigo enfraquecido por sucessivas derrotas, quase sem força aérea e com enormes faltas de suprimentos essenciais. Nossas unidades estão com toda a sua pujança, equipadas com o que há de melhor no mundo; nossos suprimentos são mais que adequados; contamos com o apoio integral de uma potente força aérea. Nossos planos são bons e cuidadosamente preparados. Nossos chefes são veteranos com experiência de combate e nossas tropas as melhores que o Mundo já viu.

O sucesso depende da execução e do sucesso desta operação que está em vossas mãos. Os olhos do Mundo estão sobre nós. Que cada oficial e cada soldado cumpram os seus deveres. Sede corajosos e confiai em vos próprios, em vossos camaradas, em vossos chefes, em vossa superioridade sobre o inimigo. Usai vossas armas e empregai todos os

meios para sobrepujar o inimigo. A velocidade é vital, usai vossas pernas. Sede agressivos, sede duros, ao golpear o inimigo; preparai-vos para matar e destruir e tomar o objectivo a todo o custo. E finalmente, mantende-vos alerta, usai vossa iniciativa, aproveitai-vos de qualquer oportunidade, não deis descanso ao inimigo. Aniquilai-o.

Com plena e absoluta confiança em vós e em vossa lealdade, eu contemplo esta operação com a certeza de gloriosa vitória. Sinto-me orgulhoso de ser vosso Comandante.

Mereceremos, uma vez mais, agradecimentos de nossas Pátrias.

L.K. Truscotto Jr.

Tenente General - U.S. Army

.....

O dia foi belo, mas triste. Parecia que a própria natureza sentia a grande perda do maior homem que nasceu para salvar a humanidade do flagelo da maldicência e do ódio. O meu coração se comprimia a cada instante, como se algum da minha família tivesse falecido. Numa conversa com o Toledo e Iturbides, entre lamentos e comoções, volta de 9h, espremi a seguinte expressão: Roosevelt foi o ser humano que mais se aproximou de Deus pelas suas virtudes. Sofreu primeiro para depois sublimar o seu grande sofrimento aliviando os seus semelhantes. Foi um apóstolo perfeito da democracia. Tinha sofrido insultos de todos os ditadores e resignado seguia no seu roteiro apostólico em profecias messiânicas alertando o Mundo do grande flagelo que se desencadearia sobre a humanidade movido pelo nazismo, totalitarismo. Depois de tanto pregar, viu que tinha chegado à hora de lutar e lutou como ninguém, libertou todos os povos oprimidos e morreu ao final da vitória no seu honrado posto de combate. Para mim foi o ídolo que deixou uma bíblia podendo ser transformada em evangelho de cada passo que der a humanidade no roteiro de seu destino.

Eu choro a sua morte porque desde muito cultuava sua grande personalidade e compreendia o seu boníssimo coração. O Mundo todo chora essa injusta e nefasta perda, mas o clarão de sua passagem nessa hora trágica há de iluminar as consciências de várias gerações. Ele soube pregar e deixou raízes que jamais fenecerão. A sua frase define sua fé e decisão: “Não há o que temer, senão o próprio temor”. A sua voz emudeceu, mas sua fé sobrevive. A Alemanha nazi blasfemou e vangloriou-se pelo acontecimento que enlutou o Mundo que ela quis escravizar. Foi coerente. Acontecimentos locais. Às 10h, recebi uma cartinha de Gelcy dando boas notícias, a de número 51. Senti um aperto na minha alma desolada com a notícia da morte de Roosevelt. Ainda pela manhã, reuni o meu pessoal e li os boletins do Alto Comando do 5º Exército sobre a frente da Itália. A seguir, falei na morte de Roosevelt, fazendo uma ligeira biografia de sua vida. À tarde, estive na Manutenção tratando de serviço. O jantar foi organizado pelo Sales e o tenente Chisostomo na casa de uma italiana. Conheci o capitão Geraldo, cunhado do Toledo que estava em visita (...) o bravo oficial de artilharia tomou um chimarrão conosco. O tenente Iturbides quase que foi vítima de um acidente hoje por volta de 14h30 quando ouvíamos rádio. É que um praça de polícia, no andar térreo, disparou uma carabina e a bala perfurando o assoalho veio ter a alguns centímetros ao lado do Iturbides e com tanta força que perfurou um móvel com quatro gavetas e ainda quebrou uma pedra de mármore. À noite, ouvimos rádio. O Mundo todo, inclusive o Japão, rendeu homenagens ao grande Presidente Roosevelt. Não se falou noutra coisa senão nessa grande perda que abriu um vácuo para o Mundo. Da guerra, ótimas notícias. Foi só.

SÁBADO – 14: Hoje, dia da última ofensiva dos exércitos aliados na Itália, amanheceu nublado e assim passou o dia. Às vezes um pouco de Sol e o dia foi quente. As minhas atividades foram voltadas durante o dia para a oficina. Andei trabalhando com pintura. As notícias da ofensiva chegavam constantemente, tudo estava correndo bem. Volta de meio-dia, recebi o número 27 do “Cruzeiro do Sul”. Folhando esse jornal expedicionário, encontrei um tópico que dizia: “Bagé aos Expedicionários”. Lendo a nota, vi que se tratava da campanha movida pela Gelcy e publicava um trecho de

sua mensagem ao general Mascarenhas. Da DIE também chegou-nos um boletim de exaltação a FEB, concitando a todos os seus elementos para um último esforço. Volta de meia-tarde, chegou notícia da queda de Montese capturada pelos brasileiros. Até às 18h, as perdas consistiam em dois aspirantes, um outro oficial ferido e mais 18 praças. À noite, pareceu estar mais calmo o “front”. O jeep do coronel foi acidentado e socorrido por mim no caminho do “front”. As notícias das frentes são ótimas.

DOMINGO – 15: Amanheceu bem o dia. Grandes apreensões preocupavam-me o espírito devido à ofensiva que desde o dia 14 estava se realizando. Passei as primeiras horas da manhã ativando o serviço de recuperação do jeep do coronel e numa ambulância. Nesse pedaço de manhã vi passar três caminhões cheios de prisioneiros tedescos. Eu, pessoalmente, trabalhava no meu $\frac{3}{4}$ ultimando a sua reforma com a pintura. O domingo foi bem diferente dos que estava acostumado a passar, com missa, almoço em casa de família, etc. Não deu nem para sentir que era domingo. À tarde, volta de 15h, deu para sentir que era domingo. À tarde, volta de 15h, aparece o Iturbides com muitas cartas que trouxera do correio. Para mim, estavam destinadas cinco, uma do coronel Reifschneider, uma do Lau, uma do Olavo, uma da Lúcia e uma da Gelcy. Coincidiu que nesta hora eu estava pintando o nome de Gelcy no meu carro. Para terminar a pintura, fui mais de uma vez à Manutenção que fica próxima. Só depois de terminado o serviço é que fui ler tais cartas. Todas davam boas notícias. A de Lau, a notícia de seu afastamento do Exército e ida para Mato Grosso. Após o jantar, fomos para a casa onde estão o Sales, Ary e Chisostomo, onde tomamos um chocolate. O pedaço de hora foi divertido com as anedotas. Às 10h15, estivemos novamente no nosso quarto para ouvirmos os noticiários. Todos muito bons. A prisão de Fon Papen e outros líderes nazistas me alegraram muito. Do nosso “front”, 204 feridos brasileiros e 19 alemães. Do Batalhão de Saúde, dois padioleiros mortos e cinco feridos. Pesado tributo para quem não combate e tem como missão salvar e aliviar vidas. Nada mais senão temperar a alma aflita e desolada pelo roteiro ambiente de guerra.

SEGUNDA – 16: O dia amanheceu com o céu um pouco nublado, mas o tempo firme. Continuei minhas atividades de recuperações de viaturas e ultimei a reforma do meu carro. Do “front”, a todo instante, chegava notícia da bravura com que estavam combatendo brasileiros e americanos. O número de feridos brasileiros anda em quase 300 e, americanos, 700. Como se vê, a guerra está no fim, mas o sacrifício ainda é enorme. A aviação nestes três últimos dias cobre o céu rumando em direção ao Norte da Itália. À tarde, depois do jantar, fui com Chesneau e Toledo até ao posto do correio. Chegando ao PC, o telefone estava me chamando. Atendi e era a Companhia de Manutenção que avisava que tinha uma ambulância pronta. Imediatamente peguei o Paulo Eugênio e fomos buscá-la à esteira do meu carro depois da reforma. Recebi-a e entreguei-a ao Paulo para ele dar o destino à referida viatura. Eu fiquei palestrando com a oficialidade da Companhia que estava reunida em torno da mesa do jantar, tendo a companhia do major Assunção. O assunto era sobre guerra e política do Brasil. Tomei parte ativa nos detalhes. Aí fiquei até 20h20, hora que me retirei para ouvir o comunicado das 20h30 no PC. Reunidos, encontrei o capitão Maliceski, Murilo, Toledo, Iturbides e Chesneau. As notícias eram boas e anunciavam a ofensiva russa sobre Berlim.

TERÇA – 17: Correu o dia sem anormalidades. Depois de tirar várias fotografias do meu carro e do pessoal da Manutenção, construí uma rede de fios isolados de redes telegráficas abandonadas, para voleibol. Após o almoço, fui até Porretta abastecer a Manutenção de gasolina. Um pouco adiante onde fui apanhar água potável está o Pelotão de Sepultamento. Fiquei sabendo aí que nos dois últimos dias haviam sido sepultados 15 homens brasileiros, incluindo três oficiais, sendo que um era o 2º tenente Ari Rauen, oficial dentista que foi colhido por uma mina quando acompanhava o tenente Ivan para socorrer outro oficial ferido. Voltei para o PC, onde jantei e recebi um telefone da 1ª Companhia dizendo que no PS de Montese estava uma ambulância avariada por granada. Fiz a equipe e toquei para o local, saindo por volta de 18h. Cheguei a Tamburini e me entendi com o doutor Monteiro de Barros que me disse estar à ambulância em zona batida pelos alemães. Contudo, prossegui e fui ter no local

rebocando a referida ambulância. Às 20h30, cheguei a casa e sem novidade. Dos “fronts”, boas notícias.

QUARTA – 18: Hoje, sob um Sol primaveril, as minhas primeiras preocupações foram o material. Já na noite anterior, logo após o meu regresso com uma ambulância que estava acidentada por estilhaços de granada no “front”, em Montese, recebi outra notícia que outra ambulância da 3ª Companhia, servindo no mesmo “front”, também tinha sofrido o mesmo. Assim, providenciei a recuperação desta, fazendo seguir o meu carro $\frac{3}{4}$ com o cabo Waldomiro e Nestor. Disse-lhes que passassem na 3ª Companhia, em Bombiama, apanhassem o chofer da dita ambulância e seguissem destino a Montese. Antes, deveriam chegar ao PC do 6º em (...) e aí falar com o capitão para saber se havia perigo de se chegar até Montese. As informações não os aconselhavam a seguir para frente, entretanto, apesar de eu os terem dito que me esperassem neste caso, eles, num arrojo e coragem para o fiel cumprimento de seus deveres, enfrentaram o perigo e foram até Montese. Aí, terra de ninguém, desolada pelas bombas e metralhadoras dos tedescos, penetraram até onde estava a ambulância e retiraram-na para a estrada e tocaram para trás. Quanto a mim, depois de receber os casos de urgência que tinha, segui no jeep do capitão Murilo para auxiliá-los. Passei pela triagem da 1ª Companhia e pedi notícias do pessoal que não me souberam dar. Falei ligeiramente com o Paulo Wishart e segui em direção a Montese. Mais ou menos em Tamburini, encontrei a equipe heróica conduzindo a tal ambulância. Perguntei como tinham ido e me contaram do aspecto em que se encontrava a cidadezinha. Com o menor movimento, os alemães que estão a poucos metros nas alturas dominantes atiram de canhão mosteiro e (...). Tudo são ruína e desolação, o cheiro fétido de cadáveres apavora. Enfim, apesar de tudo, os meus homens cumpriram à risca as suas missões. Logo após o nosso encontro, regressamos, chegando às 12h15 no PC em Crociale. A ambulância estava com 75 furos de estilhaços. Satisfeitas as curiosidades do pessoal, se fizeram várias fotografias. Mais tarde recolhi-a a Manutenção. Fiz outros serviços durante à tarde. O jantar foi em comemoração ao aniversário do capitão Maliceski. Teve a presença de todos os oficiais do PC, inclusive o comandante. Ouvei as notícias da guerra

que foram ótimas. O nosso “front” paralisado. Nada mais de novo. Foi a resenha do dia. Volta de 21h, um avião alemão sobrevoou a zona e deixou cair bombas.

QUINTA – 19: O dia surgiu com Sol tropical. Após o café, fui ao correio onde passei um telegrama para Gelcy. Regressei e saí imediatamente para a Manutenção a fim de providenciar o conserto do carro do Iturbides. Aí encontrei vários aviadores do Esquadrão de Observação onde estava o tenente Taborda. Convidei-os a ver a ambulância que tinha sido recolhida no dia anterior com 75 buracos de estilhaços de granada. Providenciei o meu serviço e voltei, trazendo o sargento Fontana para fazer uma consulta com o Chesneau e passar à tarde na minha Manutenção. Após o almoço, estando muito cansado, estive em repouso até às 14h15. Às 15h, fui levar à Companhia de Tratamento o capitão Praxedes. De lá vim e fui até o “Field” onde visitei o Breno, tendo ocasião de conhecer tal doutor Ferreira que é (...) no Estado do Rio. Depois resolvi passar no acampamento do Esquadrão de Caça, alojado numa boa casa. Após uma palestra com o major Belloc, esse me convidou para o jantar. Aceitei e permaneci aí até às 18h, quando regressei. À noite, a reunião foi grande no nosso quarto ouvindo rádio e comentando cousas da guerra. Do nosso “front”, notícias que a Divisão de Montanha já estava nas proximidades de Bolonha e os alemães fazendo retirada em larga escala de todo o nosso “front”. Às 10h15, ouvimos a BBC em português e fiquei estarrecido quando ouvi as notícias das atrocidades praticadas nos campos de concentração alemães de Buchenwald e Kelsen. Um primitivismo sem precedente na história dos povos. Nem a Inquisição, nem as loucuras de Nero foram tão bárbaras. Terminada a irradiação, em silêncio, como que tocados no mais profundo sentimento de solidariedade humana, um por um se retirou. Estavam presentes o coronel e o capitão Maliceski, os tenentes Geraldo, Bartholo, o Tales, o Antonino e os “Três Mosqueteiros” com Chesneau. Ficamos a comentar, assombrados, a macabra notícia que abalou o Mundo todo.

.....

Transcrição dos folhetos colados nas duas páginas seguintes:

V EXÉRCITO – IV CORPO – 1ª DIE – ESTADO MAIOR – 1ª SEÇÃO

QG Avançado, 12 de Abril de 1945.

Soldados do Brasil,

À hora decisiva chegou. O fim do nosso inimigo se aproxima com extrema rapidez. A arrogante Alemanha, invadida por Leste e por Oeste, já não suporta os duros golpes que lhe assestam os bravos Exércitos das Nações Unidas.

Na Itália, onde nos trouxe compromisso militar e o desejo indiscutível de participação no conjunto que ora fazem extinguir o mais tirano dos regimes de todos os tempos, as forças aliadas sob o Comando Geral do Marechal Alexander, reiniciaram a ofensiva.

A nossa Divisão que tem sabido cumprir com galhardia as honrosas missões impostas pelo IV Corpo aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E quando essa hora nos for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpeto que o sentimento da honra militar incentiva, atirar-se sobre o alemão, com a vontade férrea de não o deixar mais respirar, até a completa asfixia.

Avante, pois. É o último esforço que o Brasil exige de nós. Tenhamos certeza do êxito, que depende exclusivamente de cada um dos soldados da FEB. A vitória decisiva já se faz anunciar. Ela, mais uma vez vo-lo digo, depende de cada um. Saberemos cumprir o nosso dever, único meio de podermos, cabeça alçada, chegada a Paz, retornar ao nosso país tão querido com a convicção firme e indiscutível de o haver servido com amor e desinteresse.

Gen. Div.

JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS

Cmt. Da 1ª DIE

.....

QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS ALIADAS

Abril de 1945

ORDEM DO DIA ESPECIAL

Soldados, marinheiros e aviadores das forças aliadas no Teatro de Operações do Mediterrâneo:

A vitória final está próxima. As forças alemãs estão cambaleantes e só necessitam de um golpe poderosos para ficar para sempre fora de combate. Chegou o momento de nos lançarmos à última batalha que terminará a guerra na Europa. Sabeis o que nossos camaradas estão fazendo nos campos de batalha de Leste e Oeste. É agora a nossa vez de executar nossa missão decisiva. Não será um passeio; um animal mortalmente ferido, ainda pode ser muito perigoso. Deveis preparar-vos para uma luta difícil; mas o fim é bastante certo e não há a menor sombra de dúvida sobre ele. Vós, que vencestes todas as batalhas em que vos empenhastes, vencereis também esta última.

Lançai-vos, então, ao combate com confiança, fé e determinação de liquidado. Deus vos guie e boa sorte para todos vós.

H. R. ALEXANDER

Field Marshal

Supremo Comandante Aliado no Teatro de Operações do Mediterrâneo

.....

SEXTA – 20: O tempo continua bom. Desenvolvi as primeiras atividades entre minha oficina e Companhia de Manutenção sobre o material para a sua conservação e reparação. Após o almoço, saí para Pistóia, onde fui ver

para o S-4 uns fogões na Intendência. Como resolvesse rapidamente o assunto, resolvi dar uma chegada até Montecatini, a fim de fazer umas compras no PE. Fiz várias compras, comprando uma mala “A” americana, um saco de lona, um “combat bort” para o Olívio e outro para um soldado do Batalhão convalescente aí no hospital na mesma cidade. Aproveitei e fiz um corte de cabelo num barbeiro da cidade. Passei ainda por Pistóia, onde fui até a cantina brasileira para comprar alguma coisa de comer. Saí de volta escalando a serra e cheguei às 18h30 no acampamento em Crociale. À noite, após ouvir os noticiários de guerra, todos ótimos, escrevi a Gelcy e ao coronel Bina (pedindo-lhe que tratasse do assunto da minha promoção). Foi a resenha do dia.

SÁBADO – 21: O Dia de Tiradentes amanheceu belo e foi bem comemorado, pois, as primeiras notícias da libertação de Bolonha e fugas desbaratadas dos alemães começavam a empolgar os expedicionários. Ao meio-dia, foi confirmada tal notícia. Um ambiente de avanço foi sentido em toda parte. À hora do jantar, o comandante anunciou o nosso deslocamento para frente após o almoço do dia seguinte. Tomei as providências na oficina e os trabalhos foram intensificados para que tivéssemos prontos no dia imediato. Estive por várias vezes na Manutenção. A primeira corrida que fiz no dia foi logo após o café quando fui ao correio levar as correspondências. À noite, em companhia do Iturbides, fui a Il Poggio e Bade. Em Bade, me despedi de uma família amiga e também em Il Poggio. Voltamos à 1h da manhã e ouvimos a Hora do Brasil numa exaltação a FEB por seu espetacular avanço tomando Íola, etc., e caminhando para Bolonha. Todas as estações falavam na queda de Bolonha e o avanço para o Pó. Foi só.

DOMINGO – 22: Castel d’Aiano. A alvorada foi à voz de preparação para o deslocamento, nossos companheiros já estão próximos de Bolonha e Modena. Dei ordem aos meus homens de carregar os caminhões. Duas horas depois, estava tudo pronto. Às 9h30, estive com Iturbides em Gaggio Montano para receber no Serviço Especial uma oferta da Coca-Cola para o Batalhão. Passei na Companhia de Tratamento e deixei a sua ração, indo depois ao correio onde encontrei uma grande mala para o Batalhão.

Trouxe-a e havia três cartinhas de Gelcy para mim. Li-as correndo e fiquei alegre porque eram portadoras de boas notícias. Eram as cartinhas 53, 54 e 55. Fui a um banho de campo instalado pelos americanos nas proximidades do nosso acampamento. Voltei para o almoço, ultimei os preparativos de minha bagagem e tive ordem de sair. Volta de 15h30 cheguei ao local designado. Vê-se um grupo de casas em ruínas, ao lado de uma casa um tanque americano incendiado; mais adiante, um alemão numa estradinha, também atingido por bomba de avião. Essa região fica nas proximidades de Castel d' Aiano para onde não podemos ir por não haver uma só casa de pé e o terreno estar todo minado. Logo após a nossa chegada, procurei uma instalação para os meus companheiros e a Manutenção. Isso foi numa casinha há uns 200 metros. Em três horas de trabalho, tudo estava acondicionado. À noite, funcionou o rádio e a luz. Eu e meus companheiros ficamos bem instalados, meu quarto no primeiro andar. Após tudo funcionando, bem à tardinha, fui até um grupo de casas logo à frente, seguindo sempre os trilhos devido às minas que podiam ter pelo terreno. Falando com um dos italianos, esse me descreveu as arbitrariedades praticadas pelos alemães. Num canto da casa há uma sepultura onde há 48 dias foi sepultado um rapaz de 16 anos, morto por um estilhaço de granada de um tiro alemão. O corpo foi sepultado ali porque não era possível transportar para um cemitério devido aos perigos dos bombardeios que atingiam todos os arredores. Disse-me que o corpo ia ser retirado no dia seguinte. Enfim, tudo é macabro. Já noite, chegaram os companheiros Iturbides e Toledo. O Chesneau tinha vindo comigo. O coronel, os capitães Maliceski e Murilo ainda ficaram para virem amanhã. Ouvimos os comunicados de guerra que davam palpitantes notícias sobre o avanço dos russos sobre Berlim e das tropas aliadas, muito adiante de Bolonha sobre o Pó. Quando tudo se silenciou, li mais uma vez as cartinhas de Gelcy, enchendo-me o coração de alegria e saudade. Foi mais um avanço registrado.

SEGUNDA – 23: Bom dia, apenas frio. Durante o dia passei trabalhando, não saí. De manhã fiz umas fotografias nos tanques incendiados (americano e alemão) com as máquinas do Cury e do soldado do “suply”. Ao meio-dia, tive ordem de me preparar para novo deslocamento a se dar

na manhã seguinte, às 6h. Em consequência, o resto da tarde foi ocupado com preparativos. Fiz sair, pela manhã, o meu carro com Paulo Eugênio e Nestor a fim de irem a Pavana para prestarem depoimento no inquérito sobre acidente de viatura. Ao mesmo tempo, eles fizeram ligação com a 1ª Companhia de Manutenção. Da guerra, difícil é acompanhar os grandes feitos das nossas armas que conquistam a cada momento vitórias espetaculares. Em cada comunicado, novas conquistas. A ofensiva do 5º e 8º Exércitos transformou-se numa perseguição sem tréguas à “wermacht” que foge em debandada. O Vale do Pó já foi atingido e assim por diante. Da Europa Central, Berlim sob o fogo da artilharia e a cidade ameaçada de cerco. Como o dia foi movimentado e a alvorada teria que ser tocada cedo no dia seguinte, resolvemos todos dormir cedo. Mas, mesmo assim, fomos até tarde. Eu escrevi carta para Gelcy e preparei outras correspondências. Depois, os entusiasmos das notícias que cada uma anunciava vitória, todos foram até tarde para se acomodarem. Foram as resenhas do dia.

TERÇA – 24: Às 5h, tocou a alvorada. Levantei-me rapidamente, preparei-me e às 6h dei saída com as minhas viaturas e me incorporei ao resto do comboio chefiado pelo capitão Maliceski. Começamos a rodar e sempre vendo a margem das estradas nos altos e baixos do acidentado do terreno, as ruínas das casas que suportaram o passo da guerra. A estrada era um colchão de pó. Todo o trânsito é feito pelo centro da estrada devido às suas margens estar minadas. Além disso, as grandes crateras abertas por toda à parte pelas bombas de nossa aviação. Todas as obras de arte foram destruídas pelos alemães, mas o trânsito foi restabelecido pela poderosa máquina de guerra aliada. Em todos os lugares, se passa pelos “big-pass”. Depois de alguns minutos, o terreno foi ficando mais suave e ao longe, em direção Norte, já se descortinava os horizontes da grande planície entre Apeninos e Alpes. A própria natureza foi modificando. (...) Eu dirigia o meu carro ao lado do Chesneau (“barão”) que sempre é meu passageiro e com quem alimentava uma boa palestra. O trânsito estava infernal, toda a FEB estava na acelerada corrida atrás de “tedesches”. A poeira era tão forte que os carros viajavam de luz acesa. Mais ou menos depois de uma hora passamos por Zocca, localidade em ruínas. As casas conservadas estavam ocupadas com vários serviços e comandadas pela FEB. Mais meia hora

adiante chega Rocca Malatina aonde o PC da 1ª e 2ª se instalou. É uma pequena vila. O povo em regozijo punha as mãos para o céu e dava boas-vindas aos libertadores. Cada indivíduo queria contar a sua história, das monstruosidades dos tedescos durante um ano de ocupação. Juntos, todos os oficiais do DC escolhem uma boa casa que é de um dentista que se acha “esfollate” em Bolonha. A casa está um tanto estragada porque habitaram nela os alemães. O povo ainda sentia o pavor do medo, pois, faz dois dias que os alemães tinham deixado essa vila. Depois de me instalar, dei umas voltas pelos arredores da cidade onde numa casa grande, situada no fundo de uma depressão, estavam vivendo 75 pessoas, foragidas ali. À tarde, recebi ordem para manter contato com a Manutenção que tinha se transferida para Vignola. Depois de meia hora, passando por região onde a movimentação de terreno é bem suave, fui ter a Vignola, já em plena planície. De longe se avistava em todas as casas uma bandeira branca e outra dos patriotas com as cores da bandeira italiana. A cidade fica à margem esquerda do Rio Panaro. A população regozijava-se com a chegada dos brasileiros que foram considerados como libertadores. Eram uivos e adeus, etc. Disseram-me que os primeiros soldados que andaram a pé pela cidade foram beijados pelas moças como saudação e boas-vindas. Dei minhas voltas pela cidadezinha que tem seus estragos de guerra. Os alemães se retiraram daí no domingo, há dois dias, portanto. Regressei logo depois e vim ter ao acampamento, tendo tempo de visitar ainda um cemitério alemão de cinco sepulturas, sendo quatro soldados e um capitão alemão que compunham a guarnição de um tanque atingido por bombas na frente de Belvedere. Disseram-me que havia uma igreja próxima que tinha ruído com explosão de bomba, onde se achavam soterradas cinco pessoas que não foram retiradas porque havia duas bombas que não explodiram e tinham medo de mexerem. Nada mais houve.

QUARTA – 25: Às primeiras horas do dia recebi a notícia de um desastre com uma ambulância da 2ª Companhia que precipitara a um abismo nas proximidades de Vignola, na margem do Rio Panaro. Segui para o local, estudei a situação e almoçando no QG em Vignola fui até o posto de reabastecimento (Intendência) que já fica à Noroeste de Vignola. Regressei, apanhei o meu guindaste e retornei ao local do acidente com a ambulância.

De passagem pela Manutenção, levei o capitão Almir com a máquina fotográfica para documentar aquele desastre. A ambulância estava com as rodas para cima. Desvirei-a e em menos de uma hora ela estava sendo rebocada para a Manutenção. Feita a entrega, regressei ao acampamento, jantei e fui à Companhia de Tratamento levar o capitão Maliceski que queria se entender com o capitão Praxedes. À noite, já no acampamento, recebi ordem de me deslocar para Sassuolo após o “breakfast”. Tomei as providências. Agora estou escrevendo este, ouvindo rádio e discutindo com o coronel Borba, Toledo e Iturbides sobre a guerra e suas consequências. Foi o acontecimento do dia.

QUINTA – 26: Ainda em Rocca Malatina, levantei-me cedo para ultimar os preparativos a fim de fazer o deslocamento para Sassuolo. Tomei o “breakfast” e, às 9h, adiante de todos os elementos do DC, dei partida com as minhas três viaturas. Passei por Vignola e segui passando por várias localidades como Maranello, Formigine, etc., em viagem com o tenente Chesneau a meu lado. Viajando em verdadeira planície, verdejante por plantações, numa certa altura encontrei com um grupo de “partigiani” que deu alto ao comboio. Parei e os atendi. Apresentaram-me quatro prisioneiros alemães e queriam que os trouxessem. O Chesneau discordou logo dizendo que a cruz vermelha não podia carregar prisioneiros. Assim larguei os “partigianis” e segui adiante. Agora em toda parte só se via “partigiani”. As estradas são como teias de aranha e por elas transitavam esses novos guerreiros que se compõem até de moças e meninos. Vê-se que toda espécie de armas era por eles conduzida. Na proporção que avançava, a população gritava dando uivas, fazendo “V” da vitória e chamando-nos de libertadores. Foi assim que cheguei a Sassuolo às 11h, onde já se achava a 1ª Companhia. No mesmo prédio onde ela tinha se instalado que era uma escola grande com dois andares, nós também nos instalamos. Os compartimentos da casa estavam cheios de capim que era cama dos alemães que haviam se retirado domingo último. Dei uma volta pela cidadela e notei que era muito antiga. A vida do povo é a agricultura e as cinco fábricas de cerâmica. Fiz voltar o meu carro a Rocca Malatina para ajudar a concluir o deslocamento do material. Em uma segunda vez, fiz sair o carro para auxiliar o serviço de abastecimento. Desta vez, logo na

saída sofreu um acidente. O Paulo Eugênio fê-lo derrapar e jogou-o contra outro $\frac{3}{4}$ ficando bem avariado ambos. Fui imediatamente ao local e reboquei-o para o acantonamento. Da guerra, houve uma confusão com notícias irradiadas pelas emissoras italianas que diziam ter terminado a guerra. De fato, para os italianos sim porque havia caído Genova, Milão, Turim, etc. O fato que a notícia causou um carnaval. Os “partigianis” descarregavam por toda à parte as suas armas. Eram metralhadoras e revólveres e até granada que disparavam. Um verdadeiro bando em anarquia. Nessa explosão de contentamento, os meus homens, cabo Waldomiro e Noronha também lançaram mão das carabinas que carregou na Manutenção e fizeram vários disparos. Assim que tive o conhecimento, passei-lhes forte repressão. À noite, nada houve, fiquei ouvindo rádio. Foram os acontecimentos do dia.

SEXTA – 27: Logo pela manhã que foi chuvosa, segui para a Companhia de Manutenção, em Vignola, rebocando o meu carro para ser reparado. A Manutenção não quis aceitar porque já estava sob rodas para se deslocar. Fiz então um pequeno reparo que permitiu trazê-lo rodando. O Rio Panaro foi atravessado com dificuldade porque estava se enchendo. Cheguei ao quartel às 12h. Após o almoço, levei o meu carro numa oficina mecânica e aí o deixei com os meus mecânicos para consertar. Resolvi fazer umas visitas de localidades históricas da cidade de Sassuolo. Visitei o Palácio Ducal, obra monumental do ano 1600, de propriedade do Conde de Modena. Depois visitei a Igreja de São Jorge e depois a igreja tradicional pelos seus milagres e tradição, chamada Santíssimo Tronco. Comprei cartões e consegui medalhas de santos. Da guerra: prisão de Mussolini e junções derrocadas das forças nazistas na Itália e derrotas na Europa.

SÁBADO – 28: Após o almoço, saí para fazer uma ligação com a Companhia de Manutenção que se acha a seis quilômetros aquém de Parma, na Estrada 9, Via Emília. Passei pelas vilas de Scandiano (...), Quattro Castella, Cavriago, Montecchio onde se acha o QG e fui ter a Parma por não encontrar no trajeto a Manutenção. Em Parma, logo que penetrei no centro da cidade, numa praça se travava uma luta entre “partigiani” e “republicano”. Escapei daquele local, voltando para pegar a estrada. Nesse

trajeto encontro-me com o coronel Borba e o coronel Gilberto. O coronel Borba ficou para vir comigo. Após darmos algumas voltas mais, regressamos chegando a Sassuolo, às 20h. Neste dia, deixei também um morto no PC que falecera ao anoitecer quando chegava (socorrido) da frente. Era um brasileiro nortista. Da guerra: anunciavam as emissoras italianas o fuzilamento de Mussolini¹⁴⁸, sua amante e demais membros de seu governo. Da Europa, notícias que Hitler tinha pedido a paz, rendendo-se incondicionalmente às Nações aliadas, menos à Rússia. Não foi tomado em consideração. Foi a história do dia. Ordem para deslocamento ao dia seguinte pela manhã.

DOMINGO - 29: Dia histórico para as armas brasileiras: Às 4h da manhã, o coronel Borba despertou seus oficiais e deu-lhes conhecimento de uma ordem do coronel Gilberto que dizia o seguinte: “Elementos de nossa divisão aprisionaram uma Divisão Alemã entre Collécchio e Fornovo di Taro, depois de duros combates. Acham-se perto de 800 feridos nas linhas inimigas. O inimigo rendeu-se incondicionalmente e pediu assistência para os feridos. Todo o material do Batalhão deve vir em socorro a esses feridos”. Foi dada, pelo coronel Borba, a ordem de preparação urgente de todas as viaturas sem olhar as suas características. Assim, às 6h, saímos com todas as ambulâncias e transportes, inclusive a Manutenção. Pegamos à estrada 9, Via Emília, passando por Rubiera, Reggio, Parma e às 7h20 estivemos em Collécchio onde tinha começado a nossa ofensiva e aprisionado 200 alemães. Encontramos aí elementos do 6º RI e do 11º. Falando com um oficial do 11º, esse me contou que na tarde anterior, uma patrulha do 6º havia localizado naquela vila um contingente alemão. Houve a tomada de contato e depois o combate com o resto do 6º RI. A guarnição alemã se rendeu e a ofensiva continuou em toda à frente contra a Divisão 148 Alemã que ia desta cidade até Fornovo, à margem do Rio Taro. Nessa altura, o Esquadrão de Reconhecimento atacava num franco, o 11º noutro e

¹⁴⁸ Cf. PEIXOTO, 1949, p. 184, a confirmação da morte de Mussolini (1883-1945) foi dada em 1º de maio de 1945. Vendo-se perdido, tentou alcançar a fronteira da Suíça em companhia da amante, Clara Petacci, tendo sido ambos detidos e mortos no caminho por patriotas italianos. Os países aliados queriam julgá-lo e não que ele fosse justificado por seus inimigos políticos. Outros líderes fascistas apanhados na mesma oportunidade foram levados a Milão e seus corpos abandonados em meio à população enfurecida, sendo pendurados pelas mãos e assim fotografados.

o 6º RI na frente, todos apoiados pelo Grupo Escola. Volta de 5h da manhã, um coronel da Divisão 148 veio oferecer rendição incondicional ao coronel Nelson de Melo, comandante do 6º RI (foi dramático e solene aquele acontecimento). A partir daí cessaram as hostilidades. Quando chegamos, ainda não estava bem solucionado o caso e por isso esperamos mais de duas horas avançando a frente uns dois quilômetros onde estava à vanguarda de nossas tropas. O major Grosmig dirigia as operações. Ao ver o nosso comboio, disse ao coronel Borba que não ultrapassasse aquela linha porque era perigoso. Os alemães, a bem pouco, atiravam e a rendição não era uma coisa definitiva ainda. Depois, o coronel Floriano também deu algumas instruções a respeito. Ficamos ali aguardando ordens. O coronel Gilberto tinha ido ao QG receber ordem. Volta de 10h, chega o general Zenóbio no local e começa a conferência. Nesse ínterim, vem um grupo com bandeira branca. Era um tenente italiano do Exército que vinha pedir garantia para a tropa regular italiana que ali se encontrava também. Depois de haver se entendido com os nossos oficiais, deu volta. Depois, veio um capitão médico alemão que se entendeu também sobre a questão dos feridos. Volta de 11h30, chegaram o general Mascarenhas acompanhado do general Falconiere e outros oficiais. O general Mascarenhas tomou conhecimento do fato e disse que queria, primeiramente, era a situação militar definitiva. Isso foi dito a dois oficiais que vieram parlamentar. Eram dois tenentes alemães, dos quais um muito alto, forte, porém, com fisionomia de cansado e moral abatida; o outro, rapaz novo, cheio de energia que usou com garbo a saudação nazista. Esses regressaram conduzindo a bandeira branca e, momentos depois, um carro (tipo jeep) alemão trazia o chefe do Estado Maior da Divisão. Esse veio acompanhado dos dois oficiais que vieram primeiro e logo foi introduzido numa sala onde se encontrava o general Mascarenhas e muitos outros oficiais. A conferência foi impressionante e durou uma hora. O general Mascarenhas foi de uma energia sem par quando exigiu que a entrega dos homens e material devesse partir daquele momento e não como pleiteou o general alemão, para só começar a entrega a partir do dia seguinte conforme queria o referido general que alegou estar sua tropa muito espalhada. O fato é que, momento depois, apareceu uma coluna de ambulâncias alemãs conduzindo os feridos. Foi o quadro mais impressionante que já vi na

minha vida. Os alemães humildes como ninguém podia imaginar se misturavam com os nossos pracinhas que os tratavam com atenção e naturalidade como se fossem a outros cristãos apenas e não feras que causaram tanta desgraça ao Mundo. Pouco depois, foi proposto pelo capitão médico alemão que as nossas próprias ambulâncias fossem ao hospital de sangue deles, situado atrás de suas linhas. Foi aceito, e o comboio seguiu. Antes, o jeep do coronel, dirigido pelo seu chofer, Conceição, foi conduzindo o médico alemão na frente. Foi o primeiro brasileiro que percorreu toda a linha da Divisão inimiga quando os mesmos alemães se achavam ainda sem conhecimento da rendição efetiva. Tanto que quando o jeep parou na frente do hospital, um grupo de alemães, espantado e curioso, se cercou do jeep. Um logo perguntou a Conceição de que nacionalidade ele era. Respondeu Conceição: “sou brasileiro!”. “Você não tem medo?”, perguntou o alemão. “Não, brasileiro não tem *paura*”. Tudo foi conversado em italiano. Eu segui o Confúcio de ambulância que foi logo atrás e, 3 km adiante, avistei viaturas quebradas, inclusive um carro americano que foi metralhado tendo os três passageiros sido mortos e sepultados à beira da estrada e o jeep do capitão Ayrosa que foi espedaçado por uma mina, morrendo o seu chofer. O seu estado foi apenas de choque pelo deslocamento de ar, mas nada sofreu e por isso ficou com os alemães toda à noite e só veio no dia seguinte, volta de 13h, na primeira turma de evacuados. Os alemães trataram-no bem. Continuando a viagem, via de um lado e outro, uma massa de homens armados que cumprimentavam a gente com um sorriso meio desconsolado, eram os soldados tedescos. Os oficiais olhavam-nos curiosos e cabisbaixos, demonstravam bem o estado de desilusão e abatimento moral. Agora, ao longo da estrada, começou, além das viaturas despedaçadas, os cavalos mortos, tudo consequência do nosso bombardeio e fogo da infantaria que foi a consequência da rendição. Sei que eram milhares de homens, canhões, viaturas de todo jeito, armamento portátil, etc. Todos, desde os soldados aos oficiais armados até os dentes. Chegamos ao hospital em Fornovo. A primeira turma com a qual tive contato foi um grupo de russos “tártaros” que, alegres, me vieram cumprimentar e, em mal italiano, perguntavam quais eram as notícias. Eu disse-lhes que a Alemanha estava quase toda ocupada e que os russos

conquistavam os últimos redutos de Berlim, que Hitler já estava morto segundo as notícias. Foi com alegria que receberam as notícias e disseram que estavam livres. Eram prisioneiros que os alemães obrigavam a combater a seu lado. Quando conversava animadamente com esses russos e muitos alemães, me chega o Horácio, fotógrafo da FEB e me pede para ir comigo procurar o seu jeep que tinha ficado para trás. Fui com ele, varamos toda a Divisão Alemã e fomos até onde estava o PC do general (para o armistício) Mascarenhas. Voltamos em seguida e já encontramos o nosso comboio que vinha de volta trazendo todos os feridos. Aí fomos adiante e ficamos no meio dos alemães. O Horácio continuou a tirar fotografias minha no meio de um grupo alemão completamente armado, como se ainda fossem senhores de si. Um deles me deu um binóculo. Num outro ponto, parou um carro puxado a cavalo e vinha conduzindo dois oficiais. Aproximei-me e disse a um deles que queria uma pistola. Imediatamente, meteu a mão à cinta e tirou a sua e me deu. O meu chofer pegou duas com os soldados. Outros brasileiros também se encheram de armas e outros objetos. Assim que quando voltávamos passamos por longas colunas de carros puxados a cavalo e alguns caminhões conduzindo tropa e material para ser entregue a FEB. Várias fotografias foram feitas. Foi um acontecimento inédito. Já de regresso passando por Collécchio, encontrei-me com o Pitaluga com seu esquadrão pronto para colaborar a fim de controlar as tropas inimigas para não se dispersarem. Toquei adiante, depois de uma curta palestra, chegando às 7h no acantonamento. Mesmo nesse dia, ficou assentado para o nosso deslocamento no dia seguinte. Notícias da guerra. Notícia da morte de Mussolini, notícia de proposta de rendição por Hitler, etc.

SEGUNDA - 30: Sassuolo e Cavriago. Às 11h30, deslocou-se o PC com o seu comboio em direção a Cavriago, aonde chegamos às 14h, acantonando numa fábrica de manteiga ("pasticeria"). Toda à tarde passei fazendo uma limpeza do material. Guerra: o último comunicado da noite falou da morte de Hitler sem confirmação, entretanto. Recebi as cartinhas 56 e 57 de Gelcy. Nada mais.

MAIO

TERÇA – 1º: Cavriago: Amanheci dentro de um reconhecimento profundo da origem de minha grande felicidade. Em preces silenciosas levei a minha alma até junto de Gelcy para recordar com veneração e carinho o primeiro aniversário de nosso noivado, comemorado a tanta distância e em tão diferentes condições. Mas, sem nenhuma alteração no seu fundamento e sim alicerçada como mais não podia ser. Foi um dia triste para mim e até a própria natureza foi solidária, nem o Sol apareceu. O meu almoço foi em casa do senhor Rossi Via, diretor da fábrica que me apresentou a sua senhora que já viveu em Uruguaiana, onde têm parentes. Conversei muito com esse senhor que é coronel do Exército Alpinista e fez as duas grandes guerras, sendo ferido na Rússia nesta última. Muito me contou da guerra esse antigo combatente. Da guerra: notícia da morte de Hitler¹⁴⁹ e capitulação dos exércitos inimigos na Itália e Sul da Alemanha. À noite, estive num baile feito pelos praças. Retirei-me logo para descansar. À tarde, estivemos em Parma (eu, Toledo e Iturbides).

QUARTA – 2: Cavriago: Logo de manhã, eu com Iturbides e Chesneau fomos para Modena conhecer aquela cidade. Aí fizemos algumas compras, almoçamos e regressamos. Depois do jantar, fomos a Montecchio, no QG, e regressamos indo ainda a Reggio Emília para tomar um “vermouth”. Todas essas cidades são cortadas pela estrada Via Emília. Da guerra: QUEDA DE BERLIM. EM VIGOR O DOCUMENTO DA CAPITULAÇÃO DOS EXÉRCITOS INIMIGOS NO NORTE DA ITÁLIA E SUL DA ALEMANHA. Da queda de Berlim, fui eu o primeiro a ouvir a notícia e a comunicar aos oficiais do Batalhão. Daí, a convite do coronel, fomos a um baile que estava se realizando num centro social para os nossos soldados. O coronel falou sobre a queda de Berlim, falou um “partigiani”, etc., etc. Nós cantamos o Hino Nacional e os “partigianis” cantaram sua canção. Logo depois regressei a casa, certo de que a guerra estava no seu fim.

¹⁴⁹ Cf. INISS, 1949, op. cit., p. 150, não houve qualquer testemunha que presenciasse o fim de Hitler (1889-1945), mas tudo indicou o seu suicídio em Berlim, no Bunker da Chancelaria, nas vésperas da queda da cidade. BRUM, 1994, p. 80, cita que uma emissora de rádio da Alemanha anunciou a morte de Hitler na noite de 2 de maio de 1945.

QUINTA - 3: Cavriago. Logo pela manhã, eu, Iturbides, Toledo e capitão Murilo, saímos em direção a Bolonha. Almoçamos em Modena e tocamos. Ao chegarmos a Bolonha, penetramos numa vasta extensão de terra arrasada pelos bombardeios. O centro da cidade está intacto. A cidade está intacta e é restrita. Passeamos pelos principais pontos, fizemos compras etc., tiramos fotografias e regressamos, saindo volta de 17h. Logo adiante o carro apresentou um defeito que nos fez custar muito a chegar a Modena. Em Modena, jantamos. Às 22h, chegamos ao acantonamento encontrando tudo normal. Como estávamos muito cansados, fomos para a cama. Entretanto, o coronel e o capitão Maliceski não tinham regressado da frente, onde tinham ido ver novo lugar (...).

SEXTA - 4: Cavriago. Pela manhã, soube que o coronel e o capitão Maliceski tinham regressado às 3h em virtude de se ter fundido o motor do jeep. Logo tratei de ver o defeito do carro e intensifiquei o conserto de outros até a hora do almoço. Almocei e em companhia de Chesneau, Ary, Chisostomo, me dirigi à Manutenção onde recolhi o jeep do coronel. Depois, fomos para Parma onde passamos à tarde passeando e fazendo compras. À tarde, já de regresso, fui convidado para jantar em companhia do coronel Rossi, diretor da fábrica de manteiga onde estamos. Jantamos e passando a uma animada conversa sobre a guerra e a paz até 23h15, hora em que vim para o PC onde encontrei três cartas de Gelcy para mim, as 58, 59 e 60. Ouvindo os comunicados de guerra, foi anunciada a captura dos Exércitos Alemães ao Norte da Alemanha, toda Holanda, Dinamarca e outras localidades. Nada mais.

SÁBADO - 5: Deslocamento de Cavriago para Alessandria.

7. PÓS-GUERRA E ELOGIOS

O tenente Juca Marcondes permaneceu dois meses na Itália depois do término da guerra.

Em 2 de julho de 1945 foi desligado da 1ª DIE deslocando-se da área de estacionamento de Alessandria, região Norte, para Francolise, aonde chegou em 6 de julho, a última fase de permanência naquele País, deixando o 5º Exército e o IV Corpo.

Em 24 de julho de 1945 foi internado no Hospital de Campanha quando os médicos diagnosticaram “manifestação inconteste de neurose de guerra”.¹⁵⁰

Naquele período Lau publicou um trecho de uma carta do Juca em “O Globo Expedicionário”, mencionando que o jornal, com notícias do Brasil, passava de mão em mão entre os expedicionários e era uma espécie de lenitivo para aliviar saudades e falta de informações. Solicitava a mudança no horário das mensagens pela Rádio Nacional, pois, quando no Brasil eram 18h, na Itália eram 22h, quando a tropa já estava em silêncio. Citava o nome de outras madrinhas suas: Lea Silva e dona Judith Vinelli.

O jornal “Correio do Sul” (25 nov. 1944) noticiou a quermesse “Pró-Força Expedicionária Brasileira”, organizada por uma “plêiade de gentilíssimas senhoritas bageenses, tendo a frente à senhorita Gelcy V. Teixeira”.

Em ambiente elegante e alegre, elas ajuntaram donativos junto à sociedade. O grupo promoveu desfile de modelos e leilão de obras de arte e a procura pelas mesas chegou a ser concorrida, segundo o jornal. Os eventos aconteceram no Clube Comercial.

O mesmo jornal (4 fev. 1944) noticiou o envio aos soldados de 2.050 pares de lã, por intermédio da 3ª Divisão de Cavalaria, com autorização do Ministério da Guerra. Juntamente seguiu mensagem assinada, em conjunto, por Gelcy, Conceição Abascal Vilamil, Ilce Paes Vieira e Maria Zaida Quintana. As meias eram para ajudar os expedicionários a enfrentarem o rígido frio da Itália.

¹⁵⁰ Cf. Processo 9.756 interpondo embargos de declaração contra a União, Rio de Janeiro, 15 set. 1980, assinado pelo advogado Leonel Rodrigues. OAB 11.615.

Da Itália, em 24 de março de 1945, o general João Batista Mascarenhas de Moraes enviou carta a Gelcy agradecendo o apoio:

Tenho imensa satisfação de acusar o recebimento da carta enviada pela gentil comissão de distintas senhoritas patrícias da sociedade bajeense, que nos dá conhecimento de vossa patriótica lembrança, oferecendo aos soldados do Brasil, que lutam aqui na Europa, a “Meia do Expedicionário”.

Em meu nome e da tropa que tenho a honra de comandar, apresento os nossos sinceros agradecimentos por tão expressivo apoio moral da mulher patrícia. Podeis estar certas que vossas palavras de fé e estímulo aos expedicionários muito contribuirão para que prossigamos na luta até à vitória final, que se aproxima rapidamente, para felicidade nossa e de toda a Humanidade.

Aproveito o ensejo para apresentar-vos os protestos do meu alto apreço e distinta consideração.

Patrício e admirador.

Em 21 de novembro de 1944, Marcondes foi louvado pelo comandante do Batalhão de Saúde do Exército (BSE), tenente-coronel Bonifácio Antônio Borba, segundo consta em sua ficha militar:

Por ser um oficial dedicado à sua profissão, possuidor de grande capacidade profissional, tudo tem feito no sentido de que o Batalhão esteja completo de suas viaturas e em ótimas condições de funcionamento. Trazendo a manutenção das mesmas em alto grau, vem prestando relevante serviço ao Batalhão, com inteligência, lealdade e dedicação, quer orientando a instrução de motoristas ou desempenhando outras missões que lhe são confiadas.

Em 19 de dezembro de 1944, recebeu o segundo louvor do mesmo comandante:

Com sua grande energia, capacidade de trabalho e competência profissional tem sabido impulsionar a secção a seu cargo, onde muito se tem trabalhado na reparação das viaturas. A sua atuação inteligente tem sido muito eficiente para o funcionamento desta Unidade.

Ainda no seu currículo militar, há a transcrição do texto onde o general Willis D. Crittenberger, comandante do IV Corpo do Exército, concede o diploma de “Membros Honorários do IV Corpo”, destacando a participação na campanha de todo o efetivo da 1º DIE pela luta continuada e espírito combativo de seus homens que contribuíram decisivamente para o sucesso do IV Exército ao aniquilar os Exércitos Alemães na Itália.

Destacou as vitórias alcançadas em Castelo, Castelnuovo e na avançada do Vale do Pó.

Em 17 de março de 1945, o comandante do BSE distinguiu Marcondes com um terceiro louvor:

Tendo uma das ambulâncias deste Corpo sofrido um acidente cujo conserto fora classificado de 4º Escalão, o tenente Marcondes, sabendo da necessidade urgente que o Batalhão tinha dessa viatura para situação de combate, evitou que a mesma fosse recolhida à Cia. Americana 109, recuperando-a em poucos dias, demonstrando assim, grande interesse, esforço, dedicação e alta compreensão de seus deveres.

No dia 2 de abril de 1945, foi elogiado pelo general de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, cujo registro consta no boletim (8 mar. 1945), da 1º DIE. Ao dar conhecimento das apreciações elogiosas do Exmo.sr. Major General Willis D. Crittenberger, comandante do IV Corpo, pela participação nas operações que resultaram na captura e consolidação do maciço Belvedere–Castelo, assim se expressou Mascarenhas de Moraes, de forma coletiva:

É de inteira justiça realçar os méritos daqueles que concorrem pelo seu alto sentimento do dever e espírito de sacrifício para honrar o nome do Brasil e do seu Exército, na satisfação de seus árduos sacrifícios neste Teatro de Operações, Nestas condições, ao dar conhecimento das apreciações elogiosas do Exmo.sr.gen. Cmt. do IV Exército, cumpro o grato dever de felicitar os meus comandados da 1ª DIE, transmitindo-lhes igualmente os meus louvores pelos feitos praticados.

Em 4 de abril de 1945, por ter o general da 1ª DIE, em boletim nº. 86 (27 mar. 1945), transmitido referências elogiosas feitas pelo general Willis D. Crittenberger, referindo-se de modo lisonjeoso ao 1º Batalhão de Saúde, Juca foi louvado pela quarta vez pelo tenente-coronel Borba:

Tenente Marcondes, oficial dos motores da Unidade, pela capacidade de trabalho, esforço, dedicação e excelente orientação na manutenção e recuperação das viaturas, concorrendo assim para que o Batalhão bem cumprisse a sua missão nas gloriosas jornadas de 3 a 5 de março que culminaram na conquista de Castelnuovo e cuja atuação vem sendo, segundo declarou o Exmo. Sr. Gen. Comandante da 1º DIE, caracterizada por ações concretas e eficientes neste Teatro de Operações.

Marcondes recebeu referências elogiosas do Comando do 15º Grupo do Exército, extensivas aos oficiais e praças do 1º BSE.

Foi louvado pelo fato da tropa ter se adaptado rapidamente às variáveis climáticas e na coordenação dos movimentos, encarando cada nova missão com entusiasmo e eficiência.

Ainda em ofício do tenente-coronel Borba, nº. 59 (1º jun. 1945), foram elogiados todos os oficiais que ocuparam funções de oficiais de motores, destacando a capacidade de ação, trabalho e tenacidade.

Mais um elogio, do tenente-coronel Borba, datado de 30 de junho de 1945:

O 1º Tenente José Alves Marcondes, oficial de motores do Batalhão, demonstrou grande capacidade de trabalho, competência, energia e dedicação. No término da campanha na Itália, cumpre-me salientar as excelentes qualidades do Tenente José Alves Marcondes, o qual, durante os períodos da defensiva no rigoroso inverno e ofensiva da primavera, muito fez para manter em bom estado as viaturas do Batalhão, concorrendo assim para que a Unidade pudesse cumprir rigorosamente a sua missão, evacuando e tratando com toda a regularidade todos os feridos e doentes da Divisão 148ª alemã e remanescentes da Divisão Bersaglieri Itália e 90ª Divisão Panzer Granadier. Por esses motivos e pela eficiente colaboração que prestou ao Batalhão no Teatro de Operações da Itália, louvo o Tenente José Alves Marcondes.

Um agradecimento a todos os oficiais e praças do 1º BSE foi assinado pelo general U.S.A., J. I. Martin, Chefe do Serviço de Saúde do 5º Exército, afirmando: “meu coração está cheio de orgulho pelas vossas soberbas realizações (...) a palavra *saúde* já se tornou uma insígnia de glória”.

Juca Marcondes foi citado no livro “A Campanha da Itália” (PEIXOTO, 1949, p. 143–231).

Na p. 143, aparece em foto com o grupo de médicos do Hospital em Lizzano. Entre eles: P. Wishart, O. Bandeira, Murilo F. Alves da Silva, S. Soichet, B. Borba, G. Peixoto, J. Maliceski, A. F. de Toledo e Antonino.

Na p. 231, o autor cita que todos os elementos auxiliares na administração do Batalhão sempre deixaram a melhor impressão. Entre os nomes, menciona o do 1º tenente José Alves Marcondes.

Entre 2004 e 2005, cinco expedicionários de Dourados lembraram do coronel Marcondes na Itália.

Angélico de Castro foi apresentado ao tenente Marcondes no Depósito. “Ele era tenente, não ficava na linha de frente”. A distância entre ambos foi de 300 a 400 km. Angélico atuou nas linhas do “front”.

O segundo foi Saturnino Rodrigues, preso a uma cadeira de rodas por causa de um derrame. Saturnino esteve nas linhas de frente em Monte Castelo e Montese. Não viu Marcondes na guerra, mas em Dourados, nas comemorações do Exército.

“Lá não chegamos nem a se encontrar. Fomos se conhecer nos desfiles e nas vezes que eu ia ao quartel (...) Ele era bem educado, era mais modesto, igual soldado mesmo, ele conversava comigo”.

Já com Angélico que atuou como esclarecedor¹⁵¹ durante a guerra, o contato foi maior:

Eu conversei com ele, aí na 4ª Brigada. A gente sempre se encontrava e conversava. Ele era muito legal. Nós fomos numa cerimônia e depois ele me chamou:

– Angélico, vem aqui...

Ele me mostrou um jipe que comprou lá na Rússia, bonito, de quatro marchas, capota de aço, ele mostrando aquelas coisas muito alegre... Isso já faz uns 5 ou 6 anos, ele disse que foi passear com a esposa dele lá na Rússia, ele tinha dinheiro, comprou as peças e veio montar o jipe aqui... Baixaram num hotel lá, mas só tinha vento, de comer não tinha nada, aí de manhã, no outro dia, ele saiu na rua, aqueles quiosquinhos assim de brinquedo, mas nem bala tinha, nada de comer. A mulher dele disse que o chamou:

– Me dá um dinheiro que eu quero comprar alguma coisa pra comer, não jantamos, nem nada...

Aí o Marcondes emendou:

– Comprar o que? Aqui não tem nada de comer, é tudo racionado, é só uma conchada de comida...

Depois desse encontro, ficaram algum tempo sem se verem porque Marcondes adoeceu. Angélico viu o filho do coronel durante cerimônia do Exército e perguntou pelo velho companheiro.

Marcondes estava em um hospital em São Paulo.

Antes do episódio do jipe, os dois já tinham se visto.

Um dia o coronel Juca apareceu na casa dele. Proseando daqui e dali, Marcondes disse à esposa de Angélico, ainda viva na época:

– Vou levar seu marido lá nas bugras...

Ela respondeu:

– Ele querendo ir...

¹⁵¹ Aquele soldado que seguia vigiando a frente, a vários metros dos soldados que vinham logo atrás.

– Então vamos comprar rapadura, lá pros lados do Jaguapiru, num conhecido nosso...

E foram sorrindo e cheios de graça, contou Angélico.

Depois desse dia, nunca mais se viram.

Angélico comentou:

Ele era bacana, depois de virar tenente-coronel, tava livre do Exército, mas conversava normal com a gente, mesma coisa como soldado, só que a gente respeitava ele como superior. Ele não tinha orgulho, a gente sentia isso... Ele gostava de mostrar as traíras dele, mas tinha um gênio forte...

Disse que Marcondes havia convidado-o para ir a casa dele, no edifício “Silvano Teixeira”, em Dourados.

– Mas eu não fui, fiquei com vergonha de ir lá...

No dia 6 de maio de 2005 aconteceu uma sessão solene na Câmara de Dourados homenageando seis expedicionários vivos, marcando os 60 anos do Dia da Vitória das Forças Aliadas, 8 de maio de 1945.

A memória do coronel Marcondes foi reverenciada ao som de uma corneta da banda do Exército da Brigada Guaicurus.

A homenagem póstuma foi extensiva a outros heróis.

Seu filho, o vereador Eduardo Otávio Teixeira Marcondes (PMDB) discursou na condição de legislador e filho de expedicionário, relatando fatos da guerra e a trajetória militar do pai.

O Exército organizou uma mostra, no saguão da Câmara, e entre as peças foram exibidas relíquias do coronel Marcondes, o quadro com medalhas recebidas no Brasil, França, Rússia, Itália, Estados Unidos e um breve currículo. Esse material permanece na sala “Coronel Marcondes” do museu da Colônia dos Dourados, em Antônio João.

Melancias Bronel conheceu muito seu companheiro Marcondes, embora não tenham se visto na Itália, apenas em Dourados:

Ele era uma boa pessoa, como militar era bom. Mas quem não foi bom foi Getúlio Vargas, deixou a gente 22 anos sem receber um tostão, só coice na bunda, deixou os febianos tudo na mão. Mas o Marcondes era positivo e eu gosto de pessoa positiva...

Melancias morreu poucos dias depois, em 27 de junho de 2005. Seu funeral aconteceu na Câmara de Laguna e foi enterrado com honras militares. O prefeito Oscar Luís Pereira (PFL) decretou luto oficial por três dias.

O coronel Marcondes tinha apreço por todos os expedicionários. Em 2000, quando Melancias estava operado, Marcondes conduziu-o, em seu carro, até o desfile de Sete de Setembro em Dourados.

Já Manoel Lins de Oliveira conheceu o coronel apenas de nome. Ele mora em Angélica (MS).

Januário Antunes recordou-se dos tempos de Vista Alegre, onde morou em meados da década de 30.

- liii ó! MUITÍSSIMO meu amigo - comentou, se lembrando inclusive do coronel Chico Alves...

Disse:

- Do tempo em que a gente trabalhou, foi um homem que lutou pelo nosso Brasil com os pracinhas, um guerreiro de mão forte, foi um bom oficial, um bom comandante (...) O coronel Marcondes não era bravo, com os pracinhas foi uma boa pessoa, mas com os inimigos eu não sei né? - abrindo um largo sorriso...

Comentou:

- Na Itália a gente não se viu, lá eram diversos comandantes, mas nos desfiles a gente sempre se via (...) A gente proseava, ria bastante, lembrava de Vista Alegre...

Não tinha acabado a guerra, o Marechal Mascarenhas passa em revista naqueles núcleos de organizações, inclusive a Manutenção, e me disse:

- Olha, o seu serviço está muito bom, 80 viaturas, não perdeu quase viaturas nesse trajeto todo desde Pistóia até Montese, Vale do Pó. Bom, daí que ele me deu a medalha de segunda classe

porque levei um ferimento, esse que me levou a um tratamento de quase dois anos nos Estados Unidos¹⁵².

De acordo com laudo do perito oficial em Apelação Civil nº. 70.295, do Rio de Janeiro (8 abr. 1983), movida contra a União, assinada pelo médico Onildo Leal, o autor da ação, Juca Marcondes, era portador de um quadro sintomatológico pertinente à “ciclofrênia de Hoche”, cujo processo teria tido início nos campos de batalha, tendo como fator desencadeante o estresse “e que provocou a sua evacuação do *front* por via aérea, com diagnóstico de *neurose de guerra*”.

Aliado a isso, há a hipótese de uma fratura na espinha que mais tarde veio a se transformar em neurose mista e suas sequelas lhe incomodaram por toda a vida, exigindo acompanhamentos clínicos, ambulatoriais e tratamento no “Walter Reed Army Hospital”, em Washington.

Ele é mais ou menos da mesma idade, diferença de 10 ou 12 anos mais velho do que eu. Lembro dele, pessoa muito ativa, muito ditador, era tipo um ditador, era falante, tanto é que serviu o Exército, foi combatente da guerra, recebeu medalha, pessoa de muito valor para a época. Porque o povo não tinha conhecimento de nada. Ele se destaca entre os outros. Era um combatente arrojado, não teve medo de ir e servir. Mas um homem para enfrentar isso, tem que ter um temperamento e uma personalidade forte¹⁵³.

“O Globo” noticiou (24 jan. 1965, p. 6) que Marcondes tinha sua vida militar enriquecida com 18 elogios e 3 medalhas: “Medalha de Campanha”, (21 maio 1946) “Medalha de Guerra” (21 ago. 1946) e a “Cruz de Combate” de 2ª Classe, “Medalha da Vitória” (2 fev. 1962), “Jubileu de Ouro da Vitória”, além do distintivo do curso de moto-mecanização e brevê.

Embora não apareça na reportagem do jornal, na realidade em 1965 ele já tinha sido agraciado com outras duas medalhas: “Libertação da Itália”

¹⁵² J. ALVES MARCONDES.

¹⁵³ M. da G. O. L. MECCHI.

(s.d) e “MMDC” (27 set. 1964), conferida pela Sociedade Veteranos 32 alusiva à Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo.

Depois recebeu da Assembleia Legislativa de São Paulo, a “Medalha da Constituição” (9 jul. 1970); medalha na Rússia por sua participação na guerra (s.d.); o “Certificate of Merit” da “American Veterans of World War II” (s.d); a “Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes” da Associação dos Veteranos da FEB (7 jun. 1995), conferida no Rio de Janeiro, mas a solenidade de entrega ao coronel Marcondes aconteceu em evento marcial no Comando Militar do Oeste, em Campo Grande, marcando os 50 anos do fim do holocausto; a medalha da “Federation National des Anciens Combattants – Residant Hors de France”, em 1980; o Diploma de “Colaborador Emérito do Exército” oferecido pelo Comando Militar do Oeste – 9ª Divisão do Exército, como Herói de Guerra (28 mar. 2002), em Campo Grande e, finalmente, o de “Amigo do CMO-9ª DE”, reconhecendo-o pelos serviços prestados ao Comando Militar do Oeste e 9ª Divisão do Exército, em Campo Grande (19 nov. 2002).

Foi ainda nomeado como “Sócio Honorário de 1ª Union Paraguaya de Veteranos de la Guerra Del Chaco”, em Assunção, pela sua participação na 2ª Guerra Mundial (21 jun. 1983).

A Confederação Internacional dos Veteranos da 2ª Guerra Mundial com sede em Paris considerou-o “Herói Nacional”.

Fora isso, Marcondes solicitou ao Ministério de Estado e Negócios da Aeronáutica (21 jan. 1965) outras três medalhas que considerava ter direito: “Atlantice Sul”, “Cruz da Aviação” e “Mérito de Santos Dumont”, em função dos patrulhamentos aéreos na defesa do litoral quando serviu, em 1942, o 7º RCD, em Recife.

Argumentou que seu brevê era de 1943 e incentivou a aviação civil ao criar, em Ponta Porã, o aeroclube; foi membro do Conselho da Diretoria do Aeroclube do Brasil e interventor do Aeroclube de Bagé.

Mas não se tem notícia dele ter conseguido essas comendas.

Ao longo de sua trajetória militar, o coronel acumulou 14 medalhas.

Embora os números sejam um pouco contraditórios, conforme dados da FEB, a guerra resultou em 465 brasileiros mortos, sendo 13 oficiais, 444 praças e 8 oficiais da FAB.¹⁵⁴

Em outro mapa da FEB, “Roteiro da FEB na Campanha da Itália”, esses números são, respectivamente, 13, 430 e 8, totalizando 451. Mas entre feridos e acidentados em combate, os dados coincidem: 2.722.

¹⁵⁴ Cf. DEQUECH, op. cit., p. 197.

8. O CASAMENTO; A SAÍDA DO EXÉRCITO

“Deus atendeu as nossas preces”.

Assim Marcondes iniciou a carta enviada a Gelcy de Alessandria (14 maio 1945), livres da incômoda e intransigente censura.

Durante a guerra as cartas eram abertas e os envelopes carimbados pelos censores, além do governo ter adotado um código próprio para as mensagens telegráficas da FEB.¹⁵⁵

Lembrava que no dia em que eles completavam o primeiro ano do aniversário de noivado “não existiam no Mundo os magnatas do mal, Hitler e Mussolini”.

Disse que visitara o local onde Mussolini foi fuzilado¹⁵⁶.

Marcondes, eufórico, dizia à noiva ter realizado seu sonho: servir a Pátria e lutar pela humanidade:

Cabe-me chegar aos seus pés e reverenciando diante da sua pessoa, confessar que a sua assistência, as suas manifestações constantes de um puro amor, foi o bálsamo e o estímulo para toda essa jubilosa campanha que me impressionou para sempre. Agora, o nosso ideal de felicidade, Agora o que é nosso, depois de deixarmos toda a humanidade feliz. Concordas comigo querida? Penso que lhe encontrarei no Rio, pois, damos prova já que para nós não existe obstáculo!

¹⁵⁵ Decreto-Lei nº. 5.376 (5 abr. 1943) e Decreto-Lei nº. 6.438 (26 abr. 1944) publicados, respectivamente, no Diário Oficial (7 abr. 1943 e 28 abr. 1944).

¹⁵⁶ Cf. COLLIER, (s.d.), p. 284, 458-9-460-1-2, Mussolini e Claretta Petacci foram fuzilados em Villa Belmonte, em Valtellina, na fronteira suíça. Claretta foi morta primeira, com um tiro no peito, segurando um ramo de trepadeira em flor numa das mãos. Audisio que tinha atirado em Claretta, a três metros de distância, deu duas rajadas de tiros – nove – em Mussolini que abriu o blusão para que os tiros lhe atingissem o peito. A metralhadora usada era de cano longo, de fabricação francesa, modelo 7,65, D-Mas, 1938, série F 208320, com uma fita tricolor, arma que entrou para a história. Seus corpos foram levados em um caminhão amarelo para Milão, escoltado pelos *partigiani*, onde foram pendurados, de cabeça para baixo, em vigas de um posto de gasolina que havia sido bombardeado. As saias de Claretta foram amarradas com um cinto provavelmente de um *partigiani*. Foram dependurados também Alessandro Pavoni e o irmão de Claretta, Marcello. Foi à tétrica vingança que os comunistas haviam planejado durante todo aquele tempo em represália pelos quinze patriotas que ali haviam sido executados pelos alemães, em agosto de 1944. Em <http://www.e-biografias.net>, consta que Mussolini e Clara foram fuzilados em Dongo, Itália, em 28 de abril de 1945.

O tenente aproveitou aqueles dias na Itália para visitar Milão, Genova, reunir novas fotos, cartões e curiosidades. Comentava, na carta, ter encontrado novidades para Gelcy como chapéus de antílopes.

Informou que a sua vinda somente seria em fins de junho, mas ninguém sabia ao certo.

“O fato é que eu estou desesperado para ir embora”.

Se Gelcy tivesse vontade de encontrá-lo no Rio, muito poderiam adiantar o enxoval e outras providências para abreviar a data do casamento, afirmou na carta.

“O calor aqui está de torrar, aí deve estar esfriando não? (...) Vou pegar dois invernos”.

O povo de Bagé festejou o fim da guerra, relatou Gelcy em carta, assim como todo o Brasil.

A vida, para Marcondes, distante, continuava sendo uma agonia.

“Suportar a distância que nos separa é duro (...) Tudo o que possuo, energias, carinho, dedicação, está agora voltado para você, meu grande amor”.

Falou sobre os mistérios da vida jamais imaginando a forma como puseram fim aos “prepotentes”. Para ele a Itália estava novamente vivendo o tempo dos céares, o ativismo romano estava gritando na consciência do povo porque os mais bárbaros crimes estavam sendo cometidos em nome da vingança e do apanágio da vitória, com gente ligada ao nazismo e a Mussolini sendo fuzilada todos os dias.

O horror do pós-guerra se misturava nos relatos do tenente Marcondes em meio às palavras de afeto e saudades da noiva.

“Querida, hoje nos céus da Europa só voam andorinhas”.

Relatou a sua passagem pelo lago de Como na fronteira entre Itália e Suíça, uma das maravilhas do País.

“Só penso em ir embora”.

Em maio de 1945 Marcondes escreveu quatro cartas cada qual com cinco ou seis folhas reafirmando sua angústia e fazendo descrições de passeios e momentos vividos pós-guerra.

“Estou sofrendo já a nostalgia da demora aqui” revelou em 26 de maio. “Muito se fala sobre o embarque, todos falam e ninguém sabe de nada, é agonizante”.

Sobre Gelcy:

Nas suas narrativas falando do júbilo e alegria do povo ao comemorar o épico, encontrei capítulos exagerados que a bondade de seu coração, a pureza de seu amor, o egoísmo do seu sentimento dedicaram exclusivamente a mim, muito me dignificando e cobrindo-me de glórias. Está bem, sou seu herói querida, mas você é minha heroína. Compreendo as torturas de sua alma santa que não merecia isto, mas que posso fazer? Se eu sofro também, e ainda mais por dois motivos: a saudade de você e a culpa de ser eu o causador desse sofrimento e por isso peço-lhe querida, confie em mim, que hei de fazer tudo para voltar o mais breve possível.

No dia 25 de maio de 1945 Marcondes, Iturbides, Toledo, Chesneau e outros homens da Manutenção tinham retornado de Veneza fazendo uma excursão de 900 km no carro do Exército com o nome de Gelcy.

Ao passarem por Padova, na Basílica de Santo Antônio de Pádua, famosa por atrair centenas de peregrinos, reiterou os três pedidos.

Em Veneza disse que ficou estonteado com a beleza e a originalidade da cidade.

Esteve no Monumento de Cristóvão Colombo (1451-1506) e planejou ir à França. Adquiriu um acordeon para Gelcy ao preço de 45 mil Liras.

“Vamos fazer uma festa na Boa Vista e você vai ser a música”.

“Sonhei na última noite, estávamos casados, você e eu éramos felizes. Sonho que em breve será realidade, não é?”.

No dia 3 de agosto de 1945 Marcondes retornou ao Brasil por via aérea seguindo inicialmente até Nápoles para aguardar o avião de serviço de transporte norte-americano. Saiu no dia 13 passando por Tunis, Argel, Oran e Casablanca em um único dia. Aguardou nova aeronave até o dia 19 com voo até Dakar e Natal (RN). No dia 21 partiu para o Rio.

Em setembro saiu do acantonamento do quartel da Escola Militar de Realengo para o quartel do 1º RAAA, em Deodoro, e no mesmo dia conseguiu permissão do general Diretor de Armas para passar as férias em Bagé.

Em Bagé foi recebido com festa.

O jornal “Correio do Sul” (16 set. 1945) – por coincidência, dia do seu aniversário – fez uma entrevista picante de página com o já capitão falando sobre a guerra, a ditadura Vargas, sobre política e até sobre o discutível apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Ele foi o primeiro herói de guerra a pisar aquelas terras.

Falou, ao jornal, sobre a recepção do povo italiano em relação aos expedicionários. Disse que os alemães espalharam propagandas e cartazes dizendo que os italianos iriam conhecer uma nova “espécie de canibais”. Mas como os italianos não tinham por onde fugir comprovaram que aquilo era inverdade.

“Daí o feitiço virou contra o feiticeiro (...) Então passamos a ser os salvadores, socorrendo-os com todos os recursos possíveis”.

A respeito da discriminação dos “yankees” disse que eles sempre foram amigos, mas mostravam-se orgulhosos por pertencerem ao 5º Exército e tinham sim certo preconceito, mas isso em nada afetou o relacionamento.

“Quem mais podia sofrer as consequências de raça era o próprio elemento de cor americano”.

Sobre as eleições de 1945 e as notícias da redemocratização do País declarou apoio ao brigadeiro Eduardo Gomes porque, a seu ver, esse candidato inspirava grande confiança dos norte-americanos e tratava-se de representante das Forças Armadas conhecido nos Estados Unidos. A popularidade do brigadeiro era muito boa no Brasil. E o regime de ditadura no Brasil, de Vargas, devia mudar e se restaurar os princípios da liberdade e justiça.

No País com o fim da guerra e o retorno vitorioso dos expedicionários “éramos soldados da democracia”.

Os expedicionários defendiam a restauração da liberdade de imprensa, a extinção do DIP, a anistia, a reorganização dos partidos políticos e o caminho das urnas para que o povo pudesse escolher livremente o Presidente da República.

Muitos queriam um candidato civil, mas o nome do brigadeiro Eduardo Gomes gerou satisfação.

Criticou a LBA.

Para ele a legião falhou na assistência moral e material ao soldado. A LBA foi a grande coordenadora de todas as contribuições do povo em dinheiro e em artigos diversos de uso pessoal.

“Entretanto, o que recebemos foi uma caixinha com *sweleps* de algodão, três pares de meia de algodão, escova de dente com cabo de madeira e muito cigarro *Cine, Hípico e Iolanda*”.

Os parentes dos pracinhas tinham apenas 30 minutos para as mensagens dentro do espaço da rádio cedido para a LBA.

“E foi aí que vimos quanto despreço nos era dado pela administração da tal Legião Brasileira de Assistência”.

Em Il Poggio, região da Linha Gótica, onde toda a Divisão suportava o peso dos bombardeios alemães que ocupavam ainda Belvedere e Castelo, e os soldados suportavam o “general inverno”, motivo de muito desespero, a única alegria era notícia do Brasil. Como os correspondentes eram poucos e chegavam com atraso às mensagens pela Rádio Nacional era um alento.

Uma locutora de grande projeção disse que a Rádio Nacional estava fazendo um favor cedendo aquele tempo reduzido de suas atividades destinadas exclusivamente aos expedicionários “com prejuízo de seus interesses particulares”.

Acontece que esses 30 minutos eram encostados de outro programa dirigido a Portugal “para tocar sambas (...) Francamente, não sei se algum português se dava ao trabalho de sintonizar o seu rádio para ouvir coisas tão importantes”.

O tempo da LBA “era para autopropaganda, pedindo impressões, lendo cartas e deixando acumular as mensagens”.

Em 8 de novembro, um mês antes do seu casamento, depois de passar as férias em Bagé e em Campo Grande, Juca apresentou-se em Marques de Valença. Passou a ser adido do BSE, no Rio, permanecendo na função de oficial de motores.

Pediu permissão para retornar a Bagé para casar-se.

O encontro entre os noivos, como não poderia ser diferente, foi marcado pela forte emoção e por sensações indescritíveis.

Somente o coração, anestesiado pelo amor, poderia expressar.

O pesadelo da guerra e a distância do além-mar tinham sido desfeitos como castelo de cartas na original fábula aonde o herói chega vitorioso e glorioso para viver o grande sonho de amor.

Depois da angústia tinha chegado o momento sublime.

Marcondes não permaneceu muito em Bagé porque estava apenas de licença.

Aqueles momentos inesquecíveis correram como ventania em meio ao jardim, repletos de significados, fortificando seus corações com felicidade homérica.

Gelcy sentiu no noivo, porém, algo de estranho.

Marcondes mostrava-se nervoso, tenso, embora tentasse disfarçar o efeito desastroso da guerra. Misturou-se, a isso, a expectativa em torno do casamento.

Mas Gelcy conhecia o temperamento dele, sabia que ele não estava tão diferente de antes e talvez aquela ansiedade se justificasse pela mudança repentina dos rumos na vida de ambos e a iminente concretização dos sonhos.

Mesmo sob a sombra da neurose Marcondes não poupou gracejos e carinho, cercando a noiva de mimos, beijos, palavras românticas, afáveis e esperança de uma eterna relação a dois.

Ainda não tinham acertado a data para o casamento por causa exatamente da vida militar indefinida. Ele não tinha certeza como ficaria a sua situação no quartel. Ao mesmo tempo o pai de Gelcy estava em campanha para deputado federal e vivia se ausentando de casa para visitar os eleitores em outras cidades.

O momento era conturbado sob o aspecto da decisão política.

Uma semana depois de ter deixado Bagé, após o desafogo da saudade, já tinham decidido pelo casamento em dezembro.

Marcondes, no Rio, ficou três dias em absoluto repouso fazendo todo regime aconselhado e medicação completa.

Desculpou-se com Gelcy, em carta de 3 de outubro, achando que a noiva tinha ficado abatida pela forma como ele deixou Bagé.

Culpava-se por ter sido descortês e não ter se despedido de ninguém:

Querida, sei que você me perdoa e bem compreendeu o estado de depressão com que me encontrava, o mesmo com dona Maria e doutor Lili que me perdoem as faltas (...) Creio que antes do dia 15 irei a Mato Grosso. Em novembro, tenho que me apresentar por terminação das férias e ver o que vai ser, se saio ou continuo. Creio que há probabilidade de eu ficar segundo me disseram, que acha você querida? Quanto aos convites de nosso casamento, eu creio que sendo feito mesmo em novembro ainda está em tempo não? Você tendo um modelo especial, ou dizeres, você manda, sim?

A política estava agitada em todo o País.

Os “queremistas”¹⁵⁷ e comunistas esperavam que fosse o 3 de outubro o dia “V” deles, “mas creio que não conseguirão nada apesar do Getúlio estar dando corda a eles”, comentou Marcondes em correspondência.

Comentava: cada dia que passava mais escandalosa ficava a situação do governo porque o embaixador norte-americano tinha feito um discurso que estava sendo uma bomba atômica para os partidários da continuidade da ditadura de Vargas.

“Os melindrados estão metendo o pau no embaixador”.

Em São Paulo (12 out. 1945) Marcondes dizia não suportar a saudade e a desolação. Encontrava-se naquela cidade para a missa das bodas de ouro do coronel Bina Machado na Igreja de Santo Antônio. Eurico Gaspar Dutra esteve presente, o general Milton Almeida, entre outras personalidades.

À noite tocou o acordeon comprado para Gelcy e Lau acompanhava no violão. Tocaram Danúbio Azul. Foram apresentados a um industrial famoso, o Antenógenes, e tinham ido embora com esse ilustre convidado em um formidável automóvel, com a licença, naturalmente, da Lea Silva¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Cf. CANUTTI, 1998, p. 55, eram os que repetiam continuamente: “Nós Queremos Getúlio”. Esses grupos, porém, contavam com apoio do próprio Getúlio, auxiliados por populares e comunistas.

¹⁵⁸ Radialista e madrinha de guerra do coronel Marcondes. Em 15 de novembro de 1944 ela lançou pelas ondas da Rádio Nacional uma série de programas, às quartas-feiras, como “A Voz da Beleza na Guerra”, com crônicas como “Carta ao soldado desconhecido” e “Que tem feito você pela vitória?”.

Os presentes jogaram tantos confetes sobre a foto da distante noiva que ele se sentia enciumado.

Estivera na casa do general João Francisco então com 90 e tantos anos e dona Amália, a esposa, com 70 e picos. O “Hiena de Cati” deu-lhe um livro datilografado, compilação de seus artigos sobre a situação política e do Governo, enérgico sempre e com firmeza de caráter.

Marcondes foi transferido, no Rio, para o 2º BCC da DMM, mas tinha solicitado a Bina Machado para conseguir-lhe um cargo no ministério até que tudo ficasse esclarecido.

Já no Rio, em correspondência (6 nov. 1945), aliviando a melancolia e romantismo, mostrava-se faceiro porque viajara de Campo Grande em avião da “Panair” e o piloto tinha sido seu instrutor de voo em Pernambuco.

“Ele me deu o grande avião para pilotar, viajei na cabine toda a viagem”.

Queria casar-se dia 8 de dezembro “como já tinha combinado”.

Quanto à situação militar ficaria no ministério até depois do casamento.

Informava que logo após a cerimônia teria que retornar ao Rio.

Quanto aos seus padrinhos tinham sido confirmados o Lau e a Lúcia, o “Autonomista” também tinha se comprometido a comparecer. A Demétria não poderia viajar porque estava em adiantado estado de gravidez, e o Sebastião iria se casar no dia 9 de novembro de 1945, resolvendo de última hora, sem convite e sem cerimônia.

Chico Alves gostava de Gelcy sem tê-la conhecido pessoalmente.

“De todos os filhos, ele disse que eu seria o mais feliz (...) O seu retrato, ele tem sempre à vista”.

Chico Alves estava doente, judiado pela idade, pela lida no campo e a hanseníase, embora lúcido sem se entregar à ociosidade, mas tinha dificuldade para fazer viagem tão longa.

No aspecto político-administrativo Pitaluga tinha virado interventor do DIP e Juca estava sendo cotado para ser candidato a interventor do Território de Ponta Porã, “aliás, o próprio Bina quem me disse”.

O casamento, finalmente, aconteceu na Igreja Imaculada Conceição na Praça de Bagé com a presença do “Autonomista”, do coronel Francisco Becker Reifschneider, do Tio Manequinho, do Lau, da Lúcia, entre inúmeros

outros convidados, familiares, amigos e a sociedade de Bagé. Os padrinhos da noiva foram Zaida Quintana Rossel e Mário Rossel, Conceição Vilanil, Índio Damaceno, Ilce Vieira, Paulo Costa, Inês Gomes e Valter Vas.

Foi uma cerimônia à altura dos noivos cheia de glamour, flores e encantamento.

Os convidados foram recepcionados no casarão da noiva onde o pai aproveitava para comemorar não apenas o casamento, mas a consagração nas urnas como deputado federal constituinte.

Após o casamento Juca fretou um avião para Porto Alegre (RS) onde passou a primeira noite de núpcias.

De Porto Alegre pegaram avião de carreira para o Rio.

No Rio, em Petrópolis, eles se hospedaram no aconchegante Hotel Quitandinha onde funcionava um cassino, local grã-fino e requisitado.

A dúvida quanto à permanência no Exército persistia.

Um decreto publicado sobre o aproveitamento dos oficiais da Reserva o excluía e ele tinha até gostado, mas oficiais técnicos não se enquadravam naquela norma.

Conversou com o marechal Mascarenhas e esse o aconselhou a não deixar o Exército. Ia interceder a favor. O coronel Bina Machado estava tentando conseguir um serviço para ele na diretoria de Moto-Mecanização.

Enquanto isso, no Mato Grosso, os negócios do Juca estavam relativamente bem. Possuía 180 bois na internada e potreiro arrendado a Cr\$ 20 mil por ano. A estrada de ferro, o Território Federal e a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) estavam atraindo uma avalanche de gente e progresso valorizando as terras e criando novas perspectivas.

Antes do casamento ele havia lançado um manifesto brigaderista em Maracaju e Vista Alegre com forte repercussão entre as lideranças políticas.

No Rio, depois dos dias inesquecíveis no Hotel Quitandinha, o casal foi morar na nova casa dos pais de Gelcy.

Moraram juntos até o final do mandato do deputado e depois Marcondes e Gelcy se mudaram para Avenida Trapicheiro, 36, Tijuca.

Juca começou, nesse tempo, a correr atrás de seus direitos porque não tinha como sobreviver apenas da renda dos negócios de Mato Grosso.

A situação, no Exército, continuava indefinida até que resolveu abandonar a farda diante das demoras e do descaso do governo.

Sempre quis ter vida própria, independência financeira e profissional.

Em meio se via obrigado a tratar a neurose para não causar aborrecimentos à esposa e à família nos anos em que moraram na mesma casa. Gelcy sempre carinhosa e compreensiva se acostumou com o gênio forte e perturbado pelo efeito da guerra.

Juca assustava-se com estrondos fortes. Isso remetia o pensamento ao horror das bombas e rajadas de metralhadoras.

Lia clássicos, textos místicos, medicinais, obras técnicas e livros de guerra para se entreter, aliviar a tensão e melhorar a cultura. “Devorava” os jornais diários e mantinha uma saudável convivência com a sociedade e os intelectuais do Rio, entre os quais com Elpídio Reis (1920–1997), amigo dos tempos de Ponta Porã.

Ambos foram vizinhos por muitos anos na cidade maravilhosa.

Trocava cartas com Hélio Serejo, admirava Carlos Lacerda (1914–1977). Com este costumava conversar longamente sobre política.

Mantinha diálogo com políticos notáveis e artistas daqueles idos.

Aqueles áureos tempos do Rio impactados pela Escola Modernista.

O Rio era o centro das decisões políticas, das novidades estilísticas, da música, da poesia, da arte de forma geral, do moderno estilo de vida e do futebol – Marcondes nunca foi fanático, mas torcia pelo Fluminense, chegou a morar perto do clube fluminense onde praticava tiro ao alvo.

O país respira pós-guerra a brisa da democracia e da liberdade sob todos os aspectos principalmente políticos e na forma de expressão artística.

“Ao Deixar o Exército” é o título da carta publicada no jornal “Gazeta de Valença” (19 jun. 1946), de Marques de Valença.

Ocupando quase uma página Juca narrou sua trajetória no Exército e lamentou a sua despedida do meio militar.

“Despedir sempre foi uma manifestação do sentimento, muito difícil para os que têm coração. Eis porque, o melhor é fazê-lo assim, escrevendo”.

Essa mensagem primeiramente saiu no jornal “O Valenciano”, da mesma cidade (3 jun. 1946), com destaque na capa.

Definiu a jornada da guerra como sacrossanta e tinha entregado sua vida a ela. Relatou ter visto companheiros que venceram e não voltaram,

outros retornando fisicamente mutilados e os que venceram e prosperaram em suas carreiras e outros que venceram e continuavam suas lutas pela sobrevivência. Para ele se despedir dos colegas, oficiais e praças do Batalhão de Saúde era como se despedir da metade do Brasil.

Esse desabafo repercutiu no meio militar.

O primeiro a se manifestar foi o capitão Plínio Pitaluga (16 abr. 1946).

Pitaluga comentou, por escrito, que Marcondes chegou a Recife cheio das fórmulas jurídicas, “cheirando ao ambiente guarani abarrotado de entusiasmo democrático”. Reconheceu que algumas vezes exigiram encargos maiores, tarefas mais pesadas, sacrifícios aparentemente inúteis, “tudo, porém, com o objetivo de primar no seu espírito à visão da guerra total”.

Disse que via com alegria Marcondes, no quartel, se empenhar a fundo para transformar os “Josés da Silva” acanhados, subalimentados, apáticos, em soldados prontos a resistir ao preparo técnico-profissional os inimigos na Europa.

Nos pampas, “você encontrou na beleza e fidalguia da mulher gaúcha, o afeto para o seu lar, o sentimentalismo para a sua alma de poeta”.

Afirmou que a história da FEB ainda estava incompleta e destacou as virtudes do amigo no Batalhão de Saúde. “Você tinha consciência da guerra (...) Eu tenho certeza do quanto de bom, de útil, de honesto você deu ao Exército”.

Desejou sucesso na nova empreitada.

O segundo a enviar saudações foi o tenente-coronel Léo da Silva (18 jun. 1946), comandante da antiga Ala MM do 7º RCD, em Recife.

Desejou felicidades nos novos rumos do capitão. Estava certo que suas atividades no meio civil seriam o natural prolongamento do profícuo devotamente ao Exército.

O terceiro foi o general Mascarenhas de Moraes:

Palácio da Guerra
Rio de Janeiro
21-VI-1946
Prezado Amigo
Capitão José Alves Marcondes

Cordiais Saudações

Dirijo-vos esta carta armado do mesmo sentimento do soldado e chefe que vê seguir um seu subordinado dedicado e amigo, para uma nova e distante missão e procura às últimas horas da partida, talvez definitiva, alenta-lo e orientá-lo, já que não pode mais uma vez, acompanhar-lhe os passos.

Não me será difícil dar-vos o alento para prosseguir na nova jornada! Basta que eu vos recorde a fé e o patriotismo que vos animaram durante esses últimos anos de profícuo labor e dedicação ao Exército. Ao serviço das armas deixastes a comodidade de vossa Promotoria em Ponta Porã, embarcastes para o Nordeste arrostando os perigos da guerra submarina, atravessastes o Brasil de Norte a Sul e finalmente, transpondo o Atlântico, já então incorporado a FEB, soubestes cumprir galhardamente e sempre alvo dos maiores elogios, o vosso dever para com a Pátria.

Capitão Marcondes, vosso conceito de militar exemplar, conquistado durante mais de cinco anos de trabalho no Exército, vos dará fé e estímulo bastante para o prosseguimento da vossa já brilhante carreira civil.

É assim, com imenso pesar, Capitão Marcondes, que vejo o vosso afastamento do Exército, mas consola-me a certeza de que na paz, sabereis empunhar a pena, com a mesma energia e pelas mesmas formas louváveis, com que na guerra soubeste defender com as armas, os princípios de liberdade e justiça.

Fazendo votos pela vossa felicidade, sou Amigo e Admirador.

O tenente-coronel Borba escreveu carta mais longa (27 jun. 1946) dizendo ignorar se a desconvocação do serviço ativo era voluntária ou compulsória.

“De qualquer modo, o nosso Exército perde um excelente oficial e técnico”.

Borba rememorou o passado na paz e na guerra reconhecendo que Marcondes manteve em condições dezenas de viaturas do Batalhão “em qualquer circunstância”, lembrando do PC em Poggio “em que tinhas de improvisar muita coisa para conservar e consertar as viaturas”. Recordou à alta madrugada, com mais de 10 graus abaixo de zero, em “black-out”

absoluto, quando Marcondes pessoalmente dirigiu a retirada das ambulâncias caídas nas valas da terrível estrada de Casa Marconi e Bombiana, “visadas diretamente pelo inimigo”.

Lembrou dos transportes de feridos a qualquer hora com qualquer tempo e da ofensiva de avanço intenso de quase 850 km em 20 dias “e nossas viaturas não falharam”. O Batalhão de Saúde tinha sido elogiado por ter a melhor manutenção da DIE, “a ti e teus auxiliares, sargentos e praças, era isto devido”. No final da guerra, em 2 de maio, só haviam duas viaturas inutilizadas definitivamente, destruídas pelo fogo dos inimigos.

Falou das turras e atritos entre os dois “quando eu queria que tudo fosse rápido, e que tu fazias ponderações a respeito de peças e que eu não aceitava as justificativas; e que muito te enraivecia”.

Comentou, emocionado, que tudo aquilo vinha em mente e as palavras iam-se embora, mas os escritos ficavam:

Eu desejo dizer-te que, voluntário pra guerra, n´ela te conduziste dignamente. Ao Batalhão de Saúde deste toda sua energia, capacidade de trabalho, carinho e inteligência. As tuas árduas funções foram cumpridas integralmente. Meu caro Marcondes, o Batalhão de Saúde e, portanto, o Exército, te devem inestimáveis serviços, podes retornar à vida civil de cabeça erguida, cumpristes teu dever para com a Pátria plenamente, tua consciência pode estar tranquila.

Os milhares de feridos e doentes evacuados pelas nossas ambulâncias devem ser gratos não só aos padioleiros, enfermeiros e motoristas do Batalhão de Saúde, com a ti e a teus auxiliares, pois o nosso Batalhão era um conjunto de órgãos entrelaçados e engrenados para um fim único – a evacuação dos doentes e feridos – a qualquer hora e com qualquer tempo, e mais, fosse mais fossem as reações dos inimigos, tu fostes um dos elementos destacados deste conjunto.

O capitão Confúcio Danton de Paula Avelino, em carta (1º jul. 1946), disse que era difícil dar o significado do afastamento de Marcondes do Exército comentando que tinha recebido a despedida incerta no Boletim

Interno do Batalhão de Saúde. Comentou que a leu com emoção “por ser uma das páginas mais lindas que já conheci, sobre ideais realizados (...) Todos os que te conhecem, sabe qual valiosa foi a tua colaboração”:

Fostes o camarada de teus camaradas, soubestes te impores aos teus comandantes, colegas e comandados, pela tua dedicação e competência. Nunca a descrença, a dúvida ou o derrotismo, se aproximou de ti. Nos momentos de sacrifício, renúncia e abnegação eram onde mais te salientavas com teu otimismo. Si é verdade que fica muito de nós naquilo que realizamos, pode estar certo de que tua imagem fica no Exército. Três grandes Unidades das qual uma foram para a guerra, devem suas existências ao capitão MARCONDES. A lacuna que deixastes em nosso meio com a ausência do nobre e solidário camarada e amigo há de ser sempre sentida.

O juiz da Comarca de Mazagão, então Território Federal de Amapá, Eduardo de Barros Falcão de Lacerca, escreveu (22 jul. 1946) comentando que quando titular da Promotoria Pública da Comarca de Ponta Porã ele era um velho e humilde juiz, mas o Juca sempre se ouvia com brilho, inteligência e solicitude merecida, as raras qualidades reveladas na Promotoria. Por essas virtudes merecia “os aplausos e consideração de todos quantos tinham negócios na Justiça”:

Faço votos, assim, porque, elemento de valia que é, volte ao convívio amável de seus colegas do Judiciário que em tão alta conta o têm pelos seus méritos excepcionais demonstrados, principalmente, na tribuna do Tribunal do Jury que sempre ocupou no referido período, com vantagem e eloquência. Receba meu caro Dr. Marcondes, com os meus melhores desejos de perfeita felicidade, o abraço apertado de seu ex-corde.

9. A VIDA CIVIL E O RETORNO AO EXÉRCITO

Juca Marcondes saiu do Exército no posto de capitão da reserva sem nenhuma compensação por ter ido à guerra e ter deixado a Promotoria em Ponta Porã.

A sua permanência no Exército se esbarrara, naquele período, em dois problemas: a legislação o impediu de fazer o Curso de Oficiais da Reserva (COR) por ultrapassar a idade e não poderia ficar no Quadro Auxiliar de Oficiais (QAO) por ter o posto de capitão.

Ele ficou muito chateado em não poder seguir a carreira e pela falta de reconhecimento.

Indignou-se pelo fato de ter entregado voluntariamente a sua vida ao país, assim como milhares de outros brasileiros, ter se afastado do seu amor, dos seus familiares, da sua carreira civil e, no retorno, não ter sido valorizado com as honras esperadas e nem com soldo digno.

Desejava que a veneração de sua Pátria fosse manifestada não apenas em relação a ele, mas a todos os expedicionários, independente das interpretações feitas sobre a participação da FEB na Itália, pois, sob a óptica da história clássica e dos norte-americanos, essa era apenas uma força auxiliar desembarcada já no final da guerra.

Não bastavam as medalhas, pois, os homens de verdade são testados e têm seus valores reconhecidos aos olhos da humanidade exatamente nos momentos de guerra e forte tensão popular.

Essa desconsideração acabou abalando ainda mais estado psíquico.

Depois houve a desmobilização dos soldados, dos oficiais, e muitos oficiais que fizeram a opção de continuarem no Exército, exigiam-se deles que tinham que esperar todos os aspirantes chegarem ao posto de capitão para poderem ser promovidos, não era de acordo com merecimento. Ele (o Marcondes) não aceitou aquele estado de coisa, ficou desmobilizado. Desincorporado, passou para a atividade civil. Como ele foi Promotor em Ponta Porã, ele reclamou que saiu para servir o Exército e seria jogado na rua como um Zé Ninguém, o Estado devia reconhecer, ele tinha direito a uma colocação para poder sobreviver. Foi quando ele foi

nomeado a um posto da 3ª Vara da Fazenda Pública do Rio, Justiça Federal. Foi nomeado Depositário Judicial da 3ª Vara, no momento em que eu o conheci. Trabalhamos juntos seis anos. Então era um escritório pequeno, ele era o chefe, eu era o escrevente.¹⁵⁹

A nomeação para o posto de 7º Depositário Judicial do Quadro da Justiça da 3ª Vara da Fazenda Pública do Ministério da Justiça e Negócios Interiores não foi obtida com facilidade.

Juca encontrou pela frente apesar de toda sua influência e prestígio o descaso de certas autoridades, a burocracia e talvez até má fé mesmo porque a guerra já tinha passado e no país esfriava o clima da euforia da vitória na Europa, com outras questões políticas, sociais e econômicas tomando conta das discussões e dos interesses do governo.

O Exército recolhia-se ao cotidiano da caserna. Os heróis de guerra, naquele momento, começavam a serem vistos com naturalidade e sem o mesmo respeito verificado no início.

Ele foi nomeado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946–1951) sem ônus para os cofres públicos (11 dez. 1946) parte permanente do Ministério de acordo com os artigos 301 e 412 do Decreto-Lei nº. 8.527 (31 dez. 1945), função vaga em virtude da nomeação de Paulo Barreira de Faria para outro cargo.

Mesmo com a nomeação como Depositário Judicial, inconformado, ele iniciou nova batalha para obter o reconhecimento do Exército, onde permaneceu, contando a partir do período de Ponta Porã, por cinco anos.

Tentou, inicialmente, reconquistar a titularidade de Promotor Público ou ao menos cargo equivalente no governo, pois, a função de depositário era um prêmio de consolo com menor valor. Ganhava apenas comissão.

Embora os que retornaram da guerra tivessem sido promovidos informalmente a um posto acima foi somente em 26 de maio de 1972, de acordo com sua ficha militar, conforme a Portaria nº. 159 DF, que se oficializou a Reforma de Oficiais da Reserva de 2ª Classe, letra “f” do Artigo 93 do R/CORE, aprovado pelo Decreto nº. 41.475 (8 maio 1967),

¹⁵⁹ A. B. FERREIRA.

combinado com a alínea “a” do Artigo 26 da Lei nº. 902 (16 dez. 1965) – Lei de Inatividade.

Entre os nomes reconhecidos aparece o do capitão Marcondes.

Em 17 de junho de 1946 o major Aparício Brasil Cabral, da DMM, tentando arranjar coisa melhor para o amigo assinou declaração afirmando que o capitão Marcondes era ótimo cavaleiro, ótimo motorista, ótimo atirador e bom aviador, dinâmico, resistente, corajoso e disciplinado, sabendo comandar e ser comandado.

Declarou:

Por tudo isso devo declarar ainda que a dispensa de seus serviços do Exército é de lamentar-se, justamente quando emprestava o seu valioso concurso a uma unidade em organização e onde sua atividade, como oficial de manutenção de material automóvel, mais se tornava necessária. Finalizando esta declaração devo frisar que não é de meu feitio fazer declarações graciosas. Assim o que externo aqui é a expressão da verdade. Faça-o de consciência e com conhecimento de causa. Pode o Sr. capitão José Marcondes fazer uso desta como melhor lhe convier.

Em ofício encaminhado ao Ministro da Guerra, general Canrobert (22 nov. 1946), Marcondes reclamou e fez um apelo para o seu caso que já tinha se tornado aflitivo.

Clamava por justiça, pois, depois da Promotoria, da sua convocação para o Exército, da sua ida para a guerra, afastado cinco anos do contato com a sua profissão de advogado, desejava de volta o cargo em Ponta Porã, mas esse tinha sido ocupado por outra pessoa.

Considerava esse ato uma desconsideração aos seus direitos e à própria lei.

Com as despesas familiares aumentando e o nascimento dos filhos as ínfimas comissões do cartório mal davam para pagar as contas.

Antes disso tinha procurado o Presidente Eurico Gaspar Dutra que o havia estimulado a se incorporar na FEB queixando-se da injustiça que estavam cometendo contra ele.

O Presidente achou-as justas e de direito as solicitações. Determinou ao Ministro da Justiça, Carlos Coimbra da Luz (1894-1961), que preparasse o expediente de uma nova nomeação como Promotor Federal para o Território de Ponta Porã cuja publicação do Decreto (26 set. 1946) saiu no Diário Oficial (28 set. 1946).

Marcondes apresentou-se ao Procurador da Justiça Federal para assumir o cargo, mas isso lhe foi negado mesmo tendo em mãos um Decreto Presidencial. O Procurador alegou que o Ministro da Justiça ainda não tinha referendado o ato do Presidente.

Começou aí a sua via-crúcis de paciência e humilhação, de repartição em repartição no Ministério da Justiça a fim de conseguir um esclarecimento.

Estava ele nessa peregrinação quando um assistente jurídico do Ministro o aconselhou a fazer um requerimento pedindo ao Procurador do Distrito Federal para que fosse empossado no cargo.

Era mais uma evasiva porque o Ministro não queria se incomodar com essa questão.

Depois de dois meses de trâmite esse requerimento se transformou em um grosso processo com vários despachos favoráveis. O Ministro da Justiça resolveu tornar insubsistente o decreto de nomeação, alegando que qualquer ato do Presidente da República após a promulgação da Carta Constitucional de 1946 era nulo.

Tal atitude deixou-o estarecido, pois, foi o próprio Ministro que submeteu o título de nomeação à assinatura do Presidente e era responsável pelos atos de Justiça que emanam do Poder Executivo.

Mesmo amparado por dois decretos federais e pelo Artigo 18º das Disposições Transitórias da Constituição, além do assunto ser visto sob um prisma moral e de justiça para quem tanto serviu a Pátria, o seu direito era negligenciado.

O menosprezo chegou a ponto do assistente do ministro, Floriano Reis, dizê-lo que deveria encontrar amparo no Exército, “mas com ares de mofa!”, resmungou, ao tomar conhecimento dessa recomendação.

O Exército tinha oferecido a grande oportunidade de servir a Pátria e a agarrou com renúncia e abnegação. Depois de algum tempo estava até convicto de que a nomeação referida estava de fato anulada e outra não

poderia ser feita por ser inconstitucional naquele momento e não existir mais o Território de Ponta Porã.

Entretanto existiam outros lugares equivalentes equiparados em vencimentos ao que ele percebia no Exército e dentro da sua profissão como advogado, como no Banco do Brasil, como Procurador do Conselho Superior da Justiça do Trabalho, no Conselho Nacional de Imigração, enfim.

Em 1947 Juca foi secretário de Assistência da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, sob a direção do ex-presidente Humberto Castelo Branco.

Talvez o desapareço tenha sido represália pelo fato dele ter feito abertamente campanha a favor do brigadeiro Eduardo Gomes.

O afilhado Ayrthon Barbosa Ferreira, sem ter feito o curso de Direito na época, começou a trabalhar com Juca no 7º Depositário quando tinha entre 28 a 29 anos. Ele se recorda do comportamento colérico do amigo, indivíduo nervoso, qualquer coisa respondia ao pé da letra.

Ali teve muitos acidentes, logo que chegamos a Caixa deu um crédito para fazerem um edifício e muitos oficiais da Marinha, aquilo era muito democrático e muitos oficiais da Marinha vinham encher o saco dele, dizer besteiras, mas afinal de contas às coisas terminavam bem. Naquela época manifestou nele um incômodo, uma doença, não sei a origem, se foi osso, pescoço, não sei o que foi (...) Nessa época ele voltou e se fixou no Exército, até então todos os pracinhas como os oficiais não ganhavam um tostão, já desmobilizados, ali ele deve ter requerido alguma coisa na Justiça e obtido que o Exército devia dar para ele um soldo. Então passou a viver mais desse soldo, deixando então a Justiça, e continuou se valendo do soldo já nas condições de um ferimento se agravando, o que sacrificou muito ele. Diante daquele ferimento que ele teve, diante daquele abandono que se achava, diante do desamparo do país, então ele conseguiu, não sei por que carga d'água, incorporar-se ao Exército, na Reserva¹⁶⁰

¹⁶⁰ A. B. FERREIRA.

Ainda como Depositário Judicial Marcondes passou, por dois meses ou pouco menos, por função pífia diante de seus predicados. O diretor do Serviço de Alimentação da Previdência Social, Umberto Peregrino, nomeou-o para o cargo, em comissão, de chefe de Garage (29 abr. 1947). Em 15 de junho do mesmo ano pediu exoneração.

Em 6 de janeiro de 1948 escreveu uma nova carta ao Presidente Dutra lembrando que há dois anos e meio estivera no gabinete acompanhado de um deputado da bancada gaúcha do PSD – provavelmente seu sogro, Luís Mércio Teixeira – pleiteando a Promotoria de Ponta Porã.

Naquele período Marcondes tinha sido diplomado no Curso de Aperfeiçoamento de Legislação de Trabalho e estava matriculado no 2º ano do curso de Doutorado em Direito. “Como vê senhor general, essas atividades são de estes dois anos para cá, o meu espírito é uma nau que não encontra ancoradouro”.

Marcondes, em relatos na velhice, deu como conclusivo esse doutorado.

Queixou-se que continuava encontrando muita dificuldade na vida, já estava com três filhos, que tinha aceitado provisoriamente o cargo de Depositário Judicial da Fazenda Pública até que pudessem oferecer-lhe algo equivalente ao que tinha solicitado anteriormente “porque, hoje, seria eu Juiz Federal, senhor Presidente, se não fosse honrado a farda do nosso glorioso Exército, desagrar a nossa estremecida Pátria na Europa, Itália, com a FEB”.

“Meus filhos passarão fome se desse cargo apenas dependesse”.

Portugueses, espanhóis e judeus eram maus pagadores de impostos, além dos oficiais de justiça ser, em sua maioria, comunistas. Os inadimplentes tinham seus bens requisitados e só podiam ser retirados depois do pagamento do tributo e das custas.

De vez em quando o próprio Ayrthon saía para cobrar os portugueses. Requisitavam-se equipamentos e peças sobre as quais Marcondes ficava como depositário fiel como máquina de escrever, balanças, ou material equivalente. Quando o imposto não era pago os objetos eram levados a leilão. O lucro era o recolhimento das custas processuais.

Certa vez um português insistiu que já tinha feito o recolhimento e o recibo estaria com o guarda-livros.

Ayrthon foi até o guarda-livros e não encontrou nada porque o imposto não tinha sido pago. Então ele resolveu, por conta própria, aplicar em cima da cabeça do comerciante. Convenceu-o que um advogado resolveria o problema, mas cobrava os honorários.

O português aceitou pagar o valor apresentado por Ayrthon e aí ele recolheu o imposto, deu o recibo para o português e ficou com a comissão.

“Você pagou a dívida mesmo, você tem razão”, disse, divertindo-se com a burrice do comerciante que se achava esperto.

“Então de vez em quando eu ganhava um dinheirinho assim enganando um português que era mal pagador”.

“Mas agora o espanhol era mais duro que o judeu, aquele não pagava (...), era duro, e o judeu também era difícil...”.

Marcondes, ainda em sua via-crúcis, reclamou ao Presidente da República que o cargo de Depositário era um ambiente que não permitia ao indivíduo se aperfeiçoar em cultura, pelo contrário, “é meio de corrupção e desonestidade, além da chaga comunista que corrói e contamina as camadas inferiores da nossa triste Justiça”.

Reclamou ao Presidente que na Prefeitura do Rio estava em organização o Departamento de Rendas Imobiliárias, “para o qual foi nomeado para diretor tal Saldanha da Gama, e nesse departamento existem várias vagas de fiscais. V. Excia. poderia recomendar-me ao senhor Mendes de Moraes”.

Até mesmo o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon presidindo o Conselho Nacional de Proteção ao Índio (CNPI) vinculado ao Ministério da Agricultura escreveu carta (oito dez. 1950) ao Presidente Dutra solicitando para que fosse encaminhada mensagem ao Congresso Nacional para se reconhecer os direitos do Marcondes:

Com este venho fazer a V. Excia. um vibrante apelo em favor do Bacharel em Direito Dr. José Alves Marcondes, capitão da Reserva do Exército, convocado para o serviço ativo por ocasião da grande violenta conflagração mundial que representou a segunda grande guerra a que foram arrastadas quase todas as nações do Globo; distinto conterrâneo que, após a prestação de serviços de guerra durante cerca de dois anos, computando-se neste prazo o tempo

em que esteve incorporado na FEB na Itália (2 anos) e o tempo em que teve de viajar pelo Atlântico, ameaçado pelos submarinos inimigos, e em que serviu no Recife e na ilha de Fernando de Noronha, viu-se despojado das funções que antes exercia como Promotor de Ponta Porã, nos anos de 1939 a 1941, no interregno de quase três anos de serviço público judicial!

Além de se tratar dum compatriota mato-grossense, meu interesse pela reivindicação que tão justamente pleiteia, é redobrado pelo fato de ser o meu recomendado filho de um fazendeiro do Sul de Mato Grosso que contribuiu patrioticamente - assumindo a responsabilidade de avultadas despesas - para auxiliar os trabalhos a cargo da comissão telegráfica sob a minha chefia, quando se tratava da construção da linha que iria servir às fronteiras da Bolívia e do Paraguai: o Sr. Francisco Alves Terra.

Cogitando-se duma reforma judiciária, cujo projeto está em andamento no Congresso Nacional parece razoável que nele se enquadre um dispositivo categórico que reconduza o Dr. Marcondes ao exercício de funções equivalentes às que ele exercia quando atendeu prontamente à ordem de convocação emitida pelo Ministério da Guerra.

Ao alto espírito de Justiça de V. Excia. não escapará por certo que, mesmo na hipótese inverossímil de que não existisse dispositivo legal a amparar semelhante reivindicação, esta tem tal força de lógica que imporia a criação de uma Lei que reconhecesse o direito que assiste ao interessado na sua recondução ao cargo que foi obrigado a deixar para atender a obrigações que pertencerem quaisquer outras do serviço público, quais sejam as do chamamento às armas, na perspectiva da entrada do País numa guerra de que dependia a sobrevivência de nossa Pátria como nação independente.

Valho-me do ensejo para renovar a V. Excia. os meus protestos da mais alta consideração. Saúde e Fraternidade.

Apesar dos pesares Marcondes era econômico com tino para os negócios e capitalizava os bens que seu pai lhe tinha reservado em Mato Grosso. Mesmo com as dificuldades ele relacionou os feitos econômicos do ano de 1948 e os fatos mais importantes para Gelcy levar à Igreja, meditar e agradecer ao Senhor pelas graças.

Naquele ano ele recebeu o dinheiro que José Ribeiro Silva lhe enviou referente à venda dos bois; adquiriu um automóvel em Bauru depois de ir até Barretos com a família Fradique¹⁶¹; liquidou o pagamento da parte não financiada do apartamento do Largo do Machado; recebeu o prêmio relativo à questão na Caixa Econômica; comprou um terreno pagando-o à vista na Barra da Tijuca; esteve em Buenos Aires como membro da delegação de representantes da Justiça do Distrito Federal – inclusive da Editora Diretrizes S.A. para representar o jornal junto à imprensa e meios publicitários de Buenos Aires –; aconteceu no dia 7 de novembro, o batismo do filho Eduardo Otávio Teixeira Marcondes cujo padrinho foi o marechal Mascarenhas de Moraes; em novembro esteve em São Paulo como delegado da Convenção dos Ex-Combatentes; fez as provas escritas do curso de Doutorado da Universidade do Brasil e as orais saindo-se bem e negociou, na Caixa Econômica, a aquisição de um terreno em Copacabana, onde se previa obra de edifício para a FEB.

Quando viajou para Buenos Aires levou credencial da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção do Distrito Federal, cuja sede provisória ficava na Avenida Augusto Severo, 4. Essa credencial (4 set. 1948) dava-lhe poderes para representar a diretoria da entidade e o jornal “Ex-Combatente”. O documento é assinado pelo então diretor responsável, Daniel Pereira de Souza; pelo diretor gerente José Teixeira de Almeida e pelo diretor redator Jamil Amiden.

O lema da entidade era “A melhor homenagem aos combatentes mortos é dar assistência aos seus companheiros vivos”.

.....

Mas nem tudo eram espinhos.

Há pelo menos um fato pitoresco.

Segundo Ayrthon, entre 1949 e 1951, quando foi inaugurado o asfalto da Via Dutra entre Rio de Janeiro e São Paulo o capitão comprou um jipe

¹⁶¹ Cf. FERREIRA, 1993, p. 24, provável referência a Fradique Corrêa da Silva.

1954 a 9 de novembro do mesmo ano) enviou um bilhete ao Presidente (29 ago. 1950).

Apresentou Marcondes como afilhado e amigo recordando que como o próprio Presidente tinha conhecimento Juca tinha deixado a Promotoria de Ponta Porã para ir a FEB “onde se portou com elevada distinção. Mas quando voltou a reestruturação feita em sua ausência o excluiu até do quadro”.

Disse que tinha ele agora a esperança em que o Presidente o ajudasse. “E como o conheço bem, por ser rapaz digno e honrado, bom chefe de família, não hesito em pedir ao meu prezado chefe e amigo que o ampare decisivamente”.

O marechal Mascarenhas de Moraes enviou carta (18 dez. 1950) ao amigo coronel Ulhôa Cintra solicitando vaga na Reforma Judicial do Distrito Federal, “onde poderá ser contemplado o nosso recomendado que merece um ressarcimento dos prejuízos sofridos”.

Depois de muitas reclamações e de uma ação na Justiça Marcondes, finalmente, foi reintegrado ao Exército como oficial na patente de capitão.

À custa não eram compensatórias. E ele sempre ali, revoltado com aquilo, brigava muito com os oficiais de Justiça, os oficiais tudo era comunista, ele chateado. Eles tinham a organização dos ex-combatentes, aí ele disse que sofreu um traumatismo no pescoço, na Itália, um carro virou com ele. E ele reclamou com o Exército, fez uma reclamação muito forte, ele era muito bem empregado, ganhava mais ou menos, depois de ir à Itália, voltar, em vez de receber melhoras, subir, baixaram. E ali juntaram os ex-combatentes, tinha o Mascarenhas de Moraes que foi o comandante, conseguiu que o Exército, o país, mandassem-no para os Estados Unidos para fazer esse tratamento no pescoço, tudo, saúde precária, ele muito nervoso. Aí que está o nó da tripa, eu não sei. Ele conseguiu através disso, ser promovido no Exército, parece que lhe admitiram como oficial, não sei como, eu não conversei com ele, mas eu tinha essa dedução porque antes daquele ferimento que ele teve, aquele abandono que ele se achava, diante do desamparo pelo país e pelo serviço público, pelo Exército, por tudo, então conseguiu não sei por que carga d'água incorporar-se ao Exército, na Reserva, não chegaram a

aposentar, eu sei que quando aconteceu esse negócio que ele reclamou, o Exército mandou-o para os Estados Unidos, parece que ficou dois anos lá, nessa época, talvez (...) Parece que ele foi reformado por invalidez, ele começou a ser promovido, major, tenente-coronel, o posto que ele morresse. Começou a sobreviver, tinha herança aqui em Vista Alegre, fazenda, ele mexia com gado também, ele começou a trabalhar fora do Exército, com pecúlio bom, comprou fazendas, passou para os filhos e ficou em uma situação melhor.¹⁶³

.....-

No início de 1950 Juca fizera uma cirurgia para a retirada da amidalite aproveitando o tempo de convalescença para ler “E o Vento Levou”.

Em janeiro de 1952 viajou do Rio a Londrina (PR) para vender um Lincoln.

Primeiro passou em São Paulo na casa do brigadeiro Luna que insistia com a fábrica. Visitou também o “Hiena de Cati”.

Juca estava acompanhado do amigo Fernando e em São Paulo quis comprar uns livros.

O trânsito, no horário do rush, estava pior que no Rio. Resolveu deixar o veículo na Avenida Ipiranga em local não permitido, mas com o Fernando dentro para aguentar as pontas.

Quando retornou Fernando estava “em pé de guerra” com um inspetor de trânsito.

Marcondes justificou a ansiedade de forasteiro e depois de muita conversa o guarda liberou-os.

Sumiram dos olhos do guarda em meio àquele inferno de motores e indivíduos desesperados. Não rodaram muito o carro começou a pifar até apagar o motor no meio da pista com o trânsito tresloucado.

Atrás os motoristas buzinavam e blasfemavam.

Apareceu outro guarda para ajudar a contornar a confusão.

¹⁶³ Idem.

O nanico Fernando não era atleta, porém, com a cara e a coragem passou a empurrar o pesado veículo ao lado do Juca.

Entendendo um pouco de mecânica Marcondes conseguiu colocar o motor em funcionamento, mas de forma precária até a oficina.

Na mecânica o serviço demorou duas horas.

Se o conserto não fosse feito ficariam a pé na rodovia.

Perguntaram a um popular:

– Onde é a estrada para o Paraná?

O sujeito ensinou o caminho errado e depois de muitas voltas foram descobrir que estavam a caminho de Campinas (SP). Perderam 40 km. Aí já era noite, não se via casas, as estradas eram escuras e mal sinalizadas.

À noite pararam num posto rodoviário. Quando perguntaram o caminho para o Paraná surgiu um japonês corpulento pedindo carona até Sorocaba (SP).

Parecia gente boa.

Durante a viagem foi avisando sobre as serras clareadas pela Lua e o Juca começou a gostar do caroneiro e pensou na ideia dele acompanhá-los até Londrina, pois, a intenção era viajar à noite toda e não conheciam o caminho enquanto o japonês era um motorista profissional que havia montado um barzinho para ficar perto da família.

Juca convidou-o, mas ele disse que não podia. Tinha negócios a resolver.

Fez-lhe uma proposta quando já entravam em Sorocaba:

– Pois bem, você precisa de dinheiro... Eu vou lhe dar uma chance. Quanto você acha que vale este carro?

O japonês respondeu meio confuso que não poderia avaliar propriedade alheia, mas podia custar entre 70 a 80 contos...

– Bem, estamos indo para Londrina. Se você conseguir vender o carro a 45 estou satisfeito, o restante é seu... – propôs Juca.

O japonês pulou de alegria.

Passaram na casa dele, tomaram um aperitivo e o japonês conversou com a esposa. Achava que Deus tinha aproximado eles naquela noite...

Meia hora depois estavam na estrada.

O japonês chamava-se Kanato.

Marcondes descansou do volante e o Kanato contou sobre o tempo de motorista quando devorava a escuridão à beira da estrada...

Veza ou outra ele chamava:

– Olha capitão, vamos tomar um cafezinho aqui?

Na realidade eles davam uma “beizada” na pinga com vermouth ou “rabo de galo” sempre ao comando do Fernando...

Pela madrugada Marcondes perguntou:

– Está cansado?

– Seu capitão, não faz pergunta assim... Pode dormir... Não se preocupe...

O confortável carro correspondia e o japonês firme ao volante...

Aí começaram a falar sobre política. Juca perguntou a Kanato o que ele achava do prestígio do Getúlio...

Ele demorou a responder.

– Eh! Meio a meio seu capitão...

– Então o prestígio não é 100%!...

– Ere gosta muito de gorpe! – disse no seu sotaque arrancando uma gargalhada do Marcondes que logo entendeu: Kanato era Ademarista.

Do Fernando às vezes se ouvia a fala e às vezes o ronco...

Quando iam passando pelas localidades Kanato informava a cidade: Cotia, Piedade, Ibiúna, Itapetininga, Angatuba, Itai, Piraju, Bernardino de Campos, Xavantes, Ipauçu e Ourinhos aonde chegaram às 9h. Entraram no Paraná por uma estrada de terra batida.

O tempo para chuva deixou o capitão preocupado.

Se um temporal caísse estariam enrolados. Os pneus do carro não eram para lama e não tinham corrente.

O tempo estava como o “doutor Lili” de cara feia, mas de bom coração, pensou Marcondes.

O capitão ia admirando as plantações de café, arroz, milho e cana-de-açúcar.

Com a poeira os três estavam com o rosto parecendo mais fugitivos do que turistas. O almoço foi um sanduíche com cerveja em uma estalagem suja, sem conforto. O Fernando com poeira até nos olhos e o japonês com a peculiar palidez. Marcondes impressionou-se com as

idades com apenas cinco ou seis anos de existência e já pujantes, parecidas com Bagé e Campo Grande.

Os caminhões com placas do Rio Grande do Sul e da Bahia, veículos novos, dos anos 50, 51, com predomínio dos Dodges, e veículos às vezes luxuosos em estradas tão precárias.

Por volta das 14h chegaram finalmente a Londrina sob forte calor. Londrina fazia lembrar o fogo futuro.

Marcondes assumiu o volante e Kanato aproveitou para cochilar um pouco.

Em Londrina foram até as Lojas Pernambucanas onde o gerente era um amigo de infância do Juca, de Campo Grande: o João Vieira.

Foram ao hotel.

A cidade, fundada em 1932, comentava Marcondes, já tinha 100 mil habitantes com arranha-céus como os de Campo Grande, toda a cidade calçada e o comércio luxuoso, táxis, charretes, aviões e uma igreja quase maior que a da Candelária, de estilo gótico.

Kanato saiu para vender o carro e Marcondes e Fernando saíram com o João Vieira.

Vieira afirmou:

– O rolo compressor vai rolando para o Mato Grosso e Dourados está sendo atingido pelo mesmo desespero a fim de progresso e riqueza...

Londrina arrecadava alto, mas a depredação do meio-ambiente ocorria solta...

Marcondes achava que o governo deveria administrar o Brasil e não apenas o Distrito Federal. Deveria alertar o povo para não desperdiçar dinheiro com Cadilacs e automóveis de luxo na poeira, lama, reduzindo a durabilidade.

O governo deveria fabricar carros resistentes. Ficou abismado com o número de carros luxuosos.

– Imagine! Só em Londrina existem 40 cadilacs, só rabos de peixe. Não é o dinheiro do brasileiro que está em evasão para o exterior? – questionou Juca ao Fernando...

O alicerce deveria ser construído para concentrar riqueza que a terra estava proporcionando, “mas que se esgotará dentro de alguns anos (...) Daqui a 20 anos isso aqui será uma zona de pobreza”, previu.

A profecia – que ela encerrou ao ser escrita – foi cumprida, cem por cento, de vez que aí está o companheiro com o seu lar, ornamentado com sua esposa – a mesma noiva Gelcy – e três herdeirinhos.

Não poderíamos, por certo, escrever a epopeia da FEB sem juntar a vida de cada soldado, esse mundo íntimo – amor – em que cada um vive a cultuar a fé, a renovar a esperança e a pulsar a caridade.

10. A CAMPANHA ELEITORAL

O retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República (1951–1954) pelo voto direto, juntando o PTB, PSP e PSD, marca novo momento político na vida do capitão Juca Marcondes.

Marcondes nunca fora simpático a Vargas.

Aliado e amigo de Carlos Lacerda, fervoroso e pragmático crítico do governo Vargas, o capitão liderou, ao lado de Henrique Vasquez Júnior, Paulo Coelho Machado (1917–1999), Cláudio Fragelli e Ladislau Marcondes, um manifesto dos mato-grossenses residentes no Rio contra “o suborno, a coação, o regime de propinas e o afilhadismo que são estigmas profundos de nossa atual estrutura político-administrativa”.

Essa posição foi tomada depois que o marechal Dutra, natural de Cuiabá, esteve na Associação Mato-Grossense de Estudantes (AME), no Rio, para uma palestra.

Além de fazer oposição ao governo Vargas a intenção do movimento era unir a colônia. Dutra insuflou os estudantes com seu discurso. Ele disse que a vida pública era um ônus e nela não há lugar para o gozo estéril, para o prazer egoístico. Falou sobre os problemas do Brasil e invocou a associação para uma questão imperativa: servir o Brasil e nunca se servir dele.

Juca defendia o mesmo pensamento.

Os estudantes sob sua liderança e de outros mato-grossenses traquejados na coisa pública queriam ajudar o País a sair da corrupção.

Pode ter sido, num contexto maior, uma manifestação isolada e sem maiores repercussões, mas a “Tribuna da Imprensa” dedicou espaço privilegiado para o movimento dando eco à campanha lacerdista em curso. Essa entidade era presidida pelo acadêmico Ruben Figueiró, ex-deputado estadual e federal por Mato Grosso do Sul pela Arena na década de 80.

A “Tribuna da Imprensa” (26–7 set. 1953) publicou foto mostrando os estudantes e Marcondes entregando manifesto a Lacerda. Formaram-se a primeira comissão com tarefa de colher assinaturas dos conterrâneos.

O manifesto publicado na “Tribuna da Imprensa” (9 out. 1953) contém assinaturas de dezenas de mato-grossenses, entre as quais de José Couto

Vieira Pontes, o segundo presidente da Academia de Letras e História de Campo Grande (1972–1982); Elpídio Reis, escritor e também ex-presidente da mesma academia (1988–1997), redator e diretor-superintendente da “Tribuna da Imprensa” por oito anos; Nicola Casal Caminha; João Augusto Capilé, ex-prefeito de Dourados (1945–1947); Joel Pizzini, ex-dentista prático em Dourados; Altinor Barbosa Ferreira, pesquisador e delegado; Rogério Said, entre outros.

Veja um trecho:

O Brasil atravessa agora um dos períodos mais críticos de sua história. Exacerbado por crises de toda natureza, parece caminhar para o caos, para a destruição dos princípios morais e religiosos que o sustentaram durante toda a sua existência de nação cristã e bem formada. Esquecem-se os valores menosprezam-se as contribuições sadias e construtivas de seus filhos, atenta-se contra os princípios consagrados na Constituição (...) O desequilíbrio econômico decorrente da falta de assistência eficiente à agricultura, à pecuária e à indústria, gera os transtornos sociais, a miséria rural, a doença, a fome. O suborno, a coação, o regime de propinas (...) A luta deve orientar-se no sentido de velar pelas nossas tradições de cultura e moralidade, conservando a chama acesa do idealismo patriótico (...) Entre os brasileiros que hoje pugnam pelo soerguimento moral da nossa terra, avulta-se a figura impressionante do jornalista Carlos Lacerda.

Mas o jornal não repercutiu o assunto com o governo pelo menos na mesma edição. Não foram apresentadas provas de corrupção, suborno e de propinas.

Era o desabrochar da campanha do capitão Marcondes a deputado federal representando os ex-combatentes esquecidos pelo governo.

A revista “Sombra” (jan-fev. nº. 133, 1954, p. 92.) destacando as personalidades da época trouxe uma foto do Marcondes, Gelcy e os quatro primeiros filhos. A nota citava Gelcy como de família tradicional de

políticos gaúchos, os Mércios. Marcondes foi identificado como graduado servidor da Justiça.

A Unidade Latina – Legião do Brasil – comemorando o aniversário de lançamento do Apelo de Muriaé (25 maio 1952) – movimento com sede em Minas Gerais contra o analfabetismo inspirado em ideais positivistas de Augusto Comte (1787–1857) – concedeu diploma a Marcondes (18 jan. 1954) reconhecendo-o pela luta contra a ignorância, considerando-o “Legionário da Alfabetização” no grau simbólico de Cruz de Ouro.

No dia 27 de fevereiro de 1954 realizou-se a primeira reunião, em Campo Grande, para a estruturação do PDC em nível estadual, distrital e municipal. O objetivo era lançar candidatos nas eleições de outubro.

Juca Marcondes foi escolhido presidente do Diretório Regional.

O jornal “O Mato-grossense” (1º fev. 1954, p. 2), de Campo Grande, deu destaque de meia página em seu tabloide com o título: “Abandona a UDN para poder tomar parte na campanha de moralização do Poder Público” e subtítulo “Carta do Dr. José Alves Marcondes a O Mato-grossense”.

Esse jornal, fundado em 26 de agosto de 1949, trazia no cabeçário o nome do ex-prefeito de Campo Grande, Ary Coelho, *in memoriam*, e tinha como diretor responsável o deputado federal Filadelfo Garcia; como gerente e redator o deputado Antônio Mendes Canale e como secretário o deputado Salviano Mendes Fontoura.

Era um jornal literalmente político e partidário.

Essa carta esclarecia notícia dada em 18 de fevereiro de 1954 dizendo que Marcondes era antigo integrante das hostes da UDN.

Ele estava no Estado com a missão de fundar o PDC.

O texto do dia 18 afirmava que Marcondes vinha fazendo vibrantes conferências para a moralização da coisa pública, mas como antigo e destacado membro da UDN e fundando o PDC em Mato Grosso estaria

assinando atestado de óbito “da udanada no que diz respeito à moralidade pública, pois, importa sua atitude em afirmar que com a UDN mato-grossense não é possível levar avante qualquer campanha”.

Marcondes exigiu que o jornal corrigisse a informação, pois, ele nunca tinha pertencido à UDN. Apenas acompanhou Lau nas campanhas para prefeito de Maracaju, assim como Domingos, esses sim udenistas, e tinha vindo ao Estado com Carlos Lacerda, da UDN, como representante da Comissão Central de Combate à Corrupção.

Advertia que tão responsáveis pelas imoralidades apontadas e confirmadas pela Comissão de Inquérito do Parlamento eram o PTB, PSD, UDN e PSP excluindo-se apenas alguns altruístas.

“Queremos cordialidade e entendimento entre os homens de boa vontade, e só”, resumiu.

A “Tribuna da Imprensa” (11 fev. 1954) noticiou a criação do PDC em Mato Grosso e as duas pessoas credenciadas para a tarefa eram Marcondes e Afonso Ribeiro Pires.

Os pedecistas trabalhavam para expandir a legenda com o mote de ser o único partido ideológico que não saia de suas linhas-mestras.

Mato Grosso era governado pela UDN e o PSD fazia oposição e o PR, PTB e PSP eram legendas sem eleitores e sem líderes fortes.

O “Diário do Sudoeste” (19 fev. 1954), de D´Almeida Vitor, registrou, em nota, a visita de Marcondes à redação falando sobre a criação do PDC.

Deu destaque maior na capa da edição seguinte (27 fev. 1954).

Na reportagem Marcondes fez duras críticas ao comunismo. Declarou que se Lênin (1870–1924)¹⁶⁴, Leon Trotsky (1818–1883) ou Karl Marx (1818–1883) fossem por Deus devolvidos ao Mundo ficariam estupefatos com as deformações feitas às suas doutrinas.

Afirmou:

As Nações satélites da grande República bolchevista chegaram mesmo à concepção de um comunismo à moda da casa, como se acontece com a Iugoslávia que tem o seu chefe Tito sob vigilância permanente, a fim de que o Dragão Soviético não lhe cobre o

¹⁶⁴ O nome russo de nascimento é Vladimir Ilie Ulianov

atreuimento dessa atitude, cujo preço seria a vida. E a China? Esta recebeu o comunismo como consequência de uma eventualidade, mas condicionado a ser regido em existência antes de tudo pela doutrina de Confúcio. No Brasil, os ensaios da propaganda comunista, chegam ao paradoxo de contrastes e incoerências que por felicidade o povo já começou a perceber claramente. (...) Surgiu assim o PDC na Europa, sendo hoje o equilíbrio dos destinos da Itália, França, Alemanha, Bélgica, Holanda e tantas outras Nações livres, notadamente na América do Norte e agora na América do Sul cujo Q.G. da grande agremiação política será o Brasil.

O redator classificou o visitante como de natureza “entusiasmável” ao defender o PDC como base do Cristianismo e da Democracia. Esse mesmo jornal (25 fev. 1954) publicou uma segunda nota assinada por Juca e Afonso dirigida ao “Povo Mato-Grossense” convocando a população a se unir em torno do PDC e informando que esse partido, pelo país afora, tinha passado a ser a esperança do povo desiludido com o golpismo e a roubalheira.

Dizia que São Paulo já estava à frente desse movimento, “de vassoura na mão, o povo mato-grossense acompanhará o povo paulista”.

O Jornal “O Progresso” (7 mar. 1954), capa, noticiou a organização do PDC no Mato Grosso relatando que Juca fazia excursão pelo Estado com esse objetivo.

Já se previa a trajetória meteórica de Jânio Quadros (1917-1992), pois, a matéria de “O Progresso” comentava que o PDC cresceu rapidamente com a vitória de Jânio, em 22 de março de 1953, para a Prefeitura de São Paulo e tudo indicava que ele disputaria o Governo de São Paulo e, se eleito fosse, seria candidato natural à Presidência da República.

O PDC prometia ser um dos maiores do País.

“O Progresso” dirigido naquela época por Weimar Torres (1922-1969) tinha como redator-chefe João Augusto Capilé Júnior e como gerente Naurestides Brandão.

Cerca de um mês depois, em “O Progresso” (11 abr. 1954, p. 2), Juca saudou o jornal por ter granjeado a acolhida e a estima dos pedecistas ao se colocar, desde o início da campanha, como anfitrião.

Novamente em “O Progresso” (20 maio 1954) Marcondes assinou artigo comentando que Dourados tinha recebido com carinho e festividade no sacrário de suas hostes políticas o caçula das agremiações partidárias, o PDC. “Partido novo, porém alicerçado em princípios antigos que são oriundos da própria civilização cristã que temos que defender custe o que custar”.

Preconizava a revolução social, a justiça e a liberdade.

Sem imaginar os desdobramentos dos ataques feitos por Lacerda a Getúlio Vargas e as fortes turbulências políticas que viriam pela frente o capitão Juca Marcondes lançou sua campanha para deputado federal do Rio de Janeiro em 1º de julho de 1954.

As eleições aconteceram em 8 de outubro.

Percorreu com seus companheiros os principais jornais do Rio como o “O Globo”, a “Última Hora” e “A Noite” e além da promessa de defender os ex-combatentes usava como trunfo carta do marechal Mascarenhas de Moraes recomendando-o junto aos pracinhas e oficiais.

Praticamente todos os jornais publicaram essa carta.

O “Correio da Manhã” (1º jul. 1954, p. 3) noticiou, com foto, a candidatura dos representantes dos ex-combatentes.

Juca fez dobradinha com o marinheiro Geraldo Targino da Fonseca, ex-combatente no patrulhamento do Atlântico Sul que fora candidato a vereador. Representantes da FEB, da FAB e das Marinhas de Guerra e Mercante acompanharam-nos nas visitas aos jornais.

Criou-se o Comitê Central Pró-Candidatura dos Candidatos Ex-Combatentes.

Juca defendeu a conscientização dos ex-combatentes para que tivessem políticos que os representassem na Câmara Federal e na Câmara de Vereadores e assim poderiam ser melhores defendidos em seus direitos. Argumentava que o povo de uma maneira geral deveria apoiar aqueles que um dia deixaram o Brasil para ir à guerra, lutar pela soberania nacional. Citou que nos Estados Unidos os ex-combatentes tinham o seu devido valor e participavam ativamente da vida política.

Na mesma edição do “Correio da Manhã” com o título “Os Vivos e os Mortos” noticiava-se o major Plínio Pitaluga engajado no trabalho para a construção do Monumento ao Expedicionário, no Rio, em memória aos

mortos na guerra. O Congresso já tinha aprovado um crédito para as despesas iniciais da Comissão de Repatriamento. Ele era secretário dessa comissão. O objetivo era trazer os restos mortais dos oficiais e soldados até o final daquele ano.

A sede da Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas (Crifa), criada pelo Decreto nº. 19.269 (25 jul. 1945), corria risco de despejo. A ameaça se dava em função de uma ação judicial movida pelos antigos donos do clube desportivo que era mantida antes pela colônia alemã.

O caso, segundo Pitaluga, era de “dignidade nacional” defendendo imperativa assistência aos doentes e a honra aos mortos. Daí a pressa quanto à construção do monumento.

A “Tribuna da Imprensa” (1º jul. 1954, p. 3) destacou a candidatura dos dois ex-combatentes publicando foto de ambos em visita à redação.

Eis a carta de recomendação de Mascarenhas de Moraes:

Estou certo de que os veteranos, atualmente candidatos a deputado e vereador, saberão defender, em nosso Parlamento, os ideais democráticos de seus companheiros de luta na Segunda Guerra Mundial. Os srs. José Alves Marcondes e Geraldo Targino da Fonseca são realmente dois nomes dignos de representarem os veteranos de guerra na investidura que lhes couber no próximo sufrágio popular.

Merecedores de meu apreço pessoal desejo-lhes pleno sucesso em sua campanha eleitoral, à qual estou pronto a prestar apoio moral e cívico.

A “A Voz de Portugal” (4 jul. 1954) também noticiou as candidaturas elogiando a iniciativa e citando a recomendação de Mascarenhas de Moraes.

O “Correio do Estado”, de Campo Grande, (6 jul. 1954, p. 3), cujo diretor-presidente era o deputado José Fragelli, ex-presidente do Senado no período da redemocratização do País com a eleição, pelo voto indireto, de Tancredo Neves (1910–1985) à Presidência, amigo do Juca de velhos

tempos, publicou notícia segundo a qual os estudantes mato-grossenses recomendavam, no Rio, a candidatura de Marcondes.

A nota assinada por Clóvis de Mello e outros signatários dizia que a colônia deveria ter confiança no espírito esclarecido de Marcondes como homem público e na sua capacidade de trabalho.

O diretor-gerente do “Correio do Estado” era Antônio Marques e o redator-chefe José Barbosa Rodrigues (1916–2002) que acabou, mais tarde, se tornando proprietário.

Os candidatos estiveram em “O Radical” (2 jul. 1954). O jornal divulgou a visita com foto e comentou que o número de ex-combatentes no Distrito Federal era superior a 20 mil e tinham sido montadas mais de 30 subcomissões no Rio. O programa de trabalho era pautado em 14 itens incluindo questões de interesse coletivo.

A campanha, porém, teve resistências isoladas dentro da corporação.

O “Radical” (9 jul. 1954) divulgou advertência do 2º secretário da União Nacional dos Ex-Combatentes, Evandro Alcântara Teixeira Coelho, segundo a qual os ex-combatentes ainda não tinham candidato. Esse jornal se opunha à “Tribuna da Imprensa” e a Lacerda. Seu diretor, Georges Galvão, foi candidato a deputado federal pelo PTB, partido de Getúlio, mas o jornal publicou a carta do marechal Mascarenhas de Moraes na edição de 1º de outubro de 1954.

Para o Jornal “Diário Carioca” (s.d.) onde aparece foto dos ex-combatentes em volta do redator Marcondes explicou que a candidatura deles tinha nascido durante o Congresso dos Expedicionários realizado em Curitiba (PR). Ele afirmou que no Paraná a situação dos ex-combatentes estava mais bem resolvida graças ao governador Munhoz da Rocha.

“Resta-nos fazer com que os outros Estados tomem atitude idêntica”, afirmou.

Marcondes e seu companheiro buscaram apoio insistente da mídia.

O tabloide “O Roteiro”, órgão oficial da Associação Mato-Grossense de Estudantes, circulando no Rio, cujo diretor-redator era José Couto Vieira Pontes (jun-jul 1954, p. 6) publicou um close de Marcondes e a nota de apoio da colônia à sua candidatura.

Em Campo Grande “O Mato-grossense” insistia em prejudicar.

O “Correio do Estado” (2 set. 1954, p. 5) noticiou que Marcondes havia endereçado novo ofício ao “O Mato-grossense” pedindo retificação.

“O Mato-grossense” em editorial de capa (4 ago. 1954) interpretou equivocadamente um boletim de campanha de Marcondes ao informar que ele se encontrava em Campo Grande para combater a corrupção e prejudicar o governador Fernando Correia da Costa (1951-1956/1961-1966).

Eis o ofício:

Não era isso que estava escrito no referido boletim porque o trecho onde o jornal retirou essa insinuação referia-se também a São Paulo, portanto, não podia ser, senão a corrupção oriunda da administração federal e que agora vem a furo espalhando sangue e lágrimas pela superfície de toda a Nação em consequência do bárbaro atentado da Rua dos Toneleiros e suicídio do Presidente da República. Assim, solicito a V. S^a. retificar tal nota publicando este ofício, pois, não tenho nada contra a UDN de meu Estado e o que sei, é que quando se organizou aí a comissão que haveria de receber o meu comitê que do Rio levava o grande brasileiro, jornalista Carlos Lacerda, dela fazia parte representantes de todos os partidos existentes no Estado.

O “Correio do Estado” aproveitou para alertar que “O Mato-grossense”, concorrente, deturpava as palavras de suas fontes citando o exemplo do Marcondes.

“O Mato-grossense” por Marcondes contra o governo e a UDN.

No panfleto de campanha do Marcondes usando uma foto com a farda da guerra, os capacetes e o blusão para enfrentar o rígido frio da Itália, constava na borda: “O povo que nos recebeu com flores, aplausos e carinhosa acolhida, há de nos dar votos para elegermos os nossos representantes que nos defenderão no Parlamento”.

Do outro lado: “MUTILADOS DA CRIFA, atualmente despejados pelos alemães, doentes e mendigos, precisam de votos para seus companheiros que são candidatos, a fim de defenderem seus interesses nos legislativos. Pedem votos para não mais pedir esmolas”.

No cartaz, tamanho de 33 cm por 44 cm, com a mesma foto da guerra, a frase: “Na guerra defenderam a Pátria. Na Paz, com a democracia, defendem o direito do povo e dos pracinhas necessitados”.

Dia 5 de agosto de 1954 aconteceu o atentado contra Lacerda.

Ninguém para pra pensar que, se não tivesse havido o atentado da Toneleiros no dia 5 de agosto, não teria acontecido o suicídio de Getúlio no dia 24.

Ficou mais fácil inventar lendas capazes de gerar votos dos que precisavam da morte de Getúlio para se eleger. Chegaram até a dizer que foi Lacerda que matou o major Vaz¹⁶⁵ (...) Esse atentado, apesar das versões fantasiosas, não tem mais segredos. Descobriu-se até de onde saiu o dinheiro para pagar o pistoleiro, graças à numeração das notas. (...) Daí em diante, tudo caiu, como um castelo de cartas.¹⁶⁶

O “Diário Carioca” (6 ago. 1954) publicou foto-legenda com Lacerda recebendo visitas de solidariedade entre os quais o ex-presidente Dutra e o capitão Marcondes.

A “Tribuna da Imprensa” publicou editorial, naquele mesmo dia, com o título “Ao Mestre da Tocaia”.

O capitão Juca Marcondes era personalidade conhecida entre os jornalistas e, naquele episódio, foi vítima de alguns equívocos.

Talvez na ânsia de fazer a melhor cobertura sobre a forte comoção que tomara de conta da Nação por causa do suicídio de Vargas e a pior crise política do período o repórter de “O Globo” (25 ago. 1954, p. 6), repercutindo o fato, comentou no “lead”:

Alinhamos, a seguir, algumas impressões colhidas pela reportagem d’O GLOBO, em frente ao Palácio do Catete, tão logo se divulgou a notícia do suicídio do Sr. Getúlio Vargas. O capitão José Alves Marcondes, da Associação dos Ex-Combatentes, foi quem transmitiu a informação aos jornalistas concentrados na

¹⁶⁵ O major morto no atentado foi Rubens Florentino Vaz.

¹⁶⁶ MAGALHÃES, 1993, p. 150-1.

parte externa da residência presidencial. Em lágrimas, desnordeado, descontrolado, passou em direção a um bar, exclamando: *Morreu o Presidente!* Ninguém quis acreditar. Fez uma ligação telefônica, chamando uma ambulância, e voltou precipitadamente. A seguir, retornou ao meio dos repórteres para comentar o episódio. Só então é que se admitiu a veracidade da notícia (...).

A correção publicada na edição seguinte:

O Cap. R/2 Dr. José Alves Marcondes veio a O GLOBO prestar esclarecimentos acerca dos fatos que o envolveram no noticiário sobre o suicídio do Sr. Getúlio Vargas. Frisou, inicialmente, que, ao ser abordado pelos repórteres, não vinha saindo do Palácio do Catete para chamar a ambulância. Depois, acrescentou:

– Eu estava defronte ao Palácio entre vários jornalistas que aguardavam a oportunidade para entrar no Catete. Desde a posse do Sr. Getúlio Vargas não entrara no Palácio do Catete, porque nunca fora familiar ou amigo do Governo. Estive sempre na estacada contra a anarquia e a roubalheira implantada nesses últimos anos.

E, adiante, ressaltou que, naquela oportunidade, dissera para os que o cercavam:

– Observem que os maus amigos e parentes do Sr. Getúlio Vargas tentarão eximir-se das responsabilidades explorando o bilhete encontrado no quarto em que o Presidente pôs termo à vida. É preciso que apontemos terem sido eles responsáveis pela morte trágica do chefe do Governo. Matou-se o Sr. Getúlio Vargas envergonhado com os atos praticados pelos que o cercavam. Senti seu falecimento como todos os brasileiros, pelo modo dramático em que se verificou.

Arrematou o Cap. R/2 Dr. José Alves Marcondes, dizendo que seu programa de ação se resume na salvaguarda dos princípios que levaram a FEB a combater em solo italiano.

“O Mundo” (24 ago. 1954) cometeu erro semelhante.

No alto da capa trouxe a frase, sem reportagem interna: “Morro envergonhado com os atos da minha família e de meus amigos. As últimas palavras de Vargas ao Capitão José Alves Marcondes”.

A retratação veio na segunda edição seguinte conforme ofício encaminhado à redação com data de 26 de agosto de 1954:

Com referência à manchete publicada no conceituado jornal dirigido por V. S^a., publicada no dia 24 do corrente com os dizeres: *Morro envergonhado com os atos de minha família e de meus amigos*, as últimas palavras de Vargas ao Capitão José Alves Marcondes devo-lhe dizer.

Senhor Redator, não houve tal declaração; primeiro porque nunca frequentei o Palácio do Catete e, segundo, porque não desfrutava nenhuma intimidade com qualquer pessoa do governo do Sr. Getúlio Vargas.

O que houve nesse dia infausto para a Nação brasileira, eu como os repórteres de vários jornais, achava-me postado em frente ao Palácio do Catete com a intenção de penetrar no recinto do mesmo e sentir a dura realidade que parecia um sonho. Durante esse espaço de tempo conversávamos todos emitindo opiniões, de onde a minha seria sobre o ponto de vista pessoal, que os escândalos sucessivos que vinham abalando a República quase sempre, tinham como protagonistas elementos do Governo e da sua família, coincidindo a minha opinião; quem matou o Presidente Getúlio Vargas, foram os seus maus amigos e parentes, envergonhando-o com os seus atos, até a triste conjuntura do suicídio (...).

– Ademais, sou um ex-combatente da FEB, com tradições a zelar pelo meu nome e de milhares de meus companheiros que nesta hora cruciante da vida nacional, temos de defender a Democracia que reviveu com a morte de nossos companheiros sepultados em Pistóia, e o sacrifício de tantos outros. Que o povo brasileiro unificado pense no Brasil.

Durante a campanha Juca também esteve focado na Baixada Fluminense, de menor poder aquisitivo.

Luís Francisco, aos 8 anos, se recorda das peixadas em São João do Meriti e de cabos eleitorais como Jamil Haddad – ex-deputado federal anos

mais tarde – Juarez Távora, além de alguns amigos da seção do Depósito Judicial que não eram comunistas trabalhando na campanha.

Um amigo de Campo Grande, Justiniano Echeverria, escreveu uma carta (18 ago. 1954). O barulho político na cidade era cada vez maior e a política estava pegando fogo. Informava que tinha escrito várias cartas a amigos e parentes por todo o Estado pedindo votos para os candidatos do PDC e, em Campo Grande, tinha um ex-combatente no páreo. Desejou boa sorte para o companheiro. “Eu, daqui, só posso fazer torcida”.

Marcondes pedia voto em cima de um jipe Willys com alto-falante.

Apesar da expressiva votação ele não conseguiu se eleger.

Dona Gelcy se recorda que saiu às ruas para, no esforço concentrado, pedir votos e colar cartazes em postes e na parede de estabelecimentos comerciais cujos donos eram conhecidos.

Foi a primeira e única experiência dele como candidato a um cargo eletivo em toda a sua vida, apesar de continuar apegado ao meio e sempre nos bastidores eleitorais tanto no Rio de Janeiro como em Mato Grosso, dois locais onde conhecia muita gente e exercia inegável influência seja no campo das ideias ou aconselhando personalidades que se tornaram históricas e lendárias.

Acostumado às fortes emoções e sem receio dos embates o capitão comprou briga no ano seguinte antes das eleições presidenciais.

Ele provocou polêmica em entrevista coletiva, em seu apartamento, em Laranjeiras. Ao lado de outros militares da linha dura do Exército repudiou a candidatura de Plínio Salgado (1885–1975) à Presidência da República.

Jornalista, advogado, autor de romances e ensaios, deputado estadual (1928–1930) pelo Partido Republicano Paulista (PRP) e federal (1958–1962), criador do integralismo no Brasil (seus seguidores tinham-no como o seu “Duce”), envolvido nos principais eventos políticos dos anos 30 até os 50, com destaque na Semana de Arte Moderna de 1922, ele era visto, pelos militares, como um político ligado aos países do Eixo e, portanto, um traidor da Pátria na interpretação feita por Marcondes.

O “Diário de Notícias” (18 set. 1955, p. 3) mancheteou: “Afronta aos Mortos e Mutilados da Guerra a Candidatura do Chefe da Quinta Coluna. Antes devia o Sr. Plínio Salgado passar por um Tribunal, como Traidor da Pátria”, com uma foto mostrando os ex-combatentes, capitão Marcondes,

Jamil Amiden, Sólton Prates e Juarez Távora, este candidato à Presidência da República em dobradinha com Milton Campos.

Não se tratava de mera manobra política para favorecer Távora.

Os militares alertavam que o PRP era partido totalitário, onde o presidente da agremiação era o chefe.

Marcondes era, naquele ano, presidente da seção de Mato Grosso do PDC.

Veja trecho da declaração no jornal:

Nenhum brasileiro consciente, nenhum patriota democrático pode pensar sequer em votar no Sr. Plínio Salgado. Cada sufrágio ao chefe fascista nacional será uma afronta monstruosa, um escárnio ignóbil ao sacrifício de milhares de compatriotas mortos ou mutilados na Itália. (...) Foi o integralismo, orientado pelo seu “duce” Plínio, beneficiário de um fanatismo irracional e milhares de adeptos, que forneceu à pirataria nazi-fascista legiões de espiões e sabotadores. Nenhum brasileiro de senso e de brio pode esquecer que os miseráveis torpedeamentos de navios brasileiros, em que morreram ou ficaram inutilizados tantos de nossos patrícios - homens, mulheres e crianças - resultaram das informações prestadas aos nazistas pelos brasileiros traidores, seguidores do Sr. Plínio Salgado. Citemos os casos hediondos dos integralistas Melo Mourão, Túlio Regis Nascimento e tantos outros.

O jornalista Theodorico Luiz Viegas, de Dourados, ex-diretor da “Folha de Dourados”, ex-correspondente do “Diário de São Paulo”, tinha chegado ao Rio naquele ano, onde fora estudar e trabalhar. Com 22 anos e sem compreender direito o que se passava naquele momento lembrou que a entrevista do capitão caiu com uma bomba:

Era um barulho grande, um bafafá, toda a imprensa deu cobertura, era pergunta de todo lado, eu não conhecia quase ninguém no Rio, declaração bomba que ele fez (...) O capitão era muito respeitado na cidade, eu era novo, matuto aqui de

Dourados, não conhecia praticamente nada, a turma de militar foi lá para acompanhar (...) O ambiente no Rio era confuso.

Theodorico considera o coronel Marcondes amigo, mentor e padrinho.

Quem lhe deu o endereço no Rio foi Ayrthon Barbosa Ferreira.

Ao visitá-lo no Rio foi recebido com alegria.

Juca arrumou-lhe acomodações fornecendo nomes e endereços de estudantes de Dourados.

Theodorico permaneceu no Rio por cinco anos.

Juca costumava acolher jovens que saiam do Estado para estudar no Rio, assim como fazia Filinto Muller.

Theodorico concluiu o Científico no Rio.

“O Globo” (19 set. 1955, p. 2) publicou foto do Marcondes e o texto com suas declarações na mesma linha bombástica.

Foi reconhecido como herói de guerra e defensor do puro nacionalismo alicerçado na tríade Deus, Pátria e Família.

No “lead”:

O capitão José Alves Marcondes participa, hoje, de um sistema de forças que visa, do seio da comunidade dos ex-combatentes, desmascararem a profissão de fé democrática repetidamente proferida pelo Sr. Plínio Salgado em seus comícios eleitorais.

Plínio começou a ser desmascarado com o Estado Novo. Vargas, desapontado, negou o cargo de Ministro da Educação pleiteado por Plínio como líder do integralismo, movimento que tinha ajudado no golpe getulista.

Plínio teria sido responsável pela aventura criminosa de assassinatos e loucuras de seus correligionários, culminando com o assalto ao Palácio da Guanabara, residência de Vargas, fato ocorrido em 1938.

A filha, Maria Amélia Salgado Loureiro, tenta resgatar a biografia e certas injustiças, segundo ela, atribuídas a seu pai, no livro “Meu Pai”¹⁶⁷,

¹⁶⁷ Cf. www.doutrina.linear.nom.br, livro das Edições GRD, São Paulo, 498 p. Acesso em 22 mar. 2005.

tratando Plínio como uma “triste figura”, um anti-herói de Cervantes, e só teria conhecimento do ataque ao Palácio na hora dele praticamente eclodir. Mas ela omite o encontro do pai com Mussolini em 1930.

Ainda na reportagem a “O Globo”:

A candidatura do Sr. Plínio Salgado no Catete constitui, assim, um insulto à memória das vítimas do nipo-nazi-fascismo. (...) Nós, os mutilados, nós, as vítimas dos bárbaros processos bélicos do Eixo, queremos advertir os povos brasileiros, por cuja salvação derramamos irremediavelmente nossa integridade física, para o perigo que volta a rondar a nação.

Os correligionários de Juarez-Milton pela Frente de Renovação Nacional diziam que votar em Plínio seria como votar em Juscelino Kubitschek (1902-1976) que acabou vencendo as eleições ancorado pelo PSB e PTB com 3 milhões e 80 mil votos (1956-1961).

O general Távora, unindo UDN e PDC, ficou em segundo com 2 milhões e 610 mil votos; Adhemar de Barros, pelo PSP, em terceiro, com 2 milhões e 22 mil e Plínio obteve 715 mil votos.

Jânio Quadros, natural de Campo Grande, naquela época governador de São Paulo fez campanha a favor da chapa Juarez-Milton.

Marcondes viajou pelo Mato Grosso pedindo votos para Juarez.

De acordo com “O Progresso” (10 jul. 1955) o capital passou em Dourados fazendo campanha. O pessoal do PDC se agrupou e montou a comissão douradense do Movimento de Renovação Nacional.

Juca argumentava que a ideia do candidato único sempre foi uma aberração e ameaça de hipertrofia do regime democrático. Não se compreendia, dentro de uma pluralidade de partidos, com pontos de vistas diferentes, que todos abdicassem de seus proselitismos para adotarem um único candidato que, no fundo, não representaria partido algum.

Ofício com timbre da empresa “Correio do Estado Ltda.” (2 ago. 1955) supostamente assinada por José Barbosa Rodrigues porque é legível apenas a abreviação “Jão” alertava Marcondes para não deixar de trazer Jânio Quadros para reforçar a campanha de Juarez no Estado. A comitiva

deveria passar por Cuiabá, Campo Grande, Dourados, Ponta Porã, Corumbá e Aquidauana. Do contrário os eleitores poderiam ficar decepcionados e os adversários explorariam essa ausência.

Adhemar de Barros já tinha visitado Mato Grosso, mas, em síntese, a UDN unia-se em torno de Juarez, apesar das naturais e incontroláveis intrigas da oposição plantadas junto à opinião pública “numa vã tentativa de a eles nos igualarem para apagar a vergonha do seu procedimento em 1950 com Cristiano Machado”.

Em nível de governo do Estado, naquele ano, o candidato pela aliança UDN-PSP era Rachid Saldanha Derzi e Octacílio Faustino da Silva com apoio do governador Fernando Correia da Costa.

Mas quem ganhou as eleições foi João Ponce de Arruda (1956-1961).

O “O Imparcial”, de São Luiz (MA), com data de 1955, noticiou a passagem de Távora e Marcondes.

Juca guardou foto do comício em Lavras (MG) onde ele aparece ao lado de Juarez.

11. DIÁRIO DA GELCY¹⁶⁸

WASHINGTON, 1956.

OUTUBRO

DIA 12: Cheguei aos EUA pensando nos meus guris que ficaram no Rio e as saudades já tão imensas de todos da família. Sai do Rio no dia 27 de setembro. Foram no aeroporto tia Bebê, Luís Carlos, Vitoriano e os três gurizinhos. O Pedro estava dormindo e não quis acordá-lo, pois, chorasse muito pela minha partida. Cheguei a Belém à 1h30. A viagem foi ótima. De lá segui para Trujillo (...), lá chegando às 8h30 e de lá parti para Nova Iorque aonde cheguei às 15h30, de lá às 17h30 parti para Washington. Já em Washington encontrei um casal que ficou muito meu amigo, ele um aviador, Major Borges que estava fazendo um curso no Canadá. Eles em tudo me orientavam lá no aeroporto. Chegando a Washington, Marcondes me esperava com um senhor. Fomos para o Hotel Everest Street. De lá passamos dias depois para um hotel na Hampshire, ap. 1707, onde o dono é peruano e a mulher carioca (...) e aqui estamos. Já visitamos o embaixador Amaral Peixoto e a Alzirinha e ambos foram gentilíssimos conosco. Conheci também um casal cujo marido é um banqueiro e a mulher Josefina é brasileira e tem uma casa aqui em Washington. Conheci também a família Carrê: ele engenheiro e ela gaúcha de Júlio de Castilho. Tem três filhos e todos os filhos falam já bem o inglês. Fomos também visitar a família do Henrique Zala. Ele foi colega do Marcondes em Mato Grosso, assim que passamos horas agradáveis na companhia de ambos. Lá estava um irmão que foi colega do Marcondes também, este senhor estava

¹⁶⁸ Escrito por Gelcy Maria Teixeira Marcondes durante o período em que ela permaneceu com o coronel Marcondes, este fazendo tratamento no “Walter Reed Army Hospital”, nos Estados Unidos. Embora ela não dê detalhes do aspecto clínico, o filho do casal, Pedro Ricardo, durante entrevista em 4 fev. 2005, contou que o pai passou por uma sessão de sonoterapia durante um mês. Marcondes também fez cirurgia na coluna. Ela narra mais da vida social do casal. Eles ficaram alguns meses fora do Brasil e ela não se recorda da data do retorno ao Rio. A intervenção do autor se limitou na transcrição, com a mesma dificuldade para se entender a letra – alguns trechos são ilegíveis – e revisão gramatical. Esse diário foi escrito em um pequeno caderno de anotações de capa dura. Naquele ano os filhos ficaram sob os cuidados da mãe de Gelcy e da *Sinhá Morgada* e foram levados para Bagé.

de passeio aqui e seguiria com sua senhora para o Brasil. Eles levaram vários cartões nossos para o pessoal no Rio, pois, até agora ainda não recebemos notícias nenhuma de lá.

DIA 16: Hoje vamos a um baile de gala na Embaixada Americana. Esse baile será oferecido pela nossa Embaixada e a Embaixada de Roma. O embaixador de Roma, senhor Décio Moura e a senhora Arlete, ela filha do Heitor Mendes. Eu, falando ao telefone com a Alzirinha, essa me convidou para uma recepção si o Marcondes estiveste, é claro, bem disposto. Assim que iremos às 22h. Depois contarei o que vi por lá. Marcondes está descansando a fim de deixar passar as horas. O baile esteve ótimo. Fomos às 22h para lá. Ao sairmos da sala onde guardam a roupa, isto é, o casacão, já encontramos o general Machado Lopes, o qual se mostrou muito gentil conosco, essa sala fica no andar térreo. Subimos ao primeiro pavimento onde encontramos na entrada o embaixador Amaral Peixoto e a embaixatriz Alzirinha e os embaixadores de Roma. Eles esperavam os convidados. Nós os cumprimentamos, o Marcondes se fez conhecer a Arlete e assim manteve uma palestra com ela. Logo depois passamos para a outra sala que tinha umas mesas e lá fomos encontrando vários casais amigos. No canto da sala alguns casais descansavam em pé, também, resolvemos dançar. Depois de dançarmos um pouco passamos para o salão principal e lá encontramos a senhora do Henrique Vale e aí ficamos conversando. Estávamos neste local quando chegou o general Machado Lopes, sua senhora, a qual me disse que tinha recebido uma carta da dona Florinda me apresentando a ela, mantivemos agradável palestra. Aí fui apresentada ao senhor e senhora do Adido Militar da Aeronáutica, um casal muito simples e simpático, logo nos convidaram para uma festa que estavam organizando. A festa será no dia 22 de outubro, "Dia da Asa". Quanto aos vestidos apresentados no baile da Embaixada, viam-se vestidos elegantes e outros sem nenhuma elegância. Alzirinha estava muito esquisita, o vestido era meia canela, azul. A Arlete estava também de vestido curto de gaze amarelo canário, muito interessante o vestido com muita fazenda em drapejado e os sapatos em cetim da mesma cor do vestido. Estava chamando a atenção à senhora Gutier que vestia um vestido estilo indiano, a fazenda parecia uma renda ou um (...) com dourado, todo

em azul, tendo nas casas um laço estilo quimono japonês. O vestido era “sob palavra” (...) e bem ligado. As americanas quase todas com vestidos meias canelas e a maioria velha e esquisita. Conhecemos uma espanhola com um vestido de renda cinza, muito elegante. Viam-se muitos vestidos de veludo preto, sendo que uma com veludo roxo tendo uma calda que se transformava em estola. O meu vestido não estava mal e eu até me senti bem, pois, estava bem na moda. Todo de renda preta com fundo branco tendo um rouge em tule preta.

DIA 18: Hoje Marcondes recebeu pela manhã a notícia que deveria se apresentar às 14h no “Walter Reed” a fim de iniciar os exames. Foi uma grande vitória alcançada, pois, já julgava perdida a parada.

DIA 19: Saímos pela manhã a fim de comprarmos um casaco de inverno. Comprei um por 69 dólares de tuíde preto e branco e mais um vestido por 30 dólares de Jersey de lã. Confesso que até agora estou na dúvida se fiz ou não boa compra. Escolhi primeiramente um preto, mas Marcondes achou caro e gostou desse e eu para fazer-lhe à vontade... O vestido é bem interessante. A cor é que não gostei muito, preferia um de cor areia, azul, bege queimado, mas como Marcondes gostou, fiquei. Fico às vezes revoltada comigo mesma, pois, levo muito tempo para escolher as coisas e às vezes escolho como essa compra o que não gosto. Por isso gosto de pensar bem antes de comprar. À noite fomos à família Carrê, saindo de lá quase às 24h.

DIA 20: Fomos pela manhã à missa da Catedral e de lá saímos caminhando calmamente indo até o Everest sem precisar tomar condução. Lá encontrei uma carta da Maria Vieira, a Véia, que me deu imensa alegria, pois, já andava ansiosa por notícias sendo esta a primeira carta que recebo do Brasil. A carta da Véia é do dia 10 de outubro. Diz ela que o meu pai havia pedido demissão do cargo que ocupa no serviço de tuberculose e que ela estava o ajudando na escrituração para a entrega do cargo. Fiquei preocupada com isto e sem saber o motivo porque saiu. Meu pai é uma criatura que merece tudo e, no entanto, tem se decepcionado com os cargos que ocupa. Infelizmente não tem tirado nenhuma vantagem com a

política (...) só tem se prejudicado. Deus queira de agora por diante arranjar causa melhor, pois, merece tudo na vida. Se for possível falarei ao Almirante Amaral Peixoto acerca disso, pois, talvez ele possa arranjar algo de acordo do que meu pai merece. A Véia fala também na Marta Oliveira que está aqui em Washington e mandou o endereço, mas acontece que telefonei para o hotel onde estava, mas ela já havia se mudado. Hoje Marcondes foi pela manhã ao “Walter Reed” e trouxe-me, na volta, uma carta do Vitoriano. Ele ainda não tinha recebido notícias nossas, apesar de termos escrito várias cartas para lá. Eu perguntei ao senhor dono da pensão aqui, o senhor Ernesto, si ele sabia onde ficava o “Post Office” (os Correios), ele me ensinou mais ou menos e eu consegui ir, mas para me orientar melhor ao chegar à rua que ele dissera perguntei a uma senhora onde ficava o “Post Office”, mas ela não compreendeu, tive que mostrar as cartas e, ela, respondeu “Póst Office”, isto é, “Pósti Office” e felizmente acertei. Marcondes faz uma hora que está dormindo. Estou estudando um pouco de inglês e vendo aqui no dicionário a palavra pensão que se chama em inglês “boarding-house”.

DIA 23: Fomos a uma exposição na Base Aérea. O Major Cavalcanti passou aqui com a senhora para nos levar. Gostei imensamente da festa. Constatou de um jantar americano, no centro do salão havia duas mesas compridas onde estavam os pratos com a comida, a qual estava sendo servida por garçons vestidos com seus gorros a “mestre-cuca”. Depois de terminado o jantar, a mesa central foi separada, ficando apenas as mesas pequenas e aí se iniciou o baile com a Aquarela do Brasil.

DIA 25: Fui com o Marcondes ao hospital.

DIA 26: Fui com ele e o Major Cavalcante felizmente fez as radiografias de estômago e nas radioscopias nada deu de anormal.

DIA 27: Sai com a dona Maria Carrê para fazer compras. Amanhã, domingo, irei à missa. Fui à missa das 10h e de lá fomos almoçar com o casal Machado Lopes. Passamos até às 16h lá. Eles foram gentilíssimos conosco, a palestra foi toda sobre o Rio Grande do Sul. Dona Armandina

lembrou de Bagé, de todas as famílias bajeenses que conheceu e assim mantivemos agradável palestra.

DIA 29: Fomos a uma recepção na Embaixada que a Alzirinha e o embaixador oferecia aos oficiais de Marinha. Lá pedi para a Alzirinha falar com o comandante Mancel Cezar de Andrade sobre a possibilidade de mandar umas cousas para os meus gurus. Felizmente ele foi gentilíssimo e se prontificou a levar.

DIA 30: Fomos para Filadélfia a fim de levarmos a mala e para assistirmos a recepção no navio Duque de Caxias. Fomos de trem levando apenas duas horas de viagem. Passamos à viagem subscritando cartões de Natal que pusemos na mala. Em Filadélfia nos hospedamos no Hotel Adelfia, bem no centro da cidade. À noite fomos para a recepção e por causalidade ao tomarmos um táxi encontramos um guarda marinho que ia para lá e assim não aumentou no trajeto e até a mala ele fez questão de transportar para o Marcondes. Gostamos imensamente da recepção, fomos nós e a senhora do Almirante Pinto da Luz e a filha os primeiros a chegar ao navio. Compareceram muitas pessoas de Washington e até de Nova Iorque. Filadélfia é uma cidade maior que Washington, cidade industrial, muitas fábricas de nylon, grandes refinarias e edifícios bem modernos e muito altos. Benjamin Franklin, um nome falado na história da América, nasceu nesta cidade. Ainda conserva-se a sua casa intacta, uma casinha muito simples e humilde. Filadélfia foi por certo tempo a capital dos EUA. E a residência do governador (...) e outros tantos edifícios estão para visita pública como museus históricos.

DIA 31: Reservado às crianças. Elas se fantasiam com máscaras engraçadas, a maioria (...) bruxas e saem pelas ruas pedindo dinheiro. Uma espécie de carnaval sem música.

NOVEMBRO

DIA 1º: Hoje fui à missa e depois fiz uma visita a Josefina. Falei ao telefone com a Rosa Maria e a Aidéia. Marcondes foi ao “Walter Reed”.

DIA 2: Nada de importante tenho a contar. Amanheci muito gripada e não sai, pois, chovia muito pela manhã e até à noite está um dia feio. Estávamos jantando quando nos apareceu um rapaz paulista que jantou conosco. Marcondes quis sair à noite, mas não sai, pois, além de estar muito gripada, hoje é Dia de Finados e não quero sair. Para o almoço o senhor aqui da pensão nos ofereceu um peixe que estava na geladeira. Resolvi fazer com arroz, pois, o peixe é uma espécie de bacalhau e ficou ótimo. E a senhora do dono da pensão entusiasmou-se e fez o resto para o jantar dos hóspedes e todo mundo gostou muito. Vou agora escrever lá para casa. Pois parece mentira, mas só recebemos duas cartas do Brasil.

DIA 3: Hoje, às 10h, fui à missa ao general Góes Monteiro mandada celebrar no Mosteiro de São Francisco pelo general Machado Lopes e senhora. Na missa encontramos várias pessoas conhecidas, o Walter e Moura estavam também. Aidéia voltou conosco, isto é, com o casal Machado Lopes e nós. Depois, fomos convidados por estes para almoçarmos no seu apartamento e lá ficamos até às 15h.

DIA 4: Fomos à missa numa igreja aqui perto, São Pedro, e depois demos uma volta pela cidade, almoçamos por lá e depois assistimos o filme italiano “A Estrada”. Cheguei cansadíssima e resolvi me deitar. Marcondes saiu, trouxe uns milhos para cozinhar, ele mesmo cozinhou e comemos com leite e bolachas, sendo isto o nosso (almoço) jantar.

DIA 5: Pela manhã Marcondes foi ao “Walter Reed”, à tarde fomos à Embaixada buscar três cartões, da Marilu, tenente Severino e Klinger. À noite jantamos com a Rosa Maria – gostei muito da sua casa. Eles têm uma casa própria na “Ellicot (...) Street” a qual é muito boazinha. Depois do jantar eles vieram nos trazer até aqui.

DIA 6: Fui pela manhã me matricular na “Americanization School”. Uma senhora venezuelana ficou de me esperar para irmos juntas, mas me

levantei, passando pelo quarto dela, mas já tinha saído. Revolvi ir sozinha e consegui acertar. Depois de já ter feito a matrícula ia já saindo quando encontrei à senhora e ela e o marido que me procuravam aflitos, pois, tinham me procurado no hotel e não haviam me encontrado. Foi ótimo, pois, orientei-os onde estava a secretária. Fizemos assim a matrícula para a mesma classe. Ela é bem mocinha, tem 17 anos. O horário das nossas aulas é das 13h15 às 15h15. Pela parte da tarde fomos, isto é, eu com a Rosa Maria e mais duas senhoras suas conhecidas numa aula de inglês organizada por umas senhoras da primeira sociedade. A Rosa Maria e as outras senhoras estão no curso de História. Eu aprendendo o inglês depois da aula que foi ótima, mas sofri muito, pois, estava nervosíssima, fomos tomar chá numa confeitaria.

DIA 7: Hoje Marcondes tinha marcado para mim uma consulta no “Walter Reed”. Telefonei para a Aidéia me acompanhar, ela me disse que o Marcondes se informasse bem se a consulta com o médico era ou não particular, que se não fosse particular seria melhor eu não fazer, pois, poderia prejudicar o seu tratamento. Pedi então para ela me acompanhar, pois, assim explicaria melhor ao médico. Ela pediu para eu passar lá, tomei um táxi e fui direto à sua casa e de lá fomos direto ao “Walter Reed”. Lá, com a ajuda da Aidéia, soubemos que Marcondes tinha se informado mal, pois, o médico só atenderia mediante o cartão o que eu não tinha. Assim que não fiz a consulta e falamos para que ele indicasse um outro médico que desse consulta no seu consultório particular e ele indicou outro. Ao sairmos do “Walter Reed” encontramos muita gente aglomerada, o que soubemos que o Presidente Eisenhower estava lá visitando um político de nome que havia sido operado. Esperamos, então, a sua saída: eu, Marcondes, Aidéia e Patrícia, uma moça casada com um capitão aviador. Ela está esperando um bebê e foi ao hospital se consultar. Esperamos um pouco e vimos à saída do Eisenhower, o que foi uma grande vitória para nós, pois, ele conseguiu vencer nas eleições e hoje é que estão dando os resultados. À tarde fui com a Olga, moça venezuelana que falei, para a aula no “Americanization School” e de lá saímos às 15h15. Gostei imensamente da aula, a professora, uma americana muito simpática, procurava nos

ensinar da melhor forma possível, assim que gostei mais dessa aula que a que a Rosa Maria me levou.

DIA 8: Pela manhã passei lavando roupa. Às 12h o Walter passou aqui para nos levar para um passeio, fomos à fazenda do general Washington, a casa é toda a fazenda, agora um museu histórico. Tudo é guardado como no tempo usado por ele. A casa está construída numa elevação vendo-se de lá uma belíssima vista. Avista-se numa parte o Rio Potomac, da outra o gramado que se vê ao longe e que se assemelha, segundo disse Walter, a Versalles (...), na França. O que se nota é que Washington foi um homem pobre, pois, sua casa é muito simples, não tem a beleza dos nossos museus imperiais no Rio de Janeiro. A casa é de madeira, aliás, observamos que a maioria das casas americanas é de madeira, às vezes veem-se umas com tijolinhos, mas quando se observa bem se nota que há apenas uma pequena camada por fora de tijolos, pois, batendo-se nas paredes nota-se que são ocas. Ainda não compreendi o porquê que os americanos não constroem casas sólidas. Acho que é porque não tem tradição, o modo porque vivem como máquinas, como autônomos, enfim, é difícil compreender este povo. A mulher, a maioria não tem empregada, trabalha como umas loucas. E daí os maridos, nossos latinos, resolvem a admirar a mulher americana. Mas esquecem eles que nós dedicamos de verdade ao lar enquanto a mulher americana apenas faz farol. Arruma muito por cima a casa, não é como nós que quando arrumamos nos preocupamos demais e enceramos, limpamos os vidros e outras tantas coisas que elas não fazem na certa, pois, as casas quase todas são com tapetes ficando apenas pequenos pedaços que enceram, a louça é lavada em máquinas apropriadas. A comida geralmente comprada tudo quase que pronto como saladas, verduras etc. Usam e abusam das conservas. Assim que fazem farol. Usam muita roupa de nylon e mandam também muita roupa para a lavanderia, apesar de terem máquina de lavar roupa e de secar. O que resumo é que apesar de fazerem tudo isso não o faz por acharem fácil, mas sim por necessitarem fazer, pois, as empregadas domésticas exigem 160 dólares por mês e só as milionárias podem ter... Já vi muitas americanas se queixarem amargamente da vida que vive aqui e desejando voltar para o Brasil, as que já estiveram lá. Cada vez mais dou valor ao meu

Brasil. Quando eles tiverem o conforto dos Estados Unidos será o melhor país do Mundo. Há muitas americanas que conheci que desejam voltar para morarem no Brasil, pois, dizem elas tinham vida de rainha, aqui são escravas.

DIA 9: Pela manhã fui com a dona Maria e mais duas senhoras a fim de fazer compras na cidade. Comprei o meu casaco de pelica. Marcondes não gostou, quis que eu trocasse, mas depois não troquei. Confesso que sou infeliz nas compras, me arrependo do que faço. Não quero comprar mais nada para mim, só pensarei nos meus guris e nos (...) que queira levar. Cheguei a ter um verdadeiro pesadelo a esse respeito, pois, sonhei que tinha chegado ao Brasil sem levar nada para ninguém. À noite, fomos ao cinema, assistir um filme de Disney.

DIA 10: Passei em casa, não sai, o frio já está bem grande apesar de não ter saído estou congelada aqui dentro de casa. O dono da pensão não ligou a calefação. Fomos depois da janta assistir o filme "Oklahoma", achei um colosso, parece que se está dentro da tela.

DIA 11: Pela manhã fomos à missa, depois assistimos à saída de Eisenhower (...) da sua igreja. Depois viemos para aqui e depois do almoço, feito por mim, fomos dormir. À noite fomos ao cinema assistir um filme com Gare Cooper. Gostei muito.

DIA 12: Hoje, Dia dos Veteranos de Guerra. Nada (parece extraordinário...) fizemos. À tarde estive aqui à dona Maria Carrê e o marido e mais tarde a Klin com um rapaz paulista apareceu por aqui. À noite não saímos.

DIA 13: Fui à aula com a Rosa Maria e lá me encontrei com a dona Maria Carrê.

DIA 14: Fui pela manhã ao médico e depois à aula do "Americanization", vim para casa e tomei um purgante receitado pelo

médico. Não jantei e no outro dia de manhã uma lavagem intestinal. O purgante era de óleo.

DIA 15: Fui pela manhã ao hospital com uma mexicana que conheci aqui. A pobre foi atenciosíssima comigo. Já fui submetida a várias radiografias sendo que uma fez-me após a lavagem intestinal. Sábado voltarei ao médico a fim de ser examinada outra vez.

DIA 16: Nada de extraordinário, à tarde fui no “Americanization” e depois voltei com a senhora Hens, de São Paulo, minha colega no “Americanization” e a Olga. Levei-as até a pensão onde morava a fim de apresentá-las (...) à dona da pensão, senhora Lucia (...). Conversamos muito, ofereci-lhes uma laranjada, depois fui levá-las até o “Dupont Circle”.

DIA 17: Fui pela manhã ao médico, ele achou as radiografias exigidas normais, mas quer que eu seja submetida a um “check-up”. Fomos depois, eu e o Marcondes, no Pentágono, lá nos esperava Major Moura. O Pentágono representa o Quartel General, isto é, de onde saem informações oficiais para todos os Estados Unidos. É um edifício em forma de pentágono e é uma verdadeira cidade, visitamos uma grande parte com Moura. Almoçamos lá e depois à tarde (para casa) fomos ao “Forte Macnail” (...) fazer compras, Marcondes comprou um casaco de camurça.

DIA 18: Fui à aula no “Americanization” e voltei para casa. Fomos almoçar lá na Maria Carrê e depois saímos com eles para passearmos de auto.

DIA 19: Fui à aula no “Americanization”.

DIA 20: Tinha aula na escola indicada por Rosa Maria, mas não me sentia bem, estava com uma forte dor de cabeça e resolvi não sair.

DIA 21: Fui ao “Americanization” e depois fui lá à Josefina pedindo que me levasse a um cabeleireiro, ela me levou. Apenas (...) não arrumando,

chegamos a casa arrumei o cabelo, pois, no outro dia iríamos às comemorações do Dia de Ação de Graças que é muito festejado aqui.

DIA 22: Fomos em companhia de um casal americano assistir a comemoração do Dia de Ação de Graças na casa de Josefina, em Virginia. Foi ótima a festa, lá estava toda a família reunida, sua filha com os quatro filhos, esse casal americano e uma família de hindus, muito interessante de se apreciar o traje das senhoras, muito interessante. Um dos filhos falava espanhol e a moça, francês. A senhora tinha prendido no nariz um brilhante. Ficamos até às 18h lá, depois voltamos com a filha da Josefina, o marido e os filhos. Eles nos deixaram aqui no apartamento e depois que mudamos a roupa, fomos para a mesma comemoração na Embaixada. O dia tem como prato especial o peru. Era o aniversário da Alzirinha e do Ministro Câmara. Cantaram-se os parabéns para ambos lá na Embaixada. Estavam lá Moura e a senhora e ficamos sempre em companhia deles. Íamos depois lá ao general Machado Lopes, mas não fomos porque ficou tarde e achamos melhor não irmos.

DIA 23: Foi feriado. Fui pela manhã à “Hecht”. O dia esteve horrível de frio, até neve já caiu.

DIA 24: Fomos almoçarmos lá no Henrique Vale. Ficamos até às 16h lá, ao sairmos encontramos com uma moça gaúcha que estava numa sala do hotel e ficamos conversando muito tempo com ela.

DIA 25: Fomos à missa na Catedral e depois de lá para a casa do general Machado Lopes, pois, tínhamos sido convidados para almoçarmos. Saímos de lá já de tardinha. Fomos assistir um filme com a Elizabeth Taylor, “Gigante”. É um filme que mostra Texas antigo, cheio da falta recursos e depois o atual já cheio de progresso trazido pelo petróleo. Sai de lá fazendo uma comparação do interior do Brasil e do Brasil que futuramente será um Texas atual. Tenho felizmente certeza disso apesar de muita gente ser contra que se pesquise petróleo por temer isso mesmo.

DIA 26: Fui à tarde à aula na “Street”. Lá encontrei a Rosa Maria e suas companheiras. A dona Maria também estava lá e depois da aula fomos

numa casa de a fim de comprarmos um presente para a filha do Cavalcante, que estava de aniversário. Fomos à noite lá ao Major Cavalcante e a festa de aniversário foi muito bonita. Aidéia tinha ornamentado a casa com motivos de Natal e estava muito interessante.

DIA 27: Fui ao “Americanization” e depois voltei para casa a fim de escrever lá para casa. Recebi uma ótima carta da Véia e já respondi.

DIA 28: Fui ao médico pela manhã. Almocei um sanduíche lá no “Dupon Cercle” (...) indo depois na “Americanization”.

DIA 29: Fui outra vez ao médico, a fim de finalizar os exames e fiz exames até de pesquisas de câncer e só depois de 10 dias darão o resultado.

DIA 30: Nada de importância realizei. Fui com o Marcondes no “Walter Reed” e lá comprando um jogo plástico com pratos e xícaras por 12,99 dólares.

DEZEMBRO

DIA 1º: Moura e a senhora vieram almoçar conosco. Fiz um arroz com camarão, uma salada de maionese e um suflê de galinha. Felizmente tudo saiu bem.

DIA 2: Fomos à missa. Depois viemos almoçar em casa, indo depois ao cinema assistir “Dez Mandamentos”. É a história de Moisés no Egito, muito bonita, a fita vai 4 horas de projeção.

DIA 3: Pela manhã Marcondes levantou muito cedo e foi a uma missa pela morte da senhora do Embaixador Lobo. Eu passei arrumando o apartamento e depois sai para comprar sabão para a lavagem de roupa. Comprei demais e o dinheiro ficou escasso, tinha que ir ao “Americanization”, mas não pude ir. Pensei que o Marcondes chegaria a

tempo, mas não chegou. Quando chegou já eram 13h15. Ele trouxe uma ótima carta do Vitoriano. Fala o Vitoriano que para o cargo de depositário tinham nomeado um outro senhor, pois, o primeiro não foi aceito por não ser advogado. Eles não estão recebendo nossas cartas, não sei o motivo, pois, já escrevi muitas para lá. A carta do Vitoriano veio com apenas cinco dias. À noite fomos visitar o coronel Mauricy e a irmã Marina. Eles moram no “Beington Hotel”.

DIA 4: Telefonei pela manhã para Maria Carrê e depois para Embaixada para falar com a Alzira. (...). Às 11h telefonei, mas disseram que ela só atenderia “after one o clock”. Fui ao “Americanization” saindo de lá antes das 15h, pois, queria assistir aula na escola indicada por Rosa Maria. Cheguei ainda em tempo na aula, estava lá dona Maria Carrê. Voltando para o apartamento não encontrei o Marcondes, mas em seguida ele chegou.

DIA 5: Hoje, aniversário de Véia, mandei um cartão felicitando-a.

DIA 6: Hoje foi a primeira aula com a mister Church, na “Universidade de George” (...). Depois fui para a “Americanization”.

DIA 7: Fomos à aula na universidade e depois ao “Americanization”, pois, Marcondes foi também.

DIA 8: Fomos cedo à missa e depois saímos com a Maria Carrê, suas filhas e uma moça carioca empregada do Instituto dos Industriários que chegou do Rio há pouco. Veio passar um mês aqui. Fomos visitar o Mosteiro de S. Francisco. É uma verdadeira obra de arte o Mosteiro. Lá se visita até as catacumbas imitando ao de Roma. A Via Sacra é feita com o declive de terreno igual ao do caminho de Jesus. Voltamos do Mosteiro e a Maria nos deixou no Museu de Arte Moderna. O museu estava já fechado assim que fomos para o cinema assistir cinerama, mas antes jantamos num restaurante com a Eny Almeida, indo depois para o cinerama.

DIA 9: Fui com o Marcondes à missa e depois na parte da tarde resolvemos sair com ela e mais a Enyal a fim de tirarmos retratos de algum lugar pitoresco de Washington. Passamos algumas horas aqui no apartamento e depois de cinco doses de uísque saímos novamente indo visitar o museu que estava hoje aberto devido ser domingo.

DIA 11: Nada de anormal. Fui só na aula do st. Johns Church e depois Maria trouxe-me até aqui.

DIA 12: Fui à aula do “Americanization” e depois vim para casa.

DIA 13: Fomos à aula às 11h com a mrs. Church e depois fomos para a “Americanization”, ao voltarmos da “Americanization” fui ao cabeleireiro. Marcondes ficou no barbeiro e eu vim para o apartamento, pois, tinha que arrumar as unhas, pois, iríamos ao baile da Marinha. Tínhamos recebido convite. Às 7h30, o major Cavalcante e a Aidéia passaram de carro para nos levarem. A festa esteve ótima. Uma belíssima recepção de gala. Fui com o meu vestido de baile.

DIA 14: Fomos às 11h na aula da mrs. Church e, depois, para o “Americanization”. À noite, fomos ao carro do general Machado Lopes fazermos uma visita a Aidéia que estava de aniversário. Lá se encontravam as senhoras mais íntimas, a recepção foi ótima.

DIA 15: Não saímos, isto é, fui fazer compras, à noite estive aqui a Dália, uma argentina muito simpática que mora aqui no mesmo edifício.

DIA 16: Pela manhã fomos à missa e depois ao apartamento do general Machado Lopes, onde almoçamos. Passei o dia pensando nos meus gurizinhos, na Véia e Morgada que viajaram para Bagé.

DIA 17: Pela tarde fomos no “Americanization” e à noite fomos eu e Marcondes ao Correio Central enviar várias felicitações de Natal e mandamos para o Major Mauricy um telegrama de felicitações pelo casamento.

DIA 18: Fui ao curso de inglês, depois ao “Americanization”, à noite tivemos uma visita de brasileiros.

DIA 19: Fomos à aula da mrs. Church e depois ao “Americanization” e de lá fui à cidade mandar encerar os meus sapatos.

DIA 20: Passei toda a manhã passando roupas para levarmos na viagem, depois fui à cidade comprar uns natais para o pessoal do edifício. Às 17h saímos para tomarmos o trem rumo à Nova Iorque. Na estação dei falta de minha bolsa, procuramos o auto, mas não o encontramos, tive vontade de não mais seguir viagem, mas o Marcondes não aceitou a sugestão. Avisamos à polícia do que tinha acontecido, seguimos para Nova Iorque, chegando às 23h. A estação é um colosso de grande. Tomamos um táxi e rumamos para o Hotel Paramount (...) onde já tinham reservado o nosso quarto (...) quarto onde deixei o meu chapéu e depois resolvemos dar uma volta para termos uma noção da cidade. Nosso hotel ficava na “Street 46”. Do nosso hotel a uma quadra chega-se na “Broadway”. Ficamos deslumbrados com o que víamos, há uma verdadeira profusão de letreiros luminosos, não se sabe qual o mais lindo. Defronte ao “Time Square” há um reclame dum homem fumando a qual solta pela boca uma quantidade louca de fumaça. Há também um reclame que representa uma verdadeira cascata artificial, assim, como um avião em tamanho natural dependurado num edifício. São tantos letreiros que se fica (...) tonta e é difícil se definir cada um deles. Depois de muito vagar pelas ruas voltamos para o apartamento do hotel. No outro dia saímos novamente, mas a procura dum hotel mais barato, pois, o nosso estava muito salgado. Achamos um na “47 Street”, “América Hotel”, fomos buscar as malas e fizemos nós mesmos a mudança. Almoçamos num restaurante e depois saímos a ver as vitrinas e admirar a ornamentação de Natal. Na quinta avenida defronte o “Rockfeller (...) Center”, tiramos vários retratos desse local. Vimos a Catedral de St. Patrick. Fomos à noite a um cinema com show todo com motivo de Natal.

DIA 22: Primeiramente fomos à missa, depois fomos almoçar na residência do casal Jackson Hois (...) Tomamos o trem subterrâneo (...) semelhante aos nossos trens elétricos da central, mas em perfeito estado,

não estragado como os nossos. O casal nos ofereceu uma boa feijoada que estava ótima. Voltamos depois para casa, isto é, para o hotel e à noite fomos assistir ao show animado da “Rádio”. Levou-se “A Casa de Chá no Luar de Agosto”, peça que eu já tinha assistido no Rio. O show esteve maravilhoso e o “Rádio City” é um colosso.

DIA 23: Pela manhã não saímos e à tarde fomos no “Planetário” no “Central Park”. É uma espécie de museu onde aparece o céu com todos os planetas e estrelas, mostrando o movimento de rotação de cada um. Há diversos pólitos para se ver de perto e diversos fenômenos atmosféricos são apresentados.

DIA 24: Fomos à parte da manhã conhecer vários pontos da cidade e à noite, depois de enfrentar uma fila de duas quadras, chegamos enfim à Catedral da Santa Patrícia, ainda assistimos a Missa do Galo.

DIA 25: Pela manhã fui outra vez na igreja, essa vez sozinha, ao voltar para o hotel me perdi tendo que se dirigir a um guarda. À tarde fomos ao “Empire”. De lá pude apreciar melhor Nova Iorque, é uma grandiosidade realizada pela mão humana. As maravilhosas pontes que ligam cada uma daquelas ilhas e as subterrâneas e os “sub-ways”, é uma coisa digna de se apreciar e admirar. Os letreiros luminosos e a iluminação das ruas são uma coisa linda de se apreciar lá de cima. Fizemos uma gravação, um disco dedicado ao pessoal lá de Bagé. Marcondes gravou o primeiro disco e eu depois, mas estava muito cansada e o Marcondes achou que eu deveria gravar outro disco, pois, o primeiro saiu com a voz chorada, assim que gravei o segundo. Quando ainda estávamos lá no “Empire” encontramos um senhor de São Paulo, senhor general Maia e uma senhora de São Paulo, moradora no Rio e sua filha.

DIA 26: Passei fazendo compras com a Irene. Almoçamos num restaurante italiano e depois fomos direto a “Macys”, onde fiz a minha compra. Gastei 40 dólares e não comprei quase nada: quatro saias nylon, um conjunto orlon Marilú, duas blusas arlon, uma bolsa da Índia, um quadrinho, duas mantilhas japonesas. Tínhamos que encontrar o

Marcondes às 15h30 e quando me dei conta já eram quase 17h. Saímos às disparadas para o ponto onde o Marcondes nos esperava e lá informaram que ele estava no Consulado, fomos ao Consulado e lá o encontramos. Irene foi para casa num auto de um médico que trabalha lá no Consulado e nós para o hotel.

DIA 27: Fomos pela manhã assistir, isto é, conhecer as Nações e tivemos a sorte de termos como cicerone o Dr. Paulo Corrêa que nos mostrou com detalhes todo o edifício, nos explicando sala por sala. Conhecemos senhora Sá Pereira e o filho. Depois levamos o Dr. Paulo para almoçar conosco indo depois para a estação de ônibus e às 15h embarcamos para Washington. Fizemos uma ótima viagem.

DIA 28: Estávamos dormindo quando telefonou a Marta Oliveira. Fiquei contente em saber que já tinha chegado, convidei-a a vir almoçar conosco. Apareceu na hora do almoço e me ajudou com o almoço. Logo depois chegou o Marcondes. Com surpresa me apareceu aqui Dona Armandina com uns presentes para os gurizinhos.

DIA 29: Sai com a Marta e o Nelson Oliveira e eles vieram almoçar aqui conosco.

DIA 30: Fomos almoçar lá no Moura. A Marta e o Nelson vieram aqui. Fiz um churrasco de ovelha e uma salada com maionese.

DIA 31: Fui com Josefina e a Marta almoçar lá na Dona Armandina, comemos um bom vatapá. À noite fomos esperar o primeiro do ano lá. Reuniram-se todos os oficiais e suas famílias e esteve ótima a reunião, mas me comovi bastante, pois, me lembrei da minha turminha e de toda a família que ficou no Brasil. Saímos de lá às 2h e fomos ao auto do major Cavalcante lá no coronel Passos tomar um café feito pela Eutália.

1957

JANEIRO

DIA 1º: Nada de anormal, tudo no mesmo. Fui ao “Americanization”.

DIA 2: Fomos ao “Americanization” e depois fomos lá ao apartamento da Marta.

DIA 3: Fomos no “Hotel Brighton” visitar a família do Darróz e lá encontramos a Marta e Nelson, assim como a Eloah e o Paulo, este casal muito simpático. Hoje me lembrei muito do Luís Francisco e escrevi uma cartinha felicitando-o pelo dia do aniversário.

DIA 4: Sai com a Marta e comprei uns sapatos.

DIA 5: Não saímos pela manhã, à tarde saímos sem rumo e ao passar por uma livraria procurei o livro para a professora do Eduardo e com felicidade o encontrei. Comprei uma bolsa.

DIA 6: Fui à missa e depois voltei a fim de procurar fazer o almoço e para isso convidei a Marta, o Nelson, a Josefina e o Lars (...) Esperamos até às 15h pela Josefina e o Lars, depois resolvemos almoçar, pois, morríamos de fome se não comêssemos. Às 17h chegaram: Josefina e o Lars. Conversamos muito e às 21h servi um jantar. Felizmente fiz muita feijoada e deu para ser repetida no jantar. O casal adorou a feijoada e comeu três pratos. Acho que gostaram mesmo, pois, então não repetiriam tantas vezes. Saíram já eram umas 23h e fomos levá-los até o carro e com surpresa nevara. Foi uma grande surpresa para mim, fiquei encantada, pois, tudo estava coberto de neve e o panorama é maravilhoso. O auto da Josefina parecia um ursinho branco.

DIA 7: Saímos com a Marta, a fim de tirarmos retratos na neve. Marcondes foi ao “Walter Reed” e, eu, aproveitei e saí com a Marta a fim de tirarmos retratos na neve. Num lugar perto da Casa Branca fizemos um boneco de neve e Marta me tirou um retrato e eu dela.

DIA 8: Marcondes foi ao “Walter Reed”. Marta e o Nelson vieram aqui para se despedirem, pois, viajariam no outro dia para Nova Iorque.

DIA 9: Fui com o Marcondes até o “Walter Reed”.

DIA 10: Voltei lá, mas Marcondes ainda não tinha sido operado.

DIA 11: Marcondes foi operado. Só às 19h receberia visitas. Telefonei para a Dona Maria Carrê e ela me levou até lá no seu carro. Achei o Marcondes muito bom e ficamos até às 21h lá. O coronel Walter foi visitá-lo.

DIA 12: Fui à missa e depois fui almoçar com os Carrês, indo depois fazer a costumeira visita ao Marcondes.

DIA 14: Amanheceu um dia com neve e bastante frio, mesmo assim fui visitar o Marcondes.

DIA 15: Falei pela manhã com o Marcondes e por estar um dia muito feio não fui ao “Americanization”, indo com a Maria Carrê visitar o Marcondes. Começou a nevar, apesar das ruas já estarem cobertas de neve e devido à temperatura estar baixa a neve se transformava com gelo e os autos patinavam nas ruas, sendo um perigo se andar nelas. Tivemos que chegar num posto para botar as correntes. Fizemos a visita ao Marcondes e depois Maria trouxe-me para a sua casa, pois, iria oferecer um jantar para um engenheiro brasileiro de nome J. Teles. Depois que jantamos pretendia eu voltar para o apartamento, mas devido ao mau tempo não me deixaram os Carrês que eu voltasse. Dormi lá e no outro dia de manhã bem cedo vim para o apartamento.

DIA 16: O frio ainda estava medonho, mas mesmo assim fui visitar o Marcondes, levei várias cartas que encontrei aqui para ele.

DIA 17: Não fui ao hospital. Falei com o Marcondes pelo telefone e ele disse-me que eu não fosse lá neste dia, pois, achava-se bem e o frio estava tremendo.

DIA 18: Fui visitar o Marcondes e levei mais um montão de cartas vindas do Brasil.

DIA 19: Marcondes me telefonou dizendo que talvez pudesse vir para casa. E às 14h ele me apareceu no apartamento. Fui neste dia na embaixada a fim de assistir a entrega de medalhas (dia 20 de janeiro) a vários oficiais americanos, entre eles, o Moura e entre os oficiais brasileiros estava o general Machado Lopes. Fui nesta recepção em companhia do Moura e da Jô.

DIA 20: Moura e a Jô e os três gurizinhos foram almoçar conosco. Fui pela manhã à missa e deixei no forno um pato para ir assando, o Marcondes que estava em casa não cuidou o pato e quando voltei, ele estava quase que torrado. Fiquei por conta e resolvi fazer um prato com camarões para melhorar um pouquinho, pois, como disse, o pato estava daquele jeito. Fiz ainda uma farofa (...) com maçãs e servi assim mesmo o pato, os camarões e um suflê. Como sobremesa uma gelatina com abacaxi e creme.

DIA 21: Fui à posse de Eisenhower (...). Começaram as cerimônias às 11h, assisti o início pela televisão depois em companhia do Marcondes. Fiz o almoço para nós dois e depois resolvi assistir de perto o desfile, caminhei até a “Avenida Pensilvânia” que fica bem perto do apartamento que estamos e aí assisti comodamente todo o desfile. Fiquei encantada pela variedade de cores, os cavaleiros com suas indumentárias cada qual mais interessante, a homenagem ao índio aparecendo com tacape de penas com uma maravilhosa combinação de cores. A baliza de cada universidade marchando com uma graça operacional, apareceu mascote do partido do Eisenhower (...), o elefante o qual fez uma mesura quando passou no palanque presidencial. Dos “carros boys” (...) fantasiado, montando o seu (...) acompanhado de sua esposa que também montava um garboso cavalo. Os aparatos (...) eram exagero cobertos com prata lembrando os cavaleiros

romanos. Os carros alegóricos, o que mais gostei foi o da Flórida (...) coberto de flores e entre eles estavam às moças com seus belíssimos vestidos de baile e não se sabendo qual a mais bonita. Quando cheguei ao apartamento não encontrei mais o Marcondes, ele empolgado que via pela televisão resolveu ver de perto também esse espetáculo, mas, felizmente teve essa ideia já no fim e pouco ficou na rua voltando em seguida para casa, foi à sorte dele, pois, o dia estava muito frio e podia fazê-lo mal.

DIA 22: Nada de anormal tenho a anotar. Fui no “Americanization” e a única novidade é que fui promovida para outra classe.

DIA 23: Recebemos com surpresa, à noite, a visita do Barraza e de Lucíola.

DIA 24: Recebemos a visita da Maria Carrê, doutor Carrê, senhor Gaco (...), dona Amélia e senhor Maia.

DIA 25: Passei arrumando o apartamento, pois, íamos nos mudar. Pela manhã fiz o senhor Barraza levar “tranque” (...), fui ao banco, depois arrumei o resto das malas, passei umas roupas e depois a Maria Carrê passou para me levar o resto da bagagem, tendo ela antes jantado comigo, pois, Marcondes já tinha ido para a casa do senhor Barraza. Depois de carregarmos, eu e a Maria Carrê, toda a bagagem, voltamos para o auto, viemos aqui para a casa do senhor Barraza. A tirada da bagagem foi também uma luta, pois, fiz sozinha, pois, a Maria não podia sair da aula e não arranjei ninguém que me ajudasse.

DIA 26: Fui pela manhã lá ao apartamento da Josefina e com surpresa encontrei uma gaveta cheia com roupas ainda. Trouxe assim mesmo umas roupas que eu tinha esquecido.

DIA 27: Fui à missa e depois não sai de casa.

DIA 28: Fomos visitar o Paulo e a Eloá e lá ficamos até meia-noite. A menina deles ganhou um acordeom “scandale” e talvez eu dê umas lições a

ela. O Paulo e a Eloá tem um casal de filhos, sendo o menor da idade do Pedro. Ela parece que está esperando bebê. Sua irmã Maria José está lá com ela, e já saudosíssima do Brasil.

DIA 29: Fomos ao cinema no “Dupon Circle”.

DIA 30: Sai pela manhã a fim de comprar um presente para um peruano que casa amanhã. Marcondes foi ao “Walter Reed” e eu depois de fazê-lo (...) também sai. Passei no banco e depois peguei o ônibus direto para o centro na “F. Street”. Desci e encontrando uma bolsa parecida com os sapatos que eu tinha comprado, comprei, custaram três dólares. Lá mesmo vendo uma casa que estava em “sale” (...) de pratos de prata comprei então o presente do rapaz, um bonito prato de prata todo banhado na extremidade, por seis dólares. Dali eu fui até a “Hecht”, ao entrar encontrei a Eloá. Ela vinha trocar cinco lençóis, assim que fomos juntas para a tal seção a qual os lençóis (...) estavam baratos. De lá quando vi já eram quase 13h, voltei disparando a fim de fazer o almoço do Marcondes e o encontrei já deitado e furioso da vida, pois, estava louco de fome. Fiz um picadinho com arroz e esquentei uma galinha que eu tinha feito (...) esse foi o nosso almoço e depois não sai mais.

FEVEREIRO

DIA 1º: No mês de fevereiro iniciaram-se as nossas aulas de inglês no “Instituto de Georgetown Universiti”. Passamos a morar na antiga do peruano Barraza. Lá ficamos até abril. Chegou como hóspede dessa pensão uma senhora, dona Belar Rocha Costa, a qual trouxe com ela seu filho Antônio que sofreu uma paralisia progressiva desde seu nascimento e veio para os Estados Unidos fazer um tratamento. Dona Belar já conseguiu um emprego, ela é muito amiga do Embaixador Lobo e foi por intermédio dele que conseguiu esse emprego na “União Pan Americana”. Ela e o Antônio ficaram muitos nossos amigos. Eles sempre estavam conosco a ponto de sentarmos juntos na mesa conosco no refeitório. Logo depois da chegada dessa senhora e o filho, chegou a Marta e o Nelson, os quais passaram

também a nos acompanhar. A nossa vida era os estudos e o convívio com esse pessoal. Marcondes em tratamento e às vezes bem nervoso, mas depois voltando às boas.

.....-

Em maio fomos morar num apartamento na “Belmont Road”, 2032, apartamento 404. O apartamento era duma americana que foi para a Europa em férias e assim nos alugou por dois meses.

Foi ótimo, pois, até roupa e aparelho de cozinha fez parte do aluguel. Passamos assim a convidar nossos amigos que deixamos para um almoço ou jantar conosco, eu passei a bancar a cozinheira, convidamos o Henrique Vale, o casal Carrê, Rosa Maria e Griêco, um casal húngaro, dois gaúchos, senhor Ladislau e um médico e mais a professora da “Universidade G.J” e seu marido, sendo que aí uma moça, Mariana, americana, passou a frequentar nosso apartamento e várias vezes jantaram e almoçaram conosco. E assim foi nossa vida no edifício “Vale Vista”.

Marcondes, no início, teve uma crise de nervos bem forte, mas depois fui com ele ao médico e disse-lhe que o Marcondes tinha tido, ele mudou os remédios e marcou uma consulta com o psiquiatra. Desde isso Marcondes passou a melhorar e, felizmente, não teve mais nada.

Falei depois com Moura pedindo-lhe que falasse aos médicos do “Walter Reed” a respeito do Marcondes e ele falou diretamente com o diretor e esse então passou a tratar ele mesmo do Marcondes.

Dia 15 de junho, num domingo depois de pela manhã irmos à missa, depois tiramos um retrato de frente a Casa Branca (“White House”), fomos então para visitarmos o Jardim Zoológico de Washington, o qual não está nem perto do nosso do Rio, o nosso é muito mais cuidado e bonito. Nesse dia, às 21h30, embarcamos para o Canadá. A Maria Carrê teve a gentileza de nos acompanhar até o aeroporto com seu filho Antoninho e a sua filha Magdalena. Chegamos de madrugada em Ottawa, capital do Canadá. É uma bonita cidade, mas não se compara com Washington. Ao chegarmos fomos para o hotel “Lorde Elzin”. No outro dia pela manhã fomos para a

Embaixada Brasileira. Lá encontramos um rapazinho empregado que falava o francês. Marcondes resolveu treinar seu francês. O expediente ainda não tinha aberto, assim que o francesinho muito nos ajudou, serviu-nos um bom cafezinho e deu-nos o endereço do coronel Martim dos Santos que já conhecíamos de Washington. Marcondes telefonou-lhe e ele disse que em seguida vinha nos encontrar na Embaixada.

Poucos minutos depois apareceu acompanhado de seu filho. Logo nos levou para o seu escritório que ficava no terceiro andar e lá tratamos do passaporte e com a orientação dele que mandava sua secretária telefonar para vários lugares a fim de saber qual o melhor meio de transporte. Traçamos assim nossa rota de viagem. Depois fomos com ele à sua casa onde dona Regina nos esperava com um ótimo almoço. Lá na Embaixada fomos apresentados a um senhor que substituíra o embaixador, o que também foi gentilíssimo conosco e já nos convidou a almoçarmos com ele. Por intermédio dele consegui o endereço do Líbero Antonaccio e Lygia.

Não aceitamos o almoço porque já tínhamos sido convidados a almoçar com o coronel. Mas ficamos de irmos jantar com ele.

Lá do coronel telefonei ao Líbero, ele ficou radiante e surpreso quando ouviu minha voz. Ficou de vir com a Lygia até a casa do coronel.

Apareceram depois lá e achei-os ótimos. Fomos com eles visitarmos o Congresso, fiquei encantada por tudo, tiramos vários retratos e filmamos. Depois voltamos para a casa do coronel onde tomei um belo banho e depois saímos com o coronel e a dona Regina e o Sérgio e visitamos vários lugares de Ottawa.

O Canadá é um país de uma imensa área e com a população quase mínima. Não se veem negros. Eu não vi nenhum em Ottawa. As residências antigas são muito interessantes, com o telhado com amianto vendo-se belíssimos castelos e bonitas igrejas com pedra. O catolicismo predomina. Visitamos os bairros residenciais nos quais se vê a influência americana, com as casas com os tijolinhos vermelhos. Elas são feitas de madeira e revestidas por esses tijolos. Não são sólidas, mas muito bonitinhas. À noite, fomos jantar com o segundo secretário da embaixada, José Maria Vilar. Depois o Líbero e a Lygia vieram nos buscar e fomos com eles para a sua casa onde estivemos até a meia-noite. Voltamos para o hotel. Lá lavei roupa e depois do meu rosário, tratei de dormir. No outro dia, às 7h,

descemos para o café da manhã e logo depois chega o coronel, o Sérgio e a senhora para nos levarem. Eles nos levaram à estação de ônibus onde às 8h partimos para Montreal. A viagem a Montreal foi ótima. Chegamos por volta das 11h.

Montreal é uma cidade de dois milhões de habitantes, primeira cidade em população do Canadá, país que tem 16 milhões de habitantes para uma área imensa de terra. É banhada pelo rio S. Lourenço e tem ligando uma margem à outra do rio pontes imensas, embaixo das quais navios grandes passam. Da estação de ônibus tomamos um táxi e fomos procurar a estação de trem, ainda tínhamos que retirar passagens para Quebec. O chofer não sabia bem onde era, pois, há mais de uma em Montreal.

Resolvemos então irmos até o Consulado e lá Marcondes tomou melhores informações. Marcondes não conseguiu se comunicar com o cônsul, pois, esse estava ocupadíssimo, mas falou pelo telefone com o Marcondes e deu-lhe informação a respeito de como deveria organizar seu passaporte.

Fomos então retirar as passagens e deixamos na própria estação nossas malas. De lá procuramos um restaurante e ao passarmos, encontramos numa das ruas, vimos uma carne assando como churrasco e resolvemos almoçarmos ali. Comemos um belíssimo churrasco que é servido num prato de madeira, uma espécie de bandeja. Marcondes deixou o prato virar em seu colo, a sorte é que já estava terminando a refeição, mas mesmo assim manchou um pouco a roupa.

Montreal é uma belíssima cidade, com hotéis ótimos, edifícios muitos em estilos modernos, igrejas belíssimas. Fiquei impressionada com a Catedral, toda em estilo gótico. O trabalho em madeira dourado a fogo é uma coisa linda! Nem se compara essa igreja com a de Washington (...). Visitamos em Montreal o santuário de São José. É uma verdadeira obra de arte. Ele fica numa colina e de lá se tem uma vista belíssima da cidade. Além da Igreja no andar térreo, a qual tem um São José com umas saias em ouro preso a uma cruz, também de ouro e que fica no centro do altar mor. Sobe-se ou pela escada na frente da igreja ou por uma escada rolante, onde se pode ficar num belíssimo terraço, aí comprei um broche de São José que dei ao Marcondes. Sobe-se ao outro plano e aí existe um museu de cera, mostrando um padre que devido aos seus grandes milagres se

transformou num santo. A ele deve-se a construção desse belíssimo santuário e o povo de Montreal o cultua como santo. Deixamos um bilhete pedindo oração dirigida a ele numa urna que tem nesse lugar. Nesse museu vê-se ele em cera, mas nas suas séries de trabalho, na sua sela e quarto já moribundo. No andar de cima há outra Igreja, mais simples do que a primeira, mas também muito bonita. De frente ao santuário vê-se o colégio sacre todo em pedra e com aqueles telhados de amianto como a nossa Quitandinha, em Petrópolis, no Rio.

Fiquei admirada pelo grande número de colégios católicos, todos neste estilo e enormes. Em Montreal ouve-se tanto o inglês como o francês, parece “half ant half”. Visitamos toda a Montreal num táxi. Ao conhecermos o cais do porto o chofer mostrando-nos um navio que estava ancorado disse-nos que era muito boa a viagem de Montreal a Quebec de navio. Marcondes já ficou entusiasmado e pediu ao chofer para levá-lo até a estação de trem para ver se era possível trocar as passagens. As passagens estavam marcadas para a meia-noite e eram apenas 17h.

Tivemos a sorte de trocarmos as passagens. Retiramos as nossas bagagens e fomos direto ao cais, quando chegamos lá iam entrando os últimos passageiros no navio. Entramos depressa e fomos comprar as passagens dentro do navio.

O navio era pequeno, mas bem novo e tudo muito limpinho. Fomos para o camarote e depois dum bom banho aí trocamos a roupa e nos dirigimos para o restaurante, ótimo restaurante, muito bem servido por garçonetes que falavam tanto o inglês como o francês. No microfone o “speaker” falava primeiramente em inglês depois em francês. Depois da janta nos dirigimos para uma sala de estar, onde participamos de um jogo de corrida de cavalos e depois a orquestra passou a tocar “rock and roll” e as mocinhas do navio resolveram a não dançar um show. Mais tarde alguns casais resolveram dançar e nós também caímos na dança. Fomos deitar às 23h e a dança ainda se prolongou por muito tempo.

Gostei imensamente da viagem. Ao sairmos de Montreal, Marcondes filmou a belíssima vista que do navio podia-se observar. Passamos uma noite maravilhosa e chegamos a Quebec às 7h. Quanto ao passaporte que estava sem visto e que só tínhamos uma carta do Henrique Valle como

Pedi para que o agradecimento fosse estendido ao Presidente Eisenhower “a quem posso assegurar, juntamente com milhões de brasileiros que seremos sempre soldados da democracia do tipo desta liderada pelos EEUU, nosso irmão de continente e de tradição”.

Nesse tempo, Marcondes pensou até em se mudar com a família para os Estados Unidos, sonhando em oferecer uma melhor educação para os filhos e nas oportunidades econômicas e profissionais. Mas Gelcy não quis receosa de ver seus filhos servindo o Exército norte-americano e indo para a guerra. “Lá eles são muito radicais nesse aspecto”, comentou em 2004.

Marcondes teve todo apoio do Exército para o tratamento nos Estados Unidos, mas as despesas de estadia correram por sua conta.

O marechal Mascarenhas de Moraes escreveu (19 out. 1956) a Marcondes dando-lhe uma boa notícia: o decreto de aposentadoria já tinha sido assinado, segundo o coronel Ramagem, subchefe do Gabinete Militar da Presidência da República, “cujos bons ofícios solicitei, em carta, para abreviar o andamento do processo”. Agradeceu a visita feita em seu nome ao general Mark Clark e desejou pleno êxito no tratamento especializado.

Em outra carta (27 maio 1957), o marechal comentou:

“Penso que a sua cura vai ter lugar quando você retornar a sua vida ativa aqui no Brasil, sem mais preocupações com sua colocação, já resolvida pela aposentadoria”.

12. O COMPANHEIRO JÂNIO QUADROS

Juca Marcondes teve uma forte atuação na campanha de Jânio Quadros para a Presidência da República. Ele esteve na linha de frente durante a mobilização da sociedade civil do Rio para eleger Jânio.

Marcondes apoiou de forma espontânea e esteve no meio do furacão político porque sempre acreditou no fim da corrupção e na moralização da coisa pública.

Não se sabe se ambos se conheceram em Mato Grosso, mas a amizade com Jânio se fortaleceu durante a campanha de Juarez Távora para a Presidência da República.

Essa relação, no entanto, se definiu a partir da renúncia de Jânio em 25 de agosto de 1961, após 206 dias no poder. Mas enquanto isso era imprevisível Marcondes foi um companheiro de primeira hora e recusou convite para alto cargo em Brasília durante a formação do ministério janista.

Jânio via em Marcondes um conselheiro.

Juca guardou uma pasta vermelha contendo um revelador histórico do movimento que se insurgiu naquela época. Esses documentos mostram, em parte, a meteórica campanha janista, assim como uma segunda pasta, de cor amarela, sobre o trabalho de criação do PDC em Mato Grosso, além de jornais do período.

Jânio era o principal nome do PDC partido pelo qual se elegeu vereador em 1948, em São Paulo; depois foi o candidato mais votado para deputado estadual; em seguida, em 22 de março de 1953, ganhou para a prefeitura de São Paulo; em 3 de outubro de 1954, as eleições para o governo de São Paulo apoiado pelo PSB e PTB – nessa campanha surgiram discordâncias com o PDC – e para a Presidência se amparou em uma bizarra coligação unindo UDN, PTN, PDC, PR, PL e dissidências do PTB, PSD, PRP, PSP e PSB. Era o homem do “tostão contra o milhão”.¹⁶⁹

Um livrete, apócrifo, com o título “A Verdadeira História do Movimento Popular Jânio Quadros”, articulação apartidária, registra que o mentor

¹⁶⁹ Cf. Nosso Século – Brasil – 1960/1980 (I), p. 32.

desse movimento no Rio, Ernesto Lopes de Siqueira, depois da adesão de Arthur Oscar Junqueira e Cristóvão Mendes da Silva, procurou companheiros com a mesma têmpera e ideias.

Os três se dirigiram, então, à Rua Santa Luzia, nº. 732, 11º andar, sala 1.104, ao escritório modesto do advogado e capitão Juca Marcondes.

Embora sempre atento à questão política naquele momento Marcondes estava alheio à mobilização, tocando suas atividades.

“Os Três Mosqueteiros” pediram apoio à nova empreitada sabedores da influência do Marcondes junto ao general Juarez Távora e da sua amizade com Jânio, este, apesar de polêmico e sempre controvertido, era reconhecido pela capacidade administrativa, popularidade e espírito inovador na coisa pública.

Marcondes, na visão dos “Três Mosqueteiros”, tinha disposição incomum, boa oratória, inteligência e vivacidade política.

Era respeitado, de peso moral e com trânsito entre os expedicionários e entre o alto escalão do Exército.

O convite deixou-o em estado de arroubo e não pensou duas vezes.

Após a conversa começaram a estruturar o movimento popular tendo como primeiro presidente o próprio Marcondes.

Em seguida procuraram o general Távora para emprestar o prestígio do mesmo e a reputação ao movimento. Juarez recebeu-os muito bem concordando com a ideia de se lançar Jânio à Presidência e elogiou os “Três Mosqueteiros” por terem como companheiro de primeira hora uma pessoa com os predicados do Marcondes.

O primeiro quadro com o retrato de Jânio como candidato foi colocado no humilde escritório onde passou a funcionar a sede do movimento. As reuniões, a distribuição de tarefas, tudo era feito ali.

Abriu-se um livro-ouro para o custeio das despesas e quando se arrecadou mais de 20 mil cruzeiros alugaram o auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para o lançamento da campanha presidencial no Rio.

Eram aspirações sinceras e desinteressadas.

Jânio era deputado federal pelo PTB do Estado do Paraná.

O grupo procurou o secretário particular de Jânio, Augusto Marzagão, para uma visita no apartamento do Jânio no Rio, na Rua Domingos Ferreira, nº. 102, ap. 402, Copacabana.

O encontro aconteceu dia 19 de abril de 1959.

Três dias antes, em 16 de abril de 1959, tinha sido convocada uma entrevista coletiva para se prestar esclarecimentos sobre a criação do Movimento Popular Jânio Quadros identificada pela sigla MPJQ.

A agência de notícias ASAPRESS distribuiu a notícia para o Brasil e aí começaram a surgir adesões de todos os recantos.

A posse oficial da diretoria do MPJQ e o lançamento não oficial da candidatura de Jânio aconteceram na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no dia 20 de abril, às 20h30, com a presença do senador de São Paulo, Lino de Matos, deputados, vereadores, do embaixador Décio Moura, entre outras personalidades que formaram a mesa.

Esse encontro reuniu mais de duas mil pessoas.

“O Globo” (21 abr. 1959) deu destaque na capa abrindo a página com Marcondes discursando no auditório.

Ele defendeu uma política de salvação pública que tivesse, na vanguarda, a figura de um legítimo líder do povo brasileiro. Disse que não era mais possível tolerar o ritmo inflacionário e nem era tolerável à crise da administração pública com o enfraquecimento da responsabilidade e o descaso pelo patrimônio nacional.

O movimento “surge qual agulha magnética indicando o pólo da salvação em derradeira reivindicação da nacionalidade na sua luta para sobreviver”.

Disse que o povo apelava para a liderança de Jânio convicto de que apenas ele, com sua direção, a democracia se firmaria, a paz social seria garantida e a Nação caminharia, sem inquietação, para a definição de seus grandes problemas.

O movimento estava em marcha e não haveria, desafiou, resistência que os poderia deter.

Jânio era “o gigante da democracia redentora da República”.

O movimento popular não nascera em conluio político.

“Estamos equidistantes de qualquer agremiação partidária”, afirmou e foi aplaudido segundo a notícia do jornal.

Nesse ínterim apareceu a folclórica vassourinha como símbolo para se varrer a podridão e a corrupção que tomavam conta do poder.

No encerramento da solenidade foi apresentado o hino do movimento de autoria de Ernesto Lopes de Siqueira e musicado por sua esposa Annita Cruz Lopes de Siqueira.

Um dia antes o “Correio da Manhã” noticiara o lançamento e a mobilização dos líderes do MPJQ na distribuição de manifesto convocando as classes trabalhadoras a comparecerem na solenidade.

A diretoria do MPJQ, portando faixas, pousou para fotos em frente do jornal.

O “Jornal do Brasil” (19 abri. 1959, p. 5) informou que foram lançados mais de dez mil panfletos convidando os trabalhadores.

Os dirigentes do MPJQ já tinham um bom dinheiro em caixa e com as sobras mandaram confeccionar vassourinhas para serem vendidas.

O movimento passou então a receber dezenas de novas inscrições.

A sede continuava sendo o escritório do Marcondes.

Jânio foi o primeiro candidato lançado à Presidência.

Logo após essa iniciativa do MPJQ carioca os partidos rapidamente se mobilizaram. Um dia depois do evento na ABI aconteceu a apresentação oficial da candidatura de Jânio em convenção do PTN na Câmara de Vereadores do Rio.

O “Diário de Notícias” (s.d) mostrou foto-legenda onde a candidatura em oposição a Jânio, do marechal Henrique Batista Duffes Teixeira Lott (1894–1984), pelo PSD, tinha começado pelas paredes da Rua Miguel Couto. O slogan era: “Ou o apoio a Lott, ou o desastre nacional”.

O “Diário Carioca” (21 abr. 1959), em seu editorial, comentou que “um comitê ainda clandestino” havia lançado a candidatura do senhor Jânio Quadros e que essa mobilização tinha sido inspirada por homens enciumados com o senhor Emílio Carlos que havia convocado a convenção do pequeno PTN. O PDC, por sua vez, também desejava lançar Jânio. O editorial afirmava que o grupo voluntário não era formado por lideranças de elites sugerindo posições de massa, não se tratava de nada de relevo nem de importância.

“Estamos, frente a frente com uma articulação suspeita e miúda, uma algazarra de picaretas e semiaventureiros que se credenciam a explorar uma possível fonte de êxito”, afirmara o jornal.

O “Diário Carioca” menosprezou a iniciativa e a história está aí para confirmar os desdobramentos.

O “Diário de Notícias” (19 abr. 1959) também publicou foto-legenda anunciando o evento na ABI. A foto mostra o Marcondes. Eles haviam sido fotografados na redação.

“O Mundo” (2 maio 1959) divulgou nota com foto de Juarez Távora. O general estava de viagem à Alemanha para tratamento de saúde, mas tinha enviado carta ao líder do PDC, Franco Montoro (1916–1999), dizendo estar impressionado com a qualidade dos homens que cercavam Jânio. Montoro foi filiado ao PDC durante 16 anos, de 1950 a 1966, a partir de quando ingressou no MDB.

Ao retornar da Alemanha Juarez procurou Marcondes e outros aliados para discutir novas decisões. Gelcy cita o telefonema de Juarez em carta (15 maio 1959) escrita ao marido que se encontrava em Maracaju.

Ao mesmo tempo em que a campanha pró-Jânio se avolumava se via obrigado a viajar para o Mato Grosso para ver seus negócios.

Juarez queria trocar ideias antes de fazer novos compromissos, mas não ia fazer campanha por recomendação médica. Ele deveria ficar em repouso por pelo menos seis meses, “mas mesmo assim ele na certa quer que tu inicies sob a orientação dele”, afirmou a esposa na correspondência.

“O seu Ernesto já telefonou várias vezes para cá e está já naquele nervosismo habitual dele aguardando a tua chegada”.

Em Ponta Porã o amigo João Portela Freire solicitou ao Juca material de propaganda para ser distribuído na região fronteira como clichês para uma coluna de jornal e caricatura. Queria imprimir material de campanha.

Em meio ao forte calor no Rio Gelcy comentou em carta (27 set.1959) a visita de Jânio a uma fazenda no Sul de Mato Grosso.

Perguntou ao marido se essa informação era verdadeira: “Já viste o Jânio?”.

Ela descreveu a chegada do candidato ao Rio: “foi um colosso, acho que a sua vitória será muito fácil”.

O “Jornal do Comércio” (27 out. 1959) noticiou o janismo em marcha e a criação de centros cívicos em Campo Grande, Dourados e Itaporã. A reunião, em Dourados, aconteceu no Clube Social e a entidade, em Campo Grande, era presidida por Lau.

Esse é o conteúdo da pasta vermelha sobre Jânio.

.....

O colunista J. E. de Macedo Soares, do “Diário Carioca” (27 maio 1961), antes da renúncia, escreveu um artigo contra o Presidente Jânio Quadros e, entre outros aspectos, o classificou como “o estadista de Mato Grosso”. Para surpresa do jornalista Marcondes ficou indignado com a conotação pejorativa dada ao Estado e pela tentativa do articulista de menosprezar Jânio ao vinculá-lo às origens humildes mato-grossense.

Escreveu uma carta ao diretor do jornal avisando-o para deixar em paz a longínqua unidade federativa do Oeste. Dizia-se orgulhoso de sua origem modesta, porém, honesta, citando figuras expoentes do cenário nacional que saíram de Mato Grosso como marechal Cândido Rondon, tenente Antônio João e Joaquim Murтинho. Refrescou a memória do jornalista dizendo que Jânio não tinha começado a carreira política em seu Estado de origem, mas em São Paulo, “aquele povo altamente cômico de seus deveres com a República foi quem testou o de fato estadista e não Mato Grosso”.

Recomendou ao articulista: “se quisesse continuar criticando o Presidente da República, que o fizesse de outro modo”.

“Jornalista Macedo Soares, deixe de uma vez para sempre de usar o Estado de Mato Grosso como sinônimo pejorativo para atingir o Presidente Jânio Quadros”.

Marcondes pediu ao Presidente, em correspondência (15 jul. 1951), em nome da Associação Rural de Maracaju e do prefeito da época, a construção do embarcadouro na estação ferroviária de Sete Voltas cuja linha atendia Campo Grande e Ponta Porã.

Denunciou o truste formado pelo matadouro de Campo Grande, pois, dois anos antes tinha sido acertada a construção desse embarcadouro, a prefeitura de Maracaju tinha arranjado a madeira – bancando a maior parte das despesas – e depois com o desenrolar da sucessão presidencial a madeira apodrecera sem se tomar providência.

Juca defendia o interesse dos pecuaristas, pois, o lugar mais próximo para embarque de boi gordo para o matadouro de Bariri (SP) era por Sete Voltas.

O serviço logo depois foi providenciado, não se sabe ao certo se antes ou depois da renúncia.

A partir do período em que se fez à ligação férrea, na década de 50, Juca embarcava gado na estação de Sete Voltas e vendia-o, entre outros compradores, ao Exército, para um abatedouro em Osasco (SP).

Eduardo Otávio, aos 10 anos, recorda-se da solenidade na ABI quando seu pai falou com galhardia:

O Jânio mandava o jato da Presidência buscar papai no Rio, ele ia para Brasília, ele ficou fazendo essa ligação. Quando Jânio renunciou, isso deixou papai muito decepcionado, ele brigou com Jânio, foi uma renúncia sem dar uma explicação plausível à Nação. Até a morte do papai, ele não aceitava isso.

Sebastião Marcondes lembrou que a campanha foi muito trabalhada no Sul de Mato Grosso com os cabos eleitorais, entre lideranças, fazendeiros e voluntários, indo de casa em casa conversando com os eleitores, com os parentes e amigos, pedindo votos, explicando quem era o Jânio e quem era o outro candidato.

Papai, primeiro, não tinha a menor simpatia pelo governo João Goulart. Via ali uma forma bem clara de socialismo, comunismo era uma coisa insensata pelo entendimento que tinha na época e trazia o governo brasileiro, o militar não aceitava aquilo. Como o papai havia sido grande companheiro do Jânio Quadros, desde a campanha Pró-Jânio Quadros, viajou pelo país afora, amigo do

papai (...) Pitaluga também, o papai ficou desiludido com o Jânio, Jânio mandou um jato lá no Rio de Janeiro, o jato Paris, o Juscelino havia deixado esse avião para servir a Presidência da República, era um jatinho, na época era a coisa mais moderna, pegar papai, levando-o a Brasília para convidá-lo para que aceitasse um alto cargo no governo, papai não aceitou, disse que para Brasília não iria, ia cuidar da família, o que demonstra o desapego a cargos. Na saída de Jânio, até hoje não explicável, forças ocultas haviam feito ele renunciar o mais alto cargo da Nação, entrou João Goulart que tinha relação com Brizola etc., aí o papai engajado na vida militar, também como febiano era muito ouvido, tinha uma cultura muito boa, acabou formando um comitê pró-Castelo Branco, isso foi capa do Globo na época, me lembro, uma faixa, papai fez, nos éramos pequenos, Largo do Machado, no Rio, faixa pró-Castelo Branco. Foi quando ocorreu à Revolução e a escolha acabou alcançando o Castelo, o outro que também queria era o Artur da Costa e Silva, aí papai participou com Golbery do Couto e Silva, José Almeida Matos que era um homem da maior cultura dentro do Exército, e papai participou e teve o convite para que participasse do SNI, papai também não aceitou, porque ele não admitia morar em Brasília e deixar a família no Rio, achava aquilo incompatível e ali ele teve uma atuação apesar de nada oficial, não recebia salário por isso, mas era muito ouvido o papai. Muitas vezes eu o vi partindo para reuniões no Clube Militar, no Clube da Aeronáutica, no Ministério do Exército a convite dos militares de alta patente para ouvir a opinião dele. Ele tinha uma influência muito grande nas Forças Armadas, ia de avião, a Brasília, sempre em avião militar, voltava.¹⁷⁰

O “Correio Popular” (14 nov. 1958) cita Marcondes em evento dos febianos como delegado de Mato Grosso junto à VII Convenção Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil, representando a delegação de Corumbá (MS). No evento ele apresentou uma moção para ser enviada ao marechal Mascarenhas de Moraes por ocasião do aniversário do comandante da FEB.

¹⁷⁰ J. ANTONIO MARCONDES.

Marcondes não estava no Rio quando Jânio renunciou. Cuidava de seus negócios no Sul do então Mato Grosso e se revezando em atividades rurais entre Dourados, Maracaju e Ponta Porã.

A esposa o comunicou por carta (28 ago. 1961) que Lacerda tinha dado uma declaração pesadíssima pela tevê e ele tinha ido a Brasília tratar de um assunto referente à “Tribuna da Imprensa” (não há detalhes a respeito disso) e, no entanto, falando com o Ministro da Justiça soube que ministros e alguns governadores estavam tramando um golpe para transformar o Jango em ditador. Por conta dessa articulação espúria Lacerda havia falado horrores em Brasília. Defendeu Jânio e culpou os que o rodeavam pelos boatos e armações. Para surpresa de todos, dia seguinte, 25 de agosto, Jânio renunciava.

“Já se fala que não se trata de renúncia e sim que ele foi deposto”.

Papai teve um desentendimento com Carlos Lacerda como havia tido com Jânio. Mas depois, o Lacerda voltou, não foi cassado, mas ficou num ostracismo total, ele tinha uma gráfica, a Nova Fronteira, e essa gráfica ficava ao lado do meu prédio, logo que casei ali no Flamengo. Volta e meia o papai estava ali com Carlos Lacerda, ele ficava lá no escritório dele, conversando muito com papai, etc... Homem de uma cultura ímpar. Falando de política, conheciam política como poucos políticos tiveram esse privilégio, para mim o maior orador da nossa história contemporânea no Brasil foi Lacerda.¹⁷¹

Dia 27 de agosto Gelcy e Haida haviam ido à missa. Ao passarem por uma banca de jornal e pedir o “Diário de Notícias” foram informadas que havia apenas um jornal porque tinham censurado a redação do jornal.

Nesse único exemplar cujo jornaleiro pediu para elas não ficarem exibindo-o havia carta do Lott na qual afirmava que o Ministro da Guerra tinha mandado prender João Goulart (1918–1976) assim que ele chegasse ao Brasil – o vice-presidente estava em visita à República Popular da China.

¹⁷¹ Idem.

Lott contava nesse documento público que tinha telefonado ao ministro para pedir ao Exército que não prendessem Jango, mas não foi ouvido. Ele conclamava, conforme narra Gelcy, todas as forças vivas, da produção, do pensamento, os estudantes, os intelectuais, os operários e o povo em geral, para tomar uma posição decisiva e enérgica.

“Essa declaração na outra edição do Diário de Notícias saiu em branco”, afirmou Gelcy na carta.

No dia seguinte prenderam Lott e os oficiais da Marinha Fernando Risque, Frederico Augusto Silveira e Souza, o tenente-coronel Gerson Cardim de Alencar Osório e Antônio Figueiredo.

Apesar do momento delicado o povo estava calmo. Mas a polícia não permitia a reunião de estudantes em greve exigindo a posse de Jango.

“A polícia quando vê um grupo reunido, logo solta gás lacrimogêneo”.

Naquele dia 27 ela tinha ido à missa da esposa do Pitaluga reunindo muita gente, mas o próprio Pitaluga não pode comparecer porque tinha sido chamado ao Rio Grande. “Dizem que no Rio Grande está tudo em prontidão e a coisa parece feia por lá. Aqui também a maioria dos oficiais está de prontidão”.

Gelcy, do Rio, escreveu segunda carta (6 nov. 1961) informando ao esposo que apesar da situação política todos em casa estavam bem. Ouvia sempre a Rádio Guaíba, a “rádio da legalidade” como ficou conhecida. Jango havia chegado a Brasília sem nenhuma confusão, mas eles estavam vivendo dias de preocupação por causa de Leonel Brizola (1932–2004), governador do Rio Grande do Sul naquele período.¹⁷²

Ela não via predicados nesse caudilho gaúcho, mas concordava com a sua defesa contra a ditadura, “ninguém quer isso, mas os gaúchos estavam empolgados com o seu regionalismo e o sangue já fervia nas veias pensando em defender o nosso Rio Grande”, citou.

Alertava que havia corrido o boato de que vários oficiais da Força Aérea tinham se rebelado e desejavam impedir a chegada de Jango a

¹⁷² O movimento militar se opôs à posse de Jango alegando que, com ele, o comunismo chegaria ao Brasil, em meio ao auge dos movimentos sociais. Brizola liderou um movimento pela legalidade a partir de uma cadeia de rádios com base em um estúdio montado nos porões do palácio do governo gaúcho. Essa campanha quase levou a um conflito armado, mas os militares aceitaram a adoção de um sistema parlamentar de governo e a nomeação do presidente de Conselho de Ministros, Tancredo Neves, figura expressiva do PSD e tido como conservador.

Brasília e havia até a disposição de se escoltar no ar o avião do Presidente e se ele fugisse iriam abatê-lo. “Isto foi descoberto e os oficiais presos. Chamou essa revolta de Operação Mosquito”.

Comentava que Jânio ia fazer uma declaração explicando o motivo da renúncia, depois da posse de Jango. Sobre Lacerda os cariocas faziam todo tipo de piada.

“Chamam o Lacerda de rolo de papel higiênico, pois, está sempre no rolo e no meio da...”.

Pediram para Dutra falar sobre o momento e ele se comportou como o papagaio da Casa da Banha, programa da tevê. “Deus queira que esse regime parlamentarista dê certo e a Nação entre em perfeita calma”.

Carlos Lacerda era um amigo que papai respeitava muito. Era uma pessoa que papai se espelhava muito, pela inteligência, pela honestidade, primeiro como deputado e depois como governador da Guanabara, era uma referência, papai escrevia inclusive artigos para a *Tribuna da Imprensa*.¹⁷³

Os bancos estavam fechados até o dia 17 daquele mês e por conta disso ela ainda não tinha recebido a aposentadoria do marido. “O nosso dinheiro não está valendo nada e o dólar subiu para Cr\$ 300,00”.

Os cariocas, segundo ela, parecem que tinham fugido “porque não se via ninguém nas ruas”.

Os colégios federais estavam sem aula até o dia 10. “Mas dos nossos guris apenas o Eduardo ficou quatro dias sem aula devido o São Bento ser perto do Ministério da Marinha”. Os padres temiam a presença dos alunos próximo ao cais do porto.

O Luís Francisco estava contente porque tinha, em agosto, sido distinguido e fez parte do quadro de honra, se destacando entre a turma de 43 alunos. Tinha ficado em terceiro lugar nos estudos. O Pedro, por sua vez, tinha recebido o lenço dos Lobinhos. “Até me comovi, pois, ele parecia um oficial fazendo o firmamento”.

¹⁷³ L. F. T. MARCONDES.

Os aviões da Varig não estavam viajando para o Rio Grande do Sul por questões de segurança.

Em uma terceira carta (14 nov. 1961) Gelcy comentava que Pitaluga havia telefonado querendo falar com o Marcondes. Pitaluga tinha fugido do Rio Grande porque havia se recusado a cumprir as ordens do general Augusto Machado Lopes, comandante do 3º Exército, sediado em Porto Alegre¹⁷⁴. Gelcy tranquilizou-o dizendo que nada haveriam de fazer com ele. “Nunca imaginei que o Pitaluga agisse dessa maneira e desejasse uma ditadura”.

Em outra correspondência (18 set. 1961) Gelcy comentou que o general Machado Lopes havia procurado Brizola e dito a ele para ter calma porque o 3º Exército estava ao lado da legalidade e não obedeceria a ordens do Ministro do Exército.

“As forças do Exército foram ovacionadas pelo povo e estudantes que enchiam as imediações do palácio”, afirmou, isso em Porto Alegre, transmitindo informações dadas pelos seus parentes em Bagé.

“Operários, estudantes e o povo em geral corriam a se alistar como voluntários e os que assim não agissem eram taxados de covardes. Só em Bagé os alistamentos foram em grande número”. O seu irmão Fausto liderou o Diretório Acadêmico em Bagé.

Os guris, por sua vez, estavam compenetrados nos estudos e o Marco às voltas com uns pintinhos que os irmãos criavam no apartamento. Sempre aparecia um com a perna quebrada “e a turma já tomou as suas conclusões e a culpa caiu no Marquinhos”.

Eduardo Otávio, aos 12 anos, enviou carta ao pai, em Maracaju. Apesar da pouca idade dizia que os soldados não queriam a posse do Jango, haviam prendido o marechal Lott e estavam atrás do Juscelino para prendê-lo também. “O porta-aviões Minas Gerais e o Tamandaré partiram para o Rio Grande do Sul em busca do Brizola”.

No Rio, segundo Eduardo, no dia da renúncia, houve grande distúrbio. “Os comunistas quebraram 14 vidros ray-ban das embaixadas Americana e Inglesa”.

¹⁷⁴ O comando militar e o governo civil do RS, para garantir a posse de Jango, ameaçavam distribuir armas à população, formando milícias.

Comentava que o comício de Lott em Bagé, ainda na campanha anterior, reuniu dez mil pessoas enquanto o de Jânio fora fraco. O comício de Lott tinha saído nos jornais com direito até a transcrição do discurso.

Lott hospedou-se na casa dos pais de Gelcy.

Ela narrou a colossal inauguração de Brasília feita com requintes da diplomacia. Nos eventos exigiram-se fraques e casacas. Uma loja do Rio alugou 900 casacas além de número grande de vestidos para as damas. Entre os convidados ela citou o marechal Mascarenhas de Moraes e sua esposa, Ada. “Ada foi citada nas colunas sociais como uma das elegantes damas”.

O carioca não se conformava por ter perdido o status de Distrito Federal e não gostava de pertencer ao Estado da Guanabara, “a ponto de ter filas intermináveis nos cartórios no dia 20 para registrarem seus filhos ainda no Distrito Federal”.

13. A NOITE DA LUA CHEIA

A atuação do coronel Juca Marcondes no golpe de 64, a “noite da lua cheia”, quando as tropas mineiras do general Mourão Filho marcharam para o Rio como parte do levante para depor o Presidente João Goulart é descrita pelos filhos, cartas e um recorte do jornal “O Globo”.

Ele voltou a se infiltrar no turbilhão. Defendeu desde o início, já que a Revolução se avolumava e era inevitável, o nome do colega dos tempos da FEB, Castelo Branco, para a Presidência da República.

Em 1962 assessorou Juarez Távora na eleição vitoriosa para deputado federal, pelo PDC, representando o Estado da Guanabara. Juarez tinha sido antes ministro da Agricultura, da Viação e da Casa Militar no curto governo de Café Filho.

Luís Francisco recorda-se do pai e irmãos saindo na rua naqueles dias tensos. Aquela que vinha sendo preparada como a “Marcha da Família” desde meados de março acabou se transformando na “Marcha da Vitória” no dia 2 de abril de 1964, no Rio, reunindo, aproximadamente, um milhão de fluminenses, cariocas e comitivas dos Estados.

A Revolução triunfou sem se dar um único tiro apesar das ameaças de resistência entre grupos de militares e civis leais a Jango.

Luís Francisco conta que ele estava indo a pé para colégio São José e seu pai ficou preocupado porque as ruas não eram seguras. Os telefones tinham sido cortados e a escola ficava na Tijuca, a certa distância de casa.

Apesar dos temores de violência não houve desencontro familiar e, ao contrário disso, Juca pegou seus filhos – Marco não tinha quatro anos – e se uniu ao grupo de Lacerda, governador da Guanabara, adversário de Jango, e todos foram para o “túnel novo” com lenço verde e branco amarrado ao pescoço.

Havia resistência da Marinha e se achava que os marinheiros poderiam esboçar reação que pudesse colocar em risco a vida de civis.

A gente montou barricadas de areia em frente desse túnel que era a única passagem da Zona Sul para a Zona Norte, aí fomos apoiar o Castelo Branco, o Castelo tinha uma proposta de moralizar o

Congresso, de não fechar o Congresso e de voltar à democracia muito em breve, tanto que se acha que mataram o Castelo Branco por causa do radicalismo, da linha dura do Exército.¹⁷⁷

Eles saíram às ruas no Toyota, ano 62, veículo, em março de 2005, guardado como relíquia na Fazenda “Caa-Porã”.

Luis Francisco desenhou um cartaz pró-Castelo e Marcondes afixou-o no carro e exibindo pelas ruas mesmo depois dos dias mais tensos.

Pedro Ricardo recorda-se do pai indo para o Forte São João.

O papai sempre conversava sobre revolução com a gente, ele esteve presente, eu sei que ele era uma pessoa muito ativa, era um apoio certo em Mato Grosso, onde ele tinha muita liderança, conhecia muita gente. Sobre o anticomunismo dele? Eu, ou talvez eu veja isso por não ter o conhecimento que o papai tinha, eu acho que ele exagerava um pouquinho, não digo que ele esteja errado. Eu não tinha o conhecimento de mal no comunismo como ele talvez tivesse, até por ter ido à guerra, ver como era o nazismo, ele sempre comparava que o comunismo era um braço do nazismo, era uma continuação do nazismo. Então ele tinha certa visão obcecada contra o comunismo (...) O papai era extremamente hierárquico, que respeitava apesar do Prestes ter sido um comunista, ter os princípios, ele respeitava ele como pessoa. Pode parecer incoerente ele receber o filho do Prestes, mas não. Ele sabia que Prestes era inteligente, com princípios, uma pessoa forte em seus ideais e isso para ele tinha valor.¹⁷⁸

Eduardo Otávio fez parte do movimento dos estudantes antes da Revolução:

Eu lembro nitidamente quando a Rússia invadiu a Tchecoslováquia, começou a haver uma revolução muito grande,

¹⁷⁷ L. F. T. MARCONDES.

¹⁷⁸ P. R. T. MARCONDES.

nós como estudantes na época, fizemos uma movimentação no centro do Rio, até eu tenho fotografia a respeito disso e nós queimamos a bandeira russa, achávamos uma agressão aquilo e isso, é lógico, capitaneado pelo velho. Depois da Revolução de 64, houve uma época de muito sigilo, eu sei que ele participou do golpe, mas não sei como ele participou. Eu tinha relações na época com Armando Falcão, Carlos Lacerda e o velho também. Eu me lembro que quando estourou 31 de março, naquele dia nós fomos, o velho teve encontro com nós e fomos para o jornal *O Globo* e no jornal *O Globo* o papai já levou algumas faixas colocando o Castelo como o primeiro presidente da Revolução, isso aí tinha fotografia dele conosco, em 64, e papai tinha afeição grande pelo Castelo, muito grande. Aí eu me lembro que ele teve uma relação com Golbery, lógico, aí teve, a classe militar, generais, o papai sempre teve um contato muito íntimo, claro que alguns se destacaram como o general Serafim, por exemplo, aqui, o Pitaluga nem se fala, o Juarez Távora, eles são fiéis na história política dele. Aqui, depois chegando, o general Serafim teve uma participação importante, Hoje, o general Cosme que se encontra no Rio de Janeiro, o coronel Mourão e vários outros.

Em abril iniciou-se a articulação pró-Castelo.

Em entrevista para “O Globo” (6 abr. 1964) Juca informava que dia 2 estava montada a Ação Renovadora Popular (ARP) em apoio a Castelo Branco e ao governador Lacerda.

Esse movimento foi criado e presidido inicialmente por Marcondes.

O escritório funcionou na Rua Hilário da Gouveia, 66, apartamento 502 e no dia 2 aconteceu a primeira reunião para se discutir o manifesto precursor de apoio às duas candidaturas.

Marcondes disse a “O Globo” que a ARP precisava ser rápida em se tratando de propaganda porque faltava pouco tempo para a eleição. A ARP distribuiu cartazes e colheu assinaturas e uma das bases ficou concentrada no Palácio da Guanabara.

Os abaixo-assinados eram para o Congresso.

Um deles, encaminhado ao presidente do Congresso, Auro de Moura Andrade, era assinado por Armando de Abreu, general Carlos Camuyrano, Wolmar de Castro Monte, Rogério Said, Paulo José dos Santos, Severino

Correa, Vitoriano Teixeira, Bertholdo Klinger, Gasparina Silveira Martins (presidente do comitê central), Léo de Queiroz, Marina Germano, entre outros. Uma cópia foi enviada ao Ministro da Guerra, general Costa e Silva (1902–1969), para que não abrissem mão do nome de Castelo Branco.

Depois do movimento das forças democráticas abafando o comunismo no Brasil era preciso um homem apartidário que tivesse pulso e inteligência para recolocar o Brasil no caminho do seu destino, “que é o da paz e progresso”.

Para o Juca, Castelo era mais do que um veterano de guerra. Tinha a bagagem de muitas lutas anticomunistas e era oficial bem aceito dentro das Forças Armadas. Sem menosprezar outros nomes entendia que Castelo reunia as qualidades necessárias para ser o Presidente naquele momento.

A ARP teve apoio do general Araquém Ararê da Cunha Torres e de membros do extinto MPJQ.

O primeiro comitê foi montado sob a presidência do Luís Francisco, na época infiltrado nos bastidores políticos como membro da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários.

O capitão Juca Marcondes enviou carta (5 jan. 1965) ao Comandante da 4ª Divisão de Cavalaria da 9ª RM do Estado de Mato Grosso, o ex-ministro Silvio Frota. Dizia-se conhecedor do sistema dominante do esquema político e social na orla fronteiriça com o Paraguai.

Em 1962 havia cumprido missões na fronteira levando informações ao Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) por intermédio do general Edson de Figueiredo.

Em 1963 quando o avanço dos comunistas não deixava dúvidas ele aderiu a uma forte organização civil. Tratava-se da Ação Democrática Mato-Grossense orientada pelo coronel Câmara Sena.

Para Juca a Revolução encontrou entrosamento entre a área militar e civil em Mato Grosso. Mas criticava a postura do ex-governador Fernando Corrêa da Costa, pois, embora udenista, vivia em estreita afinidade com o governo deposto, por influência, talvez, do ex-deputado e líder do PTB, Bocaiúva Cunha, cunhado do ex-governador. No seu alerta ao Exército dizia que Fernando fora omissos e inerte porque não tivesse punido pessoas subversivas e corruptas, muitas das quais amigas e servidoras do governo.

Relacionou como pessoas de confiança do governo totalitário Cláudio Fragelli, Lau, Agostinho Bacha, Alcindo de Figueiredo, Etalívio Coelho, entre outros, “hoje todos com diploma da ADESG”.¹⁷⁹

Com esse grupo o general Silvio Frota poderia, sem constrangimento, ter apoio para manter a vigilância e sedimentação dos ideais revolucionários. “Esse pugilo de gente está representado em Ponta Porã, Dourados, Bela Vista, Nioaque, etc., por outros não menos valorosos e destemidos companheiros da Revolução redentora de março”.

Queixava-se, porém, que o serviço de recrutamento era inoperante em Rio Brillhante, Maracaju, Dourados, Guia Lopes, entre outras cidades por não terem núcleos militares e não chegavam às atividades do Exército.

“Uma grande porção de moços passa a insubmissos por não atenderem ao alistamento ou por não terem se alistado”.

A consequência era a criação sem educação e no livre-arbítrio, uma juventude, na visão do Marcondes, desconhecendo o freio da disciplina e alguns ociosos entregando-se à desordem e ao vício da embriaguez.

Domingos também fez críticas em duro artigo cuja cópia faz parte do acervo do coronel Marcondes juntamente com um pequeno livro de 1979 do Marechal Odylio Denys com o título “A Revolução de 1964 – Resumo dos Principais Acontecimentos” (ed. Gráfica Itambé S.A. Rio).

Domingos dizia que o 31 de março recordava o “Dia D” das Forças Democráticas Brasileiras contra a agitação e incertezas de uma Nação des governada pela anarquia. Criticava a inflação e o aviltamento da economia que conduzia o País ao descrédito no exterior. O texto encontra verossimilhança nos dias atuais, pois, alertava que os ricos aproveitadores ficavam mais ricos e a classe média, a mais importante como módulo de grandeza, era empurrada para a pobreza.

Para ele a Revolução era do povo.

Castelo, tido como mediador entre militares “linhas duras” e as facções tradicionais de cunho liberal, venceu no colégio eleitoral do Congresso dia 11 de abril com 361 votos. Os dois outros candidatos: o general Amauri Kruehl (lançado pelo PTB) e o ex-presidente Dutra (com apoio de parte do PSD).

¹⁷⁹ Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

Foi empossado no dia 15.

Quase 30 anos depois, os acontecimentos do dia 31 de março de 1964 ainda não foram estudados com a serenidade e a imparcialidade que a História exige. Passou rapidamente de revolução a golpe e, anos depois, foi responsabilizada por todos os momentos ruins do país. (...) Que um grupo mais conservador tramava um golpe, era óbvio. Tramava desde a queda de Getúlio e tinha, agora, acelerado a conspiração, assustado com a política esquerdizante de Jango (...). Só quem viveu aquele período é capaz de calcular o que a radicalização extremada da política, como nunca acontecera no Brasil, era capaz de fazer com a cabeça das pessoas. O clima era de pânico. Se o pânico era forjado, e a CIA participava dele, se a KGB também, isso é outra história. O fato é que o brasileiro tinha medo.¹⁸⁰

Ayrthon Barbosa Ferreira disse que os principais amigos militares do Juca tiveram participação ativa na Revolução e, por isso, o próprio Marcondes “se bandeou para o lado de 64”. Comentou que os norte-americanos impunham o regime contra o comunismo. “Cassaram até os que estavam na legalidade”.

Mas Juca não esteve em Dourados naquele período.

“Não houve corre-corre aqui (...) Parece que foi uma espécie de comoção intestinal”, comentou Ayrthon.

No momento da formação do ministério de Castelo houve uma mobilização da Associação Rural de Maracaju cujo presidente era outro amigo do Juca, Lourival Duarte Alvarenga. Esse movimento envolvendo as federações do setor indicava o ruralista Íris Meinberg para o Ministério da Agricultura, tudo como íntegro e apolítico, conhecedor da situação da agropecuária brasileira.

Lourival enviou telegrama (11 abr. 1964) ao presidente da Federação das Associações Rurais de Mato Grosso (Farmato), Bento Machado Lobo, com cópia ao Juca, anexada a uma carta onde dizia que há dois anos era fã incondicional do “doutor Íris” por conhecer bem o setor “e acho no

¹⁸⁰ MAGALHÃES, op. cit. p. 169-0

momento o indicado para ajudar o novo governo na recomposição do Brasil”.

Não visava interesses pessoais, mas o ideal de ver feita alguma coisa para a classe agropecuária acreditando que, nas mãos de Íris, os postos agropecuários funcionariam.

Mas não conseguiram emplacar o nome Íris. O ministro escolhido foi o engenheiro Oscar Thompsom.

Em 1965 o capitão Juca Marcondes cobrou do ministro da Guerra, general Costa e Silva, providências em relação ao indeferimento das promoções aos convocados licenciados da FEB, direito consagrado no Boletim do Exército nº. 4 (26 jan. 1946) em consonância com o Decreto Lei nº. 8.795 (23 jan. 1946).

A maioria dos sargentos comandados pelos febianos havia sido reformada como majores remunerados.

Relembrou que no final de 1964 esteve no gabinete do ministro juntamente com Zeno Castro cobrando providências. O general Costa e Silva foi comandante de Marcondes na Escola de Moto-Mecanização e, na conversa amigável, lembraram episódios de 31 de março “e V. Excia. pediu-me que continuasse lutando, o que estou fazendo”.

Marcondes não teve influência nos governos Ernesto Geisel (1974–1978) e João Baptista Figueiredo (1982–1985).

Distanciou-se.

Entendia que a mudança, em 64, deveria ter sido para a melhora do País, um basta à corrupção e não uma ação meramente anticomunista.

.....

Quando morreu o ministro britânico Winston Churchill (1874–1965), em 24 de janeiro de 1965, em Londres, Marcondes apareceu no jornal “O Globo” (26 jan. 1965) exibindo o livro “A FEB, pelo seu Comandante”, escrito pelo marechal Mascarenhas de Moraes¹⁸¹, autografado por Churchill

¹⁸¹ Não há referência se foi no Volume 1 ou 2.

com a seguinte frase: “A coragem é exaltada como a maior das virtudes humanas porque é a garantia de todas as outras”.

De acordo com essa reportagem, embora esse fato não tenha sido mencionado no Diário da Gelcy, o autógrafo foi dado quando Marcondes se encontrava internado no “Walter Reed”. Marcondes é citado, pelo jornal, como herói de guerra. O texto faz uma breve biografia.

Naquela hora em que o Mundo chorava a morte do Primeiro-Ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra ele lembrava a gratidão praticada pela fé na vitória sempre emanada por Churchill.

14. OS FILHOS

O primogênito, Luís Francisco Teixeira Marcondes, nasceu em 3 de janeiro de 1947. O nome é uma homenagem ao avô materno e ao paterno.

O segundo, Eduardo Otávio Teixeira Marcondes, em 10 de agosto de 1948. Eduardo é uma referência ao brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN e patrono da Força Aérea Brasileira.

O terceiro, José Antônio Teixeira Marcondes, em 2 de setembro de 1949. José, ao próprio pai e bisavô e Antônio ao tataravô.

O quarto, Pedro Ricardo Teixeira Marcondes, em 18 de agosto de 1953. Pedro é uma menção ao discípulo Pedro.

O quinto, Marco Paulo Teixeira Marcondes, em 27 de outubro de 1959. Esse ao lendário Marco Pólo (1254–1324) cuja história Marcondes admirava e tinha o desejo de conhecer lugares visitados pelo navegador como a China, sonho realizado anos mais tarde.

Após a morte de Chico Alves Juca começou a trabalhar com maior afinco em suas terras. Às vezes permanecia em Vista Alegre por meses, enquanto Gelcy, no Rio, cuidava dos filhos.

Naquele tempo uma pessoa se tornou parte da família: Hermínia Marques, a “Sinhá Morgada”, negra que ajudou a cuidar dos pequenos. Ela trabalhou durante 30 anos na casa dos Marcondes.

“Sinhá Morgada” era de Bagé.

Quando os filhos aprendiam as primeiras palavras eles escreviam cartas para o pai perguntando sobre os parentes, os cachorros, as ovelhas, o gado, ansiosos pelas férias quando a família ou viajava para Bagé ou para “Tapê–Cuê”.

O pai gostava de fazer charadas.

Perguntava aos filhos:

– O que é um nome próprio, oceano com três letras e um título de nobreza com cinco letras?

Na primeira vez eles pensaram e não responderam.

O pai ensinou–lhes:

– É Mar Conde...

Os irmãos de Gelcy, Vitoriano Teixeira e Luís Carlos Teixeira, respectivamente cartorário e médico pneumologista em 2005, estudavam e trabalhavam no Rio naqueles idos.

Outra pessoa presente na década de 50 foi Marcy Garcia Martins.

Gelcy foi uma segunda mãe para ela.

Marcy tinha ido conhecer o Rio em 1955 ficando alguns dias na casa dos Marcondes. Ela se entusiasmou com a cidade, quis fazer a Escola de Belas Artes. Ela não tinha concluído o Curso Normal em Campo Grande e encontrou resistência por parte do pai, em Maracaju, contrariado com a ideia de a filha jovem ir estudar no Rio, ficar longe de casa e da vigilância da família.

Juca era amigo do pai dela e procurou tranquilizá-lo. Convenceu-o a passar, junto com a esposa e a filha, um Natal no Rio. Os pais retornaram e Marcy ficou na residência do casal por quase dois meses até conseguir um pensionato com ambiente familiar.

No decorrer dos quatro anos de faculdade ela frequentava pelo menos duas vezes por semana a residência do casal e fazia companhia a Gelcy.

“Afeiçoei-me a Gelcy e seus filhos, me sentia da família, graças ao carinho que recebia da Gelcy e do Marcondes”, comentou.

Em 2004 ela fez uma festa de aniversário e convidou Gelcy e filhos.

“Ela veio com o Marquinhos e sua família. Isto me causou uma grande alegria. Resolvi homenageá-la como a minha segunda mãe e o que eles representaram na minha vida”.

Disse aos presentes à festa o quanto Gelcy era querida e o quanto eles ajudaram na sua formação cultural.

Marcy, citada em cartas escritas por Gelcy, relembrou que em 1950 era quase inconcebível uma moça sair de casa para estudar no Rio. “Aqui, no interiorzão, naquela ocasião, mulher era para aprender a cozinhar, bordar (...) Então eu dei um salto muito grande, isso devido ao apoio recebido”.

Quando José Antônio passou por uma cirurgia para retirada do apêndice e ficou ruim Marcy ficou perto de Gelcy. Marcondes estava em Vista Alegre.

No dia anterior à cirurgia José Antônio tinha escrito ao pai uma cartinha dizendo que no domingo acordara com dor na barriga e vomitara muito.

Na segunda-feira foi operado.

“Mamãe estava muito nervosa e tinha medo que eu operasse, mas eu não tive. Fui ao colo do Vitoriano, com a mamãe, a Marcy e o médico para o hospital”.

Em correspondência (4 jul. 1958) Gelcy narrou o susto passado por Marcy e os passageiros quando a aeronave com destino a Campo Grande fez pouso forçado em Três Lagoas (MS) porque tinha dado pane num dos motores. Depois de duas horas de atraso o comandante não quis seguir por causa do tempo e do escurecimento, mas os passageiros insistiram, pois, em Campo Grande, a pista estaria iluminada.

Para surpresa deles em Campo Grande havia racionamento de energia forçando um balizamento de emergência à base de lampiões a querosene para a aterrissagem.

Por mais que Juca tenha sido austero com os filhos, exigindo extrema dedicação aos estudos, respeito, obediência e atenção, a família teve muita felicidade e liberdade, compartilhando sonhos, aventuras, dificuldades e sustos também.

Ele desejava que os filhos seguissem a carreira militar.

Pedro fez o Colégio Militar, mas depois entrou para engenharia civil.

O único da família a realizar os sonhos do coronel foi o neto, filho do Eduardo Otávio, Eduardo Arteiro Marcondes, incorporado como veterinário do 28º Batalhão Logístico de Dourados cujo nome de guerra é Tenente Marcondes.

Luís Francisco se recordou, na infância, das festas de São João, nas Laranjeiras, quando o pai arrastava troncos para a fogueira e bambus para os enfeites. Eles exploravam as matas do Rio onde caçavam caxinguelês, cachorros do mato e macacos. Faziam viagens para a estância hidromineral de Caxambu (MG) nas Semanas Santas, churrascos na hoje praça central da Barra da Tijuca e pescarias na Lagoa das Pretas, na Estância Santa Maria, em Cruz Alta (RS) e ainda com os tios no Rio Miranda, em Mato Grosso.

Rememorou as limpadas de mato na Estância Santa Maria onde Juca montava acampamentos e os chamava de Punta Del Este por ser à beira de

um arroio; das caçadas em Mato Grosso com o tio Antônio Correa morto em acidente de carro em 1972 na Rodovia Anhanguera perto de Campinas (SP).

Relembrou as manhãs de mate na casa da Rua Mato Grosso, no BNH 2º plano, em Dourados, na década de 80, onde o velho e seus amigos se reuniam, entre os quais Ayrthon Barbosa Ferreira.

O “doutor Ayrthon”, segundo ele, “é nosso grande amigo, considerado pelo papai como um filho em que ele depositava toda a sua confiança”.

O que nunca me saiu da memória é o prazer que o meu pai tinha de conviver familiarmente. Meu pai era um homem de temperamento rígido, exigente, disciplinado, e a bem da verdade, poucos filhos, dos cinco, sou eu, tinha prazer de conviver no dia-a-dia com o papai. Ele era um homem exigente e difícil. Os jovens sempre querem, não gostam de seguir a disciplina dos pais, o que é normal, mas eu tinha muito prazer de viajar com o papai.¹⁸²

Juca sempre foi excêntrico.

Ao mesmo tempo em que gostava da simplicidade absoluta no campo de vez em quando se vestia com trajes de gaúcho.

Dirigia seu fusca e pilotava seu avião.

As viagens mais longas com a família eram do Rio para Mato Grosso, pois, não existia naquela época a ponte sobre o Rio Paraná ligando SP a MT cuja travessia era feita em balsa e as estradas eram de terra do lado de cá. Ele possuía bons carros. Naquela época não havia sido criado MS.

“Ele se apegava às coisas que gostava. Ele dizia que um carro não se vende. Eu não me lembro dele vendendo carro. Os carros, ou ele doava, alguns até para a polícia”, comentou José Antônio.

No começo vinham em jipe Willys que era o melhor modelo da época para suportar as longas distâncias em estradas sem asfalto, depois em um jipe mais moderno que tinha tração nas quatro rodas.

As viagens duravam dois dias e meio para se rodar 1.500 km.

José Antônio contou que viajava apertado, “mas aquilo era um prazer”.

¹⁸² J. ANTÔNIO MARCONDES.

A travessia do Rio Paraná era marcante por causa do volume de carros e caminhões carregados transportando mercadorias para MT e retornando com gado ou outras matérias-primas para SP.

Do jipe passaram para o Rural Willys e depois para a perua Veraneio.

Marco era pequenino (...) Uma grande companheira, essa foi uma das marcas da nossa educação foi a *Sinhá Morgada*, nos exigiam que a chamassem sinhá por causa daquela história do engenheiro, ela era tratada com as reverências para que os filhos gravassem isso, eu me recorde, papai deu uma página para escrever *Sinhá Morgada*, escreva isso 300 vezes, e eu escrevi, para nunca mais esquecer. Ajudou sobremaneira na nossa educação e diria mais, meu pai, pelo temperamento que tinha, sempre às vezes nervoso... Situações tensas, a única pessoa que travava meu pai era a *Sinhá Morgada*. Viveu com nós a vida toda. Morreu, uns 75 ou 80 anos, estava com a gente no Rio.¹⁸³

Ainda tinha o cão de estimação do José Antônio, da raça Collie, em meio às bagagens.

Na década de 60 eles sofreram acidente apenas com avarias materiais, apesar do susto. Foi próximo à Bauru (SP). Um caminhão colidiu com a lateral da Rural causando estrago de uma ponta à outra. O motorista tentou fugir, mas Juca o fez parar e deteve-o até a delegacia.

Mesmo com as avarias e portas amarradas eles seguiram para Bagé.

Quando entrou a Volvo no Brasil Marcondes adquiriu uma camionete importada, mas o motor não era resistente ao terreno arenoso. Em uma viagem ao Sul, passando pelas serras de Santa Catarina, o motor fundiu. Um camioneiro prestou socorro e rebocou-os até um hotel.

Essas viagens eram marcantes não só para mim, mas para todos os meus irmãos. Nós rezávamos para chegar ao final do ano, era um incentivo para que a gente viesse para a fazenda, porém, com êxito na escola, se não houvesse... Eu estudava no colégio Dom

¹⁸³ Idem.

Pedro II, colégio padrão até hoje no Brasil, é o único civil federal, e ali nós tínhamos professores eméritos, diversos mestres. Então em uma ocasião eu fiquei com notas baixas em matemática, aí papai disse que eu ia ficar com uma professora particular, eu fiquei (...). Aquilo para mim era uma tristeza porque tinha muito prazer em estar aqui na fazenda, realmente, foi parte das nossas vidas, a gente deve a nossa formação, também essa vida de camponês que nós vivemos.¹⁸⁴

Durante as viagens o pai contava histórias sobre revoluções, aspectos da guerra, os lugares por onde tinha passado associando a curiosidade a noções de moral. Gênio inquieto e preocupado com a educação esmerada dos filhos Marcondes impunha regras.

Por exemplo: hora é hora, antes da hora não é hora e depois da hora não é hora...

Citava frase de pessoas renomadas.

“Isso tudo ficou muito incutido na nossa mente”, disse Eduardo Otávio.

Eduardo contou que a vinda para a “Tapê-Cuê” era uma experiência totalmente diferente:

Imagina sair do Rio de Janeiro e vir para o sertão, até chegarmos a Ourinhos (SP) era uma viagem, de Ourinhos a Presidente Epitácio era outra viagem, atravessávamos a balsa e para chegarmos muitas vezes a Dourados já era uma viagem enorme na maioria das vezes por terra, e de Dourados a Maracaju e às fazendas e como nós, no começo, ainda não tínhamos uma sede, muitas vezes ficávamos em sede de outros como do tio Antônio Correa, do Zanoni Correa, do tio Sebastião, do tio Ladislau Marcondes que era na Fazenda Vertente, de outros tios... Então a gente ficava nesses locais uma semana e depois ia para o acampamento na *Tapê-Cuê* e depois foi se aprimorando, o papai foi construindo quartos e tudo mais, porque antes era um ranhão... A gente ficava muito na casa da Fazenda da Mata, a mesma de hoje, tem cerca de 100 anos, só que ela foi reformada pelo meu irmão, o Chico, mas era uma vida totalmente diferente, eram dois ou três meses que a gente passava assim com muita intensidade,

¹⁸⁴ Idem.

natureza, muita natureza, caçadas (...) O papai deixou um legado de honestidade, do correto (...) Entre os filhos, até agora, nunca houve sequer um desquite (...).

José Antônio gostava de andar a cavalo na “Tapê-Cuê” e lidar com o gado. Ele cavalgava até a Fazenda da Mata cortando os pastos por 16 km.

Um acidente terrível deixou-o abalado em Laranjeiras e isso contribuiu para a mudança da família para Mogi das Cruzes (SP) aonde Eduardo já se encontrava estudando medicina.

Foi o desabamento de um morro na Rua Belizário Távora destruindo uma casa e um prédio de vários andares próximo onde a família morava isso entre final da década de 60 e início da de 70.

José Antônio precisava melhorar as notas, estava se preparando para as provas e estudava com um amigo que morava do outro lado da rua, bem em frente. Começou a chover, ele ia saindo e o pai não deixou, explicando o perigo de se sair na rua durante a chuva naquele lugar. Dona Gelcy atribui que seu filho se salvou por milagre. Uma hora depois desabou o enorme morro.

A casa do amigo onde José Antônio ia estudar foi soterrada. Havia três pessoas e apenas uma se salvou.

O prédio ao lado da casa desmoronou em seguida.

Anos mais tarde eles retornaram ao Rio e compraram apartamento perto da Praça “São Salvador”, no Largo do Machado, lugar mais seguro.

O pai não quis que um filho estudasse na escola do outro, mas sempre escolheu as melhores.

José Antônio gostaria de ter estudado no Colégio Militar, mas não teve a oportunidade, tendo prestado concurso público para o colégio Pedro II e aprovado. Ali concluiu o curso até o final. Ele concorreu com 32 mil candidatos para 2 mil vagas. Depois entrou na mesma Faculdade de Engenharia dos dois irmãos, mas cursou até o 3º ano. Do 2º para o 3º ele começou a cursar a Faculdade de Direito “Candido Mendes”. Entendeu logo que seu talento não era para as Exatas, mas para as Ciências Jurídicas.

Luís Francisco estudou no Colégio Marista “São José” em regime interno do Ensino Fundamental até o Médio. Depois entrou na Faculdade de Engenharia do Estado da Guanabara. Teve boa instrução em inglês.

O Eduardo Otávio, no Colégio “São Bento”, dos padres beneditinos, considerado até os dias atuais um dos melhores.

O pai tentou matricular José Antônio no Colégio Militar encaminhando uma solicitação ao marechal Altair de Queiroz, Ministro do Exército. Esse oficial era avô de uma parenta, casada com o irmão de Gelcy. Por algum motivo esse pedido ficou parado, Juca indignou-se com a demora e escreveu para o ministro uma carta se queixando.

Marcondes deu um carro e um apartamento pequeno no Rio aos filhos quando entraram na faculdade, menos para o Luís Francisco que se diz mais exigido por ter sido o primogênito e precisava dar exemplo.

Luís Francisco comentou:

Quando fui ser entrevistado para o ingresso no CPOR, no Rio, o capitão que já convivera com papai, me disse:

– Você está dispensado porque pelo que conheço de seu pai, você deve estar servindo o Exército desde que nasceu...

Papai, neste íterim, tinha uma frustração, a de não ter ficado no Exército quando chegou da guerra. Acho que ele gostaria de ter chegado ao generalato. Essa é a minha opinião.

Papai, neste caso e pelas dificuldades intensas financeiras em que vivíamos nos primeiros anos de vida, até os meus 19 anos, ele foi comigo muito preocupado, porém, muito exigente, estando fora dos padrões da normalidade para quem, como eu, procurava fazer tudo o mais perfeito possível por ser primogênito. Era o primeiro da sala de aula, exemplar na religião, praticava esportes, não fumava e não permitia que meus irmãos o fizessem, e mesmo assim, pela minha lembrança, nunca eu tinha dele uma palavra de incentivo ou de agrado, sempre faltava algo (...) Bem, comigo ele foi duro até o final de sua vida. Porém, nos criou dentro de princípios de honradez e moral a todos.

Eduardo Otávio formou-se em Medicina na Organização Mogiana de Educação e Cultura (Omec).

Em Mogi das Cruzes Marco estudou as primeiras séries e depois retornou ao Rio para concluir engenharia civil na “Santa Úrsula”, faculdade boa, mas particular.

O pai não permitiu que os filhos estudassem na mesma escola porque não queria ver um tomando conta do outro na parte do preparo, da cultura, do entendimento curricular.

A formação em casa era igual, mas a parte intelectual cada um teria que forjar por conta própria.

Pedro, por sua vez, estudou até os 12 anos no Colégio Público Municipal “José de Alencar” em Laranjeiras.

Depois foi para o Colégio Militar em sistema de internato isso já na década de 70 quando a família estava em Mogi.

Dos 14 anos em diante ficou sozinho no Rio até a faculdade.

“A memória que eu tenho é assim de respeito, uma família que tinha preocupação com o futuro. Papai sempre nos colocou que a responsabilidade deveria ser forte, de lealdade, de princípios”, disse Pedro.

Ele passava o ano todo atento aos estudos para não ficar de fora das viagens nas férias. Os momentos vividos na fazenda eram de muita aventura, diversão e trabalho ao mesmo tempo, sempre em cima do cavalo lidando com o gado, com o trator arando os terrenos e também caçando.

Pedro acha que herdou mais a questão da disciplina do pai até por ter feito Colégio Militar.

No primeiro ano, no colégio, ele não foi muito bem, talvez até tenha sido uma reação de rebeldia pelo pai ter exigido que ele estudasse nesse estabelecimento.

Ele reprovou, tentou esconder isso e quando o Marcondes descobriu matriculou-o como interno.

Pedro acabou se adaptando e se saiu tão bem que permaneceu por sete anos no Colégio Militar a ponto de ser dispensado das provas e, se quisesse seguir direto para a Academia Militar.

Disse:

Eu escolhi isso aqui para ser minha fazenda e hoje é minha fazenda, a *Caa-Porã*, erva bonita. Papai idealizava uma outra

coisa, a formação de um pomar aqui, chamava de granja *Caa-Porã* (...). Eu sou um dos filhos que mais seguiu papai nisso, erva bonita, porque eu gosto muito desse negócio de chá, erva, chimarrão. Mas, no Colégio Militar, eu conheci muito do que era a vida militar, por ser interno, eu senti que tinha mais capacidade na vida civil, do que ficar limitado, apesar da vida militar ter várias opções. Eu optei e acabei fazendo engenharia contra a vontade do coronel, ele não queria, dizia inclusive que eu não ia passar no vestibular, eu acabei passando, cheguei aqui na fazenda *Tapê-Cuê* com o jornal, falei:

– Aqui pai... Passei na Faculdade de Engenharia, faculdade do Estado da Guanabara, o senhor não precisa pagar nada e eu vou ser engenheiro...

Depois ele me elogiou muito por isso, mas ele gostaria que eu fosse militar, com certeza. Eu acho que ele era extremamente austero, em todos os sentidos. O meu pai sempre procurou fazer, com certeza, dentro da consciência dele, tudo que fosse igual para todos. Talvez não tenha conseguido fazer porque ninguém consegue fazer aquilo que atenda a todos, mas ele tentou, sendo austero nessa atitude. Ele tinha muitos lados bons. Papai era uma pessoa difícil até de expressar, em todas as situações que a gente passou, graças a Deus que foram poucas as dificuldades, ele esteve sempre ao nosso lado, era uma pessoa que dava um apoio muito grande a todos nós. Eu me recordo que quando ele faltou, parece que esvaziou a casa, apesar da idade, apesar de uma pessoa, se ele estivesse aqui ele estaria fazendo a casa ficar cheia, ele não parava, ele estava envolvido com uma planta, com um animal, com peão, ele era uma pessoa de uma energia extrema, então para citar as coisas boas, acho que são todas.

Apesar do aprendizado no Colégio Militar Pedro entende que o cerne da sua formação foi a sua própria casa.

Para ele é decisivo na profissão a disciplina, o relacionamento e a dedicação.

Marco recorda-se da infância quando via seu pai de terno trabalhando no Rio. Ao contrário do que muita gente possa imaginar Marcondes não era reacionário, sempre tratou os filhos com rigor para que eles fizessem as coisas certas, mas deu muita liberdade também.

O Eduardo, José Antônio e Luís Francisco chegaram a montar uma pequena banda de rock, tocando Beatles, Rolling Stones, entre outras músicas do gênero de muito sucesso na época.

Eles formaram na década de 60 o “New Born”, “Recém-Nascidos” na tradução.

Marco:

Eu e o Pedro éramos surfistas, só que a gente com a criação que nós tivemos, nos encarava no Rio, de drogas tudo está lá, e a gente sempre encarou isso, as pessoas respeitavam a gente, sempre fomos criados com muita liberdade, só que pela criação a gente sabia o que era certo ou errado... A gente sabia separar os amigos. Essa personalidade forte do papai passou para a gente. Ninguém ficou enclausurado, ele sempre deixou a gente caminhar. Com relação ao diálogo, era fácil, mas tinha hora em que eu tinha medo do papai em certas coisas e ficava meio retraído... Papai era uma pessoa difícil às vezes, muito nervoso, então você tinha que saber à hora certa de conversar, mas ele, comigo, na adolescência, coisas de sair, ir à farra, comecei a comentar e senti uma reciprocidade, ele me aconselhando, havia um diálogo sim, muita gente acha que não, mas ele tinha uma cabeça muito aberta. Ele dizia se você pega uma coisa para fazer, pega para valer, pega com raiva, mas faz com vontade, se você for fazer uma coisa, não faz com medo, faz para valer e não para se machucar, se vai montar um cavalo, monta para valer, com determinação, isso é muito do Exército.

Eduardo Otávio, aos 20 anos, escreveu uma carta (13 maio 1968) ao pai dizendo entre outras coisas que em casa todos estavam cumprindo com seus respectivos deveres e a cada ano a responsabilidade aumentava “e sentimos que precisamos lutar cada vez mais”.

Afirmava que estava se saindo bem nas provas e estudando bastante; o Pedro firme no Colégio Militar; o José Antônio se saía da mesma forma bem no “Pedro II” assim como o Luís Francisco.

Em relação ao Marco só faltava virar a noite estudando “e o pior é que a mamãe tem que estudar com ele”.

O dia anterior tinha sido das mães e após almoço, como era costume, “distribuímos os presentes para a mamãe e para a *Sinhá Morgada*. Até o Adão deu presente (...) Hoje viajou para os EUA o deputado Armando Falcão. Ele lhe mandou muitas lembranças”.

Perguntava sobre a “Tapê-Cuê” e disse que “Pueblo” estava um cachorrão e seria levado ao veterinário do Exército perto do Maracanãzinho para ser vacinado contra cinomose e raiva.

As cartinhas dos filhos são recheadas de carinho e afeição.

José Antônio, aos 13 anos (1º abr. 1962), além da trivial saudação, dizia que aquele dia era domingo e todos iriam para a praia.

Pedro aos 9 anos perguntava se o pai estava bem, que estudava bastante e para o pai escrever mandando notícias “de tudo”.

Eduardo Otávio: “Hoje é 1º de abril e nós já demos muitos trotes”.

Luís Francisco escreveu (10 abr. 1962) aos 15 anos comentando que ligava a camionete todos os dias, “com as demais instruções. Ontem, como as vagas traseiras estavam desocupadas, tirei-a e fiz uma limpeza por fora e por dentro”.

Comentou que depois da praia chegando ao apartamento a *Sinhá Morgada* havia dito:

- O Marcondes telefonou avisando que já chegou ao Rio e é para esperá-lo para o almoço...

Tinha sido a Ceila, amiga da família, passando um trote. Passados 15 minutos do horário habitual se tocaram que tudo não passava de mais uma mentira de 1º de abril...

Em relação ao Marquinhos contou Luís Francisco: “está cada dia mais travesso”.

Marco aos 9 anos escreveu cartinha (12 nov. 1968) dizendo que chovia muito no Rio; a babá, a *Sinhá Morgada*, estava mancando por causa do reumatismo.

Os filhos são chamados no aconchego familiar de “Chico”, “Dado” – seu filho, “Dadinho” – “Tonio” e “Marquinhos”.

Apenas o Pedro não tem apelido.

Cerca de um mês antes do nascimento do Marco Juca escreveu (14 set. 1959) de Maracaju com entusiasmo e saudades.

Disse que tinha passado por Ponta Porã e Dourados e, nesta cidade, assistiu a parada militar com 20 mil crianças abrilhantando “a nova cidade do Oeste”.

Comentou que na “Alegria”, fazenda do Sebastião, havia dez homens de Passo Fundo (RS) com equipamentos que, por baixo, foram avaliados em 10 milhões. Eram quatro tratores “biggs” além de três caminhões FNM. O chefe da equipe era Orlando Menegazi, dono de indústria em Passo Fundo, piloto de corrida com participação em provas internacionais.

“Sei que o povo de Maracaju está espantado com o movimento da gauchada”. Para ele era um movimento positivo. Em outubro estava prevista a chegada de um grupo de Bagé.

“Todos eles depois que viram aquele trigo do Domingos se entusiasmarão”.

Na “Alegria” em cinco dias haviam arado 100 hectares e iam arar 1000, 1/3 da fazenda.

A “Tapê-Cuê” estava com o galpão pronto e com a queimada dos campos estava tudo bonito, “o gado está lindo”. Disse que estava escrevendo do João da Mata onde estavam o Sebastião, Antônio, Cira e o casal de velhos.

“Por que os guris não escrevem? Como vão eles na escola? Faça-os escrever-me. Diga à *Sinhá Morgada* que sonhei com ela”.

Pedia para Gelcy dizer aos guris que grandes programas estavam sendo preparados para as férias, “mas preciso que eles façam jus pelos estudos”.

Eu morava na Rua Belizário Távora, 467, apartamento 201, onde fui criado, no bairro Laranjeiras, onde está o Clube Fluminense, nadei pelo fluminense, joguei bola aquática, zona Sul do Rio, bairro nobre, em cima era mata que sai no Morro Santa Marta, antigo Quilombo. Lá nessa mata de vez em quando a gente via bicho preguiça, papai era um sertanista danado, conhecia tudo, bicho preguiça uma vez ele pegou e deu até para o zoológico, macaco a gente via, não era caçada, papai pegava cobra na mão, tio Domingos pegava até cascavel.¹⁸⁵

¹⁸⁵ M. P. T. MARCONDES.

Em 1974 na “Tapê–Cuê” um menino passou a fazer parte da família. É o Adão, indiozinho sem idade certa. Ele era de um grupo nômade que por algum período parou nas proximidades da fazenda. Esse menino ia à sede pedir leite e José Antônio trabalhando na mangueira, ao observá-lo, notou uma faixa suja enrolada na perna.

Pediu para o Severiano, empregado da fazenda, segurar o garoto que reagiu e foi pego à força. José Antônio desenrolou a faixa com cuidado enquanto o indiozinho estava aos prantos.

A ferida estava tomada por vermes.

Sem saber ao certo o que fazer, pois, seu pai estava no campo, resolveu misturar creolina com água em algodão, pegou uma pinça e foi fazendo a profilaxia.

Passou pomada cicatrizante e revestiu a ferida com pano limpo. Soltaram o indiozinho que saiu correndo e chorando.

Ele achou que o garoto não voltaria mais.

Para sua surpresa, no dia seguinte, Adão retornou para pedir leite, já com aparência mais sadia e a ferida em melhor estado.

No final das férias José Antônio pediu ao pai para levarem o garoto para o Rio, darem oportunidade de estudo, de vida mais digna.

– Eu acho difícil porque esses índios são nômades, mas de toda forma eu vou te atender – disse o pai.

Marcondes foi conversar com o índio Lúcio, tio do Adão. O garoto não recebia atenção do próprio pai.

Era uma situação familiar confusa:

– Para o senhor não tem problema, pode levar!... – respondera Lúcio.

Adão não tinha sequer o nome completo, nem documento.

Marcondes logo providenciou nome e a certidão de nascimento:

– Você não tem nome? Então vai se chamar Adão Iapuitã Brasil¹⁸⁶. Data de nascimento? Sete de Setembro de 1958...

Adão permaneceu vários anos na casa.

¹⁸⁶ Iapuitã, na língua guarani, significa abelha vermelha.

Quando eles estavam em Mogi das Cruzes Juca conseguiu um emprego para ele na fábrica Elgin.

Depois trabalhou na Vulcan cujo diretor de Relações Internacionais, Nicolau Bina Machado, é muito amigo da família, filho do general José Bina Machado. Mais tarde Adão entrou na Funai e ingressou na Faculdade de Direito em Brasília.

Ele faz estágio de advocacia, em 2005, em grande escritório do Distrito Federal.

O Adão foi um exemplo humanístico do papai e eu também tinha uma senhora que se chamava Amélia, no Rio, empregada doméstica nossa, tinha um filho que se chamava César, o César, um negro, puro, eu dizia pai, vamos levar ele para o Mato Grosso, se ele entrar nessa malandragem do Rio... A mãe morava em um morro próximo, meio ligada com alcoolismo, César faleceu há poucos anos. Tornou-se um dos maiores ginetes aqui do Mato Grosso, domador de cavalos, de cavalo bravo, era conhecido como carioca, pelo jeito dele, mas de uma coragem fabulosa, montava muito bem. O César veio e não voltou. Ficou na fazenda e depois se tornou capataz do Eduardo. Década de 70 e pouco.¹⁸⁷

José Antônio aos 20 anos comentou em carta (4 maio 1969) que no Rio os “comunais” estavam dançando conforme a música. No sábado anterior comparecera com Zé Armando à reunião onde se achava presente um general que tinha feito listão de cassados nas faculdades e colégios. Entre os quais estava “dançando” o diretor do seu colégio que pregava abertamente o comunismo para os alunos.

Assim que saiu o listão a reação por parte dos professores começou na PUC e foi abafada a assembleia que eles pretendiam fazer.

Marco, em 1972, em Mogi, praticou judô e participou de competição com seus colegas em Suzano (SP).

Adão escreveu carta (23 nov. 1971) chamando Marcondes de “tio”, dizendo que estava estudando e fazia parte dos ensaios da fanfarra da escola.

¹⁸⁷ J. ANTÔNIO MARCONDES.

Em 1971 Eduardo Otávio candidatou-se para a vice-presidência do Diretório Acadêmico sendo eleito entre duas chapas e ficara radiante.

Já sonhava em se candidatar a vereador por Mogi.

Com os seus filhos ele foi um caráter enérgico, filho dele não foi criado na boa, foi criado trabalhando e estudando, sem mordomia e também nenhum deles banca o valente, não usa revólver, outro sistema.¹⁸⁸

Os cinco filhos são formados, destacados profissionais liberais e empresários em suas respectivas áreas de atividade.

Eduardo Otávio e Marco residem em Dourados; José Antônio, no Rio de Janeiro, Luís Francisco, em Blumenau e Pedro, em Curitiba.

Eduardo é o único político, vereador reeleito em Dourados, pelo PMDB.

Nos anos 60 Luís Francisco chegou a conviver no colégio “São José” com o ex-presidente Fernando Collor de Melo (1989–1992) então um garoto da Divisão dos Médios.

No colégio Luís Francisco tinha o apelido de “China”.

Durante a campanha eleitoral Collor passou por Dourados. Os dois se encontraram e lembraram do período ginasial.

O coronel Marcondes deixou uma fazenda para cada filho, próximas de Vista Alegre: Eduardo ficou com a “Cai-Corá”; Marco, com “Paraíso”; José Antônio, com “Tapê-Cuê” cuja área recebida como herança ele já conseguiu dobrar, estando com 1.400 hectares; Luís Francisco com “Capão do Monjolo” e Pedro, com a “Caa-Porã”.

Juca ampliou suas terras para cerca de 3.500 hectares em relação aos 2.000 que recebeu de Chico Alves e de dona Victória como herança incorporando a “Tapê-Cuê” à Paraíso, sem contar o patrimônio adquirido ao longo da vida em imóveis.

Ele tem a mesma filosofia que eu tenho (...) Quando recebi o título de Honra ao Mérito da Câmara de Dourados, eu disse que para

¹⁸⁸ W. M. da SILVA.

cada filho eu dei um anzol e uma Bíblia, para o filho você dá uma profissão para ele sobreviver, você dá um anzol para ele pescar, dá os meios para ele conseguir ganhar. A Bíblia por uma questão de honestidade, seriedade na existência terrena. O mesmo ele fez para os filhos. Ele deu para cada um, um título de profissão superior e acompanhava o filho na escola (...) Deu formação moral e intelectual fantástica, tanto se vê que são cidadãos honrados, probos, honestos.¹⁸⁹

Juca adquiriu do Domingos a “Cai–Corá” e, do Sebastião, a Mata.

Nenhuma das seis fazendas pode ser vendida a terceiros até a terceira geração da família por decisão do próprio coronel lavrada em cartório. Elas podem ser negociadas apenas entre os irmãos. O objetivo é preservar o pecúlio, a tradição e a história da família na região de Maracaju.

O Juca era um homem duro... Pesado... Era militar né? Sempre naquela (...) querendo mandar, duro até com os filhos, mas criou todos bem, hoje tudo 100%. Fui amigo da família toda, de vez em quando dava uma briguinha, mas (risos)... A arte que ele fazia, ele pegava aqueles negros durante o carnaval. As pessoas tinham medo dele: Ah! O povo quando via o Juca dizia:

– Lá vem o homem!...

Mas todo mundo o respeitava, tratava-o muito bem, dentro de Vista Alegre ele nunca teve questão pesada.¹⁹⁰

¹⁸⁹ A. B. FERREIRA.

¹⁹⁰ C. ANIZ.

15. AS COBRAS

Juca tinha ido com José Antônio até a Fazenda da Mata a cavalo buscar alguma coisa para lidar com o gado. À tardinha eles foram chupar laranja no pomar e de repente o filho escutou um barulho diferente:

– José Antônio, cuidado!... – gritou o pai.

Era uma cascavel balançando o guizo.

Ela ainda chegou a dar um bote alcançando a bombacha do coronel que sacou a arma e atirou na cobra...

José Antãoônio guarda até hoje o guizo no apartamento do Rio.

A cascavel tinha 12 anos.

Juca não tinha medo de cobras.

Ele e Pedro estavam deitados em redes na pequena varanda da casa da “Tapê–Cuê” quando o filho alertou sobre algo diferente debaixo da rede...

Juca olhou melhor e era outra cascavel.

Detonou vários tiros na cobra que estava tentando entrar na sala.

Há várias histórias semelhantes.

Domingos costumava pegar cobras venenosas com uma forquilha.

Ele não permitia que as matassem em suas terras...

O tio Domingos foi um grande homem, um progressista na década de 50 e 60. Foi o primeiro, ou um dos primeiros, a plantar soja nesta região, um homem que tinha uma visão grande das coisas, tinha uma frota de caminhões moderna, tratores alemães, eu nem sei como ele trazia aquilo para cá, equipamentos e maquinários, não sei se foi desilusão, se não conseguia transferir as coisas, a soja quando azeda, tem muita proteína, fica um cheiro de carne podre, passava na estrada e era aquele cheiro forte. Tinha também um russo, amigo do papai, que pegava onça. Era o Sacha Sinnel, ele era um russo naturalizado americano e casado com uma americana. Esse homem foi o maior caçador de onça do mundo, só que caçava com zagaia, é uma lança, não matava, não permitia, tem uma foto de uma onça laçada (...) Ele veio ao Brasil para dar uma entrevista, fazia essas demonstrações, veio para fazer um relato, depois ele se tornou um grande

defensor, justamente ao contrário, contra a matança de onça. Ele aprendeu a caçar com índio, no Pantanal.¹⁹¹

Ciro Aniz recorda-se que a fixação do Domingos e do Juca por cobras era misteriosa, mística.

Contou que Juca gostava de pegar jiboias, mas o Domingos era mais ousado. Sabia mexer com as venenosas. Aproximando-se de mansinho e movimentando braços e mãos ele conseguia por uma cascavel na palma da mão...

“O Domingos falava que esses bichinhos a gente não se mata. Na casa dele tinha cobra, assim como na fazenda. Se matasse alguma na fazenda, aí ele chamava para a Justiça. Ele tinha amor nas cobras”.

O advogado Nery Azambuja disse que uma vez os peões da fazenda capturaram uma caninana.

O Juca pôs a cobra na caixa de ferramentas do Toyota e a esqueceu viajando para o Rio. Tinha pouco mais de um metro.

Passada uma semana, após a missa dominical na Igreja da Candelária, o veículo com o pneu murcho. Pediu a um dos filhos para pegar a chave de roda e quando a caixa foi aberta a cobra escapuliu assustada em meio aos populares, alguns saindo da igreja.

Houve uma correria generalizada e berros para a diversão do Marcondes que se afastara para assistir de camarote a cena das pessoas aflitas... A cobra com a cabeça erguida de um lado para o outro sem saber para onde ir e sem atacar ninguém...

Um falou:

É uma sucuri...

Outro:

– Não é... Mas tem veneno, cuidado, fica longe...

Alguém chamou o Corpo de Bombeiros para recolher a caninana.¹⁹²

Juca costumava brincar com amigos poucos afeitos à vida rural.

¹⁹¹ J. ANTÔNIO MARCONDES.

¹⁹² Essa cobra tem a característica de ficar com a maior parte do corpo em posição vertical quando se vê ameaçada e pode chegar a 3 metros de comprimento, mas se alimenta apenas de rãs, pererecas, ratos e ovos. Não é venenosa, mas ataca usando a ponta de trás como chicote.

Colocava jiboia no compartimento debaixo do banco do Toyota e pedia, educadamente, para pegarem alguma ferramenta...

Inclusive uma vez ele pegou uma jiboia, ele tinha um Toyota, ele pegou e colocou na caixa de ferramenta. Ele andou uns três ou quatro dias com aquela jiboia, depois me chamou:

– Bento, vem me ajudar a tirar uma cobra daqui que está muito fedido...

Aí nós fomos mexer e ele metia a mão na gaveta até que ela pegou a mão dele, mordeu... Aí ele tinha uma farmácia na fazenda, a fazenda dele tinha um sobrado, era tudo de tábuas, mas tinha um sobrado, lá no *Tapê-Cuê*, em Vista Alegre, então ele pegou um remédio, passou na mão e disse:

– Isso aqui não tem veneno, não tem nada...

Aí nós pegamos a cobra, conseguimos tirar ela e ele falou:

– Vamos largar lá no mato agora para ela ir embora...¹⁹³

Na casa da Rua Mato Grosso ele soltou uma jiboia no quintal e costumava dizer aos visitantes, para assustá-los, que existia uma sucuri sobre a laje...

Lembro-me de uma vez que ele botou uma cobra dentro de um prato, colocou uma telinha por cima bem fininha, pareciam telas de alto-falante, prendeu com aquela tela, enrolou ela bem e enfiou dentro da bolsa e aí ele embarcou no Boeing com aquela cobra, eu falei:

– Mas coronel, se chega a escapar um bicho desses dentro de um Boeing, era uma cascavel... A cobra era para o zoológico do Rio...

Ele vivia com cobra, lagarto, tartaruga, naquela casa lá da Rua Mato Grosso vivia cheio de coisas, teve uma sucuri que entrou no cano de esgoto e nunca mais saiu, tem uma sobra de um terreno, tem árvore ali plantada... Inclusive uma vez minha mulher foi num leilão beneficente, um churrasco, estavam leiloando um cabrito e ela comprou esse cabrito, trouxe aqui, demos banho e ficava por aí, mas aquilo é a maior praga... Aí ele falou:

– Leva lá em casa...

¹⁹³ B. C. FRANCO.

E o cabrito acabou com as árvores, começou a roer a casca em volta, a árvore estava morrendo, aí ele perguntava:

– Rapaz, o que está havendo aqui nesta casa que ta me matando as árvores?

Eu falei:

– Eu acho que é esse cabrito aí...

Tinha um amigo meu, pegou assim, você podia dar esse cabrito para mim, eu quero fazer uma criação de cabrito... Aí levou, comprou umas cabritas lá e aí ele foi descobrir que o cabrito era capão (risos)...

Sucuri tinha sempre uma para lá e para cá naquela casa, lagarto, ele saía do apartamento para trazer comida para eles, ele inventava, trazia uns tocos ocos por dentro e o bicho ficava entrando, ele andava no meio e não estava nem aí... Uma vez ele colocou dentro da camionete, numa gaiola, não sei nem onde ele conseguiu aquilo lá, e já ajeitou e ali tinha um jabuti, tinha uma porção de coisas lá. Ele gostava. Lá na *Tapê-Cué* tem uma águia, chamam de Chacal, diz que vem dos Andes, como aquela veio parar ali eu não sei... Uma Águia que veio chocou e foi embora. Aquilo chocou e um dos filhotes ele pegou, ele fez um cercado grande, é viva ainda essa ave. É o Chacal, bicho bonito, era o xodó dele. Tinha também um macaquinho que depois morreu, era sem-vergonha, tinha um monte de bicho, a ave era meio carnívora, jogava para ela comia tudo, a minha mão é pequena perto da pata dela, aquilo lá leva uma criança...¹⁹⁴

“Tem gente que põe cães para cuidar da casa, eu ponho cobras...”, dizia.

Na casa já teve lagarto e jacaré num cercado.

O coronel Marcondes tinha vários animais. O que mais me chamava atenção, eu nunca tive a oportunidade de dizer, mas o Eduardo sempre falava, e o coronel dizia, tinha uma sucuri dentro da casa, no forro... Mas graças a Deus eu nunca tive o privilégio de ver a sucuri porque certamente eu tenho medo, pavor de cobra... Mas eu não sei se ele falava isso para brincar com a gente ou se era verdadeiro, mas era uma mítica... Eu me sentia tão

¹⁹⁴ N. MARKS.

seguro do lado dele que eu sabia que realmente que não corria perigo nenhum.¹⁹⁵

No apartamento do Edifício Silvano Teixeira há uma fotografia, colocada em quadro, com ele deitado no chão e entrelaçado com uma enorme jiboia, isso quando deveria ter seus 80 anos. A foto foi tirada no quintal da casa do Eduardo durante uma festa...

Sobre a fixação por cobras? Eu não sei... É um respeito muito grande... É dos grandes homens, o relacionamento com os animais assim, peçonhentos, esses animais... Se você for ver na história antiga, no Egito, é o símbolo, o que é símbolo do Egito, tem sempre aquela cobra, dos Maias, dessas civilizações, não sei... Tanto o papai como o tio Domingos tinha esse fascínio, talvez pelo perigo, pela força delas. Papai sempre teve fascínio por águia, gavião...¹⁹⁶

No livro “Meu Amigo Autonomista” (METELLO, 1994, p. 36–7–8), no capítulo “Na Fazenda Porto Alice”, em Ivinhema, o autor cita o encontro com o Autonomista e o Juca Marcondes na sede da propriedade, este recém chegado do Rio de onde trouxera um amigo, pela primeira vez vindo ao campo e temeroso com onças.

Autonomista era parente do Juca, diz o autor.

Brincaram com o novato dizendo-lhe que muito mais perigoso que a onça era o caxinguelê...

No momento da partida em vez do “monstro pré-histórico de dentes pontiagudos, pelos hirsutos e unhas afiadas” (sic) lhe apresentaram o caxinguelê, esquilo inofensivo que só comia castanha...

“Calculem a cara...”.

Na p. 37 há um divertido diálogo do Juca com o Autonomista:

¹⁹⁵ C. C. da COSTA.

¹⁹⁶ M. P. T. MARCONDES.

– O pessoal lá de Maracaju está dizendo que você anda tão entusiasmado com estas terras de Dourados, que fica falando ser o colônião tão ligeiro, nesta época de chuva e mormaço, que é possível vê-lo crescer a olho nu.

– Exagero – retrucou Autonomista, de bom humor.

– Tenho dito apenas que em noites calmas e silenciosas, regadas pelo orvalho, colocando-se a mão em concha no ouvido, prestando-se bem atenção, é possível escutar o barulhinho desse abençoado capim a brotar!

Depois dessa fomos dormir...

.....-

Domingos também tinha um jeitão excêntrico.

Manoel do Carmo Silva, o folclórico “Mané Carteiro”, morador em Dourados se recordou que no final da década de 60 quando era um jovem caboclo do sítio em Itaporã (MS) estava na estrada pedindo carona para Macaraju.

Naquilo aproxima-se um jipe.

O homem para no meio da estrada.

Faceiro, Mané mais que depressa abriu a porta do carro entrou e sentou sob o olhar atento do motorista que falou:

– Desce!

– Ué, mas por quê? O senhor não parou para me dar uma carona?

– Você precisa aprender a ter modos meu jovem... Primeiro vem aqui do meu lado, se apresenta, pergunta se eu posso te dar carona, para onde eu vou e não vai entrando assim desse jeito no carro...

Desconcertado, Mané disse alguma coisa e já ia descendo quando o homem surpreendeu-o novamente:

– Agora você fica! Mas da próxima vez vê se conversa primeiro...

Esse homem era o Domingos...

Outra vez, esta dita pelo Theodorico Luiz Viegas, Domingos era diretor do escritório da Sanemat em Dourados, na década de 70, e já naquele tempo havia a desconfiança quanto à qualidade da água. Os laudos da

empresa não demonstravam nada de errado, mas ele, precavido, enviou uma análise por conta própria para ser feita em respeitado laboratório fora do Estado.

O resultado acusou certa contaminação, talvez fossem coliformes fecais. O próprio Domingos, honesto em suas atitudes e consciente do seu dever, foi à Rádio Clube alertar e orientar as pessoas a ferver a água antes de beber...

16. A LEGÍTIMA DEFESA

Um episódio triste abalou a família no dia 15 de julho de 1968 em Maracaju quando Juca Marcondes, em legítima defesa, atirou num agente de trânsito.

Juca foi julgado e absolvido.

José Antônio teria saído da “Tapê-Cuê” com seu amigo Pedro Paulo passando as férias na fazenda para ir a Maracaju comprar suprimentos.

Pedro Paulo é filho do coronel “Gaúcho”, do Exército, servindo naquela época na Diretoria da Reserva no Rio de Janeiro.

José Antônio aos 19 anos teria licença provisória (conhecida como “papagaio”) emitida pelo Estado da Guanabara para dirigir veículos.

O jipe teria licença assinada pelo Inspetor Geral do Trânsito de Campo Grande, major Sylvio Barém, também do Exército.

Era um carro novo ainda sem placas.

Esse agente de trânsito já teria desacatado o major Sylvio em Campo Grande e supostamente punido com a transferência para Maracaju.

Ele teria abordado José Antônio na entrada de Maracaju.

O guarda teria insistido que o “papagaio” e a licença não tinham validade.

Teria apreendido a licença, o veículo, dado voz de prisão a José Antônio e apreendido o amigo menor de idade. Teria levado-os à delegacia.

Conta-se que a presença do delegado e curiosos que teriam ido à repartição para saber o que estaria acontecendo, pois, seria um filho do Juca Marcondes detido, os jovens teriam sido ofendidos, humilhados e sob pressão psicológica teriam ouvido xingamentos extensivos aos pais.

O agente de trânsito teria provocado-os deliberadamente cometendo suposto abuso de autoridade.

Teria questionado a autoridade do Marcondes, major R/2 da Reserva¹⁹⁷ e teria dito que não temia represálias porque o máximo que os superiores poderiam fazer era transferi-lo novamente.

Mas, intencionalmente ou não, ele enfiou-se numa enrascada dos diabos porque jamais o major deixaria aquilo passar impune, mesmo porque os rapazes não tinham cometido falta.

Juca nunca tolerou desaforos e provocações.

A fama da família é de valentia desde os tempos do bisavô.

Esse agente teria deixado claro na delegacia conforme carta (s.d.) enviada por Juca ao general Manoel Carvalho Lisboa, comandante do 2º Exército, que ele desejava é se entender com o próprio major...

Na cidade pequena a notícia correu como rastilho de pólvora chegando aos ouvidos do Sebastião e do Domingos.

Os rapazes e o jipe foram logo liberados...

Eles fizeram as compras e voltaram para a fazenda.

O pai teria perguntado o motivo da demora e José Antônio teria desconversado... Não desejava aborrecê-lo.

Naquele dia Juca recepcionava dois renomados amigos da medicina nacional: o professor Osvaldo Portugal, fundador do Instituto do Câncer de São Paulo, membro do Instituto de Criminologia na época; e o filho dele, também professor e médico, Oscar Pimentel Portugal, do Instituto de Cardiologia da capital paulista.

De nada teriam adiantado as precauções de José Antônio.

Logo teriam chegado à fazenda o Sebastião e o Domingos contando o fato e teriam cobrado uma posição do Juca. O insulto não poderia ficar sem resposta. Entendiam que um novato revestido em autoridade não tinha o direito de difamar a família...

O major teria se irritado e quis ouvir a versão do filho.

Teria deixado os visitantes acomodados na fazenda e saído de jipe acompanhado da Gelcy, José Antônio e Pedro Paulo. Pretendia primeiro ir a Campo Grande prestar queixa no quartel do Exército, 9ª Região Militar –

¹⁹⁷ A promoção ao posto de Major de Arma de Cavalaria, na Reserva de 2ª Classe, de acordo com o art. 1º da Lei nº. 4.767, de 30 de agosto de 1965, foi decretada pelo Presidente da República, Castelo Branco, e publicada no D.O.U. (24 ago. 1967).

jurisdicionada ao 2º Exército – na época comandado interinamente pelo general Plínio Pitaluga.

O trajeto passava coincidentemente pelo centro de Maracaju.

Na avenida principal o mesmo agente estaria observando um grupo de ciganos acampado ao lado de um circo.

Ele teria visto o jipe do major e gritado para que parasse...

O agente teria descido de um carro onde estaria também um cabo da polícia suspeito de ter cometido nove assassinatos e teria ido de encontro ao major do outro lado da rua...

Diante da aproximação rápida Juca teria saído do jipe e a de cerca de 10 metros teria advertido em voz alta:

– Alto lá!

O agente não teria obedecido. Teria levado a mão à cintura e apressado o passo. Marcondes estaria com a mão direita dentro do bolso do casaco segurando o revólver. Teria dado cinco tiros.

O major teria retornado ao jipe e contornado como se retornasse à fazenda. Mas teria seguido para Ponta Porã, até ao 11º RC, cuja distância é a metade em relação a Campo Grande temendo possível perseguição.

O agente foi socorrido e levado para o hospital.

O major teria se apresentado ao comandante e ao subcomandante do 11º RC na época, respectivamente, coronéis Bernardino e Moura.

O agente não morreu na hora.

Diante dos precários recursos teria sido levado a Campo Grande.

Para não dar motivos a especulações de ordem política e nem comprometer a imagem do Exército o major teria permanecido no Paraguai por dois dias onde teria tido apoio do governador do território, coronel Miranda.

No dia seguinte teria recebido o coronel Bernardino e de vários outros amigos, inclusive o professor Portugal e filho.

O Jornal “A Luta”, na visão do Marcondes, “a serviço de interesses dessa gangue”, teria distorcido o fato.

Outro jornal citado em documento encaminhado ao Exército como “Folha da Serra”¹⁹⁸ também teria deturpado o acontecido e sido usado por adversários e comunistas na tentativa de tirar proveito político da situação.

Diante do clima de tensão Lau, Cláudio Fragelli, Hugo Vale, o capitão Fabiano e outros membros da Ação Democrática Mato-Grossense (Ademat), da qual Lau era presidente, teriam ido ao general Walter Paes que tinha assumido o comando da 9ª Região Militar; e ao general Amadeu Anastácio, chefe da Polícia Federal, explicando o episódio e pedindo intervenção para evitar que a situação se agravasse.

De acordo com relatório enviado ao comando do 2º Exército, policiais, guardas e civis teriam planejado uma visita de desagravo ao agente hospitalizado e um cortejo em Maracaju.

Os supostos adversários teriam formado uma aliança corporativista.

Mas essas provocações políticas teriam sido impedidas pelos generais Walter e Amadeu.

Depois quase teriam conseguido a prisão preventiva do major.

Antes da expedição da ordem o general Walter teria ordenado outras providências ao coronel da Força Pública, Eurides Celestino Malhado.

O coronel Eurides assinou uma portaria, a de nº. 13/68 (22 jul. 1968), determinando à chefia da 3ª Circunscrição de Trânsito, a partir daquela data, a orientar e instruir melhor os guardas civis de trânsito a cumprirem rigorosamente o Código de Trânsito, dando ciência da mesma aos delegados de polícia sob jurisdição.

No dia 29 de julho de 1968 na Fazenda Ramalhete, do Lau, Juca teria recebido velhos amigos da revolução em visita de solidariedade e apoio. Teriam aconselhado o major a sair da região por alguns tempos.

Teriam arranjado um avião.

Juca teria voado inicialmente até Presidente Prudente (SP) onde já o aguardaria o Osvaldo Portugal.

Em 2 de agosto de 1968 Marcondes teria aterrissado no Rio de Janeiro viajando a partir de São Paulo em avião da FAB.

Os contatos com o círculo militar foram intensos.

¹⁹⁸ Embora no documento encaminhado ao 2º Exército conste essa identificação o nome desse jornal era “Diário da Serra” sediado em Campo Grande.

Ele teria procurado o então deputado Armando Falcão que já teria tomado conhecimento dos fatos. Teria se entendido com o coronel “Gaúcho”; com o professor–escritor Gustavo Corção; com o então presidente da OAB/RJ, José Ribeiro...

Estivera no dia 4 de agosto com o padre Góes, no Rio, na Catedral “São Judas Tadeu”, buscando amparo espiritual. Sua penitência teria sido repetir a oração durante todo aquele dia: “Divino Espírito Santo, ilumine minha alma. São Miguel Arcanjo com o poder de Deus me proteja nesta luta!”.

Uma missa teria sido agendada.

Teria procurado o general Prado, secretário do Ministro da Guerra, marcando audiência, e o então deputado Rachid Saldanha Derzi que teria se colocado à disposição. O mesmo apoio teria recebido do general Olavo Mendes.

No dia 5 de agosto teria estado com o general Jayme Portela que teria designado o coronel Joubé Tancredo para relatar o caso.

Antes Juca teria feito contato com o coronel de artilharia Lourival M. da Costa.

Na tarde de 5 de agosto, junto com o coronel “Gaúcho”, o major teria ido ao gabinete do coronel Evar Vasconcellos, do Serviço de Inteligência do Exército (SIE), que também teria demonstrado interesse no caso.

Escreveu carta ao Lau pedindo para enviá-lo todos os jornais repercutindo o fato. Prosseguindo em sua série de contatos, no dia 6 de agosto, à tarde, teria conversado com o marechal Mascarenhas de Moraes que teria ficado de agradecer o general Lisboa pelo apoio ao compadre. Teria recebido, em seu apartamento, a visita solidária de Ronaldo Marinho, de “O Globo”.

Na noite do dia 7 de agosto, juntamente com a esposa e filhos, foi a uma recepção do Diretório da Tradição, Família e Propriedade (TFP), onde conheceu o Nicolau, filho do governador José Fragelli. A TFP estava, naquele lugar, sob a direção de Plínio Correa de Oliveira.

Na manhã do dia 8 de agosto teria recebido o telefonema, de São Paulo, do Osvaldo Portugal informando-o que estaria em suas mãos carta do general Manoel Carvalho Lisboa e cópia do relatório apresentado pelo Juca. Esses documentos seriam enviados ao general Jayme Portela da Chefia da Casa Militar.

O novo juiz teria se admirado por encontrar muita coisa mal encaminhada e despachos errados.

O coronel Plínio Pitaluga enviou carta de solidariedade (4 jul. 1969) onde destacou as virtudes do amigo: “Quando vejo o caro amigo envolvido pela fatalidade, bem compreendo a sua mágoa em ser atingido pelo destino, na defesa de sua vida”.

Uma nova carta do mesmo remetente (5 set. 1969) alertava para os acontecimentos citando a doença do marechal Costa e Silva, a morte do brigadeiro Faria Lima e o rapto do embaixador americano.²⁰¹

“Vamos assim atravessando uma fase séria e que exige de todos nós cabeça fria, destemor, determinação”.

O major Marcondes convidou-o para um churrasco no dia 13 de setembro, mas Pitaluga não sabia se poderia estar presente. “Estamos de prontidão e também me encontro em grande atividade (preparativos para a manobra de 1969)”.

De acordo com carta do Eduardo Otávio (17 nov. 1968) o assunto tinha sido levado até ao major Tarcísio, no Rio, “e ele foi 100%”. Já estava informado de tudo “e até sobre esse novo juiz que está contra o juizinho. O Tonio irá hoje lá ao Ministério da Guerra para falar com ele de novo. Ele disse que entraria em contato com o comandante da base logo que possível”.

O amigo Lourival Duarte Alvarenga enfrentou problema parecido.

Em carta (11 dez. 1970) relatou que numa base em Maracaju os policiais criaram caso de trânsito com ele (os registros não detalham o motivo). Queixou-se em Campo Grande e com o Juiz de Direito da Comarca de Maracaju. Duas horas após ter conversado em Campo Grande com o Lau, Cláudio Fragelli, o delegado Altinor Barbosa Ferreira e outras pessoas influentes o delegado da cidade tinha sido afastado e substituído.

Felizmente, disse ele, não tinha arma, senão teria feito o mesmo que o amigo.

²⁰¹ O embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick foi sequestrado em 4 set. 1969, cinco dias após a Junta Militar assumir o lugar do Presidente Arthur da Costa Silva (1967-1969) que havia ficado doente. Charles permaneceu quatro dias em cativeiro nas mãos de militantes do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR8) e da Ação Libertadora Nacional que exigiam a libertação de 15 presos políticos.

.....-

José Antônio encontrava-se no Rio de Janeiro, tempos depois, e o caso do agente estava superado. Numa festa de despedida de uma amiga que ia viajar para a Europa, em palacete na Lagoa Rodrigues de Freitas, apresentaram-no um jovem que tinha fazenda em Mato Grosso.

Papo vai, papo vem entraram no assunto das brigas em Mato Grosso e o rapaz contou-lhe sobre um jovem ter se desentendido com um guarda em Maracaju e pelo fato dos desaforos dirigidos a esse jovem, o pai dele, um fazendeiro e grande atirador, teria se envolvido em tiroteio com o guarda e levado a melhor.

Disse que o povo de Maracaju não era de tolerar insolência e essa história era a que mais o impressionava e tinha ficado sabendo do ocorrido através do pai e funcionários da fazenda em Nioaque.

Ao final José Antônio disse que o fato ocorrera com ele.

“Ele ficou branco e com os olhos saltados”, descreveu em carta.

O rapaz comentou que jamais poderia imaginar encontrá-lo em uma festa no Rio. Faria esforço para, na próxima viagem, dar uma passada na “Tapê-Cuê” e conhecer o tal major Marcondes.

.....-

Fazendo um relato por escrito a Pitaluga (19 dez. 1973) Juca alertou para o estado de tensão na fronteira. Citou o caso de um homem, procedente de Panambi (RS), ter sido processado por crime de furto e estelionato, solto em Maracaju e se refugiado em Campo Grande.

Advertia para a quantidade de armas apreendidas em poder de marginais e indivíduos desclassificados. Ele próprio havia deixado em poder do comissário de Vista Alegre, Armindo Erbert, 12 armas, das quais 5 revólveres.

Com o aumento no fluxo de veículos pela rodovia Campo Grande-Ponta Porã tinha crescido também o movimento por Vista Alegre. “(...)

Tornou-se fulcro de quatro estradas de desvio que demandam à fronteira guarani, desde Ponta Porã e Bela Vista sem nenhuma vigilância”.

A estação de Sete Voltas – avisou – era local de descarga de contrabando de drogas e outros objetos ilícitos.

Outra preocupação era quanto à vinda de gaúchos para a região, muitos dos quais brizolistas defendendo o comunismo.

Em correspondência (13 mar. 1974) ao general Manoel Lisboa o major relatou que as colônias do Sul somente conheciam a política demagógica de Jango e Brizola, salvo exceções, naturalmente. Famílias há dois anos vinham se radicando na faixa de fronteira ameaçando a ordem social porque não havia escolas para seus filhos, “pois o governador de Mato Grosso ainda não sentiu esse problema que se agrava com a libertinagem dessa geração nova, agravada com a falta de trabalho”.

Alertou o general que as colônias vinham não apenas do Rio Grande do Sul, mas também do Paraná e Santa Catarina, trabalhando na terra com financiamento do Banco do Brasil, obtendo, em sua opinião, dinheiro fácil.

Com a mecanização e terras baratas muitos estavam entrando para o contrabando, atividade mais fácil e lucrativa.

“Os filhos em idade de serviço militar estão sendo dispensados por serem da área agrícola, sendo que dela não participam, pelo contrário, são indisciplinados”.

Aumentava o consumo de drogas por causa da facilidade em obtê-las na fronteira. “(...) Torna-se necessária uma vigilância muito eficiente, para nos livrar de, em curto prazo, enfrentarmos problemas na área de Segurança Nacional”.

17. O CASO “FOLHA DE DOURADOS”

Em sua “Folha de Dourados” fundada em 1968 Theodorico Luiz Viegas denunciava, em 1972, sem citar nomes em função da censura, um delegado que cobraria suposta propina de taxistas e prostíbulos.

O delegado montou inquérito para ouvi-lo, mas não por causa das denúncias e sim pela crítica do jornalista em editorial sobre o local previsto para a construção da penitenciária em Dourados.

A cidade, dizia, não precisava de cadeia, mas de escolas e faculdades. Nesse inquérito o delegado acusou Theodorico de subversão.

No dia da audiência o delegado trancou a porta e pôs as chaves no bolso.

Quis saber a origem das informações.

Theodorico respondeu:

– Não posso falar, a Lei de Imprensa me assegura o sigilo da fonte eu não delato de jeito nenhum...

Essa fonte era o “Juca Paulista”, pseudônimo do advogado José Alberto de Vasconcelos, de Dourados.

O delegado teria colocado o revólver, descarregado, sobre a mesa, mas Theodorico não sabia que a arma estava sem balas...

– Aqui eu quero ver quem é que vai para o buraco, si é eu ou é você – bradou o delegado dando um soco na testa do jornalista que tonteou na hora...

Theodorico recobrou rapidamente os sentidos e viu o delegado levando a mão ao revólver.

Foi mais ligeiro e pegou a arma...

Agarrou-se à cintura do delegado e, cego de raiva, empurrou-o na parede, revidando a agressão.

Os policiais ouvindo o barulho do lado de fora não conseguiam abrir a porta e arrombaram-na, separando a briga...

Os policiais agarraram Theodorico pelos braços...

Ele ainda acertou dois chutes no rosto do delegado, derrubando-o...

O jornalista foi levado para a cela.

A delegacia funcionava no prédio do atual prédio do Corpo de Bombeiros.

Entre os próprios presos fez-se uma aposta:

- Ele fica uma hora...
- Não fica...
- Fica duas...

O delegado resolveu entregar o jornalista como subversivo no 11º RC requisitando um sargento para escolta.

A estrada era de terra, o próprio delegado pôs o jornalista, algemado, dentro de um Corcel e foram para Ponta Porã.

O escrivão avisou o jornal e um funcionário levou o fato ao gerente das Casas Buri, amigo do Theodorico. Este ligou para o “Diário da Serra”, em Campo Grande.

No meio da viagem à fronteira o delegado parou o carro e mandou o jornalista descer.

Theodorico achando que o matariam ali, não obedeceu...

Foi mais uma vez insultado pelo delegado e ficou quieto...

Ao passarem pelo posto Pacury, na barreira do Exército, os soldados averiguaram que o delegado e o sargento não portavam identificação e desconfiaram.

Os três ficaram detidos por três horas enquanto à noite foi chegando e o frio aumentando...

Theodorico usava uma camisa de manga curta.

Os soldados passaram um rádio para o quartel.

Theodorico, algemado, ainda avisou o tenente do posto que ele estava com os documentos no bolso, mas não foi ouvido:

- Eu sou diretor da *Folha de Dourados*... Pega no meu bolso aqui...
- Cala a boca! - respondeu o tenente.

Eles foram conduzidos por uma guarnição até o 11º RC, onde Theodorico foi colocado em uma cela passando à noite gelada de junho sem agasalho e coberta, enrolado em colchões.

Teve a cabeça raspada.

A notícia da prisão saiu em praticamente todos os jornais na manhã seguinte.

O coronel comandante Américo Ribeiro, ao se inteirar dos fatos, desculpou-se. Não sabia como aquilo poderia ter acontecido embora à prisão tivesse tido ciência do major subcomandante.

O comandante acabou sendo punido por causa dessa falha do subcomandante.

Mesmo depois de desfeito o equívoco, Theodorico continuou detido.

Na manhã do segundo dia chega ao 11º RC o major Marcondes.

Ele disse ao comandante:

– Essa sua farda eu cubro de medalhas! Por esse homem aqui eu ponho a mão no fogo, esse cabelo raspado representa a democracia deste país, a gente luta tanto por respeito...

– Mas eu não sabia... – justificou o comandante...

O pessoal da Seleta buscou Theodorico.

Quando ele chegou a Dourados, uma multidão, a partir do aeroporto, o aguardava, a maioria taxistas, sendo recepcionado como herói.

O delegado continuou na cidade e teria parado com as supostas extorsões.

A Maçonaria convidou o jornalista para fazer parte de seus quadros e na primeira visita, durante uma festinha, uma das pessoas que ele encontrou foi o delegado...

Theodorico, evidentemente, rejeitou o convite para se tornar maçom...

O coronel Marcondes registrou esse fato em uma agenda usada como diário aleatório.

Citou que um juiz de Direito naquela época era suspeito de possuir frota de táxi em nome do sogro como “testa de ferro”.

Essa irregularidade teria a conivência da polícia.

Nesse diário (27 maio 1972) Juca relatou que estava de volta de Campo Grande, depois de passar por Guia Lopes, Jardim e Nioaque, de avião, e nesta cidade aterrissou por causa do mau tempo.

Depois seguiu para a “Tapê–Cuê”.

Viajou para Maracaju onde ia recepcionar o coronel Magessi que seria homenageado com um churrasco.

O militar se atrasou e ele, então, veio para Dourados, onde participou de um churrasco no Clube Indaiá e ali foi informado por amigos sobre o ocorrido com o Theodorico.

O comentário na festa era de que o delegado tinha exagerado.

Nesse relato Juca afirmou que Theodorico é ascendente de família da classe média e representa a quarta geração de colonizadores de Dourados, mas o delegado havia desprezado tudo isso por conta de um editorial da “Folha”.

Theodorico foi entregue ao Exército sob a acusação de ser perigoso, com informações falsas dadas aos militares e, por conta disso, recebeu tratamento aviltante a ponto de ser tratado como marginal e traficante.

O fato de terem-no raspado os cabelos foi, no entendimento do padrinho, um aviltamento.

Como febiano, major e padrinho da vítima ele esteve no 11º RC para desfazer a confusão, pois, Theodorico havia sido confundido no quartel como anfitrião de um vigarista chamado Adalberto Bezerra de Menezes, de origem pernambucana, pessoa que havia sido denunciada por intermédio do Lau.

O major deixou o quartel tranquilo depois colocar os pingos nos is ante a afirmação do comandante de que nada havia contra o diretor da “Folha de Dourados” e que uma série de coincidências havia ocasionado o fato “que tanto depunha contra as instituições democráticas”.

Ao passar por Dourados ele ainda tranquilizou a família do jornalista quando fora informado sobre outros abusos do delegado...

O governador José Fragelli (1971–1974), passando pela fronteira, ficou sabendo do ocorrido; assim como a 2ª Seção da IV Delegacia Civil e a Delegacia da Polícia Federal sob a direção do general Amadeu Anastácio.

Ao passar dias depois por Campo Grande Juca conversou com o coronel Belforte, comandante interino da IV Delegacia Civil, que se interessou pelo caso. Dias atrás tivera contato com o delegado Oscar sobre o mesmo assunto.

Em Cuiabá no dia 1º de junho o major teve encontro reservado com o governador José Fragelli sobre as supostas corrupções em Dourados na área da fiscalização e especialmente sobre o caso Theodorico, do juiz que também havia conseguido nomeação para um cartório...

Homem simples, de uma cultura muito elevada, acima dos padrões normais, dotado de patriotismo muito forte que nesta época poderia ser considerado exagero. Chefe de família extremoso, com alto grau de civismo, sempre esteve ao lado da esposa e filhos, orientando e formando dentro dos padrões rígidos de respeito à Pátria. Não era de fazer amizades com facilidade, mas quando as fazia, seus amigos não tinham defeitos, ele estava sempre ao lado para defendê-los sem questionamento e quando praticavam um ato digno ele também se fazia presente apoiando e incentivando. Não é fácil falar a respeito do coronel Marcondes, mas na qualidade de amigo, ou pupilo, como me considero com muito orgulho, vou falar um pouco a respeito deste cidadão que foi meu amigo e mentor (...) Durante meio século de amizade e respeito mútuo, tempo em que sempre atento aos ensinamentos e orientação do meu mentor, fui aprendendo as virtudes, civismo e patriotismo que ele transmitia (...) Em uma das visitas do coronel, ele me comunicou que havia feito um loteamento denominado Coronel Francisco Alves em homenagem a seu pai e gostaria de agraciar um de seus melhores amigos com um dos lotes, a fim de manter viva a lembrança do pai e do amigo. Eu entendi que as informações seriam para fazer uma matéria, comecei a anotar a fim de redigir e para completar perguntei se poderia citar o nome do amigo. Foi então que o coronel Marcondes acrescentou: *não precisa matéria, mas precisa que vá até ao Cartório assinar a escritura, o amigo é você.*²⁰²

Em carta (1º jun. 1972) enviada a Eduardo Otávio comentou que o coronel comandante ficou surpreso ao vê-lo no 11º RC, pois, antes ele já tinha telefonado e o comandante disse que ia soltar o jornalista. Mas o major quis presenciar a libertação, alertando seu superior de que aquele fato seria ótimo prato para os derrotistas comunistas explorarem contra a revolução.

Juca presenteou Theodorico com o livro “Os Subversivos”²⁰³ cuja folha de rosto com dizeres do padrinho foi reproduzida na “Folha de Dourados” (7 out. 1975).

²⁰² T. L. VIEGAS.

²⁰³ Obra de J. Bernard Nutton, com tradução de Luiz Corção. Biblioteca do Exército – Editora – em co-edição com a Editora Artenova S.A. Rio de Janeiro (RJ). 1975.

18. A “TAPÊ-CUÊ”

A “Tapê-Cuê”, dividida, deu origem à “Capão do Monjolo” e à “Caa-Porã”.

O coronel Marcondes gostava de chamá-la estância por entender que assim dava à propriedade um sentido familiar e sentimental.

Não se resumia a fazenda, local apenas para se negociar mercadorias.

Passou a trabalhar nela e a montar as instalações a partir de 1958 a 1 km acima do arroio “Ramalhete”.

Construiu inicialmente uma casa simples de madeira com varanda, lareira na pequena e aconchegante sala, um quarto no primeiro piso onde instalou, anos mais tarde, rádio amador e há uma abertura de onde se vê quem se aproxima na porteira.

Essa casa se mantém praticamente intacta e reúne fotos e serve de museu particular do coronel.

José Antônio construiu uma nova sede, muito mais confortável.

A casinha foi a primeira a ter rede elétrica e instalação hidráulica em relação às outras propriedades deixadas aos filhos.

A “Tapê-Cuê” acabou se tornando modelo em termos de preservação e uso racional dos recursos naturais, mas no início, para se formar os pastos, o coronel desmatou boa parte da área.

A atividade produtiva sempre foi cria e engorda de gado, preservando-se os guavirais, campos com erva-mate e plantas nativas. O coronel gostava de estudar e cultivar ervas medicinais.

Juca teve o capricho de abrir um livro-ata em 10 de setembro de 1969 para registrar suas atividades na fazenda e a presença de amigos.

O primeiro relato refere-se aos agentes da Campanha de Erradicação da Malária e o segundo destaca a visita de sertanistas de Mogi das Cruzes à cata de aves e animais silvestres para serem levados para o zoológico de Mogi.

Mas não permitia que tocassem nos detalhes históricos do lugar.

Em 1971 Juca ficou furioso com o paraguaio Gonçalves Gomes porque esse derrubou 17 pés de palmeiras que haviam sido plantadas por Chico

Alves. Serviam de ornamentação na sede da Fazenda Paraíso, ao lado da “Tapê–Cuê”, dividida pelo distrito de Vista Alegre.

Essas palmeiras tinham, na época, 30 anos.

O paraguaio havia sido empreitado e cortou as árvores para usá-las para montar acampamento.

Não sabia que o dono tinha apreço especial por elas.

Existiam outras árvores menos importantes que podiam ter sido usadas, além da casa abandonada e pequeno galpão.

Aquelas palmeiras tinham valor impagável.

O caso foi parar na delegacia.

Depois de dizer poucas e boas ao paraguaio Juca registrou queixa na subdelegacia de Vista Alegre.

O empreiteiro foi obrigado a fazer o replantio de mudas semelhantes, com pelo menos três metros de altura cada uma, no mínimo, e em quantidade dobrada.

O então diretor de Relações Internacionais da Vulcan, Nicolau Bina Machado, cujas aventuras incluíam caçar javalis na Patagônia e caribus no Canadá, percorrer 241 mil quilômetros de Brasil e subir o pico do Aconcágua, personagem destacado na revista “Exame VIP” (27 jan. 1988), costumava visitar com frequência a estância.

O primeiro relato de Nicolau no livro–ata é de 20 de fevereiro de 1972.

Escreveu que estava ali para desfrutar da hospitalidade, da companhia do Juca e conhecer as afamadas terras do Sul de Mato Grosso. Mostrou–se surpreso com a beleza das planícies verdejantes de uma variedade sem fim de diferentes matizes, deslumbrado com regularidade do terreno identificado como “Ucrânia Brasileira” dada à fertilidade dos solos.

Destacou os legados deixados pelo coronel Chico Alves que tão bem soube imprimir qualidades e características de verdadeiro pioneiro, conquistador e civilizador daqueles sertões, “em seu filho que também dignamente mantém as tradições de família e cultiva a arte da hospitalidade sempre de coração aberto, leal e franco”.

Para Nicolau a “Tapê–Cuê” era realmente “estrada velha” de tanto ser trilhada pelos visitantes amigos.

Para ele a casa do Marcondes não tinha portas.

Registrou uma observação de seu pai, o general José Bina Machado, ministro-chefe do Estado Maior das Forças Armadas (Emfa) no governo Café Filho. Esse general foi padrinho do Marcondes na guerra.

Durante inspeção da FEB na Itália, em companhia do Ministro da Guerra, general Dutra, o general Bina pai quis ver os afrescos do famoso Palácio de Vecchio, em Florença.

Um velho guia mostrou-lhe o palácio, mas Bina se ateu a um pequeno detalhe: a pintura de Jesus Cristo à porta de humilde casa, como se estivesse esperando a porta se abrir para lhe oferecer pouso. O velho guia rejubilou-se e disse, com alegria, que eram raros aqueles que notavam esse detalhe pintado no lado esquerdo da entrada do majestoso palácio.

Na realidade aquela era a chave de toda a beleza.

Na Renascença os ricos contratavam artistas para pintar seus castelos e palácios. O dono do Palácio de Vecchio estava aborrecido com a demora do pintor trabalhando na parte esquerda de seu vestíbulo e chamou-lhe a atenção apontando para o erro de não ter pintado o trinco e a fechadura em frente da casa onde aparecia a imagem de Jesus.

O pintor argumentou que não via erro algum.

Perguntou ao dono do palácio se ele não sabia que na casa dos bons, dos que recebem suas visitas de forma hospitaleira, de coração aberto, a porta nunca se fecha?

“Pois é, Marcondes amigo, na *Tapê-Cuê*, a tua casa nem sequer tem porta, quanto mais trinco ou fechadura!”

No dia 28 de junho de 1972 estiveram visitando a estância o produtor rural Wlademiro Muller do Amaral (1889–1985) e Antônio Ozório da Rocha. “Seo” Amaral foi vereador em Dourados (1947–1951 e presidente da Câmara entre 1950–1951), ex-diretor do jornal “O Progresso”, tendo assumido a direção após a morte de Weimar Torres.

“Seo” Amaral relembrou a Revolução de 1932 quando ele e o Juca abraçaram a mesma causa sob o comando de Chico Alves e pediu a ajuda do Juca, naquela oportunidade, para se melhorar a segurança em Dourados e se dar um basta ao clima de terror. Solicitou ao major, com sua influência, para levar aos órgãos competentes do serviço revolucionário o grito de socorro.

Os batismos caseiros também eram registrados como o de Rogério Ferreira de Souza, filho de Vitor Ferreira de Souza e Silvina Ferreira de Souza, em 17 de fevereiro de 1974.

Em 1975 Nicolau retornou à estância em companhia do doutor Pedro Alcântara Martins.

No Dia de São Judas Tadeu, em 1977, Juca recuperou a cruz do cemitério velho da Fazenda Ramalhete com apoio de amigos.

As terras dessa fazenda pertenceram a Manoel Modesto, uma das pessoas sepultadas no local que hoje fica dentro da “Tapê-Cuê”. Outras pessoas conhecidas do Juca também estão enterradas no mesmo cemitério, incluindo dois filhos de Manoel que foram degolados durante o tempo de forte violência entre as décadas de 50 a 70.

O coronel acreditava em forças místicas, respeitava os mistérios da vida e a magia oculta emanada pelos ancestrais. Achava que força cósmica rege o Universo. Talvez todo esse enigma se traduza no respeito, no valor da tradição e na amizade sincera e fraterna.

Depois da abertura de Vista Alegre esse cemitério acabou sendo abandonado e o fogo no campo queimou suas cruces, além do tempo ter danificado os sepulcros.

Para preservar esse ambiente e resgatar a memória daqueles mortos Juca isolou a área e instalou um novo cruzeiro, maior e resistente. Estava convencido que ali se concentrava uma força mística depois que cientistas passaram por ali investigando fenômenos paranormais.

Ele chamou os paraguaios Júlio Ximenes e João Rolon para serem os artífices do cruzeiro esculpido em aroeira retirada das matas da Fazenda Paraíso, pesando mais de mil quilos. Chamou seu afilhado Arlindo Campolina para a montagem do madeiramento.

Os “braços” foram tirados das matas da velha capoeira do “Brejo Alegre”.

Até então era a maior cruz da região.

Reuniu um grupo de homens, quatro tratores, três CBTs, o velho “Valmetezinho” da “Tapê-Cuê” e colonos de Vista Alegre como Reinhardt Schwale com o caminhão.

Ao todo 22 homens trabalharam na espiritual missão.

Eles começaram o serviço pela madrugada e só terminaram à noitinha de forma ininterrupta e em jejum apesar da caseira Rosa Escobar ter preparado almoço. Mas ninguém largou do serviço antes de concluí-lo.

Bartolo também ajudou.

Um oficial da 1ª Bateria da FEB cuja assinatura é ilegível no livro-ata descreveu que tinha gostado da madrugada na estância, do canto das aves, do curral, do gado, das matas, do “Arco do Triunfo”, do “cachimbo da paz”, das planícies, dos cavalos, do por do Sol, dos empregados, da tranquilidade, da casa, das visitas, da Fazenda da Mata, do cerro, afinal, de tudo. Gostou de ouvir as palavras do major, “escutar e me hospedar com o vulto do nosso antepassado”.

No dia 10 de dezembro de 1979 sob a inspiração de que jamais desejava se afastar do símbolo maior da Pátria instalou a Bandeira Nacional na propriedade como marco e reflexão sobre os episódios vividos ao longo do tempo em nome do país.

Ele instalou um mastro de aroeira com 22 metros de altura e pintou-o de branco.

Esse estandarte auriverde era símbolo de esperança para sua pessoa. Apesar de alquebrado pela idade se sentia orgulhoso por ter sido um dos guardiões dessa bandeira na Segunda Guerra.

“E por isso quero-a para minha companhia neste asilo que construí em terras lendárias, onde quatro gerações contemplam o meio século de 1.800 a este de 1.900 ao 2.000”, relatou.

Aquelas terras percorriam sua infância, sua adolescência e sua velhice. Lau esteve presente naquele dia quando Marcondes hasteou a Bandeira.

Relembrou o estudante de Varsóvia evocado por Domingos, também presente, e seu pensamento:

A sombra do Pavilhão Nacional que encima o túmulo dos nossos heróis, não serve de descanso para os ineptos e corruptos, mas sim para aqueles que atravessaram esta Nação sacramentando a sua História com abnegação e desprendimento nosso portando a sua glória.

Também prestigiaram o ato Jacintho Honório que estava na estância para comprar gado; Anízio Duarte Ferreira e Luiz Duarte Azambuja.

Em 25 de agosto de 1979, ao passar pela quarta vez pela estância, Nicolau Bina Machado escreveu este acróstico:

Jovem de espírito e de corpo vem,
Ordeiramente, conduzindo,
Sempre o seu trabalho.
E, constantemente,

Atuante defender da
Liberdade e da
Verdade vive
Exemplarmente,
Sua vida de honradez e de bondade

Máximas e provérbios confirmam as
Atitudes que sempre adota.
Rastos norteadores vêm deixando,
Como bússola amiga e segura.
Ordem, lealdade, pontualidade e coragem sem,
Nunca esmorecer ou
Desanimar é o que sempre prega
Excelentes ensinamentos de,
Sabedoria transmite aos que, como eu, tenho o privilégio de com
ele conviver e lhe querer bem.

No Dia do Soldado de 1979 ele promoveu uma preleção cívica com o hasteamento da Bandeira Nacional. Naquela oportunidade demonstrando espírito de humildade e reconhecimento destacou seus funcionários Paulo César, criado na estância; Aral que tinha chegado pequeno e acabou se criando ali; Severino, seu velho companheiro, funcionário há dez anos; o João, artífice dos grandes aramados, aterros e roçados e o Ernani, filho de colonos alemães.

Até mesmo cerveja artesanal ele fazia para servi-la aos visitantes. Chamava-a de cerveja crioula, a de “Tapê-Cuê”, feita a base de erva-mate.

Já com 80 anos, durante sua festa de aniversário, animado e faceiro, ele mandou matar uma vaca e convidou várias pessoas.

Mas seus convidados se atrasaram e ele gostava de pontualidade e era pontual. Diante da fartura de comida, se irritou com a demora e disse aos poucos que se encontravam no local:

– Vamos comer! O resto que se dane!

Logo em seguida começaram a chegar os carros.

Entre os presentes uma pessoa com quem ele tinha feito uma venda do gado. O coronel, naquele tempo, andava meio esquecido, mas não se sabe ao certo se ele tinha acertado um preço menor e depois achou que esse comprador deveria pagar um valor maior...

O fato é que a transação não tinha sido boa para ele.

– Até você veio? – notou...

Sacou do revólver e atirou perto dos pés do visitante.

Os tiros causaram sustos.

O visitante inesperado ficou ainda mais constrangido e apavorado.

Mas conheciam seu gênio forte, deram pouca importância a isso e se atracaram nas panelas e no churrasco, achando que tudo não passava de uma brincadeira...

Após o almoço o coronel passou a mostrar os detalhes da estância, suas invenções. Subiu num cupim grande com os convidados à sua volta pedindo para tirarem fotos...

Mas ele estava com a arma em punho...

Na medida em que ele se equilibrava e gesticulava os braços os visitantes se abaixavam com medo de levar um tiro acidental...

“Aquilo foi só gente esparramando... Pô! O camarada com um revólver assim, ou vai atirar ou vai fazer o quê?... O povo já tinha medo dele, aquele povo foi se deitando... Se o velho puxa o gatilho?”.²⁰⁴

Os netos passaram bons momentos na estância.

Os onze primeiros netos são praticamente da mesma idade.

Apenas uma é menina.

Formavam uma “escadinha” e costumavam passar férias na estância, se habituando desde cedo com a vida rural, a lida do gado e cavalos.

²⁰⁴ N. MARKS.

Os meninos ficavam perfilados na varanda como pequenos soldados quando o vovô Juca desejava transmitir ensinamentos, sermões ou severas broncas devido às peraltices, inevitáveis naquele grupinho.

Na condição de avô o coronel mantinha a linha dura ensinando-os a fazer coisas certas, assumir os próprios erros e nunca trilhar o caminho da desobediência, insubordinação e vícios.

Esses momentos influenciaram todos eles.

Apesar da austeridade, o coronel tinha a habilidade de mesclar a química do rigor com doçura, carinho, amor e liberdade.

Mas se algum deles fizesse alguma arte, não escapava da lambada...

Eu tive muita influência, se for ver, eu talvez seja um dos netos que teve a maior influência. Dizem que meu perfil moral, de como ser tenho muita a característica do vô. Na infância eu tive muito contato com ele por causa da fazenda, eu sempre gostei muito de fazenda, eu passava as férias inteiras com ele lá, então talvez inconscientemente ele me marcasse muito, com certeza eu tenho muito que aprendi. A grande coisa que me marcou, o que observava nele, é a moral dele e a correção de atitude nas coisas que ia fazer, então sem dúvida o que ele ia fazer independente do que fosse ele fazia sempre a coisa correta, independente de quem tivesse, podia ser um familiar dele, se eu tivesse fazendo alguma coisa errada ele seria contra e agiria firmemente para coibir aquilo, ele era extremamente justo dentro do correto, podia ser o peão, parente, os filhos... Meu avô até ele tinha fama de muito duro porque ele era muito rígido e duro nessa coisa, se ele pegava uma coisa para fazer ele fazia e fazia bem feito, então o que mais me marcou foi de fazer e fazer correto, além da determinação, fazer a coisa certa, dentro da lei, se tiver errado não faz ou faz sabendo que está errado e arca as consequências.²⁰⁵

Fazia os meninos decorarem a frase preferida de Roosevelt.

Na pequena sala da casa da estância havia um retrato do ex-presidente exaltando-o como mártir da Segunda Guerra Mundial.

²⁰⁵ E. A. MARCONDES.

Numa carreira de petiços em Vista Alegre, o André, aos sete anos, quis participar de todo jeito, apesar da pouca habilidade com a montaria na época. Só montava quando passava as férias na estância. O avô havia dito que apenas o “Dadinho”, aos oito, ia participar porque tinha mais prática com os cavalos, vivia em contato mais frequente com os animais.

Diante da insistência, não proibiu André, mas avisou-o:

– Se cair vai levar uma surra...

Parece que estava adivinhando...

No momento da largada André desequilibrou-se e caiu.

Chorando correu em direção ao avô...

– Eu não te avisei?

Juca passou a mão em um cabo de buçário e deu umas lambadas nas pernas no menino que descambou ainda mais o choro...

Outra vez os meninos brincavam de abaixar o calção um do outro e o avô alertou:

– Parem porque isso não é brincadeira de homem!...

Um deles se fez de mouco e arriou o calção do mais novo que chorou. O avô pegou manejo de boi e amarrou as mãos do peraltinha em um caramanchão, deixando-o de castigo por algum tempo.

Durante uma manhã os meninos ansiosos para cavalgar na invernada acompanhando o avô e os peões na lida. “Dadinho” mal tomou o café pegou uma fatia de pão, comeu uma parte e jogou a outra fora. O avô recolheu aquele naco e guardou.

Antes do almoço, com os garotos perfilados, ele mostrou o pão:

– Quem foi que jogou isso fora?

Os meninos trocaram olhares e nenhum se atreveu a falar...

“Dadinho” deu um passo à frente e pensou “seja o que Deus quiser”, esperando o tamanho da bronca e da lambada...

Em sua santa ingenuidade não imaginaria que um pedaço de pão poderia causar aquele embaraço...

– Fui eu...

O vovô aplicou um sermão seguido de ensinamento.

Orientou-os a não desperdiçar alimentos porque muitos não têm sequer um pedaço de pão...

O alimento é sagrado e jamais deve ser jogado fora, afirmou.

Aproveitou para apontar o lado positivo da questão: pelo menos o neto assumira corajosamente a culpa!

Garanto que qualquer um dos meus primos se você perguntar essa história, eles vão lembrar com saudades e vão achar bom porque marcaram eles pelo lado positivo. Você vê. Ao mesmo tempo em que ele era rígido, nunca agiu com maldade, nunca passou do ponto, era o mesmo perfil, duro, tanto que obteve sucesso na família inteira quanto que hoje, na minha geração, dos meus primos, estão todos formados, casados, tem suas famílias.²⁰⁶

Um dos capatazes, Bento Franco, lembra com certa saudade a década de 60 quando trabalhou por oito anos entre a “Tapê-Cuê” e a Fazenda da Mata.

Bento chegou com a esposa e filhos em Vista Alegre na chácara do Juca, mais tarde doada ao Bartolo que, naquela época, tomava conta da fazenda do Lau.

Bento recorda-se que o patrão era benquisto em Vista Alegre entre os negros e pobres. O então major já era um homem rico, mas não gostava de ostentação e tratava a todos igualmente, embora sempre sisudo.

Todos falavam ao Bento:

– Ah! Vamos ver quantos dias você vai ficar porque você não vai aguentar...

Ele respondia:

– Eu não sei... Não conheço direito o homem...

Juca gostava de gente igual ao Bento que nunca falava não.

– Se eu falo para uma pessoa, você vai a tal lugar fazer tal serviço e o cidadão falar que não, que isso, que aquilo, eu não aceito... – dizia o Juca.

Marcondes relacionava-se tão bem com o Bento que tinha a liberdade de às vezes chegar tarde da noite buzinando na casa do capataz:

– Vamos caçar lobinho?

O major tinha 13 armas compridas.

²⁰⁶ Idem.

Existiam muitos lobinhos e esses animais ficam imóveis e abobalhados diante da luz do carro.

Juca aproximava-se e atirava.

Gostava de caçar perdizes para treinar a pontaria.

Aos domingos ia à casa do Bento levá-lo para fazerem churrasco na Fazenda da Mata, aonde matavam carneiro e tomavam caipirinha. Eles subiam armados nos morros e passavam à tarde em meio àquele ambiente bucólico se divertindo, contando histórias e caçando.

Mas nem todos tinham o mesmo prestígio.

Juca repudiava quem não se dava o respeito e se mostrava intruso, misturando as relações.

Durante uma festa de aniversário do Bartolo, Marcondes recepcionava um coronel do Exército e um dos peões, não se sabe por qual motivo, quis entrar na sala e levou uma bronca...

O patrão repreendeu-o dizendo que ali não era lugar para ele...

O coronel nunca gostou que adultos entrassem de short na casa dele, mania que carregou até os últimos dias.

Achava isso falta de respeito.

Na década de 80 ele fazia dois paraguaios, funcionários seus, baterem continência. Essa exigência começou às avessas.

Pela manhã o João ao passar pelo patrão quis fazer uma cortesia:

– Bom dia...

– Bom dia não! Cadê a continência para o coronel?

Na “Tapê-Cuê” o coronel fechou lotes de bois gordos demais.

Pesaram uma média de 25 arrobas e outros tantos estavam com 30, todos com seis anos.

Na inauguração do Frigolon em Dourados, em agosto de 1986, a chegada desse gado virou tema de reportagem. Era a boiada mais gorda, até então, a entrar em um frigorífico de Mato Grosso do Sul.

Era um ano difícil para a pecuária, o setor da carne enfrentava crise e contrariando o pessimismo, Juca surpreendeu com seus “elefantes” – comparação feita pelo chefe da indústria, Ivan Ferreira Fonseca.

Numa carga de caminhão onde se cabem 20 animais, só couberam 12 da “Tapê-Cuê”.

José Antônio, Luís Francisco e “Dadinho” acompanharam o abate.

Em outubro de 1987 Juca visitou a Exposição Panamericana de Gado em Dallas, Estados Unidos.

Aos criadores norte-americanos exibiu a reportagem do jornal “O Progresso” (s.d.) sobre o gado gordo.

O peso superava os índices obtidos pelos texanos.

O coronel esteve em Dallas em companhia de produtores de MS.

Os texanos reconhecerem o feito, mas comentaram o óbvio: a engordar nessas patamares é antieconômica. Os animais sendo vendidos com dois anos ou no máximo três com 17 ou 18 arrobas permitem se dobrar o capital em menor tempo.

Mas o Juca, no alto dos 77 anos, não dava importância a isso.

Um dia apareceu um comprador de gado na estância:

– Quanto o senhor quer coronel?

– Quero tanto...

– Vamos fazer uma diferença nesses bois gordos...

– Bartolo! Solta os bois... Ele não está querendo comprar, só está querendo pechinchar...

Dias depois apareceu um jovem criador de Dourados e comprou parte do gado, mas tiveram que serrar os chifres para colocar os animais no caminhão boiadeiro. Um dos “elefantes” afundou o assoalho...

O motorista não quis fazer a segunda viagem.

– Deixa os animais aí, eu acho bonito... – dizia Marcondes aos amigos.

Ricardo Vagner Vieira, de Bagé, veterinário com cursos na Austrália e Alemanha, especialista em ovinos, proprietário da “Estância Valente”, é primo da dona Gelcy.

Ele visitou a “Tape Cuê” em junho de 1989 e a exemplo de outros ilustres hóspedes deixou bilhete para o José Antônio destacando que tinha vindo do Rio Grande recarregar as energias, sentir e ver a propriedade, comer a “bóia tipo Tapê-Cuê”, olhar os bois gordos que, para ele, pareciam “bondes que não são fáceis de encontrar, só na estância do Marcondes”.

No bilhete Ricardo disse ter gostado de tudo: cultura, amor e tradição.

Um dia Bartolo se salvou milagrosamente de ser pisoteado. Ao fechar uma boiada ele caiu do cavalo em meio aos gravetos, ao pasto, à macega e o capim “fede-fede”. Permaneceu deitado como tinha caído, ao lado do cavalo, quietinho, enquanto o gado passava sem pisá-lo.

Não rasgou nem a roupa.

“Isso é incrível, merece até reportagem, ser contada em livro”, disse o coronel em fita cassete com o berro das suas vacas chamando os bezerros.

Eduardo Otávio contratou pessoal para roça de milho reunindo 40 braços.

Ciro Aniz recorda-se que estava no seu comércio, em Vista Alegre, e o coronel sentando na porta, com pala e revólveres na cintura, em silêncio.

Apareceu o capataz para comprar linha, anzol, chumbada, vara de pescar e o Juca só observando o forasteiro...

Depois da compra feita o coronel se virou para o homem e perguntou:

– Escuta aqui moço, você vai pescar aonde?

– Vou pescar naquele riozinho ali... – apontando para o arroio que passa nos fundos da “Tapê-Cuê”...

– Não, ali tem dono, nunca ouviu falar no coronel José Alves Marcondes? Sou eu o dono daquilo ali... Se você for lá eu vou fazê-lo de engodo... Vocês querem grilar terras assim, vocês são andarilhos, vão entrando em propriedade alheia...

– Não, não... Eu já vou embora... Então o doutor Eduardo me ensinou errado porque foi ele quem me mandou...

– Ah! É meu filho, então você pode...

– Não, já vou embora...

O capataz reuniu a turma e retornou para Dourados.

Ficou com medo do velho com aqueles bairas revólveres na cintura...

Juca resolveu de estalo vir a Dourados em seu Veraneio.

Precisava de suprimentos.

Chamou o Nelson, o alemãozinho, para ir com ele.

O rapaz estava sujo em função da lida.

– Não tem nada de sujeira... Nós vamos lá e voltamos agora mesmo – disse.

Na estrada, a mais de 100 km por hora, numa baixada na estrada entre Maracaju e Itaporã, tinha uma barreira policial.

O coronel não viu e passou por cima das barricadas.

Os policiais atiraram para o alto.

O coronel freou, desceu, abriu a camisa e bradou:

– Atira aqui no meu peito! Vocês sabem quem eu sou? Eu sou das Forças Armadas... Sou voluntário da FEB e tem outra coisa, como vocês fazem acampamento nesse local? O pessoal tem que ver, eu não vi e passei por cima... Esses tiros que vocês deram aí eu estou acostumado a ouvir é de canhão e não de 38...

Os policiais liberaram-no sem perguntas.

Mas, nessa confusão, o alemãozinho, temendo uma reação da polícia e o revide do coronel, se escondeu debaixo do veículo...

Quando Juca ligava o carro o empregado gritou:

– Para coronel... Para... Eu estou aqui embaixo!...

Logo quando abriram uma agência do Bradesco em Vista Alegre Juca fez amizade com um jovem funcionário do banco, o Elias Onça.

Chamava-o de Zé Elias.

Ele cuidava das finanças do coronel, a poupança mais gorda do lugarejo...

Esse rapaz datilografava cartas do coronel endereçadas a ilustres oficiais do Exército, de caráter confidencial, a maioria encaminhada à Brasília.

Envolviam fatos políticos, algumas eram encaminhadas para o vice-presidente Aureliano Chaves (1930–2003)...

Marcondes confiava nesse jovem ágil com a máquina de escrever.

A turma do banco, certa vez, ajudou a desvirar um jipinho do coronel, novidade naquele lugar, veículo usado para puxar aviões em aeroportos. Ele tombou o jipinho ao fazer uma manobra subindo no barranco.

Até hoje esse veículo é mantido no galpão da “Tapê-Cuê”.

A afinidade com o Elias Onça chegou a ponto de o coronel presenteá-lo com novilha para a festa de casamento do jovem.

O convidado especial não pode comparecer, mas enviou seu emissário, o Bartolo, vestido com farda do Exército.

Antes disso Elias teve uma paquera e outro rapaz também estava interessado na mesma jovem.

Enciumado ameaçou o Elias tentando amedrontá-lo...

O protetor ficou sabendo.

Perguntou ao Zé Elias:

– Você quer que eu faça o que com esse rapaz?

– Não, coronel, não precisa fazer nada...

Mas o padrinho procurou o dito cujo. Com palavras ásperas, alertou-o a não molestar seu amigo...

Ao longo dos anos Juca acumulou fantástico armamento.

Muitas peças do tempo da guerra, de valor histórico, arsenal doado para os museus do Exército.

Pedro Marcondes recorda-se que uma vez localizaram uma manada de queixadas e seu pai reuniu 14 ou 15 homens e armou todos com espingarda 44, além de munição.

Mataram oito bichos e a carne foi distribuída entre os pobres de Vista Alegre. Isso aconteceu no final da década de 60.

Juca formou uma área de guavira preservada por José Antônio.

Essa pequena reserva foi batizada pelo filho de “Potreiro da Guavira Professor Nicola Caminha” em homenagem ao velho amigo do pai.

Nicola Casal Caminha é médico radiologista que no período de 1940 a 1970 foi considerado dos maiores profissionais do ramo, natural de Campo Grande, membro da Escola de Medicina do Rio.

Nicola e esposa costumavam viajar do Rio à “Tapê-Cuê”.

Juca gostava de música clássica e polcas paraguaias.

Na estância sempre teve violões e sanfonas para animar os saraus. Desde a infância, influenciado pelo pai, apreciava instrumentos musicais.

Em Vista Alegre, Marcondes era a lei.

Os moradores e os fazendeiros da região respeitavam-no como tal porque ele procurava fazer com que as coisas caminhassem de maneira certa. Se tivesse alguém cometendo desaforos ou forasteiro desordeiro, ele prendia e entregava para a polícia.

Na estrada entre a Fazenda da Mata e Vista Alegre, com dona Gelcy no carro e o Marco aos 18 anos, ele avistou um sujeito em atitude suspeita. Ele parou o jipe, desceu e pediu documento.

Marcondes estava armado. De repente, deu um grito:

– Tira essa mão de trás!...

O rapaz, receoso, tirou e ergueu uma garrafa de cachaça...

Como um relâmpago Juca deu um tiro na garrafa...

O rapaz ficou só com o gargalo na mão, tremendo de medo.

– O que você está fazendo por estas bandas?

- Eu estou só caminhando...
 - Cadê os documentos?...
 - Eu não tenho...
 - Então você vai amanhã lá à “Tapê-Cuê” que nós vamos conversar...
- Juca ajudou o forasteiro a tirar documentos e arranhou-lhe emprego.

O sentimento que eu guardo em relação a *Tapê-Cuê* é muito forte... A *Tapê-Cuê* para mim é como se fosse um ímã para um ferro, eu não consigo descolar dela, tem um amor, eu sinto uma energia muito forte aqui. Por tudo que eu vivi, meu pai viveu, meus avós viveram, eu não sei transcrever pelo menos verbalmente o que eu estou pensando agora, é o cheiro do mato, é o vento, é a chuva, é a terra fértil, é uma energia realmente... A preservação disto, para mim, é a memória do meu pai que eu estou preservando e eu vou preservar enquanto eu for vivo, se Deus quiser.²⁰⁷

Luís Francisco, à frente “Empreendimentos Itaipu”, na década de 80, construiu um edifício em Camboriú (SC) e batizou-o de “Tapê-Cuê”.

Na década de 40 as terras não tinham muito valor comercial na região de Vista Alegre, aliás, em quase todo Centro-Oeste.

Mas com o tempo se valorizaram.

Mas maio de 2005 elas são avaliadas em R\$ 4 mil o hectare.

²⁰⁷ J. ANTÔNIO MARCONDES.

19. AS CARTAS DE HÉLIO SEREJO

O escritor Hélio Serejo – um dos ícones da literatura regional no Brasil – tentou organizar a biografia do coronel há cerca de duas décadas.

Eles eram meio parentes.

A prima do Juca, Henriqueta, ou simplesmente dona Queta, era esposa do Serejo.

Durante conversa telefônica com este autor, em abril de 2004, Serejo não se lembrou quando iniciara os rascunhos da biografia e o estágio em que o trabalho teria ficado.

Aos 92 anos lamentou:

– Não me recordo mais de muita coisa...

Serejo morava em Presidente Venceslau (SP), mas em maio de 2005, com a saúde delicada, mudou-se para Campo Grande para ficar junto com as filhas.

Precisou abandonar a pesquisa do coronel por causa de rara doença nos olhos, exigindo-lhe longo, doloroso e caro tratamento.

Amigo do Juca dos tempos de Ponta Porã, na década de 30, ambos foram da caserna, trocaram correspondências e contribuíram com o movimento pela construção da ponte do Porto XV ligando MT (hoje MS) a SP.

Algumas cartas do escritor e livros enriquecem o arquivo do coronel.

Juca sugeriu a Serejo, na época, encontrar um jornalista de confiança, mas sob a supervisão do escritor, para dar sequência ao livro. Um profissional de Campo Grande, do jornal “Correio do Estado”, cujo nome Serejo não se recorda, retomou o trabalho, mas esse profissional logo morreu e os escritos se perderam.

Pelo menos não há vestígios deles até os dias atuais.

Serejo guarda apenas o modelo imaginado pelo coronel: a biografia sendo editada em dois volumes.

Na segunda quinzena de dezembro de 2004 Serejo disse que o jornalista e radialista Odorico Pereira, falecido, tinha feito viagens com o Juca.

Um segundo amigo de erudição seria Raimundo Oliveira Filho, residindo em São Paulo, em local ignorado.

Um terceiro, de Campo Grande, seria o coronel do Exército, médico, poeta e escritor Germano Barros de Souza.

O coronel Marcondes guardava jornais, revistas, livros, tudo que fosse publicado a respeito de si e seus amigos.

Arquivou o “Jornal do Comércio” (12 nov. 1953), de Campo Grande, fundado em 1921, dirigido por Jayme F. Vasconcelos, com texto, na forma de editorial de capa, enaltecendo Serejo.

Informava sobre distinção raramente conferida a escritores do interior em página literária do “Diário de São Paulo”; nos círculos literários da capital paulista Serejo já era conhecido.

Naquele ano foi escolhido como patrono da biblioteca do “Venceslau Clube”.

Serejo começou a trabalhar no “Jornal do Comércio” aos 14 anos e por isso a empresa se mostrava envaidecida e parabenizava o escritor que nunca tinha deixado de contribuir com o jornal.

Serejo escreveu (17 mar. 1956) ao prezado Juca comentando o trabalho de sempre em jornais, revistas e rádios. Naquele ano, pelas páginas do “Correio Paulistano”, estava mantendo vigorosa campanha pela construção da ponte sobre o Rio Paraná, em Porto Tibiriçá. “A coisa está pegando fogo...”, afirmou, enviando, em anexo, reportagem.

“Querendo acompanhar esse trabalhinho de fôlego compre o *Correio* aos domingos. Mande-me a sua impressão com uma foto $\frac{3}{4}$ dizendo cargo que ocupa”.

Os comentários do Juca seriam publicados no mesmo jornal.

Para Serejo seria valorosa a contribuição, pedindo para o amigo coletar opiniões de outras pessoas citando, entre elas, o Rui e o erudito Gervásio.

“Ajude-me um pouco Juca, pois, assim você (bom mato-grossense que é) estará trabalhando pela grandeza do nosso rincão querido...”.

Juca foi escolhido para paraninfo da biblioteca do “Venceslau Clube”.

Teria que confeccionar quadro a óleo, ao custo, aproximado, de três mil cruzeiros, além da oferta de coleção de livros no valor de dois mil cruzeiros.

“À primeira vista parece um exagero, no entanto, ao se considerar que essa é uma homenagem eterna ao paraninfo, convence-se que representa, em verdade, uma migalha...”.

Numa segunda carta (1º jul. 1979) Serejo informou que ia biografar o coronel Astúrio Monteiro de Lima, prefeito de Ponta Porã em 1921, aos 23 anos, e gostaria das declarações do Juca.

“O seu pronunciamento enriquecerá, sobremaneira, o trabalho modesto deste seu admirador”.

Curiosamente, na mesma correspondência, há um comentário assinado pelo Astúrio: “Amigo, sou muitíssimo grato, ao Hélio Serejo, por esta sua deliberação, tão cheia de consideração e amizade. Quanto à sua manifestação, a respeito deste velho sertanejo, vai aqui o meu Deus lhe pague”.

Entre as 62 obras de Serejo há essa biografia reunindo comentários.

Eis o texto, na íntegra, do então major Marcondes:

:

Caro amigo e conterrâneo Hélio Serejo.

Esta mensagem vai acompanhada das graças que damos ao Senhor de permitir-nos, ainda, ao longo do tempo, poder enviá-la.

Antes, porém, quero rememorar aqueles recantos de sua casa, preenchidos pela sua companheira e animadora de toda a sua luta – a minha dileta prima – que me recebeu, por duas vezes, quando a hospitalidade que me fora distinguida, irradiou-me para toda a minha vida, e que, ainda, está comigo, no curto contato com o filho de Nioaque, onde seu devoto, também teve a sua origem. Para não suscitar dúvidas ao meu pensamento, oriundo das profundezas d’alma, buscando na metafísica e força da exposição, me leva a dizer-lhe que tudo isso ocorreu naqueles contatos que tivemos quando a ponte de Presidente Epitácio sobre o Rio Paraná era apenas uma irradiação de seu cérebro, irradiação essa que se propagou em todos os sentidos no Brasil, tornando inadiável a sua construção. Hoje, ela é uma realidade, estando até envelhecida.

Mas a roda gigante continua, e você, agora, quer retratar para a posteridade, um símbolo para as gerações modernas. O escolhido foi Astúrio Monteiro de Lima, baluarte gigante da civilização fronteiriça. Nele, temos: passado, tradição, fibra, desprendimento, tato diplomático, sinceridade e honradez. Por isso tudo é o

remanescente valoroso de uma legião de bravos que, hoje, descansam na tumba dos heróis. Ele – Astúrio – e meu pai, Francisco Alves Terra, Chico Alves, amigo do saudoso e buenacho Chico Serejo, tiveram uma vivência de longos anos, unidos fraternalmente e irmanados sempre por um mesmo ideal: ver em paz e sempre progredindo a imensa e rica região fronteiriça.

Astúrio, de origem cuiabana e meu pai, de origem mineira, natural de São Joaquim da Serra Negra, estiveram muito ligados porque, meu avô, José Alves Terra, fora capataz durante quatro anos de Abel Monteiro de Lima, dono da Região de Ponta Porã, nas vizinhanças do Rio Dourados, hoje junto à Grande Metrópole do mesmo nome.

Meu pai, ao regressar de uma volteada por Minas, resolveu fixar-se definitivamente, na Região de Nioaque, entre Santa Maria e Rio Brilhante.

Foi nesse período que Francisco Alves Terra e Astúrio Monteiro de Lima se encontraram para só se separarem com a morte de seu sincero amigo Chico Alves.

Juntos – comungando ideais idênticos, sem discrepância alguma em seus pontos de vista – prestaram relevantes serviços na região pouco habitada, principalmente no combate aos bandoleiros – quateiros – missão perigosíssima, rejeitada por todos.

Ligados – Astúrio e meu pai – à Comissão Rondon, os laços de amizade se solidificaram com o eminente marechal Rondon, Nicolau Horta Barbosa, capitão Tibúrcio Cavalcante e tantos outros.

Praticamente, a estrada de *terra batida*, entre Sidrolândia até Ponta Porã, foi construída por Francisco Alves Terra, seus valorosos amigos e companheiros, tendo, como colaborador precioso, a figura decidida, valente e respeitada de Astúrio Monteiro de Lima.

Passada as escaramuças de 24 – revolução contra Bernardes – veio a de 30, que terminou com a Comissão Rondon.

Chico Alves e Astúrio – o homem extraordinariamente progressista, sempre inquieto, lutador – se empenharam em fundar uma cidade, enfeitando as planícies da chapada, na estepe da Serra de Maracaju: fundaram Vista Alegre, com a preciosa colaboração da considerada família Azambuja e dos fazendeiros do então Município de Nioaque.

Vejo – e com prazer imenso – na pessoa de Astúrio Monteiro de Lima, um Centauro do progresso sulino, um cidadão octogenário que, no passado, foi de tudo: político de alto conceito, chefe leal e

prudente, amigo para qualquer situação, fazendeiro que sempre via no peão um companheiro de trabalho, um conselheiro firme das horas incertas, um fulcro na sinceridade, um apaziguador sempre guiado por Deus, um *positivo* sem jamais ser partidário, porque sentia prazer em ser útil ao próximo, ferido ou indeciso. Rendo as minhas homenagens a esse jequitibá de tantas e gloriosas lutas. Sua luta passada é um exemplo dignificante – de sinceridade, amor e compreensão – que ficará para sempre...

Astúrio é autor do livro “Mato Grosso de Outros Tempos – Pioneiros e Heróis”.

Em 1985, volume 1 do livro “Nioaque (um pouco de sua história)”, no exemplar autografado para o Juca (8 jul. 1986) com a tradicional saudação “um macanudo abraço”, Serejo grampeou uma carta.

Disse estar ouvindo a voz do amigo na gratificante ligação telefônica. Os dois tinham muitas coisas em comum.

Informou o envio de três livros à casa do amigo, no Rio, além de “Palanques da Terra Nativa” e “Rodeio de Emoções”. Mostrou-se preocupado porque achava que alguém teria ficado com a preciosidade em função do silêncio de Juca.

“Não tenho em meu escritório o *Palanques da Terra Nativa*”.

Anunciou o lançamento, em outubro daquele ano, do “Tereré que me inspira...”.

Esperava receber a edição em 30 de setembro em Venceslau.

Pediu para Juca não se esquecer que no dia 30 de agosto seria a festa em Pedro Juan Caballero e tanto ele como Elpídio entrariam em contato na segunda quinzena de agosto.

“Sua presença será honrosa para todos nós ilustre coronel honorário *Veteranos da Guerra do Chaco*. Precisamos comer um churrasco junto, aí em Dourados. Um arrojado abraço”.

Serejo procurava os amigos para vender seus livros.

Naquele mesmo ano (4 nov. 1986), Serejo pediu ajuda para vender o “Tereré que me inspira...”.

“Você tem, aí em Dourados, uma legião de amigos, portanto, não será tarefa difícil, *empurrar* os exemplares aos amigos”.

Afinal, quem se negaria a comprar o livro oferecido pelo coronel, herói da gloriosa FEB?

O preço era 30 cruzados.

“Precinho de banana... Ajude Juca velho de guerra, este seu irmão sonhador e teimoso. Conheço seu coração de ouro, razão pela qual me animei a pedir ajuda. Se os amigos não me ajudarem a vaca vai pru brejo”.

Nos arquivos do coronel há um exemplar de “O Tereré que me inspira...”²⁰⁸ e no índice, no capítulo “Bode Expiatório”, Juca anotou ao lado: “O admirado amigo?”.

Quando se restabelecia de um problema na coluna resultado de um salto mal calculado na praia das Cabeçadas, no Sul, numa mensagem (1º jul. 1980) com o título “Consagração a um Clã: Epístola aos filhos e netos”, o coronel menciona passagens vividas por ele e aquele texto coincidia com as páginas de um livro escrito por Serejo, representando uma narrativa de uma epopeia vivida pelos pioneiros do Oeste conquistando uma civilização própria, constituindo o Estado do Mato Grosso do Sul.

Embora não cite o título da obra diz que o escritor transcreveu a narração dele sobre o personagem principal e pode imortalizar seu pai e dar testemunho de gratidão ao marechal Rondon, ao coronel Nicolau Horta Barbosa e ao capitão Tibúrcio Cavalcante e tantos outros, inclusive ao povo que sempre tinha acompanhado Chico Alves.

O personagem principal, no caso, era o Astúrio.

No livro “Gratidão de Caboclo” (1991, p. 51), reunindo comentários de várias personagens do meio artístico, das letras, intelectuais e políticos de diferentes cidades do Brasil e de outros países sobre a pessoa do próprio Serejo, Juca testemunhou:

Lembro-me, no distanciado tempo, o meninote Hélio Serejo já nas lides jornalísticas, ao lado de Aral Moreira. Era um piazinho vivo e, invariavelmente, cordial. Um caboclinho de cavalheirismo apurado. Um fronteiroço moço, de respeito. Pensei que ele, um dia, *seria qualquer coisa*. Deu-se a previsão...

²⁰⁸ Composto e impresso na Gráfica Santo Antônio Ltda, de Presidente Prudente (SP). Set. 1986. Capa do artista gráfico Armando Otsuko. Foto Líder, Presidente Venceslau (SP).

Hélio Serejo deu *coisa grande*. Virou gente importante. Visto nas páginas dos jornais. Nos rádios. Nas academias. Com tudo isso, não mudou nunca. Sempre o mesmo. Simplório, buenacho. Sincero. Amante dos pagos... Narrador de histórias. Decidido. Fibra gigante. Amigo sem rodeios. Quanta obra notável nos deu este conterrâneo valoroso? Uma carrada... Livros encantadores falando de erva-mate, tropilha, xucra, carretas paraguaias, enxurrada de chuva forte, queimada do campo, roça granando, pialo, doma, ferro, festança sertaneja.

Serejo escreveu de punho carta a este autor cuja letra tremida é um pouco difícil de ser lida. Trocou Luís por “José” e Alves por “Soares”:

Presidente Venceslau, 21.06.2004.
Caro José Carlos Luciano
Saúde e Paz

Não tenho durante uns 8 meses condições de colaborar consigo – biografia do coronel José Soares Marcondes.

Disse-me, o velho professor que carinho somente trata da minha saúde (três problemas graves) que só a peso de medicação de alto custo estaria em condições de prestar ajuda ao *irmão de ideais literários*. É de trabalho intenso a busca das pessoas que, no tempo passado, enviaram correspondência do meu estimado amigo coronel Marcondes que merece mesmo ser biografado, dada sua vivência, rica de acontecimentos que fizeram dele um cristão afável e muito respeitoso.

José Carlos. Citou sendo sincero, quero que compreenda. Até o dia de hoje tenho adquirido os remédios com a venda do admirável Coelho Neto – livros encadernados da minha coleção.

Sua reconhecida capacidade intelectual vai ajudá-lo no entendimento tão necessário.

Grande e fraterno abraço crioulo.

Hélio Serejo

P.S. Não desanime. Publicada a “merecida biografia”, José Carlos Luciano, crescerá gigantescamente aí na hospitaleira e cativante Dourados.

Tirei xérox desta para o meu arquivo.

Essa deve ter sido uma das últimas, senão a última carta escrita por Serejo, segundo a professora MSc. Neide Araújo Castilho Teno, da UEMS.

Neide estuda as obras do escritor sob a óptica do léxico, costumes e credences em torno da erva-mate e a vida do Hélio Serejo.

20. A PAIXÃO PELA AVIAÇÃO

Juca Marcondes salvou-se milagrosamente de grave acidente aéreo.

Atribuiu esse feito à proteção da mãe devido à forma como os fatos se sucederam.

Encontrava-se em Ponta Porã e pretendia viajar para o Rio num Douglas da FAB, nº. 2004, pilotado pelos tenentes Britto e Bungner, ambos da Reserva.

A tripulação ainda era formada por dois sargentos e dois tenentes.

O tempo estava ruim.

Era 28 de agosto de 1946.

Desde 7h ele e alguns passageiros aguardavam o avião cujo horário de saída estava previsto para 8h.

A aeronave tinha saído às 6h de Assunção.

Na noite anterior Juca tivera um sonho cabalístico, catastrófico, advertindo-o que ele seria vítima de desastre aéreo.

Descrente, encarou o sonho como bobagem.

Nunca havia tido medo de voar, não seria aquele o dia de se acovardar.

Sempre foi apaixonado pela aviação.

Não deu crédito para o imaginário.

Mas aquela sensação de insegurança, aos poucos, começou a incomodar. O avião demorava aumentando a ansiedade.

O medo rodeava-o imaginando que poderia ter acontecido acidente com o avião porque o tempo, na direção Sudoeste, formava uma nuvem negra acompanhada de vento e chuva.

Eram seis passageiros no aeroporto de Ponta Porã e todos estavam aflitos.

De Campo Grande chegou aviso pelo rádio: o avião tinha evitado Ponta Porã por causa do tempo.

Todos retornaram para suas casas porque o avião só poderia retornar à fronteira depois de uma semana.

Juca telegrafou a Gelcy avisando-a que seguiria a Campo Grande de trem.

A Base Aérea de Campo Grande passou nova mensagem para Ponta Porã informando que o avião viria sim apanhar os passageiros.

Juca achava-se almoçando no hotel quando o sargento encarregado da estação o procurou para dar a notícia.

Uma hora depois pousa a aeronave, mas o tempo estava chuvoso e eletrizado.

Durante o voo poucas vezes se podia ver a terra, sempre entre nuvens e atravessando fortes chuvas. Chegando a Campo Grande, uma hora depois, agora com 16 passageiros, o avião alça voo para São Paulo, Capital, às 14h.

O tempo piorou.

Vácuos faziam o avião trepidar de forma assustadora.

Após a travessia do Rio Paraná, isso por volta das 16h, começou uma terrível tempestade. O tempo fechado completamente, escurecendo tudo. As luzes foram acesas a bordo e aquele gigante dos ares parecia um passarinho frágil em meio às correntes, descargas, raios e chuvas de granizo.

Os passageiros, desesperados, já não suportavam mais a situação.

O avião era jogado para cima e para baixo à mercê das correntes.

Se os passageiros não tivessem com os cintos de segurança seriam lançados das poltronas.

Em dado momento, levado pela corrente de ar, o avião deslocou-se a uma velocidade de 200 milhas e quando o piloto percebeu o fenômeno reduziu os motores.

Se continuasse naquela velocidade às asas se desprenderiam.

Diminuiu a estabilidade do aparelho levado por corrente ascendente a entrar em "looping".

Às vezes aliviava um pouco a situação, mas o ambiente continuava tenso até se conseguir a comunicação com Bauru (SP), esperança de pouso.

Nessa cidade não poderiam descer porque desabava forte tempestade.

Também não poderiam tentar chegar a São Paulo porque um avião da "Panair" de lá tinha regressado a Bauru (SP) por não poder pousar em nenhuma das pistas.

Aumentou a agonia a bordo.

A chuva era de granizo e o barulho na fuselagem dava a ideia de que a aeronave estava sendo metralhada.

Uma pedra de granizo partiu o vidro da cabine.

A água invadiu o compartimento molhando os pilotos.

O avião continuava no ar, mas sem destino e nem campo para pouso, ainda que fosse em área de emergência.

A noite estava chegando.

A tempestade diminuiu, mas o mau tempo persistia, não se tinha para onde fugir.

Os passageiros apavorados.

Juca procurava se conter, mas estava com medo.

No firmamento escuro, através do vidro molhado da janela, parecia ver um clarão no céu onde se desenhava nitidamente o rosto de sua mãe sorrindo para ele.

Seria um aviso?

Mas convenceu-se, com essa visão, que iria realmente se unir com a alma dela desprendida da eternidade.

Ele orou fervorosamente naquele momento.

Pediu-a para salvar a todos, guiando o avião até um porto seguro.

Em meio a esse devaneio de fé houve uma manobra em forte curva e escurecia quando um clarão se abriu na nuvem e pode-se ver a terra e sobre ela um pequeno campo de aeroclube.

Eram duas pistas curtas em formato de “L”.

O avião teria que descer ali.

O piloto anunciou para os passageiros apertarem o cinto.

Houve alegria, um pouco inconsciente porque quem conhece aviação sabe que seria difícil aterrissagem segura com avião de grande velocidade e pesado em campo para teco-teco, ainda mais em meio à mata.

Mas não havia alternativa.

Os heroicos pilotos, confiantes, prepararam-se para a perigosa aterrissagem.

Embora da Reserva, eram habilidosos, especializados nos Estados Unidos.

Na terceira volta fizeram a tomada de campo e aprumaram para o pouso que começou quase batendo na cerca para poder cair no início da pista.

Uma vez no solo o avião mantinha a mesma velocidade inicial e o campo já estava pela metade...

O recurso era frear bruscamente e isso foi feito.

O avião quase capotou.

Mesmo assim a velocidade não diminuiu. Outra freada parecia puxar o avião para a terra e assim foi até parar.

Juca desceu e foi até a frente do avião parado a cinco metros do aramado e do mato.

O terreno arenoso ajudou a “prender” os pneus.

Ao todo 22 vidas foram salvas.

Todos diziam que tinham presenciado um milagre.

Os pilotos achavam que era Avaré (SP).

Minutos depois apareceu uma camionete com dois rapazes assustados pelo fato do avião ter descido ali, no entarceder.

Estavam crentes que haveria terrível desastre.

Chega depois um automóvel com dois padres.

Juca pergunta se ali era de fato a cidade de Avaré.

Não era.

Tinham descido em Agudos (SP), perto de Bauru.

Ficou um instante duvidoso sentindo emoção forte acompanhada de profunda saudade da mãe.

A coincidência é que a mãe dele morreu em Agudos quando viajava a São Paulo em busca de tratamento médico mais especializado para o coração.

O padre João Batista de Aquino era o prefeito de Agudos.

Juca contou-lhe a ligação espiritual com a mãe naquele momento de desespero.

João chamou o outro padre e disse surpreso:

– Olha mais um filho de dona Victória que faleceu aqui em 5 de julho de 1940...

Voltando-se ao Juca Marcondes, o segundo padre comentou:

– Fui eu quem atendeu os funerais de sua mãe...

Perguntou em seguida como estavam Demétria, Ribeiro, Domingos e Lau...

O padre levou Juca a casa onde tinha sido velado o corpo de dona Victória.

Apresentaram-lhe à dona Ada que, por sua vez, apresentou os pais, pessoas que deram assistências na difícil hora da morte.

Todos ficaram curiosos em torno do Juca, da forma como ele tinha aparecido ali, pois, não esteve em Agudos quando a mãe morreu...

Os passageiros, diante daquelas coincidências, se convenceram ainda mais que tinha sido um milagre operado pela alma de dona Victória.

Naquela noite Juca percorreu a mesma estrada até Bauru por onde tinha passado o corpo para ser embarcado para Mato Grosso.

Juca encomendou missa ao padre João pela alma de sua mãe.

.....

Com o dinheiro obtido com a venda do loteamento “Francisco Alves Terra”, em Dourados, o coronel Marcondes realizou um sonho: comprou um Carioca 710, semelhante ao Corisco, com trem de pouso fixo e motor de seis cilindros. É um modelo robusto, suporta pistas ruins com curta distância existentes em fazendas, com capacidade para transportar peso maior.

Recebeu as chaves diretamente das mãos do amigo coronel Ozires Silva, então presidente da Embraer, no aeroporto de Jacarepaguá (RJ), em 29 de outubro de 1979.

É uma aeronave que reúne miscelânea de peças importadas da Piper, avaliada, em 2005, em US\$ 50 mil, mas difícil de ser comercializada nos dias atuais porque há similares mais econômicos.

Mas era um avião moderno para a época.

Quem adquirisse esse Carioca recebia bonificação em horas de voo porque a Embraer desejava formar pilotos para esse modelo.

José Antônio, seguindo os passos do pai, aproveitou a oportunidade para tirar o brevê. Estudou no Aeroclube do Brasil, no Rio, o mais

tradicional do país, criado em 1911, o segundo mais antigo do Mundo, atrás somente da França.

O aparelho ficou baseado inicialmente no Rio. Juca pediu ao filho, após concluir o curso, para trazer o avião a Dourados.

Essa viagem foi marcada por um fato burlesco cujos detalhes estão inseridos no capítulo “O Cachorro Voador” do livro “Um Juiz Piloto” cujo autor, Amilton Lourenço, é amigo do José Antônio.

José Antônio convidou Amilton para acompanhá-lo.

Amilton era Defensor Público no Rio, tinha se separado da primeira mulher e vivia com a segunda, esta ciumenta, se opôs à aventura:

– O que é isso rapaz, mulher tem que respeitar o marido! – esbravejou José Antônio.

Amilton acabou concordando.

Vieram também o filho de Armando Falcão, o Fernando, titular de Cartório de Registro de Imóveis no Rio; e o Reinaldo, advogado e tabelião na mesma cidade.

Saíram do Rio por volta das 12h com o Amilton pilotando e a primeira parada foi em Bauru, onde abasteceram, isso por volta das 15h.

A rota seguinte seria até Presidente Prudente e, finalmente, Dourados.

Era final de tarde e o tempo fechou.

Resolveram pernoitar em Bauru.

Não conheciam a região em caso de emergência.

Não deu outra.

Depois de guardarem o avião no hangar caiu uma tempestade com ventos que viraram aviões de pequeno porte deixados a céu aberto.

Dia seguinte saíram às 5h e chegando a Prudente o tempo voltou a fechar com muita chuva e desta vez era José Antônio pilotando.

Baixou a altitude a oito mil, sete mil e em poucos minutos estava a mil pés, muito baixo.

Mas a intenção, por segurança, era se manter abaixo da camada porque se a perfurasse para cima, ficaria mais difícil retornar.

Chegaram a Dourados com o tempo fechado com névoa branca cobrindo a cidade, com pouca visibilidade.

Pousaram a pista da antiga Teruel debaixo de chuva.

O Amilton, antes mesmo de o motor ser desligado, abriu a porta e saiu correndo para o hangar atrás de um banheiro.

Estava quase mijando nas calças...

Deu de frente com um cachorro pastor alemão que o atacou mordendo sua perna...

Os funcionários da Teruel seguraram e amarraram o cachorro.

Ligaram para o coronel.

Medicaram o Amilton.

O cão era vacinado, então restava suportar os ferimentos...

- Talvez tenha sido praga da esposa - comentaram.

De volta ao Rio, José Antônio, em casa, tinha um rádio-amador acoplado ao telefone e sempre conversava com o pai na "Tapê-Cuê".

Aí começaram a pregar peça no Amilton se recuperando das mordidas.

Amilton sempre ligava para José Antônio e naquele dias este tinha viajado para a estância.

Amilton pediu para Cristina, esposa do José Antônio, acoplar o telefone ao rádio para conversar diretamente na "Tapê-Cuê":

- E aí, tudo bem? - perguntou Amilton.

- Tudo bem, tudo bem, e a perna? Está melhor? - devolveu José Antônio.

- Está melhorando...

Conversa vai, conversa vem, Amilton perguntou:

- E o cachorro? - tinha receio que o animal estivesse raivoso...

- O cachorro está bem, mas está meio triste... - disse José Antônio
ciente que isso geraria preocupação no amigo...

O próprio coronel instigava a brincadeira...

No dia seguinte Amilton voltava a pedir a mesma conexão.

Papo daqui, papo dali, a preocupação:

- E o cachorro?

- Engraçado rapaz, o cachorro não bebe água de jeito nenhum...

No final da história, o cachorro já estava babando...

O Amilton entrou em pânico...

- É apenas brincadeira, deixa de bobagem... - tranquilizou-o José Antônio.

- Vocês quase me matam!...

Ele tinha voos registrados lá na Itália na caderneta de piloto dele (...). Eu falava:

– Vai arrancar as asas do avião, o avião do senhor não aguenta isso e o avião está aí até agora...

Hoje tem quase 20 anos de uso. Eu fiz muitos voos com ele, nós fomos para o Rio de Janeiro, nós fomos para Bagé umas três vezes, uma vez nós fizemos um voo de Bagé até Dourados direto, 1.400km, eu não sei como a autonomia do avião aguentou, direto, 1.400 km, não sei, o coronel era fantástico (...) Uma vez eu fui pegar ele em Assunção no avião dele, ele fez uma turnê pelo Mundo, ele andou até pela Mongólia, foi no Chile, desceu e ligou para mim:

– Estou saindo de Santiago e você vai me pegar em Assunção...²⁰⁹

O coronel Marcondes escreveu artigo contra a construção da refinaria de álcool em Bodoquena alertando que o Pantanal é o tampão da Bacia do Prata onde se apegam quatro países interessados na preservação: Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

O jornal “O Progresso” (s.d.) publicou esse artigo.

O título: “Ainda como tema o Dia Mundial do Meio Ambiente”.

“Infeliz de quem não tem coragem para defender esta causa e pretende ter direito a voto para defender o povo!”, afirmava.

Cobrou posição de Jânio Quadros, na época prefeito de São Paulo (1985–1988), por ser ilustre filho do Estado. Lembrou que quando Jânio passou em campanha presidencial por Campo Grande, em 1961, afirmara que era contra a divisão do Mato Grosso ao responder pergunta do eleitorado: “Nunca, isto que vocês me pedem significa cortar meu coração ao meio”.

“Bem, hoje está cortado. Mas, este pedaço que é o Sul, merece ser preservado e sua ajuda é importante senhor Jânio!”, cobrou o coronel.

Por conta desse artigo o Presidente do Paraguai, general Alfredo Stroessner (1954–1989), segundo Nery, concedeu título de cidadão paraguaio ao coronel.

²⁰⁹ N. AZAMBUJA.

Stroessner enviou seu adido cultural para trazer pessoalmente o convite para a entrega do título.

Marcondes foi até Assunção receber a comenda e a partir daí, durante a ditadura Stroessner, passou a ser considerado militar paraguaio com direito a pousar e decolar no Aeroporto Internacional de Assunção a qualquer momento, sem necessidade de autorização prévia.

Durante período de Natal Juca pediu para Nery buscá-lo no Rio de Janeiro:

– Eu não posso coronel por causa do meu brevê vencido...

– Você está pensando que eu sou o que? Você pode vir que eu vou estar te esperando aqui com o brigadeiro Délio Jardim de Matos, ministro da Aeronáutica²¹⁰, e com meu amigo Armando Falcão...

Durante vôo para Bagé Juca dormia e Nery acordou-o:

– Coronel... Estamos na vertical de Itaipu...

– Aqui mora um amigo meu, desce aí...

Ao descer o coronel foi ao Exército e falou para o oficial de plantão:

– O general Costa Cavalcante²¹¹ é o chefe aqui... Liga para ele e fala que o Marcondes está aqui, é meu amigo da guerra...

Logo apareceu o general convidou-os para almoço e mostrou Itaipu.

Na casa dele eu recebi um telefonema, tava tomando um mate com ele aqui no BNH 2º plano, onde ele parava de vez em quando, ligou um senhor, eu atendi:

– É da casa do Marcondes?

Eu respondi:

– É.

– Aqui fala Paulo Brossard²¹², ministro da Justiça, lá de Bagé...

E já conversaram. Ele era uma pessoa bem relacionada. Outra vez cheguei à fazenda, tinha um senhor deitado na rede, ele contava umas histórias das autoridades que a gente, no começo, ficava na dúvida, mas será que ele é tão bem relacionado assim? – me perguntava... Aí tinha um senhor deitado em uma rede, ele disse:

²¹⁰ Ministro da Aeronáutica no governo José Sarney.

²¹¹ Na época coronel, Costa Cavalcante foi ministro das Minas e Energias no governo Costa e Silva.

²¹² Ilustre jurista, natural de Bagé, foi ministro da Justiça no governo José Sarney.

– Esse aqui é um brigadeiro amigo meu, veio chupar guavira aqui na minha fazenda, veio do Rio de Janeiro...

Aí ele me apresentou e era o Bornier²¹³:

– Mas o senhor não é aquele que foi ministro da Aeronáutica do Castelo Branco?

– Sou.

As passagens que a gente pode falar é que ele, o coronel, era uma pessoa especial por causa disso, eu observava, eu gostava dele, ele era muito inteligente, ele era um arquivo mesmo, me enriqueceu, muita coisa na minha vida eu devo a ele, a experiência que ele tinha.²¹⁴

O voo sob o comando do coronel não era uniforme.

Ele gostava de quase virar o avião de barriga para cima, subir e descer como ás...

Um avião da guerra tinha motor muito mais potente.

Graças às instruções do “Pinda” é que o coronel sobreviveu e se saiu ileso de acidente ao pousar, sozinho, na pista curta da “Tapê–Cuê”.

Causou apenas danos materiais cujo conserto foi feito por mecânicos da Embraer vindos especialmente até a estância.

No dia do acidente “Pinda” estava ajudando os peões com o gado.

Marcondes pegou o avião e decolou.

Ao descer o piloto ficou observando e alertou os peões:

– Ele vai quebrar o avião... Ele não tem condições de descer nessa pista... Ele não tem treinamento...

Em função da amizade com o coronel Ozires Silva, um avião da FAB, na rota a Campo Grande, trouxe os mecânicos e a hélice cujo modelo, segundo consta, sequer existia no Brasil.

No aeroporto “Francisco de Matos Pereira”, em Dourados, o coronel construiu um hangar com capacidade para três aviões pequenos e na porta mandou desenhar o emblema da cobra fumando e o seu nome com a devida patente, mas com o passar dos anos acabou alugando e permutando esse espaço.

²¹³ Referência ao comandante do COMAR, João Paulo Bornier.

²¹⁴ N. AZAMBUJA.

Por certo período deixava sua aeronave na Aplic Aviação Agrícola, onde os sócios Dirceu Bortolanza e Waldemar Castelli Júnior zelaram do Carioca.

“Pinda” disse que o coronel Rangel quando comandante da Base Aérea de Pirassununga (SP) e da Esquadilha da Fumaça, em passagem por Dourados, quis conhecer o coronel José Alves Marcondes...

Tem aquele morro, onde está enterrado o pai dele, ele fazia a gente voar, entrar naquele morro com ponta de faca voando, com um morro perto do outro, para ele enxergar a sepultura... Ele carregava metralhadorinha e motosserra. Então eu perguntei:

– Por que isso aí?...

– Porque se sair uma guerra, no avião tem janelinha, uma portinha, eu atiro por aqui mesmo...

– E a motosserra?...

– Se a gente cair numa mata, eu meo alguma casa de abelha com essa motosserra...²¹⁵

Depois do “Pinda” o piloto Nelson Marks esteve com Marcondes por quase 20 anos.

Embora tenha conhecido o coronel por intermédio do Eduardo Otávio a amizade entre Nelson e Marcondes se fortaleceu em função do pai do piloto, George Marks, ter sido expedicionário atirador de morteiros.

Como era de origem alemã George era também requisitado como intérprete durante a guerra.

George, já falecido, tinha amizade com um primo do Marcondes que tinha atuado na Itália, o coronel Souza Júnior, residente em Caraguatatuba (SP).

Na *Tapê-Cuê* ele tinha feito era um desenho, pista para tudo quanto é lado, no centro, conforme vinha o vento ele tinha um lado para chegar (...) Dizem que ele se atrapalhou, era um xis, vento vem daqui você vai por ali, faz uma rosa dos ventos, aí diz

²¹⁵ Idem.

ele que foi chegar com esse avião para pouso e o Sol também de frente, ele não viu na hora que chegou ao chão e bateu com o nariz no chão e quebrou a bequilha da frente e como o avião era novo, o Ozires Silva, da Embraer, era amigo dele, eles desmontaram um avião novo, tiraram as peças e colocaram neste que está aí... Ele pagou aquilo lá, mas eu vi uma nota uma vez, não lembro se era cruzeiro, sei que ele pagou dois milhões e 600 mil que custou o conserto e aquela hélice, a bequilha e a carenagem custaram 1 milhão e 300 mil... Só que o avião custava cinco, seis, era período de inflação. Eu falei:

– Pô coronel! O senhor pagou metade do avião aqui...²¹⁶

Os voos no Carioca, com o avançar da idade, se resumiam às fazendas ou ao aeroporto de Campo Grande onde pegava aviões comerciais.

Nesse tempo dirigia pouco, embora sempre saísse para dar uma voltinha no fusquinha verde ou na Niva vermelha.

Gostava de passar as férias normalmente em agosto quando o clima fica muito seco nesta região, em Cambuquira (MG), nos balneários com água sulfurosa, gasosa e quente, tida como medicinais.

Nessas oportunidades Nelson ainda chegava a levá-lo até Varginha (MG), um voo de aproximadamente 4h, de onde terminava de chegar às termas em ônibus.

Mantinha-se destemido com aviões.

Passava a impressão que o medo não existia em seu vocabulário.

Volta e meia pedia para Nelson fazer tunô, mas o piloto, precavido, não o atendia, preocupado a saúde do coronel.

Uma vez pediu para subir bem alto... Queria ver se Nelson tinha coragem...

A 12 mil pés Marcondes se sentiu mal:

– Vamos descer, está me faltando ar...

– Ué? O senhor não queria subir, eu sabia que ia dar esse problema...

– Desce mais rápido...

– Agora não dá para ser rápido, não posso socar o nariz abaixo senão saem às asas do avião...

²¹⁶ N. MARKS.

Depois de alguns segundos:

– O senhor está bem?

– Lógico que eu estou bom... Eu não mandei você ir?

Ele gostava de respirar ar puro.

Mas o ar torna-se rarefeito a partir de certa altura.

Era um sarro ele... Tanto que eu ia todo dia tomar chimarrão com ele. A gente levanta cedo para ficar mais tempo à toa (...) Nos dias em que eu não ia para fazenda, saía e falava:

– Estou indo lá no coronel...

Lá era um ponto de encontro, tinha mais gente que ia, ele fazia o chimarrão dele, levantava cedo, tanto no apartamento como na casa que ele tinha lá em baixo, ia eu, o Pinda às vezes, o Marco, outros, tinha um rapaz, o Carlinhos que trabalha na Nara Motos, era metido a paraquedista, às vezes ele ia junto com nós para Varginha, para eu não voltar sozinho, todo mundo que gostava de avião pulava dentro, ali a gente conversava de tudo quanto é assunto, ia gente do quartel, ele se dava muito com o general Serafim²¹⁷, inclusive eu fiz muitos voos levando o general para cá, para lá, o general pedia, eu preciso ir lá, mas é longe e ele dizia não, não, o Nelson leva você lá...²¹⁸

Numa das viagens programadas para Curitiba, ao saírem do aeroporto de Dourados, um piloto alertou:

– Duvido vocês irem para Curitiba, está subindo um barrado por lá...

Passado o Rio Paraná o tempo fechou e Nelson permaneceu a 7.500 pés, evitando a camada. Depois desceu para ver se era possível seguir por baixo, sob o risco de chocar-se com algum morro.

Disse ao coronel:

– Eu não vou meter a cara nisso aí não... Ou voltamos ou descemos numa pista para ver se o tempo melhora...

²¹⁷ Referência ao general Arnaldo Serafim, comandante da 4ª Brigada Guaicurus, de Dourados, em 1987. Em 10 de dezembro de 1987, o coronel Marcondes doou material da 2ª Guerra para compor o museu da Brigada, mas essas peças acabaram sendo transferidas depois para o museu da Colônia dos Dourados, em Antônio João, e para o museu do Hotel de Trânsito do Exército em Campo Grande.

²¹⁸ N. MARKS.

– Vamos voltar... Eu heim!... – concordou.

O coronel gostava de ir à Aplic conversar com o Waldemar e o Dirceu.

Passava à tarde toda ali contando causos, piadas, alegrando-se com a conversa fiada...

Às vezes chegava vestido como gaúcho...

– O senhor parece que tem vontade ser gaúcho – brincava Dirceu

O velho coronel caia na gargalhada...

Certa vez Waldemar recebeu uma ligação do coronel às 11h30:

– Você tem piloto aí? Preciso fazer uma viagem urgente à fazenda...

– Não, mas eu estou aqui. Pode vir que eu levo o senhor...

Logo chega o coronel com um embrulho envolto em papel alumínio.

Partiram para a “Caa-Porã”.

Marcondes entrou na casa, abriu o pacote, era uma vasilha com sopa.

Ele tomou a sopa sob o olhar curioso do Waldemar e depois disse:

– Agora está bom. Vamos voltar...

Waldemar pensou: “vou dizer o que?”.

Dirceu também pilotou algumas vezes para o coronel.

O pai do Dirceu, Pedro Bortolanza, morto em 19 de setembro de 1998, aos 66 anos, era um dos amigos de mate e Dirceu não sabia disso quando conheceu o coronel.

Pedro era italiano e conversava com Juca sobre as belezas da Itália e aviação. Pedro era mecânico de aviões e piloto.

Eram vizinhos e se conheceram casualmente.

Durante o velório do Pedro o coronel, diante do caixão, fez um discurso que emocionou os presentes falando da relação sincera e a perda de grande companheiro...

Dirceu sente arrepios quando se recorda daquela cena e das palavras ditas pelo Juca Marcondes naquele dia...

Durante a festa de São Sebastião, isso em 1997 ou 1998, Juca convidou alguns pilotos para uma revoada sobre Vista Alegre durante a tradicional procissão e para churrasco na “Caa-Porã”. De Maracaju foram quatro aviões e de Dourados três incluindo um “Trush”, com motor reaproveitável semelhante ao usado na Segunda Guerra, com 600 cavalos de potência e ronco bem forte.

Os pilotos atrasaram-se, o coronel começou a ficar decepcionado.

Mas quando ouviu o barulho dos motores ficou faceiro...

O “Trush” fez Marcondes lembrar o tempo da guerra.

“O coronel era uma pessoa que tinha muita experiência para transmitir para a gente”, disse Dirceu em entrevista.

Por algum tempo Marcondes insistiu com o neto, tenente Marcondes, para tirar brevê, mas o trabalho e o custo das aulas fizeram-no desistir.

O neto não sabia que o avô já pensava em deixar o avião para ele.

O Carioca acabou ficando para o tenente Marcondes neto e para José Augusto, revisado e com reduzidíssimas 602 horas de voo, perfazendo 23 horas por ano.

O prefixo é PT-NSQ.

Ele resolveu pilotar depois de velho (...) Era para hobby mesmo, todo mundo foi contra e ele não quis nem saber, comprou mesmo. Aí o Pinda que pilotava, ia para o Rio de Janeiro, teve até certas passagens aí que a gente passou um sufoco meio bravo nesse avião (...) O Lobinho²¹⁹ deu uns voos com ele, ele gravou, foi gravando, foi gravando todos os procedimentos e até um dia disse que estava preparado e pegou e foi, botou o gravador ao lado e voava, ia para a fazenda, voltava, até que um dia que o Sol bateu na cara dele e ele deu uma quicada no canto, bicou e bateu, quebrou a hélice, aí ele desistiu, graças a Deus.²²⁰

Juca levou Bartolo para dar um passeio de avião.

Bartolo nunca tinha voado.

Quase morreu de medo gritando desesperadamente para o Juca descer porque queria pisar em terra firme...

Achava que o avião ia se espatifar no chão.

É bem provável que o coronel tenha dado motivos para o Bartolo sentir tanto medo assim...

²¹⁹ Referência ao piloto Carlos Alves da Silva, de Dourados, o “Lobinho”, desaparecido em setembro de 1981 ao fazer um voo para o médico Hosmani Ramos e seu irmão Jainésio Ramos. Ele saiu de Dourados em um avião Beechcraft Baron, prefixo ZP-POS, matrícula paraguaia, em direção ao Rio de Janeiro. Esse avião, pertencente a Mário Freitas da Silva, foi furtado em Dourados e as notícias na época eram de que os irmãos Ramos tinham assassinado o piloto, mas esse caso até hoje continua um mistério.

²²⁰ M. P. T. MARCONDES.

Quando Juca quebrou o avião, Aniz visitou-o pensando que o acidente tinha sido grave e o amigo se machucado, pois, a notícia correu rápida...

Queriam saber o que tinha se passado...

O rádio peão inventou coisas de todo tipo sobre o acidente...

Eduardo deixou seus afazeres em Dourados e correu para a estância...

– Ele ficou até bravo comigo e com o Nestor porque nós tínhamos ido lá socorrê-lo... Depois ele foi lá em casa agradecer a visita... Outra vez, ele saiu e bateu num poste e foi embora para Dourados... – contou Aniz.

O Rachid, que atualmente é senador, comunicou-me que Ponta Porã queria homenagear o seu dileto e querido filho, aquele que muito merecia. E essa homenagem consistiria em dar o nome de Comandante Arsênio Cardoso a uma das ruas de Ponta Porã. Segundo consta, o Sr. José Alves Marcondes foi quem deu essa ideia. “Juca” Marcondes, como o chamam carinhosamente, é outro grande amigo da família Cardoso e também entusiasta da aviação. Também é grande amigo nosso, seu irmão Ladislau Marcondes, médico e exímio guitarrista. Ladislau tem um disco (...).²²¹

²²¹ CARDOSO, 1982, p. 54.

21. ESCOLA DE VIDA

O coronel Marcondes era uma escola de vida.

Ao lado da esposa permanecendo mais em Dourados nos últimos anos sempre procurou se manter ativo granjeando novos amigos, reencontrando os da velha guarda e impondo a personalidade forte em todos os lugares.

Apesar da pouca estatura inspirava autoridade e respeito.

Gostava de conversar, tinha prosa para quase tudo e todos.

Tinha conhecimento de causa sobre muitas coisas.

Era testemunha viva dos principais fatos do século XX.

Falava sobre a guerra mais com os militares.

Evitava essa questão no seio familiar.

Comentava alguma coisa só quando indagado.

Geralmente emocionava-se quanto o tema era a Segunda Guerra.

Tinha um cabedal cultural impressionante.

Era homem que demonstrava uma armadura forte por fora, talvez até como autodefesa militar, mas por dentro era doce e sentimental.

Por quase toda vida leu impulsivamente, tinha muitos livros e embora forçasse a barra para que as coisas fossem ao seu jeito, em certos momentos demonstrava espírito conciliador.

Com a idade avançada e a vista enfraquecida preferia que lessem para ele os tópicos dos jornais do dia, momentos interrompidos por comentários... Queria saber a notícia sobre certos assuntos, especialmente de natureza política.

O gênio forte não o impedia de ser bom e amável no convívio familiar e com os amigos.

Aproveitou essa fase para curtir os netos, vê-los nascer e crescer, os seus “filhos com mel”.

Depois de ter machucado a coluna cervical o coronel teve um problema cardíaco e foi operado, em São Paulo, pela equipe do cardiologista Adib Jatene²²², ex-ministro da Saúde dos governos Collor e

²²² Adib Jatene era o aluno preferido do pioneiro doutor Euryclides Zerbini (1912-1993) na Faculdade de Medicina da USP e naquela época, no final da década de 90, já acumulava mais de 100 mil cirurgias cardíacas.

Sarney, recebendo uma válvula biológica no coração. Quando se constatou a gravidade da situação não quis ser operado pelo primeiro médico.

Pediu para Eduardo Otávio conversar com Jatene.

Juca estava com quase 90 anos.

Mesmo com a agenda lotada Jatene sensibilizou-se com o apelo.

A cirurgia foi feita em 16 de agosto de 1999.

Depois o coronel passou por uma segunda intervenção desta vez no intestino quando os médicos diagnosticaram câncer.

Ele resistiu bem.

Devido à idade os médicos desaconselharam à quimioterapia.

O câncer foi se alastrado e estava atingindo o pulmão do abatido herói de guerra.

Homem de muita fibra, extraordinário, amigo dos amigos, mas não fosse inimigo dele que aí era perigoso (...) Ele era muito patriota, era um homem que amava este país, qualquer desmando ele ficava bravo. Eu brincava com ele e falava:

– Juca, se a gente fosse mais novo a gente podia fazer uma revolução...

– Quer começar?

Ele ficava irado com esses ladrões roubando o País. Ele ficava possesso, tem ladrão demais. Ele queria que o Brasil desse certo. De certa forma era um sonhador, como eu sou também. Está uma bagunça este País. O Marcondes era bravo, estopim curto (...) Não tinha hipocrisia com ele. Ele não tinha medo de nada não, enfrentava qualquer problema. Falsidade é a pior coisa. O Juca era positivo. Se ele não gostava do cara, ele falava.²²³

Com a esposa, na década de 80, viajou Mundo afora.

Visitaram o Peru, Chile, Austrália, China, Japão, Indonésia Francesa, Ilha da Páscoa, México, França, Portugal e para a Itália foram três vezes.

Em Nápoles o coronel recordou “in loco” o desembarque dos expedicionários e o trajeto feito pela FEB.

²²³ R. MIGUEL.

Passearam por Pompeia, Veneza, Florença, São Francisco de Assis, Roma, estiveram no Coliseu e nas Igrejas da Basílica de São Pedro, entre outros pontos históricos.

Na China Juca deixou uma mensagem nos templos de visitação turística e esteve na grande muralha onde, segundo relato publicado em “O Progresso” (27 set. 1988) sentira a presença de vida paranormal. Destacou a conservação serena de todo aquele patrimônio histórico da humanidade.

Em agosto de 1988 o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, enviou-lhe mensagem acusando recebimento da carta escrita em 15 de julho de Pequim na qual o coronel comentava alegremente o périplo, do conhecimento de outras civilizações e da repercussão da visita do Presidente José Sarney e comitiva à República Popular da China.

O então ministro escrevera que esperava durante a inspeção na área do CMO conhecer o Museu do Expedicionário da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada “que, muito justamente, leva o seu nome”. Comentou ainda que não tivesse esquecido o convite para caçar nas fazendas e assim que definisse a data da ida ao CMO entraria em contato com o estimado amigo.

Em 8 de maio de 1990 Marcondes durante as comemorações alusivas aos 45 anos do fim da Segunda Guerra Mundial viajou com dona Gelcy à Europa para assistir as solenidades alusivas ao Desfile da Vitória em Paris, na Avenida “Champ Elisées” e pelo “Arco de Triunfo de l’Etoile”.

Encontrou-se, lá, com o general Murilo, tenente no tempo da guerra, e com as enfermeiras Elza e Jandira, ambas da FEB.

Assistiu missa na Catedral de Notredame como parte da programação sob forte esquema de segurança por causa da presença do Presidente François Mitterrand.

O coronel foi portador de mensagem do general Plínio Pitaluga em nome do Conselho das Associações de Ex-Combatentes para ser entregue à Federação dos Antigos Ex-Combatentes da Segunda Grande Guerra cuja sede fica em Paris.

Ele recebeu mensagem de Nicolau K. Bina Machado segundo a qual o herói da FEB representaria de maneira exemplar e brilhante, com galhardia, as tradições de bravura do Exército Brasileiro.

Dona Gelcy sempre muito gentil, mas sem perder a fibra, a sensibilidade, a dedicação e a vocação forte de mulher gaúcha,

acostumou-se com o jeitão do marido, o temperamento destemido manifestado vez e outra junto aos filhos mesmo depois de adultos e junto às noras.

Implicava por ciúmes, coisas do cotidiano familiar, desencontros e diferenças inerentes em todos os lares. A esposa diz que graças a Deus superou essas situações embaraçosas e os momentos mais difíceis em se tratando de saúde e perdas familiares.

Para ela o maior mérito do marido foi ter conseguido educar bem os filhos, obrigá-los a se formarem e ter deixado uma fazenda para cada um, tudo organizado e um apartamento ou casinha para cada neto.

Ela acha que a maneira rude foi herdada de Chico Alves.

Interpretou as tensões e a neurose como uma consequência da guerra, mas Marcondes até seus últimos dias era lúcido, com notável memória, não era dado a exageros na bebida, não fumava.

Apenas apreciava vez ou outra um vinho bom.

Na década de 60, sob o efeito da neurose, ficou, espontaneamente, em estado de reclusão na “Tapê-Cuê” por dois a três meses. Com os tratamentos foi aos poucos se controlando e melhorando.

Para não incomodar a família preferia se manter isolado.

Se ele tinha essa neurose não era algo tão evidente assim. O coronel tinha uma personalidade muito forte, tinha um caráter determinado, de princípios bem fundamentados, a gente pode dizer que hoje homens assim poderiam ser considerados neuróticos. Se você encontrar um homem com essas virtudes que o coronel tinha, você pode dizer, esse sujeito é um neurótico, mas na verdade o impacto da guerra no coronel Marcondes tenha sido um impacto mais sob o ponto de vista de vivência emocional, foi um impacto que marcou a vida dele, talvez tenha delineado as características da personalidade dele, ele participou de eventos inimagináveis, eventos que nós brasileiros que somos afeitos a umas vidas pacíficas, tranquilas, de respeito às pessoas, e no momento em que a gente é colocada a conviver com um conflito dessa magnitude, é claro que alguma coisa vai mudar na nossa perspectiva de vida. Eu acho que foi isso que aconteceu com o coronel. O coronel, ele dizia, César, eu tenho uma neurose de guerra, mas acho que todos nós temos uma neurose, não precisa

ser de guerra, é só viver no Brasil a gente já tem os nossos problemas. Eu acho que o comportamento e a personalidade do coronel Marcondes já eram latentes, já eram da educação dele, da formação dele, do temperamento dele, a guerra só fez moldar, mais delineadamente, essas características, ficaram muito marcantes. É isso que eu entendo em relação a essa suposta neurose (...). O que marcou muito o coronel Marcondes foi à convivência e a camaradagem entre os militares. O coronel foi um dos artífices da Revolução de 64, ele era um homem bem definido, sabia exatamente qual era a posição dele, isso é importante porque hoje os políticos brasileiros navegam em águas diferentes, de acordo com a satisfação do cliente. Ora você é direita, ora você é esquerda, ora você é centro. O coronel Marcondes não. Ele sempre foi um homem que tinha como valor fundamental os valores tradicionais do Exército Brasileiro que foram inspirados naqueles grandes feitos que o Exército fizesse na Segunda Guerra Mundial.²²⁴

Outro velho amigo era Ambrosio Ricard da Cruz, sogro do extrovertido Benê Cantelli, diretor do Colégio Objetivo em Dourados, intelectual reconhecido, exímio professor de Geografia.

Ambrosio e Juca se conheciam desde a juventude.

Na velhice costumavam tomar chimarrão à tarde na marcenaria que também pertencia ao Benê.

Ambrosio morreu em 2001.

Benê admirava o conhecimento histórico do coronel.

Curioso impulsivo o professor se portava igual criança querendo saber de tudo durante as conversas esquentadas à base do bom chimarrão. A afinidade ascendeu para a amizade e quando o professor não aparecia na marcenaria à tarde o coronel mandava chamá-lo:

– Por que você não apareceu aqui hoje? – cobrava.

Quando Benê saiu candidato a vereador o coronel foi seu cabo eleitoral número um.

“São pessoas assim que acontecem na vida da gente que elas não passaram em vão e deixaram rastro”, interpreta Benê.

²²⁴ C. C. da COSTA.

Além de o assunto preferido ser o político, os dois se identificavam na questão militar porque Benê prefere a ditadura ao regime democrático. Para ele tudo na vida tem que depender de resultado, lembrando o fato da maioria das universidades federais ter sido criada na época militar. Os dois tinham outro aspecto em comum: não gostavam de comunistas.

Na casa da Rua Mato Grosso, no BNH 2º plano, eles travavam debates políticos, filosóficos e teológicos intermináveis.

Eu via no Cel. Marcondes o meu pai, apesar do meu pai ser um italianão gigantesco e ele pequeninho, mas a personalidade era idêntica, cara de fibra, cara macho, você sabe que sou um cara tido na cidade como extremamente polêmico porque eu não levo desaforo para casa, seja de onde vier. E essas pessoas costumam serem marcadas. Não vai pensar você que o coronel Marcondes era amado por todo mundo não, de jeito nenhum, nem no Exército. Mas as pessoas de fibra o conheciam como tal. Eu tinha um apreço extraordinário, um homem que na época já estava com 88 anos (...) Uma lucidez impressionante.

Entre fins de 1985 e início de 1986 o coronel conheceu o neurologista César Correia da Costa, erudito formado em colégio agostiniano, filho do expedicionário Carlos Correia da Costa, de Corumbá (MS).

Conheceram-se na casa da Rua Mato Grosso, ambiente, na concepção do médico, completamente diferente de qualquer coisa que se possa imaginar dada às características especiais daquele espaço.

César acha que o espírito da casa era diferente porque a sala tinha fotografias, livros, fragmentos da biografia do coronel, o jardim cheio de árvores e plantas.

Para ele Marcondes era uma figura original que chamava a atenção:

O coronel era uma pessoa completamente diferente de qualquer outra que a gente possa imaginar porque a característica mais fundamental que eu acho do coronel, é que ele era um homem profundamente franco e sincero, a franqueza e sinceridade era algo tão marcante, coisa que, na verdade, a gente não tem

oportunidade de ver. As pessoas hoje em dia elas se protegem com uma carapaça como se fosse uma coisa protetora, elas têm certa ética e uma moral social, como se fosse um filamento muito leve, uma cobertura muito leve que a gente não consegue penetrar no espírito e na essência daquela pessoa, o coronel não, ele era uma pessoa absolutamente transparente.

De certa forma é difícil descrever como era o coronel.

Sincero, franco, espontâneo e com profundo senso de lealdade.

Sabia reconhecer a lealdade. Parece que ele via o que a pessoa era.

César citou Santo Agostinho (354–430) para um paralelo.

Santo Agostinho, nas suas confissões, costumava dizer que a amizade é algo que se amadurece no calor dos mesmos interesses. Não existe amizade que consiga ser amizade se não tiver os mesmos interesses.

Por isso é tão difícil se ter amigos porque as pessoas se associam por interesses diversos, mas não são interesses verdadeiros, de conviver, de compactuar, de tentar curtir aqueles momentos bons, aqueles interesses nitidamente humanos que melhoram a vida de cada um, a compreensão das coisas. Já o coronel tinha esse lado de ser amigo de verdade, desapegado e com espírito de renúncia.

Era desnudo nesse aspecto e talvez por isso à sociedade de uma maneira geral, diante de personalidades polêmicas assim, encare-as como rudes e arrogantes.

O coronel era consciente do que ele poderia contribuir aos que viviam à sua volta.

Tinha facilidade para conviver com a multiplicidade cultural.

Foi símbolo de uma geração diferente da pasteurizada dos dias atuais.

Reunia conhecimentos jurídicos, médicos, filosóficos, históricos e geográficos com magnetismo.

Além do mais era um ser profundamente ligado a terra, via na terra o valor fundamental da sociedade humana.

Era um homem, a exemplo de seu pai, à frente do seu tempo.

César se recorda das sutilezas do velho amigo.

Quando estava na roda entre amigos gostava de mandar como um comandante geral, ambientes regidos pela alegria e satisfação.

Era hábil nos subterfúgios verbais, tinha liderança.

Quando desejava era delicado com as palavras.

Durante festa no Clube Indaiá estava no carro o comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (Brigada Guaicurus), general Arnaldo Serafim com a esposa; César ao volante e a esposa na frente e o coronel Marcondes também no banco de atrás.

Caiu um temporal e a entrada do clube ficou congestionada e a água, sem ter para onde escoar, foi subindo e inundando. César ficou confuso, indeciso, sem saber o que fazer porque tinham carros à sua frente e atrás.

Então ele falou:

– Coronel eu vou abrir a porta para ver o que posso fazer...

– Não César!... Vou resolver isso...

Imediatamente, com mais de 75 anos, saiu pela janela porque a água batia na altura da porta e em instantes estava a 20 metros à frente orientando o trânsito e resolvendo o engarrafamento pondo fim ao caos...

Outra vez, isso há mais tempo, Juca estava no Rio, no ônibus, e uma senhora puxou a campainha e o motorista não parou no ponto.

Levantou-se e foi tomar satisfações com o motorista:

– O senhor está desrespeitando essa senhora...

Ao chamar a atenção do motorista iniciou-se uma pequena confusão com a maioria dos passageiros dando razão ao Marcondes...

Isso significa que ele era engajado com as posições.

Quando via coisa errada apontava e tomava providências.

Não fazia vista grossa.

Na casa da Rua Mato Grosso para os amigos que não apreciavam o chimarrão ele fazia uma bebida à base de mate batido e açúcar queimado.

Usava raízes em infusões para diminuir dores, a ansiedade, melhorar o sono e a atividade intestinal.

Na casa do César, esse, aliás, estuda piano desde os 12 anos, o coronel pediu para tocar “Polonaise Militar” de Chopin.

É uma das músicas mais importantes da Segunda Guerra. Quando a Alemanha invadiu Varsóvia foi a mais tocada pelas rádios polonesas. É um chamamento para a guerra, um hino de luta.

O coronel ficou extremamente emocionado naquele dia.

Foi à última vez que esteve na casa do médico.

Ele morreu seis meses depois.

Apesar da afinidade com os graduados e de ter sido durante toda a vida uma pessoa bélica, o coronel alimentava certa decepção pelo fato das Forças Armadas perderem o poder após a Revolução de 64. Passaram por um processo de desmanche após a mistura das atribuições básicas com os interesses políticos.

O avanço inevitável do comunismo e dos ideais democráticos era um temor ardente no meio militar, pois, não se sabia exatamente para onde essas mudanças poderiam verter sob os prismas ideológicos, pragmáticos e sociológicos.

O Exército em específico, para ele, perdeu força por omissão, por não se atualizar na mesma rapidez da tecnologia assim como tem feito os Estados Unidos. Aliás, esse fenômeno do enfraquecimento das Forças Armadas ocorreu de forma simultânea na América Latina.

Esse fato entristecia-o.

O coronel Juca Marcondes militou na Associação dos Ex-Combatentes desempenhando diversos cargos e comissões. Destacou-se no projeto de localização do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial localizado no Rio de Janeiro.

O mesmo homem às vezes visto como áspero e de poucos amigos sonhava com uma Pátria onde todos pudessem ter vez, com a fusão das raças e o fim das diferenças étnicas.

Em Vista Alegre, por exemplo, agruparam-se negros, paraguaios, índios e brasileiros de outros Estados em convívio de parceria, respeito e fraternidade ao longo dos anos, apesar das inevitáveis desavenças.

Sua vida foi destacada na seção “Gente Nossa” do “Noticiário do Exército” (Brasília, 27 jun. 1994): “A Brigada é eternamente grata a esse grande herói vivo que lutou para defender a democracia, a nossa Bandeira e o Exército”.

A partir de 1979 um novo amigo surge em sua vida.

É o padre Wilbert Maciel da Silva, mais conhecido como “frei Beto” na Paróquia de Maracaju, nascido em Ponta Porã.

Para Wilbert o coronel era como São Sebastião, ou seja, um soldado defensor da fé.

O padre benzeu o elevador do prédio onde o coronel se sentiu mal e teve que ser levado para a cirurgia em São Paulo.

Marcondes confessou-se quase um ano antes de morrer pressentindo seus últimos momentos. Além da extrema unção que pode ser concedida na velhice o padre visitou-o várias vezes no apartamento em Dourados, período em que, adoentado, ficou cercado de cuidados por parte da dona Gelcy, filhos, netos e noras, além, evidentemente, do acompanhamento médico.

Apesar da natureza hereditária forte, o carinho, o afeto e a assistência médica foram decisivos na sua velhice.

Tanto que viveu até aos 93 anos.

“Frei Beto” deu a extrema unção também para o Bartolo, muito doente do coração, e o negro velho ainda viveu por cinco anos. Chegou, nessa meia década, até a convidar o padre para tomar uma cerveja em uma das festas de Vista Alegre.

Bartolo morreu em 1º de novembro de 2000.

Em 1995 o coronel e dona Gelcy comemoraram as bodas de ouro em grande estilo com missa celebrada pelo frei João Maria, na Igreja São José Operário, em Dourados, e jantar com amigos e familiares.

Durante o culto, filhos e netos renderam-lhe homenagens. Marcondes improvisou um discurso e leu à mesma carta de despedida deixada a Gelcy quando se incorporou a FEB para ir à Itália.

Entre os presentes, Elpídio Reis, outros amigos dos tempos de outrora e o irmão Domingos cuja fala, durante a abertura da festa, se voltou à trajetória de vida do irmão febiano, o encontro das almas gêmeas e o sucesso do casal anfitrião ao alcançar aquela marca com filhos e com a mesma fisionomia de sentimentos, cultura, padrão de vida e preocupação com atitudes positivas.

O neto Bruno gravou uma fita com músicas ao violão dedicadas ao avô quando este fez 86 anos.

O jovem explicou que era bem mais que uma simples gravação.

Era um presente resultado de anos de estudos para se chegar aquele nível, muita sensibilidade durante os oito anos em que respirava música.

A primeira tocada foi “Rulian Flórida”, de Augustinho Barros.

Em 2000 a família comemorou os 90 anos do coronel Marcondes em evento bastante animado. Depois da missa na Igreja Operário São José, em Dourados, os convidados se dirigiram para o Clube Samambaia para a festa.

A família montou exposição de fotos, das medalhas e comendas recebidas pelo aniversariante. Apesar da idade o coronel falou mais uma vez de improviso mostrando o bom funcionamento das faculdades mentais e permaneceu em pé durante as homenagens.

Relembrou o Sermão da Montanha e falou que se sentia bem-aventurado por ter chegado àquela idade com a consciência tranquila do dever cumprido.

Agradeceu a Deus por aquele momento ao lado da família e dos amigos.

Disse que as 14 medalhas ali expostas não tinham sido conquistadas em gabinetes, mas sim em trincheiras de luta durante sua vida.

Contou que conheceu o Mundo inteiro e na França era cidadão com os mesmos recursos e a assistência dada aos veteranos da guerra daquele país.

Na Itália recebeu medalha e apesar de ser contra o comunismo em Moscou foi agraciado com outra medalha de guerra.

Explicou que saiu da escolinha da fazenda onde aprendeu o bê-á-bá para estudar no Rio juntamente com Lau porque seu pai dava valor aos estudos e já vislumbrava, naquela época, o século do conhecimento.

Antes Marco leu o currículo do pai e não conteve as lágrimas.

Agradeceu-o pelos bons ensinamentos.

José Antônio, sereno e tranquilo, disse que estava trilhando os mesmos caminhos do pai como advogado, representante da Justiça no Rio de Janeiro e procurando dar educação esmerada aos filhos. Remeteu o pensamento ao comandante do 5º Exército, general Mark Clark, o maior comando da história da Segunda Guerra.

Esse general foi questionado por um repórter durante o fim do conflito se ele se sentia satisfeito em terminar a guerra e ir para a reserva.

Mark Clark respondeu: “juventude não é um período de vida, mas sim, um estado de espírito. Alguém não se torna velho só por haver vivido um número de anos. Torna-se velho porque desertou de seus ideais. Os anos

enrugam a pele, mas a renúncia a um ideal enrugam a alma. Serás tão jovem como a tua fé, tão velho como as tuas dúvidas. E se um dia, seja qual for a tua idade, teu coração for mordido pelo pessimismo, torturado pelo egoísmo, roído pela inveja, que Deus tenha piedade da tua pobre alma de velho”.

A nora Cristina declamou a Canção dos Tamoios, de Gonçalves Dias (1823-1864), e a neta Juliana, falando em nome de 16 netos e 2 bisnetos, leu a “Epístola aos Filhos e Netos” escrita por Marcondes em 1980, lembrando, ao final, que o avô era imprescindível para eles.

Domingos, aos 84 anos, disse que 90 é o número da sorte e que o Juca criou uma estrada aberta inicialmente por Chico Alves, uma estrada de honra, honestidade e patriotismo. Lembrou que na infância na Fazenda da Mata quando quase ninguém falava em ideologia, o Juca já seguia os rastros dos animais. Quando foi Promotor Público em Ponta Porã desafiou os mandantes da fronteira.

Apesar da animação, dos casais dançando, dos filhos cantando e lembrando do tempo em que formaram o “New Born”, a festa teve certo sabor de despedida.

Foi à última vez que a família se reuniu daquela forma e com aquele entusiasmo.

Ao cortar o bolo Marcondes deu o primeiro pedaço à esposa.

Ao soltarem fogos de artifício o coronel afirmou:

– Esse barulho me faz lembrar das montanhas do Alto dos Apeninos...

Durante a festa o então presidente da Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul (Famasul), Léo Brito, entregou-lhe uma placa em nome da entidade e de todos os sindicatos rurais do Estado.

Léo foi tomado pela emoção ao lembrar que na disputa pela presidência da Famasul encontrou em Dourados o grande estímulo do Juca Marcondes. Disse, em lágrimas, que Marcondes chegava aos 90 anos com a experiência de quem passou pelo bosque e não viu apenas lenha para colher e sim a jovialidade de quem sabe fazer da arte da vida uma obra de arte.

A festa foi prestigiada pelo senador Ramez Tebet (1984-2002/2002-2010), ex-governador de Mato Grosso do Sul (1986-1988) e pelo ex-prefeito de Dourados, João Totó Câmara (1974-1977).

Em 2 de junho de 2002 o Sindicato Rural de Maracaju entregou placa ao coronel homenageando-o como pecuarista mais antigo do Município em atividade.

Procurado pela jornalista Maria Lúcia Tolouei, de “O Progresso” (15/16 set. 2001), para comentar sobre o ataque das Torres Gêmeas em Nova Iorque, em 13 de setembro daquele ano, o velho guerreiro analisou que a humanidade ainda ia sofrer as consequências dessa ação terrorista com a proporção de uma Terceira Guerra Mundial, muito mais desastrosa em relação às duas primeiras.

Entendia que os radicais feriram uma grande Nação e afetaram a economia mundial.

Nessa entrevista não descartou a possibilidade de se instalar um novo regime militar no Brasil.

Acreditava que a vingança aos terroristas e seus patrocinadores seria enérgica, devastadora e surpreendente. “Os Estados Unidos varrerão da face da terra os povos que foram responsabilizados pelo trágico ataque”.

Três anos antes, por ocasião dos 62 anos do Estado Novo, Marcondes foi procurado pelo jornalista César Cordeiro, do então “Diário do Povo” (10 nov. 1999), de Dourados, para comentar a data. O coronel lembrou o fato de, naquela época, como aspecto positivo para a região, a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (Cand). Dizia acreditar que realmente Getúlio suicidou-se, mas a carta testamento teria sido elaborada pelo Departamento de Informação da Presidência da República (DIP).

Ele era seguidamente procurado por jornalistas e acadêmicos para testemunhar sobre fatos históricos de relevância regional e nacional.

Em 1995 ao falar sobre os 50 anos do fim da Segunda Guerra para “O Progresso” ele comentou a data com amargura, pois, em sua opinião, de nada valeram os esforços e ideais dos velhos combatentes.

Esse descontentamento podia ser refletido pelo apelido “pracinhas”.

Disse que os ditadores europeus cobiçavam a América do Sul porque consideravam os brasileiros seres inferiores, ignorantes, mas donos de uma terra bastante fértil.

No entanto afirmou que os brasileiros, cristãos, jamais aceitariam o materialismo ateu que eles pregavam.

Prestativo, ligou para um amigo da autoelétrica que levou o carro para ver se era mesmo a bateria ou se havia outro defeito na parte elétrica. O rapaz ligou e disse que era só a bateria.

Nisso, o coronel, após a sesta, chegou à loja do Sérgio perguntando em tom rude:

– Cadê meu carro?

– Está lá na autoelétrica... O problema não era a chave... É a bateria e eu mandei arrumar para o senhor...

– Manda buscar do jeito que está! Eu não mandei você levar meu carro. Eu tenho o meu eletricista de confiança!...

O coronel chamou-o várias vezes para abrir o cofre do apartamento, pois, esquecia os números e não passava o segredo para ninguém.

Quando abria as armas caíam para o lado de fora...

.....

Depois de quase dois anos da morte do Marcondes, durante uma tarde em seu apartamento, dona Gelcy queixava-se, ao telefone, com a sobrinha Maria Vitória, filha do Domingos, das dores no corpo por ter dançado no dia anterior numa festa do grupo da Terceira Idade:

– Deu câimbra à noite inteira... Deve ser o coronel...

22. A FAZENDA DA MATA NO TERCEIRO MILÊNIO

Chico Alves deve estar satisfeito e orgulhoso.

Juca compreendeu o sentido da preservação, a história, suas raízes e perpetuou esses valores.

Manteve a Fazenda da Mata, território onde Chico Alves admirava florestas, pastos e morros.

Locais onde amou, desejou, cantarolou e dançou cateretê, fez planos e em cima do solo derramou suores, lágrimas, sangue e esperanças.

Do alto do morro, sua morada eterna, seu espírito pode avistar a sede praticamente intacta, reformada em 1983 por Luís Francisco. Devido à ação do tempo uma das paredes laterais estava inclinada e cedendo, provocando a queda da viga central do telhado.

A casa “feita no tapa” como se referiu José Ribeiro Silva foi construída em 1904.

Pelo menos é essa a data mais provável.

Feita no estilo colonial brasileiro as paredes originais eram de pedra arenito tirada dos cerros da própria fazenda e cortados com serrote em tamanho de tijolos de 8x10x20, todos reaproveitados na reforma. As paredes tinham sido montadas com argamassa de cal e areia tirados do Córrego Barreiro.

A cal era preparada em conchas extraídas dos fundos da fazenda, de uma jazida, confirmando a hipótese de ali já ter sido fundo de mar.

As conchas eram calcinadas ou aquecidas em tacho de ferro e assim se produzia à cal para ser misturada à areia e dar liga no assentamento das pedras e no revestimento das paredes.

Durante a reforma foi remontada a parte original. Sobre o piso foi aplicada ardósia preta. As paredes foram revestidas com reboco e dois pequenos cômodos que serviam de dispensa foram revestidos com azulejos e transformados em banheiros. Ganhou mais um quarto construído na forma original e foi feita, em concreto, uma bica e o banheiro da bica.

No início do século XX não existia cimento.

Durante a reforma os pedreiros, vindos de Santa Catarina onde Luís Francisco mantém sua empresa de construção civil, acharam uma guampa preta de tereré esculpida com o nome Echeverria com data de 1911. Provavelmente pertenceu a algum paraguaio empregado da fazenda.

Mas para quem olha a casa à distância é o mesmo traço, as mesmas janelas e portas feitas em aroeira maciça cortadas a serrote, encaixadas e artesanalmente “cravilhadas” sem o uso de pregos.

A varanda permanece inspiradora; as telhas originais feitas de calha cujo barro era moldado na concha foram substituídas pelo coronel Marcondes, em 2001, por romanas, tipo capa/canal.

As árvores frutíferas e nativas em volta cresceram formando um enorme sombreamento tornando o ambiente agradável para se enfrentar os verões escaldantes.

Chico Alves também deve estar se sentindo gratificado e feliz com o “Santuário da Imaculada Conceição” construído logo acima da sede, ao lado do cemitério da família. Essa igreja é bem estruturada em tijolo aparente; é bonita, possui janelas enormes e torre com sino e cruz.

Essa obra atesta a fé e o catolicismo da família.

Nesse recinto cabem, pelo menos, 50 pessoas sentadas.

Essa igreja abençoa, assim como a velha e rústica capela da década de 20, aquele ambiente enigmático.

Ela faz parte da história da família por cinco gerações.

Reforça a mística de Chico Alves a partir da instalação das primeiras cruzes sobre o morro principal.

Sem papas na língua como sempre, conversando casualmente com o “frei Beto”, tratando dos detalhes da obra da igreja durante a construção, o coronel flagrou duas pessoas tratando de negócios bem em frente do seu espaço sagrado.

Passou um pito nos dois:

– Aqui não é lugar para se tratar de negócios...

Esse santuário foi bento pelo “frei Beto”.

O coronel se preocupava com essas coisas.

Não descansaria, em vida, enquanto não realizasse essas construções em memória de seus pais, avós e bisavós.

Deixou cravado com realismo o legado de respeito e admiração em relação aos seus ancestrais e a intenção grandiosa de sua alma.

A partir da Mata ele resgatou o passado familiar perpetuando as histórias, lendas, a tradição e o patrimônio moral, econômico e patriótico.

A tradição, para ele, sempre teve um sentido inquestionável porque penetra na consciência, no coração, na razão, no sangue, se entrelaça com outros valores positivos e se torna perene.

Chico Alves deixou lição de vida não apenas para seus ascendentes, mas para a Pátria, para o progresso de Mato Grosso, para o povo à sua volta, para a humanidade em si, muito embora seja pouco lembrado e até desconhecido pela maioria dos historiadores.

Trabalhou, acumulou fortuna e dividiu bens entre a família e os pobres quando fundou Vista Alegre.

Disse verdades que o decorrer do tempo confirmou-as.

O coronel Juca Marcondes se tornou seu precursor nessa tarefa, um emissário desse legado, guardião dessa saga, o Plutarco²²⁵ dessa dinastia.

A fazenda, hoje com 980 hectares, não sai mais dos domínios da família. É condomínio pró-indiviso entre os filhos do coronel e se algum deles desejar vender a sua parte precisa dar preferência ao irmão.

O coronel Marcondes quis assim.

Foi um ato de liberalidade da sua parte e da dona Gelcy.

A escritura possui cláusulas restritivas na comunicação de ordem patrimonial. Independente do regime de bens de cada um com suas respectivas esposas, esses bens, no caso da Mata, não se comunicam e não respondem por dívidas, a não serem impostos territoriais. A fazenda não pode ser hipotecada.

Foi arrendada em 2005.

A Mata tornou-se solo sagrado nas mãos dos Marcondes.

As gerações futuras continuarão, certamente, respeitando esse legado secular.

O coronel foi clarividente nesse aspecto.

Demonstrou caráter de gratidão cuja prova pode ser vista, analisada, cultuada, visitada, repensada e copiada a partir da sua obra-prima, ou seja,

²²⁵ Historiador e moralista grego que viveu no período de 50 a 120 d.C. Era cronista e biógrafo de vidas ilustres.

a Fazenda na Mata, conceito romântico de beleza, harmonia, pacificação, acabamento, unicidade e fé.

Por isso se preocupou em adquiri-la e evitar que ela fosse vendida a outras pessoas que nada têm a ver com a história da família.

O túmulo do pai é intocável, assim como a sepultura da dona Victória.

O cemitério ao lado da igreja é uma praça santa com relevante valor emblemático.

Ela mexe com o inconsciente, irradia estranha energia.

Os mortos que ali repousam instigam a sequência dessa preservação. Reforçam, silenciosamente, esse clamor. Eles têm, no mistério da pós-vida, o dom de intervir com suas silhuetas, ensinamentos, lembranças e força do pensamento. Essa energia penetra o subconsciente dos visitantes.

O coronel prestou excêntrica homenagem póstuma ao Bartolo.

Construiu sepultura em formato de “V” simbolizando a vitória em vida.

Na base foram esculpidos pequenos pés de águia em alvenaria.

Pelas mãos e o imaginário do Juca o bonachão negro velho deixou o corpo para se transformar, na vida espiritual, em águia para sobrevoar e continuar protegendo com sagacidade a Mata.

O coronel sabia que a hora de se juntar a eles estava chegando.

Carregou, ao longo de sua vida, duas orações, uma das quais de São Marco para se proteger dos inimigos, copiadas de próprio punho em 1933.

Dizia não ter receio da morte, mas buscou no simbolismo uma forma para imprimir, pela última vez, a identidade mística. Construiu seu túmulo em vida, cercado por detalhes cuja leitura só encontra certa explicação na transcendência.

Em cima da sepultura instalou uma pirâmide de concreto posicionada para o Norte verdadeiro com altura aproximada de um metro.

Na ponta da pirâmide uma cruz em concreto.

Em aviação existem dois Nortes: o magnético e o verdadeiro.

O verdadeiro desejado por Juca leva em conta a acepção da palavra.

Os símbolos são mais efetivos quando são vistos.

A última homenagem militar recebida em vida foi na “Colônia dos Dourados” quando se inaugurou a sala como parte de seu acervo.

Naquele dia ficou sabendo da morte do amigo Plínio Pitaluga, no Rio, e lamentou-se com o tenente Marcondes neto:

– Agora acabou tudo mesmo...

Ele pressentia as coisas.

Em outubro de 2003 mesmo com saúde debilitada e contrariando filhos, esposa e médicos pegou um avião de carreira em Campo Grande e foi sozinho ao Rio visitar o general Pitaluga.

Foi um encontro de despedida.

No mês seguinte o general morreu.

Em dezembro do mesmo ano o coronel adoeceu seriamente.

O tenente-coronel José Alves Marcondes calou-se definitivamente em 8 de março de 2003 no Hospital do Coração, em Dourados, às 6h30, o expedicionário com maior patente dentro da jurisdição do Centro Militar do Oeste.

Foi velado com honras militares na Câmara de Dourados vestido em sua farda verde-oliva.

Acompanhado pela família e amigos, o Exército levou o corpo, com o caixão coberto pela Bandeira do Brasil, para o cemitério da Mata.

Fizeram salva de tiros.

Foi um enterro bonito, à altura da sua memória.

Dirceu Bortolanza seguiu de avião o cortejo até perto da fazenda como a última homenagem ao velho formidável.

“O Progresso” e “Diário MS” registraram sua morte, além da família ter recebido condolências da Assembleia Legislativa e inúmeras mensagens.

No túmulo, a seu pedido, a cabeça repousa direcionada para o jazigo da mãe como se estivesse deitado no colo dela e os pés postados rumo à sepultura do pai.

Deve ser para Chico Alves ajudá-lo a palmilhar seguramente o doce e macio caminho da luz espiritual.

A pirâmide tem o sentido de captar energia positiva.

O coronel quis potencializar sua alma com essa energia.

O tenente-coronel José Alves Marcondes é nome de rua em Dourados.

Chico Alves, dona Victória, o Juca e Bartolo protegem eternamente o lugar mágico onde tudo começou.

A história virou mais uma bela e rica página na saga dos Alves, Terra, Teixeira e Marcondes.

O Juca, em seu pequeno recanto de paz, aprende a linguagem e a canção dos anjos.

O verão atinge, novamente, o equinócio de março.

POSFÁCIO

Cerca de dois anos depois de este livro ter sido concluído morreu em Dourados (MS) a nossa querida mamãe Gelcy, aos 83 anos, vítima de esclerose lateral amiotrófica. Ela ficou cerca de três meses internada e nos deixou no dia 29 de junho de 2007, depois de muito sofrimento.

Abriu um vazio em nosso coração, mentes e pensamentos que jamais será preenchido, pois, nem o tempo é capaz de fazer a gente esquecer a quem tanto nos amou...

Ela é personagem secundária nesse livro, embora talvez não seja de todo correto contextualizá-la dessa forma, pois, esteve sempre ao lado do papai como fiel companheira ao longo de quase seis décadas e foi imprescindível para que o papai tivesse êxito em muitos de seus projetos, principalmente quando ele precisava ficar vários meses trabalhando na região de Maracaju, em suas fazendas, e a mamãe cuidando de nós no Rio de Janeiro.

Filha da aristocracia de Bagé, a mamãe chegou a ver a versão original do livro e quando se deparou com aquele calhamaço de páginas disse: "Nossa! Mas tudo isso? Como é que eu vou ler?", decepcionada talvez pelo fato da visão não ajudar muito e a doença manifestar os sintomas da limitação. Apesar disso, quando viu a obra abriu ao mesmo tempo um largo sorriso inerente quando manifestava a aprovação.

Mamãe se dedicou para que este livro se tornasse realidade. Não apenas custeou, mas mostrou os arquivos do coronel Marcondes, confiou em abrir o seu próprio diário escrito quando ela e o papai estiveram nos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra quando papai foi fazer um tratamento de saúde; conversou com pessoas amigas para que recebessem o escritor para as entrevistas, enfim, ela não mediu esforços.

A vida é finita, lamentavelmente, embora ela continue nas graças e corações dos ascendentes.

O amor de mamãe foi a nossa principal lição. Hoje ela descansa ao junto com o papai no cemitério da família na Fazenda da Mata, ao lado de nossos avós, local predestinado para que nossos corpos também descansem a partir do dia em que Deus assim desejar. A nossa família vive

junta mesmo após a morte, como uma dinastia que o tempo dificilmente apagará.

Este livro pode, evidentemente, ter uma segunda edição reformada, com novas informações, pois, a partir desta primeira versão a imaginação e as lembranças vão ser estimuladas e quem sabe com uma presença, em memória, mais ativa da nossa mãe.

O papai, assim como a mamãe, se eternizou para nós independente deste trabalho, lógico, mas esta obra é uma prova de amor, respeito e consideração por tudo que eles fizeram por nós e talvez também uma fonte de inspiração para que outras famílias entendam o significado desse elo.

A mamãe também ajuda, a partir de agora, dentro de um espírito imaginário, a proteger a Fazenda da Mata ao lado do papai, dos nossos avós e do Bartolo.

Talvez nem mesmo enchendo um lago de lágrimas seria o suficiente para externar o profundo amor que ela nos deixou.

Um dia, com certeza, a gente volta a se encontrar em uma outra vida.

Francisco, Eduardo, José Antônio, Pedro e Marco Antônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES

1.1 FONTES IMPRESSAS

A BATALHA. Edição de 24 de agosto de 1935.

A NOITE. Edições de 4 de setembro de 1935; 24 de dezembro de 1936; 1º de julho de 1954. Rio de Janeiro.

ATUAL. Edição de abril de 1995. Dourados.

BOLETIM DE SERVIÇO (Polícia Civil do Distrito Federal). Edição de 17 de dezembro de 1938. Rio de Janeiro

CORREIO POPULAR. Edição de 14 de novembro de 1958. Campinas.

CORREIO DA MANHÃ. Edição de 17, 28 de setembro de 1935 e 1º de julho de 1954. Rio de Janeiro.

CORREIO DA NOITE. Edições de 8, 13, 18, 20 de agosto, 12 de setembro de 1935 e 28 de maio de 1936. Rio de Janeiro.

CORREIO DO ESTADO. Edições de 6, 10 de julho, 2 de setembro de 1954; 26 de setembro de 1975. Campo Grande.

CORREIO DO SUL. Edições de 4 de fevereiro, 30 de abril, 25 de novembro, 17 de dezembro de 1944; 16 de setembro de 1945; 4 de fevereiro, maio de 1945; 4 de agosto de 1946; 10 de junho de 1967. Bagé.

DIÁRIO CARIOCA. Edições de 14 de julho, 6 de agosto de 1954; 27 de maio de 1961. Rio de Janeiro.

DIÁRIO DA NOITE. Edições de 13, 14 de agosto, 28 de setembro de 1935; 22 de fevereiro de 1958. Rio de Janeiro.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edições de 29 de agosto de 1935; 12 de março de 1947; 16 de setembro de 1955; 13 de abril de 1969. Rio de Janeiro.

DIÁRIO DO POVO. Edições de 10 de novembro de 1999 e 5 de novembro de 1993. Dourados.

DIÁRIO DO SUDOESTE. Edições de 19, 27 de fevereiro e 25 de fevereiro de 1954. Campo Grande.

DIÁRIO MS. Edições de 8 de março de 2003; 5 de abril de 2004. Dourados.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Edições setembro de 1946 e 1º de abril de 1985. Rio de Janeiro/Brasília.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Edição de 28 de janeiro de 1987.

DIÁRIO OFICIAL, SECÇÃO DE MATO GROSSO. Edição de 23 de junho de 1939.

EXAME VIP, Edição de 27 de janeiro de 1988. São Paulo.

EX-COMBATENTE. Edições de novembro de 1947 e maio de 1950. Rio de Janeiro.

FOLHA DE DOURADOS. Edições de 24 de novembro de 1973; 22 de junho, 7 de outubro de 1975; 6 de setembro, 24 de dezembro de 1979; 9 de julho de 1981; 28 de janeiro de 1984. Dourados.

FOLHA DO POVO. Edições de 25 de março e 8 de dezembro de 1940. Ponta Porã.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Edições de 7 de maio de 1935; 1º de maio de 1937 e 29 de julho de 1938. Rio de Janeiro.

GAZETA POPULAR. Edição de 16 de setembro de 2000. Dourados.

GAZETA DE VALENÇA. Edições de 4 de agosto de 1938; 17 e 24 de março, 19 de junho de 1946. Marques de Valença.

JORNAL DE DOURADOS. Edições de 12 a 18 de dezembro de 1987. Dourados.

JORNAL DO COMÉRCIO. Edições de 12 de novembro de 1953; 27 de outubro de 1959. Campo Grande.

JORNAL DO BRASIL. Edições de 1º, 10, 16 de setembro de 1935. Rio de Janeiro.

MANCHETE. Edição de 13 de janeiro de 1996. Rio de Janeiro.

NOTICIÁRIO. Edição de 17 de setembro de 1934.

NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO. Edição de 27 de junho de 1994. Brasília.

GLOBO EXPEDICIONÁRIO. 1945. Rio de Janeiro.

O GLOBO. Edições de 3 e 9 de setembro de 1935; 1º de julho, 25, 27 de agosto de 1954; 19 de agosto de 1955; 6 de abril de 1964; 24, 26 de janeiro de 1965; 8, 18 de agosto de 1977; 1º de maio de 1982. Rio de Janeiro.

O ESTADO DE MATO GROSSO. Edição de 10 de outubro de 1940.

O IMPARCIAL. Edição de 1955. São Luiz.

O MATOGROSSENSE. Edições de 1º, 18 de fevereiro e 4 de agosto de 1954. Campo Grande.

O MUNDO. Edições de 24 e 28 de agosto de 1954. Rio de Janeiro.

O NOROESTINO. Edição de 1º de março de 1967. Birigui.

O PROGRESSO. Edições de 7 de março, 11 de abril, 30 de maio de 1954, 10 de julho de 1955; 20 de dezembro de 1970; 19 de setembro de 1979; 28/29 de janeiro de 1984; 20 de dezembro de 1985; 7 de setembro, 4, 9, 25 de novembro, 10 de dezembro, 12/13 de dezembro, 25 de dezembro de 1987; 27 de setembro de 1988; 7, 8, 29 de março, 11 de maio, 19 de julho de 1994; 8 de março, 25 de abril, 10 de maio 1995; 15/16 de setembro de 2001; 10 de março de 2003. Dourados.

O RADICAL. Edições de 2, 9 de julho de 1954 e 1º de outubro de 1954. Rio de Janeiro.

O ROTEIRO. Edição junho–julho de 1954. Rio de Janeiro.

O VALENCIANO. Edição de 3 de junho de 1946. Marques de Valença.

REVISTA OURO VERDE. Edição de 19 de dezembro de 1953. Campo Grande (local provável).

SOMBRA. Edição de janeiro–fevereiro de 1954. Rio de Janeiro.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Edições de 26–27 de setembro, 9 de outubro de 1953; 11 de fevereiro, 1º de julho, 6 de agosto de 1954; 5 de junho de 1956; 2 de junho de 1966. Rio de Janeiro.

TRIBUNA DO POVO. 1953. Rio de Janeiro.

ÚLTIMA HORA. Edição de 3 de julho de 1954. Rio de Janeiro.

VOZ DE PORTUGAL. 4 de julho de 1954. Rio de Janeiro.

1.2 FONTES DE PESQUISA

Arquivo do coronel José Alves Marcondes
Centro de Documentação da UFMS – Unidade 1
Colônia dos Dourados (Parque Antônio João)
Biblioteca da UFMS – Unidade 1
Biblioteca Pública Municipal
Seção de Comunicação Social da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada
(Brigada Guaicurus)
Museu de Maracaju

2. BIBLIOGRAFIA

AGRESSÃO. **Documentário dos Fatos que Levaram o Brasil à Guerra.** Imprensa Nacional do Rio. Rio de Janeiro. 1943.

AZEVEDO, Haroldo; CEGALLA Domingos, PENNA, J.B. Damasco (coord. geral); SANGIONGI, Osvaldo e SILVA, Joaquim. **Programa de Admissão.** Companhia Editora Nacional. 26ª ed. São Paulo Editora S. A. São Paulo, 1971.

BRUM, Eron. **36 mil dias de jornalismo.** Editora A Tribuna. Santos, 1994.

CANUTTI, Wanda A. **Getúlio Vargas em Dois Mundos.** Editora Opinião E. Ltda. Capivari, 1998.

CAMPESTRINI, Hildebrando e GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul.** (s.e). 2ª ed. Campo Grande, 1991.

CARDOSO, Heitor. **Seis Vidas Num Só Caminho.** (s.e.). 2ª ed. Rio de Janeiro. 1982.

COLLIER, Richard. **Duce! Ascensão e Queda de Benito Mussolini.** (Tradução Leônidas Gontijo de Carvalho). Circulo do Livro S.A. Linoart Ltda. São Paulo, (s.d.).

DEQUECH, José. **Nós Estivemos Lá.** 2ª ed. comemorativa aos 50 anos da participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Legião Paranaense do Expedicionário. Editora Litero-Técnica. Curitiba, 1994.

FERREIRA, Amilcar Bernardes. **Rascunho de uma Experiência.** (s.e.). Maracaju, 1982.

FERREIRA, Altinor Barbosa Ferreira. **Os Correias, Os Pontes, Os Alves no Planalto e Serra de Maracaju. Origens Históricas. Árvores Genealógicas.** (s.e). Campo Grande, 1993.

FERREIRA, Francisco Bernardes e ROSA, Albino Pereira da. **Maracaju e sua Gente.** (s.e.). Maracaju, 1988.

FILHO, Luiz Carlos Prestes. **Nas Trilhas da Coluna Prestes.** Entrevista com o coronel José Alves Marcondes. Manchete. Bloch Editores S.A. Rio de Janeiro, 13 jan. 1996.

GUSMÃO, Clovis de. **Rondon.** Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1942.

INNIS, Edgar Mc. **História da II Guerra Mundial – Origens e 1º Ano de Operações.** (Tradução Ernesto Vinhaes). Editora Globo. 2ª ed. Porto Alegre, 1949.

_____. **História da II Guerra Mundial – VI e Último Ano.** (Tradução Homero de Castro Jobim). Editora Globo. Porto Alegre, 1949.

LIMA, Astúrio Monteiro de. **Mato Grosso de outros tempos – Pioneiros e Heróis.** Editora Soma Ltda., (s.d).

LUCIANO, Luís Carlos. **O Fenômeno Diário MS – Dez anos de um sonho que está dando cada vez mais certo.** (s.e.). Dourados, 2003.

MAGALHÃES, Mauro. **Carlos Lacerda – O Sonhador Pragmático.** Civilização Brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1993.

MARCONDES, José Alves. **Porque Temos Coragem de Enfrentar a Luta.** Folha de Dourados. Dourados. 24 nov. 1973.

_____. **Homenageando Dourados, sua História, sua Vida..** Jornal O Progresso. Dourados. 20 dez. 1985.

METELO, Eduardo Machado. **Meu Amigo Autonomista.** (s.e.). Campo Grande, 1994.

MORAIS, Marechal J. B. Mascarenhas de. **Memórias. Volume 1.** 2ª ed. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1984.

PEIXOTO, Gilberto. **A Campanha na Itália.** Departamento de Imprensa Nacional (DIP). Rio de Janeiro, 1949.

REBELO, Marques. **A Divina Comédia. Dante.** Ediouro Publicações S.A. 10ª ed. Rio de Janeiro, (s.d.).

ROSA, Pedro Ângelo da. **Resenha Histórica de Mato Grosso (Fronteira com o Paraguai).** (s.e.). 1962.

SEREJO, Hélio. **Astúrio Monteiro de Lima: Um Exemplo de Homem.** (s.e.). Presidente Venceslau, 1990.

_____. **Gratidão de Caboclo.** Editora Cingral. Tupã, 1991.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1980.

SOUZA, Rozemar Mattos. **Dourados, seus Pioneiros, sua História.** (s.e.). Dourados, 2003.

NESTI, Riccardo. **Florença. Todas as Obras-Primas, História, Arte, Folclore.** Florença. Casa Editrice Giusti di Becoci Saverio s.r.l. Editor Becocci. 1996.

Nosso Século – Brasil – 1960/1980 (I). Editora Abril S.A. Cultural. São Paulo, 1980.

TERRA, Domingos Marcondes. **Um Pioneiro a Serviço da Pátria**. Folha de Dourados. Dourados, 22 jun. 1975.

TORRES, Veridiana Mendes. **A. E. F. Noroeste do Brasil e as Transformações Econômicas no Município de Maracaju (1924–1970)**. Monografia elaborada como relatório final de projeto de Iniciação Científica desenvolvido na UFMS/Dourados (PIBIC/CNPq/UFMS) sob a orientação do Prof. Dr. Paulo R. Cimo Queiroz. Dourados. 2002.

3. ENTREVISTAS

ANIZ, Ciro. 80 anos. **Entrevista gravada em 3 fev. 2005.** Maracaju.

ANTUNES, Januário. 83 anos. **Entrevista gravada em 6 maio 2005.** Dourados.

ARAÚJO, Genedi Gonçalves. 70 anos. **Entrevista gravada em 13 jul. 2004.** Dourados.

AZAMBUJA, Nery, 62 anos. **Entrevista gravada em 17 mar. 2004.** Dourados.

BORTOLANZA, Dirceu. 48 anos. **Entrevista gravada em jun. 2005.** Dourados.

BRONEL, Melanias. 83 anos. **Entrevista gravada em 6 maio 2005.** Dourados.

CANTELLI, Benê. 55 anos. **Entrevista gravada em 7 abr. 2004.** Dourados.

CASTRO, Angélico de. 87 anos. **Entrevista gravada em 21 mar. 2004.** Dourados.

COSTA, César Correia da. 49 anos. **Entrevista gravada em 21 mar. 2005.** Dourados.

COSTA, Geir Ferreira. 67 anos. **Entrevista gravada em 13 jul. 2004.** Dourados.

FERREIRA, Ayrthon Barbosa, 84 anos. **Entrevista gravada em 6 fev. 2004.** Dourados. 84 anos

-----**Segunda entrevista em 17 jan. 2005.** Dourados.

FILHO, Leôncio de Souza Filho. **Entrevista concedida por e-mail.** Campo Grande. <http://www.leoncio@famasul.com.br>. Acesso em: 24 set. 2004.

FRANCO, Bento Correia. 76 anos. **Entrevista gravada em 15 jul. 2004.** Dourados.

FRANCO, Gedir de Freitas. 73 anos. **Entrevista gravada em 13 jul. 2004.** Dourados.

JUNIOR, Waldemar Castelli. 48 anos. **Entrevista gravada em jun. 2005.** Dourados.

MACHADO, Judith Marcondes. 71 anos. **Entrevista gravada em 31 jan. 2005.** Dourados.

MARCONDES, Eduardo Artêmio. 27 anos. **Entrevista gravada em 24 ago. 2004.** Dourados.

MARCONDES, Eduardo Otávio Teixeira. 54 anos. **Entrevista gravada em 30 maio 2004.** Dourados.

MARCONDES, Gelcy Maria Teixeira. 82 anos. **Entrevista gravada em 12 fev. 2004.** Dourados.

-----**Segunda entrevista em 22 ago. 2004.** Dourados

MARCONDES, José Alves. **Entrevista gravada pela professora Dinorá Marilan Gubert Ballartin** no final de 2002 durante especialização em História pela UFMS. Dourados.

-----**Depoimento gravado em vídeo da família em 8 dez. 1995.** Dourados.

-----**Depoimento gravado em vídeo da família em 16 set. 2000.** Dourados.

-----**Depoimento gravado em vídeo do Exército.** (s.d.). Dourados

MARCONDES, José Antônio Teixeira. 53 anos. **Entrevista gravada em 6 fev. 2005.** Fazenda “Tapê-Cuê”, Maracaju.

MARCONDES, Luís Francisco Teixeira. 59 anos. **Entrevista gravada em 17 de set. 2004.** Dourados.

MARCONDES, Marco Paulo Teixeira. 46 anos. **Entrevista gravada em 13 jan. 2005.** Dourados.

MARCONDES, Pedro Ricardo Teixeira Marcondes. 52 anos. **Entrevista em 6 fev. 2005.** Fazenda “Caa-porã”, Maracaju.

MARCONDES, Sebastião Alves. 82 anos. **Entrevista gravada com o irmão do coronel Marcondes em 11 abr. 2004.** Fazenda Alegria, Maracaju.

MARTINS, Alberto Ribeiro. 87 anos. **Entrevista gravada 21 jun. 2004.** Dourados.

MARTINS, Marcy Garcia. 54 anos. **Entrevista concedida por e-mail em 2005.**

MARKS, Nelson. 58 anos. **Entrevista gravada em 28 jul. 2004.** Dourados.

MATTOS, Oleri Marques de. 86 anos. **Entrevista gravada em 22 out. 2004.** Dourados

MECCHI, Maria da Glória Olegário de Lima. 84 anos. **Entrevista gravada em 16 fev. 2004.** Dourados.

MIGUEL, Renê. 77 anos. **Entrevista gravada em 14 fev. 2004.** Dourados.

ONÇA, Elias. 35 anos. **Entrevista gravada em 4 fev. 2005.** Maracaju.

RIBEIRO, Demétria Marcondes. 85 anos. **Entrevista gravada em 8 abr. 2004.** Fazenda Guatapá, Maracaju.

ROSA, Sérgio Lemes da. 45 anos. **Entrevista gravada em ago. 2005.**
Dourados.

RODRIGUES, Saturnino. 87 anos. **Entrevista gravada em 20 mar. 2004.**
Dourados.

SILVA, Agostinho Pereira da. 87 anos. **Entrevista gravada em 4 fev. 2005.**
Maracaju.

SILVA, José Ribeiro. 92 anos. **Entrevista gravada em 8 abr. 2004.** Fazenda
Guatapé, Maracaju.

-----José Ribeiro, 92 anos. **Segunda entrevista em 3 jul. 2004.**

SILVA, Wilbert Macial da. 70 anos. **Entrevista gravada em 3 jul. 2004.**
Maracaju.

SOUZA, Ivanor Ferreira de, 73 anos. **Entrevista gravada em 8 nov. 2004.** 73
anos Dourados.

VALE, Odilon Ribeiro do. 91 anos. **Entrevista gravada em 31 jan. 2005.**
Dourados.

VIEGAS, Theodorico Luiz. 73 anos. **Relato sobre o coronel José Alves
Marcondes em 15 de abril de 2004.** Dourados.

-----**Entrevista gravada em 16 mar. 2005.** Dourados.

TERRA, Domingos Marcondes. 88 anos. **Entrevista gravada, por telefone,
em mar. 2004.** Uberaba.

-----**Segunda entrevista, por telefone, em 26 ago. 2004.** Uberaba.

Sobre o autor

Luís Carlos Luciano nasceu em 1961 em Cambará (PR). Graduiu-se em Letras (1998) pela Unigran. É Pós-Graduado em Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa (2003) pela UFMS.

É jornalista, cronista e autor do livro “O Fenômeno Diário MS – Dez anos de um sonho que está dando cada vez mais certo”, cuja primeira edição saiu em 2003; “71 Anos do Legislativo de Dourados”, de 2006; “Ribeiro: Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente – Exercício de Cidadania”, de 2008; da revista comemorativa dos 30 anos do Sindicato dos Bancários de Dourados e Região, em 2010, e da peça teatral “O Ervateiro e o Anta”, em 2011.

Passou pelas redações dos jornais Folha de Dourados, O Progresso, Diário MS e site douradosinforma.com.br.

É jornalista concursado da Prefeitura de Dourados.

Foi presidente do Clube de Imprensa de Dourados (CID), do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Região da Grande Dourados (Sinjorgran) e é vice-presidente regional Centro-Oeste da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Membro da Academia Douradense de Letras (ADL).

luiscarlosluciano@hotmail.com
luiscarlosluciano@yahoo.com.br
luisluciano@gmail.com.br
www.luiscarlosluciano.com.br